



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

RHUAN FELIPE SCOMAÇÃO DA SILVA

**PARA UMA HISTÓRIA DO INSÓLITO NA LITERATURA  
BRASILEIRA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES**

---

Londrina - Paraná  
2024

RHUAN FELIPE SCOMAÇÃO DA SILVA

**PARA UMA HISTÓRIA DO INSÓLITO NA LITERATURA  
BRASILEIRA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras

Orientador: Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa

Londrina - Paraná  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silva, Rhuan Felipe Scomação da.

Para uma história do insólito na literatura: Algumas contribuições / Rhuan Felipe Scomação da Silva. - Londrina, 2024.  
451 f.

Orientador: Almir Aquino Corrêa.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.  
Inclui bibliografia.

1. Literatura fantástica - Tese. 2. Restauração histórica - Tese. 3. Literatura brasileira - Tese. I. Corrêa, Almir Aquino. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 82

RHUAN FELIPE SCOMAÇÃO DA SILVA

**PARA UMA HISTÓRIA DO INSÓLITO NA LITERATURA:  
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Almir Aquino Corrêa (Orientador)  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Adilson dos Santos  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Gustavo Ramos de Souza  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Claudia Cristina Ferreira  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Laura Taddei Brandini  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 20 de Agosto de 2024.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por, sem imaginar, ter permitido que eu tivesse uma paixão tão grande por algo que chegaria a um doutorado.

Aos meus amigos, que tive a sorte de conhecer e compartilhar a realidade e a ficção.

À minha orientadora da graduação, Alessandra Quadros Zamboni, por me mostrar o caminho.

Ao meu amigo e orientador de mestrado, Evanir Pavloski, por me abraçar na pesquisa e me encaminhar para o futuro.

Ao meu amigo e orientador do doutorado, Alamir Aquino Corrêa, pela extrema destreza em lidar com cada minúcia do processo e por permitir que eu pesquisasse de forma livre e prazerosa.

Às dezenas de professores que tive nesta trajetória.

À banca, que teve a paciência de ler uma pesquisa que apresento com grande carinho.

E, por fim, à minha parceira, minha companheira e minha segurança, por ter a imensa paciência de me aguentar nos períodos mais ansiosos deste processo, por ser minha revisora oficial e por ser o abraço certo de todos os dias, te amo.

Lá longe, ao sol, encontram-se as minhas aspirações.  
Poderei não alcançá-las, mas posso levantar os  
olhos, ver a sua beleza e acreditar nelas.

*Mark Twain*

## RESUMO

SILVA, Rhuan Felipe Scomação da. **Para uma história do insólito na literatura brasileira**: Algumas contribuições. 2024. 451 Páginas. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas – CLCH, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

Este trabalho tem como intenção central demonstrar a estruturação da literatura fantástica brasileira durante o século XX. Para alcançar esse objetivo, organizei em quatro blocos. O primeiro bloco trabalha com as referências teóricas do gênero. No segundo, abordo a constituição da nossa literatura fantástica. O terceiro capítulo é dedicado aos autores do gênero no Brasil. O quarto capítulo traz um levantamento das obras publicadas no Brasil durante o século XX, as capas dessas narrativas, os suplementos literários que ajudaram a expandir o fantástico e, por fim, um aparato dos trabalhos acadêmicos sobre o gênero publicados durante o mesmo período. A partir desses levantamentos, construí quatro anexos: três quadros com os dados colhidos sobre as obras e sobre as pesquisas, e um anexo com todas as capas das primeiras edições dessas narrativas. Esses dados permitiram mapear um grande número de obras e autores brasileiros, além de localizar o lugar da crítica especializada, principalmente em suplementos literários e textos acadêmicos, como artigos, dissertações e teses. A pesquisa das capas também revelou uma fortuna paratextual do gênero, abrindo espaço para investigações futuras que possam utilizar esse material como referência. Por fim, acredito que esta pesquisa se mostrou próspera no resgate histórico do nosso fantástico, servindo como um ponto de partida para pesquisas futuras e para a contínua restauração do apagamento literário e histórico que nosso país sofreu durante a ditadura militar.

**Palavras-chave:** Literatura fantástica; constituição literária; restauração histórica.

## ABSTRACT

SILVA, Rhuan Felipe Scomação da. **Towards a History of the Uncanny in Brazilian Literature: Some Contributions**. 2024. 451 Páginas. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas – CLCH, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

This work aims to demonstrate the formation of Brazilian fantastic literature during the 20th century. To achieve this goal, I have organized it into four sections. The first section deals with the theoretical references of the genre. In the second, I address the formation of our fantastic literature. The third chapter is dedicated to the authors of the genre in Brazil. The fourth chapter provides an overview of the works published in Brazil during the 20th century, the covers of these narratives, the literary supplements that helped expand the fantastic genre and, finally, an overview of the academic works on the genre published during the same period. From these surveys, I constructed four appendices: three tables with the data collected on the works and research, and an appendix with all the covers of the first editions of these narratives. These data allowed to sketch a large number of Brazilian works and authors, as well as identifying the place of specialized criticism, mainly in literary supplements and academic texts such as articles, dissertations, and theses. The research on the covers also revealed a paratextual wealth of the genre, opening space for future investigations that might use this material as a reference. Finally, I believe this research has been proliferant in the historical rescue of our fantastic literature, serving as a starting point for future research and for the ongoing restoration of the literary and historical erasure that our country experienced during the military dictatorship.

**Keywords:** Fantastic literature; literary formation; historic restoration.

## LISTA DE QUADROS

Anexo 1 – Obras do fantástico publicadas no Brasil durante o século XX .....	279
Anexo 2 – Capas das obras das primeiras edições .....	292
Anexo 3 – Textos do fantástico publicados nos suplementos literários .....	346
Anexo 4 – Artigos, dissertações e teses publicados durante o Século XX .....	420

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1. REVISÃO DO ARCABOUÇO TEÓRICO.....	17
<b>1.1. As teorias basilares</b> .....	17
<b>1.2. Aproximações com a América Latina</b> .....	31
<b>1.3. A produção nacional</b> .....	42
2. A LITERATURA FANTÁSTICA BRASILEIRA.....	53
<b>2.1. Antecedentes históricos</b> .....	53
<b>2.2 A influência da literatura estrangeira</b> .....	59
<b>2.3 Temas e motivos recorrentes – Elementos da cultura nacional</b> .....	69
3. OS AUTORES DA LITERATURA FANTÁSTICA BRASILEIRA.....	91
<b>3.1. A influência externa</b> .....	92
<b>3.2. Os principais nomes da literatura fantástica no Brasil</b> .....	104
<b>3.3. A geração ditadura</b> .....	115
<b>3.4. O pós ditadura</b> .....	122
4. ANÁLISE DO FANTÁSTICO NACIONAL.....	128
<b>4.1. Obras e suas primeiras edições</b> .....	132
4.1.1 Os períodos de maior publicação.....	135
4.1.2 Autores mais publicados.....	149
4.1.3 As editoras e o fantástico.....	159
4.1.4 Uma análise em gráficos.....	168
<b>4.2 As capas das primeiras edições do fantástico brasileiro</b> .....	177
<b>4.3 Os suplementos literários de Minas Gerais e São Paulo e a importância do fantástico nacional</b> .....	204
4.3.1 Suplemento literário do jornal de Minas Gerais.....	204
4.3.1.1 Murilo Rubião.....	207
4.3.1.2 O fantástico e as narrativas infantojuvenis.....	211
4.3.1.3. O dossiê do fantástico no conto brasileiro contemporâneo.....	215
4.3.1.4 O fantástico produzido fora do eixo Rio-São Paulo.....	225
4.3.2 Suplemento literário de O Estado de S. Paulo.....	229
4.3.2.1. Como a pesquisa foi realizada.....	230
4.3.2.2 Principais autores.....	232
<b>4.4 Pesquisa acadêmica sobre o fantástico (Artigos, Dissertações e Teses no decorrer do século XX)</b> .....	239
4.4.1 - A pesquisa.....	241
4.4.2 - Trabalhos e suas influências.....	244
CONSIDERAÇÕES.....	261
REFERÊNCIAS.....	270
ANEXOS.....	279

## INTRODUÇÃO

A ideia norteadora deste trabalho é entender como o fantástico brasileiro se constituiu durante o século XX e de que maneira ele conseguiu resistir aos vários mecanismos de apagamento histórico, criando, dessa forma, um trabalho arqueológico do gênero no país, a fim de auxiliar outros pesquisadores a ter acesso a uma base de dados que pode existir em constante ampliação.

Ao longo do século XX, houve uma ampla produção de narrativas fantásticas brasileiras que, em grande parte, permaneceram pouco mapeadas, muitas vezes situadas em espaços de escassa ou nenhuma recepção crítica. Além disso, observei que a pesquisa sobre o fantástico brasileiro desenvolveu-se de maneira limitada durante esse período, delegando aos estudiosos contemporâneos do século XXI a tarefa de escavar e redescobrir essas obras.

Com essa linha de raciocínio, ao conceber a ideia inicial desta pesquisa, formulei algumas perguntas centrais que guiam este trabalho. Esses questionamentos, que constituem o cerne investigativo da tese, são abordados ao longo dos quatro capítulos que a compõem. Neles, procuro não apenas responder a essas indagações, mas também apresentar reflexões e análises críticas, contribuindo para um entendimento mais robusto do fantástico brasileiro e de sua recepção crítica.

A primeira questão norteadora da pesquisa seria: “como se deu a constituição do fantástico brasileiro e quais são suas referências?” Este questionamento considera tanto a herança colonialista quanto as influências estéticas que contribuíram para a criação dos diversos tipos de fantástico em nosso país.

A segunda pergunta de pesquisa é: “quem são os escritores que se dedicaram a este gênero e quais foram seus papéis na consolidação do fantástico brasileiro no século XX?” Esta indagação leva em conta tanto os alcances geográficos do fantástico, sejam eles macro ou micro, quanto suas contribuições para a construção do cenário literário nacional.

O terceiro questionamento norteador foi: “como a crítica literária abordou o fantástico enquanto gênero e de que maneira essas teorias influenciaram a elaboração crítica no Brasil?” Neste tópico, exploro as diversas vertentes teóricas que pensaram sobre o fantástico e como elas se adaptaram para entender os fantásticos que surgiram durante o século XX.

Em seguida, busco responder à indagação: “qual foi a atuação do fantástico no contexto brasileiro?” Esse é um dos pontos centrais da tese, e leva em consideração as editoras que investiram nesse tipo de narrativa e a influência de determinados escritores que contribuíram significativamente para a consolidação do gênero em nosso país.

Outra pergunta a que busco responder é: “quantas e quais são as obras do fantástico brasileiro do século XX e quais são as pesquisas acadêmicas relacionadas ao gênero?” Para dar conta deste questionamento, investigo quais são os espaços onde essas críticas foram divulgadas, como suplementos literários e revistas acadêmicas. Considerando essas referências, ao final do trabalho, construo quatro bancos de dados com o objetivo de ilustrar a fortuna literária do gênero e a sua construção no país.

Por fim, a questão central desta pesquisa é: “Como o fantástico brasileiro do século XX resistiu a diversas formas de supressão e coexistiu com as múltiplas culturas do Brasil, sobrevivendo e se tornando um campo de estudo que continua a se expandir diariamente?”

Para responder essa pergunta final, me debruço sobre a história do gênero no país e em suas influências estrangeiras, centralmente o boom latinoamericano e a importância do gótico europeu e estadunidense para a construção de nosso imaginário fantástico. A partir dessas referências, esse trabalho aponta para a construção dos diversos fantásticos brasileiros: o fantástico regionalista, o fantástico rural, urbano, realista, infantojuvenil, o fantástico maravilhoso e todas as vertentes que estão debaixo do guarda-chuva que é a literatura fantástica.

Responder essas perguntas norteadoras da pesquisa ajudará a compreender não só a importância desse levantamento de dados que apresento no final da tese, como também servirá como um recorte memorialístico de um momento no Brasil, um momento tanto literário como político e social.

Agora, permitam-me explicar a origem da minha pesquisa e os objetivos que procurei alcançar neste trabalho, começando pelo contexto espacial e temporal. Em agosto de 2020, no Brasil, fomos confrontados com a pandemia que assolou o mundo, resultando na perda de mais de setecentas mil vidas apenas no Brasil. Esse evento de proporções catastróficas foi intensificado pela postura negacionista do governo e por iniciativas desumanas, configurando-se como uma verdadeira tragédia que poderia ter sido mitigada.

Devido à situação nacional, pela primeira vez, todo o processo de seleção e as disciplinas do doutorado foram conduzidos de forma remota. Assim, realizei meu doutorado à distância, adaptando-me às circunstâncias impostas pela pandemia e encontrando novas formas de conduzir minha pesquisa.

Encontrei meu orientador e alguns colegas apenas no sétimo semestre, durante um evento do programa. Apesar de representar algumas perdas no âmbito pessoal, a oportunidade de participar do programa à distância permitiu que muitas pessoas, que de outra forma não teriam conseguido devido à distância de suas cidades em relação à universidade, pudessem ingressar. Esse foi o caso de uma colega de Santa Catarina e outro de Minas Gerais.

Após localizar esta pesquisa espacial e temporalmente, podemos passar aos objetivos. A ideia inicial era explorar o diálogo entre duas narrativas, uma da escritora chilena Isabel Allende e outra do autor brasileiro José J. Veiga, focando no aspecto do fantástico e nas ditaduras presentes em seus respectivos países.

Durante a primeira reunião com meu orientador, a ideia inicial foi descartada e o tema foi burilado até chegar ao trabalho atual. Esse processo tem sido uma jornada de autorreconhecimento tanto como pesquisador quanto como leitor, o que contribuiu para a estruturação de um trabalho mais conciso na área da literatura fantástica, voltado para a comunidade acadêmica dedicada a esse campo.

O contexto da pandemia, embora tenha impedido o contato físico com outras pessoas, ampliou nossos horizontes digitais, levando-nos a espaços que antes seriam de difícil acesso, como os eventos acadêmicos de que participei durante esse período, tanto no Nordeste quanto no Sul do Brasil, e até internacionalmente, em Portugal. A tecnologia me permitiu dialogar com muitas pessoas, sem o dispêndio natural da distância, pessoas essas, pesquisadores e interessados, com quem mantenho contato a fim de novos projetos que podem surgir após a defesa desta tese.

Isso me levou a refletir sobre a singularidade do meu trabalho, desenvolvido em um momento igualmente singular de nossa realidade, um período que a memória constantemente traz à tona, detalhando o terror que vivenciamos. Talvez esse terror tenha suavizado o fascínio pelo medo do fantástico, pois quando a realidade se mostra mais ameaçadora que a ficção, elementos como fantasmas, monstros e o sobrenatural perdem parte do seu efeito de medo.

O texto em si é composto por quatro blocos que partem de um arcabouço teórico do fantástico, passam pela constituição da literatura fantástica brasileira e

abordam os principais autores do insólito nacional. No capítulo final, construo uma análise de quatro pesquisas que realizei durante esses quatro anos.

Abro um parêntese antes de resumir o conteúdo dos capítulos deste trabalho para adiantar que tratarei o fantástico como gênero ao longo de toda a pesquisa. Entendo que o termo "fantástico" é um guarda-chuva que abrange várias terminologias e conceitos, como o realismo mágico, o realismo maravilhoso, o insólito e muitos outros. No entanto, para evitar confusão decorrente da confluência desses termos, optei por tratá-lo como gênero, seguindo a abordagem de Tzvetan Todorov.

No Capítulo I, realizo uma revisão do arcabouço teórico do fantástico mundial. Começo com as teorias basilares, que surgem com escritores do século XVIII e XIX, principalmente europeus. Em seguida, abordo a teoria fundamental de Tzvetan Todorov e alcanço pesquisadores importantes da nossa fortuna crítica contemporânea, como Remo Ceserani e Irène Bessièrè.

Em seguida, aproximo as teorias europeias das abordagens da América Central e do Sul, principalmente dos países de língua espanhola que se dedicaram com ênfase ao estudo do fantástico. Destaco os escritores do gênero que também contribuíram com uma abordagem acadêmica, como Carlos Fuentes, e um dos pesquisadores mais referenciados na contemporaneidade sobre o fantástico, David Roas.

Por fim, realizo um levantamento de alguns nomes da pesquisa nacional, evidenciando as transformações e similitudes das teorias formativas do gênero. Destaco como nossa abordagem foi crescendo conforme o acesso a textos literários e críticos do fantástico ganharam destaque em solo nacional. Como exemplo, resalto a importância de Irleamar Chiampi e Júlio França.

No capítulo II, traço um caminho da literatura fantástica como gênero no Brasil, desde os textos inaugurais e suas influências estrangeiras, até a contemporaneidade e suas transformações no decorrer desse período. Nesse momento da pesquisa, elenco sete características que acredito serem formativas de nossa literatura fantástica, e discorro sobre elas com exemplos para pontuar o lugar dessa literatura em nossa formação como nação: Oralidade e Lendas; Influência dos povos originários; Memória e ambientes rurais; Regionalização; Urbanização e as lendas urbanas; Ditadura Militar e a censura; e a Literatura infantojuvenil.

No Capítulo III, construo um percurso histórico dos principais escritores do nosso fantástico, separando-os em quatro grupos distintos. O primeiro grupo

compreende os escritores que, em sua maioria, imitavam o estilo europeu do fantástico, especialmente do gótico. Esses autores inaugurais tinham na literatura estrangeira suas principais fontes de referência, o que resultava em estilos muito próximos entre si. No entanto, essa proximidade gerava uma crise de identidade devido à disparidade entre os cenários europeus e a geografia brasileira.

O segundo bloco é composto pelos três escritores mais reconhecidos do fantástico nacional, Murilo Rubião, José J. Veiga e Moacyr Scliar. No decorrer desse subcapítulo, me debruço sobre algumas de suas obras e sobre a influência desses autores no imaginário literário do fantástico nacional.

No terceiro bloco, abordo a geração da ditadura, um período em que os escritores utilizaram o fantástico como uma forma de contornar a censura do Estado. Essa estratégia resultou na formação de um grupo importante de autores e leitores que criticavam abertamente os militares e exploravam os terrores vivenciados durante o regime, apesar da forte repressão.

Já o quarto e último bloco trata da geração pós-ditadura e do declínio do fantástico até a virada do século. Nesse período, o reduzido número de escritores e obras do gênero levou muitos a acreditarem que o fantástico estava sendo apagado de nossa literatura. Esses dois blocos se complementam, destacando as diferentes fases e desafios enfrentados pelo fantástico ao longo da história literária brasileira.

No Capítulo IV, o miolo analítico do trabalho, compreendendo toda a pesquisa dos anexos I, II, III e IV, inicio com um levantamento de todas as primeiras edições de obras do fantástico encontradas durante esta pesquisa, incluindo os autores, o ano de publicação e a editora. Em seguida, apresento as capas dessas primeiras edições como parte do acervo, além de realizar uma análise de algumas dessas capas como material paratextual.

Na terceira parte desse capítulo, destaco dois suplementos literários importantes para a formação e disseminação do nosso fantástico. Construo um quadro que lista todos os textos publicados nesses jornais que tratam de alguma narrativa ou do fantástico em si. Por fim, apresento uma pesquisa abrangente sobre toda a publicação encontrada de maneira digital de artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que têm o fantástico como foco de suas pesquisas. Esse capítulo fornece uma base sólida para a compreensão e contextualização do papel do fantástico na literatura brasileira.

A partir desses quatro capítulos, este trabalho se configura como um estudo

memorialístico e arqueológico do nosso fantástico ao longo do século XX. A ideia central foi percorrer diversas etapas da constituição desse gênero literário e suas transformações no contato com as múltiplas realidades e a riqueza de referências que o Brasil oferece. Busquei investigar as origens, influências e desenvolvimentos do fantástico em nosso contexto, destacando tanto sua relação com a literatura estrangeira quanto suas especificidades dentro do panorama literário nacional. Este trabalho visa, assim, contribuir para uma compreensão mais profunda e contextualizada do papel do fantástico na literatura brasileira.

## 1. REVISÃO DO ARCABOUÇO TEÓRICO

### 1.1. As teorias basilares

Neste capítulo, apresento as principais teorias sobre a literatura fantástica com as quais tive contato durante esta pesquisa. Início com as abordagens mais conhecidas do gênero, abordando os textos fundadores, e avanço até as pesquisas e publicações mais contemporâneas. Além dessa perspectiva teórica, o capítulo oferece um recorte histórico e geográfico da teoria literária do fantástico, começando com os pensadores europeus, passando pelas críticas da América Latina e chegando aos estudiosos brasileiros.

Com base nessas abordagens, procuro, neste capítulo, fornecer ao leitor uma história crítica do fantástico. Esse embasamento é essencial para que, nos capítulos seguintes, as análises de algumas obras e das ramificações do fantástico ao longo do século XX sejam compreendidas com uma fortuna crítica mais ampla.

Entrando diretamente nessas abordagens, o texto referência em que penso é o clássico *Introdução a literatura fantástica* (1970), do filósofo e linguista franco-búlgaro Tzvetan Todorov. Nesse texto, o pesquisador pontua que a literatura fantástica se molda conforme novos textos e novos gêneros vão surgindo. Assim, o fantástico é parte dessa evolução textual, multiplicando seus significados à medida que o olhar sobre a realidade se altera.

Todorov se baseia em diversas teorias dos gêneros, como a arte poética de Aristóteles, o New Criticism de Alan Tate, a Anatomia da crítica de Northrop Frye e a teoria da recepção de Hans Robert Jauss, para construir um percurso que reconhece a literatura fantástica como um gênero próprio. Embora nos estudos contemporâneos essa perspectiva seja isolada, como será discutido adiante, o fantástico é considerado como um termo guarda-chuva para diversas outras formas literárias que se encontram sob sua égide. No entanto, essa primeira percepção mais ampla do fantástico como gênero é fundamental para a compreensão da experiência do insólito em nossa literatura.

A partir dessa abordagem, Todorov elabora uma estrutura de termos e fórmulas para identificar o fantástico na literatura. Sua principal teoria é a da hesitação. Segundo essa perspectiva, o leitor é levado a questionar as certezas do mundo representado na obra, à medida que a narrativa desafia a realidade estabelecida, causando desconforto e rompendo com os horizontes de expectativas do leitor.

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas opções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, ou então o acontecimento realmente aconteceu [...] O fantástico ocorre nesta incerteza. (Todorov, 2014, p.30-31).

Nessa abordagem, o leitor é considerado como a figura central que impulsiona a narrativa fantástica, pois é ao confrontar a realidade empírica com a realidade apresentada na história que o leitor se observa em hesitação. Todorov enfatiza a importância de o texto instigar o leitor a considerar a possibilidade de um mundo insólito e sobrenatural, levando-o a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos eventos narrados.

Com essa premissa, Todorov elabora um conjunto de termos a fim de criar uma nomenclatura do fantástico e de suas fórmulas temáticas. A principal delas é a tríade que engloba o fantástico, o maravilhoso e o estranho. De maneira concisa, o estranho é caracterizado pela explicação racional do sobrenatural, em que, geralmente no desfecho da história, o elemento insólito é reconciliado de forma coerente com a realidade empírica. Por outro lado, o maravilhoso representa a aceitação do sobrenatural sem questionamento, presente especialmente em narrativas infantojuvenis, onde o elemento sobrenatural é considerado como certo e não é contestado pelos personagens ou pelo leitor. Por fim, o fantástico reside entre essas duas abordagens, caracterizado pela hesitação que persiste até o desfecho da obra, deixando o leitor em dúvida quanto à origem e à natureza dos eventos sobrenaturais, sem oferecer uma explicação definitiva.

No decorrer do texto, Todorov ainda cria ligações entre sua tríade fantástico-maravilhoso-estranho a fim de delimitar o espaço de interação entre eles e entre as diversas possibilidades de análise de uma narrativa do insólito. Mais ainda, o filósofo entra nos temas do fantástico, nas características dos arquétipos e nos encontros entre o texto e a catarse com o leitor, terminando com um ensaio muito interessante acerca do poder do fantástico em romper as amarras institucionalizadas do indivíduo social e das censuras próprias de cada pessoa.

Ao lado da censura institucionalizada, existe uma outra, mais sutil e mais geral: a que reina na própria psique dos autores. A condenação de certos atos pela sociedade provoca uma condenação que se exerce dentro do próprio indivíduo, constituindo-se para ele em proibição de abordar certos

temas tabus. Mais do que um simples pretexto, o fantástico é um meio de combate contra uma e outra censura: os desmandos sexuais serão melhor aceitos por qualquer espécie de censura se forem inscritos por conta do diabo. (Todorov, 2014, p.167)

Tzvetan Todorov ainda desenvolve ramificações para esses termos, como o fantástico-estranho e o fantástico-maravilhoso, entre outros, que compõem uma pirâmide *Lato Sensu* das diversas vertentes que o termo literatura fantástica pode abarcar. A importância dessa obra de Todorov e de todas as discussões que o linguista apresenta é fundamental para compreendermos como o fantástico foi extensivamente estudado até os dias atuais, destacando sua relevância não apenas para o gênero, como sugere o estudioso, mas também para os múltiplos olhares que revitalizam sua abordagem ao longo dos últimos cinquenta anos.

Contudo, apesar da força de seu texto para as teorias sobre o fantástico na literatura, alguns outros pesquisadores se debruçaram sobre o gênero a fim de entender sua atuação no ambiente literário, principalmente europeu, muito antes de Todorov apresentar sua famosa abordagem teórica.

Ainda no final do século XVIII e durante o século XIX surgem as principais narrativas que dialogam de alguma forma com o fantástico estudado nessa tese. Escritores como E.T.A. Hoffmann, Monk Lewis, Horace Walpole, Mary Shelley, Bram Stoker, Edgar Alan Poe, entre alguns outros, utilizaram de elementos narrativos sobrenaturais e insólitos para construir obras que aterrorizam seus leitores ao descrever a sociedade em que viviam a partir de metáforas, alegorias e simbolismos que causam o medo, o assombro e a hesitação no leitor.

Ainda no século XIX, os primeiros textos que abordam de forma crítica o fantástico surgem na Europa, tendo como base contos e narrativas que emprestam do gênero realista para apresentar os fenômenos fantásticos e a quebra com a noção de realidade daqueles leitores.

Entre os teóricos que se aventuram nesse ambiente ainda incipiente de críticas e teorias está o romancista francês Charles Nodier, que dedica seu livro *Du fantastique em littérature* (1830) à sua noção do que foi esse movimento nas letras europeias. Tendo como principal proposta o assombro e o deslumbre do leitor frente ao insólito e frente à desolação da realidade, Nodier pontua que é nessa ambiguidade que o gênero fantástico atrai tantos leitores.

Nodier pontua nesse texto que é na necessidade humana de se agarrar à

esperança de períodos melhores, usando como referências as condições de vida na Europa do início do século XIX, que o fantástico consegue angariar sua necessidade de existência e permanência na sociedade e na literatura desse período. Em um dos trechos desse texto, Nodier explica essa necessidade:

É isso que tornou o fantástico tão popular na Europa nos últimos anos e o que faz dele a única literatura essencial da era de decadência ou transição em que chegamos. Devemos reconhecer isso até como um benefício espontâneo de nossa organização; pois se a mente humana não encontrasse prazer em vivas e brilhantes quimeras, quando ela tocasse todas as repugnantes realidades do mundo verdadeiro, essa época de desilusão estaria sujeita ao desespero mais violento, e a sociedade revelaria uma necessidade aterrorizante de dissolução e suicídio em uníssono. (Nodier, 1830, p.84) – Tradução Livre.

O olhar de Nodier sobre a sociedade era reflexo das condições de vida que o cercavam, o assombro com a realidade precisava de um contraponto impactante para que o leitor se impressionasse e aceitasse o pacto ficcional com a narrativa fantástica. Logo, o insólito tinha um papel que tanto era representado como zona de preparo para a realidade, como um modelo de escape para enfrentar a desoladora imagem do mundo real que os europeus enfrentavam naquele período.

Ana Luiza Silva Camarani, em seu texto *Nodier e o fantástico* (2002), aponta que “tendo o ceticismo, gradativamente, obscurecido a fé, as religiões apresentam-se abaladas em suas bases, não mais conseguindo falar à imaginação; é preciso, então, que essa faculdade de produzir o maravilhoso se exerça em outro gênero de criação mais apropriado às necessidades de uma inteligência materializada.” (Camarani, p.68).

A autora propõe a ideia de que essa manifestação concretizada do fantástico pode ser interpretada como uma forma pela qual os leitores, ao se envolverem com o mito e o insólito, conseguem internalizar respostas, seja de forma parcial ou completa, para várias questões ou necessidades. Essas demandas podem abranger aspectos espirituais, psicológicos ou até mesmo físicos, transcendendo as limitações do que é considerado como real dentro do contexto social.

Para Camarani, Nodier conceitua o fantástico como um elemento que confere flexibilidade à realidade, possibilitando aos indivíduos do século XIX transcenderem a religião como meio de explicar fenômenos que se situam no domínio do sobrenatural e do insólito.

Nodier, ao contemplar o avanço do ceticismo religioso e a crescente adesão da população a outros gêneros narrativos e mitologias, identifica o papel crucial do fantástico na compreensão da realidade. Ele o enxerga como uma ferramenta multifacetada: primeiro, como um instrumento de controle psicológico ao deslocar a religião de seu papel central na explicação dos fenômenos; segundo, como um meio de lidar com a inescapável noção de que nem tudo é explicável, promovendo a aceitação de que certos eventos - os insólitos - devem permanecer sem explicação, pelo menos até que a ciência seja capaz de oferecer uma resposta tangível para tais fenômenos. Isso demonstra a complexidade do fantástico como uma lente através da qual a sociedade lida com a ambiguidade e o desconhecido.

Particularmente, vejo Nodier como uma peça importante no quadro geral das teorias e dos pensamentos iniciais acerca da literatura fantástica. Vou além, acredito que boa parte de seus olhares sobre o tema ainda são vigentes nas teorias contemporâneas, dados os devidos espaçamentos históricos e avanços tecnológicos que explicaram muito do que era insólito para o período de produção de Nodier.

Digo isso, pois, ao colocar o fantástico como um elemento de passagem, Nodier dá base para Todorov, mais de um século após esse texto, falar acerca da hesitação que caracteriza o fantástico. Essa hesitação surge na proposta de Nodier como o efeito cíclico da história do mundo, pois é na vacilação da religião que o fantástico prospera, é na herança do fracasso e da desolação, da destruição que a sociedade não pode evitar, que o fantástico traz novas abordagens e novas esperanças, eis aí a importância no olhar de Charles Nodier.

Outro escritor que se aventurou a pensar sobre o insólito na literatura ainda no século XIX foi Guy de Maupassant. Em suas aventuras no terreno do fantástico, o poeta e autor de *A Horla* (1887) observou e trabalhou com o medo e o sobrenatural sem a necessidade da apresentação de seres fantásticos, monstros horrendos ou segredos indescritíveis, mas sim com o medo interno de seus personagens.

Em suas experiências no campo do insólito, Maupassant transgrediu diversos dogmas sociais e psicológicos a fim de mostrar o indivíduo quebrado em seu interior, deu ênfase aos medos mais recônditos do homem e foi capaz de causar o terror a partir da leitura de si que o leitor faz durante a recepção de suas narrativas.

Em seu ensaio *Le Fantastique* (1883), Guy de Maupassant destaca o que foi o fantástico desenvolvido no século XIX: “Devagar, ao longo de vinte anos, o sobrenatural saiu de nossas almas”. Em sua percepção literária, as narrativas geradas

no ventre do insólito são produtos de uma estratégia de efeito que visa explorar o mundo interior, transgredindo os limites do mundo material.” (Santos, 2014, p.164). - Tradução livre.

Pertencente a um período e a um tempo em que o indivíduo estava menos inclinado à religião, principalmente pelos avanços tecnológicos e pelo fim das guerras até o início do século XX, Maupassant dialoga com seus leitores acerca da aceitação desses medos e da compreensão de que eles vêm de traumas psicológicos e do coração, metafórico, de cada um de nós.

Nesse ponto, concordo com o consagrado texto da psicanalista Noemi Moritz Kon, na introdução do livro *125 contos de Guy de Maupassant* (2009), onde a estudiosa aponta que: “o inexplicável, para Maupassant, não é um ser suscitado artificialmente, não é um estrangeiro: ele é o mestre de nosso coração e de nossa terra” (Kon, 2009, p.21).

A considerável diferença de abordagem até aqui entre Nodier e Maupassant acerca do fantástico é a forma de olhar para o elemento insólito. O primeiro olha para a sociedade e para os seus terrores e lança para o indivíduo seus medos, um olhar externo para o interno; enquanto o segundo, já com um referencial teórico mais voltado para os estudos psicológicos, lança para o leitor a responsabilidade de seus próprios terrores, considera que o terror vem do âmago do indivíduo.

Ambas as abordagens terão reverberações nos estudos seguintes sobre o fantástico, principalmente quando os textos acerca do insólito voltam a ser colocados em foco após as duas grandes guerras mundiais, contudo, gostaria de fazer um último apontamento sobre o fantástico de Maupassant antes de passarmos para o próximo teórico.

Maupassant morreu relativamente cedo, com quarenta e dois anos, devido à sífilis que desenvolveu ainda jovem. Contudo, o processo de envelhecimento e loucura que ele passou até sua morte permite que observemos seus textos e seu olhar acerca do indivíduo com um curioso e indissociável olhar de verossimilhança. Suas experiências de isolamento, mania de perseguição e encarceramento nos períodos mais críticos da doença, enquanto o levaram a crises inimagináveis de dor até à tentativa de suicídio, o permitiram, em alguma escala que não posso deixar de apresentar sem um juízo de valor, descrever os horrores internos com maestria.

Contudo, a romantização da doença em prol da narrativa não é um caminho que objetivo para este tópico, gostaria apenas de apontar essa particularidade com

que Maupassant conviveu e que o ajudou a compartilhar os medos que o assolavam e assolam ainda hoje uma grande parte dos indivíduos. Logo, termino com a seguinte citação de Luciane Alves Santos que ajuda a elucidar essa extrapolação de Maupassant de seus horrores individuais para seus textos.

Suas narrativas exploram com genialidade os pontos nevrálgicos que perturbam o homem, aquele que abandonou as superstições do sobrenatural folclórico para mergulhar na compreensão de sua interioridade. Manifestações da loucura, do delírio, do medo e do sofrimento são analisadas da forma mais realista possível entre os muros do fantástico. (Santos, 2014, p.164)

Concorda parcialmente com Maupassant o filósofo francês Jean-Paul Sartre que, já no século XX, propõe que: "o fantástico vai se domesticar tal como os outros gêneros, renunciar às explorações das realidades transcendentais, resignar-se transcrever a condição humana". (Sartre, 2005, p. 138)

A condição humana continua a ser a principal abordagem acerca do fantástico para Sartre e para a grande parte dos teóricos do gênero durante o século XX e XXI. Sartre entende o fantástico como um reflexo do interior do indivíduo para o exterior, para a sociedade que o cerca. Não obstante, o fantástico é "humanizado" por Sartre, os objetos e seres sobrenaturais como vampiros, lobisomens, lugares mal-assombrados e demais clichês do gênero são substituídos pela imagem interna de cada indivíduo e o terror, antes uma questão imagética, torna-se o próprio pensamento de cada um: "nada de súcubos, nada de fantasmas, nada de fontes que choram – há apenas homens, e o criador do fantástico proclama que se identifica com o objeto fantástico". (Sartre, 2005, p.137)

Considero a abordagem de Sartre acerca do fantástico uma das mais densas até o período de sua produção, pois, além da revisão de algumas abordagens anteriores, o filósofo francês ainda propõe um olhar concreto do que foi o insólito na literatura até aquele ponto. Talvez Sartre tenha sido o primeiro a tratar o gênero dessa forma, tanto como um bloco com produção considerável para ser vista como um gênero, mas também como um espaço que envolve o leitor em sua realidade externa à leitura.

Há, na abordagem de Sartre, uma percepção de que o fantástico foi escape da realidade apenas em suas manifestações mais rasas na questão simbólica, ou talvez enquanto se quisesse manter uma ignorância de que os maiores terrores vinham do

próprio indivíduo e não das criaturas de pesadelos descritivos. Com isso em mente, o filósofo consegue criar um enlace entre a imaginação dos escritores em usar elementos sobrenaturais para causar o medo, e a recepção do leitor desses elementos com o mesmo sentimento.

Posto isso, gostaria de compartilhar um trecho de um texto de Ferreira e Leite que ajuda a elucidar o parágrafo anterior:

enquanto se acreditou possível escapar à condição humana pela ascese, pela mística, metafísica ou poesia, o gênero fantástico tinha ofício bem definido: manifestava o poder humano de transcender o humano. Criar outro mundo que não fosse este. Esse mundo, muitas vezes inquietante, sombrio e misterioso, guardava criaturas e eventos sobrenaturais e o fato de ser muito parecido com este que conhecemos fez com que presenciássemos juntamente com o narrador e/ou as personagens da narrativa fantástica a inquietação e a hesitação que tais elementos nos traziam devido a sua extraordinariedade. (Ferreira; Leite, 2021, p.271-272)

O afastamento da condição metafísica para a aproximação com o real empírico faz do fantástico, no olhar de Sartre, um elemento de aproximação do homem com seu interior e não um afastamento para um espaço insólito e puramente imaginativo, externo à. Isso implica, portanto, em uma perspectiva que nega ao leitor o privilégio de se distanciar da realidade por meio do aspecto insólito dessas narrativas. Esse enfoque transforma um espaço que costumava ser uma zona de conforto, proporcionada pela presença do insólito nas histórias, em um ambiente de inquietação e quebra de certezas.

Amanda Fratuzzi, em um texto publicado na ABRALIC de 2017, elucidada de forma bem interessante esse aspecto. A estudiosa aponta que Sartre limita o objeto do fantástico unicamente ao homem, a fim de afunilar o espaço de incerteza do leitor e criar a hesitação do texto fantástico:

O fantástico contemporâneo de Sartre limita-se, então, a um só objeto: o homem. Ora, mas o fantástico tradicional, como vimos, também se ocupou do homem. A diferença fundamental, na visão de Sartre, é a de que enquanto o fantástico tradicional utiliza o homem apenas como construção de seu mundo, de sua matéria ou de seus componentes, o fantástico do século XX trata o homem como o fim a ser atingido. (Fratucci, 2017, p.608-609)

O homem é, nesse aspecto, o centro das convenções. Há, no olhar de Sartre e de muitos estudiosos desse período, a necessidade desse retorno, a fim de que a literatura fantástica fale sobre o leitor e seus medos reais e passíveis de repressão, e

não de monstros que, além das páginas dos romances, não causam terror além do estético. Existe, nesse aspecto, um antropomorfismo inerente à concepção da realidade que o homem vive e que o escritor de narrativas fantásticas tenta alcançar, muitas vezes, a partir do medo.

Medo esse que é a principal abordagem crítica do próximo estudioso desse tópico, o escritor estadunidense Howard Phillips Lovecraft que, em 1927, publica um de seus poucos textos de não ficção, intitulado *Supernatural Horror in Literature* (1927). Nesse texto, Lovecraft aborda o sentimento de medo provocado no leitor pelo horror das narrativas fantásticas, assim como constrói uma trajetória histórica das diferentes abordagens desse medo na narrativa de teor sobrenatural.

Esse texto de Lovecraft é permeado por um olhar pessimista, pois o escritor nem sempre consegue desvencilhar seu olhar e sua abordagem não ficcional da ficcional, muitas vezes confundindo suas percepções com as teorias literárias em que embasa seu texto. A primeira frase da introdução já aponta para o horror pelo qual o escritor acabou sendo plenamente reconhecido, o horror cósmico: “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo e mais poderoso é o medo do desconhecido” (Lovecraft, 2020, p.15).

Para Lovecraft, o texto só pode ser caracterizado como fantástico se provocar o medo e, de preferência, que seja um medo não descritível, vindo de uma fonte desconhecida ou tão aterrorizante que não pode ser explicada pela ciência e pela realidade, daí surge o que ele consagra como horror cósmico.

O escritor se embasa em uma tradição literária de variados mitos para chegar a essa conclusão, trazendo como algumas das principais referências os textos mitológicos, religiosos e filosóficos que fundam determinadas sociedades do oriente médio. O terror cósmico é, nesse quesito, uma ligação histórica entre os medos de diferentes sociedades, uma história contada a partir do terror que esses indivíduos passam, indiferentemente à geografia e ao período em que coexistiram.

O terror cósmico aparece como ingrediente no folclore mais primitivo de todas as raças, e é cristalizado nas baladas, crônicas e escritos sagrados mais arcaicos. Ele era, aliás, uma característica saliente no elaborado cerimonial mágico com seus rituais para a evocação de demônios e espectros que floresceu desde tempos pré-históricos e atingiu seu apogeu no Egito e nas nações semitas. Fragmentos como O livro de Enoque e a Claviculae Salomonis (Chave de Salomão) ilustram bem o poder do fantástico sobre o pensamento do antigo oriente, e sobre coisas assim se ergueram sistemas e tradições duradouras cujos ecos se propagam misteriosamente até os dias

atuais. Traços desse medo transcendental são encontrados na literatura clássica e existem evidências de sua ênfase ainda maior nas narrativas de baladas que caminhou em paralelo à vertente clássica, mas desapareceu por falta de um meio escrito. (Lovecraft, 2020, p.21)

Para Lovecraft, o horror é o elo entre as mais diferentes sociedades e períodos. Grande parte de seus textos ficcionais trazem mitos do oriente médio para os Estados Unidos do início do século XX, promovendo um olhar muitas vezes racista do estrangeiro, dando ênfase a características raciais de forma pejorativa a fim de causar o pavor e o medo. Apesar de todas as referências e do conhecimento do escritor de culturas estrangeiras, infelizmente, boa parte de sua narrativa é recheada desse olhar preconceituoso e amarrado a convenções criminosas.

Gostaria de abrir um breve parêntese agora a fim de apontar que boa parte dos estudos acerca de Lovecraft deixam escapar o viés racista do escritor, eu mesmo, em minha dissertação de mestrado, preferi não entrar nessa seara ao falar sobre o escritor, contudo, já passados alguns anos dessa publicação, me vejo na obrigação de destacar esse elemento que, infelizmente, está muito presente em suas narrativas.

Voltando ao horror cósmico, é interessante perceber que, apesar da memória que Lovecraft traz do horror em sociedades muito mais antigas que a ocidental, é com um escritor inglês que ele diz inaugurar o horror na literatura: “Mas coube ao muito jovial e mundano inglês — ninguém menos que o próprio Horace Walpole — dar ao impulso crescente uma forma definitiva e se tornar o verdadeiro fundador da história de horror literária como forma permanente”. (Lovecraft, 2020, p.27-28)

O horror cósmico não vai chegar na literatura brasileira com muita ênfase no período de estudo desta tese, principalmente pelo medo proposto por essa abordagem não dialogar com o período histórico do Brasil da segunda metade do século XX, contudo, vai encontrar em um Brasil bem mais contemporâneo, já na primeira década do século XXI, um considerável espaço e uma exploração muito rica em publicações de pequeno e médio acesso do público, principalmente publicações individuais e de pequenas e médias editoras.

Por fim, penso que o horror cósmico que Lovecraft propõe está presente em muitas narrativas com as quais tivemos contato após seu período de publicação e após ele perder força para narrativas mais modernas. O âmago de suas narrativas, o horror que elas propõem, fazem parte de um imaginário poderoso, o imaginário do desconhecido e do inconcebível com que, de uma forma ou de outra, a literatura

fantástica sempre acaba dialogando.

O autor francês Louis Vax publica, em 1965, *La séduction de l'étrange*, onde caracteriza o fantástico como um elemento que assola o real a partir de um evento inexplicável. Sua abordagem dialoga com as teorias que vinham sendo apresentadas acerca da literatura fantástica e chega até a ser vanguardista quando observamos as teorias mais contemporâneas acerca do gênero.

No olhar do autor existe a necessidade de a narrativa fantástica apresentar elementos verossimilhantes para, então, conflitar com o sobrenatural e o inexplicável, só assim haveria o rompimento da realidade e a narrativa alcançaria o “sentimento do estranho”. A professora Ana Luiza Silva Camarani possui um capítulo de seu trabalho acerca das teorias basilares do fantástico mundial onde explica esse elemento da teoria de Louis Vax; “Para Vax, o estranho é uma tentação, algo que o homem sofre, mas frui ao mesmo tempo, isto é, o sentimento do estranho mostra uma ambivalência: consciência do estranho, sedução do estranho, horror do estranho configuram-se como um todo”. (Camarani, 2014, p.44).

Particularmente, considero esse texto de Louis Vax confuso, as tentativas do escritor em abordar esse estranhamento frente ao fantástico muitas vezes apelam para conceitos filosóficos que mais afastam a realidade do fantástico do que as aproximam, criando uma espécie de barreira entre a concepção do real e a passagem para o sobrenatural.

Acredito que, para Vax, a narrativa fantástica torna-se menos palpável e as margens entre o que é real e o que é fantástico não são tão claras quanto outras teorias já vinham pensando nesse período. A professora Ana Luiza Silva Camarani concorda com essa perspectiva ao falar sobre os motivos que levam um texto a ter elementos fantásticos, na perspectiva de Vax: “o conto deve seu caráter fantástico ao motivo; certos motivos seriam fantásticos, outros não. Assim, um conto fantástico seria uma história de vampiro, de fantasma, de lobisomem, e não uma história de passarinhos e flores”. (Camarani, 2014, p.46)

Retira-se, então, dos elementos reais a presença do fantástico como inerente e o afasta a uma região fantasiosa, um espaço puramente imaginativo onde servirá basicamente e basilarmente como elemento retórico no que a narrativa objetiva em caráter moral. Trago mais uma citação da professora Camarani que ajuda a pontuar esse lugar complexo da abordagem de Vax acerca do fantástico:

O monstro, o ser inquietante, muitas vezes designado por um pronome pessoal, é a força anônima, aterrorizadora e indeterminada. O objeto ameaçador aparece a princípio como uma imperceptível fissura no real; um tênue indício - um pressentimento, um presságio, um sonho premonitório, um livro ou um manuscrito descoberto por acaso - coloca o sujeito no caminho do insólito. (Camarani, 2014, p.52)

Por fim, apesar da importância desse texto de Louis Vax para a formação da crítica acerca da literatura fantástica na Europa, discordo da maior parte de suas abordagens, seja pelo olhar moralista que o autor procura inserir nas narrativas insólitas, seja pela contraposição entre real e fantástico existirem apenas na oposição e não na complementação.

Dito isso, gostaria de trazer dois últimos nomes nessa breve trajetória basilar do fantástico que conversam mais com as realidades contemporâneas. O primeiro deles é o teórico italiano Remo Ceserani com *O fantástico* (2004).

Ceserani entende, como acontece com diversas abordagens modernas, que o fantástico não se limita ao medo do desconhecido, como colocado por Lovecraft, ou ao medo inerente ao indivíduo como pensou Sartre, mas sim como um modo de narrar as explorações insólitas para além desses espaços, inserindo-se em outros gêneros e outros lugares antes excluídos por não fazerem parte de um arcabouço espacial imagético do sobrenatural. Para Ceserani é necessário entender:

o campo de ação do fantástico e a estendê-lo sem limites históricos a todo um setor da produção literária, no qual se encontra confusamente uma quantidade de outros modos, formas e gêneros, do romanesco ao fabuloso, da fantasy à ficção científica, do romance utópico àquele de terror, do gótico ao oculto, do apocalíptico ao metaromance contemporâneo. (Ceserani, 2006, p.8-9)

A percepção do autor dialoga com as interações contemporâneas acerca do fantástico, principalmente as abordagens sul-americanas que veem o fantástico como elemento presente de toda realidade e que muitas vezes se mistura a ela, criando um espaço onde a hesitação só ocorre após o elemento fantástico já fazer parte da realidade e ser indissociável da mesma.

Neste texto, Ceserani elenca dez tópicos que ele chama de procedimentos narrativos e retóricos utilizados para compor o que denomina modo fantástico. Entre eles estão: 1 - A posição de relevo dos procedimentos narrativos no próprio corpo da narração: Ceserani aponta a ambiguidade do texto fantástico em levar o leitor para dentro da história, ao mesmo tempo que deixa claro que se trata de uma ficção. 2 - A

narração em primeira pessoa. 3 - Um forte interesse pela capacidade projetiva e criativa da linguagem: Ceserani destaca a potencialidade criativa da linguagem como um dos elementos centrais do fantástico. 4 - O envolvimento do leitor: A utilização de elementos como a surpresa, o terror e o humor para envolver o leitor. Aqui, ele chega a citar Lovecraft e pontua que:

O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois fazer disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo: possivelmente um medo percebido fisicamente, como ocorre em textos pertencentes a outros gêneros e modalidades, que são exclusivamente programados para suscitar no leitor longos arrepios na espinha, contrações, suores. (Ceserani, 2006, p.71)

Os tópicos 5 e 6 são os que considero mais importantes para esta pesquisa, pois dialogam com o fantástico produzido na América Latina em geral. O quinto tópico trata da passagem de limite e de fronteira, onde os contos fantásticos frequentemente destacam um personagem que transita de um lugar de segurança para um espaço outro, novo e, muitas vezes, incompreensível diante das leis da física.

Este tópico engloba grande parte das narrativas do fantástico que tratam de movimentos decolonialistas e de heranças culturais, religiosas e geográficas. O próprio Ceserani levanta esse aspecto ao final desse tópico, destacando a forma como essas narrativas utilizam a passagem de fronteiras não apenas como um elemento narrativo, mas também como uma metáfora para as transformações e tensões culturais e históricas: “É típico do fantástico não se afastar muito da cultura dominante e procurar as áreas geográficas um pouco marginais, onde se entrevêem bem as relações entre uma cultura dominante e uma outra que está se retirando, o lugar das culturas em confronto!”. (Ceserani, 2006, p.74).

O tópico 6, o objeto mediador, é outro argumento que chama minha atenção devido à sua fluência nos textos apresentados nesta tese. O teórico destaca que, em geral, há a presença de um objeto que transcende os limites da realidade em uma situação que desafia as convenções sociais e científicas sobre o que é considerado real.

É preciso pensar que o objeto mediador desempenha a função específica dentro do conto fantástico pelo fato de que se trata de um conto em que há um desnivelamento de planos de realidade, o qual não está previsto pelo código e por isso vem marcado por um forte efeito de limite, e no qual o objeto mediador atesta uma verdade equívoca porque inexplicável e inacreditável,

posto que inepta. (Ceserani, 2006, p.74)

Esse objeto pode ser o *Necronomicon*, de Lovecraft; *Teleco, o coelhinho*, de Murilo Rubião, ou talvez o carro demoníaco de *Cristine*, de Stephen King. É nesse ponto que Ceserani pontua existir uma passagem de limite entre o insólito e o real e a caracteriza pelo termo objeto mediador.

O tópico 7 discute as elipses e a importância dos espaços vazios nos textos. O oitavo aborda a teatralidade, que não é tão presente nas narrativas mais contemporâneas, mas foi fortemente empregada nas obras até o século XX, principalmente na Europa. O tópico 9 fala sobre a figuratividade, que dialoga também com o tópico anterior. Por fim, no tópico 10, O Detalhe, destaco o seguinte trecho::

O “detalhe” seria indício de um modo “moderno” de ver e conhecer o mundo. O modo fantástico, que recorrentemente introduz – em um mundo narrativo constituído por uma grande quantidade de fragmentos de uma realidade variada e inconstante – alguns importantes detalhes, carregando-os de significados narrativos profundos, demonstra também com isso estar projetado para a “modernidade”. (Ceserani, 2006, p.77)

Remo Ceserani, ao longo dos cinco capítulos de seu livro *O fantástico* (2006), traça uma trajetória que abrange tanto as origens da literatura fantástica quanto os diversos caminhos teóricos que ela percorreu até os tempos modernos. Ele revisita os textos seculares do gênero, explora as diversas tentativas de definição e alcança as múltiplas abordagens interpretativas que a literatura fantástica suscitou ao longo do tempo, tornando-se um dos teóricos mais referenciados nas pesquisas acadêmicas sobre o fantástico no século XXI.

O último nome que trago à discussão é o de Irene Bessièrre, uma crítica literária francesa que compartilha da visão de Ceserani ao considerar o fantástico como uma modalidade literária. Seu trabalho mais conhecido, "O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha" (2012), foi traduzido e amplamente estudado por diversos grupos de pesquisa dedicados ao insólito no Brasil.

Essa tradução abrange apenas um capítulo do livro, mas já se revela importante para a crítica contemporânea, proporcionando uma abordagem mais próxima das novas realidades e perspectivas que envolvem o estudo do gênero fantástico. Com essa abordagem, Bessièrre demonstra um viés muito mais amplo do fantástico, pois ela o constrói no reflexo das realidades dos leitores, podendo, assim, permear qualquer realidade em qualquer espaço.

O relato fantástico provoca a incerteza ao exame intelectual, pois coloca em ação dados contraditórios, reunidos segundo uma coerência e uma complementaridade próprias. Ele não define uma qualidade atual de objetos ou de seres existentes, nem constitui uma categoria ou um gênero literário, mas supõe uma lógica narrativa que é tanto formal quanto temática e que, surpreendente ou arbitrária para o leitor, reflete, sob o jogo aparente da invenção pura, as metamorfoses culturais da razão e do imaginário coletivo. (Bessièrre, 2009, p.2)

Irène Bessièrre conseguiu, com esse capítulo, aproximar diversos olhares acerca do fantástico e formar uma percepção que engloba os conceitos contemporâneos de multiculturalismo no aporte do texto fantástico. Bessièrre entende que o fantástico é produto do meio em que é produzido e vinculado, se entende conforme o público leitor entende a realidade e, por esse fator, é tão poderoso em causar o desconforto e a catarse.

Acredito que os últimos dois teóricos, Remo Ceserani e Irène Bessièrre, sejam excelentes conectivos entre a teoria europeia sobre o fantástico e as abordagens sul-americanas que veremos a seguir, pois ambos os autores já entendem que o fantástico não está preso a seus ambientes de outrora, mas sim à realidade empírica.

## 1.2. Aproximações com a América Latina

A literatura fantástica e as narrativas do insólito chegam à América Central e à América Latina como objetos miméticos de seus genitores europeus, com narrativas que falam sobre ambientes que não existem por aqui, enredos que não dialogam com nossas realidades e com um discurso ainda muito amarrado à questão identitária europeia e estadunidense. É apenas com o levante de um grupo de escritores e com o conhecido e importante *Boom* literário sul-americano que o insólito entra em contato com a América central e latina como elemento identitário e começa a falar sobre si mais do que sobre o estrangeiro.

Escritores como Carlos Fuentes, Jorge Luis Borges, Gabriel Garcia Marques, Júlio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Augusto Roa Bastos, entre alguns outros, formaram um núcleo muito intenso de produção literária que ajudou a construir a identidade latino-americana que tentava constantemente se desvencilhar do discurso estrangeiro e criar seus próprios espaços de discussão e de narrativa. Alguns desses escritores também se aventuraram no mundo da crítica literária e produziram

importantes discussões acerca do gênero.

Autores como Carlos Fuentes, que, beneficiando-se da estabilidade financeira proporcionada por seus pais diplomatas e, posteriormente, por sua própria carreira diplomática, residiu em várias nações da América Latina, adquirindo um profundo conhecimento de suas culturas e literaturas.

Carlos Fuentes, na qualidade de escritor, romancista e ensaísta, demonstrou a habilidade de criar textos que estabeleciam uma conexão próxima tanto com seu público quanto com os leitores latino-americanos. Esse público, em especial, parecia ansioso por narrativas que explorassem elementos insólitos, em parte devido ao impacto do *Boom latino-americano*. Foi nesse período que o escritor produziu duas de suas obras mais importantes, *Aura* (1962), onde Fuentes trabalhou com o onírico e a mescla de realidade com ficção e *A morte de Artemio Cruz* (1962), marco atemporal do *Boom latino-americano*.

Com o conjunto de suas narrativas, Carlos Fuentes conseguiu fazer parte da fundação do *Boom latino-americano*, e, não obstante, é um dos nomes mais importantes da literatura fantástica da América Central. No entanto, o que é de maior relevância para este trabalho é o comprometimento de Fuentes com a crítica literária e a sua abordagem crítica dos desafios enfrentados pela América Latina diante das potências colonizadoras da época.

Em seu consagrado livro *La nueva novela hispanoamericana* (1974), o autor aponta que há: “A sucessão de males e injustiças no romance tradicional hispano-americano sugere que, de fato, é melhor ser engolido pela selva do que sofrer uma morte lenta em uma sociedade escravista, cruel e sanguinária.” (Fuentes, 1972, p.10) – Tradução Livre

Não à toa, seus textos mais consagrados circundam esses temas e trazem uma América Hispânica consciente da violência de seus colonizadores. Logo, Fuentes pontua que a novela hispano-americana é muito maniqueísta entre o que é imposto pelo povo colonizado pelo homem “mau” europeu e a resistência do homem “bom” que tem sua identidade destruída pelo estrangeiro.

O romance torna-se a contraparte literária da natureza inumana e das relações sociais inumanas que ela descreve: o romance é apanhado nas redes da realidade imediata e só pode refleti-la. Essa realidade imediata exige uma luta para ser mudada e a luta, por sua vez, exige uma simplicidade épica: o homem explorado, porque é, é bom; aquele que explode, também intrinsecamente, é ruim. (Fuentes, 1972, p.14) - Tradução livre.

Esse maniqueísmo do pensamento não é por acaso. Carlos Fuentes entende a relação de ódio do povo escravizado como um elemento intrínseco a escapar do destino violento a que eram levados. A partir dessa abordagem, e de diversas assertivas do escritor em relação aos augúrios de seus compatriotas, Carlos Fuentes se torna um dos primeiros escritores a abraçar o fantástico e o insólito como gênero e como elemento de denúncia dos horrores reais de seu povo.

Mais à frente, Fuentes cita e discorre brevemente sobre diversos escritores que ajudaram a formar o *Boom latino-americano* desse período, como Jorge Luis Borges, Mario Vargas Llosa, Alejo Carpentier, Gabriel Garcia Marques, Júlio Cortazar e Juan Goytisolo. Fuentes parece ter um apreço considerável acerca da literatura argentina do insólito, dando especial atenção as narrativas que falam sobre ditaduras e regimes autoritários, dedicando, inclusive, um capítulo desse texto a conexão entre o insólito e as ditaduras hispano-americanas.

Outros desses escritores do *Boom latino-americano* produziram textos teóricos acerca do fantástico, como Jorge Luiz Borges e Júlio Cortazar, mas não quero me estender em suas críticas, reservo este espaço para suas narrativas. Contudo, não posso deixar de citar que o avanço e a importância do *Boom latino-americano* aconteceram principalmente pelo empenho desses escritores em publicar suas narrativas na América Latina e na Europa, onde participavam ativamente da produção e divulgação de suas literaturas.

Voltando a abordagem teórica, Emir Rodriguez Monegal, pesquisador uruguaio que trabalhou por muitos anos na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, e estudou com atenção a literatura do *Boom latino-americano*, dedica uma considerável parte de sua crítica ao escritor argentino Jorge Luiz Borges. Monegal escreve uma biografia viva de Borges conforme o escritor produz e amplia seu horizonte narrativo, proporcionando ao estudioso um amplo material de análise e referência que ele usa como base para situar o fantástico na realidade sul-americana

No final do capítulo VI de seu texto mais consagrado, *Borges por él mismo* (1980), Monegal explica que, na narrativa borginiana, existe uma confusão programada entre a realidade e a ficção, um espaço onde a margem entre essas duas perspectivas está confusa, enuviada e, em muitas oportunidades, se confundem, criando um ambiente insólito. Ao criar esse ambiente inseguro, Monegal propõe a ideia de que os textos de Borges não intentam a uma explicação única dos eventos

narrados, mas sim uma insegurança quanto ao real, eis aí a hesitação fantástica.

Nenhuma explicação única é descrita aqui. Pretende-se apenas confirmar, com algum pormenor estilístico, uma intuição invasiva: aquela de uma identidade visível entre o mundo das ficções e o mundo que o seu inventor realmente habita; a intuição de que a realidade é para Borges um pesadelo, de que suas ficções (fantásticas ou realistas) são verdadeiras no sentido de que copiam uma realidade alucinada: a de seu autor. O que nos traz de volta ao *weltanschauung* já esboçado. (Monegal, 1980, p.156)<sup>1</sup> - Tradução livre.

O termo destacado, *weltanschauung*, foi cunhado pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey e pode ser traduzido como cosmovisão. Na abordagem de Monegal acerca de Borges, o termo é empregado no diálogo entre a realidade descrita nas narrativas do escritor argentino e na realidade que seu país passava, devido à forte violência política e policial dos regimes militares argentinos.

Para Monegal e muitos outros críticos do fantástico, boa parte das narrativas do insólito e do fantástico terão como enredo central a vivência civil durante esses regimes autoritários centro e sul-americanos, principalmente o argentino e o chileno. Monegal chega a pontuar, em determinado momento desse texto, que o fantástico serviu como inspiração e fuga desses escritores dos horrores que presenciavam.

Para não me alongar em demasia em Monegal, gostaria de trazer uma última citação do estudioso, onde ele aborda a percepção de Borges acerca dos procedimentos da narrativa fantástica, elencando quatro tópicos que identificam o insólito da América Latina.

Ao examinar a literatura fantástica em uma conferência proferida em Montevideu em 1949, Borges encontra quatro grandes procedimentos que se apresentam desde os tempos mais remotos e que permitem ao criador destruir não só o realismo da ficção, mas também a própria realidade. São eles: A obra de arte dentro da mesma obra, a contaminação da realidade pelos sonhos, a viagem no tempo e o duplo. (Monegal, 1980, p.145)<sup>2</sup> - Tradução livre.

Apesar desses quatro tópicos limitarem o alcance do fantástico e

<sup>1</sup> Aquí no se esboza una explicación única. Sólo se pretende confirmar, con algún detalle estilístico, una intuición invasora: La que una visible identidad entre el mundo de las ficciones y el mundo que habita realmente su inventor; la intuición de que la realidad es para Borges pesadillesca de que sus ficciones (fantásticas o realistas) son verdaderas en el sentido de que copian una realidad alucinada: la de su autor. Con lo que se vuelve a la **weltanschauung** ya esbozada. - Negrito do autor.

<sup>2</sup> Al examinar la literatura fantástica en una conferencia dictada em Montevideo em 1949, encuentra Borges cuatro grandes procedimientos que se presentan desde los primeros tiempos y que permiten al creador destruir no sólo el realismo de la ficción sino la misma realidad. Ellos son: La obra de arte dentro de la misma obra, la contaminación de la realidad por el sueño, el viaje en el tiempo, el doble.

posteriormente serem expandidos pelo próprio Borges, a percepção de Monegal acerca da literatura fantástica borginiana e, em extensão, da literatura fantástica ibero-americana, é muito importante para a construção da fortuna crítica do insólito, pois consegue emergir na realidade empírica os dogmas descritos nas narrativas dos escritores que se empenharam em transpor o fantástico europeu para o fantástico centro e sul-americano.

Avançando um pouco na crítica, vejamos alguns nomes que encontrei na busca por teóricos do fantástico hispano-americano. Temos o professor espanhol radicado em Cuba Manuel Pedro Gonzáles, que concorda com Monegal quanto à literatura de testemunho do insólito na América Latina, centralmente na Argentina, quando ele se espanta com a quantidade de textos que dialogam com o fantástico no país, em especial com os escritores argentinos Júlio Cortázar e Adolfo Bioy Casares.

María Luisa Cresta de Leguizamón, em um trabalho publicado em 1992 em uma coletânea de escritoras argentinas, traz a declaração da escritora Haydée Flesca sobre o gênero: “A literatura fantástica argentina do século XX mostra relações com a literatura fantástica universal. Revelam-se em Juana Manuela Gorriti, nos escritores dos anos 80 e naqueles que pressagiam o modernismo”. (Leguizamón, 1992, p.66)<sup>3</sup> - Tradução livre.

Ao citar uma das primeiras escritoras do fantástico a produzir fora do contexto europeu, Juana Manuela Gorriti, ainda no século XIX, Haydée Flesca demonstra que o fantástico tem raízes muito mais amplas do que o esperado e guarda, em seu arcabouço, uma fortuna literária que dialoga com tanto com o surgimento do modernismo quanto com as referências da literatura do período em que mais teve alcance.

A professora Mary Erdal Jordan pontua que o fantástico hispano-americano, ao trabalhar com o sobrenatural sobrepondo o real, causa o estranhamento não pelo afastamento do real, mas sim pela justaposição que provoca o desconforto, a possibilidade de existir algo inexplicável. Em um de seus textos, a pesquisadora pontua que esse desconforto, aliado à percepção do indescritível fantástico, é o que leva o leitor a se encantar pelo texto insólito e a reconhecer que é no medo do outro e de si mesmo que a narrativa cativa o leitor.

---

<sup>3</sup> La literatura fantástica argentina del siglo XX evidencia relaciones con la literatura fantástica universal. Ellas se ponen de manifiesto en Juana Manuela Gorriti, en los escritores del 80 y en los que presagian el modernismo.

Diferente da clássica hesitação todoroviana, Mary Erdal Jordan acredita que o fantástico sempre foi mais um fenômeno da linguagem do que um elemento estético criado primariamente para causar o medo. É mais um conjunto de realidades líquidas que movem o leitor a perceber a incerteza da realidade do que algo que assola e pode não fazer parte da vida daquele indivíduo.

A função do fantástico, tanto hoje como em 1700 [sic], embora por mecanismos muito diversos – e que indiquem as mudanças numa sociedade, nos seus valores, em todas as ordens – continua a iluminar por um momento os abismos do incognoscível que existem fora e dentro do homem, criando assim incerteza em toda a realidade. (Erdal Jordan, 1998, p. 111)<sup>4</sup> - Tradução livre.

A citação de Erdal Jordan é importante, pois sua perspectiva sobre o insólito não apenas reflete a mentalidade contemporânea, mas também revê a natureza transgressora da literatura fantástica em relação aos limites da realidade e à provocação da percepção do leitor. Isso destaca não apenas a importância do texto fantástico na compreensão da realidade do leitor, mas também sua relevância na iluminação tanto do indivíduo quanto da sociedade que o rodeia.

Outra pensadora no campo da literatura fantástica sulamericana é a professora peruana Susana Reisz de Rivarola, que explora a aceitação do elemento maravilhoso religioso como algo real para os personagens: “milagres são considerados e, conseqüentemente, apresentados como factuais, como realmente ocorreu, embora de acordo com uma causalidade diferente daquela natural, inacessível a partir das categorias naturais”. (Reisz, 2001, p.199)<sup>5</sup> - Tradução livre.

A estudiosa considera o elemento insólito religioso como indissociável da realidade de uma considerável parcela da sociedade. A partir desse olhar, o fantástico religioso teria um lugar de destaque nas narrativas do fantástico, não apenas por pertencer à realidade de um público amplo, mas também pelo histórico de desafiar a realidade produzida pelas histórias religiosas. Esse enfoque sugere que o fantástico religioso se enraíza profundamente na cultura e na experiência humana, tornando-se

---

<sup>4</sup> La función de lo fantástico, tanto hoy como en 1700 [sic], aunque a través de mecanismos bien diferentes – y que indican los cambios de una sociedad, de sus valores, en todos los órdenes – sigue siendo la de iluminar por un momento los abismos de lo incognoscible que existen fuera y dentro del hombre, de crear por lo tanto una incertidumbre en toda la realidad.

<sup>5</sup> los milagros son considerados y conseqüentemente presentados como fácticos, como efectivamente acaecidos, si bien conforme a una causalidad distinta de la natural, inabordable con categorías racionales.

uma força significativa dentro do gênero fantástico.

Partimos agora para um dos críticos do insólito ibero-americano mais estudados pela academia, o pesquisador e escritor argentino Jaime Alazraki. Alazraki é reconhecidamente um dos mais importantes divulgadores de conteúdo científico acerca do insólito que temos na América Latina. Seu trabalho foca nas obras de Júlio Cortázar e Jorge Luis Borges, mas sua maior contribuição, em minha perspectiva, é a terminologia neofantástico que o pesquisador emprega em suas análises.

Acho importante começar a demonstrar a importância de Alazraki para este trabalho através de seu texto *Que es lo neofantástico* (1990), publicado originalmente em 1990 na Universidade da Califórnia nos Estados Unidos, onde o pesquisador constrói uma crítica acerca do espaço de determinados gêneros literários em caixas definidas pelo período de publicação e por um gênero específico. Já na introdução desse ensaio, Alazraki pontua que definir uma obra fantástica unicamente pela presença do inexplicável é delimitar o espaço da narrativa em um lugar muito menor que seu real alcance.

Definir uma obra como literatura fantástica pela mera presença de um elemento fantástico é irrelevante; equivaleria a definir uma obra como tragédia apenas porque contém um ou mais elementos trágicos, ou a definir um conto pela brevidade de seu texto. (Alazraki, 1990, p.22)<sup>6</sup> - Tradução livre.

Alazraki é um dos primeiros a escrever de forma mais contundente que o espaço do fantástico não pertence a um gênero específico, mas sim ao emaranhado grosso da literatura, surgindo como um elemento em todos os gêneros. Apesar dessa percepção de Alazraki não ser original (o mesmo chega a citar a importância de Pierre Castex para sua construção analítica), reitero que é com Alazraki que o fantástico ganha um olhar mais contemporâneo e passa-se a ampliar a ideia do fantástico não como um elemento separado de outras literaturas, mas sim como ferramenta para causar o desconforto em qualquer gênero literário, até mesmo aqueles que permeiam o maravilhoso infantojuvenil.

Avançando em seu texto, encontramos algumas abordagens que revisitam teorias anteriores acerca do fantástico. Usando a percepção do sociólogo e pesquisador do fantástico francês Roger Caillois, Alazraki acredita que o fantástico

---

<sup>6</sup> Definir como literatura fantástica una obra por la mera presencia de un elemento fantástico es inconducente; equivaldría a definir una obra como tragedia solamente porque contiene uno o más elementos trágicos, o a definir un cuento por la brevedad de su texto.

surge na tentativa falha de explicação de determinado elemento pela ciência, só existe graças a essa hesitação causada pela indeterminabilidade do elemento.

Em um mundo domado pela ciência, a história fantástica abre uma janela para a escuridão do além - como um indício do sobrenatural -, e medo e calafrios escapam por essa abertura. Tal escalada não ocorre na história de Perrault e não pode ocorrer no reino do maravilhoso em geral, onde a ciência ainda é mais uma maravilha e a própria realidade não é menos mágica e maravilhosa do que a magia e as maravilhas que povoam os contos de fadas. (Alazraki, 1990, p.25)<sup>7</sup> - Tradução livre.

Essa citação é muito importante quando comparamos as literaturas fantásticas do século XVIII e XIX em conexão com as produzidas após o avanço da ciência e das tecnologias no século XX, pois demonstra que o fantástico avançou conforme a própria sociedade avançou, criando assim uma interessante percepção, que compartilho com teóricos contemporâneos e carrego em meus textos, de que o fantástico existe independente da sociedade que permeia, pois sabe que o medo e o insólito sempre vão causar o desconforto.

Alazraki, devido ao seu discernimento sobre essas nuances do insólito em relação aos avanços sociais e tecnológicos, se destaca como um dos pesquisadores mais influentes nesse campo. Ele reconhece o caráter ubíquo do fantástico, presente em todas as sociedades e gêneros literários, tornando sua abordagem indissociável das teorias modernas.

Avançando em seu texto, Alazraki pensa no fantástico como elemento vanguardista, questionador e rompedor de limites. Para o crítico: “A história neofantástica é sustentada pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial, pelos movimentos de vanguarda, por Freud e pela psicanálise, pelo surrealismo e existencialismo, entre outros fatores”.<sup>8</sup> (Alazraki, 1990, p.31) - Tradução livre.

Esse período de surgimento do neofantástico dialoga diretamente com as novas sociedades que vinham surgindo, fruto de violências incalculáveis e estudos que buscavam entender os novos indivíduos que vinham surgindo com esses

---

<sup>7</sup> En un mundo domesticado por las ciencias, el relato fantástico abre una ventana a la tinieblas del más allá – como una insinuación de lo sobrenatural -, y por esa apertura se cuelan el temor e el escalafrio. Tal escalafrio no se da en el relato de Perrault y no puede darse en el reino de lo maravilloso em general donde la ciencia es todavía una maravilla más y la realidad misma no es menos mágica y maravillosa que las magias y maravillas que pueblan los cuentos de hadas.

<sup>8</sup> el relato neofantástico está apuntalado por los efectos de la primera guerra mundial, por los movimientos de vanguardia, por Freud y el psicoanálisis, por el surrealismo y el existencialismo, entre otros factores.

movimentos. Não à toa, o terror ganha novas caras quando vai para o cinema, pois empresta dos medos reais para causar o terror com a ficção visual.

Outro tópico que considero importante nesse texto de Alazraki é como o autor pontua que o neofantástico fala sobre o medo vigente do leitor. Por exemplo, os textos da década de 1940-1950 que utilizam do fantástico falam, em grande parte, sobre ciência e sobre os possíveis terrores que ela pode causar graças a falhas inimagináveis e erros de cálculo que podem levar a um desastre. Já nas décadas de 1960 e 1970, acontece um retorno aos fantasmas e aos itens amaldiçoados, e assim por diante.

Apesar das temáticas fazerem um retorno a textos dos séculos XVIII e XIX, o ambiente em que o neofantástico é descrito e trabalhado é completamente outro, pois fala com o leitor da América Latina e dialoga com nossos medos reais, nossas lendas, nossos desejos e nossos horrores, daí a força desse neofantástico em trazer para as páginas dos livros o que a sociedade vivia naquele período.

Nesse contexto, é importante ressaltar que uma parcela significativa desses textos se situava no cenário de violência das ditaduras latino-americanas, especialmente durante meados do século XX, quando esses regimes eram mais proeminentes e cruéis. Isso foi particularmente evidente nos países da América Central, Argentina, Chile e Brasil. Não é coincidência que justamente esses países tenham testemunhado um aumento na produção de obras de literatura fantástica nesse período, pois o gênero permitia explorar de maneira única os medos e as angústias que assolavam essas sociedades sob regimes autoritários.

Gostaria de encerrar este tópico acerca de Alazraki com duas definições do fantástico que sua abordagem apresenta. A primeira é do próprio Alazraki, em uma entrevista para Cortázar, quando ele nos incita a pensar o fantástico como um elemento real, seres biológicos: “Para mim, o fantástico é a indicação repentina de que, fora das leis aristotélicas e de nossa mente racional, existem mecanismos perfeitamente válidos, em vigor, que nosso cérebro lógico não capta, mas que às vezes invadem e se fazem sentir”.<sup>9</sup> (Alazraki, 1990, p. 276) - Tradução livre.

E, por fim, a definição do dicionário digital do insólito ficcional brasileiro, onde o neofantástico é citado pela professora Roxana Guadalupe Herrera Alvarez:

---

<sup>9</sup> Para mí lo fantástico es la indicación súbita de que, al margen de las leyes aristotélicas y de nuestra mente razonante, existen mecanismos perfectamente válidos, vigentes, que nuestro cerebro lógico no capta pero que en algunos momentos irrumpen y se hacen sentir.

Alazraki aponta três características que distinguem as histórias neofantásticas das narrativas pertencentes ao fantástico tradicional através do tratamento dado à visão, intenção e modus operandi. O neofantástico vê a realidade como uma máscara sob a qual se esconde uma segunda realidade, que seria o cenário em que as narrativas se desenvolvem e seria também a zona de lucidez a partir da qual o escritor cria sua arte. A emergência de um acontecimento inusitado se entrelaça com as forças que sustentam a narrativa de tal forma que é impossível isolar o inusitado da situação cotidiana em que ocorre. Assim, a intenção da história neofantástica é causar inquietação e perplexidade no leitor por meio das situações inusitadas narradas, que constituem metáforas que buscam expressar o que está oculto sob o sistema científico que descreve o mundo e ao qual nos apegamos para explicar tudo. O modus operandi funciona na história neofantástica desde o início, pois o inusitado aparece nas primeiras linhas do texto incorporado ao cotidiano.<sup>10</sup> (Alvarez, 2019) - Tradução livre.

Passamos agora a considerar o teórico contemporâneo cujo texto é amplamente empregado e, na minha visão, de suma importância para o estudo do insólito na ficção. Trata-se do professor e crítico literário espanhol David Roas e seu trabalho intitulado *A ameaça do fantástico* (2014).

Nessa obra referência dos estudos acerca do fantástico contemporâneo, David Roas apresenta, a partir de seis artigos publicados entre 2001 e 2011 e compilados nesse livro, diversas definições acerca do gênero, desde suas fundações com Castex, Todorov e Nodier, que já vimos aqui, até os olhares mais modernos que dão forma para sua própria definição do fantástico.

Roas acredita e reafirma constantemente em seu texto que é necessária a presença de um elemento sobrenatural para que ocorra o efeito fantástico, característica essa não compartilhada por alguns estudiosos modernos, mas que é sustentada por Roas no decorrer desse texto. Roas pontua que é necessária uma desestabilização simbólica na comparação entre o real e o ficcional para que o leitor hesite e, assim, seja atingido pelo efeito fantástico, em resumo, é na quebra do horizonte de expectativa e da zona de conforto que ocorre o fantástico.

---

<sup>10</sup> Alazraki señala tres características que distinguen los relatos neofantásticos de las narrativas pertenecientes al fantástico tradicional por medio del tratamiento que se da a la visión, intención y modus operandi. El neofantástico ve lo real como una máscara bajo la que se oculta una segunda realidad, la cual sería el escenario en que se desarrollan las narrativas y también sería la zona de lucidez desde la cual el escritor crea su arte. El surgimiento de un hecho insólito se entremezcla con las fuerzas que sostienen la narrativa de tal modo que es imposible aislar lo insólito de la situación cotidiana en que ocurre. Así la intención del relato neofantástico es provocar inquietud y perplejidad en el lector por medio de las insólitas situaciones narradas, las cuales constituyen metáforas que buscan expresar lo que se oculta bajo el sistema científico que describe el mundo y al cual nos aferramos para explicarnos todo. El modus operandi funciona en el relato neofantástico desde el principio, pues lo insólito surge en las primeras líneas del texto incorporado a lo cotidiano.

O mimetismo do texto literário é questionado por Roas e passa de elemento comparativo e aproximado do real para um processo de reinterpretação e rompimento da expectativa do leitor — tanto no processo de leitura como nas suas impressões do que é a realidade. É, dessa forma, um efeito que desestabiliza o real como única forma de entendimento do mundo, deixando o sobrenatural e o real empírico em pés de igualdade.

Em ambos os casos, a realidade não é negada, evidenciando-se em vez disso — por caminhos diversos — que a percepção que temos dela é feita através de representações verbais, o que implica assumir a artificialidade de nossa ideia sobre a realidade e, por extensão, sobre nós mesmos. Questionamos nosso conhecimento. (Roas, 2014, p.105)

Questionar o conhecimento é, em minha percepção, o principal elemento da proposta de análise de Roas acerca do fantástico, pois é com esse olhar que rompe a margem da resiliência entre real e ficcional que o fantástico causa o medo e o desconforto, é nas margens de nossa zona de segurança intelectual que ela atua e, com os devidos mecanismos e ferramentas, consegue reinterpretar a realidade pelas lentes do sobrenatural.

A partir desse olhar, Roas acredita que a literatura fantástica fala mais sobre o que sabemos do que sobre o que está à margem de nossa intelectualidade. O fantástico como o teórico espanhol apresenta surge e acontece nessa margem cuja existência, muitas vezes, negamos por não compreendermos em completude o que acontece naquele espaço de irracionalidade.

A literatura fantástica nos revela a falta de validade absoluta do racional e a possibilidade da existência de uma realidade diferente e incompreensível. Em última instância, a literatura fantástica manifesta a validade relativa do conhecimento racional, iluminando uma zona do humano onde a razão está condenada a fracassar. (Roas, 2014, p.32)

Com essa percepção colocada, devo explicar por que coloquei David Roas no tópico acerca da literatura sul-americana e não nas teorias basilares. Para explicar essa escolha, recorro a uma citação do próprio Roas: “Para definir o fantástico é necessário contrastar o mundo do texto com o contexto sociocultural em que vive o leitor. O discurso fantástico é, como alerta Roberto Reis, um discurso em relação intertextual constante com esse outro discurso que é a realidade, entendida como construção cultural.” (Roas, 2014, p.121)

Acredito que o fantástico trabalhado por Roas dialoga tanto com o fantástico sul-americano produzido durante as ditaduras dos países colonizados como com o fantástico produzido na Europa e nos Estados Unidos. Contudo, há, no texto de Roas, um apelo às realidades sul-americanas no trato com o fantástico muito mais intenso do que no contexto estadunidense e europeu de narrativa fantástica, mesmo que ele não ignore os textos basilares, usando, inclusive, Lovecraft para afirmar a recorrência do medo na narrativa fantástica.

Roas aponta que uma das funções do fantástico é a mesma desde 1700, causar o medo, mas os mecanismos são diferentes. Assim, a principal função do fantástico: “continua sendo a de iluminar por um instante os abismos do incognoscível que existem dentro e fora do homem, de criar assim uma incerteza em toda a realidade.” (Roas, 2014, p.74)

Com essa função, David Roas apresenta um estudo sobre o fantástico que não ignora nenhuma realidade, ao contrário, torna a realidade um elemento do sobrenatural, pois fala do indivíduo como função central do efeito fantástico. Roas não ignora o insólito, mas sim o traz para um lugar em que o leitor se confunde e fica desconfortável por perceber que não está mais em uma realidade sólida. Além disso, Roas pontua que o medo causado pela narrativa fantástica está, na maior parte das vezes, no próprio leitor, nas próprias margens de realidade que a narrativa leva esse leitor a perceber não serem tão estáveis.

Finalizo este tópico acerca de David Roas com uma citação que resume sua abordagem teórica acerca do fantástico:

o que se depreende de todas essas novas perspectivas é uma ideia coincidente: a realidade deixou de ser uma entidade ontologicamente estável e única, passando a ser contemplada como uma convenção, uma construção, um modelo criado pelos seres humanos (até um simulacro, como diria Baudrillard). Torna-se evidente que já não se pode conceber (reconstruir) um nível absoluto de realidade, um critério definitivo ou infalível dela. (Roas, 2014, p.86)

### 1.3. A produção nacional

O gênero fantástico começou a se manifestar na literatura brasileira no século XVIII, mas foi principalmente no século XIX que começaram a surgir narrativas que exploravam elementos do gótico e do horror europeu, dando origem a um esboço da literatura fantástica nacional. Alguns exemplos notáveis incluem o conto "O Imortal"

(1882) de Machado de Assis e "A Luneta Mágica" (1869) de Joaquim Manuel de Macedo. Embora a quantidade de narrativas do gênero fantástico fosse modesta nesse período, a simples tentativa de empregar esse gênero literário já representava um desafio considerável para o público leitor da época, dada a falta de familiaridade com esse estilo.

É apenas em meados do século XX, com *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, *A hora dos Ruminantes* (1966), e José J. e o *Boom* sul-americano para alavancar suas produções, que o fantástico brasileiro começa a ganhar força e espaço tanto com o público leitor como com a crítica literária.

Logo, criou-se um espaço de análise e crítica que antes não existia no Brasil. Algumas revistas acadêmicas, suplementos literários, e editoras encontraram nesse espaço um novo nicho e, com isso, vimos um avanço nas críticas que tangem as narrativas da literatura fantástica.

Com essa perspectiva inicial, gostaria de dividir a crítica a literatura fantástica no Brasil em três tópicos; O primeiro deles para falar dos suplementos literários, em seguida os estudiosos que fazem um levantamento das críticas do fantástico europeu e, por fim, os teóricos mais modernos, que revisam essas teorias e constroem um diálogo com uma crítica nacional.

Dois suplementos literários foram mais relevantes para essa constituição da crítica literária do fantástico no Brasil, primeiro o *Suplemento Literário do jornal do estado de Minas Gerais* (1966-1944), comandado por um dos mais importantes escritores do fantástico do Brasil, Murilo Rubião, e o *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo* (1956 a 1974), por seu alcance e relevância para a literatura nacional como um todo.

Diversos críticos literários, escritores e professores publicaram textos sobre o fantástico nesses suplementos. Apenas como molde de exemplificação temos a professora, crítica literária e uma das maiores especialistas sobre literatura hispano-americana do Brasil, Bella Josef, a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, o também jornalista Duílio Gomes, além de Elias José, Lais Correa de Araújo, Nilo Scalzo, Rui Mourão, Temistócles Linhares, Wilson Martins e outros que não vou explorar nesse momento pois já trabalho com eles no capítulo sobre os suplementos literários desse trabalho.

É importante destacar o papel desempenhado por dois críticos cujo trabalho exerceu uma influência fundamental na crítica literária nacional relacionada a literatura

fantástica, especialmente através de suas contribuições nos suplementos literários. Esses críticos são Almeida Fischer e Nelly Novaes Coelho. A escolha desses dois autores se deve não apenas à sua atuação em ambos os suplementos, mas também à relevância que desempenharam no cenário jornalístico brasileiro durante o regime militar, um período em que se observou um notável aumento na publicação de obras do gênero fantástico.

Nelly Novaes Coelho pensa no fantástico brasileiro como dependente do europeu em diversas escalas. Uma visão ainda simplista da produção nacional, mas que não é tratada como menos importante: “se desenvolve através de um “estranhamento inquietante” que invade a personagem, ao se ver aprisionada por um absurdo acontecimento, que eclode subitamente em meio ao seu mundo cotidiano, familiar, tranquilo, prosaico e ali se instala irreduzivelmente.” (Coelho, 1976, p.9)

É evidente que a obra de Coelho reflete uma compreensão que dialoga tanto com as perspectivas de Tzvetan Todorov apresentadas poucos anos antes quanto com críticas posteriores que enfatizam a integração do fantástico como um elemento genuinamente relacionado à realidade empírica. Assim, apesar da autora reconhecer a influência da literatura europeia no gênero, ela também destaca a singularidade do fantástico como um elemento intrínseco à literatura brasileira.

Não à toa, Nelly Coelho aponta a similitude entre o *boom latino-americano* com a vanguarda literária do fantástico sul-americano. A crítica pontua que:

Podemos compreender que o “boom” latino-americano, principalmente na linha do fantástico de um Cortázar, não representa o quid diferenciador da literatura hispano-americana, mas sim a literatura correspondente a um dos vários níveis culturais que coexistem na América Latina – exatamente aquele decorrente do estreito contato pessoal e cultural de seus autores com a Europa-berço-da-civilização, hoje envelhecida. (Coelho, 1976, p.8)

Ademais, Nelly Novaes Coelho acaba concordando com muitos estudiosos modernos no que tange a evolução do fantástico para uma temática particular sul-americana, em especial brasileira nesse caso, onde o insólito deixa de lado os esquemas góticos europeus e as tradições que não dialogam com nossa realidade, para tratar dos medos regionais, as metáforas deixam de fazer significado para o outro e se vira para nós, para os leitores daqui.

Por outro lado, Almeida Fischer trata estritamente o fantástico todoroviano como um elemento crítico que ultrapassa muitos limites ao tentar abranger toda uma

literatura em pequenos núcleos estéticos e objetivos: “As teorizações do discutido autor, bastante inteligentes e ambiciosas, vão longe demais, porém, a ponto de se tornarem inacessíveis, a meu ver, em várias de suas colocações de extrema sutileza, apoiadas em especulações de um inelutável subjetivismo interpretativo que ele próprio condena em passagens do livro.” (Fischer, 1974)

A partir da década de 1990, começaram a surgir críticas mais contundentes em relação às abordagens de Todorov sobre o fantástico. Almeida Fischer se destacou ao adotar uma perspectiva que se opunha à estruturação proposta pelo linguista franco-búlgaro desde meados da segunda metade do século XX. Esse olhar crítico se alinha de maneira mais congruente com a literatura fantástica brasileira, que, nesse período, deixava de adotar tantos elementos do fantástico europeu. Em vez disso, a literatura fantástica brasileira passou a abraçar uma abordagem mais alegórica, que estava sendo construída de forma singular no contexto brasileiro.

Almeida Fischer chega a escrever um trecho se desculpando dessa divergência com o principal teórico do fantástico do período, o que soa tanto como um “minha culpa” como uma abordagem desafiadora.

Tenho o maior respeito pelas teorizações de Tzvetan Todorov, Louis Vax e outros estudiosos do fantástico na literatura. Acontece que, para mim, literatura é arte da palavra, é uma elaboração estética de autoria de alguém que tenha condições para realizá-la. Folclore, por exemplo, é uma manifestação da cultura popular, bastante importante, mas não é literatura, na minha modesta opinião. Basta essa minha opinião em face da literatura fantástica para aprofundar as divergências que tenho, que são de vários tipos, com os principais teorizadores do assunto. (Fischer, 1983, p.9)

Logo, o professor e teórico do fantástico torna-se um exemplo de estudioso que trata o fantástico como um elemento intrínseco à realidade. Ele antecipa diversas abordagens que surgiriam algumas décadas depois, ao considerar o fantástico como: “uma projeção humana de dentro para fora, se é que assim se pode dizer, que se manifesta nos estados oníricos ou de perturbação mental.” (Fischer, 1974). Seu olhar acerca do fantástico vai falar que os horrores e os medos presentes nessas narrativas são um simulacro da realidade de cada leitor, por isso causam o desconforto e a reflexão.

Destaco ainda que, além de produzir críticas e fomentar discursões acerca da literatura fantástica brasileira, os suplementos literários foram de imensa importância

na divulgação de novos escritores e de novos olhares acerca do gênero fantástico, principalmente no que tange às críticas que dialogam muito mais com o público leitor nacional do que o estrangeiro, como era preponderante até meados do século XX.

Outra autora que faz uma revisão do arcabouço teórico europeu e estadunidense acerca do fantástico é Ana Luiza Silva Camarani, em seu texto *Literatura fantástica: Caminhos teóricos* (2014). Nesse texto, a professora constrói um longo arcabouço teórico onde pontua que: “A narrativa fantástica, pelo contrário, gosta de nos apresentar, habitando o mundo real onde nos encontramos, homens como nós, postos de súbito em presença do inexplicável. O fantástico nutre-se dos conflitos do real e do possível.” (Camarani, 2014, p.43)

Sua colocação, que é revisitada em várias oportunidades no decorrer do texto, dialoga com as teorias mais contemporâneas sobre o gênero, chegando a compartilhar com David Roas um olhar do fantástico como uma ambiguidade constante no processo de leitura. Para a autora: “A narrativa fantástica caracteriza-se ao mesmo tempo pela aliança e pela oposição que estabelece entre as ordens do real e do sobrenatural, promovendo a ambiguidade, a incerteza no que se refere à manifestação dos fenômenos estranhos, insólitos, mágicos, sobrenaturais.” (Camarani, 2014, p.7-8)

Para chegar a essa colocação, Camarani trabalha a partir de quatro tópicos: *Reflexões teóricas e críticas precursoras*, onde a estudiosa usa as mesmas referências de Todorov para trazer a gênese das críticas sobre o fantástico como elemento referencial; *Textos fundadores*, onde Camarani explora os principais nomes da crítica literária do insólito, como Louis Vax, Roger Caillois, Irene Bessière e, com maior ênfase, Tzvetan Todorov; *A evolução da teoria*, quando a estudiosa já aproxima da contemporaneidade as análises literárias e mostra alguns rompimentos em direção a análises mais regionalizadas do fantástico e, por fim, *Teoria e crítica no Brasil*, onde Camarani faz apenas uma rápida exploração de José Paulo Paes e Selma Calasans Rodrigues.

O texto de Camarani, além de trazer dezenas de teorias e revisar algumas delas, ainda cria sua própria percepção do que foi e do que vem sendo o fantástico em suas mutações. A autora pontua que o fantástico, ao agregar outros cenários e outros públicos além dos pensados nos séculos XVIII, XIX e XX, consegue migrar entre os diferentes cenários, mas, a cada migração, se reconstrói como um novo elemento, pois, como qualquer literatura, dialoga com seu tempo e seu espaço. Nas

palavras da pesquisadora:

apesar do grande número de estudos teóricos, alguns bastante recentes, há certa flutuação no que se considera como narrativa fantástica no sentido estrito do termo, isto é, uma modalidade literária muito bem definida. Essa oscilação pode ser explicada pelos traços comuns existentes entre o romance gótico, a narrativa fantástica e o realismo mágico, uma vez que essas três modalidades exigem, em sua construção, duas configurações discursivas diversas: a realista e a não realista, na qual o sobrenatural ou insólito se manifesta. Contribui para dificultar essas distinções a questão do desenvolvimento do fantástico a partir do século XX, indicado como fantástico atual, contemporâneo ou neofantástico. (Camarani, 2014, p.7)

Entramos, então, no último tópico deste subcapítulo, onde exploro rapidamente quatro autores que constroem novas teorias sobre o fantástico ao revisitar análises anteriores e dialogar com o contemporâneo. Começando com Roberto de Souza Causo que, apesar de falar mais sobre ficção científica do que sobre o fantástico, possui uma fortuna crítica importantíssima para este trabalho.

As novas regras de nosso mundo multicultural nos obrigam a compreender outras culturas como soluções igualmente válidas de existência social e de cognição da realidade. [...] Os novos fenômenos aglutinam o duplo desafio representado por esse “fantástico” que confronta tanto o paradigma da percepção da realidade quanto o paradigma literário do mero efeito de estranhamento. (Causo, 2003, p.28)

Roberto de Souza Causo é um pesquisador, jornalista e editor que se dedica ao terror e à ficção científica produzida no Brasil. Seu texto de maior alcance, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil – 1875 a 1950* (2003), faz um levantamento do insólito na literatura brasileira que explora tanto os romances como as fanzines, as revistas *Pulp* e as produções regionais isoladas.

Com essa abordagem, Roberto de Souza Causo é um pioneiro das letras nacionais ao mostrar que o fantástico percorre espaços díspares na produção brasileira, que vai desde o grande público metropolitano até os nichos mais específicos, como a literatura produzida e permeada nos ambientes rurais, a partir da oralidade, e as produções de fãs para fãs, como as revistas de emoção.

Causo aponta que essas narrativas desafiam o estabelecido por uma ordem realista e exploram os espaços de questionamento do indivíduo: “No centro dessas narrativas está a tentativa de criar realidades alternativas que vem relativizar a nossa própria. Exatamente o que tenta fazer a literatura especulativa – especular sobre a realidade, fornecendo paradigmas que relativizam as compreensões estabelecidas.”

(Causo, 2003, p.34)

A partir dessa perspectiva, o pesquisador indica que, ao chegar no Brasil, a literatura fantástica ganhou novos vieses e novas percepções ao se deparar com nosso espaço geográfico. Causo acredita que o importante choque de realidade com um ambiente que não dialoga com a sombria e cinzenta atmosfera europeia dos séculos XVIII e XIX foi um dos elementos centrais para a construção de uma identidade nacional dessa literatura.

O pesquisador é particularmente bem-sucedido ao demonstrar a fortuna de nossa flora e de nossa fauna como elementos constantes de escrita desses autores da nossa literatura especulativa inaugural. Pontua ainda que uma considerável parte dessas narrativas trazia como referência uma reconstrução dessa imagem espacial, em um subgênero ditado como “mundo perdido”. Esse subgênero da ficção científica, que ficou famoso com Júlio Verne e suas aventuras em vários lugares quase inacessíveis da Terra, como o fundo do mar e o centro do planeta, recebeu, no Brasil, um importante impulso graças ao gigantismo do país e de suas várias geografias ainda desconhecidas naquele período. Nas palavras do pesquisador: “A análise dos romances nacionais de mundo perdido dá substância à hipótese de que esse subgênero encontrou maior ressonância entre nós, por conta da imensidão e do exotismo do nosso próprio território nacional.” (Causo, 2003, p.190)

Apesar dessa característica, o texto de Causo deixa claro que a literatura especulativa nacional existiu em um período muito específico e muito curto nos ambientes mais amplos, chegando a quase desaparecer no final do século XIX até meados do século XX, com diversas tentativas de revitalização, mas nunca alcançando patamares além dos pequenos grupos de leitores do gênero ficção científica.

Apenas na década de 1980, a ficção especulativa ganha um novo fôlego no Brasil. Graças à globalização e ao acesso de material estrangeiro, principalmente estadunidense, a produção nacional volta a ter força, mas, no olhar de Causo, de que compartilho, com bem menos força e usando muito mais a ambientação e as formas estrangeiras do que a nacional:

Apenas no início da década de 1980 é que a ficção especulativa sofre um renascimento no Brasil, desta vez brotando da vontade dos leitores fiéis, que começaram a se reunir em clubes, publicando fanzines, organizando encontros e, inevitavelmente, se metendo também a escrever. Mas agora a

influência estrangeira era absoluta, e a Geração GRD<sup>11</sup> permanecia como uma tentativa um tanto pálida de se criar um movimento nacional de ficção especulativa duradouro. (Causo, 2003, p.292)

Roberto de Souza Causo é um dos pioneiros da pesquisa de ficção científica no Brasil e, infelizmente, muito pouco referenciado, sua pesquisa é rica e traz um histórico da literatura brasileira muito pouco pesquisada, mas que, como qualquer literatura, fala mais sobre o país do que a história realmente permite conhecermos.

O próximo nome que destaco nesta lista é o de alguém a quem tenho grande apreço, pois foi fundamental na estruturação e desenvolvimento rigoroso de minha pesquisa de mestrado e doutorado. Trata-se da professora e pesquisadora da USP, Irlemar Chiampi, e sua notável contribuição na sistematização do fantástico maravilhoso ibero-americano.

Chiampi trata o fantástico produzido nos países da América Latina a partir de um novo termo, realismo maravilhoso, onde destaca a própria realidade do continente como um elemento insólito e, dessa forma, único em sua forma de interagir com o público leitor.

Nesse percurso, Chiampi destaca como a realidade dos países colonizados pela Europa na América Latina moldou o fantástico importado de seus colonizadores e criou uma literatura que dialoga com outras verdades, senão as trazidas pelo estrangeiro: “O real maravilhoso americano: a união de elementos díspares, procedentes de culturas heterogêneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental.” (Chiampi, 2015, p.32)

Nos capítulos seguintes, Chiampi explora a conexão entre os elementos fantásticos e a realidade comunal das milhares de culturas que cercam o terreno ibero-americano. Nesse impulso em tratar do fantástico como elemento histórico-cultural, a pesquisadora pensa o mágico não como um elemento de estranhamento, graças a seu caráter muitas vezes insólito, mas sim como um elemento complexo de compreensão da realidade dessas sociedades: “Assim, o realismo mágico veio a ser um achado crítico-interpretativo, que cobria, de um golpe, a complexidade temática (que era realista de um outro modo) do novo romance e a necessidade de explicar a passagem da estética realista-naturalista para a nova visão ‘mágica’ da realidade.”

---

<sup>11</sup> Coleção clássica e controversa de editoração e publicação de obras do fantástico, do terror, da ficção científica e de subgêneros correlatos produzidos no Brasil a partir de 1948. GRD – Gumercindo Rocha Dorea

(Chiampi, 2015, p.19)

Chiampi não ignora as realidades que não podem ser explicadas pela ciência e trata o maravilhoso sul-americano como real para quem compartilha dessas culturas milenares. A pesquisadora se empenha em pontuar que não é lugar do estrangeiro tentar explicar o que acontece em uma outra cultura para seus viventes, mas sim do próprio indivíduo pensante e social desses espaços destacar o que é realidade, mesmo que, para isso, seja necessário entrar em um espaço insólito:

A intenção evidente é deslocar a busca imaginária do maravilhoso e avançar uma redefinição da sobre-realidade: esta deixa de ser um produto da fantasia – de um “dépaysement” que os jogos surrealistas perseguiam – para constituir uma região anexada à realidade ordinária e empírica, mas só apreensível por aquele que crê. (Chiampi, 2015, p.36)

O olhar de Chiampi muitas vezes pode ser confundido com uma percepção religiosa dos fatos, onde a crença circunscreve a realidade a fim de um objetivo, mas não compartilho com essa ideia, acredito que Chiampi pensa em uma não separação do fantástico com a realidade graças a dimensão colossal das culturas da América Latina. A partir desse pensamento: “O maravilhoso difere radicalmente do humano: é tudo o que é produzido pela intervenção dos seres sobrenaturais. Aqui, já não se trata de grau de afastamento da ordem normal, mas da própria natureza dos fatos e objetos.” (Chiampi, 2015, p.48)

Por fim, meu olhar sobre a teoria de Chiampi é de que a autora tem tentado entender a literatura fantástica sul-americana a partir de uma abordagem regional, com uma separação clara do pensamento estrangeiro e sem ignorar as realidades geográficas e históricas desses países.

É relevante mencionar a contribuição de um dos teóricos mais prolíficos no estudo da literatura fantástica brasileira, o Professor de Teoria Literária da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Júlio França. Utilizando o gótico como ponto de partida, o Professor Júlio França tem se dedicado a analisar e compreender o insólito nas obras literárias nacionais, enriquecendo nosso entendimento sobre o que tem constituído o fantástico no Brasil.

Seu interesse inicial pelo gótico vem da tradição que o gênero tentou consolidar em solo nacional, apesar de trazer, em seus traços primordiais, a cultura europeia em sua estrutura. Apesar dessa característica, o pesquisador universaliza o olhar sobre o gótico ao sobrepor a realidade empírica com a realidade ficcional, criando um

microcosmo de fragilidade do indivíduo frente ao imparável avanço científico e ao papel do homem no fazer do universo. Em um texto publicado no XV congresso da Abralic, o professor Júlio França explica com mais detalhes esse olhar:

O Gótico consolidou-se como uma tradição artística que codificou um modo de figurar os medos e de expressar os interditos de uma sociedade. O que se chama de literatura gótica é, pois, a convergência entre uma percepção de mundo desencantada – com as cidades modernas; com o futuro que o progresso científico nos reserva; com o papel insignificante do homem no cosmos; com a própria natureza dessacralizada do homem – e uma forma artística estetizada e convencionalista (França, 2016, p.2492)

Apesar de ter iniciado sua pesquisa a partir da perspectiva gótica, foi nos seus grupos de estudo, colaborações de pesquisa e no seu constante interesse e dedicação para produzir publicações sobre o fantástico que acredito ser essencial destacar a sua relevância para o cenário da pesquisa acadêmica do fantástico no Brasil.

O último texto que trago para este momento intitula-se *A literatura fantástica: gênero ou modo* (2013), da professora Marisa Martins Gama-Khalil, atual líder do GT da ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Nesse estudo, a pesquisadora realiza uma análise comparativa das abordagens teóricas da literatura fantástica, explorando tanto sua categorização como gênero quanto como modo literário. Destaca ainda as especificidades e semelhanças entre essas duas vertentes, visando a oferecer olhares sobre seu impacto e relevância no cenário literário e crítico contemporâneo.

A pesquisadora inicia com uma referência a Tzvetan Todorov, cujo texto inaugura as teorias modernas sobre a literatura fantástica, destacando sua perspectiva de enquadrá-la como gênero. Em seguida, são examinados os olhares de outros estudiosos, como o professor português Filipe Furtado, que endossa essa concepção do fantástico como gênero literário, e o trabalho de David Roas, cujas contribuições são eminentes no cenário crítico contemporâneo.

Na segunda parte desse trabalho, a pesquisadora traz alguns teóricos que pensam a literatura fantástica como um modo literário. Entre esses pesquisadores estão Irene Bessière, que acredita que o fantástico, como modo literário, se constrói nos atos de incerteza, indiferentemente ao gênero em que esteja inserido.

Nas palavras finais desse trabalho, Gama Khalil apresenta seu olhar, que pende para o fantástico como modo literário, demonstrando uma percepção alinhada às abordagens mais contemporâneas da pesquisa referente à literatura fantástica.

Por esse motivo, acredito ser mais viável considerar a literatura fantástica como um “modo”. Caso se parta de um mirante que considera seu enquadramento por intermédio do gênero, reduzimos o ponto de alcance de uma vasta literatura que fratura a realidade e se ergue como uma estética em que a incerteza é a base de criação, literatura essa que existe desde os primórdios, fruto do imaginário dos seres humanos. (Gama Khalil, 2013, p.30)

Optei por destacar, neste capítulo, aquelas abordagens teóricas com as quais tive mais contato em minha trajetória como aluno e pesquisador do fantástico, mas preciso pontuar que outros caminhos surgem diariamente e que esse trabalho de arcabouço teórico é apenas um exemplo a fim de o leitor se situar no trato com a leitura. Também deixei alguns nomes para uma exposição mais ampla nos capítulos seguintes, especialmente aqueles que tratam de tópicos específicos, como a editoração e a formação de leitores.

Por fim, acredito que a pesquisa acadêmica acerca da literatura fantástica tenha passado por uma expansão considerável com o advento da internet mais acessível. Se antes a pesquisa estava fechada a um pequeno núcleo universitário, hoje vemos centenas de grupos de pesquisa tanto nas universidades como em fóruns e revistas eletrônicas que, de uma forma ou de outra, ajudam a entender o lugar desse fantástico em nossas realidades.

## 2. A LITERATURA FANTÁSTICA BRASILEIRA

### 2.1. Antecedentes históricos

Após considerar, no capítulo anterior, a crítica do fantástico e os diversos aspectos que ela atravessou durante os séculos XIX, XX e XXI, este capítulo aborda as raízes literárias do fantástico e como essas referências chegaram aos autores brasileiros.

Início com autores canônicos, como Edgar Allan Poe e H.P. Lovecraft, e avanço até os textos de nossos vizinhos da América Central e do Sul, como Carlos Fuentes e Júlio Cortázar. O objetivo é construir um percurso literário de referências que influenciaram nossos escritores, destacando o processo de desvencilhamento parcial dessas influências e a criação de uma literatura fantástica brasileira.

Embora as raízes do fantástico no Brasil possam não ser tão robustas quanto as observadas na Europa e nos Estados Unidos, isso não diminui sua relevância na formação da trajetória literária nacional. As manifestações do fantástico, mesmo em menor extensão, desempenharam um papel significativo na construção da história de nossa literatura. Tais expressões foram visíveis tanto nas experiências narrativas dos folhetins e revistas literárias, como na publicação de textos em jornais e editoras de menor porte. O fenômeno do fantástico sempre esteve presente, ressaltando-se em momentos de maior efervescência, como durante o período do regime militar, e persistindo em enfrentar desafios para manter-se presente na produção literária durante períodos de resistência ao gênero.

Percebo que o fantástico, uma vez imerso no contexto literário de um país, torna-se intrincado de tal modo que não pode se desvencilhar ou ser excluído de forma autônoma. Ele estabelece um diálogo com um público que encontra em suas páginas uma maneira diferente de enxergar o mundo, algo que outras narrativas e formas artísticas não conseguem replicar da mesma maneira. O fantástico explora um aspecto da experiência humana que transcende a simples explicação racional e penetra no domínio do insólito. É nesse entrelaçamento entre o leitor e o extraordinário que surge o interesse pelo fantástico, culminando em sua expansão prolífica na literatura nacional.

O Brasil é um país muito rico para o fantástico, pois carrega consigo não só a

história de milhares de povos e de culturas do mundo todo, como a história dos povos originários e de suas mitologias. Quando falamos de Brasil e de cultura brasileira não é possível destacar um exemplo singular e uníssono do fantástico, pois somos múltiplos e estamos em constante mudança.

A geografia de nosso país ajuda a expandir essa noção, seja nos pampas gaúchos, onde muita literatura fantástica foi produzida durante o século XX, vide os vários textos de Moacyr Scliar durante meados de 1960 e 1980, seja nos rincões de Goiás e de Minas Gerais, com José J. Veiga e Murilo Rubião, ou nas floresta fechadas da Amazônia e do norte do país, a riqueza geográfica do Brasil sempre foi elemento central na construção de nossa identidade, não à toa, uma das primeiras narrativas a flertar com o fantástico nessas regiões seja *Macunaíma* (1928), Mario de Andrade.

Entretanto, antes de Mario de Andrade destacar nosso fantástico originário, a narrativa fantástica brasileira já havia avançado em nossas letras com outros autores, cujas obras discorrerei brevemente. Destaco *Noite na taverna* (1855), de Alvarez de Azevedo, possivelmente o texto canônico mais reconhecido do gótico brasileiro; *Paulo* (1861), de Bruno Seabra; *A luneta mágica* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo; *O Imortal* (1882), de Machado de Assis; e *A rainha do ignoto* (1899), de Emília Freitas, considerado o primeiro texto fantástico produzido por uma mulher no Brasil.

*Noite na taverna* talvez seja o maior exemplo de um texto fundador do fantástico nacional. Publicado em 1855, o texto de Alvarez de Azevedo conversa com a realidade a partir das regras do gótico e, com características que pouco dialogavam com a literatura brasileira do período, foi recebido com aversão pela crítica nacional, como explica o professor Júlio França:

De modo geral, a lúgubre prosa ficcional de Azevedo foi descrita, pela crítica literária brasileira dos séculos XIX e XX, como um acidente sem continuidade em nossa literatura – um caso de imitação imatura de modelos literários feita por um escritor ainda em formação. Os elementos góticos de sua obra foram identificados como tendo por causa sua personalidade melancólica, e, como consequência, sua alienação dos temas pungentes da realidade nacional. [...] Uma obra como *Noite na Taverna*, quando é lida sem a mediação das convenções literárias (góticas) com as quais dialoga, e é confrontada com a pedra de toque do programa artístico do nacionalismo literário romântico, torna-se um berrante ponto fora da curva da unidade narrativa da historiografia da literatura brasileira. (França, 2017, p.114)

A percepção da crítica do período é compreensível, dados os mecanismos e as ferramentas que os estudiosos tinham para avaliar uma obra literária. O pouco acesso ao material estrangeiro, as referências ainda escassas e um público leitor

diminuto proporcionavam um ambiente de complexa inserção do fantástico no ambiente literário e, por consequência, na crítica especializada.

A maior parte das apreciações durante o século XIX permeia a proposta trazida pela citação do professor Júlio França, como uma literatura fora da curva e, em alguns casos, tratada como um erro estético. É somente em meados do século XX que a crítica especializada reavalia o texto de Álvares de Azevedo e reconhece a devida importância de sua obra para a literatura brasileira.

O texto *Paulo* (1861), de Bruno Seabra, está em domínio público e pode ser facilmente encontrado para leitura. O enredo trata de questionamentos existenciais, dúvidas políticas e a relação entre pai e filho nas escolhas da vida. O insólito é ainda muito peregrino e surge em raras ocasiões. Há, nesse texto e em muitos que experimentaram com o fantástico nesse período, uma espécie de vergonha e receio em entrar na seara do sobrenatural.

Por outro lado, alguns escritores desse período já desafiavam as convenções de forma direta, como é o caso de Joaquim Manuel de Macedo com *A luneta mágica* (1868), obra onde o escritor insere um objeto mediador sobrenatural na narrativa sem que seu funcionamento seja questionado.

Simplício, protagonista da trama, tem um problema grave de miopia. Na busca por algo que possa ajudá-lo, o personagem entra em contato com um mágico, Armênio, que entrega a ele uma luneta mágica através da qual ele pode ver o mal de uma pessoa se olhar por mais de três minutos para ela, e o futuro da mesma se passar dos treze minutos. Simplício acaba quebrando a luneta com o tempo ao ver o mal em todas as pessoas e recebe outra, dessa vez tendo o poder de olhar para o bem das pessoas, mas acaba a quebrando também. Por fim, Simplício sobe o corcovado para se suicidar após ser enganado várias vezes, mas é salvo e recebe a luneta do bom senso.

A narrativa, que tem como ponto de vista o olhar juvenil do protagonista, não questiona a verossimilhança do elemento sobrenatural, ao contrário, trata o mecanismo como ferramenta para juízos de valor e questionamentos éticos. O insólito é tratado como instrumento de regra social e fundamenta uma estética que foi muito comum na literatura, principalmente na infantojuvenil, com os contos de advertência.

Diferente dessa forma de apresentar o insólito, apenas como um elemento a fim de uma lição que o leitor pode tirar dele, o cânone da literatura brasileira, Machado de Assis, flertou com mais intensidade com a narrativa fantástica durante o século

XIX. Contos como *A chinela turca*, publicado na revista A Época, em 1875; *Sem olhos*, publicado no Jornal das Famílias em 1876; *O imortal*, publicado em seis partes na revista A Estação em 1882; além de um de seus romances mais consagrados, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), são apenas alguns exemplos do flerte de Machado de Assis com o fantástico.

O texto machadiano conversa bastante com duas concepções do fantástico levantadas posteriormente por Lovecraft e Todorov, a noção do medo e a noção da hesitação. A pesquisadora e professora Valdira Meira Cardoso de Souza, em um artigo que versa sobre a narrativa fantástica de Machado de Assis, pontua que “Machado de Assis, em alguns momentos de sua produção literária, faz uso dos critérios estabelecidos para provocar o sentimento de “terror” e de “tremor” de que fala Lovecraft”. (Souza, 2009, p.3) Ao analisar o conto *A chinela Turca*, a professora Valdira de Souza explica os mecanismos utilizados por Machado para provocar o terror e a hesitação, sem que o texto recaia no conto de advertência, mas sim em uma narrativa que questiona a realidade a partir do insólito.

É consenso a significância de Machado de Assis para a literatura brasileira como um todo. Entretanto, acredito que sua abordagem do elemento fantástico adquire um peso ainda mais substancial do que as investigações contemporâneas têm explorado até agora. Este enfoque se torna um domínio de análise vasto no contexto da nossa constituição literária, pois evidencia que a presença da literatura fantástica no Brasil precede o estabelecimento da influência do boom latino-americano como paradigma literário.

Um último exemplar que merece ser mencionado para contribuir na delimitação da fase preliminar da literatura fantástica brasileira é a obra intitulada *A Rainha do Ignoto*, datada de 1899 de autoria da escritora Emília Freitas. Nessa obra literária, a autora empreende uma análise sobre o papel desempenhado pelas mulheres na estrutura patriarcal da sociedade, delineando uma concepção utópica e oculta que retrata uma comunidade de mulheres guerreiras. Essas mulheres se organizam em uma ilha com o propósito de enfrentar e debelar todas as manifestações malignas, ao passo que também se dedicam a assistir os oprimidos em sua busca por redenção e salvação.

O texto de Emília Freitas mantém uma afinidade mais acentuada com o gênero da ficção científica e com as narrativas utópicas que predominaram na Europa nos séculos XVIII e XIX, ao invés de seguir os contornos da narrativa fantástica

característica da América do Sul no século XIX. Não é casual, portanto, que a totalidade da narrativa recorra a cenários europeus e temáticas estrangeiras, a fim de representar sua premissa central e utópica em consonância com a abordagem adotada por Thomas More em sua obra *Utopia*, publicada em 1516.

É relevante ressaltar neste contexto a influência significativa da ficção científica na configuração do fantástico no Brasil durante o século XIX. Obras como *O Fim do Mundo* (1857) de Joaquim Manuel de Macedo; *O Doutor Benignus* (1875) de Augusto Emílio Zaluar - um autor que se erigiu como uma figura de destaque na proto ficção científica brasileira - e o texto de Machado de Assis intitulado *O Imortal* (1882), juntamente com várias outras obras que se aventuraram nesse território, em grande parte impulsionadas pela popularidade internacional dos escritos de Júlio Verne, constituíram um cativante conjunto de narrativas. Esse conjunto seria substancialmente ampliado no século seguinte.

Apesar dos estágios iniciais e das flutuações que marcaram o desenvolvimento inicial da narrativa fantástica brasileira nos primeiros anos do século XX, é crucial não subestimar sua influência, pois suas publicações desempenharam um papel de extrema importância na constituição inicial desse gênero na língua portuguesa. No cerne dessas obras, encontram-se elementos essenciais de nossa cultura primordial, juntamente com referências geográficas e históricas, constituindo os alicerces para uma exploração do insólito por meio de nossas próprias perspectivas interpretativas.

Avançando um pouco, temos uma narrativa que constitui um interessante enlace entre os séculos XIX e XX para nossa literatura fantástica. A obra *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade traz a história e o misticismo dos povos originários para a realidade do Brasil que os isola e cria um embaraço quanto à hesitação que determinados elementos da narrativa provocam nos personagens e no leitor.

A viagem de *Macunaíma* das densas florestas amazônicas à selva de pedra da capital São Paulo é permeada por mitos primordiais de nossa cultura, relatos fantásticos da busca por seu amuleto, que em si é um objeto mágico, e suas relações éticas com as culturas externas a seu ambiente. Nesse percurso, *Macunaíma* é um relato detalhado de elementos que foram apagados pela cultura do avanço tecnológico e do “avanço” social trazido, majoritariamente, pelas culturas europeias.

Nesse entrelace, *Macunaíma* é conhecido por ser um herói sem caráter, por não comungar das regras tácitas da sociedade que ele encontra ao sair de sua referência territorial e social, e acaba por ser taxado como estranho e mal-educado

por quem tem contato com ele. Contudo, as regras que são aplicadas a Macunaíma no ambiente urbano não são as mesmas de sua comunidade e demonstram a violência da modernidade para os reais e originais detentores das terras em que vivemos.

A exploração das diversas lendas nacionais, das mitologias dos povos originários e de suas adaptações ao entrarem em contato com as influências culturais estrangeiras predominantes nas áreas urbanas do início do século XX, conferem ao trabalho de Mario de Andrade uma representação tangível do processo de forja do fantástico brasileiro. Nesse contexto de fusão de nossas múltiplas culturas, a literatura fantástica brasileira evolui, com obras como "Macunaíma" e algumas outras narrativas notáveis desse período, de uma posição meramente imitativa das referências europeias para uma expressão que se empenha em abordar sua própria identidade e formação intrínsecas.

Outras narrativas que ajudaram a formar a literatura fantástica das primeiras décadas do século XX foram *Lendas do sul* (1913), de Simões Lopes Neto; *A casa do gato cinzento* (1922), de Ribeiro Couto; *Fantoches e outros contos* (1932) e *Caminhos cruzados* (1935), de Érico Veríssimo; *Porão e sobrado* (1938), *Praia Viva* (1943), *O cacto vermelho* (1949), *Ciranda de pedra* (1954), e *Histórias do desencontro* (1958) de Lygia Fagundes Telles; *O ex-mágico* (1947), e *A estrela vermelha* (1953) de Murilo Rubião; *Assunção de Salviano* (1954), de Antônio Callado; *O enfeitado* (1954), de Lúcio Cardoso; *O visitante* (1955), de Osman Lins e a primeira narrativa publicada do escritor que considero o mais relevante exemplo de nossa literatura fantástica *Os cavaleiros de Platiplanto* (1959), de José J. Veiga.

Dentro desse conjunto inicial de obras, já é possível identificar escritores que se destacariam notavelmente na criação de narrativas fantásticas durante o auge desse gênero no Brasil. Isso se aplica ao caso de Érico Veríssimo, Lygia Fagundes Telles e, especialmente, José J. Veiga e Murilo Rubião, que se destacam de forma mais proeminente. Este último desempenhou um papel essencial não apenas como autor de obras literárias, sendo por vezes comparado, ainda que equivocadamente em minha opinião, a Franz Kafka, mas também como um influente crítico literário e defensor da literatura fantástica. Sua atuação como editor de um suplemento literário foi fundamental para ampliar a exposição do gênero a diversos públicos.

Dentro dessas publicações, destaco a importância da editora José Olympio, que apostou seus recursos em narrativas que arriscavam entrar na seara do fantástico

e que, em escalas razoáveis, conseguiram angariar um público considerável para a época. Gostaria de apontar números, mas infelizmente não consegui encontrar esses dados durante a pesquisa, o pouco de informação que sobreviveu sobre a venda de livros é insípido e pouco confiável, pois ficava à mercê das publicações em jornais do período.

Ressalto que a produção literária de obras fantásticas no Brasil ganhou considerável impulso a partir da década de 1960. Esse avanço foi fomentado tanto pelo crescente número de escritores que optaram por explorar o gênero, motivados em parte pelo contexto político do país, marcado pela ditadura militar, quanto pela ampliação do acesso a influências estrangeiras no campo do fantástico. Isso ocorreu especialmente devido ao impacto do *boom* da literatura fantástica sul-americana e à disponibilidade de traduções para o português de obras literárias europeias e norte-americanas.

## 2.2 A influência da literatura estrangeira.

A literatura fantástica brasileira, a partir da década de 1960, ganha, então, considerável impulso e adquire uma singularidade crescente em sua abordagem da realidade que circunda o país. No entanto, para alcançar esse ponto, o gênero passou por duas grandes correntes de influência. Inicialmente, foram os escritores ingleses, franceses e norte-americanos, como Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, H. P. Lovecraft e outros, que desempenharam um papel significativo nessa construção. Na segunda fase, uma influência de maior impacto na literatura brasileira emergiu, proveniente da produção de narrativas fantásticas em língua espanhola por parte dos países vizinhos na América Latina. Destacou-se, sobretudo, o movimento do *boom literário* latino-americano, com autores como Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, entre outros.

As influências que contribuem para a constituição identitária da literatura fantástica brasileira são notavelmente diversas e abrangentes. Essas influências se originam no contexto gótico e nas mitologias europeias, percorrendo uma trajetória que atravessa uma ampla gama de culturas e realidades, até chegar aos nossos próprios escritores e leitores. No entanto, ao longo desse percurso, ocorreram transformações significativas, particularmente no que tange às descrições que devem se alinhar com nossas próprias realidades, em vez de aderirem a concepções

estrangeiras pré-estabelecidas.

A partir dessa perspectiva, é frequente encontrarmos diversos textos da literatura fantástica nacional pioneira que meramente transplantam temáticas europeias para o contexto nacional, sem a devida adaptação às nossas próprias circunstâncias. Isso demonstra um processo de passagem em direção a uma literatura fantástica brasileira mais autêntica e representativa.

Muitas dessas obras referenciam cenários sociais, políticos e geográficos que não se integram de maneira coesa com a realidade brasileira. Em diversos casos, essa abordagem se limita a uma mera inserção de elementos estrangeiros em solo nacional, sem uma verdadeira adaptação ou reflexão sobre a transposição desses elementos.

Observo que esse período inicial pode ser compreendido como um estágio de exploração e reconhecimento literário, no qual os escritores estavam ainda em processo de familiarização com o cenário e contexto social nacional. Suas escolhas podem ter sido influenciadas por diversas razões, incluindo a busca por um apelo mais familiar ao público leitor da época, que talvez estivesse mais inclinado a temáticas estrangeiras.

Ressalto que minhas críticas não se voltam contra a qualidade literária desses textos, mas sim apontam para uma característica presente em muitos deles: a relutância ou o receio de abordar de maneira mais profunda e autêntica as peculiaridades e nuances da própria realidade brasileira. À medida que a literatura fantástica brasileira cresce, muitos escritores começaram a explorar temas e elementos mais enraizados em nossa cultura, contribuindo para uma representação mais genuína e significativa do Brasil em suas narrativas fantásticas.

A partir dessas representações, posso elencar alguns temas e singularidades das narrativas estrangeiras que foram consideravelmente trabalhadas pelos escritores brasileiros, a começar pelo gótico e suas características. O professor Júlio França aponta que boa parte do gótico produzido no Brasil, centralmente durante o século XIX, foi mimese do europeu.

Dentre os muitos fatores que ajudam a explicar o que estamos chamando de sequestro do Gótico no Brasil, sobressai a perspectiva assumida pela crítica de que a literatura gótica possuiria temas e ambientações estranhos à cultura e ao território brasileiro – e, por conseguinte, seu influxo sobre a literatura nacional seria, quando muito, contingencial. A crítica literária da primeira metade do XIX contribuiu de modo decisivo para esse entendimento, baseando-se na suposição de haver uma relação necessária entre a

literatura, a geografia e o espírito de uma nação. (França, 2017, p.111-112)

Júlio França demonstra a necessidade da crítica literária do século XIX em inserir o gótico em uma caixa estética fixa e não no modelo múltiplo de significado em que ela deveria ser pensada. Parecia ser necessário um ambiente específico e uma geografia condizente com as ruas europeias para que o gótico fosse pensado como tal, contudo, no Brasil isso não era um reflexo real de nossas cidades, dessa forma, construiu-se um afastamento desse gênero com nossas letras nacionais.

Tal afastamento levou à criação de uma literatura que emprestava de algumas características do gótico para engendrar um sistema próprio de técnicas e características que levaram à criação de um gótico nacional. Contudo, Júlio França aponta que esse gótico não foi recebido com agrado pela crítica especializada, tanto no século XIX como nas primeiras décadas do século XX, pois foi visto como uma mimese direta e rasa do gótico europeu.

Usando como base a teoria de Meyer Howard Abrams acerca das quatro tendências fundamentais da crítica literária, França aponta que o gótico sofreu um sequestro necessário no Brasil, que o transformou em um texto que dialoga com nosso público leitor, mesmo que, para chegar nessa fase, tenha sido necessário ser taxado como distúrbio e delírio de alguns escritores.

O sequestro do Gótico é, assim defendemos, consequência de um desequilíbrio entre as perspectivas críticas dos estudos literários no Brasil e as realizações ficcionais da nossa literatura. [...] Fazendo convergir a observação de Hansen com o modelo de Abrams, poderíamos afirmar que a crítica brasileira tende a abordagens miméticas e expressivas. Em consequência dessa ênfase nos atributos políticos e biográficos das obras literárias, as narrativas góticas foram compreendidas ou como algo estrangeiro e alheio à realidade brasileira, ou como sintomas de distúrbios e idiosincrasias psicológicas de seus autores. (França, 2017, p.115)

Essa abordagem que aponta a biografia do escritor como elemento de importância na obra é, obviamente, superada há muitas décadas, contudo, ainda no século XIX e início do século XX, essa era uma crítica válida a muitos textos que se viam à margem e além da estrutura preconcebida de um texto que se vendia como literário. Dito isso, Júlio França constrói sua percepção do gótico em solo nacional, descrevendo suas fases de construção e recepção em um texto rico de referência e imprescindível para a construção da crítica literária nacional acerca do gótico.

Apesar do empenho de França em demonstrar a presença do gótico no Brasil,

durante esta pesquisa percebo que esse gênero foi muito pouco publicado e, também, muito pouco estudado nas universidades e nas revistas especializadas, restando a um diminuto grupo se dedicar tanto à produção literária do gênero, quanto à produção acadêmica do mesmo. Curiosamente, o espaço onde o gênero ganharia um grande número de publicações foi nas revistas *Pulp* e nas *fanzines*.

Uma segunda perspectiva de grande relevância durante a constituição do fantástico no Brasil foi a ficção científica e a ficção especulativa. O pesquisador Roberto de Sousa Causo lança luz sobre esse tópico, argumentando que a ficção especulativa engloba diversas facetas do fantástico internacional, assim como a utilização do mito como uma ferramenta narrativa para explorar o mundo real. Ao apontar a origem dessa ficção científica, que ele chama de proto ficção científica, e de sua relação com a importância do gênero na construção da identidade literária brasileira, Causo aponta para o papel de destaque que a ficção especulativa desempenha:

Meu estudo é uma investigação teórica e histórica do fantástico [...] e sua expressão brasileira em um período ideal que compreende meados do século XIX à década de 1940, confrontada com a produção internacional. [...] Minha perspectiva é a da ficção especulativa como uma tradição diferenciada, que bebe de fontes míticas, satíricas, utópicas, romanescas e mesmo científicas, para realizar-se como um corpo multifacetado de possibilidades ficcionais, existindo em interação com o *mainstream* literário, mas não em uma chave de inferioridade artística. (Causo, 2003, p.45)

Causo pensa a ficção especulativa como identidade construída em conjunto com a constituição literária brasileira, e não como algo lateral. O autor demonstra, nesse texto, e em toda a sua fortuna crítica sobre o tema, que as referências de textos estrangeiros, principalmente dos escritores mais conhecidos do gênero, como Orson Welles, Júlio Verne, H.G. Wells, Aldous Huxley e outros, foram primordiais para a construção de uma identidade fantástica nacional, não como cópia do outro, mas como referência e adaptação para o cenário nacional.

Vale destacar que a ficção científica como um gênero estabelecido não é tão antiga, apesar de existir, em textos das mais variadas mitologias, um flerte com as temáticas que seriam exploradas com maior intensidade com os autores mais canônicos do gênero. É apenas no século XIX que ela surge com força na Europa, tendo como obra inaugural *Frankenstein*, de Mary Shelley, em 1818, e no *boom* das revistas *pulp* estadunidenses em meados das décadas de 1920 e 1930.

O motivo para essa expansão foi a evolução da tecnologia científica moderna que permitiu ao ser humano imaginar realidades antes completamente impossíveis e irreais. A diferença fundamental entre a ficção científica e a literatura fantástica muitas vezes reside nos limites da ciência. Enquanto a ficção científica explora cenários que, mesmo que fictícios, são plausíveis dentro das leis naturais conhecidas ou teorias científicas atuais, a literatura fantástica transcende esses limites para criar situações que desafiam as leis da realidade, muitas vezes incorporando elementos sobrenaturais, mágicos ou inexplicáveis.

Enquanto a ficção científica se baseia em especulações científicas e tecnológicas, a literatura fantástica tende a se concentrar mais na exploração do insólito, do maravilhoso e do inexplicável, muitas vezes sem uma base científica sólida. No entanto, essas fronteiras podem ser porosas, e algumas obras literárias podem conter elementos de ambos os gêneros, desafiando categorizações estritas.

Gosto de explorar essa ideia dos limites do que é fantástico e do que é ciência ainda não descoberta e estudada, pois ela revela nossa ignorância do que é a realidade e de como ela muda dependendo de nossos olhares e conhecimentos. É nesse exato ponto que a ficção científica é importante para a construção do fantástico como um todo, pois ela revela que o que é insólito hoje pode simplesmente ser algo compreensível amanhã e, mesmo com essa abordagem, ainda nos assustamos e hesitamos frente a eventos estranhos.

Minha intenção não consiste em estabelecer um postulado rígido acerca dessa abordagem, mas sim em demonstrar que a ficção científica desempenha um papel intrincado na configuração tanto do que já foi quanto do que tem sido a literatura fantástica em âmbito global e, em particular no contexto deste estudo, no Brasil. Nesse sentido, a ficção científica mantém um diálogo contínuo com aquilo que se aproxima de maneira tênue das teorias e conhecimentos científicos ainda recentemente estabelecidos. Essa intersecção exige uma abordagem cuidadosa, já que existe uma trajetória potencialmente perigosa entre esses dois gêneros.

A trama se desdobra em função da necessidade de um distanciamento temporal entre uma teoria científica recém aplicada e explicada ao público em geral, e sua assimilação efetiva pela realidade circundante. A ficção científica, ao explorar conceitos que frequentemente estão nos limites da compreensão comum, se aventura em um território no qual as ideias podem não apenas ser inovadoras, mas também desafiadoras. Portanto, ao abordar essa intersecção, é imperativo considerar não

apenas a apresentação de ideias visionárias, mas também a delicada dança de traduzir essas ideias para um contexto que permita sua absorção e reflexão.

Um último antecedente que gostaria de trazer para esse texto é, em minha percepção, o mais importante para a explosão de textos do fantástico no Brasil durante a segunda metade do século XX: vou falar um pouco acerca do *boom latino-americano* e de sua influência estética, cultural e política no Brasil durante, centralmente, a segunda metade do século XX.

O *boom* latino-americano foi uma corrente literária e artística que aconteceu primariamente na América Central e na América Latina, onde artistas plásticos, escritores, roteiristas e diretores de cinema produziram obras que retratavam um mundo particular, um mundo que não era *mimese* estética, pura cópia, da Europa e dos Estados Unidos, e que falava sobre si muito mais do que sobre o outro.

Apesar de guardar uma forte influência das narrativas estrangeiras, centralmente das narrativas fantásticas dos séculos XIX e início do XX, o *boom* das narrativas latino-americanas levou, para fora de nossos espaços, culturas antes desconhecidas, ou apenas renegadas por um público leitor mais amplo do que tínhamos aqui durante o início do século XX. Nesse ínterim, a literatura obteve mais destaque que as outras artes pela poderosa influência e pelo acesso que alguns desses escritores tiveram às universidades estadunidenses e europeias.

Escritores como Carlos Fuentes, Juan Rulfo, Gabriel Garcia Márquez, Júlio Cortázar, Mario Vargas Llosa, Augusto Roa Bastos, Elena Garro, entre dezenas de outros importantes nomes, fomentaram uma produção literária muito rica e viva, sendo projeto indissociável da construção identitária desses países que passaram por violentos processos ditatoriais durante o século XX.

Uma interessante característica desse movimento foi o contato de alguns desses escritores com as comunidades europeias, centralmente a França e a Espanha, devido possivelmente à língua, no último exemplo, chegando a existir grupos literários que moraram nesses países por longos períodos e levaram a cultura da América Latina para os colonizadores, muitas vezes criticando-os sem nenhuma cortina diegética, apenas com as ferramentas da literatura fantástica.

Essa literatura apresentou características identitárias e culturais que exerceram um impacto substancial, moldando gerações de leitores que passaram a enxergar a realidade social da América Latina de uma perspectiva distinta daquela ditada pela influência dos colonizadores nas obras literárias que permearam a região durante os

séculos precedentes.

Emir Rodriguez Monegal, consagrado professor e crítico literário uruguaio do período destacado, possui um interessante texto acerca dessa perspectiva intitulado *El boom de la narrativa latino-americana* (1962), onde o mesmo expõe o caminho pelo qual essa literatura passou até ser reconhecida e impulsionada por agências estrangeiras nas grandes premiações como o prêmio Nobel. Em determinado ponto desse texto, Monegal explora a influência de agências estrangeiras em divulgar os textos latino-americanos, a expansão da primeira geração desse *boom* e a importância da América Latina na construção de novas realidades a partir da primeira guerra mundial e de suas reverberações nas migrações mundiais durante e após seu término.

Portanto, esquecendo os excessos rocambolcos daqueles que veem apenas a mão da CIA, do Vaticano, de Moscou, da Casa das Américas, da Academia Sueca, do British Council, por trás de cada prêmio, de cada nova edição, de cada tradução, é essencial começar por enfatizar algo muito importante: a partir da Segunda Guerra Mundial, surge uma nova geração de leitores na América Latina e ela determina (pela sua quantidade, pela sua orientação, pelo seu dinamismo) o primeiro boom da novela latino-americana. Esse é um boom ainda pequeno, sem um centro fixo, mais nacional do que internacional em sua expansão, mas que ocorre (quase simultaneamente) no México e em Buenos Aires, no Rio de Janeiro e em Montevideo, em Santiago do Chile e em Havana. Aqui é impossível examinar com o detalhamento necessário todas as vicissitudes desse primeiro boom disperso e, ao mesmo tempo, estranhamente coeso. Basta apontar duas causas centrais do mesmo: (a) a guerra na Europa, que, primeiramente, traz para a América Latina uma plêiade de espanhóis refugiados (escritores como Bergamín, Alberti e León Felipe, editores como Gonzalo Losada e López Llausás, professores como Américo Castro, José Gaos e Xavier Zubiri), que impulsionarão uma empreitada editorial latino-americana e darão lugar a um verdadeiro renascimento cultural, equivalente ao que foi criado na Itália no Quatrocento pelos humanistas que escaparam do cerco de Constantinopla; (b) o crescimento demográfico e industrial de muitas das grandes cidades latino-americanas, crescimento também incentivado pela guerra, na qual a América Latina teve um papel quase exclusivo de fornecedor de bases e matérias-primas para os aliados. A geração de leitores que surge a partir de 1939 terá acesso a mais universidades e escolas secundárias, mais bibliotecas, livrarias e revistas; terá, acima de tudo, editoras latino-americanas que não apenas traduzam e adaptem a cultura universal, mas também promovam a cultura nacional e latino-americana.<sup>12</sup> (Monegal, 1962, p.14-15)

<sup>12</sup> Por eso, olvidándose de los rocambolcos excesos de quienes sólo ven la mano de la CIA, o del Vaticano, o de Moscú, o de Casa de las Americas, o de la Academia Sueca, o del British Council, detrás de cada premio, de cada nueva edición, de cada traducción, hay que empezar por subrayar algo muy importante: a partir de la segunda guerra mundial, una nueva generación de lectores aparece en América Latina y determina (por su número, por su orientación, por su dinamismo) el primer boom de la novela latinoamericana. Es éste un boom todavía pequeño, sin un centro fijo, nacional más que internacional en su desarrollo, pero que se produce (casi simultáneamente) en México y en Buenos Aires, en Río de Janeiro y en Montevideo, en Santiago de Chile y en La Habana. Es imposible examinar aquí, con el detalle necesario, todos los avatares de ese primer boom, o ur-boom, disperso y extrañamente coherente a la vez. Bastará señalar dos causas centrales del mismo: (a) la guerra en

Peço perdão pela longa citação, mas ela é essencial para compreender o contexto e as circunstâncias que a América Latina enfrentou nesse período. Trata-se de um momento na história desses países em que a noção de realidade estava sendo desmantelada. O que prevalecia não era o real vivenciado pelos povos originários e seus descendentes, mas sim um real distorcido, contaminado pelo medo e pelo avanço desenfreado que negligenciava outras realidades além daquela do colonizador.

Nesse contexto, a citação captura a complexidade do período e a maneira como as influências externas, como as agências internacionais mencionadas, afetaram a percepção e a construção da realidade latino-americana. As influências políticas, culturais e sociais contribuíram para uma distorção da verdadeira experiência desses povos, resultando em uma realidade manipulada e moldada para servir aos interesses das potências dominantes.

A desconstrução do real e a emergência de uma realidade alterada são fatores cruciais para entender as mudanças e os desafios enfrentados pela América Latina naquele período. Essa análise fornece uma base importante para compreender como a literatura, particularmente a literatura fantástica e especulativa, pode ter sido um veículo para explorar e refletir sobre essas complexidades, desafiando e reimaginando as percepções convencionais da realidade.

Um processo crucial para essa percepção foi a expansão do alcance e da influência de alguns desses escritores no cenário global, como mencionei anteriormente, e no imaginário desses povos, ao se darem conta de que suas culturas e literaturas estavam sendo reconhecidas em todo o mundo, com ênfase particular nas Américas e na Europa. Quando Gabriel García Márquez ganha o Prêmio Nobel de Literatura em 1982 pelo conjunto de sua obra, ele abre as portas da realidade latino-americana para o mundo com um impacto muito mais expressivo do que antes.

---

Europa, que, primero, trae a América Latina una pléyade de españoles refugiados (escritores como Bergamín, Alberti y León Felipe, editores como Gonzalo Losada y López Llausás, profesores como Américo Castro, José Gaos y Xavier Zubiri), los que impulsarán una empresa editorial latinoamericana y darán lugar a un verdadero renacimiento cultural, equivalente al creado en la Italia del Cuatrocientos por los humanistas que escaparon del cerco de Constantinopla; (b) el crecimiento demográfico e industrial de muchas de las grandes urbes latinoamericanas, crecimiento también fomentado por la guerra, en la que América Latina casi no tuvo otro papel que el de proveedor de bases y materias primas para los aliados. La generación de lectores que se forma a partir de 1939 tendrá a su alcance más universidades y escuelas secundarias, más bibliotecas, más librerías y revistas; tendrá, sobre todo, editoriales latinoamericanas que no sólo traduzcan y adapten la cultura universal sino que también fomenten la cultura nacional y la latinoamericana. - Tradução Livre.

No entanto, é lamentável que, na década em que ele recebeu essa honra, a literatura fantástica já estivesse começando a mostrar um declínio tanto em publicações quanto em leitores.

Na minha análise, o declínio coincidiu com o enfraquecimento e o fim de muitas das ditaduras sul-americanas. Essas ditaduras, que muitas vezes restringiam a liberdade de expressão e impunham censuras, afetaram significativamente a produção literária, incluindo a literatura fantástica. À medida que as condições políticas mudaram e a democracia foi restaurada em vários países, o cenário literário também passou por mudanças, e algumas das características que definiam esses gêneros começaram a perder força.

Não posso deixar de abordar o papel das ditaduras como um momento histórico inextricável na relação de construção dessas literaturas com seu público leitor. As dinâmicas de poder subjacentes a essas formas autocráticas de governo tornaram-se tanto temas quanto ferramentas que esses escritores utilizaram para nutrir a literatura fantástica em suas nações. Isso deu origem a uma intrincada rede de narrativas que não apenas criticavam esses regimes de maneira velada, valendo-se de dispositivos simbólicos, metáforas e elementos insólitos como intermediários, mas também faziam uso das próprias censuras impostas nesses países como um meio para engajar um público leitor ávido por uma literatura que se expressasse, mesmo que de maneira subentendida, para evitar a remoção de seus textos das prateleiras das livrarias pela censura.

Nesse contexto, as ditaduras atuaram como uma força que impulsionou a inventividade e a criatividade literárias, motivando os escritores a explorar formas de expressão que transcenderam as barreiras da censura e da opressão política. Ao adotar uma abordagem velada, muitas vezes por meio do uso de alegorias e elementos mágicos, os escritores encontraram maneiras de comunicar mensagens profundas e críticas severas aos regimes autoritários que dominavam seus países.

O engajamento dos escritores com a situação política e social de suas nações e a forma como eles se adaptaram às circunstâncias adversas revelam a capacidade da literatura de servir como uma poderosa ferramenta de resistência e de expressão, mesmo em períodos de repressão e censura. Essa interseção entre a política e a literatura enriqueceu as narrativas e acrescentou camadas de significado às obras, tornando-as tanto um reflexo da realidade quanto uma busca por uma voz independente em tempos de adversidade.

Países como Argentina, Chile e Paraguai, que tiveram extensos períodos ditatoriais foram, curiosamente, os países com o maior número de escritores que se arriscaram na seara do fantástico e do realismo mágico. Jorge Luis Borges e Júlio Cortazar, na Argentina, falaram tanto sobre viver nesses ambientes, como reimaginaram as realidades a fim de construir um ambiente mais palatável para o leitor, ao mesmo tempo que falaram sobre os horrores de forma extremamente descritiva e real. No Chile, Isabel Allende usou de sua influência, de sua família política e de seu acesso aos Estados Unidos como ferramentas para criticar a ditadura de Augusto Pinochet. No Paraguai, o escritor Augusto Roa Bastos construiu uma trilogia importantíssima para a formação e o fortalecimento da literatura fantástica sul-americana ao demonstrar, a partir dos elementos mágicos insólitos, como surge um ditador, em textos que mesclam ficção e memória historiográfica, como *Hijo de ombre* (1960), *Yo, el supremo* (1974) e *El Fiscal* (1988), obras que foram lançadas durante a ascensão e a queda da ditadura paraguaia que durou de 1954 a 1989.

Além desses países mencionados, praticamente todas as nações latino-americanas atravessaram, ou ainda enfrentam, períodos de regime ditatorial. Alguns estão inclusive retornando a situações semelhantes, como é o caso de El Salvador, com o presidente Nayib Bukele e suas ações autocráticas e controversas. Mantendo essa perspectiva em mente, chego à conexão central para este trabalho: a maneira como a literatura fantástica se manifesta no Brasil e como ela adquiriu força em meio a esses contextos ditatoriais.

Após destacar todas essas influências, é evidente que a literatura fantástica não chega ao Brasil como uma entidade homogênea e estática. Em vez disso, ela se apresenta como uma teia intrincada de diversos caminhos, alguns já bastante consolidados, como é o caso do fantástico europeu, e outros ainda em processo de constituição, como ocorreu na América Latina ao longo do século XX.

A chegada do fantástico no Brasil é marcada por essa diversidade de trajetórias e influências que se entrelaçam e dialogam em uma experiência literária rica e multifacetada. Ela é enriquecida pelo encontro entre o fantástico europeu, as realidades latino-americanas e as identidades culturais do Brasil. Isso resulta em uma expressão única do fantástico, que se adapta e se mescla aos contextos locais, transformando-se em uma ferramenta de exploração artística e crítica.

Essa complexidade de influências não apenas enriquece o fantástico brasileiro, mas também destaca como a literatura é capaz de transcender fronteiras culturais e

geográficas, criando um espaço para a interconexão de ideias, culturas e perspectivas. A pluralidade de caminhos percorridos pelo fantástico no Brasil espelha a riqueza e a diversidade do próprio país, reforçando a capacidade da literatura de refletir e reimaginar a complexa experiência humana.

Ressalto ainda que, para chegar ao que entendemos como fantástico brasileiro, foram necessários processos de tradução, adaptação e avivamento de um gênero literário que encontrou em nossas terras novos desafios, novos cenários e novas realidades que as influências internacionais não tinham explorado.

O que se torna aparente é que o fantástico nacional reconheceu desde cedo a vital importância da autorrepresentação. Nesse sentido, ele foi capaz de explorar temores genuínos que ressoavam em um público ávido por uma plataforma para compreender suas realidades. Esse anseio foi particularmente pronunciado durante os trinta anos de ditadura militar brasileira, um período marcado por censura, violência e controle implacável do regime militar.

O gênero fantástico emergiu como uma via para abordar de maneira criativa e simbólica as experiências reais e angústias desse contexto sociopolítico e de toda a realidade nacional prévia, oferecendo uma forma de abordagem para os leitores enfrentarem e examinarem as complexidades da época. Como qualquer literatura que se destaca e fica para a posteridade, o fantástico nacional fala sobre si mesma e sobre o leitor em um trabalho conjunto de autoconhecimento.

### 2.3 Temas e motivos recorrentes – Elementos da cultura nacional.

No contexto brasileiro, o surgimento do fantástico se dá como um reflexo das influências europeias, uma dinâmica comum em muitos países colonizados. Entretanto, esse cenário rapidamente se transforma em algo distintivo à medida que esses elementos entram em contato com as inúmeras culturas regionais presentes em nosso vasto território. A dimensão continental do Brasil, juntamente com a riqueza de nossa biodiversidade e diversidade cultural, desempenha um papel fundamental nesse processo de transformação. Isso resulta na emergência de uma narrativa singular e autêntica, que incorpora elementos do fantástico de maneira única, enriquecida pelas nuances das diferentes culturas que compõem o mosaico brasileiro.

Dado essa característica, foi comum os escritores do século XIX e das primeiras décadas do século XX produzirem narrativas que emprestaram características

europeias, como é o caso de *Noite na taverna* (1855), de Alvarez de Azevedo, narrativa que lembra um cenário inglês decadente e um terror nubloso, *A rainha do ignoto* (1889), de Emília Freitas, que já discutia temas muito incipientes no Brasil, como o poder do patriarcado e os primeiros indícios de um feminismo estruturado, ou ainda *A casa do gato cinzento* (1922), de Ribeiro Couto, com seu lirismo obscuro e decadente nos moldes da poesia de Charles Baudelaire.

Apesar da presença dessas narrativas em nosso cenário literário, é importante notar que, paralelamente, estavam sendo publicadas narrativas que desempenhavam um papel na construção da identidade nacional através do fantástico. Exemplos notáveis incluem *Lendas do Sul* (1913) de Simões Lopes Neto; *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade e o primeiro livro de contos de Érico Veríssimo, *Fantoches e Outros Contos* (1932). Nessas primeiras incursões, é possível perceber um elemento narrativo central que busca se afastar das influências estrangeiras e, de maneira muito bem-sucedida, demonstra que o Brasil possui suas próprias temáticas e é capaz de explorá-las. Essas obras pioneiras desempenharam um papel crucial ao afirmar a singularidade da narrativa brasileira no contexto do fantástico, proporcionando uma base sólida para o desenvolvimento de uma voz literária autêntica e distinta.

Baseando-me nessa evolução do fantástico nacional nas primeiras décadas do século XX, identifiquei sete tópicos que contribuem para compreender a sua constituição, desenvolvimento e disseminação no Brasil. O primeiro deles é a oralidade e as lendas. Esta abordagem é de suma importância para a nossa construção literária, pois traz à tona a memória de nossos ancestrais e seus temores, inserindo essas narrativas em um contexto que explora essas histórias e suas repercussões na nossa sociedade.

Eu tenho uma memória muito viva da minha avó materna contando histórias assombrosas do período em que morava em uma chácara distante da cidade. Uma em particular tirou meu sono quando era criança por semanas, onde ela contava a história dos olhos amarelos. Dizia ela que, a partir da lua no centro do céu, em torno de meia-noite, as crianças não deviam mais sair para longe da casa, pois a criatura de olhos amarelos cercava a floresta e raptava quem estivesse a andar lá fora.

Outra história era do terreno onde nossa casa foi construída, já na cidade. Alzira, nome da minha avó, disse que meu avô ganhou o terreno de seu compadre, pois a cidade precisava crescer e a prefeitura estava pagando para as pessoas saírem das chácaras e virem morar na cidade. Mas muitos acreditaram que o real motivo é

que o terreno era um cemitério indígena e que, para manter seus espíritos calmos, os residentes enterraram potes de ouro em toda a área, por isso, às vezes, seria possível ouvir o tilintar de moedas de madrugada. Particularmente, nunca ouvi nada, infelizmente, mas minha avó jurava ter ouvido diversas vezes.

Contudo, a história que ela mais repetia foi também a história mais traumática de sua vida quando morava na chácara. Ela disse que, em um dia de muita chuva, raios e trovoada, ela, meu avô e uma de minhas tias, minha mãe ainda não era nascida, estavam reunidos na sala esperando a tormenta passar, quando uma criatura de fogo passou de cima para baixo da janela da cozinha, deixando em seu caminho uma imensa chama. Minha avó jurava que o fogo tinha forma humanoide, por isso, cada vez que chovia um pouco mais forte, minha avó cobria todas as janelas, espelhos, se sentava na cama em silêncio e pedia que todos ficassem quietos por um tempo.

Veja, as três histórias que minha avó contava, dentre dezenas de outras com teor fantástico, são facilmente explicadas: a primeira era, descobri anos depois, um conto da carochinha, feito para assustar as crianças para que elas se sentissem pouco atraídas a sair à noite e serem atacadas por algum animal; a segunda era a repetição de muitas histórias para manter as pessoas com receio e cuidar dos entornos e a última, muito provavelmente, foi um raio que atingiu a casa onde ela morava.

Apesar de todas elas terem explicações relativamente simples, a forma como ela contava essas histórias e sua vivência as tornavam tão reais que ela realmente se assustava. Com isso em mente, o fantástico surge a partir da fortuna cultural de nosso país e de nossos antepassados, e alcança um espaço único quando alcança a literatura escrita. O espaço do questionamento e da hesitação, que existia antes, mas agora ganha terreno nas letras escritas, é onde mora nosso amago literário do fantástico.

Não à toa o escritor argentino Adolfo Bioy Casares, no prólogo de uma das antologias mais conhecidas de obras do fantástico Ibero-americano, *Antologia da literatura fantástica* (2019), aponta que as narrativas fantásticas são tão “antigas quanto o medo, as ficções fantásticas são anteriores às letras. As assombrações povoam todas as literaturas: estão no Avesta, na Bíblia, em Homero, no Livro das mil e uma noites.” (Casares, 2019, p.11)

Casares expõe, no decorrer desse prólogo, que a literatura fantástica, possivelmente, surgiu longe de nossa maior referência europeia, provavelmente no

continente asiático e no oriente médio, dado a fortuna histórica mais ampla dessas regiões. Contudo, mais importante para esse trabalho, é seu olhar sobre a importância da oralidade para essa constituição literária.

Adiante, não concordo com o termo evolução, que alguns estudiosos apontam na passagem do texto oral para o texto escrito, mas entendo a importância da nomenclatura. Acredito que essa oralidade advém de um contexto histórico e cultural diverso e, com isso, muito pouco resumível. As culturas se mesclam com o tempo e muitas dessas histórias ganham novas características, como no caso das lendas que recebem novas percepções e novos conceitos com a urbanização.

Por exemplo, em um texto sobre a oralidade no pantanal, o pesquisador Eudes Fernando Leite, ao falar sobre a lenda do *Mãozão*<sup>13</sup>, constrói uma análise sobre a interpretação do indivíduo pantaneiro acerca de fenômenos fantásticos ao dar significado para eventos traumáticos como o sumiço de crianças no mato e o ataque de animais selvagens.

O pantaneiro adquire, então, uma forma peculiar de interpretar os fenômenos ao seu redor. Ele emprega a tradição oral para entender acontecimentos aparentemente fantásticos. Leitura aqui é entendida enquanto leitura de mundo, isto é, capacidade de o indivíduo explicar/interpretar a partir de seu universo cultural o mundo ao seu redor. Esta leitura de mundo está contagiada pela tradição oral, que a todo momento é requisitada, fornecendo subsídios para interpretação de fenômenos. A tradição, por sua vez, pressupõe um convívio entre as pessoas, uma troca de experiências, em que a narrativa artesanal (tão discutida por Walter Benjamin, no clássico ensaio sobre o narrador) faz-se presente. (Leite, 2013, p.72)

A oralidade é tanto base como referência para a literatura. Em especial para o fantástico brasileiro, temos a oralidade como gênese de muitos mitos e muitas histórias que nossos antepassados carregaram na memória e, posteriormente, foram transformados em narrativas escritas para a posteridade. O rompimento natural das tradições, como é o caso da contação de histórias, por exemplo, é também o rompimento das mutações dessas histórias, pois são eternizadas em um texto escrito, e não mais mutáveis como a memória das gerações que repassavam essas histórias.

Essa é uma característica importante de pensarmos, principalmente em relação às narrativas fantásticas, pois, antes, esses textos ganhavam novas qualidades e

---

<sup>13</sup> Protetor das matas, também conhecido como Pai do Mato, a lenda possui diversas origens, mas, em geral, trata de uma criatura que sequestra crianças que vão para a mata, espanca lenhadores e protege a floresta da devastação e do acesso dos homens.

percorriam novos caminhos conforme o transmissor da história avançava cada vez mais para longe do ambiente rural. Hoje, essas histórias se alteram tanto pela urbanização como pelas relações culturais e sociais dos indivíduos que continuam contando essas histórias, agora pelos meios imemoriais da escrita.

Por fim, acredito que a oralidade não se perdeu e o fantástico continuou sendo uma ampla fonte de referência, talvez até mesmo a maior fonte de criação literária do gênero na atualidade, vide Podcasts como o *Mundo Freak*<sup>14</sup> que possui episódios completos dedicados a relatos insólitos dos ouvintes e que ajudam a manter uma tradição cada vez mais perene nos ambientes urbanos contemporâneos.

Juntamente com a oralidade, o segundo ponto que desejo abordar nesta exploração sobre a constituição do fantástico no Brasil é a influência indígena. A influência das culturas indígenas na literatura fantástica brasileira é profundamente entrelaçada com nossa herança literária ancestral e a criação de uma literatura que envolve o indivíduo originário e o escritor que tenta representá-lo. No entanto, muitas vezes essa relação é marcada por uma distância entre o autor e a cultura do outro, resultante de um espaço que não compartilha diálogo com as raízes ancestrais dos povos. Um exemplo desse enfoque é observado em *Macunaíma* (1928), que se destaca como uma obra icônica de literatura fantástica que apresenta a cultura dos povos originários no Brasil, mas que, apesar do alcance que a obra alçou, acaba deturpando muito da real cultura dos povos originários brasileiros.

Apesar de apenas nos últimos vinte anos termos narrativas publicadas por editoras de médio e pequeno porte de escritores indígenas, como *Todas as vezes que dissemos adeus* (2002), de Kaka Werá Jecupé, que narra a busca de um protagonista que observa sua cultura originária desaparecendo e encontra, em ritos espirituais e em suas raízes culturais, formas de compreender sobre seu passado; ou *Sehaypóri: O livro sagrado do povo Saterê-Mawé* (2007), de Yaguarê Yamã, que narra mitos e lendas de nossos povos a fim de construir uma ponte entre as gerações cada vez mais afastadas das geografias originais, é apenas com o acesso a essas narrativas que começamos a entender, em um contexto mais amplo, o quanto já perdemos de história e cultura apenas no processo de tradução desses textos das línguas originárias para o português brasileiro.

Minha colega de mestrado em estudos da linguagem, Silvely Brandes,

---

<sup>14</sup> Podcast brasileiro sobre casos insólitos e relatos fantásticos, apresentado por Andrey Fernandes, Ira Croft e convidados. Disponível no Spotify e diversos outros agregadores de podcast.

escreveu uma dissertação acerca dos diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea a partir de um olhar bakhtiniano. Em um dos capítulos, em que a autora fala sobre a obra de Yaguarê Yamã, podemos ver a força da destruição cultural, assim como a resistência da história desses povos em se manter presente nos mais variados círculos a partir da linguagem.

Yaguarê, portanto, reescreve os mitos, lendas e fábulas presentes no remo sagrado em língua portuguesa para divulgar e registrar a cosmogonia do seu povo. Cada gênero tem uma função específica para o povo. Ao descrevê-los, o autor adota uma nomenclatura baseada na tradição não indígena de classificação dos gêneros. Nesse sentido, observamos na fala do autor marcas desse processo de hibridação vivido pelo povo, no qual ele se insere, mas que é visto como perda das tradições. (Brandes, 2017, p.96)

É intrigante considerarmos que possuímos mitologias extremamente ricas e pouco exploradas no Brasil, em grande parte devido ao genocídio dos povos originários e suas culturas. Os relatos que conseguiram resistir a todas as formas de violência política, civil e militar permanecem em nosso imaginário por meio de lendas e narrativas transmitidas de geração em geração, muitas vezes de forma oral. Em alguns casos, esses relatos conseguiram integrar nossa herança literária escrita, constituindo uma parte valiosa de nossa cultura.

Uma narrativa que recorde ter explorado com atenção as características de um desses povos é *Quarup* (1967), de Antônio Callado, narrativa em três partes que mostra a trajetória do padre Nando do início do governo Getúlio Vargas até a ditadura de 1964. Nessa narrativa, somos apresentados ao povo Xingu, em uma missão de restauração nas escalas jesuítas que é completamente frustrada graças às maquinações políticas e aos intuitos mesquinhos representados pelas classes sociais do período.

Apesar de a narrativa não ser centralmente trabalhada com o fantástico como pensamos nesse trabalho, é possível perceber a influência dos ritos e dos mitos originários nas transformações do personagem que, além da descoberta sexual, percebe que sua forma de entender a realidade daqueles povos não dialogava com a maneira como a vida era levada nos recônditos amazônicos e nas realidades, muitas vezes fantásticas, daqueles povos.

Para a história da literatura fantástica no Brasil, essas narrativas e relatos ocupam várias esferas de referência, mesmo que não estejam formalmente compilados ou diretamente citados. Eles estão presentes nas raízes de nossa

literatura do insólito, influenciando-a de maneiras sutis e profundas. Essas influências podem ser observadas tanto de forma direta, como nos escritos de autores indígenas mencionados anteriormente, quanto de maneira mais difusa, em uma rica tradição literária que muitas vezes não reconhecemos como indígena, mas que de fato é parte de um conjunto literário ancestral.

A literatura fantástica brasileira deve muito aos povos originários, uma vez que essas literaturas não apenas oferecem fontes de referência direta, mas também enriquecem nosso repertório literário com elementos que remontam a uma tradição literária milenar. Essa influência se estende aos ambientes rurais, um tema crucial em nossa literatura fantástica, que exploro em seguida.

Quando falei das histórias que minha avó contava do período em que viveu no sítio, falei de uma memória passiva, referência de um espaço que não vivi, mas que muito ouvi falar pelos meus parentes mais idosos. Minha realidade é completamente urbana em termos de vivência. Portanto, não sou testemunha direta dessas narrativas. No entanto, gosto de pensar que fui influenciado por elas de maneira passiva, o que me permitiu compreender como esses elementos eram considerados insólitos, mas reais para aqueles que os vivenciaram. Na perspectiva deles, tudo o que descrevem aconteceu da forma como relatam.

Logo, nessa perspectiva, o fantástico é real, elemento pertencente à vida e ao dia a dia daqueles indivíduos. Os eventos fantásticos não eram tratados como metáforas e simbolismos, pois faziam parte de um arcabouço referencial das realidades empíricas de muitos dos indivíduos que compartilhavam essas histórias.

Pensando nessa abordagem, grande parte da formação da literatura fantástica brasileira tem como surgimento e referência os ambientes rurais de todo o país, seja das geografias mais isoladas, em terras longe de qualquer urbanização, seja nas chácaras a poucos quilômetros de uma cidade qualquer, os autores que abordaram esses ambientes foram muito prolíferos e formam uma grande parcela de narrativas do gênero.

Um dos primeiros exemplos que encontrei nessa pesquisa foi o texto de João Simões Lopes Neto, *Lendas do sul* (1913). Um conjunto de breves narrativas que mesclam contos, relatos e lendas de sua região com um vocabulário muito específico, rico em termos locais e muito importante para uma historiografia literária gaúcha.

Entre as narrativas que compõem esse compilado, gostaria de trazer alguns exemplos da exploração de Simões Neto do insólito rural. Primeiro, com a narrativa

inaugural do livro, *A Mboitatá*, onde o escritor descreve o mito da cobra de fogo e do fogo fátuo, tão comum nas histórias de nossos ancestrais. No conto, Simões Neto utiliza de uma escrita lírica para descrever o assombro dos homens frente à criatura mítica e a fome da criatura ao olhar o medo dos homens. Um trecho em específico desse conto sempre me deixa desconfortável:

E os homens, por curiosos, olhavam pasmados, para aquele grande corpo de serpente, transparente — tatá, de fogo — que media mais braços que três laços de conta e ia alumando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a boitatá ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, que já os das carniças a enfartavam... (Neto, 1965, p.3)

O trecho mostra a fragilidade do homem frente à criatura onipotente. Há um silêncio de ações de quem observa a criatura mítica, um assombro tão poderoso que os deixa imóveis enquanto a criatura, certa de sua ação nas realidades daqueles indivíduos, cobiça-os como alimento, mostrando sua superioridade.

Na última parte desse livro, Simões Neto descreve sete criaturas de nosso folclore: *Caapora*, *Curupira*, *Saci*, *Uiara*, *Jurupari*, *Lobisomem* e *Mula sem cabeça*, viajando do centro ao norte de nosso país a partir das lendas locais de cada ambiente. Apesar da breve descrição, Simões Neto é um dos primeiros escritores que encontrei a compilar, mesmo que de forma breve, essas lendas em um livro.

Para ser mais conciso, quero mencionar meu interesse especial por um dos contos dessa obra de Simões Neto, intitulada *O Negrinho do Pastoreio*. Esse é um texto amplamente reconhecido, que transcendeu seu nicho original e alcançou um público mais amplo. O conto narra a intervenção de Nossa Senhora para auxiliar um escravo que sofreu punições brutais de seu senhor. Originalmente publicado em 1913, o texto apresenta a presença de uma figura celestial, visível pelo senhor de escravos, que age como intermediária para realizar um milagre. O aspecto extraordinário ocorre em duas situações distintas: primeiro, ao se revelar ao senhor dos escravos e, em seguida, nas aparições do menino do pastoreio em vários locais, mesmo após sua morte.

Essa narrativa é notável por sua representação do fantástico brasileiro, pois combina elementos sobrenaturais e religiosos com questões profundamente arraigadas na sociedade da época. Ela continua a ser relevante ao longo do tempo, ecoando na cultura brasileira contemporânea graças à força da religião católica em

nosso país e à importância que ela teve como narrativa antiescravagista.

É importante notar que o registro mais antigo da lenda original do Negrinho do Pastoreio data de 1857, e foi realizado por Antônio Maria do Amaral Ribeiro. Essa é uma lenda afro-cristã que se disseminou entre os antiescravagistas, especialmente no final do período da escravidão no Brasil. Um aspecto de grande interesse para esta tese é a fusão do elemento fantástico com o elemento religioso sobrenatural e miraculoso presente nessa lenda e na narrativa de Simões Neto.

A relação entre o insólito e o religioso é um tema significativo na literatura e na cultura brasileira, e essa lenda é um exemplo fascinante dessa interação. Ela ilustra como o fantástico encontra espaço para se desenvolver em nosso contexto cultural, mesclando elementos do cotidiano com o extraordinário, o que contribui para a riqueza da literatura e do imaginário social do Brasil.

Avançando um pouco, gostaria de trazer um dos autores que mais produziram narrativas brasileiras do fantástico e que, ainda hoje, é considerado referência no que tange à nossa história literária do fantástico, José J. Veiga. Tendo produzido seus textos em um período de rápida transição do ambiente rural para o urbano, com o 50 em 5 de Juscelino Kubitschek, José J. Veiga usa de um narrador com olhar infantil para descrever sua realidade transeunte entre um Brasil e outro.

Narrativas como *A espingarda do rei da Síria* (1959); *A invernada do sossego* (1959); *A hora dos ruminantes* (1966) e dezenas de outras são exemplos muito sucintos de narrativas que emprestam de um ambiente rural místico e memorial para apresentar problemas insólitos e reais de um público leitor que estava passando pela mesma transição, muitas vezes forçada, de uma vivência rural para uma realidade urbana.

José J. Veiga, em meu olhar, foi o escritor que conseguiu, com a maior maestria, transpor os medos do desconhecido e do lendário para a fortuna literária do fantástico nacional. Seus personagens são, com os devidos cuidados dessa aproximação no que tange à crítica literária, reflexo de seus receios e de sua passagem como indivíduo dessa experiência vivida pela sociedade brasileira.

Ao longo de sua carreira literária, que se estendeu por quase setenta anos, José J. Veiga demonstrou uma notável capacidade de adaptação aos diferentes cenários do Brasil. Inicialmente, suas obras exploravam a realidade rural, com personagens que interagiam com elementos do fantástico. No entanto, à medida que o país passava por mudanças significativas, Veiga acompanhou essa transição em

sua escrita. Seu livro *Objetos Turbulentos*, publicado em 1997, exemplifica essa evolução, marcando sua transição para narrativas predominantemente urbanas. Nessa fase tardia de sua vida e obra, Veiga adotou uma abordagem mais sutil em relação ao fantástico, concentrando-se mais na representação do cotidiano urbano. Essa habilidade de transitar entre diferentes contextos e estilos narrativos ao longo de sua carreira é uma característica notável de sua obra e reflete a adaptabilidade do autor diante das transformações sociais e culturais do Brasil a partir do fantástico.

José J. Veiga é um dos maiores, senão o maior, nome do fantástico brasileiro. Gosto especialmente da forma como ele trabalhou a história brasileira a partir do insólito ficcional, como ele mostrou vários Brasis dentro de uma fortuna literária rica e muito importante para a construção de nossa história.

A memória e o rural perdem força conforme somos levados cada vez mais para as realidades urbanas, e isso não seria diferente com o insólito literário. Contudo, gosto de pensar que essa tradição permanece muito viva não só em nosso imaginário como em nossas narrativas, que nunca se afastaram completamente desse sentimento do desconhecido promovido pelo ambiente rural e pelo isolamento dessas regiões. Não à toa a regionalização foi outro elemento de nossa literatura fantástica, graças à ligação que ela possui entre o rural e a transição para o urbano.

Vou explorar um pouco essa faceta de nosso fantástico a partir de duas regiões do Brasil, o Sul e o Nordeste. Inicialmente com um dos escritores mais prolíferos de nosso insólito nacional, Moacyr Scliar. Com *O Carnaval dos animais* (1968), primeiro compilado de contos do autor, Scliar inicia sua trajetória literária no insólito com contos como *As ursas*; narrativa de teor religioso-maravilhoso, *Canibal*; onde é descrita a automutilação de uma irmã que não recebeu a ajuda da outra e *Torneio de pesca*; onde um dos personagens tem seus braços amputados pois estaria, teoricamente, roubando na competição.

Esses contos iniciais demonstraram a habilidade de Scliar em incorporar o insólito em narrativas que exploravam aspectos profundos da condição humana, frequentemente questionando limites morais e éticos. Scliar continuou a expandir suas incursões no fantástico ao longo de sua carreira, criando um corpo significativo de trabalho que se destaca na literatura brasileira e enriquece o cenário do fantástico. Suas narrativas oferecem aos leitores uma visão única das complexidades da existência humana, muitas vezes desafiando as noções convencionais de realidade e oferecendo uma exploração instigante do extraordinário em contextos cotidianos.

As narrativas de Moacyr Scliar são profundamente enraizadas nos cenários dos pampas gaúchos e nas zonas de transição entre o rural e o urbano. Esses ambientes geográficos desempenham um papel fundamental em sua obra, fornecendo o pano de fundo para muitas de suas histórias. Além disso, Scliar, que tinha ascendência judaica, explorou essa herança cultural incorporando mitos e elementos de outras culturas em suas narrativas ambientadas no Brasil.

Sua vivência em uma região marcada pela intensa imigração europeia nos séculos XIX e XX influenciou sua compreensão das complexas realidades culturais e religiosas dessas populações. Scliar utilizou o sobrenatural como uma ferramenta para explorar e compreender os dogmas e as experiências dessas comunidades. Ao mesclar elementos do fantástico com elementos culturais e religiosos específicos, ele criou narrativas que revelam as nuances das identidades individuais e coletivas nesses contextos.

Moacyr Scliar é reconhecido por sua capacidade de fundir o insólito com o cotidiano, permitindo que seus leitores explorem questões profundas relacionadas à identidade, à espiritualidade e à cultura por meio de uma lente literária particular. Seu trabalho é uma contribuição valiosa para a literatura brasileira, enriquecendo o cenário do fantástico e proporcionando reflexões profundas sobre a condição humana.

O sul do país tem sido um polo poderoso de criação literária do fantástico, seja por autores como Moacyr Scliar, que mescla várias realidades externas no processo de construção de uma sociedade, seja por autores que falaram das lendas locais para um público menos amplo, como é o caso de João Simões Lopes Neto, de quem falei anteriormente, e autores que se aventuraram com menos intensidade, mas que são exemplos importantes de nossa história do fantástico, como é o caso de Péricles Prade e seu *Os milagres do cão Jerônimo* (1970).

Contudo, o autor que acabou sendo uma referência internacional de nosso fantástico, e que escreveu a partir de nossa região Sul, foi Érico Veríssimo, em especial suas obras *Um certo capitão Rodrigo* (1970) e *Incidente em Antares* (1971). A última é considerada, por muitos colegas de pesquisa, a narrativa fantástica brasileira mais importante para nosso arcabouço literário, seja pela forma como ela trata o insólito, sem nenhuma amarra ou receio de descrever os eventos fantásticos, seja pela importância política regional e nacional que essa obra conseguiu alcançar.

Érico Veríssimo conseguiu realizar algo notável em sua narrativa, que até então era uma raridade no cenário literário do fantástico. Sua obra transcendeu o nicho de

leitores habitualmente associado a esse gênero e conquistou uma audiência mais ampla. *Incidente em Antares* não apenas ganhou reconhecimento internacional, mas também se tornou um exemplo emblemático de nossa tradição literária no campo do fantástico. Essa conquista é um marco importante na história da literatura brasileira, destacando a capacidade do gênero fantástico de transcender barreiras e tocar em questões universais que ressoam com pessoas de diferentes origens e culturas.

Subindo para a região sudeste, outro estado de forte emprego do fantástico na literatura foi Minas Gerais. Murilo Rubião é o autor mais reconhecido do fantástico de Minas Gerais e do Brasil, suas narrativas o consagraram como escritor do gênero e seu trabalho como editor e jornalista foi essencial para que um insólito nacional fosse reconhecido, contudo, falarei sobre ele em um momento específico à frente. Neste momento, gostaria de trazer outros nomes dessa região que foram importantes para nossa história do fantástico.

Lúcio Cardoso, com *O enfeitado* (1954) e *A casa assassinada* (1959); Autran Dourado, com *Ópera dos mortos* (1967) e *O risco do bordado* (1970), e Rui Mourão, com *Cidade calabouço* (1973), foram alguns nomes do fantástico que encontrei nesta pesquisa. Suas narrativas, em resumo, tratam de uma realidade fora do eixo Rio-São Paulo, em uma região que passava por uma transição do rural para o urbano muito rapidamente, mas que tentava manter certas raízes, principalmente no que tange à questão da história cultural do Brasil e às nossas raízes artísticas, tão presentes nas cidades históricas de Minas Gerais.

Goiás destacou-se como um estado com uma presença significativa do fantástico na literatura, principalmente através de José J. Veiga. São Paulo e Rio de Janeiro, por sua vez, produziram uma grande quantidade de narrativas fantásticas, embora a natureza do fantástico nessas grandes metrópoles tenha tendido mais para o afastamento das tradições rurais do que para o resgate e permanência delas.

Na região norte, encontramos uma riqueza de narrativas orais, mas é na região nordeste que observamos uma força considerável do fantástico que dialoga com públicos e realidades distintas. No Nordeste, o fantástico se entrelaça com mitos e realidades em uma perspectiva única, incorporando medos que, por muito tempo, permaneceram confinados às suas origens, mas que, com o passar do tempo, ganharam força e se tornaram um nicho importante na literatura insólita brasileira.

Osman Lins, com *O visitante* (1955); Josué de Sousa Montello, com *Os degraus do paraíso* (1965); Herberto Sales, com *Histórias Extraordinárias* (1966) e

*Transcontos* (1974) e André de Figueiredo, com *Labirinto* (1971) foram alguns escritores do nordeste brasileiro que se destacaram nesse período. A chegada do estrangeiro à cidade de São Serafim, em *O visitante*, é o ponto central da história e desencadeia uma série de eventos que perturbam a rotina dos personagens locais. O comportamento incomum do visitante e suas ações desafiadoras levam os habitantes da cidade a reconsiderar suas próprias vidas e valores, forçando-os a fazer escolhas que estão fora do comum. A presença do estrangeiro atua como um catalisador de mudanças e confronta os personagens com questões sobre a natureza humana e as normas sociais. A narrativa de Osman Lins explora como a chegada do desconhecido pode perturbar a estabilidade de uma comunidade e levantar questões mais profundas sobre identidade e conformidade.

É verdade que o tema do estrangeiro ou do diferente que perturba o cotidiano é recorrente nas narrativas do fantástico. Os escritores nordestinos, em particular, conseguiram explorar essa característica de forma notável, enriquecendo o gênero com uma variedade de temas e perspectivas. Suas obras muitas vezes mergulham em aspectos culturais, sociais e históricos específicos da região, criando um universo literário distintamente regionalizado. No entanto, é importante notar que, embora algumas dessas obras possam ser menos acessadas fora de seu contexto original, elas contribuem significativamente para a diversidade e a riqueza da literatura fantástica brasileira, oferecendo novas perspectivas e abordagens para o gênero.

O fantástico nordestino ganhou destaque devido à riqueza de narrativas e expressões artísticas que fazem uso do fantástico. Esse destaque levou à criação de divisões com significados próprios dentro do gênero, como o "cordel fantástico" e o "gótico nordestino". Essas abordagens singulares contribuíram para estabelecer uma distinção entre o fantástico produzido nos grandes centros urbanos do sul e sudeste do Brasil e o fantástico originário do Norte e, principalmente, do Nordeste. Essa divisão não apenas enriqueceu o cenário literário brasileiro, mas também destacou a importância das vozes regionais na promoção da diversidade e da pluralidade da literatura fantástica no país. Esses subgêneros e abordagens específicas ajudam a refletir as complexidades culturais e sociais de suas respectivas regiões de origem, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais do insólito brasileiro.

Para terminar este tópico sobre regionalismo, gostaria de destacar o trabalho do professor e pesquisador da Universidade Federal do Ceará, Stélio Torquato Lima,

onde o mesmo faz uma pesquisa acerca do cordel e do fantástico nordestino que abrange desde a cultura ancestral até as abordagens que tratam sobre colonialismo e violência estatal. No último parágrafo desse texto, o professor aponta:

Nesse processo, como foi discutido neste trabalho, imaginação e questionamento social dão-se as mãos no cordel, fazendo com que o aparente distanciamento do real não seja mais do que uma forma de tornar mais nítida, como a caricatura que costuma deformar para melhor informar, uma crítica contundente em relação às condições sociais e aos agentes que oprimem historicamente a grande massa de explorados de quem nossos poetas populares tornaram-se porta-vozes. (Lima, 2020, p.137)

A fala do pesquisador diz muito sobre como o insólito adentra vários gêneros e ajuda a construir novas maneiras de observar, criticar e reconhecer as realidades de cada espaço, promovendo as culturas regionais como transcendentais no ato de entender as diversas realidades que nos cercam.

O próximo tópico que exploro é a urbanização e a importância do fantástico em ajudar a compreender as novas realidades. Explorar a influência da urbanização no contexto do insólito é fundamental para compreender as mudanças sociais e culturais que ocorreram à medida que as sociedades se urbanizaram. O fenômeno da urbanização, marcado pela migração das pessoas das áreas rurais para as cidades, trouxe consigo uma série de transformações nas dinâmicas da vida cotidiana, nas relações sociais e nas percepções da realidade.

O insólito desempenha um papel significativo na literatura ao abordar essas transformações. À medida que as pessoas se distanciam de ambientes rurais tradicionais, onde o contato com o insólito muitas vezes fazia parte da vida diária, o choque cultural e a estranheza em relação ao ambiente urbano podem ser explorados por meio de elementos fantásticos na narrativa.

Autores que se dedicam a essa temática frequentemente usam o insólito para expressar o estranhamento e a desorientação que podem surgir em ambientes urbanos desconhecidos. Isso pode incluir encontros com seres sobrenaturais ou a descoberta de dimensões ocultas da cidade. Essas narrativas não apenas fornecem uma lente para examinar as complexidades da vida urbana, mas também permitem que os leitores explorem as tensões entre o antigo e o novo, o tradicional e o contemporâneo.

Em suma, o fantástico desempenha um papel crucial na literatura ao ajudar a compreender as novas realidades e os desafios que surgem com a urbanização,

permitindo que os autores explorem questões de identidade, pertencimento e transformação em um mundo em constante evolução.

Alguns autores desse período se destacaram ao trabalhar com essa ideia de desprendimento, muitas vezes forçado, de um ambiente para o outro. Obras como *Assunção de Salviano* (1954), onde Antônio Callado trata da busca no rural de influências para um avanço político urbano, usando das crenças e de um insólito tênue para mostrar as facetas do cristianismo político; *O Enfeitado* (1954), de Lúcio Cardoso, que faz parte da trilogia do mundo sem Deus, que mostra um Rio de Janeiro decadente nas ruelas das mais violentas e desesperançosas ruas boêmias com um personagem que está aprendendo a conviver com essa realidade, ou ainda *Histórias de desencontro* (1958), de Lygia Fagundes Telles, onde a autora nos presenteia com um texto que é saudade e descoberta, que é insólito e é real, dependendo do olhar do leitor.

Compreender a migração maciça do ambiente rural para o urbano no Brasil, especialmente durante o final do século XIX e ao longo do século XX, é essencial para contextualizar a evolução do fantástico. Esse êxodo populacional, muitas vezes motivado por necessidade econômica ou forças externas, transformou drasticamente a paisagem social e cultural do país.

À medida que as pessoas se deslocavam das áreas rurais para as cidades, elas se encontravam em ambientes desconhecidos e muitas vezes hostis. Essa transição tumultuada proporcionou um terreno fértil para a exploração do fantástico, uma vez que os autores podiam utilizar elementos sobrenaturais e inexplicáveis para refletir as experiências de estranhamento, alienação e deslocamento dos migrantes.

Essas narrativas muitas vezes exploravam o contraste entre o mundo rural, com suas tradições, folclore e conexões espirituais, e o ambiente urbano, frequentemente retratado como impessoal, desumano e cheio de desafios. O fantástico oferecia uma maneira de dar voz às ansiedades e aos conflitos interiores dos personagens diante dessa mudança de cenário.

Dessa forma, o fantástico não apenas acompanhou a migração do rural para o urbano no Brasil, mas também desempenhou um papel crucial na construção de narrativas que refletiam as complexidades dessas transições sociais e culturais, proporcionando aos leitores uma maneira de compreender as novas realidades que surgiram com a urbanização.

Com essa perspectiva de transição em mente, é próprio do indivíduo transeunte

esquecer de suas memórias com o passar dos anos, mas uma característica importante permaneceu muito forte em nosso imaginário brasileiro do insólito, as lendas. Talvez por serem, muitas vezes, tratadas como uma herança pelos descendentes, a tradição das lendas permaneceu muito presente em nosso ideário, tornando-se elemento indispensável da criação de nosso fantástico.

A transição para o ambiente urbano provocou uma notável mudança na maneira de transmitir essas lendas. Inicialmente baseadas na oralidade, essas narrativas gradualmente migraram para diversos formatos de mídia física e, posteriormente, com o advento dos computadores e o amplo acesso à internet, passaram a ocupar um espaço significativo no ambiente digital. Essa transformação não apenas alterou os meios de transmissão, mas também reformulou substancialmente os padrões de consumo dessas lendas. Agora, elas se propagam para audiências mais amplas com maior rapidez e eficiência. Dentro desse contexto narrativo, torna-se evidente que o fantástico extrai sua forma mais poderosa da confluência entre a herança rural e a transformação urbana, onde o próprio ato de contar histórias desempenha um papel central, representando um aspecto dinâmico e influente da identidade fundamental desse gênero.

A professora Sylvie Dion traz uma interessante distinção da lenda urbana para a lenda tradicional, o que, em meu ponto de vista, fala muito sobre as transformações estéticas e de gênero que foram necessárias acontecer para a continuação dessa tradição.

A lenda urbana se distingue da lenda tradicional por sua coincidência entre o tempo do narrador e o tempo da narração. Pois, como menciona Jean Bruno Renard, "O narrador e os protagonistas da história são, no sentido próprio, contemporâneos. Os fatos relatados se situam num passado recente" (RENARD, 1999, p.50). Ela se distingue também pelo seu modo de difusão. Enquanto as lendas tradicionais são transmitidas essencialmente pela oralidade e em uma atmosfera geograficamente limitada na sociedade tradicional, as lendas urbanas, ao contrário, são transmitidas em escala mundial através da imprensa, do telefone, da internet e das fotocópias. (Dion, 2008, p.4)

Por fim, acredito que as lendas urbanas foram indispensáveis para a manutenção de um insólito que muitas vezes se viu acuado nos ambientes urbanos devido à resistência dos grandes grupos de mídia ou dos grandes centros culturais. Acredito também que a urbanização foi um processo brutal e célere que deixou marcas violentas em nossa história, mas que, devido à força dos que promoveram

essa passagem, teve seu impacto abrandado pelo fantástico.

A intensificação da violência ganhou contornos ainda mais agravantes no contexto político brasileiro da segunda metade do século XX, quando o país enfrentou o regime militar que perdurou de 1964 a 1985. Nesse cenário, o fantástico experimentava um crescimento gradual, com autores que, de maneira geral, buscavam inspiração no movimento literário do *boom latino-americano* observado em países vizinhos. Eles empenhavam-se na tarefa desafiadora de forjar uma identidade narrativa nacional, aplicando os princípios desse movimento à elaboração de narrativas que exploravam as fronteiras do fantástico na literatura brasileira.

Apesar da aproximação que alguns escritores tiveram do que foi a literatura do *boom latino-americano*, o Brasil não conseguiu dialogar com intensidade com seus vizinhos e percebeu, rapidamente, a necessidade de imprimir um projeto sólido de identidade nacional, o que também se mostrou frustrado em muitas escalas. O que restou foram escritores, geralmente de forma isolada ou em iniciativas singulares, que produziram narrativas do fantástico.

Não posso desmerecer a importância dos suplementos literários de Minas Gerais e do Estado de São Paulo, ou das editoras que tentaram imprimir um selo do fantástico nacional, ou ainda as iniciativas regionais, principalmente no nordeste, que promoveram a publicação e a divulgação de obras fantásticas, mas ficou claro, em pesquisas posteriores, que o fantástico floresceu no Brasil a partir de momentos e lugares isolados, com pouco ou nenhum investimento e, mesmo assim, foi imprescindível para hoje entendermos o que foi a ditadura militar brasileira.

Aliás, abordar a ditadura militar e todas as suas facetas mais cruéis foi terreno fértil para nossa narrativa fantástica. Escritores como José J. Veiga, com *A hora dos Ruminantes* (1966) e *Sombras de reis barbudos* (1972); Érico Veríssimo, com *Um certo capitão Rodrigo* (1970) e *Incidente em Antares* (1970); Lygia Fagundes Telles, com *Antes do baile verde* (1970); Péricles Prado, com *Os milagres do cão Jerônimo* (1970); Murilo Rubião com vários contos em coletâneas como *O pirotécnico Zacarias* (1974) e *A casa do girassol vermelho* (1974), além de dezenas de outros escritores aproveitaram esse momento do Brasil para produzir narrativas que falavam de nossos medos compartilhados.

A realidade nunca foi tão aterrorizante quando o agora desse período para muitos brasileiros. Viver a ditadura foi estar, como meus parentes mais idosos comentam, em um constante estado de incerteza por apenas pensar contrário ao

regime. Não à toa, a memória desse período foi imensamente prejudicada pelas ações concretas de apagamento de documentos históricos e sensíveis ao regime militar pelos governos do regime. A literatura, nesse ínterim, foi capaz de burlar, com considerável sucesso, essas mecânicas de poder e eternizar, pelo olhar dos escritores, a realidade apagada historicamente desse período.

Em um texto publicado em 2017, o professor doutor em sociologia Fernando Perlatto consegue resumir essa importância ao destacar a fluidez do texto literário no trato com a história.

A literatura, até mesmo pela possibilidade do emprego de recursos formais diferenciados, como por exemplo o “deslocamento do foco narrativo e a suspensão da linearidade temporal”, e pela utilização de procedimentos discursivos específicos, tem se mostrado particularmente frutífera do ponto de vista analítico para a elaboração de representações mais complexas e multifacetadas de experiências vividas sob governos autoritários – a exemplo do regime inaugurado com o golpe de 1964 –, diante da própria impossibilidade manifesta para que trabalhos acadêmicos consigam reconstruir, com a sensibilidade necessária, as atrocidades e os horrores desses momentos traumáticos (Ginzburg, 2000: 148). Além disso, há que se destacar que, em casos como o da ditadura brasileira, como decorrência das dificuldades de acesso a muitos dos “documentos sensíveis” daquele período (Fico, 2012), a literatura, “ao criar personagens, ao simular situações”, pode, como bem ressaltado por Eurídice Figueiredo (2017: 29), cumprir o papel de uma espécie de “suplemento aos arquivos”, ampliando as possibilidades para uma reflexão mais refinada sobre diferentes características daquele passado, que muitas vezes não podem ser acessadas e abordadas com o rigor necessário pelas pesquisas acadêmicas. (Perlatto, 2017, p.727-728)

O fantástico desempenhou um papel crucial ao longo de sua história literária e crítica durante o período do regime militar no Brasil. Ele se mostrou altamente eficaz em ocultar suas críticas e ideias por meio de elementos fantásticos. É notável, por exemplo, como escritores como José J. Veiga trouxeram elementos rurais para um contexto urbano e exploraram a literatura fantástica em combinação com eventos da vida real. Murilo Rubião, por outro lado, utilizou alegorias densas e simbologias complexas para abordar os vícios do poder. Lygia Fagundes Telles, por sua vez, empregou narrativas infantojuvenis para retratar o terror desse período histórico. Esses escritores exploraram as diversas facetas do insólito para ilustrar que o medo era uma realidade mais tangível do que as invenções fantásticas presentes em suas obras, uma vez que permeava as realidades de forma mais clara do que se poderia imaginar.

A censura desempenhou um papel central durante o período do regime militar, exercendo um rígido controle sobre a mídia e a cultura, o que resultou na proibição da

circulação de muitos textos. Em países vizinhos como Argentina, Paraguai e Chile, a censura enfrentou um desafio quando se tratava do gênero fantástico. A maioria dos censores estava mal preparada para compreender as nuances do fantástico como uma ferramenta de crítica ao governo. Isso criou um espaço cinzento que, em muitas ocasiões, permitiu que textos passassem pela censura e fossem publicados.

No contexto brasileiro, a situação não foi diferente, e muitos escritores viram no fantástico uma ferramenta para expressar seu descontentamento e suas ideias contrárias ao regime militar. Autores notáveis como Érico Veríssimo, com *Incidente em Antares* (1970); José J. Veiga, com *Sombras de Reis Barbudos* (1972) e Murilo Rubião, com *O Pirotécnico Zacarias* (1974), entre outras narrativas, formaram um grupo considerável de autores que desafiaram de forma criativa a censura nacional. Eles produziram narrativas que conseguiram falar diretamente com um público ansioso, porém receoso, de criticar abertamente a maneira como os militares controlavam o país.

Na obra *Os Tambores Silenciosos* (1977), por exemplo, Josué Guimarães explora o contexto de censura que predominava durante o período militar. O narrador constrói uma cidade fictícia povoada por personagens que se tornam representações dos poderes e da opressão política e militar da época. Cada elemento da narrativa serve como uma alegoria dos desafios enfrentados pela sociedade sob a repressão do regime militar.

A censura prévia imposta pelo regime militar teve um impacto significativo na produção literária brasileira desse período. Os escritores e as editoras precisaram lidar com a constante ameaça de terem seus textos rejeitados ou até mesmo proibidos pelas autoridades militares. Isso levou a um ambiente em que muitos autores se sentiram obrigados a autocensurar seus trabalhos, evitando temas sensíveis ou críticas diretas ao regime.

As editoras contratavam “censores” prévios a fim de revisar os textos antes da publicação, na esperança de evitar problemas com a censura oficial. Esse cenário criou um ambiente de incerteza e autocensura, no qual os escritores muitas vezes tiveram que encontrar maneiras criativas de transmitir suas mensagens ou críticas por meio de metáforas, alegorias e elementos fantásticos, como discutimos anteriormente.

A censura prévia, embora tenha representado um desafio significativo para os escritores da época, também gerou um corpo de obras literárias que, de muitas maneiras, refletiu as tensões e os conflitos da sociedade brasileira durante o regime

militar. Essas obras continuam sendo importantes documentos históricos e literários que capturam o espírito da época e as lutas pela liberdade de expressão e pelos direitos humanos.

Com certeza, a censura imposta pelo regime militar causou um impacto significativo na produção literária brasileira da época. Muitos textos foram censurados ou tiveram partes essenciais removidas, resultando em uma perda cultural incalculável. Alguns escritores conseguiram revisar e republicar seus trabalhos em momentos menos repressivos da história, enquanto outros viram seus textos serem completados por terceiros.

Portanto, embora a ditadura militar tenha representado uma época sombria na história do Brasil, também foi um período de efervescência literária e artística, onde o fantástico desempenhou um papel crucial na representação das experiências e dos medos da sociedade brasileira. Suas narrativas capturaram o silêncio e o medo que muitos indivíduos vivenciaram durante aqueles anos turbulentos da história brasileira.

Pensando nessa perspectiva do esconder-se para poder ser lido, um gênero em especial conseguiu trabalhar com esse desafio de forma singular e acabou se tornando um dos meios mais ricos de resgate do fantástico no Brasil da ditadura militar: a literatura infantojuvenil.

É notável que, embora o gênero do fantástico infantil seja frequentemente associado a narrativas maravilhosas, usando aqui a proposta todoroviana, como contos de fadas e histórias da carochinha, no contexto brasileiro, duas escritoras se destacaram ao provocar reflexões insólitas nos leitores infantojuvenis. Estas autoras são Lygia Fagundes Telles e Lygia Bojunga Nunes. Ambas as autoras tinham consciência da importância de suas narrativas na construção do imaginário infantil brasileiro e, como tal, produziram textos que exploraram temas profundos e, por vezes, desconfortáveis.

Os temas explorados por essas autoras incluíam questões como violência familiar, desapego, ruptura de laços parentais, desaparecimento, abandono e a transição da infância para a idade adulta, entre muitos outros. Em suas obras, elas envolviam os leitores jovens em reflexões sobre suas próprias realidades e experiências. Lygia Fagundes Telles e Lygia Bojunga Nunes desempenharam um papel fundamental ao desafiar as convenções da literatura infantojuvenil, enriquecendo o cenário literário brasileiro com narrativas que tinham a capacidade de tocar profundamente os jovens leitores e, ao mesmo tempo, abordar temas complexos

de forma acessível e sensível.

Narrativas como *Porão e sobrado* (1938), *Ciranda de pedra* (1954) e *Antes do baile verde* (1970), de Lygia Fagundes Telles e *Angélica* (1975) e *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes, são apenas alguns exemplos de um emaranhado de narrativas dessas escritoras que formam uma rica biblioteca de obras que usam do fantástico para explorar e demonstrar realidades que eram trabalhadas de forma rasa com os que sofriam essas violências e esses desapegos, o público infantojuvenil.

A Coleção Vagalume, lançada em 1973, desempenhou um papel significativo na construção do gênero fantástico na literatura infantojuvenil brasileira. Dentro dessa coleção, obras como *O caso da borboleta Atíria* (1976), de Lúcia Machado de Almeida, *Menino de Asas* (1977), de Homero Homem, *Xisto no Espaço* (1982), de Lúcia Machado de Almeida e *O Outro Lado da Ilha* (1986), de José Maviael Monteiro, contribuíram de maneira marcante para a riqueza e diversidade do imaginário literário destinado ao público jovem no Brasil.

Essas narrativas exploraram o fantástico em diferentes escalas, enriquecendo o universo da literatura infantojuvenil com elementos extraordinários e desafiadores. A Coleção Vagalume desafiou as expectativas e proporcionou aos jovens leitores brasileiros uma ampla gama de histórias que estimularam a imaginação e incentivaram a reflexão, contribuindo assim para a constituição literária e cultural dessa audiência.

A relevância da literatura infantojuvenil para o gênero do fantástico é tão significativa que a pesquisadora Maria da Glória Bordini realizou um levantamento na década de 1980 para investigar os principais temas abordados nessas narrativas. Aproximadamente 32% de todas as obras analisadas exploravam de alguma forma elementos da literatura fantástica. Esse dado ressalta a importância do fantástico como uma ferramenta narrativa poderosa para envolver e estimular a imaginação de jovens leitores, ao mesmo tempo em que lhes permite explorar questões complexas e conceitos intrigantes por meio da ficção.

30% sobre o cotidiano infantil, 27% no âmbito do conto fantástico, 17% dedicados à representação da vida das pessoas; 10% sobre questões históricas, 5% dedicadas ao folclore e à religião, cerca de 4% de adaptações e os 7% restantes referem-se aos gêneros de massa, que versam sobre temas variados. (Bordini, 1998, p.41)

Por fim, as temáticas que abrangem o fantástico são tão variadas que, muitas

vezes, se misturam a outros gêneros e criam novas e mutáveis formas de lidar com o real. Seja pela sustentação oral de lendas, seja pelo texto produzido, veiculado e lido de forma digital, o fantástico brasileiro foi muito importante ao conseguir dialogar com os mais diversos públicos e, com essa perspectiva, adentrar os espaços mais importantes, principalmente em momentos em que a realidade brasileira foi a mais violenta e mais excludente.

A partir desse pensamento, no capítulo seguinte, entro na análise dos autores brasileiros que se arriscaram no trabalho com o fantástico e ajudaram a formar nossa literatura do gênero. Esses escritores serviram tanto como continuidade de um gênero em crescimento mundial durante o século XX, quanto como desbravadores de uma literatura que enfrentou muita resistência para ganhar seu espaço. Exploro suas contribuições, desafios e o impacto que tiveram na consolidação do fantástico no cenário literário brasileiro.

### 3. OS AUTORES DA LITERATURA FANTÁSTICA BRASILEIRA

Neste capítulo, realizo um percurso histórico de nossos escritores do fantástico, começando com aqueles que, mesmo sem um conceito estratificado do fantástico, contribuíram para a constituição do gênero em nosso país. Em seguida, abordo os autores que utilizaram o fantástico como mecanismo de denúncia, até chegar àqueles que se tornaram exemplares de nossa fortuna literária do gênero. Com esse pensamento como alicerce, o capítulo que segue oferece, simultaneamente, um levantamento histórico dos nossos escritores e um recorte da literatura brasileira. Esse recorte leva em consideração tanto nossa formação literária quanto as ramificações que, em muitas oportunidades, foram apagadas pela história e revividas pela pesquisa e pelos leitores.

Até o momento esse trabalho tem construído um referencial estético e regimental do que o fantástico foi durante sua constituição em nosso imaginário nacional. Compreendo a importância de estabelecer um referencial sólido que abranja tanto o contexto histórico, literário, crítico e político quanto as características do gênero fantástico em sua constituição no cenário nacional. Esse embasamento proporciona uma compreensão mais profunda das obras e dos escritores que serão analisados posteriormente, permitindo que os leitores estejam plenamente informados sobre as mudanças sociais e culturais que moldaram o desenvolvimento do fantástico no Brasil. Isso certamente enriquecerá a análise subsequente e proporcionará um quadro mais completo e esclarecedor para a compreensão do fantástico em nossa sociedade.

Este capítulo propõe uma investigação plural, centrada em três abordagens fundamentais. Primeiramente, abordarei a influência literária internacional que desempenhou um papel crucial na moldagem das obras dos escritores do fantástico brasileiro, examinando as fontes literárias e os movimentos estrangeiros que serviram como referências e inspirações para esses autores. Em seguida, procedo a um levantamento das principais abordagens do fantástico brasileiro. Este exame detalhado das técnicas e dispositivos literários empregados proporcionará uma compreensão mais profunda das diversas formas pelas quais o fantástico é manifestado na literatura brasileira.

Por fim, me concentro na identificação e análise dos escritores do fantástico brasileiro. Começo pelos nomes mais proeminentes, incluindo figuras como José J.

Veiga, Murilo Rubião e Moacyr Scliar. Em seguida, exploro a chamada "geração ditadura", composta por diversos escritores que produziram durante o período de regime militar no Brasil. Por fim, investigo a geração de escritores que emergiu após a década de 1990, examinando como essa nova safra de autores contribuiu para a evolução do fantástico brasileiro e como suas obras refletem as transformações culturais e sociais mais recentes no país.

Este capítulo visa não apenas destacar os nomes significativos da literatura fantástica brasileira e situar suas contribuições no contexto histórico do Brasil, mas também enfatizar suas conexões com os aspectos sociais, geográficos e políticos do país. O fantástico desempenhou um papel crucial na compreensão de nossa realidade, permitindo-nos registrar de forma autêntica as diversas mudanças pelas quais o Brasil passou, desde os aspectos governamentais até as transformações sociais, incluindo o êxodo rural e a adaptação à vida urbana e à realidade virtual.

Com esse pensamento em foco, vejamos como o fantástico brasileiro se empossou de várias realidades a fim de falar sobre si mesmo, sobre nossos medos, nossos receios e nossas realidades, sem medo de causar um desconforto no leitor, confiante de que esse desconforto constrói uma inexorável ponte entre a ficção e a realidade. Como um pacto ficcional bem-fundamentado, a literatura fantástica brasileira vai falar sobre nós sem que percebamos os monstros que somos em nosso âmago.

### **3.1. A influência externa**

A literatura fantástica brasileira tem como referência central dois grandes blocos de narrativas. O primeiro é o gótico e o horror europeu dos séculos XVIII ao XX, com ênfase em autores como Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, Howard Phillips Lovecraft, Mary Shelley, Stephen King e muitos outros que, ao longo desses séculos, contribuíram para a constituição da literatura fantástica internacional. O segundo bloco é o *Boom literário latino-americano*, ocorrido em meados do século XX, que inclui escritores como Júlio Cortázar, Carlos Fuentes, Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, Augusto Roa Bastos, Miguel Angel Asturias, Alejo Carpentier, entre outros. Esses dois conjuntos de influências desempenharam um papel significativo na moldagem do panorama literário do fantástico no Brasil e no resultado de uma literatura individual produzida com o passar das décadas.

Edgar Allan Poe é, com pouca margem de erro, o escritor mais influente do gótico ocidental, seus textos ultrapassaram a bolha de leitores modelo do insólito e atingiu toda a sociedade com obras que causam desconforto mesmo quase dois séculos após a sua morte. Obras como *Berenice* (1835), *A queda da casa de Usher* (1839), *O coração delator* (1843), *O barril de amontillado* (1846), entre dezenas de outras narrativas são exemplos indissociáveis da história da literatura fantástica mundial e influência considerável para muitos autores brasileiros.

A segunda geração do romantismo brasileiro foi um período literário que estabeleceu um diálogo significativo com os textos de Edgar Allan Poe. Conhecida como a geração do "mal do século," os ultrarromânticos exploraram temas como a morte, o amor não correspondido e o pessimismo. Isso influenciou alguns escritores brasileiros a criar narrativas que compartilhavam semelhanças com o horror presente nas obras de Edgar Allan Poe. Esse período também se destacou pela busca de expressão artística que pudesse refletir as angústias e os sentimentos sombrios tão característicos do período. É possível que tenha sido essa busca por expressar esses sentimentos que tenha levado ao uso do insólito como uma ferramenta importante para transmitir essas emoções. O insólito tem a importância de ir além dos limites da realidade e evocar medos que transcendem as formas intelectuais reconhecidas, tornando-se assim um veículo eficaz para a expressão das inquietações do período.

Alguns autores brasileiros se destacam nesse período ao se aproximarem dos textos de Edgar Allan Poe, George Gordon Byron, Johann Wolfgang von Goethe e outros do gótico internacional. O paulista Manuel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852) é o primeiro nome que surge, principalmente pelo seu texto *Noite na taverna* (1855), onde o autor traz um conjunto de histórias que mesclam medo, violência, morte, vingança e boemia descontrolada. No texto, Azevedo condensa o gótico com as narrativas de crime comuns do período, em um texto referência para o estudo do surgimento do fantástico nacional.

Contudo, apesar de Álvares de Azevedo ser o primeiro nome que surge ao falarmos sobre a fundação do gótico e da influência de Edgar Allan Poe no Brasil, outros escritores conseguiram também um espaço nessa gênese do gênero no Brasil, em sua maior parte, a partir da poesia. *Maldição materna* (1854), de João Cardoso Menezes e Souza, considerado o primeiro texto brasileiro a falar sobre vampiros; o livro *Noturnas* (1860), de Fagundes Varela; o poema *A orgia dos duendes* (1865), de Bernardo Guimarães e o texto *Inspirações do claustro* (1867), de Junqueira Freire,

são alguns dos textos que flertaram de alguma forma com esse gótico inicial e trouxeram para o Brasil, uma tradição literária que iria fundamentar grande parte do fantástico do período.

A tese do professor Maurício César Menon, intitulada *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932* (2007), é uma valiosa contribuição para o estudo do gótico na literatura brasileira. Nela, o autor apresenta uma tabela que lista sessenta e cinco obras do gótico brasileiro, abrangendo contos, poesia e romances, ao longo do período mencionado no título de sua pesquisa, além de produzir uma fortuna crítica acerca dos temas recorrentes do gênero e de suas aparições no Brasil.

As conclusões apresentadas por Maurício Menon em sua tese são notáveis, pois ele fórmula duas hipóteses intrigantes sobre o papel do gótico na literatura brasileira e suas implicações na história do gênero no país. Além disso, destaco a relevância fundamental de sua pesquisa para a historiografia literária brasileira, resgatando textos que, por várias razões, foram sistematicamente negligenciados e apagados da história literária. Isso se alinha com os objetivos desta tese, que busca destacar obras que muitas vezes foram subestimadas ou ignoradas, mas que desempenharam um papel significativo na evolução do gênero fantástico no Brasil:

Em primeiro lugar, pode-se perceber que a maioria dos casos em que os textos nacionais mais se aproximaram da ambientação e da atmosfera gótica eles se distanciaram do Brasil, trazendo uma narrativa ambientada na Europa ou em algum lugar não identificado. Seria, então, necessária a criação de um espaço textual estrangeiro para a emanção da atmosfera pesadelar gótica? Em um segundo plano, percebe-se a forte influência do imaginário europeu medieval que se avoluma no decorrer de séculos de colonização, mixando-se a elementos da própria terra, compondo, assim, todo um universo mítico que se desenrola nas conversas entre caboclos, ao pé da fogueira, nos sem número de casos sertanejos ou nos serões familiares. Muitas das narrativas, aliás, são apresentadas dentro de um desses aspectos, trazendo narradores sertanejos que destilam suas histórias pessoais ou narradores que contam histórias de segunda mão, procurando distanciar-se da veracidade ou não do fato, sem prejuízo à fantasia. Estaria, portanto, na narrativa regionalista o filão maior de uma literatura de terror/horror no Brasil? (Menon, 2007, p.241-242)

É notável a correlação entre as duas colocações do pesquisador e as discussões apresentadas no capítulo II deste trabalho sobre os lugares do fantástico no Brasil. Especificamente, a observação sobre a importância do ambiente rural e regionalismo como espaços significantes para o desenvolvimento do fantástico no Brasil encontra eco nas reflexões de Menon. Além disso, a menção ao afastamento

dos espaços brasileiros em relação às narrativas europeias e norte-americanas ressoa com a discussão sobre como o fantástico brasileiro frequentemente diverge das convenções estrangeiras, refletindo as especificidades culturais e geográficas do país.

Ainda na citação, a pergunta final de Maurício César Menon vale ser destacada: estaríamos ignorando boa parte de nossas narrativas por, em muitas oportunidades, não abraçarmos com tanta intensidade as narrativas regionalistas quanto abraçamos escritores dos grandes centros urbanos? Eu diria que sim, principalmente no que tange as fontes do terror. Ao mesmo tempo, acredito que o gótico dos textos que Menon traz ganharam alterações importantes na contemporaneidade, o Brasil acabou moldando o gênero para nossas formas e nossas realidades, criando um novo gênero, um gótico à brasileira.

Se Edgar Allan Poe foi um destaque na influência que os escritores brasileiros tiveram do gótico, Mary Shelley, com *Frankenstein* (1818), deu visibilidade para os escritores se aventurarem na literatura de ficção científica. Frankenstein inaugura o gênero promovendo discussões acerca de espaço pessoal, preconceito e dogmas familiares, sua influência extrapola o ambiente europeu e serve de base para autoras e autores como Emília Freitas (1855-1908), Gastão Cruls (1888-1959), e, mais contemporaneamente, Bráulio Tavares e André Carneiro, além de muitos outros que utilizaram da ficção científica e do horror como base para suas narrativas.

Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann, com sua obra *O Homem de Areia* (1817), abordou de maneira marcante o onírico e o medo infantil do protagonista, explorando os reflexos desse trauma ao longo de sua vida. A criatura sinistra descrita por E.T.A. Hoffmann tornou-se uma figura lendária e inspirou uma série de textos que dialogaram com sua premissa, explorando os temas do medo, da imaginação e das consequências psicológicas do trauma em diferentes contextos literários.

Curiosamente, quem explorou esse tema nos primórdios da literatura fantástica brasileira foi Machado de Assis com o conto *Capitão Mendonça* (1870). José J. Veiga também aborda a temática e seu conto *O pequeno Zacarias* (1816), é um interessante exemplo. Murilo Rubião, em diversas entrevistas para jornais e revistas de literatura, mostrou seu interesse pelo escritor alemão, utilizando o mesmo como referência para alguns de seus textos, um deles é *Brumas* (1953), publicado no livro de contos *A estrela vermelha* (1953).

Guy de Maupassant foi uma forte influência na literatura fantástica brasileira,

especialmente em seus textos inaugurais. Seu famoso conto *O Horla*, publicado oficialmente duas vezes devido a revisões, em 1886 e 1887, introduziu elementos como o duplo e o monstro para criar um clima de medo e mistério. Alguns anos depois, Howard Phillips Lovecraft reinventa essa temática com o horror cósmico, trazendo novas referências para o imaginário brasileiro do fantástico.

É interessante observar que, enquanto Maupassant influenciou autores brasileiros que se dedicaram a um fantástico mais alinhado com as tradições europeias do século XIX, Lovecraft só ganhou uma influência considerável na literatura brasileira após o declínio do *boom latino-americano*, por volta da década de 1990. Foi nesse período que a literatura brasileira retomou o interesse por textos europeus e norte-americanos, e Lovecraft passou a exercer uma influência mais significativa, principalmente no cenário digital contemporâneo.

Impacta para essa tese o peso de ambos os autores, tanta pela influência memorial que deixaram para a literatura mundial, como pelos efeitos de suas narrativas no imaginário popular. Ambos os escritores foram imprescindíveis para a construção histórica do fantástico e para as referências do último autor que trago para esse tópico, o estadunidense Stephen King.

É notável meu apreço a Stephen King, pois boa parte de minha trajetória como pesquisador do fantástico se originou desse autor. Meu trabalho de conclusão de curso explorou duas de suas narrativas, *A Autoestrada* (1981) e *O Cemitério* (1983), focalizando o pessimismo presente em seus desfechos. Esse projeto representou uma experiência de descoberta para mim como pesquisador, pois marcou a primeira vez, durante minha graduação, em que a atividade de pesquisa se tornou não apenas enriquecedora, mas também prazerosa.

Deixando esse parêntese pessoal de lado, Stephen King é o escritor de horror mais publicado no Brasil, sua fortuna literária já ultrapassa os sessenta livros, entre romances, contos e novelas. Considerando esse grande acervo, o autor é influência para basicamente qualquer escritor do fantástico nos últimos trinta anos e não seria diferente no Brasil. Autores como André Vianco, com seus vampiros em *Os sete* (1999), Cláudia Lemes, com *Eu vejo Kate* (2014), e o atual sucesso de Raphael Montes com seu texto inaugural *Suicidas* (2012), e com o sucesso midiático de *Bom dia, Veronica* (2016), este último seguindo os passos de Stephen King e já sendo adaptado para uma série em uma plataforma de *Stream*, são apenas alguns exemplos de autores que utilizam, em diferentes escalas, a influência dos textos de Stephen

King para produzir suas literaturas.

Os trabalhos acadêmicos acerca de Stephen King e de sua influência comercial, estética e histórica para o insólito são ricos e numerosos, particularmente, gosto dos trabalhos que versam sobre a passagem dos vários temas do fantástico sobre as lentes do rei do Maine, nome que alguns entusiastas dão a Stephen King, entre eles o reconhecido crítico Stephen J. Spignesi em seu texto *O essencial de Stephen King* (2003). Contemporaneamente, o dicionário digital do insólito ficcional publicou um texto interessante sobre King, em especial um trecho já no final do pequeno artigo:

Portanto, em contraste com a opinião crítica que tende a julgar a obra de Stephen King pelo seu caráter comercial, a reflexão sobre o asco/horror/terror revela um profundo interesse do autor em refletir sobre complexas condições psicológicas, históricas e culturais por meio de suas ficções. Em seu extenso trabalho com medos individuais e coletivos, King (2004) consegue lançar uma questão sobre o "horror gótico sobrenatural" como forma de arte privilegiada, afirmando que seu efeito é devorador, pois consome o estético e alcança não apenas os níveis mais profundos do inconsciente (uma "pressão fóbica" que nos conecta com nossos instintos mais primitivos, em seus próprios termos), mas também leituras atentas do contexto social que nos conectam com os medos compartilhados com os outros.<sup>15</sup> (Ponce, 2019) - Tradução livre

Ponce resume a influência dos textos de Stephen King no panorama histórico de suas narrativas. O escritor conseguiu se adaptar durante esses quase cinquenta anos de publicação aos novos cenários e continuou sendo referência para escritores no mundo todo. Em especial no Brasil, para essa tese, deixo minha colaboração como citação e memória, mas também como alguém que se influenciou por suas narrativas para produzir pesquisa, além de literatura.

Vou abordar agora as influências dos nossos vizinhos latino-americanos, focando brevemente em autores do movimento literário conhecido como o *Boom Latino-americano* e suas contribuições para a literatura do insólito no Brasil. O insólito na América Latina surge nas artes visuais, mas, rapidamente, encontra expressão na literatura. Os primeiros textos desse gênero têm suas raízes no desejo de romper com

---

<sup>15</sup> De allí que, en detrimento de la opinión de la crítica, dedicada a juzgar la obra de Stephen King por su carácter comercial, la reflexión acerca del asco/horror/terror pone de manifiesto un marcado interés del autor por refractar complejas condiciones psicológicas, históricas y culturales a través de sus ficciones. En su vasto trabajo con los miedos individuales y colectivos, King (2004) logra instaurar un interrogante acerca del "horror gótico sobrenatural" como forma artística privilegiada, afirmando que su efecto es depredador puesto que devora lo estético y alcanza no solo aquellos niveles profundos del inconsciente (una "presión fóbica" que nos conecta con nuestros sentidos más atávicos, según sus propios términos), sino también atentas lecturas de lo social que nos conectan con los temores compartidos con el otro.

a tradição europeia e refletem as atitudes de autoafirmação exploradas por alguns autores em suas narrativas.

O mexicano Carlos Fuentes (1928-2012) é considerado um dos escritores inaugurais desse gênero, alcançando fama com textos como *Aura* (1962), *Terra nostra* (1975), além de seu importante ensaio teórico *La nueva novela hispanoamericana* (1969). Fuentes promove discussões que ultrapassam o texto ficcional ao falar sobre o gênero literário que produz, criando, dessa forma, um olhar particular sobre a formação da literatura ibero-americana.

Além de falar sobre a própria literatura, Fuentes foi muito importante para a difusão da literatura e da cultura ibero-americana graças ao seu papel como diplomata. Os textos de Fuentes e o alcance de suas palavras graças a sua posição de destaque financeiro e político, possibilitaram que muitos escritores de seu entorno se empenhassem em falar sobre si mais do que sobre o estrangeiro.

No Brasil, Fuentes foi muito referenciado e premiado, inclusive com o prêmio Latinidade da academia brasileira de letras. Ariano Suassuna destaca um importante trecho da fala de Fuentes nesse discurso, ao pontuar a separação impossível da América Latina da Europa, mas que, apesar de impossível, se faz necessária para entender nossa evolução como sociedade e como cultura multifacetada.

Digo isso a propósito do grande discurso que o escritor mexicano Carlos Fuentes pronunciou na Academia Brasileira de Letras ao receber o Prêmio da Latinidade. De tal discurso, destaco os seguintes trechos, que subscrevo integralmente: "A conquista da América pela Europa foi uma catástrofe que destruiu as grandes civilizações indígenas. Mas, adverte-nos a filósofa andaluza Maria Zambrano, uma catástrofe somente é catastrófica se dela não nasce nada que a redima. Da catástrofe da conquista nascemos todos nós. O triunfo da nossa identidade consiste em não desdenhar a identidade de ninguém, porque, com a identidade de todos, propomos o respeito à identidade de cada um, a generosa abertura à diversidade a partir da consciência adquirida da identidade. Mexicanos, franceses, brasileiros, sabemos quem somos. Nossa identidade não está em dúvida. Saberemos aceitar, em seguida, nossa diversidade interna e nossa diversificação exterior? (Suassuna, 1999)

Carlos Fuentes desempenhou um papel significativo na promoção da cultura ibero-americana, ao mesmo tempo em que abordou de maneira crítica a violência que assolou nosso continente durante o processo de colonização. Seus textos, que frequentemente exploram o fantástico, especialmente o realismo maravilhoso e o gótico, como exemplificado em *Aura*, desempenharam um papel crucial na compreensão de nossas realidades e na formação de nossas identidades. A influência

de Fuentes foi fundamental para a visibilidade de muitos escritores destacados nesse período, o que justifica o destaque inicial a ele antes de analisarmos as principais referências do fantástico ibero-americano.

Alguns nomes se destacam ao tratarmos das denominações do fantástico centro e sul-americano. Na América Central temos o cubano Alejo Carpentier (1904-1980). Sua literatura apresenta afinidades com o fantástico em voga na Europa, mas Carpentier a utiliza de maneira distinta, como uma ferramenta para recuperar os lugares que foram subjugados pelos colonizadores. Em sua obra *O Reino deste Mundo* (1949), Carpentier reconstrói os eventos que precederam a independência do Haiti e a transição da colônia francesa para um governo liderado pelo povo. Essa narrativa histórico-ficcional desafia a versão histórica contada pelos colonizadores e dá voz a um povo que sofreu inúmeras injustiças até retomar o poder.

O guatemalteco Miguel Ángel Asturias (1899-1974) aborda as tradições dos povos originários e as crenças populares em sua obra *Homens de Milho* (1949), criando um conflito de realidades permeado pelo fantástico. Nesse livro, Asturias explora o contraste entre a tradição selvagem e rural e a expansão desenfreada do ambiente urbano e da modernidade. A narrativa é dividida em seis partes e apresenta a resistência de um líder indígena que luta para preservar suas terras da exploração comercial. Sua morte é orquestrada para aplacar os opositores da exploração, desencadeando uma série de eventos que transcendem o mundo físico e adentram o fantástico.

O mexicano Juan Rulfo (1917-1986) aborda as profundas cicatrizes da história do México devido às guerras e revoluções que o país enfrentou em sua obra *Pedro Páramo* (1955). A narrativa acompanha Juan Preciado em sua busca por seu pai, Pedro Páramo, por meio de diversos cenários emblemáticos do México. Durante essa jornada, Juan Preciado encontra figuras fantasmagóricas que foram influenciadas de diferentes maneiras por seu pai. Ao buscar essa figura quase mítica, o protagonista se depara com momentos históricos que moldaram a trajetória do México como nação. *Pedro Páramo* é considerado um marco inaugural do realismo fantástico e serve de base para muitos textos que viriam a seguir na mesma esteira da explosão do fantástico centro e sul-americano.

Apesar desses quatro primeiros nomes, Carlos Fuentes, Alejo Carpentier, Miguel Ángel Asturias e Juan Rulfo, terem uma influência mais ampla nas bases da literatura fantástica da América central, não posso deixar de destacar outros escritores

que tiveram influência na construção histórica do gênero por aqui. O cubano José Lezama Lima (1910-1976), com *Paradiso* (1966); o compatriota Guillermo Cabrera Infante, com *Três tristes tigres* (1965); o mexicano Juan José Arreola (1918-2001), com *Cuentos fantásticos* (1987); e o guatemalteco Rafael Arévalo Martínez (1884-1975), com *El hombre que parecía un caballo* (1914), foram apenas alguns que publicaram narrativas fantásticas e alcançaram certo sucesso de público e de crítica.

Descendo para a América do Sul temos um outro conjunto, mais amplo, de escritores que influenciaram o fantástico brasileiro, vou separar por países para que esse levantamento seja mais coeso, começando pelo norte do continente, com o colombiano Gabriel Garcia Marques e seu mundialmente consagrado *Cem anos de solidão* (1967).

Na narrativa que se tornou o maior ícone mundial do fantástico sul-americano para o mundo, Gabriel Garcia Marques narra eventos extraordinários, como uma chuva de flores amarelas, a ascensão de um personagem que pode voar e uma peste de insônia que atinge a cidade. Ao longo das páginas, os personagens enfrentam dilemas existenciais e enfrentam as consequências de suas ações, muitas vezes repetindo padrões familiares. O romance é um épico literário que mistura o universal e o regional, refletindo a história da América Latina e os desafios enfrentados por suas sociedades ao longo do tempo.

Gabriel Garcia Marques possui uma famosa frase onde diz que o que ele escreve é a realidade, ele não inventa nada, o fantástico de seu texto é apenas metáfora e símbolo, é reflexo de uma sociedade que prefere aceitar o insólito do que enfrentar a realidade. Com isso, Gabriel Garcia Marques construiu uma das narrativas mais influentes da América latina e abriu espaço, principalmente após sua premiação com o Nobel de literatura em 1982, para que centenas de outros escritores compartilhassem suas narrativas com o mundo.

Alguns desses escritores compatriotas de Gabriel Garcia Marques são Laura Restrepo, com *Dulce compañía* (1995); Germán Espinosa, com *La Balada del Pajarillo* (2000); e Evelio Rosero, com *Los ejércitos* (2007). Todas essas narrativas se inspiram, em alguma escala, na obra de Gabriel Garcia Marques, explorando temas e olhares que a história colombiana, marcada pela violência como todas as realidades sul-americanas, nem sempre conseguiu descrever fora das páginas dos livros ficcionais.

No Equador destaco três escritores que, apesar de não alcançarem o sucesso de seus vizinhos da Colômbia, do Chile e da Argentina, permitiram que

conhecêssemos um pouco da história de seu país a partir do fantástico. O livro de contos de Joaquín Gallegos Lara (1909-1947), Gil Gilbert (1912-1973) e Aguilera Malta (1909-1981), *Los que se van* (1930); Jorge Enrique Adoum, com *Entre Marx y una mujer desnuda* (1976); e a escritora conhecida por narrativas infantojuvenis Edna Iturralde com diversas obras, em especial *Las islas donde nace la Luna* (2007).

Embora a tradição do fantástico não seja tão profundamente enraizada no Equador em comparação com alguns de seus vizinhos latino-americanos, o gênero da narrativa fantástica também encontrou expressão na literatura equatoriana ao longo do século XX, principalmente em obras destinadas a um público mais jovem. Essa abordagem editorial parece ter se concentrado na formação de leitores capazes de interpretar a realidade por meio de elementos insólitos, estimulando, assim, uma compreensão da realidade de uma perspectiva formativa e comunitária.

No Peru, destacamos a contribuição significativa de Mario Vargas Llosa ao cânone do fantástico sul-americano. Autor laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 2010, Vargas Llosa é conhecido por obras influentes como *A cidade e os cachorros* (1963) e *Conversa na catedral* (1969). Seu trabalho, assim como o de outros escritores associados ao fantástico, desempenhou um papel crucial na disseminação desse gênero literário e na explosão do *Boom sul-americano* na segunda metade do século XX.

Mario Vargas Llosa e seus contemporâneos do fantástico desafiaram as fronteiras da realidade em suas narrativas, introduzindo elementos insólitos que não são meramente ilusões, mas sim parte integrante da realidade que as personagens vivenciam. Esse movimento literário trouxe maior atenção para as complexas realidades sul-americanas e expandiu o alcance do fantástico como uma forma de expressar a riqueza cultural e social da região.

No Chile a escritora Isabel Allende é amplamente reconhecida por suas contribuições à literatura fantástica. Sua obra mais famosa, *A Casa dos Espíritos* (1982), não apenas conversa com elementos fantásticos, mas também explora temas políticos e sociais significativos, incluindo a ascensão e queda da ditadura de Augusto Pinochet em sua representação através da saga da família Trueba.

Isabel Allende habilmente emprega elementos do espiritismo e de grupos religiosos populares da época que alegavam facilitar contatos sobrenaturais a fim de construir um diálogo entre o real e o fantástico. Através desses elementos, ela constrói uma narrativa que ecoa os desejos mais profundos daqueles que sobreviveram a

situações difíceis, ansiando por um elo com algo além da realidade cotidiana.

Ao mesmo tempo, a autora retrata o processo de formação de ditaduras em países sul-americanos, destacando questões sociais e políticas relevantes. *A Casa dos Espíritos* é um exemplo notável de como o fantástico pode servir como uma lente poderosa para examinar a complexidade da sociedade e da história. Admito que esse é um de meus romances favoritos do fantástico sul-americano, a fortuna histórico-ficcional que a escritora traz conseguiu me abraçar ao contar uma história cruel da realidade que passamos durante as ditaduras sul-americanas.

Ainda no Chile, outros escritores demonstraram uma habilidade notável em explorar o universo da literatura fantástica, entre esses autores, destaca-se José Donoso, cujo *O Obsceno Pássaro da Noite* (1970) aproveita a popularidade das casas espíritas para criar uma narrativa que gira em torno do grotesco e do insólito. Donoso é reconhecido não apenas por seu trabalho no mundo do fantástico, mas também como um dos principais representantes do *Boom Latino-Americano*, devido ao alcance internacional de suas obras. Além disso, temos Roberto Bolaño, cujo *Os Detetives Selvagens* (1998) incorpora elementos do fantástico em uma trama complexa, e Pedro Lemebel, um escritor *Queer* que se tornou um símbolo de resistência à ditadura chilena. Lemebel, através de seus ensaios que misturavam ficção e realidade, descreveu de maneira impactante os horrores que sua comunidade enfrentou durante esse período sombrio da história chilena.

No Paraguai, Augusto Roa Bastos (1917-2005) é o nome mais consagrado, sua trilogia do *Monoteísmo do poder*, com *Hijo de hombre* (1960), *Yo el supremo* (1974), e *El fiscal* (1993), é uma obra que mistura fantástico, história e uma perspectiva profunda sobre os horrores vividos no Paraguai. Nesse contexto, Roa Bastos utiliza elementos do fantástico e do mito para explorar as complexas relações de poder e os traumas históricos de seu país. Suas obras não apenas mergulham nas atrocidades das ditaduras e da colonização, mas também oferecem uma visão profunda da identidade paraguaia, incluindo suas raízes Guaraní. Roa Bastos é uma figura fundamental na literatura do fantástico e deixou um legado significativo na literatura paraguaia e latino-americana como um todo.

Renée Ferrer e Hugo Rodríguez-Alcalá são, também, importantes representantes do realismo mágico no Paraguai, e ambos contribuíram significativamente para a rica tradição do gênero na literatura do país. Renée Ferrer, conhecida por suas contribuições poéticas e pesquisas sobre a identidade cultural

paraguaia, traz elementos do fantástico para sua obra, explorando a complexa interação entre história e ficção. Hugo Rodríguez-Alcalá, por sua vez, se destaca com sua obra *El ojo del bosque* (1985), onde mergulha nas profundezas do fantástico. Nesse romance, ele incorpora elementos sobrenaturais e fantásticos para criar uma narrativa enigmática e intrigante, que dialoga com a rica herança cultural e natural do Paraguai.

Antes de falar sobre os escritores argentinos, que formam maioria em relação a construção do fantástico sul-americano, gostaria de destacar outros autores de países vizinhos que desempenharam papéis significativos na construção das identidades sul-americanas fantásticas. Na Venezuela temos o escritor considerado Pai do realismo mágico sul-americano Arturo Uslar Pietri, com *As lanças coloridas* (1931), e Miguel Otero Silva com *Oficina Número 1* (1941); na Bolívia temos Edmundo Paz Soldán, com *Río fugitivo* (1998); e no Uruguai temos Juan Carlos Onetti com *O estaleiro* (1961); e Mario Benedetti com *Despistes y franquezas* (1989).

A Argentina foi a parte mais rica em narrativas e escritores do movimento fantástico na América do Sul. O impacto do *Boom Latino-Americano* na literatura argentina resultou em uma rica tradição literária que incorpora elementos do insólito ao real. Esse enfoque na literatura fantástica permanece evidente na Argentina até hoje, mesmo mais de três décadas após o declínio do *Boom*. Isso se reflete na presença marcante de livrarias, teatros e na continuidade da tradição literária que abraça o insólito como uma parte intrínseca de sua realidade cultural.

As influências são muito semelhantes a seus vizinhos; longas ditaduras, um encantamento com o interno, afastamento das referências estrangeiras e um orgulho das raízes culturais e sociais que foram majoritariamente apagadas pelos colonizadores durante séculos de dominação. Essas características, aliadas a expansão editorial em meados do século XX, proporcionaram um cenário rico para que a fortuna literária do país expandisse.

Três escritores se destacam nesse conjunto de textos argentinos acerca do insólito. O primeiro deles é Jorge Luis Borges (1899-1986), autor com o maior número de premiações internacionais dos três, principalmente na Itália e na Espanha, onde passou uma considerável parte de sua vida. O escritor, nomeado membro da academia Argentina de letras em 1955, foi o responsável por obras como *ficciones* (1944), *el Aleph* (1949) e *El libro de arena* (1975), todos se tornando referência do fantástico sul-americano.

O segundo é Júlio Cortázar (1914-1984), que, apesar de ter nascido na Bélgica, é filho de argentinos e se considera compatriota de Borges, buscando uma segunda cidadania francesa apenas na segunda metade do século XX devido a sua aversão pela ditadura de Jorge Rafael Videla. Sua principal narrativa para o *boom latino-americano* é *Rayuela* (1963), contudo, o conto que mais me impactou nas pesquisas para esse trabalho e no meu histórico como leitor do gênero é *A casa tomada* (1951). Esse texto, que fala tanto sobre um período apagado das páginas dos livros de história argentinos, conseguiu me deixar inquieto, a relação dos irmãos que são retirados de sua própria casa aos poucos por um poder invisível e imparável até serem jogados na rua é um reflexo ficcional de tudo o que o país estava passando com a ditadura e de toda a violência que o povo precisou lidar durante esse regime.

Adolfo Bioy Casares (1914-1999), escritor laureado com o prêmio Cervantes em 1990, é considerável outro pai do fantástico argentino. Tendo escrito algumas obras em conjunto com Júlio Cortázar, Casares ficou conhecido por escrever textos mais enigmáticos que seus compatriotas, mas que, em seu emaranhado, falava sobre os mesmos medos e receios que seus colegas. Tendo uma fortuna literária extensa, Casares é mais reconhecido por duas obras, a primeira *La invención de Morel* (1940), narrativa que se tornaria ícone do fantástico mundial e, décadas depois, já em uma nova fase do escritor, mas ainda no insólito, o texto *Dormir al Sol* (1973), onde o escritor discute temas como relacionamento e os labirintos sentimentais do processo de modernização das relações.

Entre esses três escritores e seus colegas do *boom latino-americano*, destaca-se uma semelhança fundamental em relação à abordagem do gênero, que também influenciou os escritores brasileiros: seu alcance e reconhecimento internacional. Vários desses autores se uniram em grupos que tinham base na Europa e nos Estados Unidos. Eles buscavam, por um lado, escapar das realidades violentas que assolavam seus países, mas também aproveitavam esses espaços para compartilhar com o mundo suas próprias realidades por meio do fantástico. Essa internacionalização não apenas ampliou o impacto do realismo mágico, mas também permitiu que as vozes latino-americanas fossem ouvidas em escala global.

### **3.2. Os principais nomes da literatura fantástica no Brasil**

Definir os principais nomes do nosso fantástico é uma tarefa desafiadora, uma vez que diversos autores deixaram suas marcas de maneiras distintas. Alguns se destacaram pela extensa publicação de obras específicas, como Érico Veríssimo. Outros ganharam destaque devido à amplitude de suas narrativas voltadas para um público específico, a exemplo de Lygia Fagundes Telles. Também há autores que produziram inúmeros textos dentro do gênero fantástico, mas são igualmente reconhecidos por suas contribuições em outros gêneros, como é o caso de Bráulio Tavares e sua ficção científica.

Logo, selecionar alguns nomes que representem o fantástico brasileiro de maneira abrangente é uma tarefa desafiadora, que requer um exame minucioso do quebra-cabeça histórico-literário. Para fazer essa seleção, é necessário levar em consideração não apenas a quantidade de narrativas produzidas por esses escritores, mas também sua influência na construção desse gênero literário no Brasil.

Com essa introdução, e ciente de que esses três escritores serão lembrados e homenageados repetidamente ao longo deste trabalho, é importante destacar que o levantamento de suas biografias será conciso. Sua principal função é servir como guia para a leitura desta tese, ao mesmo tempo em que presta uma homenagem e reconhece o papel fundamental que desempenharam como pilares do nosso fantástico.

Os três escritores que escolhi para essa representação do insólito ficcional brasileiro são José J. Veiga, Murilo Rubião e Moacyr Scliar. A metodologia utilizada para essa escolha leva em consideração o período de suas produções, o impacto na constituição do gênero fantástico e a relevância para as produções futuras.

É essencial esclarecer que não estou buscando traçar uma fronteira estrita entre esses três autores e o vasto *corpus* literário do fantástico nacional. A complexidade do gênero não se deixa definir por fronteiras rígidas. No entanto, é indiscutível que, sem a contribuição desses autores, o panorama do fantástico brasileiro seria substancialmente diferente.

Vou começar por José J. Veiga, aliás, o J. de seu nome é de Jacinto, mas o escritor sempre abreviou seu segundo nome devido a influência de Guimarães Rosa, o qual, em uma de suas conversas, disse que a abreviação lhe traria sorte baseado na numerologia, em respeito ao nosso cânone, Veiga manteve seu nome abreviado durante toda a sua trajetória como escritor.

O autor goiano nasceu em 1915, cursou direito em 1937 e foi funcionário

público, como muitos escritores da época, por um curto período, tendo deixado a posição para trabalhar como tradutor e redator na BBC de Londres. Em 1949 retorna ao Brasil como jornalista, quando entra em contato com Guimarães Rosa e inicia uma longa amizade que verteria frutos incalculáveis para nossa literatura.

José J. Veiga só publicou seu primeiro volume de contos, *Os cavalinhos de Platiplanto*, em 1959, nesse texto já temos exemplos notáveis do fantástico que o tornaria reconhecido mundialmente, como nos contos *A ilha dos gatos pingados*, *A invernada do sossego* e o conto que dá nome a coletânea *Os cavalinhos de Platiplanto*. Essa primeira coletânea mostra um José J. Veiga ainda muito apegado ao ambiente rural, as histórias orais e a infância como eixo narrativo, característica que notei serem reduzidas conforme seu contato avança cada vez mais com o ambiente urbano.

Outra característica que se manifesta no início da carreira do escritor José J. Veiga, e que, ao contrário do que foi mencionado no parágrafo anterior, persiste em seus escritos mais avançados, é o uso de um narrador observador e a notável generosidade de Veiga para com o leitor. A completude de suas obras é consistentemente marcada pelo zelo do autor em permitir que o leitor observe os eventos da mesma perspectiva do narrador, criando assim um espaço de segurança e conforto que proporciona uma leitura gradualmente perturbadora, evocando o desconforto sugerido nas entrelinhas de suas obras.

Silviano Santiago, na introdução da edição da Companhia das Letras de *Os Cavalinhos de Platipanto* (2015), diz que José J. Veiga trata o narrador e o leitor como telespectadores de um filme, seu leitor modelo é aquele que consegue manter a atenção as similitudes da ficção com a realidade, sem que o processo ativo da leitura se torne passivo devido a sua posição. Santiago vai além, e coloca o leitor de Veiga como um agente reflexivo da obra ao comparar os eventos insólitos e ficcionais com as realidades que cercam os leitores e despertam o desconforto na proximidade do texto com a realidade:

Sentado nessa poltrona, o leitor poderá enxergar os acontecimentos tais como se passam pela primeira vez e experimentar uma gama infinita de sentimentos e emoções despertados pelas palavras da testemunha que presenciou tudo e narra o passado recente da comunidade. Os sentimentos e as emoções do narrador se confundirão com os sentimentos e as emoções do leitor e se tornarão mais e mais exaltados e complexos à medida que a narrativa de crueldade, violência e destruição for dando conta dos desvarios que dominam pessoas de vida pacata no momento em que impera na região

o processo modernizador dos forasteiros. (Santiago, 2015, p.14)

A transição do cenário rural para o urbano é abordada por José J. Veiga em paralelo com a jornada da infância para a idade adulta. À medida que suas narrativas são publicadas e o autor se distancia progressivamente dos ambientes rurais, embora ele mesmo seja uma figura notoriamente reservada em sua vida pessoal, seus textos passam a estabelecer diálogos mais acentuados com um Brasil urbanizado e consciente das mudanças proporcionadas – forçadas – pela modernidade.

Em um texto para o *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo* (1956 a 1974), o renomado colunista, crítico literário e estudioso da obra de José J. Veiga, Wilson Martins, destaca que a habilidade de Veiga em retratar a transição e as novas realidades do Brasil para um público que migra do campo para as áreas urbanas é um aspecto inegável de sua relevância na literatura brasileira como um todo. No entanto, Martins também observa que, até a década de 1960, o escritor ainda sofria com a falta de reconhecimento nos principais centros de leitura.

Escritor reservado e sutil, não alcançou ainda o sr José J. Veiga a larga reputação a que tem direito, nem o reconhecimento generalizado da sua estatura entre os contistas brasileiros mais importantes desse período. [...] É também um contista que desvenda outras possibilidades para a ficção brasileira e que faz literatura nacional sem depender dos pontos de referência pitorescos ou da sociologia macroscópica. Ele confirma, assim, por esse lado, o caráter extremamente esteticista que a nossa ficção tomou na última década: estamos, enfim, criando a literatura brasileira que, sem deixar de ser brasileira, é também, e fortemente, grande literatura. (Martins, 1968, p.4)

Apesar dessa falta de reconhecimento na época, José J. Veiga é, contemporaneamente, um autor amplamente estudado, o que, do meu ponto de vista como pesquisador do fantástico, enriqueceu significativamente esta pesquisa. De fato, essa riqueza crítica contribuiu substancialmente para o meu trabalho. O que se torna notável ao analisar seu conjunto de obras é a transição do olhar do narrador, inicialmente caracterizado por uma visão pueril, infantojuvenil, para um olhar mais maduro, no qual o narrador observa a realidade sem as lentes difusas da infância.

Em seu texto intitulado *A Casca da Serpente* (1989), José J. Veiga leva seu personagem rural para o ambiente urbano, modernizado, fazendo-o envelhecer e explorando temáticas que dialogam mais com o público adulto e com os medos perenes da humanidade, tais como o isolamento e a sensação de falta de controle sobre o mundo, do que os medos mais diretos e físicos de suas primeiras narrativas.

No entanto, Veiga surpreende o leitor ao destacar que a máscara da modernidade, o discurso otimista associado a ela, não passava de uma camada superficial, e que os erros e inimigos enfrentados permaneciam inalterados, apenas com outra roupagem.

Esse novo olhar de Veiga, menos onírico e mais pessimista, eu diria, retira um lugar de discurso comum do escritor goiano, que é o discurso mágico, contudo, Veiga não deixa de utilizar o fantástico em suas narrativas, mas a forma de abordar o mecanismo torna-se menos direto, deixa-se de existir transformações de pessoas em animais, objetos que surgem sem explicação e cidades nos céus, para tratar do fantástico mais simbólico e metafórico, um insólito que deixa o leitor mais perturbado pela proximidade com o real.

Em um artigo para *O liberal caderno dois* (1989), José Castello ajuda a compreender essa passagem de fase do escritor goiano a partir do texto *A casca da serpente* (1989):

Neste sentido, José J. Veiga é agora, desmentido a alcunha de mago, mais realista do que nunca. A auto-crítica feroz de Antônio Conselheiro não se mostra, de fato, tão feroz assim. O conselheiro modernizado, liberal, com ares de tio bonzinho que emerge de *A casca da serpente* está atrelado aos mesmos sonhos cegos, o mesmo sentimento de isolamento, as mesmas ideias de perseguição e a mesma vontade de domesticar o mundo que moviam o velho conselheiro. Os inimigos irão encará-lo com a mesma burrice e torpedeá-lo com a mesma furia de destruição. O mundo continuará fragmentado e os homens continuarão polarizados como na velha Canudos. Veiga parece nos dizer: nada vai dar certo. Vistas as coisas desta forma, ele tem toda razão. Nem a maquiagem moderninha salvou o conselheiro. (Castello, 1989)

No final de sua vida, José J. Veiga ainda publica três narrativas importante para o gênero, *Tajá e sua gente*, *Objetos turbulentos* e *O galo impertinente*, todos em 1997. A que considero a mais importante para falarmos nesse trabalho é a segunda, pois é o momento final de rebeldia de um escritor que viveu e escreveu da mesma forma do título de sua obra, turbulento.

Em um texto em que José J. Veiga descreve objetos e revela sua violência dentro de nossa realidade, podemos mais uma vez testemunhar a habilidade literária excepcional do autor. Neste texto, completamente desprovido de sua perspectiva infantojuvenil, Veiga nos brinda com uma narrativa final que perturba por sua intensa realidade dentro do contexto de sua ficção fantástica. Essa perturbação surge da proximidade dos objetos descritos com nosso cotidiano, da constatação de que interagimos com cada um deles, e do reconhecimento de nossa fragilidade diante de

tais elementos, ao mesmo tempo em que somos excessivamente arrogantes a ponto de nos considerarmos superiores a eles.

Esse texto também exhibe um viés profundamente "religioso", possivelmente influenciado pelo momento na vida do escritor, talvez como uma forma de catarse. Nele, José J. Veiga aborda muitos elementos ligados a crenças que permearam sua vida, explorando momentos de indecisão, medo e perplexidade diante da realidade. A narrativa é tão abrangente que parece quase uma despedida, e talvez até mesmo tenha sido concebida com essa intenção.

Finalizo essa fala acerca do texto e da trajetória literária de José J. Veiga com uma citação que é quase uma homenagem do membro da academia brasileira de letras Antônio Olinto para Veiga, publicado na *Tribuna Bis* do Rio de Janeiro:

Trata-se de poesia em prosa e de uma forma de conhecimento. Ao erguer suas histórias no e contra o tempo, deslancha José J. Veiga um processo de conhecer, de fazer uma descoberta, de levantar rijo a tampa do mistério. É exatamente o que faz nesse "Objetos turbulentos". Os objetos podem ser, e são, o espelho, o cachimbo, a cadeira, o manuscrito, o vestido, o caderno, o tapete, a pasta de couro, a luneta, o caderno e o sustentáculo de sacadas ou cornijas. Através deles chega o autor ao conhecimento, por encantação, por um tipo muito especial de percepção, como bala de revólver que penetra sem-cerimônia na realidade, e então o ato de contar a história vira ato de purgação, de curtição e de salvação. No fundo, um ato religioso. (Olinto, 1998)

Desde o começo de sua trajetória como escritor José J. Veiga brincou com os objetos e assim ele termina sua trajetória como escritor, emprestando da realidade mais comum, dos objetos de nosso dia a dia, a fim de causar o desconforto a partir do fantástico.

Ao lado de Veiga nessa trajetória pelos nomes mais relevantes de nosso fantástico está Murilo Rubião. Nascido em Carmo de Minas, Minas Gerais, esse escritor se tornou ícone do fantástico brasileiro por seu empenho e importância em ajudar a trazer para as letras nacionais uma estranheza desconfortante. Para alguns estudiosos, seu estilo é comparável ao de Franz Kafka, embora Rubião tenha deixado claro que só conheceu os textos de Kafka vários anos após suas primeiras publicações.

A biografia de Murilo Rubião assemelha-se à de muitos escritores de destaque no século XX no Brasil. Ele se formou em Direito na Universidade de Minas Gerais e inicialmente seguiu uma carreira política, destacando-se como chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek quando este era governador. Assim como muitos autores

proeminentes do *boom latino-americano*, Rubião passou um período fora do Brasil, servindo como adido cultural do Brasil na Espanha entre 1956 e 1961. No entanto, foi somente em 1966, após seu retorno ao Brasil, que Murilo Rubião encontraria seu espaço de maior influência e importância na cena literária do país ao assumir a liderança do Suplemento Literário do Diário Oficial de Minas Gerais.

Sua primeira publicação como autor data de 1947 com o livro de contos *O ex mágico*, contudo, esse texto não alcançou a fama almejada, sendo um de seus textos mais difíceis de serem encontrados, recebendo uma revisão e uma reestruturação anos depois. É apenas em 1974, com a publicação de *O pirotécnico Zacarias*, que Murilo Rubião alcançaria uma fama imediata e o Brasil conheceria nosso maior expoente do fantástico.

Outros textos de grande relevância na obra de Murilo Rubião para a construção do nosso fantástico nacional incluem *A estrela vermelha* (1953), *Os dragões e outros contos* (1965) e *A casa do girassol vermelho* (1978). Todos esses trabalhos reúnem contos que exploram nossa realidade em constante mutação, destacando a estranheza das relações humanas e da modernidade. Vale ressaltar a importância da publicação *Murilo Rubião: Obra completa* (2010), que se tornou uma referência em vestibulares no Brasil, além de contribuir significativamente para revitalizar o acesso a um dos escritores mais importantes de nossa literatura.

Murilo Rubião desempenhou um papel significativo na história do fantástico brasileiro, com sua influência sobre importantes escritores, incluindo os aqui referenciados José J. Veiga e Moacyr Scliar. Além de sua própria produção literária que moldou a literatura brasileira na segunda metade do século XX, Rubião desempenhou uma função essencial na promoção desse gênero enquanto estava à frente do Suplemento Literário do Diário Oficial de Minas Gerais. Nesse contexto, ele não apenas publicou as obras de numerosos escritores que se aventuravam nessa forma singular de abordar a realidade, mas também desempenhou um papel fundamental na disseminação de críticas ao regime militar brasileiro, através de artigos, entrevistas e investigações jornalísticas que desafiaram os limites da censura.

A grande separação que penso entre o fantástico de José J. Veiga e Murilo Rubião é o ambiente e a atmosfera de seus personagens. José J. Veiga, mesmo que tenha publicado alguns textos com teor mais urbano, é conhecido por descrever ambientes mais rurais, enquanto Murilo Rubião desafia o status de seus leitores urbanos, modernos e continuamente mutáveis, metamorfoseados nas novas

realidades.

Me apoio no texto de Temístocles Linhares acerca da *Situação do conto no Brasil* (1971) para pensar nessa separação entre os dois escritores. Em determinado ponto desse texto, Temístocles chega a tratar o texto de Veiga como regionalista, enquanto aproxima a escrita e a imaginação de Rubião aos medos mais visuais, mais próximos da identidade de um público que tem proximidade com o fantástico europeu, talvez daí se pense na semelhança de Rubião com Franz Kafka:

O fantástico de Murilo Rubião talvez seja mais intelectual. Os seus fantasmas são mais concebidos pelo espírito... – Ao passo que os de Veiga são fornecidos pelo real, folclore nacional, pelas crenças populares, já que as suas personagens são constituídas de gente simples e humilde de nosso “interland”. Nesse sentido, os seus contos chegam a ser até regionalistas. Bastante brasileiros mesmo. – Os de Murilo Rubião giram mais em volta de gente da cidade, de mágica, de almas penadas, de defuntos que revivem, de loucos, de mulheres monstruosas, etc. Quer dizer, um fantástico mais ligado as pessoas, aos seus costumes mágicos. (Linhares, 1971, p.5)

Apesar dessas diferenças de abordagem, não considero as narrativas de Veiga e Rubião tão disparees como Temístocles aponta. Acredito sim na separação de atmosferas e ambientação, apesar de ambos flertarem tanto com o rural como com o urbano em algum momento de suas histórias como escritores. Contudo, acredito, respaldado pelas análises que tive a oportunidade de estudar até o momento, que tanto Rubião quanto Veiga souberam estabelecer diálogos únicos com o público brasileiro, o que de fato ressalta suas importâncias na história do nosso fantástico.

O que se mostra mais importante em Rubião, aqui sim como uma exceção, é que suas obras traziam um ambiente mais reconhecido pelo público urbano e por isso conseguia se destacar frente aos escritores do período, escrevendo textos que, em muitas oportunidades, traziam referências que os leitores, acostumados as narrativas europeias, conseguiam reconhecer. Assim, Rubião conseguiu um espaço único e promoveu o fantástico brasileiro a esferas impensadas até meados da segunda metade do século XX.

Além de sua relevância como escritor do absurdo e de sua importância no editorial do Suplemento Literário de Minas Gerais, Murilo Rubião mantinha contato com muitas figuras influentes do período, se destacando tanto nos meios cultos e elitizados, políticos e sociais, como no público geral, sedento por narrativas que falassem do real a partir do fantástico. Não à toa, em uma homenagem de Eliane Zagury ao escritor mineiro, temos a descrição de seu ambiente de trabalho como

identidade quase mística do escritor isolado e imerso em seu trabalho.

A realidade de Murilo Rubião é quase uma realidade de ficção. No apartamento de Belo Horizonte, grande número de obras inspiradas nos seus contos. Um quadro repleto de coloridos dragões, no meio da sala. É a vida de um homem que cultivava o hábito de estar só. Nada fora do lugar. Cada detalhe é pensado, um fruto de vivência. Aquarelas ilustradas com a própria escritura. Estatuetas e quadros espanhóis, do país onde foi adido cultural por quatro anos. Finalmente, uma sala de livros, a mesa e a máquina de escrever, indicando batalhas na produção das obras. Murilo, o case de um escritor que ficou relegado na história das letras brasileiras. (Zagury, 1974, p.7)

Murilo Rubião deixou sua marca em várias dimensões do imaginário brasileiro com narrativas que deixavam um amargor no leitor por tratar a realidade a partir do insólito. O escritor teve semelhante importância, talvez até maior eu diria, como redator a frente do Suplemento Literário de Minas Gerais, ao fomentar a produção literária brasileira e, em especial, do fantástico brasileiro. Contudo, sempre que penso nas obras e na influência de Murilo Rubião, gosto de pensar que ele foi um daqueles escritores completos, um autor que soube falar sobre tudo para qualquer público, daí, quem sabe, surja sua maestria e sua importância para o cenário literário brasileiro.

Para concluir a formação do que considero a tríade central do fantástico brasileiro, é pertinente mencionar o escritor porto-alegrense Moacyr Scliar e sua relação peculiar com o fantástico profundamente enraizado na herança religiosa e na memória de seus antepassados judeus. Nascido em 1937, Scliar obteve sua formação em medicina e, ao longo de sua carreira, combinou a prática médica com uma prolífera e ininterrupta produção literária. Dentre os três autores que integram esse alicerce do nosso fantástico, Scliar se destaca como o único a se aventurar no universo dos romances, além de publicar dezenas de ensaios, crônicas e contos.

Sua produção literária é tão imensa, são setenta e quatro livros, que não é difícil encontrar textos que vão dialogar com os diferentes públicos. Apesar do escritor manter um fio histórico e narrativo de seu patrimônio cultural judaico cristão, alcançando a apreciação tanto dos mais elitizados e culturalmente respeitados grupos, chegando a receber quatro prêmios Jabutis e a cadeira número trinta e um da academia brasileira de letras em 2003, até os meios mais populares, com obras que dialogam com as realidades dos brasileiros durante quase cinquenta anos de produção literária contínua.

A obra inaugural de Moacyr Scliar, *O Carnaval dos Animais* (1968), revela uma intrigante interseção entre a literatura infantojuvenil e o fantástico. A narrativa deste

texto é habilmente concebida, adotando uma cadência que aborda o processo de crescimento e os desafios inerentes à infância, enquanto simultaneamente explora temáticas de natureza dogmática, tais como canibalismo e assassinato. De maneira notável, Scliar estabelece, desde seu texto inaugural, um elo complexo e provocativo que convida à reflexão sobre as nuances da condição humana e as inúmeras possibilidades literárias que esse diálogo multifacetado pode oferecer.

Os animais de Scliar são representações de um reducionismo grotesco dos indivíduos. Reflexo da sociedade de consumo e do rompimento com as tradições, reflexo de indivíduos e de ordens regimentais que não permitem um crescimento exponencial do homem como ser pensante pleno. O fantástico de Scliar, como Pedro Carlos Fonseca expõe na citação a seguir, é um reflexo dessa quebra que o indivíduo está sofrendo política e socialmente nesse período, é reflexo de uma comunidade que observa seus direitos sendo engolidos por um sistema violento de governo ditatorial:

O mundo de *O carnaval dos Animais* sofre a recorrência de um constante reducionismo. Essa metamorfose da redução, responsável pelo efeito fantástico-maravilhoso, se realiza segundo diferentes expedientes no tratamento verbal de seu enunciado. Há dois processos básicos: O primeiro consiste numa redução gradativa “ad infinitum” que coloca o mundo das personagens sclirianas num verdadeiro “mise in abime.” É o caso do conto já citado “As ursas”. Ainda, nesse particular, o recurso usado para a metamorfose redutiva é o da antropofagia. Num segundo processo, essa metamorfose redutiva ainda usa da antropofagia como mutilação. É o caso do conto “A Vaca”. [...] O grotesco das situações de mutilação ocorre, ainda mais terrivelmente, quando esta se torna automutilação, como no conto “Canibal”. [...] Há casos em que a mutilação é total e imediata (como no conto “Cão”) [...] ou parcial (como no conto “Torneio de pesca”). (Fonseca, 1981, p.6)

Moacyr Scliar, em parte, infunde sua crítica social em seu texto por meio de sua educação intelectual e sua associação com textos de teor socialista. Sua influência e engajamento em meios de resistência refletem-se na obra. Utilizando sua posição proeminente como médico, ele se conecta com esses círculos de resistência e, ao fazer isso, incita seus leitores a examinar o mundo ao seu redor e compreender como as estruturas de poder podem cercear seus direitos mais fundamentais, tudo isso explorado por meio da literatura fantástica.

Em minha percepção, Moacyr Scliar se destaca como um autor que dialoga de forma profunda com o gênero do fantástico tradicional. Ele faz uso de elementos comuns aos textos do fantástico europeu para criar um ambiente que desafia a realidade, embora o faça de uma maneira distinta em comparação a escritores como

Veiga e Rubião. Scliar incorpora em sua narrativa uma perspectiva mais intrínseca à sua herança judaica. Muitos de seus contos refletem essa memória religiosa em eventos fantásticos, como se fosse uma interpelação entre o Scliar médico, enraizado na realidade, e o Scliar escritor, um criador de ficções e fantasias. Essa abordagem singular enriquece sua obra, oferecendo uma lente única para explorar o fantástico.

Moacyr Scliar, poucos anos após a publicação de seus primeiros contos, se arrisca no romance fantástico e inaugura sua entrada no gênero com o texto *A guerra no bom fim* (1972). Nesta obra, Scliar explora de maneira significativa sua herança judaica, um tema que havia sido pouco abordado na literatura brasileira até então. Nessa narrativa, o escritor gaúcho nos presenteia com uma história que reconstrói os horrores vividos por seus antepassados durante a Segunda Guerra Mundial sob o regime alemão, ao mesmo tempo em que aborda a resistência e as experiências da migração que seus compatriotas enfrentaram nas décadas seguintes. A obra é um mergulho profundo na identidade e na história da comunidade judaica, trazendo à tona questões cruciais sobre a diáspora e a resiliência do povo judeu.

Tendo sido publicada durante o regime militar brasileiro, essa obra se mostra historicamente importante para observarmos, como leitores e viventes, a passagem de geração entre seus ascendentes e sua vivência durante a segunda metade do século XX no Brasil. Em um texto publicado no Suplemento literário de Minas Gerais, Duílio Gomes constrói um resumo e uma crítica do impacto dessa obra tanto para a comunidade judaica brasileira, como para a história de nossa literatura fantástica como um todo. Logo na introdução, Duílio aponta uma fala do própria Scliar sobre sua fortuna de contos e como aquelas breves histórias estavam apontando para algo mais amplo:

E a história maior nasceu. Cheia de lances fantásticos e com um tema pouco comum na literatura brasileira – o judaísmo. O Bom Fim existe e é um bairro judeu de Porto Alegre. A partir daí, Scliar movimenta toda uma trama onde se manifestam, fundamentalmente, o fantástico e o humor poética. [...] *A guerra do Bom Fim* é uma novela onde se misturam episódios reais e outros extraídos do folclore do bairro judeu. [...] O preconceito antijudeu está presente em todo o livro (e, como autor, Scliar toma o partido deles) [...] A Guerra do Bom Fim é uma novela fantástica, estranha, original e pungente. Segundo Wilson Martins, “Moacyr Scliar é, como José J. Veiga, um realista mágico, um criador de atmosferas e um domador do fantástico.” A Guerra do Bom Fim veio homologar definitivamente essa observação. (Gomes, 1973, p.11)

Embora eu não concorde completamente com a perspectiva de Duílio, não vejo

Moacyr Scliar como um autor pleno do fantástico sul-americano, mas sim como um exemplo do fantástico clássico na literatura mundial. No entanto, a descrição do crítico é bastante relevante e ilustra a intenção de Scliar de abordar a história violenta vivida por seu povo e a igualmente traumática experiência da migração. Além de todos esses aspectos, Scliar também aponta para a constante lembrança desses eventos e como essas memórias desempenharam um papel crucial na construção da sociedade judaica brasileira.

Encerro esta reflexão sobre os três autores que considero mais relevantes para o nosso gênero literário do fantástico com a percepção de que o insólito e o mágico, produzidos e associados ao Brasil, não apenas se inspiram na tradição europeia e no movimento do *boom latino-americano* para criar literatura, mas também estabelecem seu próprio espaço e, por meio dele, dialogam sobre nossas realidades tão diversas, influenciadas por nossas ricas heranças culturais e étnicas.

### **3.3. A geração ditadura**

A ditadura militar brasileira é instaurada em março de 1964, com a retirada do poder presidencial de João Goulart e a entrada dos militares como interventores da nação no poder executivo, destituindo, como é de praxe nos golpes militares, as instâncias do poder democrático civil. Contudo, o golpe tem raízes muito mais amplas, data de quase uma década antes de 1964, com as maquinações para a redução do avanço de partidos de esquerda, guerras internas e um conglomerado de eventos nacionais e de influência internacional que levaram o país ao regime ditatorial.

Minha intenção não é aprofundar na descrição dos eventos que levaram ao golpe militar, mas sim oferecer uma visão panorâmica resumida para situar o leitor deste trabalho no contexto em que os escritores tiveram que trabalhar, enfrentando desafios para produzir, publicar e assegurar a leitura de seus textos em meio a uma avalanche de censura, controle opressivo e repressão estatal.

Nosso regime militar adotou muitos elementos que estavam presentes nos acontecimentos vividos por nossos vizinhos sul-americanos, como o Chile, a Argentina e o Paraguai. Isso é particularmente evidente quando observamos os estágios iniciais da transição de poder civil, com a notável influência dos Estados Unidos, um discurso anticomunista proeminente e uma disseminação de propaganda negativa e notícias falsas por meio de jornais e influências favoráveis ao regime. Às

vezes, parece que nos aproximamos muito do que ocorreu em 1964, especialmente quando consideramos o ressurgimento da extrema-direita brasileira nos últimos seis anos. Por pouco, não retrocedemos a esse período histórico.

Temas como a repressão, a censura e a violência são os principais elementos que tenho contato quando procuro a história desse período. Nasci em 1988, no ano da promulgação e implementação de nossa constituição mais recente. Portanto, não vivenciei, naturalmente, os anos de chumbo, como muitos descrevem o período ditatorial brasileiro. No entanto, com base em minhas leituras e nos relatos de pessoas próximas que experienciaram as agruras desse período, consigo conceber a quão desafiadora foi a existência no Brasil durante aqueles anos marcados pela repressão, censura e violência.

A literatura, nesse período, assim como em muitos momentos desafiadores da história, emerge como a forma de expressão mais lúdica, não no sentido de suavidade, mas sim na capacidade dos escritores de abordar os eventos contemporâneos por meio de seus textos. Muitos autores que se aventuraram a escrever entre 1964 e 1985 no Brasil encontraram na literatura um meio de lidar com o presente e transmitir suas experiências de maneira criativa. Fernando Perlatto, em seu consagrado texto acerca da literatura brasileira durante a ditadura, aponta que:

A despeito das particularidades formais e temáticas dos romances produzidos no contexto dos governos autoritários, o que mais chamava atenção nessa literatura pós 1964 era, como destacado por Silvano Santiago (1989: 13), a "descoberta assustada e indignada da violência do poder". As ficções escritas naquela conjuntura, segundo o autor, seja na vertente "alegórica" e "jornalística", seja nos "romances reportagens", teriam aberto "campo para uma crítica radical e fulminante de toda forma de autoritarismo, principalmente aquela que, na América Latina, tem sido pregada pelas forças militares quando ocupam o poder" (Idem: 14). Nessa perspectiva, é coerente pensar que parte significativa da literatura produzida ao longo desses anos autoritários, para dialogar com Renato Franco (2003: 356), "pode ser considerada como uma forma de resistência", compreendendo "uma dimensão ética, enquanto manifestação de indignação radical diante do horror". A ficção escrita nesse contexto, como bem analisado por Eurídice Figueiredo (2017: 44), "pelo viés da subjetividade, mostra resíduos de experiências fraturadas pela violência do vivido". (Perlatto, 2017, p.726)

A manifestação da violência do poder é um tema proeminente na literatura desse período, assim como a ênfase na supressão do indivíduo, no controle quase onipotente das esferas militares sobre a vida pública e na desorientação da realidade resultante dessas formas de violência. Como Perlatto observa, a literatura utiliza esses elementos que, teoricamente, deveriam ser limitadores, para construir narrativas que

refletem a realidade, e é nesse contexto que o fantástico adquire sua importância.

Não é por acaso que a literatura assume, frequentemente, uma abordagem mais próxima do jornalismo durante períodos de repressão militar. Muitas obras de ficção, e em particular, as obras do fantástico, emergem nesse contexto com o propósito de contornar a censura e descrever os horrores das violências desses regimes. A literatura fantástica dá um passo além e usa de seus mecanismos próprios para transformar o insólito em histórias que foram apagadas dos livros.

Essa característica, combinada à necessidade de contornar a censura prévia, contribuiu para a construção de uma literatura fantástica brasileira que soube dialogar com um público ávido, mesmo que inconscientemente, por informações sobre o que realmente ocorria no país. Um exemplo disso é a obra *Sombras de Reis Barbudos* (1972) de José J. Veiga, que, através da perspectiva infantil, retrata o avanço e a aceitação dos abusos militares em sua pequena cidade, culminando na queda do governo e no preço pago por aqueles que colaboraram com a "invasão" dos militares. Outro exemplo notável é a obra de Érico Veríssimo, *Incidente em Antares* (1970), que explora a burocracia estatal e as verdades que os mortos escondem, servindo como uma alegoria aos desaparecidos durante o regime militar no Brasil.

Ettore Finnazi-Agrò, em seu texto que aborda essa dualidade do texto literário em contar os eventos históricos de forma mais eficaz do que a própria narrativa histórica durante o regime militar, destaca o papel crucial desempenhado pela literatura nesse período. Isso se aplica não apenas ao cenário brasileiro, mas também ao contexto mais amplo do fantástico na América do Sul:

O papel da literatura é, justamente, centrado nesse irremediável dualismo, ou melhor, nesse habitar instâncias opostas, conseguindo exprimir o inexprimível através de uma contínua alteração ou alternância de registros (do trágico ao cômico), por meio de uma mudança vertiginosa dos pontos de vista (do mais aleatoriamente subjetivo ao mais rigorosamente objetivo), sem que isso tire nada à função testemunhal dos textos. Mais uma vez, o valor estético das obras produzidas no e sobre o período da ditadura militar não depende tanto do grau de fiabilidade delas quanto da capacidade do autor de fazer passar, através da sua escrita e das imagens por ele produzidas, uma verdade material – “física”, eu diria – da qual nenhuma História poderia dar conta senão traindo ao seu estatuto epistemológico. (Finnazi-agrò, 2014, p.188)

O fantástico, por meio de suas narrativas obscuras e alegóricas, tem a capacidade de revelar verdades materiais que a censura buscava apagar. Ela serviu como uma via segura para expressar as realidades que estavam sendo suprimidas,

permitindo que os escritores explorassem questões sociais e políticas de maneira subversiva.

A literatura fantástica, com os mecanismos comumente usados, como as alegorias, os símbolos, o sobrenatural e o insólito, conseguiu escapar as mãos dos censores em muitas oportunidades que a história acadêmica não conseguiu. Logo, o fantástico se destacou por permitir não só que essa história fosse deixada de herança para as gerações seguintes, como serviu de papel para os cidadãos do período compreender o entorno que viviam.

Com esse pensamento inicial, gostaria de trazer o foco para alguns escritores que se destacaram nesse período além dos já citados como base referencial do fantástico brasileiro. Começamos com o já citado Érico Veríssimo e duas de suas obras que se destacaram no gênero. *Um certo capitão Rodrigo* (1970), publicado pela editora Globo, narra a chegada de um forasteiro que desafia as convenções do pequeno povoado de Santá Fé. Dotado de uma personalidade ora engraçada e calma, ora sagaz e violenta, o protagonista não se importa com as leis e as tradições locais, causando um desconforto naquela população que se via controlada pelo coronel Ricardo Amaral Neto.

Essa narrativa brinca com a história brasileira, cita a revolução Farroupilha, cria um misto de ficção e realidade onde o leitor é levado a uma imagem insólita de nosso passado. Semelhante a essa narrativa, *Incidente em Antares* (1971), extrapola ainda mais o real com a ressurreição de personagens, a crítica ferrenha ao modelo de governo autocrático e burocrático do período, assim como a revelação de segredos que deveriam ter sumido com os mortos, mas retornam sem as amarras sociais e criminais que temos quando vivos.

Ambas as narrativas conseguem subverter nossa percepção do passado sem perder de vista um dos elementos centrais do fantástico, que é a proximidade simbólica entre os eventos fantásticos e a realidade empírica. Além dessa característica, Érico Veríssimo desempenhou um papel de imensa importância nesse contexto, graças ao seu sucesso prévio como escritor e à influência que suas obras já exerciam no cenário literário brasileiro.

Ao lado de Érico Veríssimo temos uma autora que já vinha se destacando em nosso cenário literário, mas que acredito ter sido ainda mais significativa durante nosso período de regime militar, a paulista Lygia Fagundes Telles. Empregando uma abordagem mais focada em um público infantojuvenil, a escritora de *Antes do baile*

*verde* (1970); *As meninas* (1973); *Seminário dos ratos* (1977) e *A disciplina do amor* (1980) possui uma gama interessante de obras que fletam com diversos tópicos de nosso fantástico.

A autora já havia publicado obras de teor fantástico antes do período em questão, como o conto *Estrela Branca* da coletânea *O Cacto Vermelho* (1949). No entanto, foi somente durante esse período que observo um esforço mais abrangente por parte de Lygia Fagundes Telles em utilizar elementos do fantástico para construir suas percepções e críticas em relação ao momento que o país atravessava.

Leitora autodeclarada de Edgar Allan Poe e outros autores do fantástico mundial, Lygia Fagundes Telles demonstra uma preocupação constante em encontrar elementos externos que perturbam a realidade interna de seus personagens. Esse processo revela uma rejeição da realidade ao mesmo tempo em que estabelece uma proximidade entre os vários aspectos racionais e irracionais dos "eus" dos personagens. Lygia conseguiu criar uma narrativa que não apenas descreve o presente, mas também alcança o futuro, evitando que o leitor escape da realidade, mesmo quando envolto pelo insólito. Essa conquista evidencia sua importância para a história do gênero fantástico no contexto literário brasileiro.

O conjunto de narrativas de Lygia Fagundes Telles incorpora diversos mecanismos reconhecidos no âmbito do fantástico mundial para provocar seus efeitos insólitos. Entre esses elementos, encontram-se o caráter onírico, visões, premonições e muitas outras formas de explorar o universo do fantástico, mantendo o leitor ancorado em uma realidade perturbadora, evitando que seja transportado para um mundo meramente maravilhoso e irreal. O compromisso ficcional presente nas obras de Fagundes Telles leva em consideração não apenas o espaço, o tempo e a atmosfera literária do Brasil naquele período, mas também a importância da literatura como meio de registrar nossa história que, naquele momento, estava sendo apagada enquanto era escrita. Além disso, tais narrativas têm o papel de refletir sobre nossos possíveis futuros e as cicatrizes que poderíamos vir a carregar.

Outro escritor que encontra no fantástico uma maneira de abordar seu contexto histórico é Ignácio de Loyola Brandão. Embora sua obra inaugural, *Depois do Sol* (1965), não seja necessariamente um exemplo de literatura fantástica brasileira, já é possível notar que o autor paulista possuía uma perspectiva que enfrentaria resistência por parte do regime militar. Isso se deve não apenas à sua escrita desafiadora em relação aos padrões da época, mas também ao cenário político que

se estabeleceria pouco tempo após a publicação de seu primeiro livro.

Portanto, não surpreende que em sua segunda publicação, *Cadeiras Proibidas* (1976), tenhamos um forte elemento de influência do gênero fantástico, e que enfrentasse uma resistência ainda mais intensa do cenário de censura que permeava a sociedade na época. Observando a trajetória de Ignácio de Loyola Brandão em sua narrativa, é importante destacar que o escritor estava plenamente consciente do impacto que sua obra causaria na realidade ao ser lida por um público ávido por uma compreensão da realidade que estava constantemente sendo apagada pela censura e pela violência militar.

Nesse contexto, *Cadeiras Proibidas* é um dos primeiros exemplos de obras do autor que podemos associar ao movimento do *Boom latino-americano* e à constituição do gênero fantástico na literatura brasileira. Sua obra não apenas se inspira nas referências de nossos vizinhos do continente, mas também adota a estrutura narrativa dessas obras para abordar temas de terror e situações específicas que estávamos vivenciando no Brasil. A dissertação de mestrado de Samuel Ponsoni sobre a obra de Ignácio de Loyola Brandão ajuda a compreender essa relação de forma mais aprofundada:

pode-se dizer que *Cadeiras proibidas*, ao instituir um gênero contista que mobiliza elementos típicos de narrativas fantásticas, figurados por eventos estranhos, jogando de perto com o surreal nas ações das personagens, nos insólitos espaços que registram essas ações e ao tentar captar todos os trajetos possíveis do olhar dos leitores, faz o escritor Ignácio se alinhar a outros trabalhos que versam e mobilizam as mesmas maneiras do fazer literário em seus trabalhos narrativos, o que lhe renderá comparações a este ou aquele escritor, por exemplo, a um Borges, a um Gabriel García Márquez. (Ponsoni, 2011, p.73)

A trajetória de Ignácio de Loyola Brandão como escritor do fantástico está intrinsecamente ligada ao período de censura e violência mais intensa do regime militar brasileiro. Suas duas obras mais conhecidas, *Zero* (1974; 1975) e *Não Verás País Nenhum* (1981), não escaparam do burburinho e da censura imposta pelo governo brasileiro. *Zero*, em particular, é emblemático desse período. Originalmente publicado na Itália, devido à recusa das editoras brasileiras em publicá-lo devido ao seu teor desafiador em relação ao governo da época, o romance acabou sendo lançado, embora com resistência, um ano depois no Brasil. No entanto, ele sofreu uma censura completa em 1976, refletindo o clima tenso de repressão da época.

Particularmente, minha obra favorita do autor é *Não Verás País Nenhum*

(1981), que surgiu a partir de um conto intitulado *O Homem do Furo na Mão*. Este conto foi meticulosamente desenvolvido e ampliado, transformando-se em um romance que, embora flerte com elementos do fantástico, possui uma inclinação mais acentuada para a ficção científica e para a distopia.

Neste romance, Ignácio de Loyola Brandão não hesita em retratar uma São Paulo devastada, suas metáforas que descrevem uma violência descontrolada são tão diretas que é possível inferir que o escritor estava ciente de que o fim da ditadura estava próximo. Ele não economizou em críticas, apresentando descrições vívidas dos impactos e das cicatrizes que a violência do regime militar deixaria para o país. Nesta fábula distópica, narrada em primeira pessoa, o aspecto insólito é menos velado, abrindo espaço para um assombro proporcionado por descrições gráficas e alegorias que desfiguram a narrativa fictícia que os militares tentaram impor no país.

Indo em encontro a afronta de Ignácio de Loyola Brandão contra o governo militar temos outros dois escritores desse período que se destacam ao produzir narrativas que, inseridas na realidade, promovem o insólito como elemento central de crítica e resistência civil. Josué Guimarães é o primeiro dele, com obras como *Depois do último trem* (1973); *É tarde para saber* (1976); *Os tambores silenciosos* (1977); *Enquanto a noite não chega* (1978); *O cavalo cego* (1979); *Camilo Mortágua* (1980), e *O gato no escuro* (1982), todas narrativas que levaram para o leitor e para a sociedade civil, uma forma de olhar para a realidade a partir do fantástico.

Através do vasto repertório literário do autor, podemos apreciar a significativa contribuição de Josué Guimarães para a configuração do nosso fantástico. Em particular, destaco uma de suas obras, *Os Tambores Silenciosos*, narrativa que conseguiu transcender a bolha de leitores tradicionalmente interessados no gênero fantástico e alcançou um público mais amplo. Essa obra introduziu o elemento mágico e insólito em contextos que antes não eram tão explorados, expandindo os horizontes do fantástico brasileiro.

O segundo autor que gostaria de destacar é José Cândido de Carvalho, com as narrativas; *O coronel e o lobisomem* (1964), narrativa que se adianta a censura e brinca com nossos mitos e lendas; *Porque Lulu Bergatim não atravessou o rubicon* (1970), que traz comédia e causos de nossa história rural em êxodo; *Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos* (1972), coletânea de contos bem curtos, mesclando mais uma vez humor e insólito; *Manequinho e o anjo da procissão* (1974); *Se eu morrer ligue para o céu* (1979); *Notas de viagem do rio negro* (1983), e *Os mágicos*

*municipais* (1984).

José Cândido de Carvalho se destaca neste grupo de escritores do fantástico no cenário da ditadura militar por sua abordagem cômica e enfática em seus textos. Na minha visão, essa ênfase na comédia se relaciona intimamente com o próprio efeito do fantástico, que muitas vezes consiste em disfarçar a realidade, incentivando o leitor a se envolver na leitura a fim de explorar as camadas mais profundas que esses textos oferecem.

Outros escritores se destacaram nesse período e ajudaram, em diferentes escalas, a mostrar para a população os horrores da realidade ditatorial que o país passava, como Josué Montello, com *Os degraus do paraíso* (1965); Herberto Sales, com *Histórias extraordinárias* (1966); Autran Dourado, com *Ópera dos mortos* (1967); Péricles Prado, com o incrível *Os milagres do cão Jerônimo* (1970); Rui Mourão, com *Cidade calabouço* (1973); Edla Vaan Steen, com *Memórias do medo* (1974), entre muitos outros autores que menciono no final deste trabalho, no anexo I que traz as primeiras edições do gênero fantástico publicadas no Brasil.

### **3.4. O pós ditadura**

Durante a ditadura militar brasileira, observa-se uma notável intensidade na publicação de obras do fantástico. No período de 1964 a 1985, identifiquei setenta e seis obras desse tipo no Brasil, com a maioria delas, quarenta e três, sendo publicadas durante a década de 1970. Curiosamente, esse período, marcado por intensa repressão, coincidiu com a maior produção e publicação de obras do gênero fantástico no Brasil.

A partir da década de 1980, observa-se uma diminuição significativa no número de obras. Na primeira metade dessa década, ainda contamos com um número considerável, totalizando vinte e quatro obras. No entanto, na segunda metade da década de 1980, esse número declina para oito. Essa tendência se mantém na primeira metade da década de 1990, com apenas nove narrativas. Somente na segunda metade da década de 1990 é que há uma retomada, com treze obras identificadas até o momento.

Os anos 2000 representam uma notável retomada na produção de obras do fantástico brasileiro, especialmente com a popularização da internet e a formação de comunidades digitais de leitores e escritores. Nesse período, houve uma proliferação

de narrativas impulsionada por esses espaços virtuais, marcando uma fase rica em publicações nacionais. Embora não seja o foco central deste trabalho, é crucial destacar a importância dos grandes grupos de escritores e estudos que emergiram nesse contexto, persistindo até os dias atuais. Esses grupos e iniciativas contribuíram significativamente para a reflexão e a produção do fantástico no Brasil, evidenciando a vitalidade e o vigor desse gênero literário na contemporaneidade e da importância desse estudo que olha para nossa gênese do fantástico nacional.

Voltando ao final do período militar brasileiro, o fantástico emergiu como um elemento de experimentação que gradualmente adquiriu características mais realistas. Ele passou a abordar o ambiente circundante e a explorar os elementos viscerais das experiências vividas pela população ao longo das duas décadas de regime militar. Essa evolução reflete a capacidade do fantástico de se adaptar e servir como uma expressão literária que aborda, de forma simbólica, as realidades e as complexidades desse período histórico conturbado.

Percebo que, conforme os ditadores perdiam espaço e influência devido às transformações culturais, sociais e políticas ao longo das duas décadas do regime militar, o fantástico também parecia perder gradualmente sua relevância estética e sua importância como ferramenta de crítica ao governo. À medida que a literatura, o jornalismo e a pesquisa acadêmica conseguiam abordar a realidade de maneira mais franca, impulsionados por grupos significativos que promoviam o fim do regime militar, o fantástico foi sendo deixado de lado. As metáforas e simbolismos característicos desse gênero deram lugar a um realismo visual e literário que buscava uma representação mais direta da realidade, uma necessidade que correspondia ao anseio crescente da população por uma compreensão mais clara e direta dos acontecimentos.

Essa afirmação explica o número reduzido de obras do fantástico publicadas nos anos finais da década de 1980 e durante toda a década de 1990, se tornando um gênero em declínio, mas não completamente apagado. A sobrevivência do fantástico pode ser atribuída a uma de suas características mais essenciais: a habilidade de abordar nossos medos sob o véu do insólito. Mesmo em um contexto em que outras formas de expressão começaram a explorar diretamente as realidades e os desafios enfrentados após o regime militar, o fantástico persistiu como um meio poderoso de articular temores e reflexões sociais, proporcionando uma camada de expressão simbólica que se mantinha relevante.

É nesse passo que alguns escritores se arriscaram no gênero e conseguiram se destacar em um fantástico que estava se reconstruindo durante esses dezesseis anos que vão de 1985 à 2000. Entre esses autores, ainda temos a forte presença de alguns nomes importantes do nosso realismo mágico, como José J. Veiga, Murilo Rubião, Moacyr Scliar, Lygia Bojunga Nunes e Lygia Fagundes Telles, que continuaram publicando sobre o insólito, mesmo em um cenário diferente de suas obras mais impactantes do gênero, enquanto outras obras se tornaram relevantes para o gênero durante esse período.

Bráulio Tavares é um exemplo notável desse fenômeno, como evidenciado em sua obra *A Espinha Dorsal da Memória* (1989), publicada pela editora Caminho. Neste livro, Tavares explora o insólito mesclando realidade, ficção, invasão alienígena e ciência em uma coletânea de contos rica em especulações sobre um futuro incerto, tecnológico e violento. Dividido em duas partes, o texto de Tavares apresenta uma diversidade de modos narrativos, criando um espectro de leitura intrigante. O leitor se encontra desconfortável, incapaz de prever como o escritor abordará a forma narrativa do próximo conto, o que adiciona uma camada à experiência de leitura.

A ficção científica desempenha um papel proeminente nos textos de Bráulio Tavares, sendo o tema predominante na maioria dos contos de seu livro *A Espinha Dorsal da Memória* (1989). Enredos que exploram invasões extraterrestres ou lançam o indivíduo em ambientes intergalácticos hostis são recorrentes, revelando uma faceta interessante e praticamente invisível do nosso fantástico nacional. É notável que o fantástico de Tavares brinca e dialoga com a realidade de mutação completa que a sociedade estava experimentando na época. Não surpreendentemente, seus contos foram laureados com diversos prêmios, como o Nova de 1989, concedido pelo conto *Sympathy for the Devil*, publicado no livro *A Espinha Dorsal da Memória* (1989), em Portugal. No ano seguinte, Tavares conquistou o mesmo prêmio com o conto *Mestredas-armas*, também presente no mesmo livro.

Em 1996, seu texto é republicado no Brasil pela editora Rocco com a adição de outros sete contos sob o título *Mundo Fantasma*. Curioso é que essa edição muda a contracapa do livro, virando-o de cabeça para baixo e adicionando uma esfera lúdica e estética ao texto.

O título *Mundo Fantasma* é uma homenagem de Bráulio Tavares ao texto seminal de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956), que, em uma de suas epígrafes, cita: “E vi o mundo fantasma”. Tavares utiliza esse momento do texto

de Rosa para preparar o leitor para um de seus contos, *Oh Lord, Won't Buy Me*, onde ocorre um diálogo entre o humano e Deus, na verdade, um pacto. Este texto dialoga com toda a nossa história literária e com um insólito que começa a se descolar da violência visual das duas décadas anteriores, conectando-se com os novos temores sociais que emergiam com a modernidade

Na segunda parte, Bráulio Tavares se afasta um pouco do cenário da ficção científica pelo qual ficou conhecido para explorar um fantástico mais próximo da realidade. Ele aborda temas como pactos com entidades deíficas, o processo de escrita envolvendo o insólito e as incertezas da existência. Este texto é muito mais autorreferencial em comparação ao anterior, revelando um escritor atento às transformações que a modernidade estava introduzindo no panorama literário e na sociedade em geral. Essa mudança de abordagem demonstra a versatilidade de Tavares como escritor, capaz de transitar entre diferentes nuances do fantástico para capturar as complexidades de seu tempo.

Rubens Figueiredo é outro escritor que demonstrou uma profunda compreensão das transformações pelas quais o país passava, utilizando o fantástico como ferramenta para explorar a realidade brasileira. Além de ser tradutor e professor, o escritor carioca recebeu dois prêmios Jabutis ao longo de sua carreira e contribuiu significativamente para importantes editoras do país. Sua habilidade em transitar entre esses três pilares da produção literária proporcionou-lhe um olhar único, permitindo a criação de narrativas que dialogam de maneira rica com a constante e impactante realidade brasileira.

O escritor publicou cinco narrativas durante o período de 1986 e 1998, sendo as primeiras duas mais sutis com o trabalho fantástico, *O mistério da samambaia bailarina* (1986) e *Essa maldita farinha* (1987), e as outras três com mais ênfase no gênero. *A festa do milênio* (1990) aborda os desencontros do indivíduo com a modernidade, explorando a falta ou a soberba de significados nos objetos e nas pessoas. A narrativa mergulha no entrelaçamento entre o significado e o significante, em uma ordem desconexa de acontecimentos que adquirem sentido apenas para aqueles que se aprofundam na realidade insólita da modernidade. Figueiredo, por meio dessa obra, oferece uma perspectiva reflexiva sobre os desafios existenciais e as complexidades da vida em meio às transformações sociais e culturais da época.

*O livro dos lobos* (1994) é a narrativa de Rubens Figueiredo que mais se aproxima de um fantástico "tradicional". Os contos que compõem este livro mantêm a

ambiguidade realista característica de seus trabalhos anteriores, mas, desta vez, com um tom mais urbano e atemporal. Figueiredo cria uma confusão planejada, onde tanto os leitores quanto os personagens são envolvidos em ambientes que deveriam ser seguros e familiares, primariamente urbanos, mas que parecem pertencer a uma realidade à parte. Essa abordagem cria um espaço de distúrbio e perturbação durante a leitura, contribuindo para a construção de uma atmosfera intrigante, como afirma Luís Paulo Fiúza Marques em sua tese de doutorado acerca do fantástico em *O livro dos lobos*:

Ao leitor, resta a incerteza de que ao mesmo tempo que o cenário parece comum ao seu cotidiano, causa-lhe certo estranhamento pelo fato de ser incapaz de referenciar o espaço com precisão. Tal sentimento não se restringe ao leitor, mas parece ser igualmente dividido pelas personagens dos contos, uma vez que há o sentimento de ausência de lugar, de pertencimento e, conseqüentemente, de identidade com o espaço como será verificado nos textos. (Marques, 2019, p.47)

O último texto do autor publicado nesse período foi *As palavras secretas* (1998), vencedor do prêmio Jabuti e entrega quase total de Figueiredo ao fantástico que venho estudando. Mesclando contos que continuam a falar sobre a realidade a partir da confusão moderna, e da inabilidade na construção de sentidos plenos para as coisas, o escritor presenteia o leitor desse livro com uma percepção aguçada sobre o presente e um empréstimo do fantástico pela maior parte da publicação. Em um artigo para a revista *Pessoa*, François Weigel ajuda a entender essa relação.

O estilo dos contos é mais enxuto, a linguagem apurada, as notas de humor muito mais esparsas, e muitos dessas breves narrativas provocam no leitor surpresa e inquietação, com elementos insólitos e fantásticos que vêm agitar o universo ficcional. “No meu esforço de explorar uma experiência mais subjetiva, me vi enveredando por uma direção mais fantástica. A percepção vale mais do que o modo objetivo, daí o registro fantástico.” O realismo e o fantástico alimentam-se um do outro para aguçar algumas problemáticas recorrentes na ficção de Rubens Figueiredo, tais como a presença de um instinto animal em cada ser humano, a exclusão social ou as dificuldades de comunicação entre os indivíduos. (Weigel, 2016)

Companheiro de escrita, tendo publicado junto a Rubens Figueiredo em um compilado de contos intitulado *Geração 90: manuscritos de computador* (2001), está o professor, tradutor e doutor em letras Amílcar Bettega Barbosa. Conhecido pelo intrigante *O voo da trapezista* (1994), e por ter participado de outras duas antologias de contos que flertam com o fantástico intituladas *Conto e cidade* (1997) e *O autor*

*ausente* (1997), Bettega ajudou a construir essa geração dos anos 1990 praticamente como uma geração de passagem para o que surgiria com a virada do milênio.

Particularmente, meu breve contato com a obra de Bettega, que se resume a poucos contos de seu livro de 1994, revela um autor consciente do processo de escrita. Sua formação acadêmica transparece no modo como ele aborda a leitura desses contos, demonstrando um autor que discute com propriedade os eventos, independentemente do ambiente e da atmosfera que as narrativas evocam. Rico em olhares, o texto de Bettega já está bem afastado do fantástico publicado durante e pouco após o fim da ditadura militar, mostrando um escritor que começa a dialogar com um público que olha com certa distância para seu passado recente.

Bettega publicaria com mais ênfase na primeira década do século XXI, sendo um dos precursores dessa nova geração de escritores do fantástico nacional que não abordo nessa pesquisa, mas achei interessante destacar como um rito de passagem, ou melhor, como uma ruptura entre uma geração que viveu a violência militar e precisou se manter disfarçada por décadas e uma geração que teve contato com essa história pelos livros de ficção e pela pouca história acadêmica que restou.

Finalizo esse capítulo sabendo que deixei muitos nomes importantes para trás, como Adonias Filho, com *Léguas de promessa* (1993); Augusta Faro, com *A friagem* (1999), entre dezenas de outros que estarão no quadro I anexo para o leitor desse texto. Porém, não deixo de pensar quantos escritores ficarão de fora por simplesmente não terem tido um alcance mínimo ou que minha pesquisa tenha deixado passar por motivos que não controlo. Deixo, então, minha homenagem a todos esses escritores brasileiros que, as vezes invisibilizados, não deixam de produzir esse gênero que me debruço, o fantástico.

#### 4. ANÁLISE DO FANTÁSTICO NACIONAL

A abordagem teórica que adoto em relação ao fantástico na literatura brasileira permeia diversas pesquisas e incorpora uma variedade de conceitos que foram explorados no primeiro capítulo deste trabalho, com as teorias fundamentais. Ao longo da pesquisa, percebi que o que caracteriza o fantástico e seus termos correlatos não é tanto sua forma estrutural como um gênero literário, mas sim sua presença nos mais diversos espaços literários e artísticos.

Se fosse necessário escolher um termo para representar a maior parte dos textos do fantástico nacional, provavelmente penderia para o realismo mágico, principalmente pela influência de nossos vizinhos sul-americanos que cunharam o termo dentro do guarda-chuva do fantástico. No entanto, o Brasil é singular, e a exploração do gênero, ou do modo literário, tomou outras direções, como era de se esperar. A natureza continental de nosso país, suas múltiplas culturas e suas influências de todo o mundo criaram um espaço onde não é possível estabelecer um ponto de ancoragem. No Brasil, o fantástico tem sido objeto de exploração não apenas de nossos medos e receios, como era característico do fantástico inaugural europeu, mas também um reflexo de nossas realidades violentas e de nossa busca pela liberdade e segurança.

Portanto, refletir sobre o fantástico no Brasil tem sido uma jornada em constante evolução, pois me encontro em um espaço onde preciso ajustar continuamente meu olhar diante das novas informações de autores, obras, jornais e periódicos que delineiam diferentes verdades sobre o impacto e o efeito de determinada obra na realidade de nosso país. Mantendo isso em mente, gosto de pensar que o trabalho com o fantástico tem iluminado minha percepção mais do que eu antecipava quando esta pesquisa teve início, pouco mais de três anos atrás. Admito que, ao longo desse percurso, aprendi que o fantástico se manifesta em espaços além dos que eu inicialmente imaginava, representando um material espelhando a uma constante mutação que o país experimentou na literatura ao longo do século XX.

Vou tentar resumir como percebo essa mutação. Inicialmente, o fantástico surge nas letras estrangeiras, principalmente europeias e estadunidenses, sendo reproduzido no Brasil como uma forma de mimese estética. Nesse período, que abrange do século XIX até as primeiras décadas do século XX, observo que o nosso

fantástico era essencialmente composto por traduções e adaptações de textos de autores como Edgar Allan Poe, Mary Shelley, Bram Stoker, Guy de Maupassant, entre outros, com poucas exceções. Na época, ainda não possuíamos uma literatura fantástica estabelecida; tínhamos, em vez disso, textos que se inspiravam no estrangeiro para experimentar essa forma de escrita desafiadora e pouco canônica nas letras nacionais.

Conforme a literatura fantástica brasileira começa a se voltar mais para si do que para influências externas, observo uma ampliação do fantástico para outros espaços. Das primeiras décadas do século XX até os primeiros anos da década de 1960, a literatura fantástica brasileira dá um salto em direção a um público ávido por textos que empregam os mecanismos do insólito para provocar o estranhamento característico fantástico. Nesse período, nossos vizinhos sul-americanos também se destacam na literatura mundial com o *boom latino-americano*, o que acaba servindo como um degrau para muitos escritores brasileiros explorarem e se aventurarem no universo do fantástico.

É nesse momento que os escritores, o governo e as editoras percebem com maior ênfase a importância do fantástico para as letras nacionais. Observando o sucesso de venda e de crítica de nossos vizinhos sul-americanos, as editoras nacionais destinam parte de seus recursos para o cenário, possibilitando que muitos escritores que estariam em evidência no gênero em alguns anos tivessem sua primeira chance de publicação. É claro que eu não posso deixar de destacar o interesse financeiro que essas editoras tinham no trato com o fantástico; contudo, isso não reduz o valor dessas primeiras investidas para a exploração e ampliação do fantástico no Brasil.

Não à toa, o próprio governo brasileiro percebe nessa investida uma oportunidade de fortalecer suas políticas de leitura e cultura, ampliando significativamente iniciativas de produção e fomento à indústria editorial. Durante esse período, que coincide com o início da ditadura militar, houve uma expansão considerável no cenário cultural literário brasileiro, contribuindo, de certa forma, para o crescimento exponencial do fantástico, alcançando seu auge na segunda metade do século XX.

De meados da década de 1960 até o início da década de 1990, percebo que foi o período de maior influência e alcance da produção do nosso fantástico. Já explorei esse tema em um dos capítulos anteriores, destacando a importância de

alguns escritores desse momento, como José J. Veiga, Murilo Rubião e Moacyr Scliar. Nesse período, o fantástico aprendeu a lidar com o presente de maneira sistêmica, empregando formas de fazer com que o leitor rearticulasse suas verdades e experiências em um escopo diferente da realidade apavorante que o cercava.

Com isso em mente, observo que a literatura fantástica brasileira alcançou um feito importante em nossas letras, estritamente ligado ao enfrentamento das mutações proporcionadas e impostas pela modernidade. Essa conquista reside na compreensão de que o medo, proveniente das diversas vertentes que cercam o indivíduo, é um elemento que precisa ser abraçado, e não afastado. Eis, a meu ver, um ponto chave do fascínio do leitor pelo fantástico: a aproximação e não o afastamento do medo.

Logo, essa mutação do fantástico, que antes partia da premissa do autor para o leitor, torna-se um ciclo, e não uma passagem. Agora, é o processo de leitura que forja as relações de interesse da literatura fantástica no Brasil. Ao questionar a realidade a partir de mecanismos insólitos, o fantástico brasileiro inverte o processo de recepção e criação e constrói um ambiente de fácil assimilação pelo leitor, um ambiente que era pensado como uma zona de segurança (não confundir com zona de conforto), já que permitiu que muitos escritores e leitores construíssem uma catarse sem, necessariamente, sofrer as punições que viriam de uma crítica direta à ditadura.

O jornalismo e as universidades percebem a influência do fantástico e começam a empregar textos do gênero para tentar ocultar parte de suas críticas e percepções da realidade sob o véu da censura. É nesse momento, em meados da década de 1970 e 1980, que a maior parte dos trabalhos acadêmicos abordados nesta pesquisa foram publicados, assim como a maioria das resenhas, matérias e críticas veiculadas por jornais e suplementos literários da época. O que observo é que todos os meios de comunicação dessa segunda metade do século XX, restritos em sua capacidade de publicar livremente como antes da instauração do regime militar, compreenderam, de maneira conjunta, a importância do fantástico para abordar a realidade presente, resultando em um substancial aumento das publicações e na expansão do fantástico no país.

Contudo, tão rápido quanto seu crescimento, foi sua queda no final da década de 1980 e no início dos anos 1990. Com base nos textos, sou levado a crer que, sem a necessidade do encobrimento devido ao fim da ditadura, o fantástico parece ter minguado até quase desaparecer nesse período. É apenas com a virada para o século XXI que o fantástico volta a ter força, mas não vou entrar em detalhes sobre esse

período, apenas destaco que as mutações que menciono no início deste capítulo foram imprescindíveis para entender como a realidade e o fantástico são facetas concomitantes, elementos de percepção de uma realidade em constante movimento, seja para sua expansão, seja para sua queda.

Após esse preâmbulo gostaria de destacar nosso caminho até aqui e do que se trata o capítulo central desta tese. Iniciei com uma revisão teórica, explorando as críticas e formulações de estudiosos do mundo ocidental para compreender a evolução do termo da Europa até chegar ao Brasil. Em seguida, construí um referencial do que foi nosso fantástico, detalhando as mutações ocorridas ao longo do final do século XIX e durante todo o século XX. Esse processo proporcionou uma percepção abrangente de nosso fantástico. Por fim, utilizando esse referencial como base, destaquei os escritores que desempenharam papéis significativos nesse percurso histórico do fantástico.

Perceba, leitor, que os três capítulos que trabalhei até aqui formam uma espécie de base, uma trajetória que vem da gênese do gênero fantástico, observando todas as suas mutações, adaptações geográficas e culturais, até o âmago de nosso ambiente de leitura brasileiro. Meu objetivo foi dar ao leitor desta tese uma segurança quando chegasse neste capítulo final, quando chegasse às análises que trago, ao banco de dados que levanto a seguir e às percepções de que preciso do leitor para entender a importância de olhar mais a fundo em nosso fantástico.

Dito isso, o capítulo a seguir segue uma espécie de cronologia. Resumidamente, faço um levantamento de todas as obras que encontrei, que tenham alguma característica do fantástico nacional, produzidas durante o século XX, e tento construir um arcabouço referencial da importância dessas obras nos momentos de suas publicações. A ideia central é fazer um levantamento das narrativas fantásticas produzidas no Brasil e uma análise das primeiras edições, levando em consideração as editoras que publicavam, o espaço onde eram divulgadas e lidas, assim como a importância delas para o imaginário nacional acerca do fantástico.

Seguinte, exploro as mídias em que o fantástico foi publicado no Brasil, levando em consideração o cenário editorial brasileiro, os espaços de leitura e as formas de acesso dos leitores. No âmbito dos contos, identifico a principal forma de exploração do fantástico no país. Observo também nos romances, nas fanzines, no teatro e na literatura Pulp contribuições significativas para a construção do fantástico como gênero no Brasil.

Em seguida, conduzo uma pesquisa imagética das capas dessas primeiras edições, acompanhada por uma análise aprofundada de algumas delas. O objetivo é perceber os paratextos, as influências e os objetivos das artes das capas. Esse subcapítulo leva em consideração outras formas de arte do fantástico nacional, estabelecendo uma conexão entre esses artistas e a produção do gênero.

Logo após, apresento um subcapítulo que investiga os artigos científicos, as dissertações e teses publicadas no Brasil que guardam alguma relação com o insólito ficcional nacional. Essa busca é restrita a publicações disponíveis em meios digitais, uma vez que uma pesquisa física seria inviável no contexto desta tese. Dentro desses limites, os objetivos da pesquisa incluem a demonstração do ambiente técnico que o gênero permeou ao longo do século XX no Brasil, as mutações de conceituação do gênero e a aproximação do fantástico com o cenário nacional a partir do olhar acadêmico.

O subcapítulo seguinte aborda os suplementos literários dos jornais do estado de Minas Gerais e do suplemento literário de O Estado de S. Paulo. A pesquisa considera a relevância desses suplementos no tratamento e na veiculação do fantástico no Brasil. O estudo examina o acervo online desses suplementos e proporciona uma contribuição crucial para esta pesquisa ao demonstrar que o fantástico esteve presente ao longo de toda a nossa história literária.

No final do trabalho, anexo os quadros com os conteúdos desta pesquisa a fim de construir essa reserva historiográfica do fantástico, levando em consideração as quatro etapas principais: as primeiras edições; as capas das primeiras edições; os trabalhos acadêmicos e o trabalho jornalístico nos suplementos literários.

#### **4.1. Obras e suas primeiras edições**

O primeiro desafio que se apresentou durante este estudo, ao confrontar-me com a tarefa de buscar essas obras, consistiu na definição dos critérios que determinariam quais delas seriam consideradas parte da literatura fantástica brasileira para os propósitos desta tese. Após aprimorar conceitos e estabelecer métricas específicas, deparei-me com um segundo obstáculo: como discernir se uma obra dialoga de fato com o gênero e com os conceitos previamente estabelecidos, sem ter a possibilidade de ler todas as narrativas que integram esta pesquisa.

O processo que estabeleci para determinar se uma obra literária faz parte do

conjunto de narrativas fantásticas brasileiras segue três regras gerais. Em primeiro lugar, estão as obras que eu já conhecia ou que acabei lendo durante a redação deste trabalho. Em segundo lugar, incluem-se obras de escritores reconhecidos pelo gênero no Brasil, as quais, a partir de suas sinopses ou resumos, evidenciam um diálogo com o fantástico. Por fim, a terceira regra considera fontes como artigos, trabalhos acadêmicos, matérias jornalísticas e outras fontes, que apontam determinada obra como pertencente ao universo do fantástico.

Com essas regras em mãos, o trabalho partiu para a segunda etapa, a busca de dados. Aqui, utilizei centralmente dos meios digitais para preencher as informações que buscava. Sites como <https://www.estantevirtual.com.br/>; <http://www.dominiopublico.gov.br/>; <https://bndigital.bn.gov.br/>; <https://sistema.bibliotecas-bdigital.fgv.br/bases/open-library>; bibliotecas de universidades como USP, UFMG, UFPR, entre outras e sites de editoras que ainda guardam algum acervo bibliográfico de suas obras do período destacado na análise.

A busca se resumiu a um trabalho extenso, onde cada nova narrativa adicionada acabava gerando um contentamento ao perceber que a extensão do fantástico no Brasil é maior do que havia imaginava no começo da redação deste trabalho. Atento ao leitor no trato que tive na adição de cada obra nesse quadro, já que não era necessário unicamente encontrar uma informação, como também esmiuçá-la a fim de que a adição de um texto tivesse a maior certeza possível de pertencer ao fantástico nacional.

Para atingir esse patamar de certeza, após cada encontro com um novo texto, eu acabei realizando uma busca reversa em outros sites que confirmassem a verossimilhança da informação. Por exemplo, quando um novo autor surgia na pesquisa, eu realizava uma busca por todo o seu histórico de autor e sua bibliografia. Em alguns casos em que o autor possui apenas uma obra publicada, busquei outras fontes que pudessem afirmar com considerável certeza a veracidade de sua existência, seja por trabalhos acadêmicos, resumos, resenhas ou até mesmo textos de fãs sobre determinada obra e autor.

Nesse ponto, encontrei diversas dificuldades em preencher os requisitos que empreguei como base para validar certos autores. A primeira delas foi a falta de informações sobre nosso histórico editorial de publicações. São raros os casos em que temos acesso à ficha catalográfica de obras da primeira metade do século XX, até mesmo narrativas que beiram a virada do milênio acabam se perdendo pela falta

de interesse e recurso de algumas editoras em manter seu acervo a salvo do tempo.

Em seguida, há uma resistência de várias mídias em considerar o fantástico como parte do cânone de nossa literatura. Essa postura contrária dificulta o processo de pesquisa e parece contribuir, talvez de forma não intencional, para o esquecimento de muitas obras e autores. Exemplifico com o caso de vários escritores, durante a última década do século XX, que foram negligenciados e deixados de lado pelas editoras por escreverem em um gênero considerado morto na época. Bráulio Tavares, Adonias Filho e Rubens Figueiredo são alguns desses autores, cujas obras só foram reconhecidas anos após sua publicação inicial.

Um último desafio que impôs uma barreira a esta pesquisa foi a qualidade das informações disponíveis. Foi necessário um intenso trabalho de refinamento em muitas das inserções deste estudo, pois, em algumas ocasiões, deparei-me com informações conflitantes em fontes consideradas confiáveis. Nesses casos, utilizei o bom senso e a especificidade de cada biografia para mapear os dados da forma mais precisa possível.

Todo esse processo culminou em 233 obras catalogadas entre 1903 (primeira publicação que encontrei do gênero no século XX) e 2000. A partir dessas obras, construí um quadro com as seguintes informações: ANO DE PUBLICAÇÃO; AUTOR; OBRA e EDITORA. Destaco que a escolha desses tópicos está relacionada à viabilidade de preenchimento desses dados. Inicialmente, tentei incluir todas as edições das publicações, a cidade onde foram publicadas e o número de vendas dessas primeiras edições. No entanto, percebi, infelizmente, que a maior parte desses dados ficaria incompleta devido à falta de acervo disponível.

Esse quadro, contendo as informações mencionadas, será anexada a esta tese. Após a publicação do trabalho, pretendo disponibilizá-la de forma acessível ao público, em um documento online. A intenção é que, ao longo do tempo, ela seja expandida à medida que novos nomes e obras forem descobertos. Isso possibilitará que tanto novos pesquisadores quanto especialistas tenham acesso a essas informações e contribuam com novos dados, formando, assim, uma pesquisa dinâmica e colaborativa desse acervo imemorial de nossa história literária e social.

Dadas as introduções necessárias e considerando a extensa variedade de obras e autores abordados nesta pesquisa, elaboro uma análise sobre alguns dados que considero relevantes ao lidar com as informações apresentadas. Examino, por exemplo, os motivos dos maiores períodos de publicação, as principais editoras

envolvidas, os autores mais frequentemente publicados, as edições mais significantes para o imaginário do fantástico nacional e as publicações internacionais de autores brasileiros.

#### 4.1.1 Os períodos de maior publicação.

A literatura, assim como quase todas as formas de arte, segue ciclos. Os gêneros literários ocupam espaços de acordo com o interesse dos leitores, que pode crescer ou reduzir ao longo do tempo. O fantástico, atento a esses movimentos, foi ocupando territórios e imaginários à medida que era moldado pelos leitores durante o processo de catarse proporcionado por esses textos. Não é por acaso que, quando essas bolhas de leitores se desfazem e muitos, talvez a maioria, migram para outros gêneros e experimentações, sempre permanecem aqueles que se tornam fãs devotos do fantástico.

Sem dúvida, os leitores devotos desempenham um papel crucial na preservação e no destaque do fantástico na literatura. Essa dedicação contribui significativamente para a continuidade e a diversificação do cânone literário, permitindo que obras que poderiam ter sido esquecidas ou negligenciadas continuem a ser apreciadas e estudadas. A relação entre os fãs e o gênero fantástico cria uma comunidade vibrante que valoriza e preserva narrativas únicas e imaginativas. Essa dinâmica é fundamental para entender a trajetória do insólito em nossa literatura.

Observo que o fantástico, em várias instâncias, permeia a literatura de massa. Não é minha intenção utilizar essa caracterização de forma pejorativa, sugerindo uma diminuição estética ou de qualidade literária. Pelo contrário, considero esse fenômeno como um reflexo do período de expansão do fantástico, que coincidiu com o crescimento de numerosas editoras e a formação de novos leitores ao longo do século XX no Brasil. A sua expansão para um público mais amplo pode ser vista como um fenômeno enriquecedor, proporcionando acesso a uma variedade de narrativas e estilos para um público diversificado. O contexto das novas políticas editoriais e a influência do *boom latino-americano* desempenharam um papel crucial na constituição desse cenário, permitindo que o fantástico encontrasse espaço e reconhecimento em um espectro mais amplo da produção literária brasileira. Essa dinâmica é essencial para entender como o fantástico se entrelaça com as transformações sociais e culturais ao longo do século XX.

Criei esse preâmbulo pois sinto a necessidade de contextualizar a expansão do fantástico no Brasil ao longo do século XX. Ao abordar não apenas os novos leitores e escritores, mas também ao destacar a contribuição de autores já reconhecidos na literatura brasileira que se dedicaram ao fantástico, como Érico Veríssimo e José J. Veiga, percebo a diversidade de vozes e a presença do fantástico em diferentes estratos literários. Essa compreensão da dinâmica da literatura fantástica, englobando tanto os estabelecidos quanto os emergentes, enriquece a visão sobre o papel do fantástico na constituição da identidade literária brasileira.

A partir desse olhar preparado e ciente da forma como o fantástico cresceu em nosso imaginário literário, destaco alguns momentos de maior efervescência e de queda do gênero em nosso cenário de leitura. Separo esse século em quatro partes: a primeira metade do século; o período pré-ditadura militar; o período ditatorial e a queda do fantástico na segunda metade da década de 1980 até a virada do século. Vou começar com a primeira metade do século XX, onde encontrei quarenta e três obras do gênero.

Nesse início, resumindo o que explorei no capítulo III deste trabalho, observo o fantástico ainda imerso na imitação do gótico e do insólito europeu e estadunidense. Contudo, percebo que, ao mesmo tempo, ele começava a explorar terrenos mais próximos de nossa realidade. Essa mudança se manifesta tanto na abordagem mais rural dessas primeiras narrativas quanto na tentativa de se afastar do colonizador. Nesse período, um pensamento já se delineava em nosso universo literário fantástico: a ideia de que era necessário falar sobre nós mesmos, mais do que sobre o outro.

Nesse contexto, destaco alguns autores e obras da primeira metade do século XX, ressaltando a importância desses textos para a história do fantástico nacional. O primeiro nome que surge é o de uma mulher: Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), idealizadora da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, e esposa de Filinto de Almeida, também membro da ABL. A produção de Júlia Lopes de Almeida é vasta, abrangendo diversos gêneros artísticos, desde literatura infantil até teatro, crônicas e matérias jornalísticas. A autora é um exemplo inextricável de nossa história literária e, curiosamente, também do nosso fantástico inaugural no século XX.

O conjunto de obras de Júlia Lopes de Almeida é tão vasto que não seria surpresa ela ter se aventurado no fantástico em algum momento. Destaco cinco contos da autora, todos publicados em uma coletânea intitulada *Ânsia eterna* (1903), publicado pela editora Garnier. Os contos são *As rosas*; *Os porcos*; *O caso de Rute*;

*A nevrose da cor* e *A alma das flores*. O último sendo o conto que considero o mais fantástico do conjunto de obras, narrando um personagem que tem a habilidade de ver o que as outras pessoas estão sentindo.

Nesse conto, ao qual recentemente tive acesso, a autora se revela visionária ao explorar uma fascinante vertente que muitos autores e, sobretudo, o cinema, explorariam ao longo de grande parte da primeira metade do século XX: indivíduos dotados de poderes sobre-humanos. Não me refiro aos super-heróis propagandistas estadunidenses, mas sim à ideia de como lidar com um poder que pode transformar toda a realidade ao redor, mas, na verdade, tem um impacto ainda mais profundo no próprio detentor desse poder.

Em *A alma das flores*, Júlia Lopes de Almeida explora esse poder, descrevendo como vivemos em uma sociedade falsa, onde a expressão exteriorizada é apenas uma camada que cuidadosamente oculta os nossos sentimentos verdadeiros. Com isso, a autora deixou uma marca poderosa do que o fantástico tem a oferecer já na primeira década do século que trago nesse trabalho.

Infelizmente, não encontrei mais nenhuma obra da autora que dialogasse com o fantástico. No entanto, seu nome desencadeou a descoberta de pelo menos outras quarenta obras, devido às conexões da autora, que me levaram a uma pesquisa ampla desses textos em jornais e revistas da época. Pretendo explorar esses jornais com bastante atenção mais adiante, então não quero me alongar aqui. Apenas destaco que, apesar de breve, o conjunto de obras de Júlia Lopes de Almeida abriu as portas para o florescimento do fantástico em nossa literatura.

Uma década depois, Simões Lopes Neto lança *Lenda do sul* (1913), pela editora Echenic & C. Nesta obra, uma das lendas nacionais mais célebres, proveniente dos contos orais, é transposta para a literatura escrita sob o título *O Negrinho do Pastoreio*. A lenda afro-cristã já havia sido escrita e publicada tanto no Brasil como no Uruguai, Espanha e Argentina, mas é com o texto de Simões Lopes Neto que ela tem seu maior impacto em nosso cenário.

Ao retratar a violência do período escravocrata brasileiro e entrelaçá-la com a cultura popular e as lendas provenientes do povo africano, *O Negrinho do Pastoreio* emerge como um testemunho de nosso passado e das profundas marcas que essa era deixou na história de muitos povos. Representando uma herança maldita que não podemos esquecer, a narrativa aborda uma interseção divina, onde a realidade é regida por novas regras, resultando em um efeito insólito na trama. Além desse

elemento, a fusão de aspectos religiosos provoca uma reflexão instigante sobre os dogmas cristãos e as experiências delineadas no conto à luz dos princípios que a religião deveria seguir.

A intensidade do sofrimento é visceral nesse conto, alterando a percepção do leitor ao evidenciar como a realidade era drasticamente distinta apenas algumas décadas antes da data de publicação da obra, ocorrida há menos de meio século. Além dessa narrativa impactante, Simões Lopes Neto incorpora várias outras lendas orais que permeavam o imaginário da população da época, criando praticamente um compêndio do folclore brasileiro e suas referências.

Outros autores seguiram os passos de Simões Lopes Neto no trato de um folclore nacional construído com a influência de diversas etnias, como é o caso de Monteiro Lobato, com *Urupês* (1918), e Ribeiro Couto, com *A casa do gato cinzento* (1922), enquanto outros apostaram na natureza ampla e nos segredos das matas isoladas e obscuras do país a fim de causar o estranhamento do fantástico, como foi o caso de Monteiro Lobato, com *Cidades Mortas* (1919); Gastão Cruls, com *A Amazônia misteriosa* (1925), e João de Minas, com *Pelas terras perdidas* (1934).

Em *Cidades Mortas* (1919), Monteiro Lobato constrói uma crítica contundente ao uso indiscriminado e inadequado do solo, resultando na destruição irreversível da natureza. Nesse texto, emerge uma reflexão profunda sobre a maneira de lidar com um recurso natural e como a má utilização desse espaço pode acarretar danos irreparáveis ao nosso futuro. Com esse pensamento, Monteiro Lobato habilmente entrelaça elementos de fantasia e realidade em um texto que aborda questões pertinentes sobre como enfrentamos o presente, mesmo há um século atrás.

É imperativo abrir um parêntese e reconhecer os vários problemas éticos presentes nas obras de Monteiro Lobato, especialmente em relação ao seu tratamento social e questões de racismo. No entanto, neste contexto específico, focarei nos elementos que o tornam relevante para a construção do nosso universo fantástico, sem ignorar ou minimizar suas posições controversas, mas abordando-as de maneira lateral para manter a coesão deste texto.

A natureza, especialmente a densa e perigosa Amazônia, foi um ambiente intrigante explorado por alguns escritores do fantástico nas primeiras décadas do século. A floresta em si já se revela como uma ferramenta fascinante para o fantástico. A sua escuridão noturna, seus perigos desconhecidos e a aura mágica derivada de centenas de povos que viveram e ainda vivem em seu interior contribuem para conferir

à floresta um caráter místico e sombrio.

As lendas em relação às florestas vêm, em grande parte, das histórias europeias de bruxas, em especial da *Baba Yaga* do folclore eslavo, e dos vários folclores e contos da carochinha para manter as crianças longe dos perigos naturais da floresta. No Brasil, dada a proximidade e amplitude de nossas florestas, isso não seria diferente. São muitos os textos que emprestam desse ambiente para escrever sobre o fantástico.

As lendas orais, como o Curupira, o Saci, a Cobra Grande, a Mandiopã, entre dezenas de outras mais ou menos regionalizadas, são as mais conhecidas. No entanto, o que se destaca em muitos desses textos é o misticismo atribuído à floresta. Esse misticismo é resultado de gerações que aprenderam a respeitar a natureza e a aceitar que algumas coisas podem estar além da compreensão da ciência da época.

Outros ambientes que foram consideravelmente trabalhados nesse período foram os sertões, com obras como *A república 3000* (1930), de Menotti Del Picchia e *Horrores e mistérios nos sertões desconhecidos* (1934), de João de Minas; os regionalismos, com *Ermos e Gerais: Contos Goianos* (1944), de Bernardo Élis e *Servos da morte* (1946), de Adonias Filho e a passagem do rural e do sertão para o ambiente urbano, com *Macunaíma* (1928), de Mario de Andrade e *Fantoches e outros contos* (1932), de Érico Veríssimo.

O que observo, em muitos desses textos, é que o fantástico, presente em maiores e menores escalas, ainda era um trabalho reduzido a uma tentativa de percepção da realidade retraída. Poucas dessas obras tinham a intenção de trazer o fantástico como elemento central da trama, muitas vezes o colocando como um componente acessório, como um flerte para evitar que o leitor se assustasse com a fantasia e se afastasse da catarse proporcionada pelo ato da leitura.

Indo além, acredito que usar nossos ambientes e nossas atmosferas naturais foi um meio que alguns desses escritores encontraram de “elevar” o fantástico a uma categoria literária que dialogasse com o público leitor que desconhecia ou que tinha resistência ao gênero, mesmo após o sucesso dele na Europa e nos Estados Unidos, proporcionando, dessa forma, a criação de um espaço inexistente no período para essa literatura.

Outra temática recorrente nessa primeira metade do século XX foi o tratamento do demoníaco e do divino na literatura fantástica. Desde os primórdios da literatura escrita, a presença de deuses, entidades, demônios e outras criaturas míticas está

presente no imaginário e na história dos povos. Na literatura fantástica, essas criaturas recebem um novo olhar, tornando-se parte integrante da criação de uma realidade em constante mutação.

Não à toa, muitos escritores desse período usaram a concepção dessas criaturas como mecanismos para chamar a atenção para as suas obras. Autores como Raul de Polillo, com *Dança do fogo: o homem que não queria ser Deus* (1922); João de Minas, com *Farras com o demônio* (1930) e Jerônimo Monteiro, com *O irmão do diabo* (1937), são alguns exemplos. Note que há uma forte influência do cristianismo nessas obras, as entidades divinas são todas relacionadas à bíblia cristã, elemento que pode ser explicado pela majoritária presença da religião católica no país nesse período.

Apesar dessa primeira metade não destacar textos que usam do misticismo de outras religiões, pelo menos em seu título, o trato com o místico e mítico indígena e de religiões afro-brasileiras está presente em muitos dos textos, como o próprio *Lendas do Sul* (1913), de Simões Lopes Neto e *Contos exóticos* (1934), de Amândio Sobral.

Uma última observação que desejo compartilhar sobre esse ponto é como o nosso fantástico, desde o início, inicia um processo de distanciamento das influências europeias e de construção de um ambiente literário próprio para o nosso fantástico. É provável que esse processo tenha ocorrido de maneira inconsciente inicialmente, considerando as reações dos leitores e a recepção da crítica especializada. Contudo, é perceptível, aproximando-se da década de 1940, que os autores que se dedicaram mais intensamente à construção do fantástico voltam-se mais para discutir sobre nós do que sobre o outro. Essa característica se amplia consideravelmente durante a segunda metade do século XX.

A última característica de nosso fantástico que considero importante destacar dessa primeira metade do século XX é o início da forte presença da literatura infantojuvenil e como esse gênero foi imprescindível para a construção de nossa tradição literária do fantástico. Os dois autores que destaco nesse momento e que serão uma das maiores referências no campo do fantástico brasileiro são Lygia Fagundes Telles, com as obras *Porão e Sobrado* (1938) e *Praia Viva* (1943) e Monteiro Lobato, com *Urupês* (1918) e *Cidades Mortas* (1919). Ambos os autores contribuíram significativamente para a expansão e a popularização do fantástico entre os jovens leitores. Esse fenômeno revela não apenas uma adaptação do fantástico ao

público mais jovem, como também uma forma de introduzir elementos mágicos e insólitos como parte de nossa narrativa literária.

A literatura infantojuvenil revela sua força de maneira mais expressiva na segunda metade do século XX no Brasil. No entanto, mesmo em seus estágios iniciais, essa vertente literária já evidencia o impacto significativo que uma literatura de formação pode ter sobre um público que crescerá imerso nesses textos. Essa influência contribui para moldar a percepção de que a realidade é mais maleável do que o ambiente ao redor pode inicialmente sugerir. Essa tendência sinaliza a ascensão contínua da literatura infantojuvenil como um meio poderoso para explorar o fantástico.

O segundo grande eixo que identifico em nossa história do fantástico ocorre entre 1951 e 1964, no período pré-ditadura militar. Nesse intervalo, encontramos vinte e uma obras, o que corresponde à metade de toda a produção da primeira metade do século XX, em apenas quatorze anos. Essa característica por si só evidencia a forte influência e a mudança de foco que as editoras experimentaram em relação ao fantástico, ao perceberem o potencial de vendas que ultrapassava as expectativas até então concebidas.

Assim como na primeira metade do século XX, alguns dos temas se repetem nesse período, como as ligações com o demoníaco, em *O enfeitado* (1954), de Lúcio Cardoso; *Noite diabólica* (1963), de Rubens Francisco Lucchetti e *Andanças do demônio* (1960), de Jorge de Sena, e as lendas rurais, com alguns contos de José J. Veiga em *Os cavalinhos de Platiplanto* (1959) e *O coronel e o lobisomem* (1964), de José Cândido de Carvalho.

Contudo, alguns temas não encontraram exemplos nesse momento destacado, como o tratamento da Amazônia e das florestas, bem como as obras de caráter mais regionalista e sertanejo. Por outro lado, outros temas ganham uma nova abordagem. É o caso da lida com a morte, em obras como *A menina morta* (1954), de Cornélio Penna; *A morte da porta-estandarte* (1959), de Aníbal Machado e *Corpo vivo* (1962), de Adonias Filho.

Há uma notável inclinação ao tema da morte neste período. Muitas das obras apresentam um tom mais sombrio e impactante, direcionando o público leitor para espaços menos oníricos e mais próximos da realidade. Esse elemento já era marcante em nossos vizinhos sul-americanos, no contexto do *boom latino-americano*, e parece ganhar uma expressividade ainda maior no Brasil à medida que os escritores

reconfiguram nossa realidade em direção ao terror que se desdobraria nos anos de chumbo.

Não à toa, há um crescimento substancial de obras que mesclam ficção científica e fantástico a fim de construir um espaço onde as mudanças da modernidade e a grande conjuntura política e social sejam questionadas e criticadas sem um confronto direto com as forças que as mantêm. Alguns exemplos são *Contos reunidos* (1951), de Gastão Cruis; *Fuga para parte alguma* (1961), de Jerônimo Monteiro e *Os visitantes do espaço* (1963), também de Jerônimo Monteiro.

Jerônimo Monteiro, escritor e jornalista paulista, é frequentemente reconhecido como um dos precursores da ficção científica brasileira. No entanto, percebo que sua obra está mais intimamente ligada ao fantástico do que à ficção científica, especialmente considerando a maneira como ele constrói o medo e o horror em suas narrativas. É crucial ter em mente que muitos elementos que viriam a se consolidar como características do fantástico ainda estavam em sua fase inicial, tornando desafiadora a delimitação clara entre esses gêneros nesse período.

Essa ressalva foi incluída no parágrafo anterior porque, ao longo da pesquisa para esta tese, deparei-me com dezenas de obras que se autodenominavam ficção científica "pura", no entanto, ao ter contato com a narrativa, quer seja por meio da leitura direta ou através de análises críticas, era possível perceber uma mescla entre os gêneros. Essa fusão, quase um amálgama de conceitos e abordagens literárias, ocorria, provavelmente, de maneira não intencional, criando uma zona de insegurança tanto para o leitor quanto para a crítica ao tentar rotular essas narrativas em um gênero específico.

Esse período foi também marcado pela forte influência de Lygia Fagundes Telles e da literatura infantojuvenil ganhando muita força no cenário editorial brasileiro. Com o avanço das políticas de alfabetização e o aumento dos investimentos das editoras em um público leitor mais jovem, tornou-se comum encontrar inúmeros exemplos de narrativas infantojuvenis que exploravam o fantástico. Entre as obras de Lygia Fagundes Telles desse período podemos citar *Ciranda de Pedra* (1954); *Histórias do desencontro* (1958) e *Verão no aquário* (1963).

Noto que o conjunto de obras da literatura infantojuvenil fantástica foi ganhando corpo conforme os autores entendiam que lidar com o leitor jovem é lidar com um leitor em formação, logo, é necessário compreender os medos reais desses indivíduos e tratar com o devido cuidado. Nesse contexto, Lygia Fagundes Telles se destaca como

um exemplo fundamental para a nossa literatura.

Não é por acaso que as obras de Monteiro Lobato e suas adaptações para a televisão, que se iniciaram em 1977, mas cuja influência já era perceptível junto ao público brasileiro, exerceram tanta influência em nosso imaginário e na nossa realidade. A construção de um leitor ideal se inicia na base da leitura, e, mais uma vez, os escritores de literatura infantojuvenil desse período se mostraram verdadeiros mestres nesse processo.

Esse conjunto de obras do período pré-ditadura militar foi um anúncio despercebido pelos escritores e pelos leitores do que viria nos próximos vinte anos no Brasil. Todos os temas abordados aqui serão reestruturados e remanejados em uma realidade de terror constante, onde a literatura fantástica se tornará um meio indispensável de escape e combate ao regime militar.

O terceiro período de nosso fantástico abrange de 1964 a 1985 e é composto por cento e vinte e três narrativas, sendo, de longe, o período com o maior número de publicações do gênero durante o século XX no Brasil. Esse número se explica ao observarmos o cenário do país e as formas como as letras eram constantemente censuradas pelos déspotas do poder. Além disso, foi por meio do fantástico que conseguimos ter acesso a um número incontável de histórias, relatos, notícias e informações que eram descaradamente cerceadas pelo poder militar do estado brasileiro.

Não é surpreendente constatar que, nesse contexto, encontramos influências marcantes no tratamento estético e narrativo. Nossos vizinhos sul-americanos passaram pelo mesmo período de terror ao longo do século XX e, com o auxílio da literatura fantástica, foram capazes de resgatar um pouco do que foi violentamente retirado de suas histórias como nação.

Uma das primeiras curiosidades que encontrei na pesquisa desse período foram os escritores que inauguraram e que finalizaram o período: José Cândido de Carvalho, com *O coronel e o lobisomem* (1964) e José J. Veiga, com *Torvelinho dia e noite* (1985), ambos autores que se tornaram cânones de nossa literatura fantástica. O texto de José Cândido de Carvalho é um ícone do fantástico brasileiro, pois constrói uma mescla rica de cultura popular, crise civil e uma atmosfera que prenuncia algo terrível que estava se aproximando.

Enquanto isso, o texto conclusivo do período de José J. Veiga é apenas uma pequena amostra de sua rica contribuição para a literatura fantástica. Seus contos

dialogam não apenas com o período específico da ditadura militar, mas abrangem todas as nuances que o fantástico atravessou ao longo do século XX. Em *Torvelinho Dia e Noite*, José J. Veiga resume tudo o que sua obra representou e representará para a construção do fantástico e da nossa realidade como nação.

Trazer esses dois autores como pontas do período é fundamental, pois destaca a amplitude do gênero e a força com que esses escritores conseguiram transformar ideias fantásticas em uma realidade palpável. Eles se tornaram exemplos indissociáveis do nosso fantástico e da proximidade dos nossos textos com movimentos sul-americanos semelhantes, desempenhando, ao longo do século XX, um papel crucial na formação da concepção da realidade nesses países.

Algumas temáticas se repetem nesse período. É o caso do trabalho com as lendas rurais e urbanas, tanto de forma oral como escrita, como no caso de *Um ninho de Mafagafo cheio de mafagafinhos* (1972), de José Cândido de Carvalho e *A maldição do sangue de lobo* (1974), de Rubens Francisco Lucchetti. Outra temática recorrente é o trato com o divino e o demoníaco, com obras como *Novas andanças do demônio* (1966), de Jorge de Sena; *Manequinho e o anjo da procissão* (1974), de José Cândido de Carvalho; *O fruto do vosso ventre* (1976), de Herberto Sales e *A escrava de Satanás* (1974), de Rubens Francisco Lucchetti.

A herança cultural e as descendências também foram bem representadas por narrativas do fantástico nesse período, especialmente com a ampla publicação das obras de Moacyr Scliar e outros escritores que utilizaram as histórias de suas próprias famílias como base para construir o universo fantástico. Alguns exemplos são *O Carnaval dos animais* (1968); *Histórias da terra trêmula* (1976) e *O centauro no Jardim* (1980), de Moacyr Scliar.

Mais um gênero que se manteve firme no cenário fantástico e que, em considerável escala, consegue se ampliar nesse período é a literatura infantojuvenil. Com a maestria de Lygia Fagundes Telles e Lygia Bojunga Nunes e a explosão da série *Vagalume*, o fantástico infantojuvenil conseguiu alcançar esferas impensáveis pelos escritores mais famosos do gênero, dada a expansão do público que essas narrativas angariavam.

O conjunto de obras desse gênero no período é muito amplo, ultrapassando os vinte títulos. Algumas das que considero mais importantes, dada a cobertura e o acesso ao grande número de leitores que tiveram, são *Antes do baile* (1970) e *Seminário dos ratos* (1977), de Lygia Fagundes Telles, além de *Angélica* (1975) e *A*

*bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes.

Vale destacar que muitas dessas narrativas mesclaram diversas temáticas do insólito e do real a fim de construir obras que conseguem dialogar com diversos públicos sem que ocorra um afastamento do leitor, dada sua premissa infantojuvenil. Lygia Fagundes Telles, por exemplo, a partir de um olhar particular, escreve mais sobre a transição da fase infantil para a fase adulta do que sobre relações infantis, enquanto Lygia Bojunga traz os medos pueris de forma mais direta, utilizando-se das memórias do próprio leitor modelo para causar o desconforto e o medo.

A ficção científica e a utopia são temas frequentes nesse período, abrangendo obras desde a ficção científica mais densa, técnica e repleta de terminologias da física e da química, até narrativas mais alegóricas. Com esse enfoque, é possível afirmar que a ficção científica e a utopia brasileiras nesse período abarcam desde Thomas Moore até Cixin Liu, se olharmos para o contexto global. Alguns exemplos são *O físico prodigioso* (1977), de Jorge de Sena e *Não verás país nenhum* (1981), de Ignácio de Loyola Brandão.

Apesar das hesitações em relação a diversas temáticas e gêneros que se repetem nesse período, a questão que se destaca durante a ditadura militar não poderia ser outra senão a violência e a censura. É sobre essas obras que pretendo me debruçar um pouco a partir desse ponto. A primeira delas é *A hora dos ruminantes* (1966), de José J. Veiga. Nesse texto, o leitor é surpreendido com a descrição alegórica de uma invasão de diversos animais em sua pequena cidade, invasão essa que causa não só um desconforto, como também uma alteração ampla de seu modo de vida.

Aqui, José J. Veiga constrói uma narrativa que dialoga com todo o período do regime militar. As alegorias e simbolismos presentes nesse texto criam uma série de problemas para os personagens, cuja resolução demanda a total aceitação do conjunto de estranhezas causado pela chegada desses animais à cidade. Essa obra de José J. Veiga, publicada durante o regime militar, ainda mantém ressalvas e se passa em um período inicial do que viria a acontecer nos anos seguintes, sobretudo durante a década de 1970.

Em outro texto, Veiga mais uma vez se dedica a descrever o desconforto de uma comunidade invadida por um elemento estranho à sua realidade e ao seu status quo. Dessa vez, ele utiliza uma situação em que um objeto tecnológico perturba por não ser compreendido. Em *A estranha máquina extraviada* (1967), o autor mescla o

medo da modernidade com o medo da invasão, construindo uma narrativa metafórica sobre a violência da invasão e as alterações forçadas que o governo militar começava a impor no país. Essas obras de Veiga são como espelhos que refletem as inquietações e os temores presentes na sociedade brasileira da época.

Em *Incidente em Antares* (1971), de Érico Veríssimo, encontramos uma narrativa que muitos estudiosos do fantástico consideram ser a mais significativa do período. O autor oferece uma abordagem rica dos processos burocráticos e da imposição da lei em uma pequena cidade que poderia representar qualquer ambiente daquela época. Veríssimo, por meio de uma prosa fluída e repleta de alegorias, conseguiu cativar tanto o público quanto a crítica com essa obra. Apesar da fama, parte dos censores não percebeu de imediato as fortes críticas do autor ao regime militar, revelando a habilidade de Veríssimo em abordar questões delicadas de forma furtiva.

Caio Fernando de Abreu também se aventurou no gênero durante esse período, apresentando a notável obra *O ovo apunhalado* (1975), uma coleção de contos onde o escritor retrata os dogmas e as resistências de uma geração de jovens que vinham sobrevivendo ao fim da ditadura militar. Este texto evoca em mim um desconforto profundo, pois destaca uma proximidade perigosa entre o período da narrativa e os desafios enfrentados durante o período de 2019 a 2022 com a ascensão da extrema-direita ao poder no Brasil.

Dentre todas essas obras que construíram uma história de crítica e resistência à ditadura militar, uma em especial foi a que mais me atingiu como leitor no trato com essa pesquisa. A obra de Josué Guimarães, *Os tambores silenciosos* (1977), é violenta no diálogo com o leitor e eficaz na forma de abordar a realidade do período. A obra descreve a completa inabilidade dos personagens em escapar daquela realidade, ao mesmo tempo que demonstra uma aceitação fundamentada nas várias violências. Deixo uma citação do meu orientador, professor Almir Aquino Corrêa, que descreve esse pensamento:

A cidade de Lagoa Branca é uma espécie de “ilha da tranquilidade”, protegida das influências externas, rádios recolhidos por ação policialesca, pelo jugo do prefeito, Coronel João Cândido Braga Jardim, editor de decretos edilícios e do único jornal com liberdade de circulação, *A voz da Lagoa*. Os homens ao seu redor mostram-se ociosos, como se não tivessem volição própria ou apenas tivessem a obediência devida como norte de suas existências. A visão proporcionada pelo narrador e pelos olhos das sete Marias do Pilar, introdutoras e conectoras de vários nós narrativos, pode ser percebida pelo

cuidado de pesquisa e organização de fatos, tão ao sabor de quem era jornalista e cronista. (Corrêa, 2019, p. 64)

Diversos outros textos ajudaram a construir críticas ferrenhas à ditadura e à censura nesse período a partir do fantástico, como *Sombras de reis barbudos* (1972), de José J. Veiga; *Memórias do medo* (1974), de Edla Vaan Steen e *É tarde para saber* (1976), de Josué Guimarães, as quais ajudaram a manter em nossa história o que foram os horrores do regime militar.

O último período que destaco compreende do término da ditadura militar em 1985 até o encerramento do século XX, sendo identificado como o declínio do gênero literário no panorama brasileiro. Este período se destaca por obras literárias que, diante do progresso da modernidade e do fim do período de censura, não mais encontravam um lócus de referência, exigindo, assim, uma adaptação às novas realidades. Este processo revelou-se extraordinariamente complexo, resultando em uma produção escassa de obras notáveis para o nosso universo literário.

Identifiquei um total de quarenta e seis obras durante o referido período, nas quais diversos temas, tais como a violência, a censura, o aspecto demoníaco e as lendas, se reiteram em uma tentativa de preservar a vitalidade do gênero. Entretanto, observo que essas empreitadas foram consistentemente frustradas, devido à falta de interesse por parte de um público leitor que demonstrava preferência por relegar ao esquecimento os eventos das duas décadas precedentes, em detrimento de confrontar os receios suscitados por tais memórias.

É intrigante considerar que, na última década, compreendida entre 2011 e 2020, observa-se um notável ressurgimento dessas memórias e da abordagem dos horrores do regime militar por meio de novas roupagens e gêneros literários. Este fenômeno parece indicar que tais temáticas foram, de certa forma, veladas pelos escritores e leitores ao longo dos últimos quinze anos do século XX.

Dentre essas obras gostaria de destacar algumas de maior relevância no cenário. Moacyr Scliar, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles e Lygia Bojunga Nunes continuam publicando com bastante intensidade no período, tentando se manter resistentes às mudanças no início, com obras como *O olho enigmático* (1986), de Moacyr Scliar e *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga, ao mesmo tempo que souberam dialogar com essas alterações e criar narrativas exemplares do fantástico, como o premiado *A mulher que escreveu a bíblia* (1999), de Moacyr Scliar.

Na década de 1980, Jorge Amado apresenta a intrigante narrativa *O Sumiço*

*da Santa* (1988), uma obra que preserva uma forte herança religiosa brasileira ao explorar a temática dos santos e santas. Paralelamente, Murilo Rubião, já em seu último ano de vida, publica *O Homem do Boné Cinzento e Outras Histórias* (1990), que se configura como um compêndio abrangente de sua trajetória como escritor do fantástico brasileiro. Essa obra traz narrativas que habilmente brincam com diversas das suas incursões na literatura do insólito ao longo do século XX.

O nome que me desperta particular interesse nesse período é o de Bráulio Tavares, notável pela sua narrativa experimental intitulada *A Espinha Dorsal da Memória* (1989). Nessa obra, o escritor incorpora elementos de ficção científica e realismo mágico, transportando-os para um contexto profundamente urbano, repleto de perigos desconhecidos e mutáveis. Por meio de suas alegorias, Tavares habilmente retrata os medos contemporâneos da incerteza e da fragilidade inerentes à modernidade. Para mim, Bráulio Tavares conseguiu encapsular boa parte das teorias sobre o líquido de Zygmunt Bauman em seu texto, enquanto dialogou com os simulacros e simulações de Jean Baudrillard.

Tenho um carinho especial com Bráulio Tavares dada a notável habilidade do escritor em abordar um período em que grande parte dos leitores demonstrava desinteresse pelo fantástico. Nesse contexto, os olhares se voltavam incessantemente para uma realidade em constante transformação, esforçando-se por esquecer o passado e focar exclusivamente no futuro. A obra de Tavares, portanto, não apenas lança um olhar para o porvir, mas o faz de maneira a não ignorar o passado, mantendo-se resiliente numa realidade que estava prestes a iniciar seu processo de ser compreendida.

Na década de 1990, destaco alguns textos que desempenharam um papel crucial na transição entre os séculos XX e XXI, contribuindo para a adaptação do gênero fantástico aos novos cenários de leitura no Brasil. Entre eles, figuram *O Voo do Trapezista* (1994), de Amílcar Bettega Barbosa; *Floripes Some na Cidade Mágica* (1996), de Fernando Portela; e *O Homem que Odiava a Segunda-Feira* (1999), de Ignácio de Loyola Brandão. A escolha desses textos, embora haja outras obras similares, baseia-se no fato de representarem um fantástico mais clássico, conectado aos primórdios do século XX. Estes diálogos literários com um público leitor mais familiarizado e ainda fiel aos textos do fantástico refletem uma tentativa de manter a fidelidade a uma era do gênero que já não exercia tanta influência sobre o público leitor contemporâneo.

Outro elemento de grande destaque nesse período foi a presença marcante da ficção científica e suas ramificações no universo do fantástico na literatura brasileira. Enquanto algumas obras projetavam um futuro incerto e, por vezes, catastrófico, como é o caso de *Ideias para Onde Passar o Fim do Mundo* (1987), de João Almino, outras faziam uso de dispositivos tecnológicos e de suas vertentes para provocar um desconforto relacionado ao insólito. Exemplos notáveis incluem *A Máquina Voadora* (1994), de Bráulio Tavares, e *A Máquina de Hyerónimus e Outras Histórias* (1997), de André Carneiro. Além disso, há textos que antecipavam um tema recorrente em nosso universo fantástico e na ficção científica: a chegada e o contato com seres alienígenas, como explorado em *Os Saltitantes Seres da Lua* (1997), de Nelson de Oliveira.

O período em questão também testemunhou a presença do fantástico como cenário para obras que exploravam criaturas místicas, como a versão de *Drácula* (1987), de Rubens Francisco Lucchetti, e a notável obra, em termos de vendas, de André Vianco, *Os Sete* (2000). Essa releitura dos monstros do século XIX revela-se como uma tentativa de manter viva uma cultura do insólito que, nessa época, encontrava-se relegada ao ostracismo, subsistindo apenas em pequenos núcleos.

Encerro, assim, minha breve análise abrangendo esses quatro períodos amplos das publicações do fantástico no Brasil. Ressalto a importância contínua de sustentar uma pesquisa que preserva essa herança tão rica, não apenas do fantástico, mas de toda a nossa literatura. Além disso, destaco que, anexo a este trabalho, segue o quadro completo contendo todas as obras que identifiquei ao longo desta pesquisa.

#### 4.1.2 Autores mais publicados.

Setenta e seis é o contingente de escritores que compartilham as duzentas e trinta e seis narrativas que compilei para esta tese. Dentro desse grupo, encontram-se aqueles que publicaram apenas uma obra no âmbito do fantástico, geralmente de maneira experimental. Há também aqueles que se desafiaram, flertando apenas ocasionalmente com o insólito em determinados textos. Adicionalmente, identifico escritores que reconheceram a importância do fantástico na trama de sua literatura, entrelaçando suas obras de forma mais interconectada com o gênero. Por fim, há aqueles que se dedicaram de maneira abrangente, em alguns casos de forma exclusiva, à produção de obras no campo do fantástico.

Este subcapítulo dedica-se aos dois últimos tipos de escritores, aqueles que se

tornaram fundamentais como base e referência para toda a construção do nosso fantástico e da nossa história literária como um todo. Ao delinear quem são esses escritores, examinei o arcabouço literário de cada um, estabelecendo como critérios normativos a influência que exerceram, a herança que deixaram e o número de publicações no gênero fantástico que legaram para a posteridade. Essa abordagem proporciona uma compreensão mais aprofundada da contribuição singular desses autores para a constituição e a evolução do cenário literário do fantástico.

Dos que integram essa última categoria, escolhi quatorze para examinar brevemente a importância de cada um para o fantástico. Início com um dos pilares de nossa literatura como um todo, que, por meio de uma narrativa emblemática, se transformou em ícone do nosso fantástico, consolidando-se também como referência no panorama literário brasileiro: o escritor gaúcho Érico Veríssimo.

Ao longo de quase cinquenta anos de produção literária, Érico Veríssimo conseguiu penetrar em diversos cenários e gêneros da nossa literatura. Especificamente para este trabalho, destaco seu papel crucial em levar nosso fantástico a outras culturas e línguas por meio da notável obra *Incidente em Antares* (1971).

Quando entrei em contato com esse texto, em meados da minha graduação, lembro que meu professor de teoria literária da época, o professor doutor Moacir Dalla Palma da UNESPAR Paranaguá, pontuava a forte influência da violência da morte nesse texto. A ênfase na violência da morte, aliada ao constante retorno desse evento nas esferas dos personagens, tanto vivos quanto mortos, sugere uma análise profunda das repercussões físicas e sociais desencadeadas pelo elemento fantástico da ressurreição dos mortos.

A observação sobre a quebra das normas sociais e a resolução de histórias impossíveis no contexto dos dogmas e do *status quo* ressalta como o fantástico pode ser uma ferramenta poderosa para explorar e subverter as estruturas estabelecidas. Essa abordagem revela a riqueza simbólica e as camadas interpretativas que tornam obras como *Incidente em Antares* tão impactantes e relevantes para a literatura brasileira.

Dada a riqueza deste texto e a notável influência de Érico Veríssimo em nossa literatura, seria injusto não iniciar esta análise com essa obra tão enigmática e fundamental para a história de nosso fantástico. Entretanto, Veríssimo também publicou outras três narrativas que, em diferentes e talvez menores escalas, dialogam

com a constituição de nosso realismo mágico. São elas: *Fantoches e Outros Contos* (1932), que apresenta alguns contos que dialogam com um fantástico ainda fortemente enraizado em referências estrangeiras; *Caminhos Cruzados* (1935), que flerta de forma superficial com o insólito, utilizando-se do gênero para evidenciar as injustiças sociais do país e *Um Certo Capitão Rodrigo* (1970), que revela muito sobre nossa formação como grupo social ao reagir à chegada de um estranho. Cada uma dessas obras, à sua maneira, contribui para a compreensão mais ampla do papel de Veríssimo na construção do fantástico em nossa literatura.

O próximo escritor que trago é Herberto Sales. Vencedor do prêmio Jabuti de 1977, com o romance *O fruto do vosso ventre* (1976), o escritor e jornalista carioca flerta com o fantástico em maiores e menores escalas durante uma breve parte de sua carreira. O romance que lhe garantiu o prêmio Jabuti é um deles, mas também podemos encontrar diálogos com o insólito em *Histórias ordinárias* (1966); *Transcontos* (1974) e *Rio dos morcegos* (1993).

A produção do fantástico em Herberto Sales pode ser considerada mais contida, porém, sua importância para a nossa história literária é vasta. A breve incursão do autor no fantástico já permite observar como muitos escritores compreendiam a relevância do gênero para abordar a realidade de suas épocas. É crucial ressaltar que o escritor causou significativo desconforto entre os detentores do poder em sua época, ao destacar os desmandos e as violências dos grandes coronéis. Esse posicionamento resultou em diversas ameaças de morte e dificuldades nas relações sociais com os mais poderosos, evidenciando o impacto e a coragem de Sales em enfrentar questões críticas da sociedade de sua época através de sua obra literária e de seu trabalho como jornalista.

Apesar dos desafios enfrentados, Herberto Sales conseguiu se destacar e influenciar uma considerável quantidade de leitores e membros da sociedade a refletir sobre situações que ultrapassavam os limites do bom senso. Observando e desaprovando certas realidades, o escritor utilizou a literatura como ferramenta para desvelar os efeitos nocivos que práticas violentas causavam na população desprovida de voz naquela época. Seu engajamento literário não apenas revelou as mazelas sociais, mas também estimulou a reflexão e a consciência crítica, consolidando-se como uma figura marcante na denúncia das injustiças e na promoção de mudanças por meio de sua obra.

Embora Herberto Sales não tenha ganhado renome como um escritor do

fantástico, ao explorar sua literatura, percebo que ele compartilha causos e elementos do cotidiano com o intuito de provocar um desconforto baseado na realidade do leitor. Em síntese, Herberto Sales compreendeu que lidar com a realidade, em algumas ocasiões, era mais eficaz por meio do insólito, do elemento estranho que descreve uma realidade que o leitor hesita em encarar diretamente, mas que sabe estar presente. Essa abordagem revela a habilidade do autor em utilizar o fantástico como uma ferramenta literária para provocar reflexão sobre aspectos incômodos da sociedade, mesmo que sua obra não seja predominantemente classificada dentro do escopo do fantástico.

O próximo escritor que trago para essa breve exemplificação é Ignácio de Loyola Brandão. O paulista de Araraquara é um dos meus favoritos, não só pelo seu reconhecimento internacional como artista, mas também por sua habilidade exemplar de mesclar o fantástico da segunda metade do século XX e a ficção científica. Sua fortuna literária também venceu o prêmio Jabuti de 2008, com a obra *O menino que vendia palavras* (2008), e ele é um dos poucos autores com que trabalho nessa pesquisa ainda vivo.

São quatro as narrativas que destaco do autor no período de análise deste trabalho: *Zero* (1975); *Cadeiras proibidas* (1976); *Não verás país nenhum* (1981) e *O homem que odiava a segunda-feira* (1999). A primeira obra foi originalmente publicada na Itália, em 1974, devido à forte rejeição que sofreu pelas editoras nacionais, contudo, após um sucesso substancial fora do país, a editora Brasília república *Zero* no Brasil.

A narrativa de Ignácio de Loyola Brandão enfrentou considerável resistência devido ao teor de sua escrita, que brinca intensamente com uma realidade dissociada das convenções sociais. Essa abordagem cria uma espécie de barreira para o leitor que não está acostumado com narrativas que desafiam não só a realidade em seu tratamento estético, mas também as formalidades da narrativa canônica. Dessa forma, o escritor ultrapassa diversas esferas e bolhas de leitores, os quais percebem como uma barreira adicional os desafios que a leitura propõe, como a quebra do acordo ficcional e o rompimento do horizonte de expectativa estético.

Conforme as narrativas de Ignácio ganham força no cenário literário brasileiro, percebo que o escritor amplia ainda mais esses rompimentos de expectativa, construindo, assim, um emaranhado e complexo meio onde os leitores se veem recompensados na leitura, o que, em grande escala, o torna um escritor amado pelo

desafio e pela genialidade de suas narrativas.

O próximo autor a ser destacado nesse contexto é o paulista Jerônimo Monteiro. O autor é mais conhecido por sua associação à ficção científica e à ficção especulativa do que ao fantástico. No entanto, em grande medida, contribuiu para a construção do nosso insólito por meio de narrativas que mesclam mitos religiosos, futurologia e uma aceitação do presente e do futuro catastrófico imaginado por muitos autores do período.

O autor inicia sua incursão no fantástico com *A irmã do diabo* (1937), uma narrativa que mantém um forte teor católico, o qual o escritor abordaria de forma menos direta em suas obras subsequentes. Ele então ascende para uma quadrilogia de ficção científica densa, composta por *Três meses no século 81* (1947), *A cidade perdida* (1948), *Fuga para parte alguma* (1961) e *Os visitantes do espaço* (1963), explorando diversos dogmas sociais e humanos a partir do estranho e da noção do estrangeiro espacial. Sua trajetória no fantástico culmina em *Tangentes da realidade* (1969), um conjunto de contos no qual o escritor compila toda a sua carreira e explora a resiliência humana.

A importância de Jerônimo Monteiro para a nossa literatura do fantástico é tangencial ao reconhecimento do escritor nas diferentes esferas de leitores. Para alguns, Jerônimo foi um gênio ao utilizar a ficção científica e as narrativas alienígenas para discutir o presente e a realidade que o Brasil viveu. Para outros, o escritor foi um exemplo da multiplicidade de culturas. Para mim, Jerônimo é um daqueles escritores que desafiam o leitor a observar seus personagens e cenários como uma amálgama da realidade, razão pela qual o incluo como um dos nomes centrais de nosso fantástico.

João de Minas é um dos escritores que insiro nesse bloco da pesquisa com quem tenho menos familiaridade. Para compreender melhor sua participação na construção do nosso fantástico, recorri a pesquisas externas de colegas acadêmicos. O que achei interessante em sua trajetória como escritor é sua transição das narrativas da literatura sertaneja para a literatura urbana. Nesse escopo, identifiquei cinco obras que dialogam com o fantástico brasileiro, entre elas: *Jantando com um defunto* (1929); *Mulheres e monstro* (1933); *Horrores e mistérios nos sertões desconhecidos* (1934) e *Pelas terras perdidas* (1934).

O que julgo de maior relevância para a inclusão do escritor nesse espaço de destaque na pesquisa é a habilidade de João de Minas em transitar por diferentes

cenários do nosso país, abordando povos de culturas tão distintas e, ainda assim, provocando o desconforto do insólito. É digno de nota o modo como ele recorria à narrativa policial para envolver o leitor, criando um ambiente permeado por dúvidas e perigo, frequentemente mesclando o questionamento do leitor sobre a veracidade dos eventos narrados.

José Cândido de Carvalho publica *O coronel e o Lobisomem* em 1964 e, de imediato, se torna uma referência de nosso fantástico. Mesclando os problemas que a nação vinha enfrentando com o avanço célere da urbanidade e do êxodo rural que percorreu o século XX no Brasil, o escritor carioca se consolida ao tratar de nossas lendas e de nossas dificuldades como sociedade a partir de narrativas que dialogam com variados públicos, e trazem para a realidade os medos reais daquele período que se iniciava em 1964.

O escritor é conhecido também pelo seu trato com o divino, com as obras *Manequinho e o anjo da procissão* (1974) e *Se eu morrer, ligue para o céu* (1979), e seu flerte com a malandragem carioca, como o mesmo pontua em sua coletânea de contos curtos *Um ninho de mafagafos cheio de mafagafinhos*, obra esta em que José Cândido de Carvalho trabalha não só com um estereótipo brasileiro, como também de seu entorno em Campo dos Goitacases.

Apesar de as obras mencionadas anteriormente serem as mais conhecidas do autor, gosto sempre de destacar outras duas narrativas que mesclam gêneros pouco frequentemente abordados em conjunto: a ficção, notavelmente fantástica neste caso, e a comédia, é o caso de *Se eu morrer, ligue para o céu* (1979) e *Os mágicos municipais* (1984). Em ambos os textos, me deparo com um José Cândido de Carvalho que, de maneira destemida, explora os dogmas, tece uma atmosfera fantasiosa e, simultaneamente, estabelece um diálogo com uma realidade violenta e perigosa. O fantástico, nesse contexto, desvela-se como uma tentativa de revelar o estranho a partir da confluência entre o fantasioso e o real.

O escritor que merece destaque na sequência é Josué Guimarães, já mencionado neste capítulo, porém, gostaria de acrescentar informações suplementares sobre sua relevância em nosso cenário literário do fantástico. O autor da notável obra *Os tambores silenciosos* (1977), narrativa que se mostrou imprescindível para a compreensão dos horrores da ditadura militar brasileira, é também o escritor de outras seis narrativas que enriquecem nosso universo do fantástico. Dentre elas, destaco *Depois do último trem* (1973), onde Josué Guimarães

apresenta Eduardo, um personagem que retorna à sua cidade natal fictícia apenas para testemunhar seu fim diante da iminente inundação causada pela ruptura de uma barragem.

Nesse texto, o escritor demonstra o desespero da perda física e da memória, evidenciando o completo apagamento de um período, de um local e de suas personagens. Considero essa obra um dos exemplares mais memoráveis no tratamento da literatura brasileira diante do apagamento provocado pela marcha implacável da modernidade e da celeridade com que grupos inteiros de brasileiros foram forçados a enfrentar a urbanidade durante o século XX.

Josué Guimarães retorna ao tema da cidade dizimada em *Enquanto a noite não chega* (1978), onde encontramos uma cidade com apenas três habitantes, um casal idoso e o coveiro que espera, com as covas abertas, a morte do casal para ir embora da cidade, finalizando um ciclo de existência, contudo, um objeto insólito surge e altera as regras previamente estabelecidas pela narrativa, criando um desenlace inesperado e surpreendente.

Essa temática do fim de um ciclo e da passagem de uma memória rural para o urbano é máxima nos textos de Josué Guimarães, construindo, assim, uma característica própria do escritor no escopo do fantástico brasileiro. Apenas como apontamento, outras obras do escritor que dialogam com o fantástico são: *É tarde para saber* (1976); *O cavalo cego* (1979) e *O gato no escuro* (1982). A lista completa de suas obras está no quadro anexo ao final desse trabalho.

Rubens Francisco Lucchetti, cujo epíteto é o "papa da pulp fiction" brasileira, emerge como um escritor de notável prolificidade, com uma produção de quarenta obras de teor fantástico ao longo de um extenso período de vinte e quatro anos. Sua influência transcende não apenas a escrita de romances e contos, abrangendo também o cinema e diversas formas de expressão artística. Reconhecido como um artista autodidata, Lucchetti destaca-se por uma carreira notavelmente miscigenada no panorama cultural brasileiro.

Além dessas quarenta narrativas que encontrei para o trabalho, R. F. Lucchetti, como gosta de ser mencionado, publicou um número ainda maior de obras de teor policial, investigativo e de ficção científica, as quais tive o cuidado de separar da fatia central que trago, pois não dialogavam com as regras que estabeleci previamente quanto a inserir uma narrativa como obra do fantástico brasileiro. Contudo, fica aqui como menção a fim de valorizar ainda mais a fortuna artística de Lucchetti.

Dentro de seu escopo literário é facilmente identificável diversos temas recorrentes de nosso fantástico, como o trato com o demoníaco, em *Cerimônia Macabra* (1972) e *Sete ventres para o demônio* (1974); as criaturas fantásticas, em *A lua do lobisomem* (1974) e *A volta de Frankenstein* (1975); os ambientes sombrios, em *O castelo da dama de azul* (1975) e *A mansão do fogo eterno* (1980); e a violência gráfica, com *Gargantas dilaceradas* (1980) e *A boneca dos olhos vazados* (1980).

Com essa vasta produção artística e sua significativa influência no cenário literário nacional, R. F. Lucchetti ergueu uma herança cultural que se assemelha à deixada por renomados nomes da literatura pulp estrangeira, a exemplo de R. L. Stine, Robert Bloch e C. S. Forester. Por meio dessas histórias, ele contribuiu para a criação de um conjunto memorial que abrange uma diversidade de temas característicos do nosso fantástico, além de fomentar o interesse de uma gama considerável de leitores no país a se aventurarem nos mais diversos gêneros a partir de uma literatura popular e de fácil acesso.

Por fim, quero destacar, brevemente, pois já explorei esses autores com amplitude em outros capítulos, a tríade central de nosso realismo mágico: José J. Veiga, Moacyr Scliar e Murilo Rubião.

José J. Veiga destaca-se como um autor que não apenas influenciou gerações de escritores e leitores a explorar o fantástico, mas também resistiu ao apagamento histórico, mantendo-se relevante no cenário literário brasileiro até os dias atuais.

A obra inaugural de José J. Veiga, *Os cavaleiros de Platiplano* (1959), representa um passeio pelos cenários e pela sociedade de sua infância por meio do insólito, criando um constante desafio para o leitor na interseção entre o real e o ficcional. Ao retratar um ambiente rural com personagens frequentemente caricatos, Veiga constrói uma série de contos que oscilam entre o enfrentamento da realidade e o desenho onírico e insólito como meio de escapar dos problemas enfrentados por esses personagens.

À medida que José J. Veiga avança na escrita de suas obras, observa-se uma transição do olhar pueril de seus personagens para uma perspectiva mais adulta. Essa evolução na abordagem temática revela a versatilidade e a maturidade do autor ao explorar diferentes camadas narrativas em sua obra, além de permitir que o leitor caminhe junto a suas obras nesse crescente perceptivo e analítico da realidade.

O que se evidencia em José J. Veiga é a compreensão não apenas da sociedade e das transformações decorrentes do regime militar, mas também de sua

própria jornada do rural para o urbano e do infantil para o adulto. Sua maestria em capturar essa transição permite enxergar sua literatura como uma espécie de biografia do Brasil e de suas mudanças forçadas. A modernidade, para Veiga, é abordada com estranheza, mas também com aceitação e adaptação. Talvez seja por essa característica distintiva que sua obra seja tão relevante e tenha ressurgido com vigor na contemporaneidade, especialmente no âmbito acadêmico.

A transição do infantil para o adulto que destaquei até este ponto sofre uma interrupção no final da vida de José J. Veiga, quando ele se dedica exclusivamente à literatura infantojuvenil, encerrando um ciclo de vida completo com as narrativas *O risonho cavalo do príncipe* (1993) e *Taja e sua gente* (1997). O que não posso deixar de notar é que José J. Veiga compreende que a morte também faz parte desse ciclo e a aceita, realizando um retorno, criando uma ponte com o passado e contornando em direção à sua própria infância nessas obras.

O segundo autor de nossa tríade é o gaúcho Moacyr Scliar e sua vasta produção de vinte e três obras que flertam com nosso fantástico. Moacyr Scliar é reconhecidamente um escritor prolífico. Os seus vinte e três textos selecionados para este trabalho dialogam com variados públicos, abrangendo gêneros tão diversos quanto o fantástico, a literatura infantojuvenil, a ficção policial e até mesmo a literatura médica. Diante desse amplo escopo, não surpreende que Moacyr Scliar seja considerado uma das peças fundamentais para compreender o tempo de maneira diacrônica, respaldada por um discurso enraizado em uma ampla base científica.

Uma considerável parte de suas narrativas trabalha com o amalgamento desses temas, como *O carnaval dos animais* (1968), onde Scliar mescla seu conhecimento médico para trabalhar conteúdos considerados tabus sociais, como o canibalismo, ou *A balada do falso messias* (1976), onde o escritor gaúcho reescreve e reinterpreta a passagem de figuras míticas da história judaica e da vida de Jesus, elemento ao qual ele vai acabar voltando em outras oportunidades, principalmente em *A mulher que escreveu a bíblia* (1999), ou ainda quando Moacyr Scliar escreve acerca da imigração e do estranhamento das novas terras e dos elementos que formam esses novos espaços, como em *A majestade do Xingu* (1997).

Apesar do escritor ser conhecido por seus romances famosos, como *A guerra do bom fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973) e *O centauro no jardim* (1980), acredito que é em seus contos que Scliar mais experimenta e flerta com o fantástico. Nessas narrativas, é evidente a exploração mais livre de Moacyr no terreno do

fantástico. Percebo, aqui, um Scliar ávido por explorar o grotesco e o violento, permitindo lacunas propositais no texto para causar desconforto direto, por meio de cenas com dilacerações e outras descrições gráficas, e indireto, por meio das alegorias do fantástico.

Seja por seu vasto conhecimento ou por suas influências nos meios sociais, Moacyr Scliar destaca-se como um dos escritores mais proeminentes no cenário nacional do fantástico. Suas obras continuam a dialogar com a contemporaneidade, preservando vivas as narrativas de inúmeras realidades ficcionais que a realidade empírica não conseguiu manter.

O escritor que finaliza essa tríade é, em meu olhar particular, o elemento central de todo o nosso fantástico brasileiro, Murilo Rubião. O contista mineiro tem um subcapítulo inteiro dedicado a ele mais à frente nessa tese, quando falo de sua importância como editor de suplementos literários durante a segunda metade do século XX, mas gostaria de destacar algumas obras e temas de sua fortuna literária que julgo importantes para esse momento do trabalho.

Murilo Rubião debuta com *O ex-mágico* (1947), uma coletânea de contos que mira grande parte de suas obras para os temas pelos quais o escritor se tornaria famoso no cenário do fantástico nas décadas seguintes, como o trabalho com a burocracia (daí sua comparação com Franz Kafka), o estranhamento das situações do dia-a-dia e a lida com os problemas sociais a partir do objeto fantástico.

É apenas em meados da década de 1970, já tendo publicado suas obras de maior impacto editorial, como *O pirotécnico Zacarias* (1974), que Murilo Rubião se dedica ao trabalho editorial e à crítica ao regime militar, especialmente com a coletânea *A casa do girassol vermelho* (1974), onde o escritor publica contos que dialogam com todo o *corpus* de nossos vizinhos do *boom latino-americano* afim de construir uma história literária a partir do fantástico do período de maior violência estatal das Américas Central e do Sul.

Finalizo, então, este tópico acerca dos escritores do fantástico pontuando que encontrei setenta e seis escritores e escritoras que se dedicaram ao gênero durante o século XX em menores e maiores contribuições. Pontuo, ainda, que muitos desses autores, possivelmente, possuem mais obras do gênero, mas, infelizmente, não fui capaz, no curto período de pesquisa para esta tese, de encontrar mais exemplos, mas acredito que, posteriormente à entrega deste trabalho, muitos outros nomes serão adicionados por colegas pesquisadores na plataforma que estou construindo para a

pesquisa continuada desses nomes.

#### 4.1.3 As editoras e o fantástico

Quando abordamos o processo literário, é comum direcionar nosso foco à tríade composta pelo escritor, obra e leitor, reconhecendo o diálogo intrínseco que emerge desse encontro. No entanto, é crucial reconhecer que há uma esfera adicional, muitas vezes subestimada, que desempenha um papel fundamental nesse processo: as editoras. Ao longo do século XX, o Brasil viu um notável estímulo e investimento em uma ampla variedade de gêneros literários por parte de centenas de editoras, e o fantástico não ficou de fora dessa tendência. Essa vertente literária contribuiu significativamente, embora a percentagem exata não seja conhecida, para a produção total da nossa literatura nacional durante esse período, sendo tanto mecanismo de puro entretenimento, como ferramenta de combate e denúncia às mazelas do país.

Para compreender a importância das editoras no cenário literário brasileiro ao longo do século XX, foi necessário retroceder ao período colonial a fim de entender a relação do Brasil com o livro e as transformações, ou até mesmo evoluções, que ocorreram em direção a um cenário mais rico e acessível. Quando os portugueses chegam ao Brasil e instalam o primeiro governo geral, em 1549, os jesuítas trazem os primeiros livros para o país, iniciando um extenso e violento processo de tomada cultural e aniquilação das narrativas orais e escritas dos povos originários.

Essa introdução do livro pelos jesuítas marcou o início de um processo complexo de colonização cultural, que envolveu a imposição da língua e da religião católica, além da supressão das narrativas orais e escritas dos povos indígenas. Ao longo dos séculos seguintes, especialmente durante o período colonial e imperial, o acesso ao livro e à produção literária no Brasil foi limitado e controlado, principalmente pela elite educada e pelas instituições religiosas e governamentais. No entanto, com o passar do tempo e o surgimento de um mercado editorial mais diversificado e acessível, as editoras desempenharam um papel fundamental na democratização do acesso ao livro e na promoção da literatura brasileira em todas as suas formas, incluindo o fantástico.

A chegada da família real ao Brasil em 1808 representou um ponto de inflexão na história cultural do país. Antes desse evento, o Brasil era dominado por interesses privados e estava sujeito ao saqueamento pelas forças portuguesas, criando um

ambiente desafiador para a produção literária. No entanto, a vinda da família real trouxe consigo novas esperanças e oportunidades, uma vez que a necessidade de estabelecer uma sociedade mais alinhada com os padrões europeus abriu espaço para o desenvolvimento de diversas áreas, incluindo a literatura. Apesar das circunstâncias violentas e desafiadoras, a literatura brasileira encontrou nos espaços antes dominados pelos opressores uma oportunidade de surgir e se destacar no cenário cultural.

A vinda da Família Real para o Brasil em 1808 obrigou D. João VI a tomar medidas que restabelecessem a ordem, centralizassem o poder e criassem condições culturais e tecnológicas para a instalação da Corte (UNIVERSIDADE..., 1967). Uma das iniciativas foi a criação de cursos superiores tais como a Academia Real da Marinha, Cirurgia, na Bahia e no Rio de Janeiro (1808), e alguns outros que tinham como objetivo exclusivo atender aos anseios do príncipe regente. Em 1827, foram implantados os cursos de Direito em São Paulo e Olinda. É perceptível como a abertura destes cursos influenciará na atividade editorial como foi exposto anteriormente. Tanto em Salvador como em São Paulo, essa influência ficou bastante evidente, pela atuação de livrarias que também funcionavam como editoras, produzindo livros direcionados para esses cursos. (Rosa, 2009, p.81-82)

No trabalho do qual essa citação é retirada, intitulado *Os primórdios da inserção do livro no Brasil* (2009), Flávia Goulart Mota Garcia Rosa constrói um interessante resumo desse processo de criação das editoras e da ampliação da literatura brasileira até meados do século XX. Destaco nesse trabalho seu empenho em construir conexões entre a necessidade e a força dos grupos de escritores em tentar mostrar ao mundo as realidades antes proibidas pelos colonizadores, criando, dessa forma, os primeiros grupos de resistência intelectual que o Brasil possuiu.

No decorrer desse estudo, Flávia Rosa destaca diversos momentos cruciais para o avanço na construção das editoras brasileiras. Entre eles, estão as primeiras versões de grandes clássicos da literatura europeia realizadas no Brasil, bem como a criação de universidades, o que gerou uma demanda por prensas para a produção de livros didáticos, especialmente nas áreas de direito e medicina. Esse desenvolvimento ampliou o acesso desses textos a um maior número de estudantes, embora ainda estivesse predominantemente concentrado na elite financeira do país.

Durante esse estágio inicial, muitas prensas e editoras concentraram-se também na produção de livros de conteúdo religioso, predominantemente católicos, com pouquíssimas exceções, que eram distribuídos para os diversos núcleos jesuítas

pelo país. Nesse contexto inicial, não parecia haver um interesse dessas editoras em trabalhar com literatura de ficção. Essa tendência só começou a se destacar com o tempo, à medida que o público leitor se expandia. Somente em meados do século XIX é que o fantástico começou a dar seus primeiros passos em solo nacional.

Não quero me estender na narrativa desse processo histórico da formação das editoras brasileiras, pois o tema já possui uma considerável fortuna crítica, e acabaria escapando do foco deste trabalho, por isso, deixo apenas destacado esse trabalho de Flávia Rosa como referência desse percurso pelo qual o Brasil passou em direção ao século XX e às grandes editoras.

É aqui que entra minha pesquisa, levando em consideração essa expansão do trabalho editorial e literário durante o século XX, separei, ainda no mesmo quadro, todas as editoras que publicaram essas primeiras edições de obras de nosso fantástico, e fui capaz de perceber algumas características interessantes que podem ajudar a compreender a constituição e a evolução do fantástico no Brasil.

A publicação da coletânea de contos *Ânsia Eterna* pela Editora B. L. Garnier, em 1903, marca um momento significativo na história da literatura brasileira, sendo uma das primeiras incursões no que viria a ser reconhecido como um proto fantástico. Os contos, escritos pela renomada Júlia Lopes de Almeida, refletem um estilo que, embora ainda influenciado pelas correntes literárias europeias, demonstra uma consciência da realidade local brasileira. Essa obra já apresenta elementos distintamente brasileiros, contribuindo para a construção de uma narrativa nacional que, mais tarde, se consolidaria como o fantástico brasileiro.

A editora carioca B.L. Garnier, fundada em 1844, destacou-se por seus sucessos consecutivos na publicação de renomados escritores, como Machado de Assis, Olavo Bilac e José de Alencar. Seu presidente, o francês Baptiste-Louis Garnier, já possuía uma tradição de investimento em livrarias, herdada de seus irmãos. Essa tradição foi mantida por Garnier no Brasil e posteriormente na Espanha, expandindo seus negócios sob o mesmo selo da livraria carioca-francesa.

A história da Livraria Garnier, como ficaria conhecida pelo público, segue o padrão da época, publicando obras que abrangiam diversas áreas, como direito, medicina, religião, política, filosofia e a tradução de textos estrangeiros para o português. No entanto, Baptiste-Louis Garnier não se contentou em apenas competir com as editoras que dominavam esses nichos no país. Ele também se dedicou à literatura voltada para crianças e jovens, além de obras de teor sexual e erótico,

direcionadas especificamente para o público masculino, conforme divulgado pela própria propaganda da editora.

Essa postura vanguardista possibilitou que a Livraria Garnier se tornasse um meio interessante para literaturas emergentes, ao abraçar publicações que eram menos contempladas pelas grandes editoras da época. Não é coincidência que, ao dedicar-se à edição de revistas populares, como o renomado *Jornal das Famílias*, Machado de Assis tenha obtido uma parte significativa de suas publicações por meio do selo dessa editora.

Avançando para o século XX, a Livraria Garnier publica sua primeira e única obra com contos fantásticos, a coletânea de contos *Ânsia Eterna*. Apesar da escassez de publicações do gênero, é importante ressaltar o papel significativo dessa editora em um cenário que logo seria inundado pelo fantástico, tornando-se parte importante da realidade literária brasileira. Além disso, essa publicação de Júlia Lopes de Almeida marca uma virada no processo editorial no Brasil, graças à ampla expansão do cenário de leitura que ocorreria nas décadas seguintes.

Com a percepção de que o fantástico poderia ser uma fonte interessante de vendas, outras editoras se arriscaram no terreno do fantástico nessas primeiras décadas do século XX, como é o caso da editora gaúcha *Echenic & C*, com a obra *Lendas do Sul* (1913), de Simões Lopes Neto, a livraria paranaense *Carlos Leite Ribeiro* (1921), com a obra *O homem sem máscara*, de Vinício da Veiga, também em 1921, a editora carioca *Livraria Castilho* publica *Novelas doidas – Madrugada negra*, de Viriato Corrêa e, em 1925, publica um dos autores de maior referência dessas primeiras inserções de nosso fantástico brasileiro, Gastão Cruis, com a seminal obra *A Amazônia misteriosa*.

Outras editoras se arriscaram no terreno do fantástico nessas primeiras três décadas do século XX, como a Editora Globo, a Editora Monteiro Lobato, a Editora Brasileira, a Editora Alpha e a Editora Orozio. O que essas empresas têm em comum é o trabalho arriscado, mas aparentemente recompensador, de empregar parte de seus recursos a uma literatura emergente, que começava a angariar espaço em um ambiente cada vez mais disputado de leitura graças ao aumento contínuo de leitores que o país estava prestes a presenciar.

Na década de 1930, as principais editoras que se dedicariam ao fantástico começaram a se expandir. Com um aumento significativo no número de leitores no país e o acesso aos livros se tornando mais acessível devido às novas tecnologias,

houve uma ampliação do investimento na produção literária no Brasil, tanto por parte de entidades privadas, editoras e jornais, quanto pelo governo.

A ampla alfabetização na história do Brasil desempenhou um papel crucial no crescimento do mercado editorial brasileiro. Para aumentar as vendas de livros, era necessário ter mais leitores, o que levou a um incentivo tanto público quanto privado para ampliar o número de pessoas alfabetizadas e estimular o hábito da leitura. Isso foi alcançado por meio da expansão do sistema escolar e do crescente interesse das pessoas pela leitura, um trabalho de propaganda muito bem estruturado a fim da criação de uma nova indústria.

Entender a ampliação e popularização da literatura nas primeiras décadas do século XX no Brasil requer a análise de obras como *A leitura e o ensino da literatura* (1991), de Regina Zilberman. Nesse texto, a pesquisadora aborda as políticas de popularização da leitura, destacando a importância de uma escola acessível para ampliar o cenário de leitura. Zilberman identifica diversos elementos-chave necessários para essa expansão, como o acesso facilitado à literatura por meio de bibliotecas, a redução do preço dos livros, uma abordagem pedagógica que incentive os alunos a compreender e apreciar o ato de ler, e uma política cultural que valorize a leitura. Esses pontos de ancoragem foram fundamentais para promover a democratização do acesso à literatura e estimular o hábito da leitura entre os brasileiros.

No texto de Zilberman, destaco particularmente a perspectiva de Menotti del Picchia sobre a disparidade entre o conteúdo produzido pelos escritores consagrados e amplamente difundidos e as expectativas do público leitor, especialmente em relação à literatura de massa. Zilberman ressalta que havia uma demanda por narrativas mais enigmáticas, aventurescas e fantásticas, embora grande parte desse tipo de literatura fosse importada de autores estrangeiros. Nesse contexto, Zilberman sugere que os escritores brasileiros, como Menotti del Picchia, precisavam direcionar seus esforços para esses gêneros a fim de conquistar e fidelizar um público leitor cativo.

Ainda mais importante para esse trabalho, é o momento em que Zilberman aponta a literatura fantástica como um dos gêneros mais atrativos para o leitor em construção dessas primeiras décadas de expansão da literatura no Brasil.

A tendência à literatura escapista parece ser a opção mais bem-sucedida,

porque é a mais prolífera. Por sua vez, ela tanto pode se voltar a temas eróticos (que se estendam desde as açucaradas histórias sentimentais de amores e desenganos até os assuntos mais escandalosos que constituem a matéria da chamada literatura pornográfica), como a temas exóticos, que envolvem ação, aventura e violência. Neste caso, as modalidades são também variadas: o romance policial e de mistério; a aventura em locais e tempos distantes, quando não ambos reunidos, conforme procede a ficção científica; a literatura fantástica e de terror. (Zilberman, 1991, p.45-46)

Destacando a literatura fantástica e de terror como instrumentos para ampliar o público leitor, Zilberman contribui para validar o esforço das editoras que se dedicaram ao fantástico e à ficção científica. Ela estabelece uma conexão entre a educação tradicional, que prioriza os clássicos literários mais divulgados, e o crescente interesse dos leitores por uma literatura escapista e popular.

Com essa expansão em foco, vou separar a importância dessas editoras no Brasil a partir de três breves períodos: as editoras que vão da década de 1930 até a ditadura militar; as editoras que publicaram durante o regime ditatorial e as editoras que resistiram ao quase absoluto desaparecimento do fantástico durante o final da década de 1980 e a década de 1990.

O primeiro grupo foi fundamental para o pensamento de Zilberman sobre o crescente interesse do público pela literatura fantástica. Nele, encontrei diversas editoras que deram seus primeiros passos em direção ao gênero, publicando obras que se tornariam ícones do nosso fantástico. Um exemplo é a editora Globo, que lançou um dos escritores emblemáticos do gênero, Érico Veríssimo, com obras como *Fantoches e Outros Contos* (1932) e *Caminhos Cruzados* (1935).

A Companhia Editora Nacional (1925-1980), fundada por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira, publicou obras como *Coiteiros* (1935), de José Américo de Almeida e todas as narrativas de Jerônimo Monteiro nesse período: *O irmão do diabo* (1937), *Três meses no século 81* (1947) e *A cidade perdida* (1948), além de ter sido parte fundamental da editoração e publicação de vários clássicos mundiais traduzidos para o Brasil.

Vale ressaltar que a importância de uma grande editora como a Companhia Editora Nacional publicar obras do fantástico é inseparável do alcance que essas obras acabaram obtendo na época e de sua relevância para o cenário literário brasileiro. Algo semelhante ocorreu com as editoras O Cruzeiro (1941-1975), que publicou *Memórias de Lázaro* (1952), de Adonias Filho e *Ciranda de Pedra* (1954), de Lygia Fagundes Telles e a editora Civilização Brasileira (1929), fundada por Getúlio

M. Costa, Ribeiro Couto e Gustavo Barroso, que publicou *Corpo vivo* (1962), de Adonias Filho e *Vento do amanhecer em Maçambira* (1962), de José Condé.

Todas essas editoras, junto com um número ainda maior de editoras de menor porte, possibilitaram que o fantástico fosse difundido e lido por um público amplo, ansioso pelo gênero e pelas novidades literárias que surgiam diariamente, graças à expansão das oportunidades de publicação no país.

A partir dessa expansão e da percepção do aumento substancial de leitores e publicações, emerge a editora que considero a mais importante para o fantástico brasileiro: a Livraria José Olympio (1931-2000). Fundada por José Olympio Pereira Filho, a editora foi responsável não só por lançar um acervo imaterial da literatura fantástica brasileira, como foi uma das poucas a permitir que tais obras alcançassem os mais amplos cenários de leitores do país.

Tendo publicado obras como *Água-mãe* (1941), de José Lins do Rego; *Contos Reunidos* (1951), de Gastão Cruls; *O enfeitado* (1954), de Lúcio Cardoso e *Boca do inferno* (1957), de Otto Lara, entre outras obras do fantástico, a editora José Olympio demonstrou um comprometimento sem precedentes ao se aventurar em terrenos considerados pouco seguros, como o fantástico. Essa postura permitiu que uma parte significativa da literatura fantástica nacional não apenas fosse preservada, mas também prosperasse, deixando um legado duradouro que perdura até os dias atuais.

A importância de José Olympio Pereira Filho para a história do livro no Brasil foi tão significativa que é comum encontrar fotografias dele ao lado de figuras proeminentes da política e da literatura nacional, como Getúlio Vargas, Guimarães Rosa e Francisco Negrão de Lima. Sua presença na Academia Brasileira de Letras era constante, tornando-a quase uma segunda casa para o editor. Não surpreende, portanto, que ele encontrasse poucas barreiras para publicar as obras que desejava, possibilitando que muitos escritores, anteriormente relegados pelo gênero que produziam, alcançassem um espaço de destaque entre os leitores do país.

À medida que o período ditatorial se aproximava, até os primeiros anos da década de 1960, era perceptível como as editoras começavam a se sentir mais confortáveis com a publicação do fantástico, tornando o gênero quase um irmão de tantos outros que circulavam na sociedade brasileira. Contudo, com a chegada do regime militar, isso mudou, marcando o início da importância e relevância das editoras durante o período mais significativo do fantástico brasileiro.

Durante o período que compreende os anos de 1964 a 1985,

reconhecidamente o mais prolífico do fantástico literário no Brasil, minha pesquisa identificou a publicação de cento e vinte e quatro obras, até o momento, distribuídas por diversas editoras. Nesse contexto, editoras como José Olympio, Civilização Brasileira e Globo continuaram sua produção habitual, porém, agora, atentas à censura imposta pelo regime, especialmente durante a década de 1970. Enquanto isso, outras editoras, como Cedibra, LP&M e Ática, perceberam uma oportunidade no crescente interesse por obras fantásticas, aproveitando-se, sem conotações negativas, do aumento do público leitor e do desejo de resistência para lançar obras desse gênero.

Durante o regime militar, várias editoras compreenderam a importância de abordar a realidade política do país por meio do fantástico, oferecendo ao público leitor uma visão crítica dos horrores que ocorriam sem enfrentar diretamente o governo. Nesse contexto, muitas obras se dedicaram a explorar essa temática, destacando o papel crucial das editoras na disseminação de ideias e na resistência cultural durante a ditadura.

Gostaria de destacar, inicialmente, a editora carioca Cedibra e seu significativo trabalho com a literatura Pulp, além da notável Coleção Livro Amigo, que publicou diversas obras de ficção em parceria com a editora Íbis de Portugal. A Cedibra foi responsável por lançar uma ampla gama de publicações, incluindo trabalhos do prolífico escritor Rubens Francisco Lucchetti. Suas obras, embora nem sempre abordassem diretamente a ditadura militar, serviram como uma forma de compensação e escape para os leitores da época.

O professor Flamarion Maués, em seu artigo *Livros, editoras e oposição à ditadura* (2014), pontua que, durante a década de 1970, é perceptível o planejamento de muitas editoras em publicar obras de caráter contrário à ditadura e à censura do regime.

Ocorreu, então, a partir de meados da década de 1970, um movimento editorial e cultural marcado pela revitalização de editoras com perfil marcadamente político e de oposição ao governo civil-militar iniciado em 1964. Editoras já estabelecidas, como a Civilização Brasileira, a Brasiliense, a Vozes e a Paz e Terra, retomaram uma atuação política mais acentuada, editando livros que tratavam de temas que colocavam em questão a ideologia, os objetivos e os procedimentos do regime de 1964, ou, ainda, cujos autores faziam oposição ao governo. Ao mesmo tempo, novas editoras surgiram com o projeto de publicar livros com claro caráter político. Alguns exemplos são as editoras Alfa-Ômega, Global, Edições Populares, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós, Hucitec, L&PM, Graal, Codecri, Vega e Livramento, entre outras. (Maués, 2014, p.92)

É interessante notar que várias das editoras mencionadas por Maués desempenharam um papel significativo no panorama editorial do fantástico, incluindo a LP&M, a Civilização Brasileira e a Global. Apesar da persistente resistência ao fantástico nas esferas mais tradicionais de nossa literatura, é evidente que a abertura para o gênero recebeu um impulso externo crucial durante o regime militar. Posso até argumentar que foi o contexto político turbulento do Brasil e das Américas durante o século XX que proporcionou as condições para a persistência e a relevância contínua do gênero fantástico até os dias atuais.

O que percebo, ao observar os dados das editoras do período e a força com que a literatura de massa se expandiu durante o regime militar, é que a censura dos livros no Brasil foi um processo falho e, em certa escala, ajudou a construir grande parte das editoras e das obras que fariam frente à censura e ao regime militar. Em sua rica tese sobre a censura de livros durante a ditadura militar, a pesquisadora Maria Mercedes Dias Ferreira Otero ajuda a compreender essa perspectiva:

No entanto, a motivação foi a constatação de que a ditadura militar, ao mesmo tempo em que proibia e vetava livros, investia e incentivava a indústria editorial, como mostram as análises de Hallewel, Ortiz e os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a produção de livros no período. Segundo Ortiz, a situação cultural do período foi caracterizada pela grande dimensão do mercado de bens culturais, tendo ocorrido uma grande expansão na produção, distribuição e consumo desses bens. Foi nessa fase que se consolidaram os meios de comunicação e da cultura de massa. A indústria editorial, beneficiada pela política de incentivos e subsídios, deu um salto quantitativo. Em 1965, o governo tornou forte o apoio às editoras, através do Grupo Executivo da Indústria do Livro (GEIL), cujo objetivo era incentivar a indústria, comercialização e expansão do livro. Em 1966 é criado o Grupo Executivo da Indústria do Papel e das Artes Gráficas (GEIPAG), que permitiu a renovação do parque industrial gráfico, através da isenção de taxas de importação de equipamentos. (Otero, 2003, p.17)

A citação de Otero ressoa de forma significativa com a temática da minha pesquisa, pois evidencia o paradoxo em que as editoras do período ditatorial se encontraram: utilizando o próprio espaço que o regime construiu para expandir como uma forma de resistência e combate às forças da censura. Esse fenômeno é interessante porque revela uma dinâmica complexa em que o meio de comunicação, inicialmente promovido pelo regime para difundir sua ideologia, é apropriado e transformado em uma ferramenta de subversão. Isso sugere uma espécie de autodestruição do sistema de censura por meio de suas próprias engrenagens.

A partir da análise feita até aqui, é possível discernir as razões que fundamentaram a escassa produção literária do fantástico no pós-ditadura. Tal fenômeno se manifesta de maneira inequívoca no tratamento dispensado pelas próprias casas editoriais ao gênero. Das editoras que se dedicaram ao trabalho com a narrativa fantástica ao longo do século XX, apenas algumas ensaiaram preservar sua atividade no panorama literário durante o período subsequente à ditadura. Alguns exemplos são a LP&M, com *Cenas da vida minúscula* (1991), de Moacyr Scliar, *Concerto Campestre* (1997), de Luiz Antônio de Assis Brasil e *Histórias para (quase) todos os gostos* (1998), de Moacyr Scliar; e a Civilização Brasileira com *Léguas de promessa* (1993), de Adonias Filho e *Rio dos Morcegos* (1993), de Herberto Sales.

No entanto, é notável que quase todas as tentativas de manter vivo o fantástico na literatura brasileira após a ditadura eram voltadas para escritores já consolidados no gênero, muitas vezes em suas últimas obras como autores. Isso sugere uma série de fatores que vão além do aspecto social e financeiro, levando a uma diminuição do espaço para o fantástico, talvez devido à memória intrínseca de violência e medo associada ao gênero em questão.

Apesar desse cenário em declínio, novas editoras também se aventuraram na publicação de obras do gênero nesse período. Um exemplo notável é a consagrada Companhia das Letras, que lançou sete obras de fantástico nacional de 1989 a 2000. Entre elas, destacam-se narrativas de Moacyr Scliar, que se tornariam ícones do gênero. Essa prática evidencia a persistência dos escritores já reconhecidos no cenário, mesmo em períodos mais desafiadores para o insólito. Além das obras de Scliar, a editora publicou duas obras de outros escritores igualmente conhecidos no gênero, *Naquela época tínhamos um gato e outros contos* (1998), de Nelson de Oliveira e *As palavras secretas* (1998), de Rubens Figueiredo.

Além da Companhia das Letras, outras editoras notáveis, como Agir, Ática, Rocco, e algumas mais reconhecidas pelo público leitor, também lançaram obras de teor fantástico durante esse período. No entanto, é evidente a redução nos investimentos e no interesse do público por esse gênero. Essa dinâmica só começaria a se transformar com o surgimento de editoras independentes e a popularização da internet, tornando-o mais acessível ao público.

#### 4.1.4 Uma análise em gráficos.

A partir do texto elaborado até aqui e da análise do quadro I, anexa a este trabalho, explorarei a atuação do fantástico no Brasil através de alguns gráficos. Minha intenção inicial é observar como algumas características do gênero se formaram no contexto literário nacional, identificando tanto os locais de maior destaque quanto aqueles de menor exploração do gênero. Assim, pretendo criar uma representação visual dos dados coletados nesta pesquisa, oferecendo uma compreensão mais clara e detalhada da presença do fantástico na literatura brasileira.

A análise desses dados servirá também como referência para refletir sobre o espaço identitário do gênero no Brasil, ajudando a construir um traçado histórico dessa literatura e das várias vertentes correlatas que se mesclam a ela ao longo do processo de compreensão, como a ficção científica, as narrativas utópicas e a literatura infantojuvenil. Acredito que essa abordagem gráfica do gênero textual facilitará para os leitores a visualização do impacto desses dados, conforme a análise proposta por esta pesquisa. Isso criará um espaço mais fluido de contato entre os dados e os pesquisadores que eventualmente utilizarem essas informações em seus próprios estudos.

Separei essa análise em quatro abordagens. Primeiramente, um olhar sobre a naturalidade dos autores, a fim de compreender os espaços de onde vieram suas influências e referências. Em seguida, um gráfico com as publicações por décadas, observando as flutuações na produção do gênero ao longo do século XX. Em seguida, um gráfico sobre as editoras, com o propósito de entender sua relevância para a expansão do gênero no país. Por fim, uma análise dos escritores mais prolíferos do gênero.

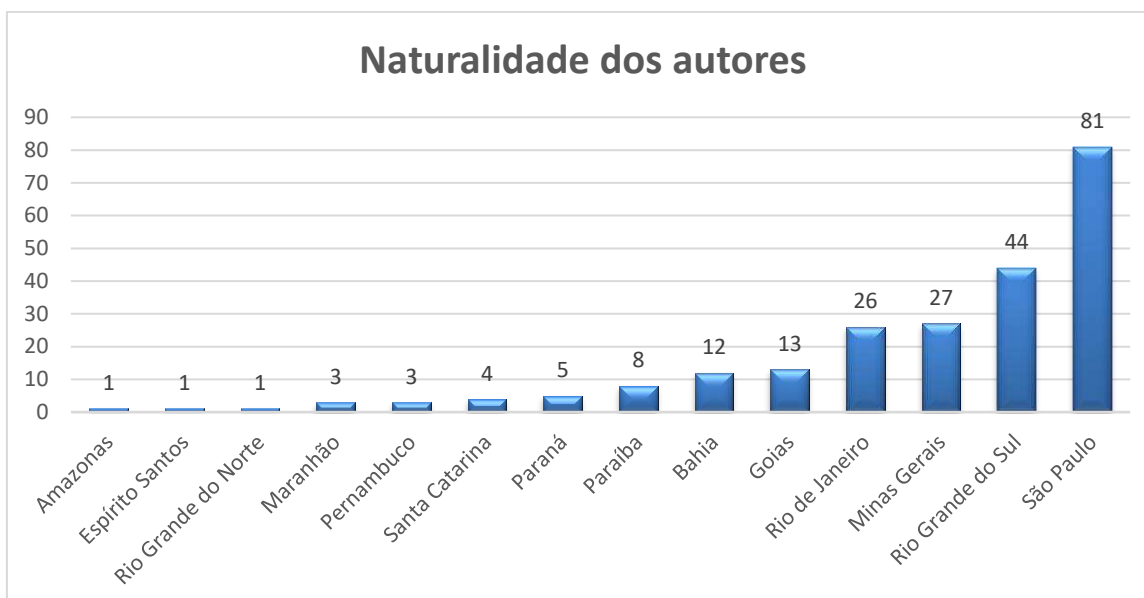


Gráfico 1 - Regionalidade dos autores

Baseado no Anexo I deste trabalho, o Gráfico 1 demonstra uma prevalência de autores do fantástico provenientes das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Localizados nos grandes centros urbanos do país, esses autores tiveram vantagens em relação aos de outras regiões devido à proximidade com editoras, bem como a inserção mais rápida e direta no cenário literário nacional. Além disso, a concentração de eventos literários, feiras do livro e círculos literários nessas áreas urbanas tende a proporcionar mais visibilidade para os escritores, contribuindo para a predominância dessas regiões na produção literária do fantástico.

Esse olhar parte de algumas concepções que observei durante esta pesquisa, primeiramente sobre a relação entre literatura e cultura no país. Os centros urbanos, principalmente grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, sempre foram grandes polos de produção e distribuição cultural, graças à infraestrutura criada para esses espaços. Além dessa perspectiva, sempre houve uma efervescência cultural e uma ampla rede de contatos e movimentos literários que ajudavam a ampliar os espaços da literatura nesses lugares. Esses fatores combinados proporcionaram um ambiente fértil para o surgimento e o desenvolvimento de autores do gênero fantástico nessas regiões, destacando-se em comparação com outras partes do país.

Outro elemento importante para essa percepção era o mercado consumidor, que se beneficiava da divulgação e propaganda amplificada pelos jornais, rádio e, posteriormente, televisão. Já em meados do século XX, esses meios de comunicação cresciam exponencialmente e rapidamente nos grandes centros urbanos, onde havia

uma maior movimentação de pessoas. Essa expansão dos meios de comunicação facilitava a promoção das obras literárias, aumentando seu alcance e impactando diretamente o sucesso dos autores e a disseminação do gênero fantástico nessas regiões.

Enquanto São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais se destacam como alicerces financeiros e culturais da produção literária brasileira, devido a todas as influências mencionadas até aqui, o Rio Grande do Sul se sobressai pela força central de dois dos maiores nomes do nosso fantástico: Érico Veríssimo e Moacyr Scliar. Ambos são notáveis por sua ampla publicação, alcance de público e importância cultural, desempenhando papéis fundamentais na constituição e divulgação do gênero fantástico no Brasil.

Goiás aparece logo em seguida na lista, devido à influência de José J. Veiga na constituição do nosso fantástico, além das obras de Bernardo Élis, Edival Lourenço e, mais contemporaneamente, Augusta Faro. O Nordeste vem na sequência, com autores como Josué Montello, Herberto Sales e Bráulio Tavares contribuindo para o gênero. No entanto, o Norte é a região onde encontrei menos autores, com Márcio Souza sendo o único exemplo destacado.

Essa distribuição regional evidencia alguns aspectos que considero relevantes para esta pesquisa. Primeiramente, destaca o contexto literário e cultural mais amplamente divulgado no Brasil, concentrado nos centros urbanos do Sul e Sudeste do país. Isso não significa um isolamento das outras regiões, mas sim um afastamento programado pelo mercado editorial desse período. Essa dinâmica histórica pode ter contribuído para a predominância de determinadas regiões na produção e divulgação da literatura fantástica, enquanto outras regiões podem ter enfrentado mais desafios para se destacar nesse cenário.

É interessante notar como as expectativas dos leitores e críticos em relação à literatura nordestina estavam alinhadas com temas sociais e regionais, o que pode ter impactado o reconhecimento e a aceitação de obras que se desviavam dessas normas, como as do gênero fantástico. Essa percepção pode explicar a falta de acesso a essas obras durante minha pesquisa, refletindo uma dinâmica complexa entre as temáticas regionais consolidadas e a abertura para novas formas de expressão literária em diferentes regiões do Brasil.

Destaco, contudo, que várias iniciativas de pesquisa vêm restaurando parte dessa história de nossa literatura fantástica, como é o caso do recém lançado *Tenebra*

(2022), organizado pelos professores Júlio França e Oscar Nestarez, onde várias narrativas dos séculos XVIII e XIX receberam uma curadoria e foram republicadas nesse compilado. Ou ainda o trabalho de alguns grupos de pesquisa que trazem essas narrativas para fora do anonimato histórico em que estavam até então.

Partindo para o Gráfico 2, temos as editoras que publicaram as primeiras edições das narrativas apresentadas no anexo I. Anteriormente, este trabalho abordou essas editoras e a importância de algumas delas para o cenário do fantástico brasileiro. Agora, apresento alguns dados dessas publicações e como essas informações podem ajudar a entender melhor o cenário literário do fantástico brasileiro no século XX. A análise das editoras envolvidas permite observar tendências de publicação, identificar as editoras mais influentes e compreender melhor como o gênero fantástico foi disseminado e recebido pelo público.

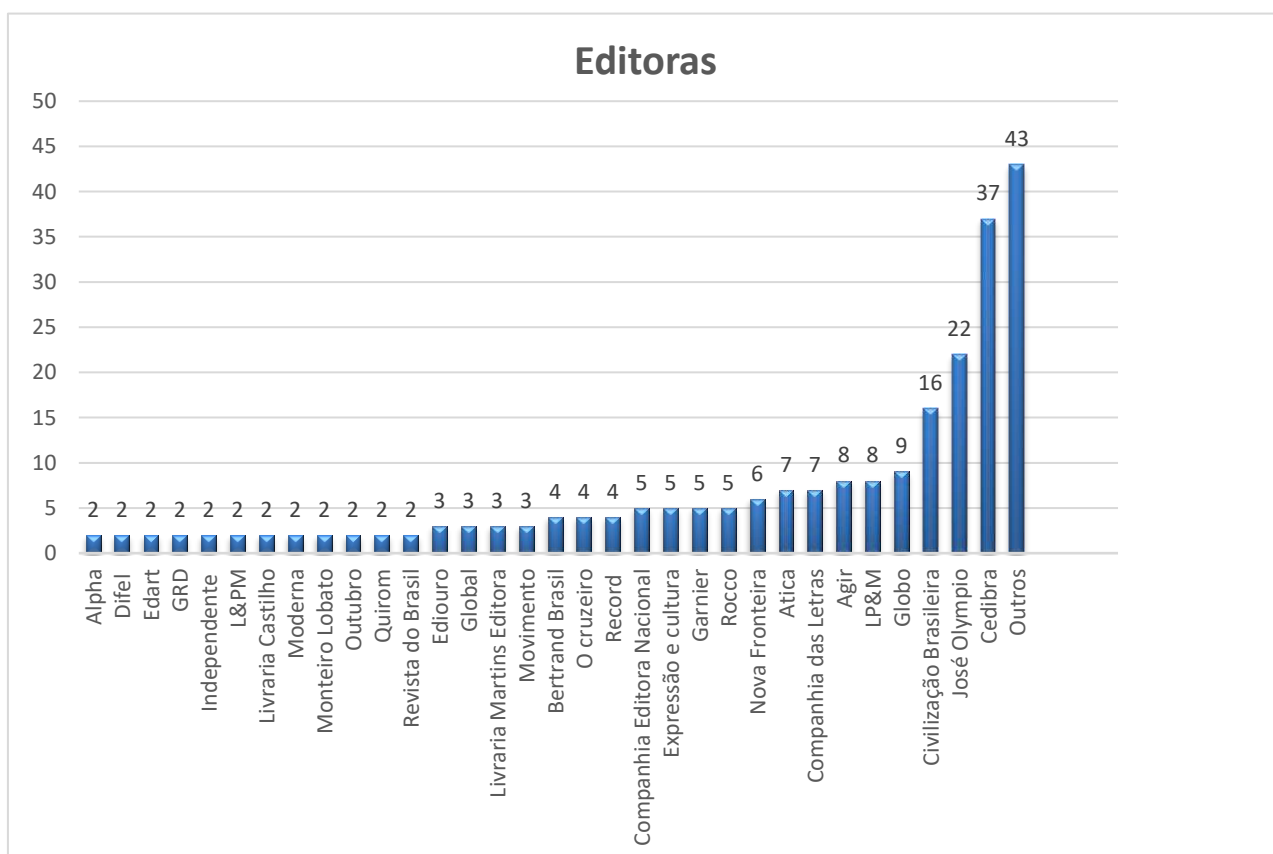


Gráfico 2 - Editoras

A editora Cedibra (Companhia Editora Brasileira) lidera o ranking por um motivo bastante específico: foi ela que publicou a maior parte das obras de Rubens Francisco Lucchetti, o escritor mais prolífico do nosso fantástico, apesar de seu pouco

reconhecimento no cenário geral da literatura brasileira. A Cedibra existiu entre as décadas de 1960 e 1990, sediada no Rio de Janeiro, e apostou na publicação de quadrinhos, HQs, mangás e livros. Foi uma das editoras mais importantes do quadrinho nacional, trazendo para o Brasil obras consagradas mundialmente, como *Lobo Solitário* (1970-1976) e *Badger* (1983-1990). Essa estratégia editorial ajudou a consolidar a Cedibra como um pilar na disseminação do gênero fantástico e na promoção de autores que, de outra forma, poderiam ter permanecido à margem do cenário literário.

Logo em seguida, temos a José Olympio, editora que já foi trabalhada no capítulo anterior e que, diferente da Cedibra, apostou em vários escritores e abriu espaço para que muita de nossa literatura fantástica permeasse o ambiente literário nacional. Escritores como Gastão Cruls, Antônio Callado, Lygia Fagundes Telles e um dos nossos mais importantes escritores do fantástico, José Candido de Carvalho, são apenas alguns exemplos da rica fortuna de escritores que essa editora publicou.

A considerável diferença entre as duas principais editoras do fantástico durante o século XX foi a relação entre risco e segurança. Enquanto a Cedibra encontrou um nicho específico e focou nele, a José Olympio se arriscou ao diversificar seu catálogo, acabando por colher frutos literários muito mais memoráveis para a construção do gênero fantástico no Brasil. Além desse aspecto, a influência de José Olympio Pereira Filho na política e na cultura nacional foi imprescindível para a consolidação de algumas dessas obras. Ele próprio atuou como um importante divulgador de muitos desses escritores, o que ajudou a estabelecer e ampliar o alcance do fantástico brasileiro no cenário literário nacional.

A Civilização Brasileira foi fundada em 1932, mas só alcançou um considerável sucesso na década de 1960, quando o influente militante e pensador Ênio Silveira assumiu a liderança da empresa. Conhecido por sua postura antagônica à ditadura militar instaurada no país, Ênio usou sua influência para publicar diversas narrativas que desafiavam a censura e o poder do regime de ferro. Sob sua direção, a editora se destacou por sua coragem e compromisso com a liberdade de expressão, promovendo obras que questionavam a realidade estratificada e contribuindo significativamente para a literatura e a cultura brasileira.

O fantástico tornou-se um dos gêneros mais publicados pela Civilização Brasileira durante o período da ditadura militar, devido ao seu caráter insólito e, muitas vezes, confuso para a censura. Esse elemento permitiu que muitas obras de claro

caráter contrário ao regime fossem publicadas e circulassem na cultura brasileira. Autores como Herberto Sales, Aufran Dourado, Lygia Bojunga Nunes e José J. Veiga são apenas alguns dos escritores publicados pela Civilização Brasileira nesse período. Isso ressalta a importância da editora no combate à censura e na promoção de uma literatura que desafiava as restrições impostas pelo regime militar.

Outras editoras desse período também investiram pesado no gênero fantástico. A editora Globo destacou-se com autores como Érico Veríssimo e Josué Guimarães. A LP&M publicou obras de Josué Guimarães e Moacyr Scliar. A Editora Agir trouxe ao público os trabalhos de Lúcio Cardoso e Lygia Bojunga Nunes. A Editora Ática apostou em autores como Murilo Rubião e Lygia Fagundes Telles. Mais contemporaneamente, a Companhia das Letras publicou obras de Menotti Del Picchia e Jerônimo Monteiro.

Essas editoras possuem o maior acervo variado de escritores do insólito que encontrei nesta pesquisa. No entanto, acredito que uma investigação mais aprofundada nos acervos físicos dessas editoras e das universidades do período poderia ampliar consideravelmente o número de escritores que se aventuraram no fantástico, especialmente se colocarmos a ficção científica nessa métrica. Vejo isso como um trabalho futuro ou uma oportunidade para colegas que queiram expandir esse horizonte e contribuir ainda mais para a compreensão e valorização do gênero no Brasil.

Outras editoras, conforme mostrado no Gráfico 2, também publicaram obras do gênero fantástico e, apesar da escala menor, foram igualmente importantes para a consolidação do gênero no país. Autores renomados, como Péricles Prade, publicaram pela editora Alpha; José J. Veiga pela Bertrand Brasil; Ignácio de Loyola Brandão pela Brasiliense; Braulio Tavares pela editora Caminho; e Jerônimo Monteiro pela Edart, entre dezenas de outros. Essas editoras, embora menos destacadas em termos de volume, desempenharam papéis cruciais na diversificação e enriquecimento da literatura fantástica brasileira, permitindo que vozes distintas encontrassem seu espaço e público.

O terceiro gráfico traz o número de narrativas do fantástico separadas pelas

décadas de publicação.

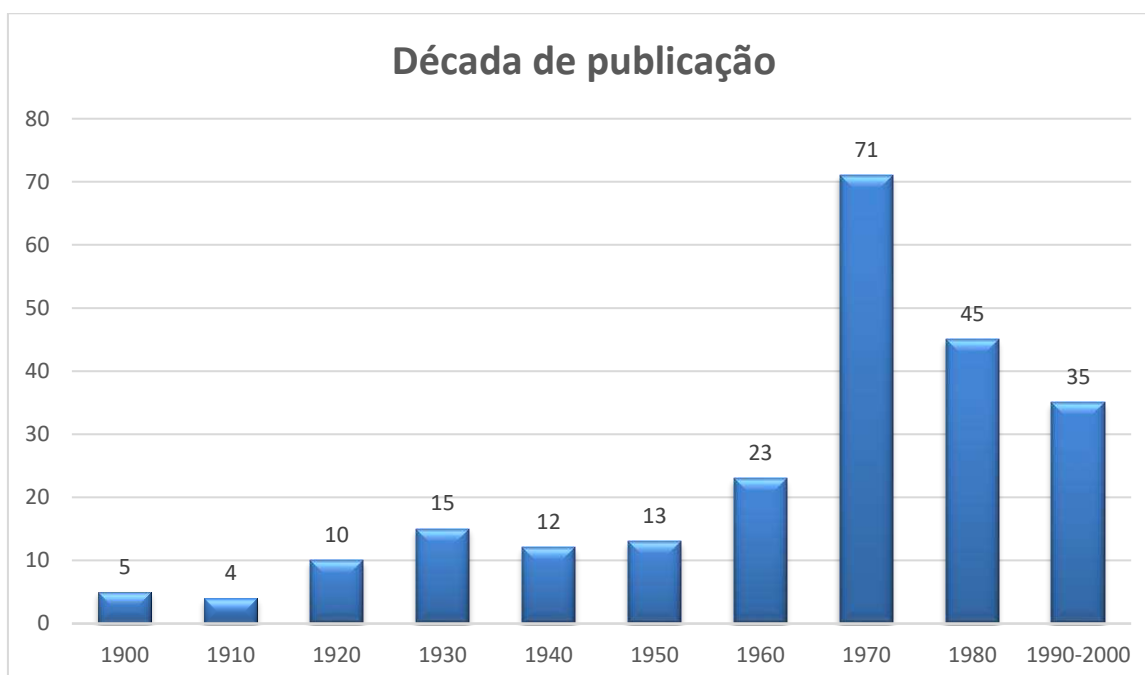
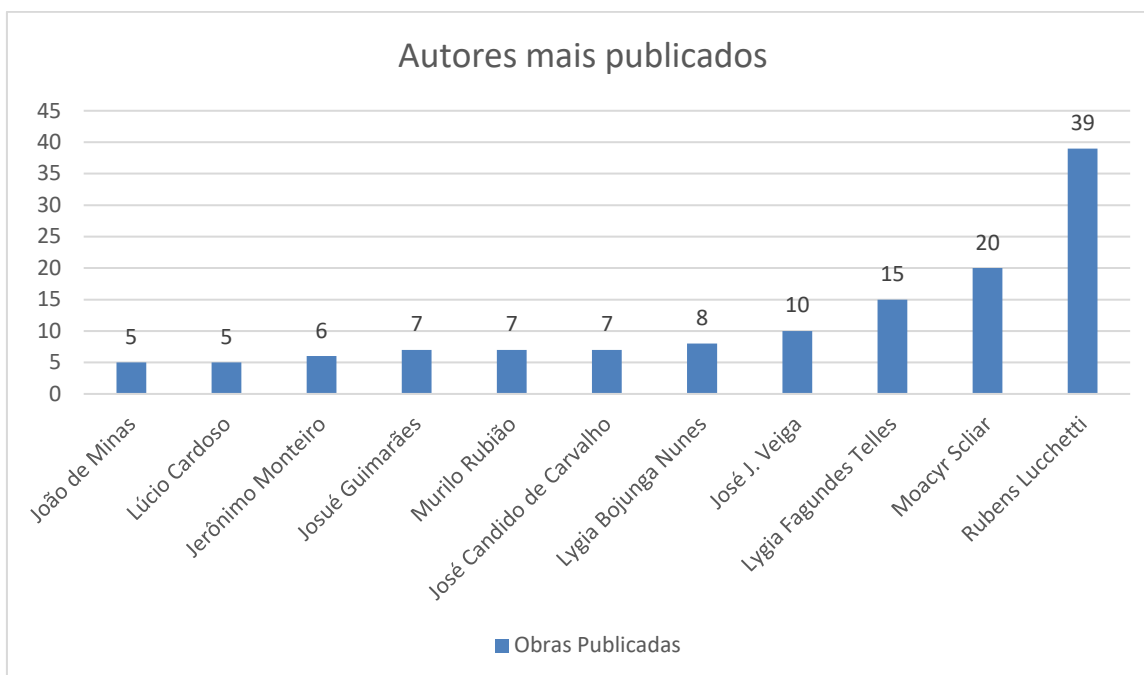


Gráfico 3 - Década de publicação

É possível observar, no gráfico 3, o início humilde da publicação de obras do gênero fantástico nas primeiras cinco décadas do século XX, seguido de um aumento exponencial durante o regime militar. Como abordado no subcapítulo anterior deste trabalho, esse crescimento é atribuído, principalmente, à capacidade do gênero de contornar a censura e falar sobre a realidade que era controlada pelo poder do estado de exceção. No entanto, também é perceptível uma queda contínua na publicação de obras fantásticas de meados da década de 1980 até a virada do século. Esse declínio reflete mudanças no cenário literário, nas preferências dos leitores e nos interesses das editoras, apontando para a necessidade de novas pesquisas que explorem essas dinâmicas com um maior aprofundamento.

Por fim, apresento o gráfico 4, com os autores que publicaram pelo menos cinco narrativas do gênero, a fim de observar a importância desses nomes para esta pesquisa e para a constituição de nossa literatura como um todo.



A escolha desse número mínimo de obras não está relacionada à qualidade dos autores e das narrativas, mas sim à sua relevância no cenário brasileiro do fantástico. Por exemplo, Lygia Fagundes Telles e Lygia Bojunga Nunes são reconhecidas autoras de literatura infantojuvenil e foram trabalhadas nesta tese como pertencentes ao fantástico em uma quantidade razoável de suas obras. Jerônimo Monteiro e Josué Guimarães são mais conhecidos por uma obra em especial, enquanto Rubens Lucchetti produziu tanto que precisou criar pseudônimos a fim de não saturar seu público. Essa abordagem permite destacar a diversidade e a riqueza da produção literária no gênero fantástico, reconhecendo tanto a contribuição de autores prolíficos quanto daqueles cuja obra singular marcou significativamente o panorama literário brasileiro.

Contudo, o dado que considero mais relevante para esta pesquisa leva em consideração a impressão duradoura que três desses autores deixaram no nosso fantástico como um todo. Murilo Rubião é destacado por suas características narrativas estranhas e insólitas e por seu trabalho no suplemento literário de Minas Gerais. Moacyr Scliar é notável pela mescla de narrativas que empregam o fantástico para pontuar seu lugar como indivíduo e como cultura. E José J. Veiga, a quem considero, sob uma perspectiva particular, o mais importante exemplo do nosso fantástico, se destaca tanto pela fortuna literária que deixou quanto pelas várias fases que sua literatura atravessou, abordando diversos tópicos que ainda hoje causam

desconforto e uma sensação de estranheza.

Por fim, acredito que esses gráficos auxiliam no processo de visualização dos dados obtidos no Anexo I, criando um panorama amplo do trabalho de escavação que realizei nesta pesquisa. Além disso, permitem que outros trabalhos surjam a partir desses dados, ampliando nosso espectro do fantástico nacional. Com essas representações visuais, é possível compreender melhor as dinâmicas regionais, temporais e editoriais que moldaram a literatura fantástica no Brasil, proporcionando uma base sólida para futuras investigações e descobertas no campo.

#### **4.2 As capas das primeiras edições do fantástico brasileiro.**

A ideia de realizar um levantamento das capas das primeiras edições das obras do fantástico brasileiro, durante o século XX, para este trabalho, surgiu da influência que percebi dos paratextos na construção do gênero no Brasil. À medida que me envolvia com textos cada vez mais insólitos, observei que as artes dessas capas, muitas vezes, refletiam medos por meio das ferramentas do fantástico, criando imagens que dialogavam com um público ávido por esse gênero literário.

Considerando esses aspectos, minha pesquisa explorou diversas fontes na busca pelas capas das obras em questão. Destaco que a principal delas foi o Google Imagens, onde, mediante a inclusão do ano de publicação e a editora de cada uma dessas primeiras edições, obtive considerável eficiência na redução do esforço de busca, beneficiando-me do algoritmo do aplicativo. Além disso, recorri a sites de leilões online, editoras que conservam parcialmente seus acervos, comunidades online de fãs de terror, horror e do fantástico, bem como páginas de grupos de pesquisa. Entretanto, mesmo diante dessa ampla variedade de fontes consultadas, algumas obras permaneceram fora do alcance da pesquisa.

Das duzentas e trinta e três obras encontradas para este trabalho, apenas dezenove não apresentam a capa nos anexos, pois não consegui localizá-las em nenhum dos bancos de dados pesquisados. Cheguei a algumas conclusões sobre a ausência dessas capas: a falta de reedições dessas obras, o desinteresse de muitas editoras em manter um arquivo completo, principalmente devido aos custos envolvidos, e o completo esquecimento dessas primeiras edições devido ao número reduzido de cópias e do interesse do público em determinados períodos.

Curiosamente, identifiquei que os três períodos com maior escassez de capas

são as décadas de 1920 e 1930, bem como a década de 1970. Para as duas primeiras décadas, é plausível considerar que os meios de produção e divulgação eram mais limitados, e o esforço para preservar uma narrativa literária e editorial era relegado a espaços periféricos, especialmente para literaturas de menor apelo ao público. Já em relação à década de 1970, cheguei a algumas conclusões baseadas no contexto de apagamento sistemático de nossa cultura pelo governo militar da época. Essas conclusões levam em conta a falta de recursos e o desinteresse público em preservar a história do gênero, tanto durante quanto após o período militar, exceto por raros grupos, como observado nos suplementos literários e nos acervos literários pessoais.

Apesar da ausência de algumas narrativas, considero que o resultado desta pesquisa imagética foi extremamente enriquecedor. Encontrei obras que abrangem um amplo espectro temporal, desde *Ânsia Eterna* (1903), da renomada autora Júlia Lopes de Almeida, até o ano 2000, com trabalhos de autores como André Vianco, Moacyr Scliar, entre outros. É evidente que a pesquisa se tornou mais acessível à medida que me aproximava dos anos 2000, devido a vários fatores, como o advento da internet, a expansão dos acervos bibliográficos e o resgate de muitas narrativas por diferentes grupos de interesse. Além disso, é importante destacar que toda a pesquisa foi conduzida de forma remota, dado que a pesquisa *in loco* se tornaria inviável durante o período de produção desta tese.

Uma conclusão que surgiu durante o processo desta pesquisa foi a constatação de que autores que produziram apenas uma obra de teor fantástico, especialmente quando são mais conhecidos por outros gêneros, demandavam uma investigação mais aprofundada. Foi necessário recorrer a fontes menos convencionais, como sites de fãs e mecanismos de busca estrangeiros, sobretudo em inglês e espanhol. Curiosamente, esses recursos muitas vezes apresentavam textos que não havia encontrado nas minhas buscas em português. A conclusão a que cheguei para esse fato foi a de que muitos desses escritores passaram longos períodos de suas vidas fora do país, tendo republicado suas obras em seus países de exílio, criando uma sombra de seu arcabouço literário fora das editoras brasileiras.

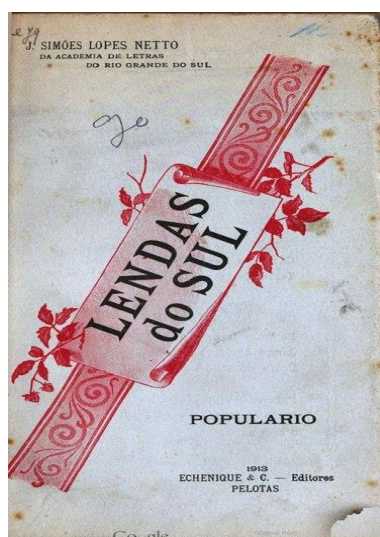
Outra observação que surgiu durante a pesquisa e a redação deste trabalho foi a distinção entre os escritores do fantástico brasileiro que tiveram impacto tanto no cenário nacional quanto internacional da literatura. Grandes nomes do nosso universo fantástico, como Rubens Francisco Lucchetti e José Cândido Carvalho, são bastante reconhecidos pelo público leitor nacional, mas gozam de pouco prestígio internacional.

Isso se reflete no processo de localização de algumas capas desses escritores. Por outro lado, outros autores, como Murilo Rubião e Moacyr Scliar, que possuem um reconhecimento internacional devido às suas influências não apenas na literatura, mas também na cultura, no jornalismo e no cenário editorial brasileiro, foram facilmente encontrados em materiais estrangeiros.

Dadas essas observações, tenho a intenção de apresentar algumas das capas que me impactaram como leitor e pesquisador do fantástico durante o trabalho de pesquisa, trazendo como referência os estudos semiológicos de Gerrard Genneth em *Paratextos Editoriais* (2009), e as bases da teoria da recepção de Hans Robert Jauss, com *O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis* (1979) e Wolfgang Iser, com *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético* (1996).

As capas que trago neste trabalho são significativas tanto pela importância das obras em si para a construção do fantástico no Brasil, quanto pela influência que exerceram nas relações sociais e históricas ao longo dos diversos períodos de publicação do gênero no país, criando um percurso histórico do insólito em nossa realidade como povo brasileiro.

Começo com a obra *Lendas do Sul* (1913), de Simões Lopes Netto, narrativa onde o escritor gaúcho compila diversas de nossas lendas populares em contos e crônicas, além de um conjunto de textos que flertam com um insólito ainda tentando se compreender brasileiro.

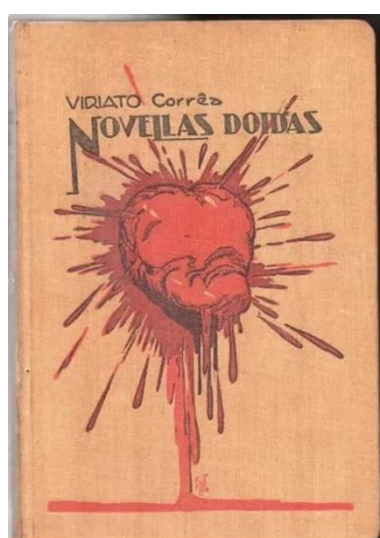


*Lendas do sul* - J. Simões Lopes Netto (1903)

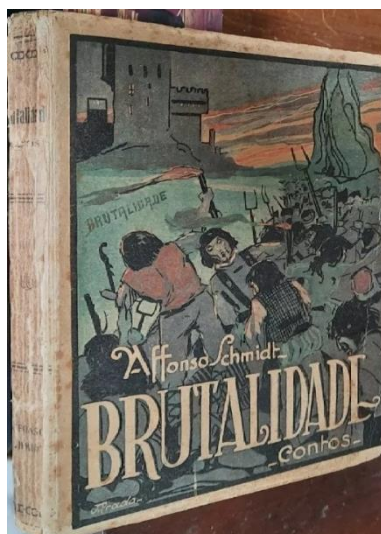
Nesse texto introdutório do fantástico brasileiro, noto a simplicidade da capa como um detalhe a ser destacado. A arte se concentra principalmente na parte central, deixando bastante espaço para os elementos textuais como o nome do autor, sua participação como membro da academia de letras do Rio Grande do Sul, detalhes da publicação, como editora e cidade, além de uma breve descrição do tipo de literatura apresentada. Isso sugere uma abordagem direta e sem adornos, talvez para enfatizar o conteúdo da obra, talvez para facilitar a percepção e recepção do leitor no contato visual com a obra.

Apesar de a imagem ocupar o centro da capa, seus elementos não têm tanta relevância quanto os elementos escritos. A imagem em si é bastante simples, retratando um laço e alguns ramos, com o título do texto no centro. Essa abordagem minimalista da imagem, com amplos espaços para informações textuais, era comum em muitos textos da época. Provavelmente, isso se deve à necessidade das editoras de comunicar de forma direta ao leitor quem era o autor e qual era o tema do livro que estava sendo adquirido.

Algumas obras do mesmo período se arriscavam com a exposição direta de cenas que poderiam perturbar o leitor durante sua observação, como é o caso de Viriato Corrêa, com *Novellas Doidas* (1921), e Affonso Schmidt, com *Brutalidade* (1922).



*Novellas doidas* - Viriato Corrêa (1921)



*Brutalidade - Affonso Schmidt (1922)*

A arte da capa do texto de Viriato Corrêa apresenta o nome do autor, o título da obra e uma imagem gráfica de um coração sangrando, aparentemente recém-retirado do corpo, pingando na base da capa. Publicada em 1921, em meio ao movimento modernista que influenciava grande parte do cenário artístico brasileiro, a abordagem visual direta dessa capa se destaca pelo uso do impacto para atrair a atenção e a curiosidade do leitor.

A segunda edição desse livro apresenta uma capa muda, sem nenhum texto ou imagem, apenas na lombada consta o nome do autor e o título da obra. Essa escolha de lançar uma segunda edição sem o impacto visual da arte original pode ter sido motivada pela recepção do público leitor da época, que possivelmente não se sentiu confortável com a natureza gráfica e impactante da arte original.



*Novellas doidas - Viriato Corrêa (1922)*

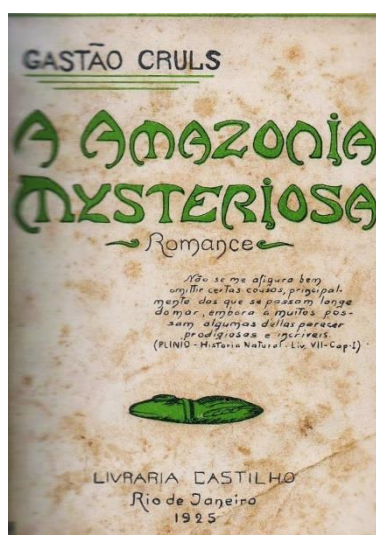
Já na capa de *Brutalidade* (1922), as informações textuais tradicionais, como o nome do autor, o título da obra, o gênero literário (contos) e o nome da editora, são apresentadas na base da capa, em caracteres que são reduzidos significativamente diante do impacto visual da imagem, que retrata um grupo de pessoas, possivelmente camponeses, segurando equipamentos agrícolas como armas de batalha, amontoados em uma espécie de trincheira que separa um rio de um castelo.

A clara divisão na cena da capa de Affonso Schmidt tenta deixar em aberto se os camponeses retratados estão em conflito entre si, já que alguns estão voltando da praia e estão surpresos com os outros, ou se estão se unindo em um motim para invadir o castelo ao fundo. O céu colorido, em tons pastosos escuros, deixa exposto um entardecer. As tochas nas mãos de alguns camponeses sugerem uma tentativa de invasão na surdina, dando ênfase mais para a união dos indivíduos do que para a luta entre eles. Embora as luzes acesas no andar inferior do castelo indiquem a presença de pessoas dentro do imóvel, a ausência de torres de vigia e de soldados nos arredores sugere um possível colapso do controle por parte dos moradores do castelo em relação aos camponeses.

A amplitude do texto imagético na capa de *Brutalidade* permite ao leitor imergir nas minúcias da imagem, contribuindo para uma concepção mais concreta do que as páginas do texto apresentam, desde que o texto siga a proposta do elemento imagético no texto literário, o que não é o caso em todas as oportunidades, em comparação com capas mais neutras ou subjetivas. Embora não esteja fazendo um julgamento de valor sobre essa escolha estética, é interessante observar como muitas

capas do fantástico apostam no impacto visual para atrair a atenção do leitor. Essa abordagem pode ser considerada arriscada, mas muitas vezes é recompensadora devido ao fascínio humano pelo prazer estético associado à violência.

Enquanto as capas de impacto visual são proeminentes e amplamente difundidas no contexto do fantástico brasileiro, outras formas de arte e linguagem paratextual também são notáveis. Entre elas, estão as capas com uma função poética, que buscam evocar atmosferas ou temas centrais do texto; as capas com elementos subjetivos, muitas vezes enganosos, que podem levar o leitor a interpretações errôneas do conteúdo do livro; as capas alegóricas, que possuem uma função conotativa e metalinguística, sugerindo significados mais profundos; e, por fim, as capas que desafiam convenções estabelecidas. Um exemplo notável é *A Amazônia misteriosa* (1925), de Gastão Cruls.



*A Amazônia Misteriosa – Gastão Cruls (1925)*

A capa da obra mais conhecida de Gastão Cruls apresenta um arranjo cuidadoso de informações dentro de um espaço limitado. No topo, destaca-se o nome do autor, enfatizado por três sublinhados para garantir o reconhecimento do leitor. Logo abaixo, o título do livro é exibido em uma fonte que evoca folhagens, enquanto o gênero literário é destacado entre duas representações estilizadas de cobras. Uma citação extensa de Plínio ocupa o espaço logo abaixo do gênero, enquanto uma imagem ambígua de um sapo à esquerda e um peixe à direita complementa os elementos visuais da capa. Por fim, na parte inferior, são apresentados os detalhes da editora, cidade de publicação e ano.

A característica artesanal da capa, evidenciada pela aparência de desenhos feitos à mão, confere um aspecto rústico à arte. Os elementos que compõem esse texto imagético de Gastão Cruls estabelecem um diálogo significativo com a evolução do nosso fantástico, considerando os processos de recepção e adaptabilidade que o gênero experimentou ao longo do século XX para conquistar reconhecimento tanto da crítica quanto do público leitor.

O enredo de *A Amazônia misteriosa* descreve a arriscada jornada de Seu Doutor e seus dois companheiros, Piauí e Pacatuba, pelas densas florestas amazônicas. Durante essa aventura, um dos membros do grupo desaparece misteriosamente, enquanto os outros dois são capturados por indígenas e levados até sua tribo. Lá, encontram um casal de estrangeiros que está conduzindo experimentos na região. Ao longo da narrativa, há um clima de suspense em relação ao destino dos sobreviventes e ao paradeiro do personagem desaparecido, em meio a uma trama repleta de elementos insólitos e referências às culturas dos povos originários.

A obra de Gastão Cruls, combinando narrativa escrita e arte conceitual, representa um exemplo singular dos desafios enfrentados pelo fantástico para conquistar espaço nas prateleiras das livrarias e no interesse das editoras. Isso cria um elemento que os leitores podem achar estranho, mas ao mesmo tempo desperta uma aproximação com o diferente e desafiador universo do fantástico. Essa junção entre texto e imagem contribui para a construção de uma atmosfera capaz de envolver os leitores em uma experiência literária única.



*Fantoques* – Érico Veríssimo (1932)

Érico Veríssimo publica *Fantoches* (1932), e concentra a atenção do leitor nos fantoches de um Pierrot e de uma bailarina em movimento de dança, em contraste com o título do texto alinhado verticalmente da parte superior à inferior da capa, em letras que lembram recortes de revistas, destaca a estética lúdica e ao mesmo tempo sugere uma reflexão sobre manipulação e controle. O nome do escritor em destaque no topo e a indicação da edição no rodapé da imagem acrescentam elementos que situam o leitor e reforçam a identidade da obra.

Nesse livro de contos, Érico Veríssimo, ainda em sua juventude, apresenta uma obra que explora uma variedade de temas, desde textos bíblicos e histórias de fantasmas até narrativas sobre escritores que retornam do além para interferir na vida de seus rivais literários. Um dos contos destaca-se ao retratar personagens que insurgem contra o próprio autor devido à insatisfação com o desenvolvimento da trama, revelando um intrigante exercício de autocrítica literária.

A capa do livro emula a representação de diversos medos presentes nos contos que compõem a obra, seja pela simbologia da dança controlada dos fantoches, seja pela disposição das letras que parecem transpor as páginas planas do romance. A confusão visual das letras, provavelmente deliberada pelo artista, dialoga com a diversidade e a falta de conexão entre as temáticas dos contos, criando um ambiente onde o fantástico se instala com maestria.

Os pesquisadores Ednelson João Ramos e Silva Júnior (2020), em sua dissertação de mestrado sobre a coletânea de contos de Veríssimo, concordam com esse caráter aparentemente desconexo entre os contos, mas apontam que a diversidade de temas nas narrativas, embora possa parecer um emaranhado de textos aparentemente desconexos, revela um escritor consciente da realidade de seu país e engajado nas discussões tanto artísticas quanto sociais da época.

embora o autor alegue na abertura da referida obra que o livro não tem unidade, compondo-se de um punhado de histórias muito distintas entre si, como o espetáculo da vida, em todas as narrativas se movem personagens que abrem espaço para a infiltração de aspectos, digamos, inusuais, ora tendendo à farsa, ora flertando com certo tom confessional em que o escritor se monta como elemento diegético. (Silva Junior, 2020, p.14)

Érico Veríssimo se tornou uma das peças centrais da pluralidade do fantástico nacional durante o século XX, criando várias peças narrativas que falariam diretamente com a realidade do país a partir da literatura. Logo, quebrando um pouco

a cronologia que venho usando até aqui, avanço para a década de 1970 para trabalhar um pouco com o romance mais reconhecido e talvez o mais importante, em uma perspectiva editorial e de vendas, do fantástico brasileiro, *Incidente em Antares* (1971).

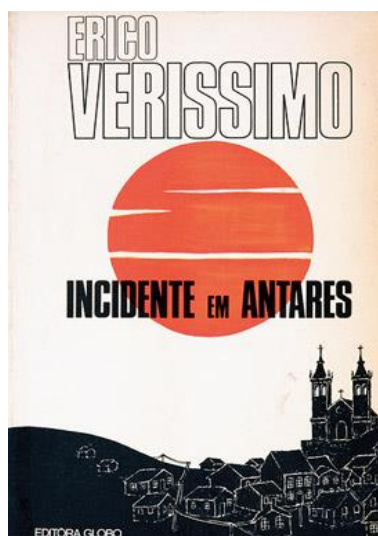
Na trama, somos introduzidos à cidade de Antares, onde duas famílias rivais, os Vacariano e os Campolargo, travam uma intensa disputa pelo poder em diferentes esferas. O enredo se divide em duas partes distintas: na primeira, conhecemos os personagens e as disputas políticas locais; na segunda, uma greve generalizada dos operários das indústrias começa obtendo apoio de diversas áreas, inclusive dos funcionários do cemitério de Antares. Esse evento, conhecido como o "Incidente", marca o início de uma reviravolta fantástica na trama.

O "Incidente" refere-se ao fenômeno fantástico que ocorre em Antares, no qual os cidadãos são impossibilitados de morrer. Isso desencadeia um conflito sociológico sobre como lidar com os corpos que, mesmo após a morte, continuam participando da sociedade, conversando e interagindo. Pior ainda, sete desses mortos, representantes de diversas classes sociais da cidade, agora livres das restrições sociais, expõem todas as injustiças que enfrentaram em vida, especialmente aqueles das classes menos privilegiadas. A narrativa mergulha no âmago individual, revelando segredos e explorando o colapso social que ocorre quando as barreiras sociais são removidas.

O elemento fantástico nesta narrativa é apresentado de forma inequívoca, sem espaço para dúvidas. A presença dos mortos é incontestável, e a população rapidamente deixa de se surpreender com o aspecto sobrenatural quando os mortos começam a desestabilizar suas vidas, expondo segredos e desafiando as normas sociais estabelecidas. O fantástico, então, assume um papel secundário diante dos problemas reais que emergem, revelando que as questões cotidianas são mais urgentes do que a presença dos mortos.

Além disso, a obra funciona como uma crítica ao governo militar brasileiro, utilizando a alegoria dos mortos para ilustrar o terror vivenciado pela população durante esse período. Ela retrata o medo dos poderosos e os segredos sombrios que permeiam todas as camadas sociais, muitos dos quais não podiam ser discutidos abertamente sob risco de retaliação. No entanto, a presença dos mortos desafia essa dinâmica ao eliminar a possibilidade de punição, expondo as injustiças e os abusos de poder de forma inescapável.

A capa desse livro é bastante intrigante, pois retrata uma cidade que remonta aos tempos coloniais, com a igreja dominando o centro da paisagem. À medida que nos afastamos desse ponto focal, o número de construções diminui, sugerindo uma hierarquia social baseada na proximidade com a igreja. O sol vermelho, em contraste com o cenário, carrega um simbolismo forte, podendo representar um presságio de cataclismo, uma punição divina iminente ou o momento em que a narrativa introduz o elemento fantástico que desencadeará os eventos do livro.



*Incidente em Antares – Érico Veríssimo (1971)*

A capa do livro destaca-se pela disposição dos elementos, com o nome do autor em destaque no topo, seguido pelo título em cores que ecoam as tonalidades da cidade representada abaixo. O cercado que divide a cidade em duas partes é realçado, simbolizando a divisão social entre seus habitantes. Embora a cor da cidade seja a mesma dos dois lados do cercado, a representação dos habitantes difere, refletindo suas posses e poderes. Esta divisão evidencia uma sociedade igualitária apenas na aparência, como os mortos revelam ao longo da narrativa.

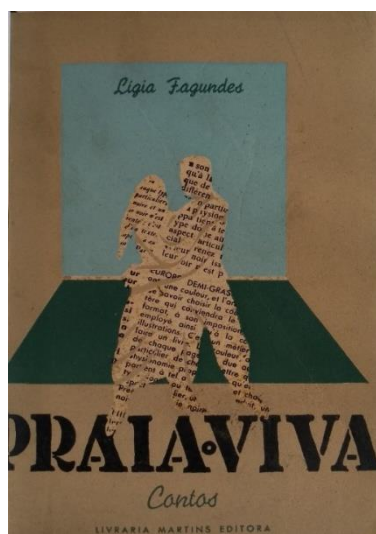
Érico Veríssimo se tornou reconhecido graças à sua habilidade em concentrar em suas obras os problemas de uma sociedade que enfrentava as mudanças da modernidade, a partir de textos que brincam com o processo de escrita e o processo de recepção, mecanismo esse importante para compreendermos o lugar do fantástico nesse século XX, assim como a importância dessas capas para a aproximação do leitor com o insólito e o estranho.

Voltando à primeira metade do século XX, mais precisamente na década de

1940, gostaria de destacar a capa de duas narrativas: *Praia Viva* (1943), de Lygia Fagundes Telles, e *O homem rouco* (1948), de Rubem Braga, a fim de pontuar a passagem dos textos imagéticos mais textuais para as artes mais conceituais.

Lygia Fagundes Telles apresenta, em sua obra, um conjunto de contos que abordam uma variedade de temas, incluindo o amadurecimento, a raiva e os relacionamentos familiares. No centro de suas narrativas, encontram-se personagens complexos que enfrentam situações emocionais intensas e desafiadoras. A autora não hesita em explorar cenas impactantes, como o infanticídio de um irmão invejoso por seu par não ter deficiência física como ele, retratado no conto *Além da Estrada Larga*.

A capa dessa coletânea retrata um homem e uma mulher abraçados, possivelmente em uma dança, cujos corpos são compostos por folhas de jornal ou livro, embora não seja possível determinar com certeza. O texto impresso nos corpos está em francês, o que pode sugerir uma associação com o romance romântico, dada a conotação habitual da língua francesa nesse contexto. Vejamos a imagem:



*Praia Viva – Lygia Fagundes Telles  
(1943)*

A cena de dança parece se desenrolar em um cenário que lembra um palco teatral, de onde o casal emerge, como se estivessem saindo das páginas do texto, alcançando até mesmo o título do livro. Esse efeito tridimensional é recorrente nas capas. O nome da autora é destacado no topo da página, enquanto a editora é mencionada no rodapé, seguindo a disposição usual desses elementos.

Essa transição dos semblantes humanos do espaço colorido para a área externa em tons de marrom pode representar um rompimento simbólico do texto da

autora para o mundo. Enquanto o nome de Lygia Fagundes está no espaço azul interno, os personagens se fundem ao marrom externo, sugerindo uma conexão entre o universo ficcional criado pela autora e a realidade externa. Interpreto essa transição como uma representação visual da interação entre a obra e o mundo além das páginas do livro.

*O homem rouco* (1948) é um conjunto de crônicas do jornalista e escritor capixaba Rubem Braga, onde o autor explora cenários que resumem sua vida cotidiana. Boa parte das crônicas trata de sua experiência profissional como jornalista e cronista, enquanto outra parte considerável do livro trata dos animais que ele tanto amou. *Lembrança de um braço direito* é o conto mais próximo do fantástico ao criar uma dúvida quanto aos eventos, contudo, o que gostaria de destacar nessa obra é sua capa e seu efeito de hesitação.



*O homem rouco – Rubem Braga (1948)*

A arte da capa é uma brincadeira do artista com o processo de escrita do texto. Temos um homem sentado, com sua máquina de escrever preparada, um copo com algum líquido, presumidamente café, e uma cortina simples no fundo. A imagem toma conta do centro da cena, enquanto o autor, o título e o gênero do texto ficam no topo da página. Separada por uma linha vermelha, que também faz todo o contorno da capa, está a editora José Olympio.

O que me chama a atenção nessa capa é a fortuna de detalhes que o artista e a editora imprimem nessa arte. Por exemplo, há uma folha na mão esquerda do escritor, o que implica que ele está no processo de escrita, passando de uma página

a outra, o copo está vazio, dando a entender que ele já estava ali há um tempo considerável, a folha que está na máquina já está no final, a cadeira onde ele está sentado tem marcas do tempo, há uma gaveta no colo do escritor e a cortina, apesar do desenho parece um esboço, tem detalhes, o que demonstra uma preocupação do processo artístico com a realidade.

Há um objeto em especial que me chamou a atenção e me levou a escolher esse texto, o frasco logo acima do copo e o olhar do personagem em direção a ele. O frasco pode ter qualquer coisa, um tônico, tinta para a máquina de escrever, ou até mesmo uma bebida alcoólica, mas, levando em consideração os textos desse livro, acredito que se trate de uma poção mágica, um elemento fantástico que ajuda o escritor a falar sobre seu entorno de forma insólita, uma passagem, um objeto mediador entre a realidade e a ficção da escrita.

Voltando a Lygia Fagundes Telles, nos contos *Estrela Branca* e *Madrugada Grotasca*, ambos publicados originalmente na coletânea *O Cacto Vermelho* (1949), podemos observar as influências do gótico europeu na obra da autora, conforme apontado pela pesquisadora Ligia Carolina Franciscati da Silva Massoli (2018):

Nos contos fantásticos de Lygia é perceptível a influência de procedimentos utilizados no Romantismo e no romance gótico, como narradores em primeira pessoa, presente em ambientes lúgubres e fechados, por exemplo. A própria autora em entrevista aos Cadernos de Literatura Brasileira (1998, p.30-31) declara ter lido Edgar Allan Poe, Franz Kafka, William Faulkner, Oscar Wilde, Jorge Luís Borges, Henry James e Machado de Assis; e diz acreditar que a leitura de autores brasileiros inclinados para as histórias fantásticas foi indispensável na construção do clima de terror em suas narrativas. (Massoli, 2018, p.41-42)

A influência desses escritores é essencial nessa coletânea, evidenciada pela sensação de estranhamento, pelos ambientes obscuros, e pelas narrativas que descrevem elementos suprarreais, refletindo a força da inserção do fantástico nas narrativas nacionais. Todos esses elementos culminam em uma capa que dialoga com o imaginário referencial gótico do leitor, ampliando ainda mais a atmosfera sombria desses contos.

Observamos um rosto masculino, com olhar hipnotizado, olhos esbugalhados, barba por fazer e boca entreaberta, como se estivesse imerso por um longo período, fixado em algo que não quer deixar escapar. Atrás desse rosto, duas formas geométricas se sobrepõem em um fundo negro, criando a impressão de que o rosto humano à frente está encarando a escuridão absoluta.



O Cacto Vermelho (1949), de Lygia Fagundes Telles.

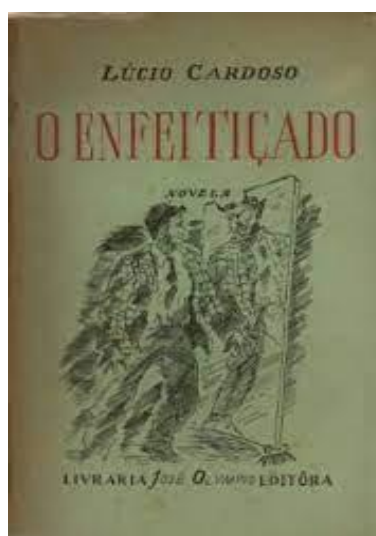
O único elemento textual presente na capa é o título, apresentando uma combinação de rascunho na parte superior, onde se destaca "O Cacto", e uma fonte padrão na parte inferior com a palavra "Vermelho". Diferentemente de outros exemplos, nesta capa não constam o nome da escritora nem da editora, no entanto, essa escolha editorial, possivelmente, se deu a fim de criar um foco completo no impacto visual da capa, já que Lygia já detinha considerável fama nesse período.

O homem retratado na capa alude a um dos personagens do conto "A Estrela Branca", um jovem que contempla o suicídio após ser acometido por uma cegueira súbita. No entanto, é persuadido por um médico a submeter-se a uma cirurgia experimental, prometendo recuperar a visão. Durante o procedimento, o jovem descobre que os olhos pertenciam a um moribundo sem-teto. Após recuperar a visão, ele percebe que não consegue controlar seus olhos, que se recusam a contemplar a estrela branca do título. Consumido pela angústia, tenta novamente o suicídio, mas os olhos, em um ato de senciência inexplicável, percebem o perigo iminente e lhe devolvem o controle da visão, salvando-o do destino trágico.

Nesse conto específico, Lygia explora os temas da possessão e da busca pela sobrevivência a qualquer custo, mesmo que isso envolva a apropriação do corpo de

outra pessoa. Por outro lado, o conto "Madrugada Grotesca" é uma homenagem a Edgar Allan Poe, utilizando uma estética semelhante aos contos de assassinato e violência característicos do autor norte-americano.

A partir da década de 1950, muitas obras do fantástico começam a ganhar a atenção das grandes editoras, o que proporciona um espaço ainda mais interessante para explorarmos os textos imagéticos dessas narrativas. Gostaria de começar essa exploração na segunda metade do século XX, com a obra *O enfeitado* (1954), de Lúcio Cardoso.



*O enfeitado* - Lúcio Cardoso (1954)

A disposição dos elementos textuais na capa de *O enfeitado* segue os padrões comuns da época, com o nome do autor, título do livro e gênero literário posicionados no topo, enquanto a editora é apresentada na base da capa. No entanto, o que distingue esta arte de capa das demais é o domínio do espaço pelo elemento imagético, criando um impacto visual poderoso no leitor.

A imagem é de um homem olhando seu reflexo em um espelho quebrado, o fundo de riscos demonstra passagem de tempo, parece que o homem está andando depressa pelas ruas e se depara com esse simulacro comum e se espanta ao se ver diferente no reflexo. As roupas do homem são mais escuras que seu reflexo, sua aparência é mais jovial, o entorno parece mais vivo, enquanto o reflexo parece uma redução de tudo o que é real, contrastando com a sensação de redução e distorção que o espelho quebrado transmite.

Certamente, a imagem evoca várias interpretações simbólicas. A passagem do

tempo e a ruptura das certezas são sugeridas pela presença do espelho quebrado. Ele pode representar uma reflexão sobre a própria identidade e as transformações ao longo da vida. Além disso, a diferença entre a aparência do homem e seu reflexo pode indicar um conflito interno, talvez relacionado aos seus desejos, aspirações ou até mesmo arrependimentos. A dualidade entre a imagem real e o reflexo distorcido pode também sugerir a busca por uma versão idealizada de si mesmo, que contrasta com a realidade imperfeita.

Com certeza, o tema do reflexo é recorrente no gênero do fantástico, desempenhando diversas funções narrativas e simbólicas. Além de ser um dispositivo utilizado para criar situações insólitas e desconcertantes, o reflexo muitas vezes atua como uma metáfora para a exploração da identidade, da dualidade e dos conflitos psicológicos dos personagens. Ao desafiar as expectativas do leitor e provocar um senso de estranheza, o uso do reflexo contribui para a construção de uma atmosfera enigmática e perturbadora, característica marcante do fantástico.

Entrando já no período vizinho à ditadura militar (na verdade, essa obra é publicada no ano que o regime entra no poder), gostaria de trazer o texto de José Cândido de Carvalho, *O coronel e o lobisomem* (1964). A abordagem de José Cândido de Carvalho representa uma tentativa ousada de mesclar elementos do regionalismo com elementos fantásticos, um empreendimento que contribui significativamente para a evolução do fantástico no Brasil. Ao explorar as tradições culturais e folclóricas do país, Carvalho cria uma narrativa que transcende os limites da realidade convencional, introduzindo elementos sobrenaturais que coexistem com o cotidiano do cenário regional.

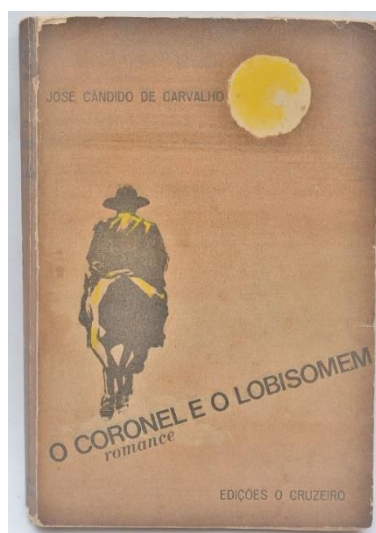
A narrativa gira em torno da trajetória de Ponciano Furtado, um coronel que se autoproclama herdeiro das lendárias façanhas de seu avô, Simeão Furtado. Por meio de aventuras contadas em primeira pessoa, Ponciano busca incessantemente igualar-se ao prestígio de seu antepassado, porém, suas tentativas são marcadas por fracassos e exageros, o que o torna um narrador pouco confiável aos olhos do leitor.

Entre as histórias extravagantes protagonizadas por Ponciano, destacam-se sua suposta batalha contra um lobisomem, suas conquistas românticas de sereias e seu papel de destaque na sociedade, que se revela frágil e ilusório quando ele troca a vida rural pela vida na cidade. Essas narrativas são repletas de elementos fantásticos e folclóricos, proporcionando ao leitor uma experiência que mescla o fantástico com as nuances do regionalismo brasileiro.

A presença de elementos insólitos em *O Coronel e o Lobisomem* é sutil, mas significativa, adicionando uma camada de humor à narrativa, principalmente através das exageradas aventuras do protagonista. Mesmo que esses momentos fantásticos sejam pontuais, como a mencionada luta com o lobisomem, eles contribuem para o caráter insólito da obra.

A imagem narrativa do lobisomem também carrega uma carga simbólica, representando a dualidade do protagonista. Enquanto na realidade ele é apenas um homem comum, nas histórias que conta, ele se transforma em uma figura imponente e selvagem, refletindo suas fantasias e desejos mais profundos. Essa dualidade entre a persona pública e privada do coronel adiciona complexidade à sua caracterização e enriquece o enredo da obra.

A arte da capa reflete de forma vívida a megalomania do personagem principal. A imagem apresenta um homem montado em um cavalo, que parece estar flutuando sobre as nuvens em direção ao horizonte. O sol escaldante, possivelmente evocando o calor característico da região nordeste, brilha intensamente, como se fosse o destino final do protagonista ou, pelo menos, o destino que ele imagina ser seu por direito. Essa representação visual enfatiza a grandiosidade das ambições do coronel e a extravagância de suas fantasias, criando uma atmosfera de sonho e exagero que permeia toda a narrativa.



O coronel e o lobisomem – José Cândido de Carvalho (1964)

Em *O Coronel e o Lobisomem*, José Cândido de Carvalho apresenta a figura do homem que vive à sombra de um passado que não lhe pertence, um personagem

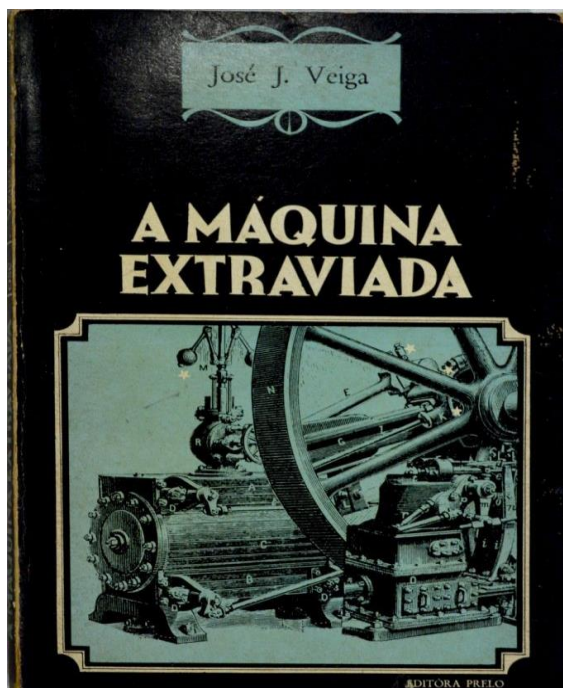
que se apega às glórias de seus antepassados para construir uma falsa identidade. Este homem é retratado como um farsante, incapaz de alcançar por mérito próprio o status que busca. Ele representa uma crítica à sociedade burguesa, onde muitos indivíduos herdaram privilégios e riquezas sem terem conquistado nada por si mesmos. Essa reflexão sobre a falsa grandiosidade construída sobre a base da herança e da ilusão é um tema central na obra.

Já no contexto do regime militar brasileiro, trago a capa da obra "A Máquina Extraviada" (1968), de José J. Veiga. O texto nos introduz à chegada inexplicável de uma imensa máquina em uma pequena cidade do interior. Sua presença desencadeia conflitos e desavenças entre os habitantes, transformando a pacata localidade em um cenário de confronto civil.

Diferentemente de outras obras de José J. Veiga que abordam criticamente o regime militar brasileiro, como *A Hora dos Ruminantes* (1966) e *Sombras de Reis Barbudos* (1973), em *A Máquina Extraviada*, o autor opta por narrar os eventos relacionados ao avanço da tecnologia nas cidades menos urbanizadas do Brasil da época. Esses avanços provocam uma ruptura nos costumes e no modo de vida dos habitantes locais. Apesar da máquina estar inoperante, sua presença estratégica em frente à prefeitura e à igreja faz com que todos os acontecimentos na cidade, inclusive supostos milagres, sejam atribuídos ao seu efeito fantástico.

O narrador aproveita o contexto gerado pelo efeito dessa máquina para explorar os conflitos surgidos em torno do objeto, bem como o impacto da tecnologia na vida dos habitantes. Esse impacto nem sempre é positivo, trazendo mudanças que não necessariamente beneficiam a população local e abalando crenças religiosas ao explicar antigos milagres à luz da ciência.

A quebra do obscurantismo científico torna-se um elemento indissociável nessa narrativa, imprimindo um caráter de ruptura dogmática, em que a hesitação fantástica é substituída pela curiosidade dos personagens e o suspense cede lugar à aceitação inquestionável do novo. Todos esses aspectos constroem a imagem de um país em meio a mudanças abruptas, que muitas vezes não permitiam tempo para que o indivíduo se adapte, atropelando qualquer forma de resistência.



A Máquina Extraviada (1968), de José J. Veiga

A capa apresenta um fundo preto com o título em destaque, o nome do escritor adornado no topo e o nome da editora em tamanho reduzido no canto inferior direito. O foco principal é uma imagem de uma máquina industrial, uma fusão de peças que lembra vagamente um trem a vapor.

A confusão visual da imagem parece ser intencional, mesclando componentes de maquinaria industrial com um formato que evoca o trem a vapor, uma tecnologia em transição na época. O período em questão foi marcado pelo fortalecimento da industrialização no Brasil, impulsionada pelo significativo investimento governamental, resultando em um aumento significativo de empregos nas áreas urbanas e um êxodo ainda maior das áreas rurais e semirurais do país.

Diante dessas mudanças culturais e econômicas, a narrativa de José J. Veiga apresenta o estranho como mais um desafio enfrentado pela população, não como um elemento isolado. Sua obra marca uma transição que é simultaneamente social, política, econômica e religiosa, pois rompe a hesitação quando o indivíduo é confrontado com a realidade.

Entramos em definitivo no período da ditadura militar, e a primeira capa que gostaria de trazer é *O fruto do vosso ventre* (1976), de Humberto Sales, distopia com diversos paralelos com os textos evangélicos e bastante influenciado pelas obras de Aldous Huxley e George Orwell. No texto, somos apresentados a uma sociedade

tecnocrática onde a ideia de Deus é abolida e os métodos contraceptivos são forçosamente inseridos nas pessoas. Com um forte tom alarmista, a obra de Humberto Sales não teve grande repercussão no Brasil, apesar das diversas traduções e republicações em outros países.

Ao analisar a capa de *O Fruto do Vosso Ventre*, percebo como ela captura de forma impressionante a essência distópica e alarmante da obra de Humberto Sales. Analisando-a, sou confrontado com uma representação visual do controle humano, pelo indivíduo no centro da imagem, e do controle histórico, simbolizado pelo livro. Elementos que evocam esse controle são proeminentes, possivelmente sugerindo a manipulação das pessoas pelo estado opressor. As escolhas de cores e formas contribuem para transmitir a sensação de alienação e opressão que permeia a narrativa. Essa capa não apenas atrai a atenção do leitor, mas também prepara o terreno para a experiência literária intensa que aguarda dentro do livro.



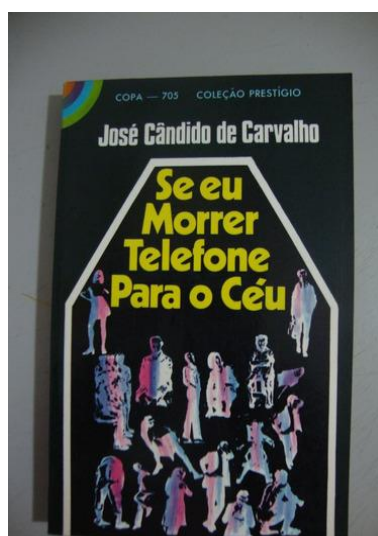
O fruto do vosso ventre - Humberto Sales (1976)

A descrição da capa revela sua riqueza simbólica e sua habilidade em transmitir os temas centrais da narrativa. Ao destacar o homem que lembra o homem vitruviano de Leonardo Da Vinci no centro da arte, a capa evoca a ideia de proporção e equilíbrio, ao mesmo tempo que sugere uma reflexão sobre a condição humana. O Sol poente no fundo, desprovido de estrelas, sugere um contexto sombrio e melancólico, enquanto o recém-nascido sendo apresentado a um livro (possivelmente não é uma bíblia devido ao contexto da obra) indica uma ruptura com a tradição religiosa. A dualidade representada pela cidade urbana e o dia ensolarado na parte inferior da

capa reforça a complexidade temática da obra, que aborda questões profundas sobre fé, conhecimento e sociedade. Essa capa promete uma leitura envolvente e provocativa, convidando o leitor a explorar os contrastes e as contradições presentes na narrativa.

Em *Se eu morrer telefone para o céu* (1979), José Cândido de Carvalho apresenta uma seleção de contos breves centrados em personagens que representam o cotidiano da vida urbana, como o advogado, o farmacêutico, o juiz e o carteiro. Esses contos são permeados por uma parcela de humor e caracterizados por um vocabulário que exemplifica a riqueza linguística brasileira.

A capa desse livro é uma parte singular da obra devido à abundância de detalhes que apresenta, desde o arranjo das imagens até a peculiaridade de algumas delas, criando uma atmosfera inorgânica que desafia o leitor a compreender plenamente o texto visual.



Se eu morrer telefone para o céu - José Cândido de Carvalho (1979)

No topo da capa, são apresentados os dados referenciais da obra, o nome do autor e a coleção onde é publicada, identificada como uma seleção de obras com o selo COPA – 705. Um arco-íris no canto superior esquerdo revela a marca da editora EDIOURO, enquanto o restante da capa é uma composição rica em elementos insólitos.

Um formato geométrico que contorna o centro do texto representa um caixão, em diálogo com o título da obra destacado em amarelo, ocupando o espaço onde a cabeça de um cadáver estaria no ataúde. Abaixo, surgem elementos que mesclam o

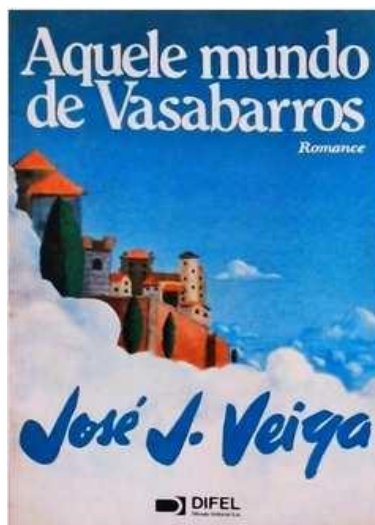
comum e o estranho, ou insólito. Diversas profissões são representadas, como uma prostituta no canto superior esquerdo, um homem de negócios no canto superior direito, quatro representações do mesmo homem vestido com um terno aberto, uma mulher de costas segurando algo e outro homem agachado no canto inferior direito.

Essas imagens refletem as representações encontradas nos contos, retratando figuras do homem comum. Destaco a presença de imagens insólitas e incompletas, como partes do corpo representadas apenas pela metade e a multiplicação da imagem de um corpo na lateral esquerda.

O que me chama atenção nessa capa é a intencionalidade de provocar confusão na observação da imagem, especialmente após a leitura do texto escrito. Desde o primeiro contato, o leitor é confrontado com uma confusão cuidadosamente elaborada pelo escritor e pelos editores, destacando que está prestes a adentrar em um texto que mescla realidade e ficção, um texto exemplo de nosso fantástico do período.

Outra obra que representa intensamente o período histórico pelo qual o Brasil passava é *Aquele mundo de vasabarro* (1982), de José J. Veiga. A narrativa apresenta uma cidade que, apesar de suas características contemporâneas, é governada por figuras autoritárias como Simpatia e Simpateca, cujo poder é mantido por conselheiros e uma guarda de repressão. Essa estrutura de controle é questionada à medida que os filhos dos governantes confrontam a desigualdade social flagrante entre a maioria empobrecida e a minoria privilegiada. Esse conflito inicial estabelece o cenário para o desenvolvimento da trama. A obra de Veiga surge em um contexto de encerramento da Ditadura, apresentando personagens que servem como veículo para críticas diretas aos quase vinte anos de regime. A narrativa assume uma dimensão singular na história literária desse período, quase como um ato de purgação para o autor.

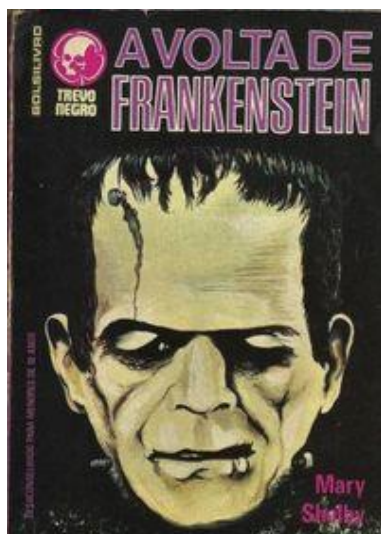
A capa de *Aquele Mundo de Vasabarro* adota uma abordagem mais onírica. Nela, vemos uma cidade com um estilo medieval europeu suspensa sobre as nuvens, cercada por muros que parecem redundantes, já que só é possível acessá-la voando. Ao longe, a terra é visível, sugerindo que os habitantes dessa cidade estão acima de todos. O título no topo e a identificação como romance são escolhas interessantes do ponto de vista editorial. O nome do autor é destacado, em uma fonte diferente das demais, dentro das nuvens, evidenciando a importância do autor para a comercialização da obra.



Aquele mundo de Vasabarro –  
José J. Veiga (1982)

As capas das obras de Rubens Francisco Lucchetti são fortemente inspiradas no estilo das Penny Dreadfuls inglesas e estadunidenses dos séculos XIX e XX. Elas apresentam elementos cartunescos e imagens diretas do fantástico europeu, como vampiros, lobisomens, muito sangue e certa dose de nudez feminina. O autor ganhou destaque por sua habilidade em criar capas que causam um impacto visual imediato e que capturam a essência de suas histórias de terror e fantasia.

A fortuna literária de Lucchetti é baseada na quantidade e na repetição dos clichês, visando manter um público cativo de leitores que esperam certos elementos em suas obras. Tanto no aspecto visual quanto no estético, suas histórias seguem uma fórmula previsível. As capas de seus textos seguem um padrão comum, geralmente apresentando um monstro ou uma situação desesperadora para os personagens, buscando atrair o público com um apelo visceral, exemplos são *A volta de Frankenstein* (1975) e *Os vampiros não fazem sexo* (1975).



A volta de Frankenstein – Rubens Francisco Lucchetti (1975)



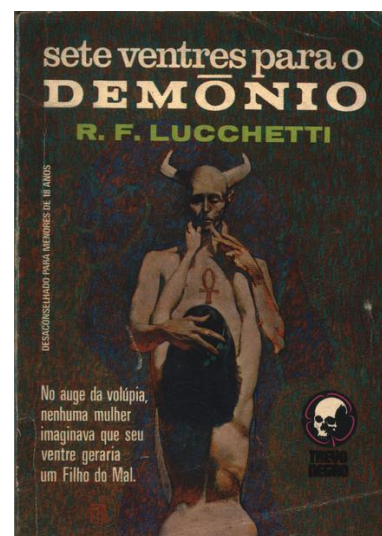
Os vampiros não fazem sexo – Rubens Francisco Lucchetti (1975)

Os dois monstros que aparecem nas capas são facilmente identificáveis pelo leitor, o monstro do doutor Frankenstein é parte central e ampla do primeiro exemplo, com o selo da editora em destaque na parte superior esquerda, enquanto o nome do autor é uma brincadeira de Lucchetti com o da autora original Mary Shelley. O segundo exemplo traz o vampiro mais famoso da cultura mitológica ocidental, o Drácula, assim como outra brincadeira de Lucchetti com o nome do autor original, Bram Stoker, na parte inferior direita. Há também, no segundo exemplo, um forte apelo à atmosfera sombria, com a casa no fundo e a névoa que obscurece o ambiente, além do apelo sexual da personagem feminina com um decote à mostra.

Outra característica interessante é que as capas das obras de Lucchetti muitas vezes apresentam uma quantidade significativa de texto, refletindo a influência das editoras que se especializavam em quadrinhos e literatura com forte apelo visual. Essa abordagem visava atrair os leitores com informações diretas e intrigantes sobre o conteúdo das histórias, além de reforçar a atmosfera de suspense e aventura típica de suas narrativas, como é o caso de *A lua do lobisomem* (1974) e *Sete ventres para o demônio* (1974).



A lua do lobisOMEM – Rubens Francisco Lucchetti (1974)



Sete ventres para o demônio – Rubens Francisco Lucchetti (1974)

Observo que o texto presente na capa já desempenha o papel de um resumo da obra, sugerindo uma intenção de informar o leitor sobre o que esperar ao adquiri-la. Nas obras de Lucchetti, percebo uma zona de conforto para os leitores, que conhecem antecipadamente o tipo de experiência que terão antes mesmo de começarem o processo de leitura. Essa característica é intrigante ao considerarmos um gênero que tem como propósito falar sobre a realidade por meio do insólito.

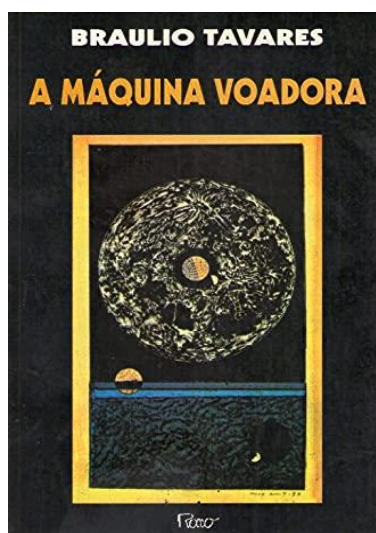
Uma característica adicional de Lucchetti que merece destaque é seu uso frequente de pseudônimos, muitos dos quais femininos, como Cristine Grey e Mary Shelby. Essa prática tinha como objetivo expandir seu público leitor, que na época era majoritariamente masculino. Os nomes estrangeiros escolhidos também são dignos de nota, acrescentando um apelo internacional às suas obras. Esses pseudônimos eram particularmente eficazes em atrair leitores interessados em obras que exploravam medos e ansiedades femininas, refletindo as decisões editoriais e literárias de Lucchetti.

Finalizo essa exposição de algumas capas do nosso fantástico com o texto de Bráulio Tavares *A Máquina Voadora* (1994). Nesse texto o autor transporta o leitor para um passado fictício na cidade de Campinoígrandes, uma clara alegoria de sua cidade natal, Campina Grande, na Paraíba, em algum momento dos séculos XIII e XIV. A trama narra a história de homens simples que se deparam com pergaminhos misteriosos, aparentemente vindos do futuro, artefatos capazes de revelar aspectos

fundamentais como a natureza de Deus e a estrutura do universo.

Toda a narrativa é permeada por um tom de mistério, onde o elemento fantástico atua como um mediador entre os artefatos que revelam aos personagens uma possível verdade inacessível para sua época e uma sociedade que já convive com essas verdades no futuro. O texto é sucinto e direto, deixando pouca margem para que o leitor escape da constante dúvida e dos questionamentos que a narrativa suscita.

A capa é impressionante, desde sua estética desconfortável até a escolha dos espaços e dos objetos que evocam a dúvida. Assim como o texto escrito, a imagética da capa é um conglomerado de medos, principalmente o medo do absoluto vazio do universo e da obsolescência humana diante do todo.



A máquina voadora – Bráulio Tavares (1994)

Numa análise preliminar, percebo a representação de dois planetas e dois satélites, denotando as duas linhas temporais exploradas na narrativa. O planeta na base da capa, com sua linha do horizonte proeminente, parece ser o maior deles. O outro planeta distante, de tonalidade cinza e marcado por crateras, possivelmente representa o futuro concebido pelos personagens com base nos pergaminhos.

O sentimento de solidão e obsolescência é palpável, evidenciado pela ausência de qualquer figura humana na imagem. A composição da capa foi meticulosamente planejada para transmitir a ideia da pequenez e invisibilidade do ser humano diante do vasto universo. O planeta cinzento, em processo de fragmentação, com espaços faltando e um dos satélites aparentemente em rota de colisão com ele, reforça essa

sensação de insignificância e vulnerabilidade.

Bráulio Tavares diverge do estilo do fantástico alegórico, aproximando-se da realidade contemporânea. Em sua obra, ele estende sua crítica ao futuro, abordando problemas existentes que se intensificarão nas décadas e séculos seguintes. Sua escrita é uma reflexão sobre a destruição iminente e o inevitável fim da humanidade diante da implacável passagem do tempo.

Esse é apenas um recorte das capas que foram analisadas neste trabalho, as quais estão detalhadas por completo no Anexo 2. O objetivo aqui foi destacar algumas características dessas representações visuais, visando compreender as diversas fases do fantástico ao longo do século XX, bem como os processos estéticos e editoriais que contribuíram para que muitos escritores fossem inicialmente reconhecidos pelo impacto visual de suas obras.

Certamente, os paratextos desempenham um papel fundamental na configuração do fantástico, proporcionando espaços nos quais o insólito pode capturar a atenção do leitor, levando-o para além de sua zona de conforto. Eles criam um ambiente propício para a inserção do sobrenatural como um reflexo da realidade, um aspecto que o fantástico buscou e muitas vezes alcançou com êxito.

### **4.3 Os suplementos literários de Minas Gerais e São Paulo e a importância do fantástico nacional**

#### **4.3.1 Suplemento literário do jornal de Minas Gerais**

Ao iniciar esta pesquisa, notei prontamente que para compreender o panorama do fantástico literário brasileiro, seria essencial adentrar em territórios que raramente recebem uma ampla circulação editorial, jornalística e acadêmica. No entanto, isso não significa que tais espaços sejam carentes de conteúdo ou tenham um referencial limitado.

Com essa perspectiva em mente, a busca por informações e conteúdos que contribuíssem para a construção de um panorama do fantástico nacional adquiriu uma amplitude significativa ao explorar o vasto acervo digital dos suplementos literários nacionais, em especial os que trazemos para este trabalho, dos jornais do estado de Minas Gerais (1966 - 1994) e do suplemento literário de o estado de S. Paulo (1956 - 1991)

Para esta pesquisa, concentrei-me em narrativas que dialogam, de alguma

forma, com o fantástico e os termos que estão embaixo de seu guarda-chuva. O objetivo foi estabelecer uma relação entre essas narrativas e o contexto histórico do Brasil, além de explorar as nuances regionais que influenciaram o imaginário literário brasileiro.

De 1966 a 1992, o suplemento literário de Minas Gerais foi responsável pela publicação de centenas de matérias, críticas, contos, biografias, entrevistas, divulgação de premiações, divulgação de lançamentos, depoimentos, trechos de obras, entre outras formas de gêneros literários e jornalísticos que alavancaram muitos escritores a serem conhecidos no cenário de publicação nacional.

O suplemento foi criado em 1966 pela imprensa oficial e manteve uma publicação semanal até 1992, quando rompeu com o jornal do estado de Minas Gerais e retornou independente em 1994. Os primeiros redatores, Ayres da Mata Machado, Laís Corrêa de Araújo e Murilo Rubião, promoveram uma verdadeira revolução para os padrões dos suplementos literários nacionais, ao conceder espaço a escritores e obras de pouco apelo editorial.

Todo esse acervo físico encontrava-se na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais até meados de 1997, quando a universidade criou um projeto para digitalizar todo esse material, como apontam as pesquisadoras Júnia Lessa França e Rosângela Costa Bernardino:

A versão on-line é resultante de um Projeto desenvolvido pela Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG, desde 1997, que indexou cerca de 30.000 matérias, com o objetivo de maximizar a utilização da publicação, facilitar a pesquisa e, sobretudo, garantir a preservação do acervo. Foi criado um software específico que permite a pesquisa por autoria, título, número do volume ou fascículo, ano, assunto, gênero literário, série, edições especiais, tradutores, organizadores e ilustradores; bem como a leitura e impressão da matéria na íntegra, via Internet. (Bernardino; França, 2006, p.1)

A digitalização desse acervo foi imprescindível para que este trabalho fosse possível, pois permitiu não só acesso ao conteúdo de forma ágil, como distribuiu uma ferramenta, na própria plataforma onde o material está disponível, para pesquisas mais específicas.

A pesquisa tem como foco a busca por escritores consagrados do fantástico nacional, como Murilo Rubião, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, entre outros, mas também por escritores e obras que não possuem um reconhecimento amplo no campo do fantástico, como Roberto Athayde, Júlio Cesar

Monteiro Martins, Edla Van Steen, Péricles Prado, entre alguns outros.

Buscando encontrar críticas e matérias sobre esses escritores e suas narrativas que dialogavam de alguma forma com o fantástico nacional, foi necessário empreender algumas táticas de pesquisa, como a busca por termos do fantástico, como realismo mágico, maravilhoso, insólito e afins, e a busca por títulos que remetesse a escritores e obras do fantástico, como irreal, supranatural, inverossímil e outros. Essa busca resultou em duzentos e nove títulos catalogados no quadro III com o ano, o autor da matéria, o escritor de referência, o título da matéria e o link para acesso direto ao material.

Com essa catalogação consegui chegar a algumas pontuações acerca da importância do suplemento literário de Minas Gerais para a veiculação do fantástico no Brasil. A primeira delas é a abertura de um espaço comumente reservado para obras de maior alcance editorial durante esse período, principalmente dos movimentos concretistas e o pós-modernismo de meados do século XX. Apesar dessas narrativas tomarem o maior espaço da efervescência cultural do período, escritores como Dalton Trevisan, Antônio Callado, Osman Lins e os roteiros de Nelson Rodrigues e outros dramaturgos, iniciavam o advento de uma literatura mais visceral, realista na forma de descrever os horrores do período

Desse advento de escritores que mostravam uma violência crua e uma proposta mais realista de literatura, o fantástico ganha espaço ao tratar de temas semelhantes, mas contornando as denúncias desses medos e horrores com o sobrenatural e o insólito.

Vejamos, por exemplo, as obras de José J. Veiga que, em várias oportunidades, denunciaram as viscerais atitudes do governo militar a partir de metáforas e símbolos insólitos, criando narrativas que dialogavam tanto com o seu público leitor que acabaram se tornando uma referência do fantástico nacional. Em uma crítica dentro do Suplemento Literário de Minas Gerais, o historiador, advogado e jornalista catarinense Lauro Junkes expõe sua percepção de *A Hora dos Ruminantes*:

O livro de José J. Veiga atrai e prende exatamente pela imposição natural do fantástico. Não se trata de magia deslavada, criada simplesmente para impressionar. Aqui o supra-real brota espontaneamente do próprio real. Poderíamos até perguntar: verifica-se de fato o supra-real? Não seriam os fantasmas criados pela insegurança e pelo medo ante o incógnito? A habilidade do autor reside em desenrolar sua narrativa de forma densa,

fazendo imperar o irracional de maneira a desvirtuar a percepção da realidade. Assim o fantástico e o absurdo são antes miragens produzidas pela irrupção incontida da irracionalidade. (Junkes, 1978, p.6)

Na percepção de Lauro Junkes, a qual compartilho, o fantástico é então um elemento do real a partir de uma veste sobrenatural. Essa veste é um espaço de segurança para o leitor que está em uma zona de conforto dentro da leitura, mas que, ao perceber que o autor fala sobre o real a partir do insólito, tem seu espaço estilizado e o fantástico ganha viés realista.

Talvez seja a partir desse viés realista que o fantástico tenha conseguido abrir um espaço significativo na vida cultural brasileira durante a segunda metade do século XX, já que, diferente do fantástico europeu e estadunidense, onde imperava o horror gótico que pouco dialogava com a realidade sul-americana, muitos dos escritores que apostaram no fantástico em solo nacional conseguiram criar um gênero literário original, onde a influência das narrativas góticas foram sendo lentamente substituídas por referências que melhor dialogavam com a realidade local.

Dada essa característica, o suplemento literário de Minas Gerais foi visionário em permitir que os escritores nacionais falassem sobre a situação em que o país se encontrava de uma forma particular, tentando desarticular a tendência da mimese estética de que éramos reféns graças aos apelos editoriais em manter a hegemonia estética europeia.

#### 4.3.1.1 Murilo Rubião

Um dos principais articuladores desse rompimento hegemônico do fantástico europeu com o fantástico brasileiro foi Murilo Rubião, escritor já reconhecido nacionalmente e um dos editores chefes do suplemento de Minas Gerais. Seu papel foi além das inúmeras publicações e premiações que recebeu; o escritor tornou-se um ícone na busca por narrativas que conseguiam romper os espaços hegemônicos e estéticos da literatura nacional, dando espaço para inúmeros outros escritores publicarem nas páginas do suplemento.

A importância de Murilo Rubião para esta pesquisa e para o suplemento do jornal do estado de Minas Gerais é imensa, vai desde sua criação, em 1966 até posteriormente à sua morte, em 1991, quando suas obras se tornam ícones do fantástico brasileiro e sul-americano, rivalizando com nomes importantes do *boom* sul-

americano de meados do século XX, como Júlio Cortazar, Augusto Roa Bastos e Manuel Scorza.

Para essa pesquisa, vamos focar em suas ocorrências no suplemento do jornal do estado de Minas Gerais, além do seu papel como editor chefe do periódico. Foram encontradas cento e vinte e nove inserções do escritor, sendo elas dispersas entre autor da matéria, escritor analisado ou obra do escritor analisada. Essa inserção é significativa, pois a maioria das análises e matérias trata dos contos de Murilo Rubião. No entanto, em 1987, destacou-se um esforço conjunto de outros autores, escritores, jornalistas e periodistas para promover uma homenagem à carreira do escritor. Um editorial foi dedicado a ele, e ao longo do ano, várias matérias foram publicadas, todas focadas em Murilo Rubião e em sua fortuna literária.

Esse levantamento começa com o texto de Rui Mourão intitulado: *Murilo Rubião: 40 anos de Ex-Mágico*, publicado em 7 de fevereiro de 1987, onde o ensaísta, romancista e diretor do Museu da Inconfidência destaca a importância de Murilo Rubião como escritor inaugural do realismo mágico nacional.

Desde que surgiu com a publicação de *O Ex-Mágico*, em 1947, Murilo Rubião constitui um caso de desconcertante originalidade dentro da Literatura Brasileira. Ele não se parece com ninguém que veio antes. Quiseram forçar a sua entrada para a família kafkiana mas, quando escreveu os seus primeiros contos, ele simplesmente não havia lido sequer uma página do autor de *A METAMORFOSE*. A sua arte é inaugural: é o pai, no Brasil, e o predecessor, na América hispânica, da corrente do realismo mágico. (Mourão, 1987, p.1)

O texto de Rui Mourão serve como uma introdução aos vinte e quatro artigos, matérias, biografias e críticas que seriam publicados ao longo do ano de 1987, todos em homenagem ao autor e editor do suplemento literário de Minas Gerais. Além disso, ele representa a importância de Murilo Rubião para a constituição do fantástico nacional. Tendo atuado tanto como escritor quanto como editor de um espaço dedicado a esse gênero literário no Brasil, Rubião se tornou uma referência de originalidade e das raízes profundas do fantástico.

Dentre esses trabalhos que homenageiam Murilo Rubião, é importante destacarmos alguns que ajudam a compreender a relevância do escritor para a literatura fantástica nacional. O primeiro deles é a matéria de Renard Perez, escritor de *Chão Galego* (1972), intitulada *A Trajetória de um escritor*, onde o autor constrói uma breve biografia de Rubião, inclusive com fotos da infância do escritor. Na matéria,

Perez constrói a historiografia de Rubião desde seu nascimento até a data de publicação dessa matéria, em 1987, com o escritor ainda vivo.

O trabalho de Renard Perez também revisita as obras mais famosas de Murilo Rubião, como *O Ex-Mágico* e *Os Dragões*, e analisa suas atuações no cenário literário nacional, chegando a pontuar que Rubião tenha sido “o precursor do realismo-mágico entre nós. Mas, não obstante as incursões posteriores na linha, continua ele ocupando no conto brasileiro um lugar próprio, lugar único. Com suas histórias singulares – de situações absurdas, sua galeria de personagens impossíveis” (PEREZ, 1987, p.2).

Perez é mais um dos intelectuais que apontam esse lugar de destaque de Murilo Rubião como referência do fantástico nacional, sua percepção da atuação do escritor mineiro delega um destaque não só para a narrativa de Rubião, como para todo um gênero que ele conseguiu alavancar no Brasil, tornando-se referência até os dias atuais.

Outro trabalho dessa leva de matérias de 1987 do suplemento literário que é interessante destacar para esse trabalho é a breve crítica da ensaísta e crítica literária Nelly Novaes Coelho, que, adiantando as teorias sobre o fantástico da segunda década do século XXI, aponta, no texto muriliano, uma incapacidade de reação dos personagens diante do fantástico, característica que David Roas, escritor e crítico literário espanhol, destacaria décadas depois em seu texto acerca da literatura fantástica:

A literatura fantástica nos revela a falta de validade absoluta do racional e a possibilidade da existência de uma realidade diferente e incompreensível. Em última instância, a literatura fantástica manifesta a validade relativa do conhecimento racional, iluminando uma zona do humano onde a razão está condenada a fracassar. (Roas, 2014, p.32)

Adiantando a proposição de David Roas, Nelly Novaes Coelho escreve que “o que espanta o leitor de Murilo Rubião é o fato de nada espantar aos seus personagens. Envolvidos, inexplicavelmente, nas situações mais fantásticas, trágicas e sem sentido, eles se deixam levar. Impotentes diante dos fatos ou incapazes de revolta, submetem-se passivamente à fatalidade dos acontecimentos”. (Coelho, 1987, P.1)

Compartilhando a ideia de Nelly Novaes Coelho acerca do papel do indivíduo no texto muriliano sendo apenas um participante sem escolhas dos eventos do texto, Eliane Zagury aponta, em uma matéria intitulada *O Contista do absurdo* (1978) que,

mais do que isso, o indivíduo sente prazer em ser um mero coadjuvante dos eventos das narrativas.

Zagury usa como exemplo o conto *O Edifício*, e destaca que, como no texto bíblico da construção da torre de Babel, ninguém lembra dos construtores da torre, mas sim do que ela representa para o todo. Em outras palavras, Zagury tenta pontuar que, nos textos de Murilo Rubião, o leitor é levado a perceber que somos individualmente insignificantes para o todo do mundo real, mas que, mesmo assim, queremos participar dessa construção que nos apagará como indivíduo, mas será lembrada eternamente como produto de uma massa de personagens.

Tal o simbolismo desse edifício absurdo que se constrói infinitamente, passando por gerações e gerações. Sempre tomando a bíblia por base, este edifício sofre a profecia (o conflito do octigentesimo andar), não admite os vaidosos (todos são ultrapassados nesta construção intemporal) e fica apenas o inexplicável afã de construir. O que é uma resposta de Murilo Rubião ao absurdo existencial – uma vida da espécie mais importante que a do indivíduo e o quase orgulho de dela participar, como mais um elo de progresso. (Zagury, 1978, p.11)

Talvez por isso Murilo Rubião utilize do fantástico e do absurdo para apresentar essa ideia de fragilidade humana. Assim como Kafka, apesar da comparação ter muitos problemas, o texto muriliano incita nos personagens e, em extensão, no leitor, um sentimento de quase insignificância, já que, caso o leitor não abrace a ideia de pertencimento no ato da construção do edifício ou da parábola bíblica da torre de Babel, seu papel no todo não é importante.

O uso do fantástico, do estranho e do absurdo nas obras de Murilo Rubião funcionam como ferramentas para questionar a noção de importância individual e evidenciar nossa condição efêmera diante do tempo. Além disso, o absurdo presente nos textos de Rubião, assim como em grande parte do fantástico brasileiro da segunda metade do século XX, desempenha um papel crucial ao contornar a repressão da censura política vigente na época.

Ainda nessa seara da percepção individual da obsolescência humana frente ao tempo, Murilo Rubião é conhecido também por ser muito hábil no trato com o leitor a fim de levá-lo ao absurdo a partir de eventos naturais. Em um texto chamado *O Fantástico Muriliano: salvar o homem na sua essência*, o historiador Isaías Golgher aponta a habilidade com que Rubião trata da relação do indivíduo com a realidade:

A irrupção muriliana no seio do cotidiano atinge os fundamentos da estrutura da lógica estabelecida e se caracteriza pela coerência de seu engajamento em trazer à tona as mazelas que afligem a psique do homem e em defender a liberdade humana – sua substância genuína. Isso é feito através de uma imaginação privilegiada, na sólida estrutura dos textos. Murilo consegue transportar o leitor suavemente para a realidade fantástica, envolvendo-o em situações de uma estranheza tão natural quanto maravilhosa. (Golgher, 1978, p.5)

Há ainda outras matérias importantes acerca de Murilo Rubião no suplemento, entrevistas com o escritor, matérias que ele promoveu sobre novos escritores, produções que dialogam com o projeto do fantástico nacional, entre outras publicações que muito enriqueceram a constituição nacional do fantástico.

Murilo Rubião foi um dos maiores incentivadores do fantástico no Brasil, tanto no papel de escritor como no de editor e promulgador desses textos, foi uma peça-chave para compreendermos a realidade do seu tempo a partir do absurdo e do sobrenatural, do questionável e do impossível cientificamente, foi um indivíduo a quem devemos mais homenagens e lembranças, pois, sem ele, a memória literária brasileira acerca do fantástico poderia ser ainda mais diminuta do que é hoje.

#### 4.3.1.2 O fantástico e as narrativas infantojuvenis

O mundo onírico da infância e do início da adolescência é um poderoso elemento de trabalho para o fantástico, não à toa, escritores empregaram esforços em construir narrativas que dialogavam tanto com esse público, como com um público mais adulto, mais atento ao que as gerações que estavam começando a entrar no universo da leitura teriam acesso.

Desse universo de escritores que empregaram esforços nessa formação geracional de leitores, duas se destacam e foram plenamente citadas nas páginas do suplemento literário do jornal do estado de Minas Gerais; são elas as escritoras Lygia Fagundes Telles, paulista conhecida como “a dama da literatura brasileira” e Lygia Bojunga Nunes, gaúcha vencedora do prêmio *Hans Christian Andersen*, maior honraria da literatura infantil mundial.

Ambas as escritoras foram de imprescindível importância para a constituição do fantástico nacional a partir de narrativas que conversavam de maneira muito sincera e, em alguns casos, visceral, com seu público leitor, público esse que estava acostumado a narrativas de contos de fadas, e que encontram, nos textos dessas

escritoras e de alguns outros, uma forma diferente de encarar a realidade que, em muitas oportunidades, não possui um final feliz.

A utilização do fantástico por essas escritoras frequentemente desempenhava o papel de um breve interlúdio, proporcionando um momento de distensão antes de abordar questões mais sérias e realistas do cotidiano. Essa abordagem dos temas do dia a dia estabelecia uma conexão direta com o leitor, que se via confrontado com reflexões profundas embaladas por uma roupagem fantástica.

Nesse aspecto, parece que a literatura infantojuvenil consegue trabalhar de forma mais livre com o fantástico, já que o público leitor, em sua maioria, já vem de textos que funcionam a partir de elementos maravilhosos, como os contos de fadas e os contos de advertência. Com isso em mente, ambas as escritoras elencadas nesse tópico trabalham os elementos fantásticos com exímio cuidado para que o texto não ultrapasse a tênue linha de resiliência entre hesitação e aceitação impensada do fantástico.

A partir dessas características, podemos trazer algumas análises com que o suplemento literário do jornal do estado de Minas Gerais nos presenteia e que dialogam com a importante proposta de formação de leitores dessas escritoras. O primeiro deles é a crítica de Nelly Novaes Coelho acerca do texto *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles. Nessa análise, Nelly Coelho elenca adjetivos que representam com maestria a narrativa da escritora a partir desse texto:

Livro corajoso e adulto, escrito com o frescor da inocência e a maturidade nascida das experiências doridas e fundas, AS MENINAS ressumam beleza, dor pungente, violência, caridade, inveja, revolta, conformismo, soberba, fraternidade, ódios, injustiças e, ainda que ambigualmente, sobrenadando no caos, o Amor e a Esperança. (Coelho, 1974, p.10)

A análise de Nelly Coelho começa com o termo *adulto* como adjetivo, pois é assim que ela trata o texto e as referências sociológicas da obra de Lygia Fagundes Telles. Mais à frente, Nelly Coelho ainda aponta que o livro é para os jovens, mas a forma de traduzir os dogmas existenciais, psicológicos e febris da adolescência são tratados com maturidade e não são renegados a um plano subjogado:

Livro adulto, voltado para as jovens, AS MENINAS amalgamam numa só matéria os problemas mais atuais de nosso tempo: a decadência das elites; a minimização da consciência individual no contexto da Sociedade de Consumo; as crises que surgem na esteira das metamorfoses político-econômico-sociais; a carência de comunicação humana afetiva, em plena era

da informação e da Comunicação de Massas; a expansão da vulgaridade que se origina da ascensão social do povo; a adesão suicida ao sexo, ao álcool e à droga, que pode parecer medo, mas em última análise é só desespero existencial pela contínua frustração do “eu”; etc., etc. (Coelho, 1974, p.10)

Apesar de parte da crítica de Nelly possuir certo juízo de valor que mudou nesses últimos quarenta anos, como a relação com o sexo, sua visão acerca do texto de Lygia Fagundes Telles é muito pontual e contemporânea, fala sobre dogmas que ainda assolam a juventude dos indivíduos e que, em grande escala, são universais.

O leitor se depara então com uma narrativa que fala sobre o hoje, sobre a vida social e sobre as reviravoltas individuais e comunitárias que uma pessoa comumente trata em sua formação como cidadão. As narrativas de Lygia Fagundes Telles trabalham constantemente com essas relações de formação e, com o auxílio do fantástico, conseguem angariar muitos leitores que observam, nessa passagem de uma literatura de contos de fada para uma literatura “adulta”, um elemento confortável na escrita da autora.

Além dessa característica universal de sua literatura, Lygia Fagundes Telles não costuma entregar respostas em seus textos, ao menos não respostas diretas, deixando para os leitores o processo de pensar sobre a narrativa e sobre a vida. Em um texto intitulado *Lygia Fagundes Telles e as antenas da criação*, Leodegário Amarante de Azevedo Filho explica como ele sente essa característica da narrativa de Lygia; “A sua linguagem é a linguagem interrogativa do homem diante do mistério da sua própria existência. Uma linguagem que interpreta a angústia contemporânea ao nível da cadeia significante, porque o seu discurso ficcional é que produz a significação literária”. (Filho, 1978, p.6)

Uma linguagem interrogativa, aponta Leodegário Filho. Uma interrogação semelhante ao que o leitor enfrenta ao entrar em contato com o fantástico e, a partir dele, questionar a realidade, seja em um quesito puramente onírico e maravilhoso, com o aceite do fantástico como elemento real, aí partindo para uma ideia mais próxima a *The meaning and importance of Fairy Tales* (1976), de Bruno Bettelheim, até uma relação desse fantástico como alegoria a eventos do mundo externo ao enredo do texto.

Seja qual for o olhar empregado para a recepção dos textos de Lygia Fagundes Telles, remete ao fantástico o papel da ruptura e da hesitação como elemento predominante em seus textos, como ajuda a exemplificar Almeida Fischer em seu

texto *Caminhos do Conto*:

O fantástico, nos contos da famosa escritora paulista, realiza-se dentro de várias modalidades admitidas como tal pelos teorizadores sobre o assunto, enquadrando-se a maioria no realismo mágico [...] Assim, destaco especialmente nos contos de mistério, os melhores que se enquadram como marcadamente fantásticos: “Seminário de Ratos”, “As Formigas”, “Tigreela”, “O Encontro”, “Emanuel”, “O Jardim Selvagem”, “Natal na Barca”. É claro que considero o fantástico uma ruptura, ou melhor uma subversão do real, com a hesitação e a dúvida como elementos de caracterização importante. (Fischer, 1983, p.9)

Lygia Bojunga Nunes é uma figura frequentemente mencionada nas páginas do suplemento literário do estado de Minas Gerais. Embora seja reconhecida principalmente como escritora infantojuvenil, sua obra transcende as fronteiras etárias, explorando temas profundos e complexos relacionados à infância e à adolescência. Através de seus textos, Lygia Bojunga Nunes aborda os dogmas e os processos de vida característicos desse período, proporcionando aos leitores uma reflexão sensível e perspicaz sobre questões fundamentais da existência humana.

A escritora é também conhecida pelo emprego indivisível do fantástico em seus textos. Assim como sua xará, Lygia Fagundes Telles, Lygia Bojunga usa de elementos mágicos e insólitos para trazer o leitor a uma zona perigosa de reflexão e questionamento da realidade que o cerca.

Seus textos mais conhecidos e mais referenciados possivelmente são *Angélica* (1975) e *A bolsa amarela* (1976). Nos trabalhos do suplemento literário do jornal do estado de Minas Gerais, *Angélica* é mais referenciado, talvez por seu caráter mais realista e impactante, talvez por dialogar com um público mais abrangente. Seja qual for o motivo, muitos críticos literários e amigos literatos falaram sobre esse texto nas páginas do jornal.

Destaco dois interessantes olhares acerca da obra. O primeiro é de Euclides Marques de Andrade, em um trabalho intitulado *A Alegria de Angélica* (1976), onde o escritor descreve seu sentimento de nostalgia durante a leitura. “Angélica’, de Lygia Bojunga Nunes, é uma das mais vivas histórias infantis que tenho lido [...] aqui, a imaginação da autora pula, dança e canta, sem condicionamentos inibidores, em liberdade grande”. (Andrade, 1976, p.11)

Euclides Marques de Andrade descreve uma escritora com atitude de criança durante o processo de escrita — não confundir com atitude irresponsável —, uma escrita que não parecia preocupada em agradar um público específico e que brinca

com o processo de escrita, entregando uma narrativa rica e recheada de presentes para os leitores.

Essa percepção é reafirmada por Lélia Maria Parreira Duarte em *Angélica ou a reversão do platonismo* (1977), contudo, nesse artigo, Lélia aponta que a narrativa de Lygia Bojunga é ainda mais importante para o cenário literário nacional por iniciar um processo de amadurecimento de uma literatura infantojuvenil para além dos clichês.

Lygia Bojunga Nunes se baseia em um mundo de simulacros, onde a base é sempre a diferença e a única semelhança que existe é que tudo é diferente, todas as séries se diversificam. Leitura interessantíssima para crianças e adultos. *Angélica* é uma importante contribuição para a literatura infantil, que precisa libertar-se de mitos e padrões que não refletem a realidade do mundo atual. (Duarte, 1977, p.5)

As realidades do mundo são questionadas e, assim, o público leitor observa novos horizontes e novas perspectivas, não escapando para o mundo maravilhoso e perfeito dos contos de fadas, mas sim percebendo a realidade de uma forma mais palatável sem esconder a dor que é o processo de crescimento e amadurecimento.

Há ainda diversos outros trabalhos sobre essas duas escritoras e sobre outras no suplemento literário do jornal do estado de Minas Gerais acerca da literatura infantojuvenil, mas não vamos estender este tópico ainda mais. Basta, por hora, pensarmos que, além de um espaço de segurança e de questionamento, a literatura infantojuvenil foi uma das mais poderosas aliadas do fantástico no Brasil, promovendo narrativas e espaços que antes eram relegados a públicos pouco observados além do âmbito mercadológico e, após esse avanço, passou a ser visto como público leitor e participante da realidade do país.

#### 4.3.1.3. O dossiê do fantástico no conto brasileiro contemporâneo

Um dos dossiês mais relevantes para este trabalho foi escrito por Pedro Carlos L. Fonseca e é composto por cinco matérias onde o crítico literário propõe uma trajetória do conto fantástico na literatura brasileira do século XX a partir dos escritores de maior alcance do período. Ele inicia com um texto acerca do fantástico humano de Murilo Rubião e termina com a ideia de inocência organizada de José J. Veiga.

Nessa trajetória, Pedro Carlos L. Fonseca monta uma interessante análise acerca do papel dessa literatura fantástica no imaginário popular do período, assim

como destaca a influência desses escritores na construção da realidade durante a ditadura militar brasileira.

Para esse trabalho, destaco alguns trechos de suas análises de forma cronológica para, no final, construir um breve esboço de minhas percepções de seu dossiê. A proposta é compreender como essas matérias formaram uma percepção sobre o fantástico e como ela resiste cerca de quatro décadas depois.

O primeiro dossiê é intitulado *Murilo Rubião e a Equação Fantástica do Relacionamento Humano*, contudo, antes de entrar em sua análise, o professor Pedro Carlos L. Fonseca constrói um breve panorama do que é o fantástico no conto brasileiro do período, assim como a importância de alguns escritores para esse advento.

O professor aponta a falta de uma tradição literária do fantástico no Brasil, o que difere bastante de nossos vizinhos com o *Boom* do fantástico latino-americano, e como essa falta acarreta uma dificuldade na análise do gênero no Brasil.

Acresce a dificuldade na abordagem do segundo ponto de vista – o da prática do gênero fantástico no Brasil – a sua relativa recente manifestação. Isto porque não contamos, efetivamente, com uma tradição literária que tenha usado o fantástico de maneira elaborada, quero dizer, com valores de gênero literário próprio. A parte certas experiências incidentais [...] só recentemente é que uma atenção mais proposital se tem manifestado no sentido de explorar mais a fundo as virtualidades criativas que esta forma de ficção pode proporcionar. (Fonseca, 1981a, p.6)

Não havendo uma tradição, o fantástico empresta o espaço do gênero realista para inserir seus textos em um público leitor cada vez mais interessado por essas narrativas. Não obstante, os escritores do período que flertavam ou que trabalhavam diretamente com o fantástico costumavam produzir obras que tanto entravam na seara do fantástico como dialogavam com a narrativa realista, muito presente no período em destaque.

Pedro Fonseca observa que “a carreira literária daqueles que mais propriamente podem ser chamados de fantasistas brasileiros, nota-se que o seu interesse também se encontra em outras formas e tipos de contos que, para estabelecermos pontos de contraste, chamaríamos realistas”. (Fonseca, 1981a, p.6) Talvez não apenas um interesse desses escritores, como também a necessidade de produzir certas narrativas a fim de que o fantástico fosse introduzido na fortuna literária brasileira.

São apenas suposições iniciais, mas essa primeira percepção do professor Pedro Fonseca nos ajuda a localizar o espaço do fantástico em um cenário onde as narrativas mais conhecidas do gênero já foram lançadas, como *Incidente em Antares* (1971), de Érico Veríssimo; *Sombras de Reis Barbudos* (1972), de José J. Veiga; *O Pirotécnico Zacarias* (1974), de Murilo Rubião, entre algumas outras, e que, mesmo assim, ainda precisavam ganhar espaço entre outros gêneros para serem de acesso mais fácil ao público leitor.

Voltando-se para o escritor de referência desse primeiro volume do dossiê, Pedro Fonseca aponta *O Ex-mágico* (1947), de Murilo Rubião, como a primeira obra que “pode ser considerado, para o propósito de uma literatura que se pretende intencionalmente fantástica dentro das letras brasileiras, como a pioneira a usar esse gênero mais sistematicamente”. (Fonseca, 1981a, p.6) O professor Pedro Fonseca destaca a importância de Murilo Rubião na construção de um imaginário fantástico nacional por se dedicar, em grande parte, a esse gênero em suas narrativas.

Dialogando constantemente com as temáticas e a estética das narrativas do escritor tcheco Franz Kafka, mesmo que posteriormente essa relação tenha sido negada por estudiosos de Rubião que pontuam o não acesso do escritor às obras de Kafka até anos após a publicação de grande parte de seus textos, Rubião é enfático em suas narrativas no propósito da hesitação frente ao sobrenatural. Em *O Pirotécnico Zacarias* (1974), há a constante perturbação da virtualidade do personagem Zacarias que narra, assim como *Brás Cubas* de Machado de Assis, a partir de um espaço etéreo, o espaço da pós vida.

A hesitação é palco central do fantástico desta narrativa de Murilo Rubião, e Pedro Fonseca destaca isso ao trazer Tzvetan Todorov e suas pontuações acerca da construção do fantástico a partir desse espaço de incerteza da situação para o leitor. Essa incerteza, que Todorov coloca como um dos eixos centrais que caracterizam uma narrativa fantástica, permite que tenhamos contato com algo suspenso da realidade, mas, mesmo com essa perspectiva, não nos questionemos quanto à sua verossimilhança.

É notável ressaltar a contribuição de Pedro Fonseca ao mencionar Todorov em seu texto, pois, apesar de ser hoje um nome amplamente reconhecido nos estudos sobre o fantástico, na época de sua escrita, Todorov era pouco referenciado em textos nacionais, visto que o fantástico, como gênero, ainda era pouco explorado na academia. Destaco a relevância desse texto de Fonseca por abrir um espaço

significativo na área da crítica literária, permitindo que o estudo do fantástico fosse inserido em um campo ainda pouco desenvolvido dentro dessas teorias.

O professor Pedro Fonseca destaca ainda, no conto *O Edifício*, particularmente meu conto favorito de Murilo Rubião, a importância do ser humano na funcionalidade social do trabalho em sua mecanização e automatização. Ao destacar a impossibilidade do homem em parar a construção de um edifício nos moldes da Torre de Babel, Pedro Fonseca nos apresenta um olhar atemporal da relação entre o ser humano e os vínculos invisibilizantes do trabalho industrial.

O homem (quer dirigente, como no caso do conselho e do engenheiro João Gaspar, quer dirigido, como no caso dos operário) se torna peça-vítima-automatizada do sistema da mecânica industrial, sistema este abstrato, que se eleva a categoria de valor-símbolo-em-si-mesmo, sem imediata referência aos valores humanos. E o fantástico adquire a sua funcionalidade ao tratar da absurda reversibilidade da relação natural meios-fins que rege a lógica convencional do consciente comportamento do ser humano. (Fonseca, 1981a, p.8)

Não apenas essa comparação é clara no texto, como o constante trabalho de Rubião em criticar a automatização da vida é levada para outros de seus contos. Pedro Fonseca está atento a essa característica e nos traz um segundo exemplo dessa atuação. No conto *O Ex-mágico da taberna minhota*, o protagonista, já cansado dos efeitos do mágico, incapaz de escapar ao tédio, capaz de fazer qualquer coisa que rompe as regras da física, resolve tentar o suicídio, mas é impedido pelo próprio efeito do fantástico que produz.

Nesse conto há o ciclo completo da percepção dos poderes sobrenaturais, a quebra da superficialidade do real e o desejo do retorno a uma naturalidade das leis da física para, apenas no final, e já sem seus poderes, o protagonista se arrepender de perdê-los. O interessante dessa narrativa é que o protagonista só perde seus poderes quando se entrega a um trabalho burocrático e tedioso em uma repartição pública.

Em um texto anterior que construí, trabalhei com a constante presença de textos fantásticos que usam o trabalho do servidor público como metáfora para um sistemático apagamento do indivíduo, ao se apresentar como mais uma engrenagem da máquina governamental e, nesse espaço, ser invisível. Murilo Rubião trabalha continuamente com essa característica e o professor Pedro Fonseca percebeu essa nuance no ciclo dos personagens de Murilo Rubião.

Pedro Fonseca termina esse primeiro número do dossiê sobre o fantástico nos contos brasileiros destacando outros dois contos de Murilo Rubião, *A cidade e Os dragões*. Em ambos os contos o fantástico é deliberadamente deixado de lado a fim das leis de suas cidades. Há aqui o que o crítico aponta como uma submissão cega às regras naturais, já que, em *A cidade* um homem é criminalizado apenas por acharem que ele é um procurado, enquanto em *Os dragões* a ideia de uma criatura mística é ignorada a fim do batismo e das regras religiosas.

Assim, o fantástico é sublimado pela necessidade humana de manter as regras do que compreendemos e, dessa forma, ter a falsa sensação de que controlamos o nosso redor. Terminei esse primeiro dossiê com a análise de encerramento de Pedro Fonseca acerca dessa necessidade de controle humana; “Convenção versus naturalidade, na busca de autênticos valores humanos, parece ser a ideia-chave que Murilo Rubião utiliza para focar a equação fantástica do relacionamento humano.” (Fonseca, 1981a, p.8)

O segundo volume do dossiê é uma espécie de conclusão do primeiro, onde o professor Pedro Carlos Fonseca analisa outros dois livros de contos de Murilo Rubião; *O Convidado* (1974) e *A casa do girassol vermelho* (1978). Ambos os textos trazem obras inéditas e também reescritas de textos antigos de Rubião.

Gostaria de fazer uma breve ressalva de que uma parte deste dossiê está praticamente perdida devido a problemas no escaneamento, resultando no corte de uma coluna inteira do texto. Esse incidente prejudicou significativamente a leitura desse trecho específico, porém, não comprometeu a compreensão do texto como um todo. Portanto, optarei por não realizar uma análise desse fragmento para evitar possíveis interpretações equivocadas.

Voltando ao texto, Pedro Fonseca começa sua análise demonstrando um Murilo Rubião que permanece atento à sociedade em que vive. Percebendo a impossibilidade de uma regra que todos seguissem, seus textos emulam um universo fantástico da realidade, ao mesmo tempo que nos perturbam com as condições de seus personagens. Pedro Fonseca pensa em Rubião como um escritor que, ao entender o meio social, constrói mundos onde as relações são menos regradas. “Mais uma vez, Murilo Rubião parece querer eliminar a fronteira entre essencialidade e externalidade e/ou formalidade para criar um mundo de relações mais autênticas, mais despojadas, o que parece ser impossível para as normas da realidade”. (Fonseca, 1981b, p.6)

Curioso destacar que Pedro Fonseca aponta essa característica de Murilo Rubião acerca das normas da realidade ao mesmo tempo em que conecta essa proposta aquela ideia do efeito do fantástico. Ainda na primeira página desse segundo volume, o professor pontua: “Murilo Rubião, ainda aqui, faz uso do recurso da reversibilidade das situações naturais e lógicas que. Associada a presença do sobrenatural, do fantasmagórico e da hipérbole, cria o efeito máximo do fantástico”. (Fonseca, 1981b, p.6)

Interessante o olhar do professor Pedro Fonseca acerca da forma como o fantástico é percebido, ele o observa como uma reversibilidade do real e como uma hipérbole de objetos mediadores do fantástico, e nem sempre como uma construção hesitante do leitor e dos personagens frente a um evento aparentemente sobrenatural. Sua percepção dialoga com os estudos acerca do fantástico de meados da segunda metade do século XX, principalmente de Tzvetan Todorov, que o próprio Pedro Fonseca trouxe no primeiro volume do dossiê como arcabouço teórico. Contudo, faço esse parêntese para, em certa dimensão, destacar que essa perspectiva de reversibilidade já não tem tanto espaço nas teorias contemporâneas sobre o fantástico, dado que, observando a realidade e o fantástico, estamos falando mais de uma complexidade de compreensão do evento, que pode ou não ser explicada de forma científica, contudo, não se exclui a necessidade de um questionamento da realidade para que o texto se insira no escopo do fantástico.

O professor Pedro Fonseca continua sua análise retornando ao tópico do apagamento individual a partir do trabalho burocrático ao trabalhar com o texto *A Fila*, o professor constrói, ainda, uma interessante análise da interferência do sobrenatural para a descoberta de um assassinato no conto *Petúnia*; e trabalhando com o sentimento de inadequação social e da incompreensão dos eventos da vida em *O Convidado*. Além de escrever um interessante estudo sobre as cores dos livros de Rubião se lidos de forma cronológica, vale destacar esse trecho:

Outro recurso da linguagem consiste no uso de imagens denotativas de cores que, num plano profundo, conotam o material temático do problema do relacionamento humano de que trata o autor. Quem lê cronologicamente, pela data da escritura, os contos de Murilo Rubião, a partir de *A Estrela Vermelha*, percebe que o autor propõe metaforicamente uma verdadeira evolução simbólica de um sistema de cores. Do monocromático de *A Estrela Vermelha* passa ao policromático de *O Pirotécnico Zacarias* (pelo menos, mais significativamente, no conto que traz o mesmo nome do livro), para atingir, numa fase posterior, a neutralidade cromática ou mesmo a ausência de cores, como no caso, respectivamente, de *A casa do Girassol Vermelho* e *O*

*Convidado.* (Fonseca, 1981b, p.7)

A ideia das cores é muito significativa para o trabalho editorial, mas não quero me alongar nesse tópico, apenas apontar que as artes dos livros de Rubião, assim como boa parte dos paratextos, formam uma análise própria que tenho pesquisado lateralmente para essa tese, mas que, já adiantando, tornou possível perceber interessantes nuances que Murilo Rubião deixa para o leitor antes de seu texto escrito.

Pedro Fonseca termina essa segunda parte do dossiê com um interessante questionamento; “E, aliás, não é sugestivo que o seu primeiro livro de contos se chamasse *O Ex-mágico*?”. (Fonseca, 1981b, p.7) Talvez a ideia de Fonseca tenha sido questionar como o escritor mineiro faz um ciclo completo em seus textos, que vai do surgimento do fantástico e da hesitação, passando pela aceitação e tem um retorno ao real, deixando de lado o fantástico a fim da confortável sensação de existir em um mundo palpável, mesmo que, na verdade, estejamos sempre em um constante processo de adaptação de novas realidades e virtualidades.

O terceiro dossiê, intitulado *Moacyr Scliar e o reducionismo fantástico*, faz um apanhado das temáticas trabalhadas pelo escritor gaúcho, principalmente da ligação do fantástico com o religioso e do processo maniqueísta que os discursos dos textos bíblicos usualmente trabalham. Pedro Fonseca utiliza de alguns contos de Moacyr Scliar para mostrar como o escritor dialoga com o negativo do poder da criação, que, a meu ver, questiona os preceitos religiosos do judaísmo que Scliar insere com grande relevância em seus contos.

No conto *Ursa Maior*, uma urso e um filhote engolem aqueles que praguejam contra um profeta. Dentro da barriga da urso maior, alguns dos que foram engolidos criam uma sociedade e repetem o ciclo de violência com o profeta, assim sendo engolidos novamente em um processo infinito. Nesse texto, segundo Pedro Fonseca, temos um processo “hiperbólico da diminuição gradativa, já interpretada como um processo de destruição para a criação (ou tentativa de criação)”. (Fonseca, 1981c, p.6)

O que Pedro Fonseca chama de metamorfose da redução é aplicada como um efeito fantástico que flerta com o fantástico religioso que, em muitas oportunidades, é utilizado pelo texto bíblico a fim de construir uma metáfora ou uma parábola. Importante para essa análise é perceber que Moacyr Scliar, consciente dos efeitos dessas hipérboles e técnicas do fantástico, conseguiu criar textos que questionavam

os diversos preceitos da religião com que viveu e da sociedade onde estava inserido.

Contudo, o que transpareceu mais importante em minha análise é o trabalho com a emblemática temática da mutilação e do canibalismo que Moacyr Scliar insere em seus textos. No próprio conto *Ursa Maior* temos um exemplo disso, contudo, Pedro Fonseca se lança nesse espaço e traz outros exemplos, como *A Vaca*, conto onde uma mulher se vê em uma ilha deserta e precisa comer lentamente uma vaca ainda viva; *Canibal*, onde acontece um processo de automutilação de uma mulher, Angelina, que se vê sem comida após a queda do avião onde ela estava, *Cão*, onde um cachorro treinado mutila outro indivíduo, e *Torneio de Pesca*, onde um dos competidores, indignado com a derrota, arranca os próprios braços.

Em uma análise ainda inicial, podemos conectar uma considerável parte desses textos com os preceitos religiosos que Moacyr Scliar insere em seus textos, principalmente os ligados ao sacrifício e ao Deus do antigo testamento. Contudo, não posso deixar de destacar que os efeitos desses textos no leitor são intensos e impactantes ao ponto de criar certa rejeição atrativa. Assim como a metamorfose bíblica do cajado que vira cobra com Moises as metamorfoses dos textos de Scliar são metáforas sistemáticas e viscerais das metamorfoses humanas criadas a partir do fantástico.

Esse volume do dossiê também se encontra com uma falha considerável na página final, o que não permitiu que eu tivesse acesso ao texto completo, contudo, gostaria de finalizar esse tópico com a conclusão de Pedro Fonseca que, entre outros aspectos, aponta a consciência de Moacyr Scliar acerca da história do judaísmo.

Mas, num balanço final, o que permanece é a ideia fixa da implacabilidade e severidade do processo de destruição nos contos de Moacyr Scliar, onde o sentido de bondade e condescendência está completamente ausente: reflexos de uma teologia moral na concepção de um Deus punitivo como o de Abraão? O desengano de uma raça (a dos judeus) sem promessas, ou ainda à espera de uma reveladora e transcendente salvação messiânica? – são cogitações interpretativas a que esses contos podem nos conduzir. (Fonseca, 1981c, p.6)

O quarto e o quinto volumes do dossiê, intitulados *José J. Veiga e o fantástico da Inocência Organizada*, trata do conjunto de narrativas de José J. Veiga e da sua conexão com o olhar pueril acerca do fantástico e da relação com a realidade. Para pensar sobre essa relação, Pedro Fonseca constrói uma análise cronológica dos contos e da noção de maturidade com que ele percebe os personagens de José J.

Veiga no decorrer das obras.

Pedro Fonseca começa observando como o escritor goiano trata o personagem infantil como testemunho dos eventos, apesar de não absolutamente confiável. Nas palavras do próprio Pedro Fonseca: “o anormal, o sobrenatural e o não-real compõem na sua medida exata: a da impossibilidade como criadora de uma supra realidade mágico-maravilhosa que, por vezes, se aproxima da natureza dos contos-de-fadas”. (Fonseca, 1981d, p.4)

A aproximação dos textos com o gênero conto-de-fadas é ampliada na medida em que José J. Veiga utiliza com maestria os ambientes rurais e uma ideia provinciana de vida. Em adição a essa ambientação, a superstição é muito presente nessas sociedades descritas por Veiga, criando um espaço não tão transparente da realidade como conhecemos, um espaço entre lugares, hesitante, como Tzvetan Todorov propõe ao fantástico puro.

Com essa característica, José J. Veiga transfere para a criança o processo de crescimento e identificação da realidade, criando um espaço semionímico, onde o véu da realidade se mistura com o olhar fantasioso da criança. Não obstante, esse olhar torna-se uma opção mais palatável de leitura do mundo para esses personagens infantis. Como tensiona Pedro Fonseca: “Curioso notar é que a criação do mundo das “realidades” fantásticas surge como uma alternativa [...] ao mundo real que se apresenta como frustrador de expectativas”. (Fonseca, 1981d, p.4)

Logo, essas realidades tornam-se cada vez mais tênues ao olhar do leitor de Veiga. A percepção deixa de ser passiva, do vislumbrar infantil, e se vira para a realidade representada pelos símbolos, pelas metáforas e pelo fantástico de seus textos. Para a criança narradora, o mundo adulto é visto como uma violenta e inconsequente brincadeira, para o leitor mais atento, é uma janela para observar a barbárie da realidade.

Em adição, Pedro Fonseca pontua que a reversibilidade dos fatos pelo olhar infantil instaura o reino da naturalidade do fantástico, construindo um espaço que, em alguns casos, chega a negar a realidade física a fim de não entrar em um reino perigoso e ininteligível — muitas vezes esse reino não é o fantástico, mas sim o real.

Pedro Fonseca termina a primeira parte desse dossiê construindo uma espécie de percepção da cosmovisão infantil de José J. Veiga: “A onisciência narrativa dos temas da infância parece querer demonstrar uma concepção mais geral (e por isso mesmo mais teórica) do universo infantil, pois é visível a autoridade do narrador sobre

o testemunho das personagens”. (Fonseca, 1981d, p.5)

A aproximação da análise textual com a vida de José J. Veiga é perigosa na questão analítica, contudo, vale como curiosidade para ajudar-nos a compreender esse espaço amplo onde o escritor goiano trabalhou até começar um processo de alteração dos ambientes de suas narrativas que podem, ou não, ser pontuadas a partir de seus textos que começam a ter como atmosfera a vida industrial e urbana, mais do que a rural pueril.

Essa característica é trabalhada por Pedro Fonseca na segunda parte do dossiê, onde ele começa a analisar textos da fortuna literária de José J. Veiga que passam do olhar em primeira pessoa dos personagens para uma percepção em terceira pessoa, em alguns casos com uma onisciência dos eventos.

Com essa nova percepção, as narrativas de José J. Veiga começam a ser contadas por personagens mais conscientes da realidade e mais afastados do fantástico puro, em um processo de esgotamento que leva o escritor a um ambiente mais relacionado com o leitor contemporâneo a seus textos, em especial o leitor presente na vida social das grandes cidades.

Gosto de destacar o início dessa segunda parte do dossiê, onde Pedro Fonseca aponta essa passagem do ambiente rural e fantasioso para o ambiente urbano e realista.

Se em *Cavalinhos de Platiplanto* é a própria criança que ensaia intuitivamente a sua percepção e compreensão do mundo, em *A Máquina Extraviada* ela, agora, objeto-referência da narração, é encaixada no esboço de um sistema filosófico de interpretação desse mesmo mundo, através do processo da onisciência em 3ª pessoa. A anterior áurea de espanto e hesitação na visualização e aceitação dos fenômenos, característica natural e nuclear do fantástico, é substituída por uma tentativa mais intencional de refletir e interpretar a sua mecânica e significado. E é por isso mesmo que, esgotadas as possibilidades do fantástico infantil, o autor introduz outras narrativas em que esse gênero aparece não mais relacionado ao mundo das crianças. (Fonseca, 1981e, p.8)

A passagem do olhar infantil para a percepção do adulto que José J. Veiga narra em suas obras conversa com a ideia de mascaramento da realidade que o fantástico proporciona. Com espaços onde indivíduos se transformam em outros seres, fantasmas que caminham e interagem com os vivos e convenções da física tratadas como meras barreiras que podem ser ultrapassadas, o fantástico brasileiro foi, durante o período que destacamos para este trabalho, um excelente perpetuador dos medos sociais e individuais do homem.

Pedro Fonseca termina esse dossiê de cinco volumes de forma concisa e relativamente direta acerca do que considera a literatura fantástica brasileira quando apresenta: “é característico que, de uma forma ou doutra, o anormal e o disjuntivo elemento perturbador da realidade não sejam o mágico e o sobrenatural propriamente dito ou, em outros termos, a fantasia propriamente dita, mas um referente específico da vida humana”. (Fonseca, 1981e, p.9)

Percebo a análise de Pedro Fonseca acerca da literatura fantástica brasileira como uma etapa indissociável da crítica literária que passava a conhecer e reconhecer uma nova forma de abordar temas da vida social brasileira a partir do sobrenatural, do estranho e do insólito. Concordo em grande parte com David Roas (2014) quando ele coloca o fantástico como parte do gênero realista pois, apesar de Roas falar primariamente da literatura hispano-americana, podemos observar que o Brasil teve uma literatura que dialogou com bastante intensidade com os elementos reais sendo tratados a partir do fantástico.

Pedro Fonseca foi um professor e crítico literário importante para nossa percepção de nação e de realidade no período, esse dossiê é apenas uma fração de seus textos, contudo, já foi o suficiente para compreendermos que o fantástico brasileiro foi muito maior, pelo menos em minha percepção de pesquisa até aqui, do que o que reconhecemos hoje.

#### 4.3.1.4 O fantástico produzido fora do eixo Rio-São Paulo

O suplemento literário de Minas Gerais promoveu um interessante e amplo espaço para o fantástico na vida literária nacional. Uma das características que mais me chamou a atenção durante a pesquisa desses textos foi a regionalização com que os escritores do insólito trabalharam nesse período, e, ainda mais, a descentralização dos grandes centros urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro na ambientação desses textos.

Moacyr Scliar e Érico Veríssimo foram escritores gaúchos e falaram com maestria sobre suas cidades e suas vivências nesses lugares; Murilo Rubião tratou Minas Gerais como seu quintal e brincou com as várias características de seu estado a partir do insólito; José J. Veiga trouxe o rural mágico para seus textos que alcançaram os diferentes espaços urbanos. Esses escritores, aliados a centenas de outros que não aparecem nas páginas do Suplemento de Minas Gerais, mas que

foram imprescindíveis para a construção do fantástico nacional, formaram uma grande gama de leitores trazendo espaços e ideias que nos fazem pensar até hoje sobre a realidade.

Essa é uma característica importante para entendermos a atuação do fantástico na literatura brasileira, pois demonstra uma espécie de afastamento dessas obras do que era mais cânone na crítica literária nacional. Não quero dizer que o fantástico não atingiu os grandes centros críticos, mas sim que ele surgiu nas extremidades do país, contornando a zona de segurança realista dos leitores e os atingindo com a realidade fantástica de seus textos.

Esse alcance dos grandes centros urbanos pelo fantástico se deu por uma variedade de fatores, entre eles o *boom* da literatura fantástica latino-americana que começava a alcançar o Brasil, a ampliação do público leitor por políticas de criação de editoras e selos literários, pequenos e grandes jornais inserindo um espaço para a crítica literária e um aumento de leitores devido a políticas educacionais que começavam a ter efeito nesse período, mesmo que ainda muito seccionadas em algumas regiões do país. Tais características ajudaram a literatura fantástica a ganhar espaço no universo de leitura dos brasileiros, proporcionando que alguns escritores fora dos grandes eixos literários tivessem seus textos lidos por um público mais amplo. Tal característica surgiu como um mecanismo importante de expansão do público leitor, assim como da oportunidade de os escritores produzirem gêneros e trazerem temas que não possuíam espaço no período. O fantástico surgiu nesses ambientes e ganhou espaço conforme sua atuação no meio editorial ganhou mais eminência.

Bella Jozef, professora, crítica literária e uma das maiores especialistas em literatura hispano-americana do Brasil, compôs um curto trabalho acerca da metaforização no romance *O ciclo das águas* de Moacyr Scliar. Em sua crítica, Bella Jozef demonstra como o escritor gaúcho transpôs para seu texto os receios e os desafios do imigrante a partir de uma narrativa que flerta constantemente com o irreal a partir de metáforas e símbolos que desafiam o olhar realista do leitor do período.

Nesse livro, Moacyr Scliar nos apresenta o bairro do Bom Fim, em Porto Alegre, seus costumes e anseios, espécie de testemunho e memória do emigrante judeu e sua presença na formação social e cultural do Brasil. [...] Embora o espaço do romance seja delimitado geograficamente — o bairro do Bom Fim — projeta-se a um plano ideal, perdendo sua conotação objetiva pela transfiguração por que passa e que o mergulha numa atmosfera imprecisa. A metaforização que leva a um plano simbólico intensifica a denúncia social em torno de criaturas marginalizadas e aviltadas no processo

da luta pela sobrevivência. (Josef, 1979, p.5)

A citação começa com a localização tanto espacial como simbólica do texto, dada a perspectiva do emigrante que Moacyr Scliar insere em muitas de suas narrativas. Essa primeira característica já explora um importante tópico do fantástico do escritor, pois, ao tratar da passagem geográfica e cultural desses personagens, o insólito torna-se escrita de testemunho dos desafios dessa população que se viu em um ambiente completamente novo e aterrorizante ao chegarem no Brasil.

Em seguida, Bella Josef amplia essa perspectiva ao perceber o texto de Scliar como denúncia social a partir de metáforas e simbolismos, principalmente no texto sobre o qual ela se debruça nessa breve análise, *O Ciclo das Águas*. Essa característica metafórica é muito presente nos textos fantásticos, principalmente quando trata de assuntos como comunidades marginais, culturas estrangeiras e sobrevivência em um espaço desconhecido, tornando, assim, a narrativa de Scliar um conciso exemplo de texto que explora essas características a fim de construir uma denúncia social dos medos de que esses indivíduos passaram para construir uma zona de segurança.

Por ter um amplo cabedal crítico acerca da literatura hispano-americana, Bella Josef consegue criar uma análise rica acerca dessa literatura regionalizada que alcança um público mais amplo, em especial o personagem exilado e a comunidade de estrangeiros que vieram ao Brasil durante meados do século XIX e começo do século XX.

Ao imprimir a característica do exilado nos textos de Scliar, Bella Josef, no texto *Uma fábula contemporânea* (1981), acerca da obra *O centauro no jardim*, diz que: “os personagens procuram um sentido para a existência, diante das tensões a que se vê sujeito o homem contemporâneo, ‘a meio caminho da fantasia, a meio passo da realidade’”. (Josef, 1981, p.4) O trecho final posiciona a hesitação tão característica do fantástico: a meio caminho da fantasia, a meio caminho da realidade. É como o leitor se apresenta ao ter contato com um texto fantástico e, para este trabalho, é interessante observar o quanto os textos desses autores, em especial de Moacyr Scliar nesse momento, questionaram a realidade a partir do insólito para descrever o que as pessoas a seu redor passaram nesse período.

Regina Zilberman, no texto *Do pampa ao jardim*, ou as peripécias de um centauro (1981), também sobre a obra *O centauro no jardim*, aponta que a forma como

Moacyr Scliar descreve ao personagem não como um indivíduo, mas como três, centauro, gaúcho e judeu, cria uma complexa relação de pertencimento e afastamento. Pertencimento por ser tudo o que aquela comunidade comungava, e afastamento por não conseguir se encaixar como apenas uma das suas individualidades.

O texto de Zilberman mostra um Scliar incomodado com a necessidade da escolha em ser apenas uma coisa ao invés de todas elas; ao mesmo tempo, mostra um escritor que demonstra, em suas narrativas, a possibilidade de conviver com o diferente e com o estranho sem necessariamente precisar afastá-lo de determinado grupo.

Já no final do texto, Zilberman pontua que o mágico é esse elemento de conexão que permite a validação dos três indivíduos em um único personagem sem que haja um conflito onde fosse obrigatória uma escolha de qualquer um dos três, centauro, gaúcho ou judeu. Assim, permitindo que, a partir do fantástico, o leitor aceite abraçar o estranho e o diferente sem prejulgamentos, considerando as realidades diversas e a multiplicidade de indivíduos em uma única pessoa.

Valendo-se do centauro como emblema para uma série de situações — a de gaúcho, a de judeu, a aspiração à liberdade — a confluência de todos estes fatores se mostra possível, na medida em que a novela transita, muito à vontade, do mítico ao social e vice-versa. Iluminando, através do mito, uma circunstância social, explicita a superação desta através do mágico. (Zilberman, 1981, p.8)

O texto de Zilberman, ao dialogar com esse estranho múltiplo e estrangeiro, ajuda a posicionar a obra de Moacyr Scliar nesse espaço seccionado e em constante mutação do estrangeiro e do exilado. Percebendo essa característica a partir da lente do fantástico, a crítica literária adiciona um ponto a mais nessa pesquisa, onde podemos denotar que o fantástico, longe do grande eixo editorial do Brasil por muitos anos, conseguiu não só sobreviver como prosperar, imprimindo na literatura desses espaços um ambiente de hesitação e questionamento, tão importante para o fantástico existir.

São vários os textos que trabalham com a noção do exilado e do estrangeiro a partir do fantástico, mas não quero me estender muito nesse tópico, apenas pontuar que não só o suplemento foi primordial para que tenhamos acesso a esse material hoje, quase sessenta anos após sua publicação original, como também nos permite

um olhar diacrônico do que foi produzir e propagandear o fantástico no Brasil da ditadura militar e da repressão.

Termino este tópico acerca do suplemento literário de Minas Gerais agradecendo o trabalho de escaneamento, editoração digital e, principalmente, pesquisa de Rosangela Costa Bernardino, Júnia Lessa França e de toda a equipe da Universidade Federal de Minas Gerais que trabalharam para que esse material chegasse em minhas mãos e que este trabalho chegasse até aqui.

Além desse agradecimento, gostaria de destacar que os mais de duzentos textos que cataloguei estão disponíveis no anexo III. A ideia é ajudar de alguma forma que esses textos tenham ainda mais alcance e outras pesquisas utilizem dos dados para trabalhos futuros.

#### 4.3.2 Suplemento literário de O Estado de S. Paulo

O suplemento literário de o estado de S. Paulo foi um periódico que desafiou as convenções jornalísticas desde sua fundação, em 1956, ao propor um independente e único olhar sobre as artes em um espaço tomado por um conservadorismo intrinsecamente genético em sua formação.

Elizabeth de Souza Lorenzotti, em sua dissertação de mestrado intitulada *Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956 a 1974)* (2002), inicia seu texto com o seguinte questionamento: “Como um suplemento literário pode ter uma existência estética e ideologicamente independente da direção de redação de um jornal diário? Mais: como pode ter tal autonomia, tratando-se de um jornal reconhecidamente conservador?” (Lorenzotti, 2002, p.14)

Certamente, podemos explorar alguns aspectos que contribuíram para a autonomia deste projeto e os motivos que o impulsionaram a se reestruturar ao longo do tempo. A primeira delas é a influência de Antônio Candido de Mello e Souza como projetista principal do suplemento e Décio de Almeida Prado como diretor em sua primeira fase. Antônio Candido já possuía uma considerável influência na crítica literária e na pesquisa acadêmica do Brasil quando assumiu sua posição no suplemento, assim como Décio de Almeida Prado, mas com maior foco na crítica teatral e ensaística.

Em 1966, quando Décio de Almeida Prado deixa o suplemento, quem assume

é o jornalista e professor Nilo Scalzo, que também foi editor-chefe do jornal O Estado de S. Paulo. A chegada do jornalista altera os rumos do suplemento para uma percepção mais ampla de alcance de leitura até o seu fim, em 1974, quando o nome do suplemento começa a ser alterado.

Essas alterações, aliás, foram constantes, como mostra a cronologia de Lorenzotti:

Cronologia

**Suplemento Literário**

De 6 out.1956 a 17dez.1966 (n. 508) Editor: Décio de Almeida Prado

Até 22 dez.1974 (n. 908) Editor: Nilo Scalzo Fim da publicação

**Especiais Centenário de O Estado de S. Paulo** De 4 jan.1975 a 10 abr.1976

**Suplemento Cultural** 17 out.1976 a 1 jun.1980

**Suplemento Cultural** 15 jun.1980 a 31 ago.1991 Encerrou-se como suplemento semanal e continuou, até o presente, encartado na edição de sábado do Caderno 2.

**Caderno 2** Primeira edição (diária) em 6 abr.1986 (Lorenzotti, 2002, p.67)

O processo de mutação editorial pelo qual o suplemento passou não obscureceu a essência das propostas de Antônio Candido e Décio de Almeida Prado. Mantiveram-se firmes na ideia central de buscar um espaço para a literatura e para a crítica literária, mesmo em um ambiente muitas vezes resistente a ideias progressistas. Essa consistência demonstra o compromisso desses intelectuais com a promoção da cultura e do pensamento crítico, independentemente dos desafios enfrentados pelo contexto editorial.

Não vou tomar muito espaço para falar sobre a história geral do suplemento neste trabalho, pois a dissertação supracitada de Elizabeth de Souza Lorenzotti já construiu esse percurso, com direito a entrevistas com o próprio Antônio Candido e Nilo Scalzo, assim como cópias dos textos originais da formação do suplemento, mas gostaria de deixar exposto que, apesar de não planejado, o suplemento literário de o estado de S. Paulo foi sim muito importante para a visualização do fantástico nacional.

#### 4.3.2.1. Como a pesquisa foi realizada

Diferente do Suplemento de Minas Gerais, em que possuíamos um mecanismo de pesquisa muito claro e ágil para a busca de palavras-chave, no suplemento de o estado de S. Paulo, foi necessário um empenho mais minucioso no processo de pesquisa, já que a única forma de busca era escolher palavras importantes para

reconhecer um texto dentro do escopo do fantástico e investigar se aquele tópico fazia sentido para esta pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, selecionei um período semelhante de atuação em que o suplemento de Minas Gerais foi pesquisado, ficando entre 1960 e 1985, período de grande efervescência social e política com a chegada e a queda dos militares no poder do Brasil. A escolha desse período se deu por compartilhar com o fantástico uma maior anuência desses textos no arcabouço de leitura dos brasileiros segundo o que vimos até aqui.

Foram encontradas cento e quatorze inserções do fantástico nas páginas do suplemento literário de o estado de S. Paulo a partir das seguintes palavras-chave: Fantástico; Sobrenatural; Realismo Mágico; Insólito e Maravilhoso. Contudo, a busca unicamente da palavra não foi o suficiente, pois, em alguns casos, eram usadas apenas como adjetivos que não tratavam de textos fantásticos, dessa forma, foi necessário ler cada uma das inserções e compreender se aquela palavra estava sendo usada com um texto do fantástico, para só então inseri-la no quadro.

Além da busca de textos por palavras-chave, também realizei a procura por títulos de textos e autores reconhecidos do fantástico, como Murilo Rubião, José J. Veiga, e outros, o que pode evidenciar um número maior de inserções que não consegui reconhecer, principalmente de autores que não fazem parte do meu arcabouço literário do fantástico por enquanto. O que isso quer dizer é, centralmente, que essa é uma pesquisa contínua, facilmente ampliável conforme a escrita desta tese é realizada, assim como, posteriormente a publicação dela.

É importante ressaltar outra diferença significativa na abordagem crítica desses textos em comparação com o Suplemento Literário do jornal do estado de Minas Gerais. Essas nuances se tornam perceptíveis à medida que nos deparamos com os textos. Por exemplo, observa-se que esses textos não recebem grande destaque editorial, ao contrário do que ocorreu com o suplemento de Minas Gerais. Há uma certa timidez predominante na maioria dos textos que tratam do fantástico, talvez como um mecanismo de defesa por parte dos críticos e ensaístas que contribuíram para o suplemento.

Essa percepção é geral, pois a maior parte dos textos encontrados para este trabalho não citam as palavras-chave em seus títulos, nem mesmo o nome de alguns autores. Posso pensar em alguns motivos para essa escolha reticente dos autores e dos redatores: talvez uma forma de não chamar tanta a atenção de um governo cada

vez mais censurador, talvez até mesmo uma autocensura quase necessária do período, ou, ainda, uma escolha desses autores e editores em não apostar em uma literatura emergente, ainda pouco produzida no Brasil.

Sejam quais forem os motivos, destaco essa percepção antes de entrar na análise textual a fim de enfatizar o fato de que a literatura fantástica conquistou espaço muito lentamente, com influências que, em muitas oportunidades, quase passaram despercebidas (como veremos em alguns textos), mas que, com olhar atento, podemos destacar e ampliar o horizonte do fantástico no Brasil a partir desses suplementos literários.

#### 4.3.2.2 Principais autores

Não posso afirmar que houveram críticos literários e jornalistas que produziram exclusivamente para o gênero fantástico nas páginas do Suplemento literário de o estado de S. Paulo, contudo, alguns nomes se destacam por aparecerem com maior incidência. Nomes como Wilson Martins, crítico literário, escritor e professor paulista, com seis menções; Temístocles Linhares, historiador e professor também com seis menções; a ensaísta e crítica literária Nelly Novaes Coelho, com nove menções; o escritor e jornalista Almeida Fischer, com seis menções e o escritor e crítico literário Rolmes Barbosa, com três menções, além de vários outros que se arriscaram nesse terreno ainda novo da crítica literária brasileira.

Apesar desses críticos não se dedicarem exclusivamente ao fantástico, suas apostas nessa temática foram imprescindíveis para o acesso dos leitores e da crítica literária a textos que pouco circulavam entre os leitores dos maiores centros literários do país. Além dessa característica, destaco a presença de Almeida Fischer e Nelly Novaes Coelho, que trabalharam em ambos os suplementos deste trabalho, ampliando seu alcance em um jornal de maior publicação nacional.

Com isso em foco, gostaria de destacar alguns textos desses críticos e de outros que ajudam a observar como o fantástico foi divulgado por esse suplemento. O primeiro deles é o texto *Romances e Contos* (1960), de Wilson Martins, onde o crítico aponta 1959 como a passagem dos textos de debates críticos na literatura para o conto como um dos principais gêneros literários em produção. No decorrer dessa matéria, Wilson Martins elenca alguns fatores que ajudam a compreender essa passagem e cita alguns autores que ajudaram nessa construção estética.

Wilson Martins constrói um paralelo histórico do avanço do conto como produção literária eminente e ampla, chegando a citar Katherine Mansfield e Anton Tchekhov como escritores que conseguiram criar narrativas curtas “do nada” e, mesmo assim, construir críticas à política e à sociedade de sua época. A partir desse ponto, Wilson Martins cita diversos escritores brasileiros, como Humberto Peregrino, Mauritonio Meira, Hilda Figueiredo e Dalton Trevisan para exemplificar a importância do conto para a constituição literária brasileira, até que ele aponta, já na última coluna do seu texto, José J. Veiga.

Ao lado do sr. Dalton Trevisan, a grande estreia de contista do ano passado foi a do sr. José J. Veiga. É o escritor que surge, desde logo, com um estilo – o estilo de ver e o estilo de escrever a que acima me referi. E com um estilo que, sendo pessoal e inconfundível, não se repete em fórmulas e em ritmos, em modismos e em situações. Se o perigo de um livro de contos é a monotonia, ainda mais neste caso, em que a arte do autor se insere numa modalidade toda especial, dele escapou o sr. José J. Veiga graças a uma riqueza de “pontos de vista” que distingue, antes de mais nada, o grande escritor. Sua arte poder-se-ia definir como a do “realismo mágico”, quero dizer, a do conto fantástico em que todos os elementos são os da vida cotidiana, em que há o mistério sem haver (a não ser em raras exceções) o arbítrio. (Martins, 1960, p.2)

Ao apontar José J. Veiga como um importante participante da expansão do conto no cenário literário Brasileiro, Wilson Martins ajuda a calcificar o fantástico como gênero literário que é, sim, lido no país. Ainda mais importante é o posicionamento do termo “realismo mágico” como forma de escrita e de construção de mundo a partir das realidades empíricas e do cotidiano, como apontado pelo crítico.

Durante a pesquisa, essa é uma das primeiras oportunidades em que o fantástico surge nas páginas do suplemento de S. Paulo vinculado diretamente a um escritor brasileiro. Anteriormente, o termo tinha sido citado em várias oportunidades acerca de escritores do *boom* latino-americano, como Júlio Cortazar, Augusto Roa Bastos, Silvina Ocampo, entre dezenas de outros, mas é apenas com a importância e relevância de escritores como José J. Veiga que uma crítica literária ao fantástico parece começar a ter destaque em um jornal de grande circulação nacional.

Concorda com Wilson Martins o historiador e professor Temístocles Linhares que, em comentário a um texto de Augusto Meyer intitulado *Situação do conto no Brasil — 3* (1970), apresenta o fantástico como um dos elementos centrais da expansão do conto no Brasil. No texto, Temístocles Linhares começa citando a força discursiva dos textos de Jorge Luiz Borges, comenta sobre as transformações da

palavra “realista” pelo filósofo e crítico literário Erich Auerbach e, assim, cria um paralelo entre o realismo e a aparição do fantástico na literatura brasileira, citando Murilo Rubião, José J. Veiga, Ruben Fonseca e Luis Vilela, os últimos dois ainda em processo de reconhecimento.

Aprecio muito um trecho desse texto onde Temístocles Linhares se desculpa por não ter citado José J. Veiga em sua fala inicial, corrigindo esse “erro” logo em seguida:

— Dentro do seu critério, V. esqueceu um dos maiores contistas que temos tido: José J. Veiga, autor de **“Os Cavalinhos de Platiplanto”**.

— Realmente, a falta é imperdoável, pois também ele foi um dos que conseguiram fundir sonho e realidade, chegando até a criar o ambiente de pesadelo para alguns de seus contos. Indiscutivelmente, ele é nome-chave para este capítulo dos “contos fantásticos”. Pena é que publique tão pouco. (Linhares, 1970, p.3)

Um dos pontos interessantes desse trecho é perceber que os autores já conheciam o fantástico bem o suficiente para construir conexões e referências, o que, em minha visão inicial, pode levar a entender que o fantástico foi muito mais presente no arcabouço literário brasileiro, apesar da pouca divulgação, tópico importante ao pensarmos no fantástico como elementos históricos e presentes, mas apagados por não participarem diretamente do cânone literário do período, pelo menos não no início.

Há um tópico nesse texto de Temístocles Linhares que me incomoda um pouco: sua comparação entre sonho e realidade a partir de uma fusão é perigosa e vai em desencontro às teorias que vinham surgindo acerca do fantástico. Tzvetan Todorov chega a usar o sonho como um elemento maravilhoso, mas o entrelace entre esse objeto e a atuação do fantástico no processo de leitura é mais tênue e influencia sobremaneira os leitores a romper com a hesitação, o que acaba em desencontro à ideia inicial do questionamento do evento fantástico como sendo, possivelmente, real.

Temístocles Linhares escreve ainda outros textos acerca do fantástico nacional nas páginas do suplemento literário de a folha de S. Paulo. Um que gostaria de destacar é uma entrevista (infelizmente não consegui encontrar o entrevistador pois falta a página posterior com as referências), que demonstra o claro interesse de Temístocles Linhares pelo fantástico. O crítico deixa de lado o tópico da entrevista, o romance *A mal-amada* de Elias José, para voltar, em duas oportunidades, ao que ele entende como fantástico restrito e fantástico lato.

O que pretendo dizer sobretudo é que podemos encarar o “fantástico” neste ou naquele conto sem partir do “fantástico” como gênero bem determinado, vendo nele apenas algo de específico nas suas relações com o conto em que está inserido. Às vezes esse “fantástico” está apenas no tema ou mesmo só é fantástico porque nos coloca diante de fatos ou fenômenos extraordinários, que escapam a lógica ou à explicação racional, ou cuja explicação racional não nos satisfaz. [...] Há assim um “fantástico” no sentido restrito e outro “fantástico” no sentido lato, que englobaria tanto o “maravilhoso” como o “estranho”. (Linhares, 1971, p.4)

É interessante como o crítico tenta desarticular o fantástico como gênero literário, mas sua explicação acaba vindo ao encontro de algumas das percepções que temos contemporaneamente acerca do mesmo. Temístocles diz que o fantástico pode estar apenas no tema, apenas como elemento mediador ou apenas como ponto determinado, mas não constitui um texto completo como fantástico. Apesar dessa fala, o crítico literário descreve a atuação do fantástico e a formatação do gênero na arte literária, criando um contraponto entre o que ele tenta mostrar a partir de uma desarticulação do fantástico como apenas um elemento textual, e o texto sendo indissociável do elemento fantástico.

Gosto de pensar que essa tentativa de desarticulação seja apenas uma resistência de alguns teóricos em permitir uma nova forma de olhar para a literatura realista do período e assumir que elementos fora das caixas teóricas poderiam estar surgindo e ganhando espaço na literatura brasileira. Contudo, destaco ainda que não percebo uma intenção desmoralizante do fantástico por Temístocles Linhares, apenas uma resistência natural em admitir algo novo que poderia desenraizar a crítica de seus lugares de segurança.

Nelly Novaes Coelho, por outro lado, parece ser uma crítica que advoga a favor do fantástico como gênero literário já muito presente no Brasil da década de 1970. Em seu texto *A Literatura de Transgressão 1* (1973), ela inicia pontuando que “dia a dia aumenta o número dos ficcionistas que aderem a literatura de transgressão (a do nonsense, da desintegração narrativa...), — a literatura que recusa, em todos os níveis, a realidade comum e abre caminho para o absurdo ou o fantástico” (COELHO, 1973). Em outro texto intitulado *O Carnaval Mítico* (1974), Nelly Novaes Coelho escreve sobre a nova geração de escritores e como eles desafiam e alteram as noções de realidade a partir do redescobrimento de pensamentos basilares humanos: “Sem dúvida alguma, uma nova e lúdica liberdade humana se forja na esteira de uma volta as matrizes originais do pensamento humano. São redescobertos: o mito, o maravilhoso, o mágico, o fantástico” (COELHO, 1974, p.6)

Contudo, o texto que mais me atrai de Nelly Coelho nesse suplemento é sua análise dos contos de Herbert Sales que trabalham com crenças populares e a forma como essas narrativas são analisadas no período. Em destaque já na última coluna do texto, a teórica constrói uma interessante percepção acerca da necessidade de estudar esses textos a partir das situações narradas em relação à identidade cultural dos personagens da narrativa.

Em relação a uma troca com a realidade empírica, Nelly Novaes Coelho destaca que o fantástico cultural, das crenças e dos mitos locais e regionais, não pode ser excluído das análises literárias, pois serve como base para a vivência daquele povo e daquela sociedade. O destaque que Nelly insere nessa análise está de acordo com as crescentes percepções do fantástico e da atuação desses elementos na construção social de determinados grupos sociais, em especial nesse texto, sobre a cultura nordestina:

Outro elemento de grande importância para o estudo do romance em questão literária é apontado no contorno característico de suas personagens: a predestinação a que parecem estar submetidas; a solidão; as crenças e misticismo que nelas vivem e que singularizam a alma popular. [...] Entre as múltiplas sugestões de análises destacamos como das mais fecundas para a pesquisa, a problemática do Real versus Fantástico/Maravilhoso, apontada nas narrativas de raízes folclóricas ou lendárias. (Coelho, 1974b, p.2)

Mais uma vez percebo a inserção de termos da crítica literária fantástica nas páginas desse suplemento, dessa vez como uma tentativa de aproximação dos mitos e lendas regionais com a literatura realista do período, mas não relegando essa literatura a um espaço seccionado, e sim inserindo-a como presente e constante nas narrativas literárias brasileiras do período.

Nelly Novaes Coelho teve uma atuação mais presente em questão de aparições nessa pesquisa no suplemento de o estado de S. Paulo do que no suplemento de Minas Gerais, contudo, suas análises foram menos assertivas, talvez pelo espaço ainda um pouco resistente a essas análises em comparação às publicações do jornal de Minas Gerais. Apesar dessa característica, observo a presença da autora como uma das principais promulgadoras do fantástico nesses espaços jornalísticos, a crítica promoveu discussões que ainda hoje são presentes no imaginário teórico acerca das narrativas que analisou, possibilitando que observemos, já com mais de meio século de distância, os caminhos que o fantástico trilhou até as teorias contemporâneas.

Um último nome que gostaria de destacar nesse ponto é o de Almeida Fischer, ensaísta e crítico literário que também publicou pelo suplemento de Minas Gerais, e que traz dois textos que valem a pena serem destacados neste trabalho. O primeiro deles é *A criação ficcional* (1974), que trata da reedição de *A Máquina Extraviada* (1974), de José J. Veiga, onde Fischer imediatamente aponta que o “escritor goiano é um dos mais importantes do chamado realismo mágico em nosso país”. (Fischer, 1974, p.5)

Importante notar que Almeida Fischer não hesita em colocar o realismo mágico como presente na literatura nacional. Diferente da maioria dos outros críticos do período, aqui, não há receio em afirmação a presença do fantástico, e esse é um dos primeiros textos que tenho lido desse período que inserem o realismo mágico como uma presença regular nas letras nacionais. Não obstante, Fischer descreve a importância da técnica literária de José J. Veiga como exemplar para as letras nacionais: “Toda a força dos contos de José J. Veiga vem de sua técnica de elaboração literária, que soma elementos comuns, numa linguagem extremamente trabalhada, embora simples na aparência, em que as palavras têm uma função precisa e insubstituível dentro da frase”. (Fischer, 1974, p.5)

Em um segundo texto, Almeida Fischer defende uma conceituação do realismo mágico, já que, segundo o crítico, o termo vinha recebendo diversas narrativas que tentavam se encaixar no guarda-chuva do fantástico, mas que, em maior ou menor escala, não dialogavam com os conceitos que estavam sendo formados até ali. Ainda no começo do texto, Fischer descreve seu descontentamento com esse levante:

Creio estar havendo alguma confusão relativamente à conceituação do que seja realismo mágico na prosa de ficção, com o agrupamento que se tem feito sob o mesmo nome de tendências criativas de natureza diversa como a cientificação, e esse ramo da chamada literatura fantástica. A meu ver, essas espécies literárias são bastante distintas e identificáveis, de acordo com os materiais de elaboração de que se valem os autores. (Fischer, 1974)

Em seguida o crítico aponta alguns gêneros que tentavam entrar no escopo do fantástico, como a ficção científica e a extrapolação científica, e escreve que o fantástico está em outro patamar, que dialoga não só com os desejos da humanidade, como da natureza humana, mesmo que para isso o crítico entre em uma complexa seara do fantástico como perturbação mental.

O chamado realismo mágico já será, a meu ver, diferente disso, nascendo da força da magia, num clima emocional de tal natureza que o fantástico se manifesta em função de elementos volitivos conscientes ou inconscientes, de credences e de estados psicológicos de fundo premonitório ou de outra natureza especial. O fantástico é uma projeção humana de dentro para fora, se é que assim se pode dizer, que se manifesta nos estados oníricos ou de perturbação mental. (Fischer, 1974)

O que mais me interessou nesse texto de Fischer foi seu empenho em inserir o fantástico como conceito que tanto está em constituição como já possui dogmas bem estruturados. O teórico chega a citar Tzvetan Todorov no meio do texto, demonstrando que uma fortuna crítica do fantástico já era possível em meados da década de 1970 no Brasil.

A partir desses exemplos do fantástico na crítica literária jornalística do jornal da folha de S. Paulo, consegui observar alguns pontos interessantes que gostaria de explorar rapidamente como uma espécie de considerações finais. Primeiro, parece ter havido uma resistência dos próprios teóricos em serem mais incisivos em trazer textos do fantástico e de seus gêneros derivados, já que, comparado ao suplemento de Minas Gerais, foram encontrados menos da metade do total de textos em um suplemento em relação ao outro.

Algumas suposições podem ser trazidas a partir desse pensamento, a primeira delas é a escolha editorial dos redatores em arriscar espaço no jornal com narrativas que não seriam recebidas com tanta facilidade pelo público leitor do período. Outra suposição advém do acesso pouco amplo do fantástico nas letras nacionais, tornando a responsabilidade do editor que trouxesse uma narrativa do gênero um fardo complexo de ser explicado para anunciantes e demais mecanismos financeiros que o jornal utilizava como forma de se manter no mercado. Ou ainda, como destaquei no corpo desse texto, uma resistência orgânica em ampliar o espaço do jornal para narrativas fora do cânone literário.

Outro aspecto que vale destacar é que a maior parte dos críticos que trazem alguma narrativa do fantástico para o suplemento literário do estado de S. Paulo são figuras repetidas em ambos os jornais, como Nelly Novaes Coelho e Almeida Fischer. Destaco ainda a importância desses e de outros estudiosos que conseguiam romper os espaços hegemônicos e deixaram como herança para nós, estudiosos contemporâneos, um material assíncrono rico para nossas análises.

Por fim, penso que as investidas acerca do fantástico nos meios mais tradicionais da crítica literária do período foram importantíssimas para a consolidação

de um gênero que enfrentou todas as formas de repressão crítica e, mesmo com tamanha resistência, sobreviveu nas entrelinhas e galgou espaços que lhe eram negados. O que me faz pensar que esses críticos que se aventuraram nesse espaço nem sempre receberam o reconhecimento merecido, quem sabe com mais trabalhos acerca deles e dos suplementos esse reconhecimento seja alcançado com mais facilidade.

#### **4.4 Pesquisa acadêmica sobre o fantástico (Artigos, Dissertações e Teses no decorrer do século XX)**

Considerando o material exposto até o momento, que abarca a história da constituição e da evolução do fantástico na literatura brasileira ao longo do século XX, incluindo seus escritores, suas obras, suas editoras, suas artes paratextuais e sua divulgação através dos suplementos literários nos jornais, acredito que já posso oferecer uma visão abrangente das diversas referências, transformações e desenvolvimentos que o fantástico experimentou no Brasil ao longo desses cem anos.

Para além de uma estruturada rede de editoras e grupos de escritores, percebo que o fantástico foi verdadeiramente uma amálgama de textos que nem sempre estabeleceram diálogos entre si para a constituição de um gênero coeso. Pelo contrário, como era de se esperar em um país continental como o Brasil, a cultura regional se mostrou indissociável das formulações dos diversos tipos de fantástico, influenciando a ênfase que cada escritor conferiu aos seus textos em direção ao público modelo.

Pensando nessas características que moldaram o fantástico brasileiro e considerando o amplo espaço de veiculação e leitura que o gênero proporcionou ao público brasileiro, decidi explorar os trabalhos acadêmicos que abordaram o fantástico ao longo desse período. Meu objetivo é compreender as relações científicas estabelecidas pelos estudiosos da literatura e das artes em geral em relação ao gênero durante o século XX.

No entanto, antes de adentrar à análise desses trabalhos, é crucial destacar algumas regras que estabeleci para este tópico de pesquisa. A primeira regra considera o período de publicação desses trabalhos, limitando-os a não ultrapassarem a virada para o século XXI. O objetivo é obter uma visão diacrônica dos pesquisadores em relação às obras, buscando compreender como a recepção dessas narrativas

impactou o público leitor. Devo mencionar que este tópico de pesquisa se revelou pouco produtivo nesse momento, uma vez que encontrei apenas material disponível a partir da década de 1970, e em formato digital, uma pesquisa futura *in loco* ampliaria significativamente esse trabalho. Contudo, alguns textos trazem um material interessante de análise que exploro a frente.

A segunda regra que estabeleci considera o tipo de texto escolhido, restringindo-me a artigos publicados em periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado nas áreas de letras e correlatas. Esta regra exclui materiais que não deixem claro o envolvimento com o fantástico. Dentro desse escopo, foi necessário ficar atento a trabalhos que incluíam no título palavras comuns ao gênero, como o próprio termo "fantástico", tratado apenas como adjetivo, e não referindo-se às regras e características que estabelecemos até o momento como pertencentes a um gênero literário.

A terceira e última regra leva em consideração a forma de análise que utilizei para inserir um texto nesse quadro. Primeiro, usei o título e o resumo como referência para tentar compreender se o trabalho poderia ser considerado um material que explora o gênero em foco. Quando isso ficava claro, a partir da leitura e da referência cruzada dos termos utilizados pelo pesquisador com os termos comuns do fantástico, o texto era inserido no quadro. Nesse espaço, se insere a maioria dos textos que não possuem material digital além de seu resumo, sessenta e seis no total dessa pesquisa.

Para os textos que possuem material completo, que representam a grande maioria, totalizando cento e sessenta e um, foi necessário ler pelo menos parte dos trabalhos, geralmente suas introduções, para garantir que os dados fossem o mais próximo possível do ideal que havia estabelecido ao construir as bases desta pesquisa. Sempre mantive em mente que a base do texto acadêmico deve levar em consideração a análise do texto fantástico, assegurando que os trabalhos selecionados abordassem adequadamente esse aspecto.

A partir dessas regras estabelecidas e da análise minuciosa do fantástico, apresento, para esta pesquisa, duzentos e dezoito artigos, dissertações e teses que, em diferentes escalas, contribuem para uma compreensão diversificada da constituição do nosso fantástico durante o século XX. Esses trabalhos não apenas abordam o espaço que essas narrativas conquistaram, mas também garantem que essas obras sejam lembradas no futuro, evidenciando a importância e o impacto do fantástico na cultura literária brasileira.

#### 4.4.1 - A pesquisa

Antes de prosseguir com a análise dos dados coletados, é importante ressaltar que, apesar do número considerável de textos encontrados para este trabalho, reconheço que este representa apenas uma fração do total de textos acadêmicos produzidos no século XX. Embora o gênero tenha ganhado mais destaque após a tradução para o português do texto canônico de Tzvetan Todorov, *Introdução à literatura fantástica*, em 1972, pela editora Tempo Contemporâneo, é necessário pontuar que, mesmo antes do regime militar, os suplementos literários já abordavam críticas ao gênero fantástico, como evidenciado no capítulo anterior desta tese.

O quadro inserido no anexo IV foi separado em sete colunas, contendo o mecanismo de busca utilizado para encontrar o trabalho, a palavra-chave na pesquisa, o gênero textual (artigo científico, dissertação de mestrado ou tese de doutorado), o ano de publicação, o autor, o título e o link de acesso para o trabalho, quando existente. A escolha desses tópicos se deu após uma percepção individual do que eu precisava quando buscava uma pesquisa acerca do fantástico. Logo, muito do que se vê no estilo desta pesquisa vem da minha própria experiência como pesquisador.

O primeiro aspecto que gostaria de abordar acerca desse quadro é a metodologia de busca e as palavras-chave utilizadas. Inicialmente, minha pesquisa se baseou em um conhecimento prévio que eu tinha de páginas dedicadas à manutenção de acervos de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses nas áreas de letras, literatura, linguística e áreas correlatas. Meu objetivo era ampliar essa pesquisa para incluir as páginas das universidades que mantinham um acervo digital, mesmo que de forma pouco organizada, como acabei encontrando durante o processo. Mas essa tratativa foi infrutífera, devido ao reduzido, quase nulo, material do gênero encontrado nessas páginas, me levando a delimitar a pesquisa em quatro grandes mecanismos de busca.

Um dos principais foi o Google Acadêmico, que resultou em cento e trinta e seis inserções no quadro. Esse recurso foi especialmente útil para encontrar artigos publicados em periódicos e revistas acadêmicas. Dentro dessas obras, destaco algumas que foram importantes para a constituição da crítica acadêmica do fantástico no Brasil durante o século XX. É o caso de *Crise da mimese/mimese da crise: algumas manifestações e significado do insólito em Guimarães Rosa e Borges* (1971), de

Lenira Marques Covizzi e Antônio Candido; *Literatura fantástica no Brasil* (1975), de Hélio Lopes e *As funções do maravilhoso na narrativa brasileira* (1981), de Regina Zilbermann, além de dezenas de outros trabalhos.

É importante destacar a relevância do Google Acadêmico para nós, pesquisadores, não apenas como um meio de compilar em um único espaço diversas páginas isoladas que publicaram textos fantásticos ou digitalizaram textos antigos, como é o caso de muitas revistas acadêmicas, como a *revista de Letras* da UFPR, com material desde 1953, e a *revista Língua e Literatura* da USP, com material desde 1972. Além disso, o Google Acadêmico proporciona um olhar mais amplo para o gênero ao compilar esses dados, facilitando a pesquisa e análise de trabalhos relevantes para a formação da crítica acadêmica do fantástico no Brasil durante o século XX.

O segundo mecanismo de busca mais utilizado foi o Catálogo de teses e dissertações da CAPES, com cinquenta inserções. Entre os trabalhos encontrados nesse banco de dados estão a dissertação de mestrado do sociólogo João Tadeu de Andrade, *Escrita fantástica e realidade social: A obra de José J. Veiga sob o enfoque da sociologia da literatura* (1990), e a tese de doutorado de Célia Maria Magalhães, *Os monstros e a questão racial pós-colonial brasileira* (1997), além de diversos textos que fomentaram a pesquisa acadêmica do gênero no período destacado.

Curiosamente, grande parte do material encontrado no catálogo da CAPES não possui o texto completo, apenas o resumo. Em alguns casos encontrei pedaços dos trabalhos a partir de outros mecanismos de busca, mas, como não estavam completos, preferi não inserir o link no quadro IV. Contudo, não posso deixar de destacar a importância desses trabalhos na formação crítica de nosso fantástico, por isso o enquadramento deles aqui.

Os outros dois principais mecanismos de pesquisa utilizados foram a BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - com quatorze textos, onde destaco a dissertação de mestrado de uma professora que tenho o prazer de conhecer pessoalmente, Silvana Oliveira, hoje professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, com o trabalho *Murilo Rubião: a tragédia do homem invisível* (1996) e a página dos periódicos da CAPES, com dezoito textos encontrados, entre esses os textos *O pirotécnico Zacarias, Murilo Rubião* (1975), de Rui Mourão e *Os 70 anos de Murilo Rubião* (1986), de Bella Josef, ambos autores imprescindíveis para o crescimento da crítica do nosso fantástico.

A segunda parte da metodologia para encontrar esses textos levou em consideração as palavras-chave utilizadas, que resumi em termos correlatos do fantástico e nomes dos escritores encontrados no anexo 1, como referência. Baseado nesse levantamento, a palavra-chave com mais inserções foi “Fantástico”, com cento e trinta textos; logo em seguida, vem “Murilo Rubião”, com dezessete; “Realismo mágico”, com quinze; “Literatura fantástica”, com treze; “Insólito”, com doze, e outros que completam o quadro, com mais trinta e uma inserções.

Foram pesquisados também títulos de obras famosas do fantástico, mas a pesquisa foi infrutífera. Também busquei por nome de estudiosos famosos, mas os trabalhos se resumiram, geralmente, pelos termos comuns do fantástico, o que, em certa escala, facilitou esse processo de busca.

A coluna C do quadro IV separa o gênero literário do trabalho, que resumi em Artigos – aqui estão todos os trabalhos publicados em periódicos, revistas acadêmicas, jornais literários e demais fontes de publicação – Dissertações de mestrado e teses de doutorado, totalizando cento e cinquenta e um artigos, cinquenta e nove dissertações e oito teses, espalhados principalmente nas áreas de letras, literatura, história e sociologia.

As outras colunas desse quadro compreendem dados específicos, contendo o ano de publicação do trabalho, o autor, o título do texto e, nos casos possíveis, o link de acesso ao material. Lembrando que todo esse trabalho foi realizado de maneira digital e que promove, inicialmente, uma base para futuros pesquisadores em suas pesquisas, um material referencial que pretendo deixar aberto ao público após a defesa desta tese.

Outro elemento importante a ser destacado neste ponto é o período em que esses trabalhos foram publicados, todos a partir de 1970. Tenho algumas suposições a respeito desse fato. A primeira delas é o aumento da produção de textos de teor fantástico no Brasil com o advento da ditadura militar, que contribuiu para ampliar nosso universo literário, em linha com nossos vizinhos do *boom sul-americano*. A segunda suposição está relacionada ao acesso e aos recursos disponíveis para manter esses trabalhos vivos nas bibliotecas universitárias antes desse período.

Considerando essas suposições, o número de publicações, dividido por décadas, é substancial. Foram trinta e seis trabalhos de 1970 a 1979, oitenta trabalhos de 1980 a 1989 e cento e dois trabalhos de 1990 até o final do século XX. Apesar de ser um número muito maior na realidade física do que o encontrado para este trabalho

específico, já é possível perceber algumas influências e efeitos desses trabalhos no universo literário do nosso fantástico.

É crucial destacar a forte influência que esses textos exerceram na promoção do fantástico. Esses artigos, dissertações e teses não apenas foram pioneiros, mas também foram imprescindíveis para que hoje possamos compreender a dimensão do fantástico na vida literária brasileira durante o período em que foram publicados, bem como para vislumbrar o futuro do gênero no cenário nacional. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento e a consolidação do estudo e da apreciação do fantástico na literatura brasileira.

Uma curiosidade que achei interessante ao analisar os dados desta pesquisa é que, apesar do gênero ter sido reduzido exponencialmente na década de 1990, a pesquisa acadêmica sobre o tema ganhou força nesse período. Não posso afirmar com certeza o motivo para esse aumento, mas acredito que, aliado ao esforço imediato para manter viva a necessidade do gênero no país, muitos pesquisadores encontraram no fantástico uma oportunidade de criar uma nova área de pesquisa. Esse vanguardismo acabou rendendo poderosos frutos no século XXI, contribuindo para a expansão e aprofundamento dos estudos sobre o fantástico no país.

#### 4.4.2 - Trabalhos e suas influências

A fim de encontrar as fontes de nossa crítica literária do fantástico, trago alguns trechos desses trabalhos para análise. Começo com o texto de Fábio Lucas *Aspectos da ficção brasileira contemporânea* (1972), onde o escritor e crítico literário mineiro constrói um interessante ensaio sobre a construção ficcional brasileira após a década de 1960. Em especial para esse trabalho, o tópico 1.3, *A obra literária como campo da magia*, explora um espaço pouco analisado no período da crítica literária brasileira: O insólito como elemento mágico.

Nesse tópico, Fábio Lucas destaca o lugar do escritor fantástico como um visionário, capaz de se distanciar da realidade empírica para construir um espaço transcendental na atmosfera literária. O crítico menciona diversos autores que já estavam ganhando destaque na crítica literária do fantástico, como Murilo Rubião e Autran Dourado. Em um trecho do texto, Fábio Lucas introduz uma nomenclatura para esses escritores do gênero fantástico, referindo-se a eles como "visionários", devido ao seu trabalho imaginativo de reestruturar da realidade a fim de narrar histórias sobre

o presente por meio de elementos fantásticos.

O que me chamou particularmente a atenção nesse texto de Fábio Lucas foi um tópico que já explorei em alguns capítulos anteriores: a relação do fantástico com o ambiente rural. Aqui, o crítico literário expõe que esses escritores do insólito demonstravam uma atração pelo ambiente rural devido às diversas místicas comuns desse contexto, bem como à relação pessoal de muitos desses autores com suas experiências vividas em ambientes rurais.

Mas os "visionários" sentem frequentemente a atração do campo, não para a descrição da vida rural ou para traduzir o primitivismo ou a injustiça ali existentes, mas para frequentar as suas áreas de mistério, em busca de um passado glorioso ou da restauração de uma infância desestruturada. Assim, Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (1956), edificou um universo legendário no agreste mineiro; Clarice Lispector utiliza uma fazenda em *Maçã no Escuro* (1961) para analisar alguns casos de consciência e de culpa, dentro de uma atmosfera de pavor, de desafio e de descobertas; Autran Dourado reedifica, em *O Risco do Bordado* (1970), a vida provinciana da pequena cidade, cercada de sítios e de fazendas, onde vai buscar a verdade e os mitos sepultados pelo tempo. (Lucas, 1972, p.222)

Muito do olhar de Fábio Lucas em relação ao fantástico foi revisitado e ampliado ao longo da segunda metade do século XX, nos meios acadêmicos e jornalísticos que exploraram esse gênero literário. No entanto, poucas vezes encontrei um estudioso tão consciente dessa relação tão cedo em nossa historiografia crítica do fantástico. Por isso, considero esse texto uma das explorações mais importantes do fantástico em sua gênese crítica no Brasil. Não apenas pela influência e importância de Fábio Lucas para a crítica literária e para a literatura como escritor, mas também por representar um olhar que ultrapassa as barreiras do preconceito crítico em relação ao fantástico, que tanto perdurou no ambiente acadêmico.

O texto seguinte não só traz em seu título a literatura fantástica, como vai servir de base para muitos trabalhos posteriores, além de ser o primeiro desta pesquisa que usa como referência direta o canônico texto de Tzvetan Todorov, *Introdução à literatura fantástica* (2014). Trata-se de *Literatura fantástica no Brasil* (1975), do professor e poeta Hélio Lopes.

O artigo de Hélio Lopes começa com um retorno ao século XIX, para tentar entender o forte interesse das narrativas fantásticas no Brasil durante o século XX. Para isso, o professor recorre a duas referências: uma estrangeira, o escritor alemão E.T.A. Hoffmann, e uma nacional, Álvares de Azevedo, ambos conhecidos por suas contribuições ao universo do fantástico. No entanto, o que mais me intriga nesse texto

é o aprofundamento que o professor realiza em obras menos conhecidas pelo público, as quais serviram para elucidar melhor o panorama da construção do nosso fantástico. Essa abordagem demonstra um esforço em ampliar o escopo de análise, destacando obras que frequentemente são negligenciadas, mas que desempenharam um papel significativo na constituição do gênero no contexto brasileiro.

Hélio Lopes faz menção a duas narrativas que só seriam reconhecidas como obras do fantástico brasileiro quase um século depois. São elas *Paulo* (1861), de Bruno Seabra, e *A luneta mágica* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo. Esta última, com fortes influências da ficção exploratória de Júlio Verne, utiliza elementos insólitos para criar um ambiente fantástico. Essas obras evidenciam a presença precoce do fantástico na literatura brasileira, mesmo que sua identificação como tal tenha ocorrido tardiamente.

Em seguida, o professor realiza uma análise das duas obras, utilizando referências que seriam amplamente revisadas nos estudos do fantástico décadas depois, como Tzvetan Todorov e Louis Vax. Nesse percurso, Hélio Lopes examina como as narrativas condensam elementos estéticos e narrativos de formação, destacando sua análise no espectro inerente à dúvida proporcionada pelo insólito, à hesitação e à aceitação dos eventos sobrenaturais.

Além disso, o professor Hélio Lopes constrói uma análise sobre o lugar do fantástico brasileiro em relação ao fantástico europeu, especialmente o alemão, ao utilizar uma narrativa de Hoffmann como referência. Em suas palavras, o romance *Paulo* se destaca por fazer parte de um novo tipo de fantástico, um gênero que se adaptou às mudanças da modernidade e utilizou as relações insólitas como uma camada para abordar os medos contemporâneos. Essa perspectiva amplia nossa compreensão sobre a interseção entre o contexto histórico e cultural brasileiro e a evolução do fantástico na literatura nacional.

A novela alemã está perfeitamente incluída no fantástico primeiro do século XIX, o romance brasileiro no segundo momento, quando começaram a substituir o recurso ao esotérico pelo recurso ao científico. Naquela há, por conseguinte, o recuo no tempo: a ação colocasse no século XIV Quem se daria ao trabalho de verificar a sua veracidade? O fato é simplesmente aceito dentro do maravilhoso terrível, quando o poder mágico (parece que diabólico), é destruído por um sacramental (a água-benta), opondo, portanto, dois princípios o do bem e do mal, com a conseqüente derrota deste. No romance *Paulo* a contemporaneidade não destrói o efeito da verossimilhança. fato estranho é aceito no mundo ficcional estabelecido. Em ambos a morte, e a loucura num, organizam o clima de terror pela transgressão da ordem. (Lopes, 1975, p.190-191)

Na segunda metade desse trabalho, Hélio Lopes direciona seu foco para o trabalho de tradução poética, uma abordagem interessante que reflete sobre a necessidade e a importância da tradução como uma forma de reescrita e reimaginação literária. Esse pensamento estava apenas dando seus primeiros passos no meio acadêmico brasileiro em relação à tradução. Isso demonstra não apenas a importância de Hélio Lopes para nossa crítica literária, mas também sua vanguarda ao abordar o fantástico, deixando de lado os preconceitos em relação ao gênero que predominaram no país até meados do século XX. Essa ampliação de horizontes revela a visão inovadora e pioneira do autor, que enriqueceu significativamente o panorama da crítica literária brasileira.

O próximo texto que considero importante para este trabalho é o da professora doutora e livre-docente Bella Josef, uma estudiosa literária brasileira de grande importância que se dedicou a analisar diversas obras do gênero fantástico, contribuindo significativamente para a construção do panorama crítico apresentado aqui. Em um artigo intitulado *O espaço redimensionado da ficção* (1976), a estudiosa se debruça sobre a obra de Rui Mourão, especialmente o texto *Cidade Calabouço* (1973), e oferece uma explicação relevante sobre o significado do termo "realismo mágico" naquele período. Essa análise é crucial para compreendermos as nuances do realismo mágico na literatura brasileira e sua relação não só com as obras do autor em questão como de todo o imaginário de nosso fantástico.

No nível semântico, o livro de Rui Mourão pertence ao "realismo mágico", termo que necessita ser explicitado, por haver adquirido conotação demasiado abrangente. Manifesta-se uma concepção poética da realidade, através de metáfora literal ("imagem tensa e condensada" p. 29) que anula o princípio da identidade e o conseqüente pensamento lógico. O processo cognoscitivo leva-nos a uma apreensão da realidade empírica. A intuição acrescenta a esse conhecimento a crença numa realidade supreal. Ao unir ambas visões, o homem vê-se diante de um todo. Para a mente mítica, o empírico e o não-empírico possuem o mesmo grau de irrealidade. Ao eliminar desta os princípios lógicos, perde-se a irreversibilidade do tempo e a dimensão unívoca do espaço. Assim, nega-se a unidade e finitude dos fatos e a necessidade teórica de que um fato seja considerado único em um tempo e espaço determinado. Na visão mítica da realidade, nada é estático, invariável nem unívoco. (Josef, 1976, p.29)

Ao discutir a apreensão da realidade empírica, é inevitável retornarmos à questão da hesitação todoroviana, que se refere ao objeto que questiona a realidade e desafia o leitor em seu processo de reconhecimento do mundo ficcional e do mundo

real. Quando a crítica avança nessa percepção da supra realidade do mágico, ao observar a negação da eventualidade dos fatos, Bella Josef desarticula a noção tradicional de realidade, demonstrando que a realidade tal como é representada no contexto do fantástico possui a mesma validade que a realidade histórico-jornalística. Essa abordagem desafia as fronteiras entre o real e o imaginário, enfatizando a importância do fantástico como uma lente poderosa para a compreensão e a reflexão sobre a própria realidade.

Assim como outros estudiosos que se aventuraram na análise do fantástico durante esse período inicial da crítica, Bella Josef ainda não dispunha de um arcabouço teórico bem estruturado para embasar suas análises. No entanto, observo como ela possui um olhar vanguardista em relação à história do fantástico como gênero literário. Gostaria de destacar duas características da estudiosa que dialogam com as críticas mais contemporâneas do fantástico. A primeira é a relação da expansão dos limites do fantástico, que a autora aborda na citação e concorda com a observação de Remo Ceserani quando ele escreve: “é necessário entender o campo de ação do fantástico e a estendê-lo sem limites históricos a todo um setor da produção literária, no qual se encontra confusamente uma quantidade de outros modos, formas e gênero.” (Ceserani, 2006, p.8) A segunda tem relação com a humanização do fantástico e a importância de observar o gênero como um importante mecanismo de compreender a realidade, como articularia Karin Volobuef algumas décadas depois; “Esse "realismo" do fantástico não implica, porém, em uma limitação ou pauperização de seu alcance na abordagem de problemas humanos. Antes, é a fonte de sua complexidade estética e de representação social - estando aí justamente sua distinção em relação à simples "história de horror",”. (Volobuef, 2000, p.110)

No ano seguinte, o professor Roberto Reis publica um trabalho intitulado: *Para uma Definição do Fantástico* (1977). Nesse trabalho, o pesquisador apresenta uma crítica à teoria até então mais reconhecida e aceita sobre o fantástico como gênero literário, a hesitação de Tzvetan Todorov. Utilizando as palavras de outro professor, Anazildo Vasconcelos da Silva, semiólogo e professor aposentado da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Roberto Reis realiza um estudo comparativo e defende o texto de Todorov. Ele explica que a separação proposta por Anazildo entre o texto e o leitor está mais relacionada ao estado presente da crítica na época, que tentava conceber o texto como uma entidade autoexplicativa, sem a necessidade de influência externa, do que um texto vivo em interação com o leitor.

É interessante observar que o texto de Roberto Reis oscila entre uma abordagem definicional do fantástico a partir de uma perspectiva quase estruturalista, chegando a criar gráficos de análise textual, semelhantes à abordagem do texto canônico de Todorov, e um olhar que se mostra hesitante na relação com a realidade e o insólito. Reis pontua que é apenas nesse processo de distanciamento que o fantástico deixa de existir, estabelecendo assim uma correlação entre crença e agnosticismo literário. Essa dualidade na abordagem do fantástico enriquece o debate sobre sua natureza e sua relação com a experiência do leitor.

É importante sublinhar que o fantástico, sendo um discurso de recodificação, só se sustenta em seu fracasso: Se esta “for restabelecida, o fantástico desaparece”, uma vez que ele subsiste “pela impossibilidade de sua recodificação”. Com efeito, a recodificação acabará com a hesitação do leitor. (Reis, 1977, p.38)

Curiosamente, seguindo os passos das análises de Tzvetan Todorov, Roberto Reis conclui esse trabalho com uma análise da lenda grega do Minotauro e do labirinto em comparação ao corpus textual de Jorge Luis Borges. Essa análise segue um padrão comum do período e complementa a ideia inicial do texto fantástico como uma extrapolação da realidade a partir do olhar tríplice do autor, da obra e do leitor.

Avançando para a década de 1980, encontrei o texto de Regina Zilberman, *As funções do maravilhoso na narrativa brasileira* (1981), onde a autora analisa o texto de Vladimir Propp *Morfologia do conto fantástico* (1928), explorando as características do texto do formalista russo com os contos de escritores brasileiros como João Simões Lopes Neto, Mario de Andrade, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

A abordagem de Zilberman fundamenta-se nos elementos centrais do texto de Propp em relação ao herói e às etapas de sua jornada no conto maravilhoso. Essas etapas partem da prova que um herói precisa enfrentar para iniciar a aventura, passando pelas reações do herói em relação à jornada futura e culminando no objeto mágico que auxilia no processo de descobrimento do encontro com o insólito. Semelhante à esquemática da jornada do herói grego, Propp elabora uma espécie de estrutura narrativa para esses textos, possivelmente influenciado pelo estruturalismo que foi predominante em sua terra natal.

Zilberman emprega a abordagem teórica de Vladimir Propp para uma análise aprofundada dos contos de Simões Lopes Neto. Nesse contexto, ela desenvolve esquemas que formalizam o texto em termos de suas funções estéticas e estruturais,

sem perder de vista a relação social desses contos com o imaginário literário do fantástico brasileiro. Isso se deve ao fato de que, em sua maioria, essas narrativas abordam lendas e o imaginário popular brasileiro, enriquecendo a compreensão do gênero e sua inserção na cultura nacional.

O momento mais significativo desse texto, em minha análise, reside nos dois últimos parágrafos, nos quais Zilberman busca estabelecer uma distinção e limitação na teoria de Vladimir Propp em relação à literatura brasileira. Ela destaca especialmente a riqueza da diversidade cultural nacional e a complexidade da questão da identidade nacional. Esses elementos refletem uma crítica consciente à autenticidade da literatura brasileira e à distância da teoria estruturalista em direção a uma visão mais sociológica do texto fantástico.

uma nova via de investigação se abre, que se caracteriza não apenas por integrar à leitura morfológica as abordagens sociológicas ou míticas, mas e sobretudo - por interrogar o papel que exerce o fantástico em determinada obra ou criador. Como, na tradição da literatura brasileira, ele tem sido um fato sempre presente, porque incorporado por escritores como Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, entre outros, sua constância ainda é digna de uma perquirição, uma vez que pode desaguar na constatação das peculiaridades da produção nacional e do lugar social desta. Emergindo com frequência notória numa literatura cujo percurso histórico tem sido marcado pela busca e afirmação da autenticidade, é da conjugação destas duas inclinações simultâneas que se poderá eventualmente resolver o dilema e conferir a identidade artística brasileira. (Zilberman, 1981, p.79)

Esse é o único texto de Regina Zilberman que encontrei sobre a literatura fantástica brasileira durante o século XX, apesar da extensa carreira acadêmica da autora e da sua incontestável importância para o trabalho com a leitura no Brasil. Contudo, destaco que Zilberman contribuiu significativamente para a história do fantástico ao ajudar a compreender o lugar de nossa literatura e o espaço amplo que ela conquistou durante o século XX, especialmente as literaturas populares e as obras que reimaginam nossos espaços e nossa cultura, tão comuns no imaginário e na biblioteca do fantástico nacional.

O próximo texto que trago se intitula *A ambiguidade do fantástico em literatura* (1983), de Cleone Antônia Cristina Leite de Abreu Ribeiro, autora da qual não encontrei muito material além desse texto, que é razoavelmente referenciado, e que foi publicado na revista de letras da USP. A escolha se deve à interessante perspectiva que a estudiosa insere ao falar da relação do fantástico com a realidade e a irrealidade

a partir da ambiguidade do gênero.

A autora inicia esse texto com uma breve revisão da hesitação todoroviana e da estruturação da literatura fantástica na tríade Fantástico-Maravilhoso-Estranho. Em seguida, explora as relações de ambiguidade proporcionadas pelo fantástico até aquele período, tanto pela crítica literária quanto pelos escritores que se aventuraram no gênero. Destaco, então, a percepção da autora, expressa ao final de seu texto, sobre essa fragilidade na criação de uma estrutura para o fantástico devido às constantes dúvidas que cercam o gênero naquele contexto histórico. Essa reflexão ressalta a complexidade e a fluidez do fantástico, que desafia tentativas de categorização rígida e revela sua natureza ambígua e desafiadora, hesitosa, já que Todorov era o centro da crítica do período.

Em resumo, a ambiguidade do fantástico reside: na própria definição do termo desde que não há consenso nem entre aqueles que o utilizam, ou seja, entre os que elaboram os textos de ficção e nem mesmo entre aqueles que os apreciam segundo uma visão crítica determinada; no modo de apreensão do fantástico pelo leitor implícito e na relatividade, tanto da cultura real que atua como suporte para o imaginário, como do leitor real no modo como se posiciona frente ao fantástico elaborado no texto. (Ribeiro, 1983, p.77)

É interessante trazer esse texto porque ele ilustra uma mudança significativa na abordagem crítica do fantástico ao longo do século XXI. Até meados da década de 1990, o fantástico era frequentemente estudado e concebido como um espaço separado da realidade pela maioria dos críticos, um domínio distinto onde os textos eram inseridos para refletir, em grande parte, aspectos da realidade. No entanto, ao examinar as narrativas com um olhar mais contemporâneo, percebo uma abordagem diferente: essas obras não se afastam tanto da realidade, mas buscam uma aproximação com o presente do leitor, integrando-se ao seu contexto empírico de maneira mais próxima e relevante. Essa mudança de perspectiva reflete uma evolução na compreensão do papel do fantástico na literatura e na sociedade.

O que observei ao analisar esses textos críticos das décadas de 1970, 1980 e 1990 é que o fantástico, frequentemente tratado como um gênero em desenvolvimento, reflete de maneira significativa a realidade da população brasileira da época. Ele captura momentos de incerteza e questionamentos sobre o futuro: seja a violência da ditadura nas décadas de 1960 e 1970, a insegurança econômica da década de 1980 durante a transição para o poder civil, ou a crise econômica e social da década de 1990, além da proximidade da virada do século e as transformações

iminentes, como o advento da tecnologia e da internet, que começavam a mudar profundamente a concepção de mundo. Essas mudanças são parte da ambiguidade mencionada pela autora no parágrafo anterior: a incerteza do futuro e o limiar entre diferentes realidades. O fantástico, ao explorar essa incerteza, encontrou uma maneira de se conectar com os leitores, oferecendo uma zona de segurança dentro desse contexto de transformações e inseguranças.

Muitos trabalhos desse período se dedicaram não à teoria literária referente ao fantástico em si, mas ao trabalho sobre uma obra ou um autor específico. Gostaria de trazer brevemente algumas delas como referência antes de entrar nos textos da década de 1990. Em 1974, Duarte Faria publica *Um fantástico de imersão social em José Régio*, texto que trabalha com a pentalogia *A velha casa*, publicadas entre 1945 e 1966, e constrói uma interessante perspectiva sobre o lugar do insólito em meados do século XX, ainda sem a estruturação teórica que viria nas décadas de 1960 e 1970.

Tieko Yamaguchi Miyazaki e Julieta Haidar de Marénez publicam o texto *O romance de José Candido de Carvalho* (1975), e constroem uma primeira análise mais ampla de um de nossos principais escritores do fantástico, utilizando as abordagens de Todorov sobre o fantástico e a teoria da comunicação do linguista Roman Jakobson. Em seu texto as autoras consideram que a função do romance de José Candido de Carvalho, com os devidos cuidados com o uso da palavra “função”, recai na autenticação da realidade a partir da ficção.

E aqui, diríamos, configura-se também a história do romance. Se conforme o esquema de Jakobson a função poética se institui quando o enunciado nos remete à própria mensagem, o romance se afirma como um emissor que emite a mensagem da narração do Coronel Ponciano de Azeredo Furtado. É, portanto, a narração do romance que autentica as coordenadas ficcionais por excelência: uma coordenada a-espacial e a-temporal que só ganha existência no ato de co-produção da leitura. (Miyazaki; Marénez, 1975, p.60)

Esse texto, mesmo com quase cinquenta anos desde sua publicação, continua relevante até os dias de hoje. Muitas das teorias sobre o fantástico e o insólito retornaram a esse tema ao longo das décadas, principalmente por conta da abordagem pioneira das autoras, que colocaram um foco especial no papel do leitor no processo literário. Essa perspectiva, que considero vanguardista, resgata um elemento crucial que muitas vezes foi negligenciado nas análises literárias.

Textos que analisam obras de Murilo Rubião são os mais frequentes, muito provavelmente pela importância e influência do escritor no cenário do fantástico

nacional. Textos como *O Convidado*, Murilo Rubião (1975), de Benedito Nunes e *O pirotécnico Zacarias* (1975), de Rui Mourão, que se debruçam sobre os contos que dão nome aos trabalhos; *Simbologia do fantástico em Murilo Rubião: Interpretações* (1979), de Noemi Elisa Aderaldo, que analisa brevemente quatro contos do autor; *Murilo Rubião: a poética do uroboro* (1981), de Jorge Schwartz, que constrói uma investigação acerca dos contos que fazem um processo de retroalimentação; e o trabalho de Bella Josef, *Os 70 anos de Murilo Rubião* (1986), que faz um aparato da vida e obra do escritor mineiro e de suas contribuição para a constituição de nossa literatura, são alguns exemplos.

Outros escritores foram também muito esmiuçados pela crítica dessas primeiras décadas de análise do fantástico nacional. Vou me dedicar brevemente aos mais citados a fim de entender, ainda que resumidamente, essa tendência. Érico Veríssimo é um deles. Um dos trabalhos que chamou especial atenção é a dissertação de mestrado de Oswaldo Antônio Furlan, intitulada *A expressão estética da visão sociopolítica em Incidente em Antares* (1976), onde o estudioso cria uma análise em nível linguístico e narrativo do impacto social da obra de Veríssimo no público leitor e na história da literatura brasileira do período

Lygia Fagundes Telles se equipara a Murilo Rubião em número de trabalhos. Destaco aqui *A metamorfose em Lygia: processos de metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles* (1984), de Vera Maria Tietzmann Silva e *Existência e coisificação nos contos de Lygia Fagundes Telles* (1986), de Antônio Manoel dos Santos Silva. Sua xará, Lygia Bojunga Nunes, também é bastante referenciada. Destaco *A invocação linguística em Lygia Bojunga Nunes* (1983), de Maria Antonieta Antunes Cunha, que vai explorar os contos de Lygia Bojunga como um processo de reconhecimento do público infantojuvenil em direção a uma linguagem de transição para a fase adulta.

Ignácio Loyola Brandão também aparece com frequência como tópico central de alguns trabalhos, como por exemplo *A propósito do romance "Zero" de Ignácio Loyola Brandão* (1980), de Doloris Ruth Simões de Almeida e *A verdade da arte* (1990), de Cecília Almeida Salles. Josué Guimarães repete o feito, com textos como *"Camilo Mortagua" - Um romance da burguesia gaúcha* (1981), de Zahidé Lupinacci Muzart, e *Análise do processo político focalizado ficcionalmente em Os tambores silenciosos de Josué Guimaraes* (1984), de Édison José da Costa.

É interessante observar como, além dos autores mencionados com frequência,

muitos outros tiveram oportunidade semelhante de aparecer nessas revistas, dissertações e teses que exploraram o fantástico. Isso ocorreu em um período marcado por uma forte presença do gênero, mas também por uma repressão estatal significativa. Curiosamente, foi apenas na década de 1990 que essas análises começaram a se expandir de forma mais significativa, tornando-se referências importantes para o estudo do fantástico que venho abordando em minha tese.

Observo uma mudança significativa no cenário do fantástico nacional em 1990. Como já mencionei anteriormente em diversas ocasiões, é nesse momento que a produção literária do gênero entra em declínio acentuado, com uma queda considerável no número de publicações. No entanto, noto que, nesse mesmo período, o número de trabalhos acadêmicos sobre o fantástico explode, representando quase metade de todos os textos encontrados para este trabalho.

Essa relação paradigmática pode ser analisada a partir de dois prismas centrais na minha percepção. Em primeiro lugar, o aumento significativo dos acervos universitários e particulares permitiu um acesso mais amplo aos textos, possibilitando uma base mais sólida para a pesquisa acadêmica. Em segundo lugar, o período de calmaria na produção literária do fantástico pode ter proporcionado tempo e espaço para que a crítica literária se dedicasse à análise mais profunda do gênero. Não afirmo que nenhum desses dois prismas seja o motivo conclusivo desse aumento da produção acadêmica sobre o fantástico, mas apresentarei a seguir alguns trabalhos que contribuem para sustentar essa perspectiva.

O primeiro deles é a tese de doutorado de Júlio César Jeha, intitulada *A construção de mundos na literatura não-realista* (1991). Texto que considero um dos mais completos sobre o fantástico, ou a literatura não-realista em suas palavras, produzidos no Brasil durante o século XX. No trabalho, Júlio César Jeha percorre vários caminhos que vão da construção dos signos e da oralidade não-realista, passando pelas relações de mimese estética e mimese referencial. Dialoga também com a cultura e a reconstrução da realidade, e finaliza seu texto com o tempo e o espaço da literatura não-realista e a questão da identidade humana.

Nesse percurso, o pesquisador cria um amplo aspecto da constituição dessa literatura no imaginário do leitor brasileiro e na formação de nossa sociedade com as relações fantásticas do gênero. Destaco, ainda, a amplitude do trabalho ao se debruçar sobre tantos termos e sobre tantas formas de olhar para esse não realismo, criando o que eu chamei, durante a leitura de seu trabalho, de um processo de

avivamento do fantástico na sociedade brasileira.

Quero destacar dois momentos que me chamaram a atenção durante a leitura dessa tese, que mostra o vanguardismo do pensamento de Júlio Cesar Jeha em relação ao fantástico. No capítulo 3, *Mímese e mundos possíveis*, o estudioso pontua que é a partir das referências externas que construímos nossas relações internas, é a partir da disseminação dos eventos no campo semântico da linguagem e da observação da vida que o indivíduo constrói suas verdades e suas relações com o todo real.

O campo de referência interno é modelado a partir do externo: o nosso conhecimento do mundo nos permite encontrar significados em uma obra de ficção, construir os quadros de referência a partir de material disseminado, preencher vazios e criar hierarquias. Por sua vez, o campo de referência interno representa campos externos: certos comportamentos, cenas, construtos de significado complexo são entendidos como "típicos" (ou "atípicos") quando comparados com a história, a natureza humana, a sociedade urbana ou qualquer outro campo de referência generalizado. (Jeha, 1991. P.75)

O pensamento de Jeha pode não ser original em sua base de significado, afinal, a ideia de que o meio corrompe e forma o indivíduo já era plenamente discutida em 1991 pela sociologia como ciência. O que me chama atenção nessa citação, e no trabalho de forma geral, é como o autor cria essa conexão com o fantástico, ou o não-real como ele nomeia ao longo do texto, e me fez refletir sobre muitos dos textos do fantástico produzidos até então.

A referência destacada pelo pesquisador tem muito a ver com a construção de realidade que o fantástico subverte ao brincar com a realidade e alterá-la por meio de elementos que desafiam a física e a lógica. A base piramidal que sustenta nossa realidade é questionada em muitos dos textos fantásticos, e Júlio Jeha entende que essa interseção entre o real e o não-real é o que provoca no leitor a quebra da segurança durante a leitura. É o espaço onde o leitor hesita e, nesse aspecto, retornamos a Todorov, voltamos à base.

Esse pensamento me leva a uma segunda parte do texto do pesquisador que gostaria de trazer, onde Júlio Jeha discute um pouco acerca de sanidade e loucura e como a não-realidade brinca com essa complexa relação humana. No capítulo 9 de sua tese, o autor faz quase um desabafo, questionando o lugar e a importância da interpretação do que é considerado são e do que é considerado louco pela sociedade, dos desvios de realidade, como ele aponta, e da forma como o olhar para um objeto

que não dialoga com o que o entorno considera padrão equivale a um pensamento louco e, dessa forma, isolado.

O conceito particular de realidade depende da adequação do mapa interior de cada indivíduo (Innenwelt) ao seu mundo objetivo característico da espécie (Lebenswelt). Quando esse mapa coincide de maneira tal que quaisquer divergências possam ser consideradas meras idiossincrasias, diz-se que o indivíduo é sã. Seu comportamento se encaixa nos parâmetros considerados normais pela cultura que o gerou. Quando, porém, apenas o indivíduo (ou apenas mais um pequeno grupo) experimenta objetividades sem contraparte na fisicalidade, ele é tido como louco. Dom Quixote via gigantes e não moinhos de vento; por isso, as outras pessoas o consideravam vítima de alucinações. As manifestações literárias da fantasia jogam com a possibilidade de se criar mundos ficcionais para questionar os conceitos de realidade em ambos os níveis. O propósito é mostrar que a realidade está longe de ser permanente e universal, como querem os realistas dogmáticos; antes, ela se origina na confluência da fisicalidade e da experiência. Muda-se o aparato perceptual e obtém-se um novo conceito de realidade. (Jeha, 1991. P.246-247)

A leitura desse trabalho se mostrou imprescindível para entender como a década de 1990 olhava para o fantástico, como o pensamento crítico acerca do gênero começava a ganhar força acadêmica mais intensa e, com os devidos cuidados de uma leitura diacrônica, esse texto se mostrou importante. Esse texto em particular me fez refletir sobre como os termos do fantástico estão em constante evolução e reconstrução. O conceito de não-real, explorado pelo autor, se destacou para mim como uma abordagem profundamente enriquecedora, criando um paralelo entre a vivência do fantástico e do não-real como termos correlatos.

Avançando um pouco na década de 1990, Nelci Muller, em *A trajetória do fantástico* (1993), produz um trabalho comparativo entre quatro obras de Poe, Kafka, Borges e Gabriel Garcia Marques, utilizando como base os conceitos do fantástico de Tzvetan Todorov e Felipe Furtado. A abordagem de Muller é interessante, especialmente na forma como ela desafia a tradicional hesitação fantástica proposta por Todorov. Ao rejeitar essa hesitação, Muller abre caminho para uma concepção de fantástico contemporâneo que aceita o elemento insólito como uma parte intrínseca da realidade. Isso sugere uma mudança significativa na forma como entendemos e interpretamos o fantástico, abrindo espaço para uma compreensão mais fluida e integrada do termo.

No penúltimo parágrafo, Muller sugere que é na ruptura com o questionamento do real, permitindo a entrada do insólito, que o fantástico encontra sua força. Ao fazer isso, ela nos leva a explorar terrenos inesperados e perigosos, onde o insólito é uma

constante indissociável da realidade. Essa abordagem reconhece a fluidez da modernidade como um espaço inquieto e mutável, onde a insatisfação e a fragilidade são constantes inseparáveis.

Nas composições do século XX, especialmente as observadas, a fantasmagoria e a hesitação cedem lugar a outros componentes que podem alicerçar a literatura de expressão fantástica, tais como a ausência de perplexidade ante o elemento insólito; a transfiguração do mundo objetivo num mundo de nulificação; o comum do homem, da vida no incomum; a linguagem do cotidiano como limite entre o real e o não-real. (Muller, 1993, p.42)

Os textos sobre a trajetória literária de autores do fantástico foi outra característica interessante da crítica da década de 1990. Trabalhos como *Recepção e interpretação de J.J. Veiga* (1991), de Deusa Fonseca; *Érico Veríssimo, o fantástico e a tradição menipeia* (1993), de Gary Vessels; *A biblioteca fantástica de Murilo Rubião* (1994), de Vera Lucia Andrade; *O universo fantástico de José J. Veiga* (1995), de Rosa Maria Morsch; *O mundo fantástico de Ignácio de Loyola Brandão* (1995), de Marion da Cunha Cerqueira; *Murilo Rubião: Escrita e Reescrita* (1995), de Sandra Regina Chaves Nunes, e alguns outros, se dedicaram a um trabalho mais direcionado para a fortuna literária desses escritores, que se tornaram nossa central referência do fantástico nacional durante o século XX, em especial na segunda metade do século, quando tivemos nosso *boom* fantástico.

Acredito que a explicação para o surgimento de muitos desses trabalhos está intimamente relacionada com o estado de nossa produção literária do fantástico durante esse período. Acredito que muitos pesquisadores se viram em um espaço limitado de referências contemporâneas para seus trabalhos, necessitando recorrer aos clássicos para ampliar nosso repertório crítico do fantástico.

Outra suposição é a tentativa de manter vivos esses escritores que, em sua maioria, já haviam falecido e tinham deixado toda sua biblioteca literária para as gerações futuras sem um trabalho de curadoria específica. Logo, o trabalho dos pesquisadores não se limitou apenas à análise crítica, mas também envolveu esforços significativos de resgate e preservação dessas obras, muitas vezes encontradas em arquivos pessoais, bibliotecas universitárias ou até mesmo em edições esgotadas com colecionadores. Essa tarefa de curadoria e preservação foi fundamental para garantir que o legado desses escritores e a influência do fantástico na literatura brasileira do século XX não se perdessem no tempo.

Avançando para a segunda metade da década de 1990, a tese de doutorado de Celia Maria Magalhães, intitulada *Os monstros e a questão racial na literatura pós-colonial brasileira* (1997), investiga a representação do monstro e da monstrosidade na literatura e no cinema no contexto pós-colonial. A abordagem oferece valiosas percepções das questões raciais e sociais contidas nesses textos ficcionais, revelando as diversas camadas de significado e influência cultural dessas obras no imaginário do leitor.

A trajetória da pesquisa parte do conceito do que foi a ideia de monstro na gênese literária ocidental até chegar na literatura brasileira, tanto como tradução como por produção nacional. Além dessa perspectiva, a autora dedica o capítulo final à narrativa fílmica e à influência do vampiro, como criatura insólita, na construção identitária ocidental acerca da ideia de monstrosidade humanizada.

O trabalho de Celia Maria Magalhães revela algumas características interessantes da transformação do fantástico como gênero narrativo e de sua constituição e atuação no Brasil. Inicialmente, a pesquisadora pontua a ampla gama de textos que influenciaram as narrativas nacionais e as transformações pelas quais elas passaram a fim de se adaptarem ao público brasileiro. Em seguida, a autora transporta a ideia de vampiro para solo nacional a partir de três perspectivas: a noção de canibalismo, antropofagia, e a relação com o vampiro histórico, *Drácula*, de Bram Stoker, em específico.

No último tópico desse capítulo, após falar sobre os vampiros e sobre Macunaíma, em um estudo comparativo com os *Trickster*, entidades mitológicas poderosas conhecidas por pregarem peças e, em um contexto geral, serem conhecidas pelas brincadeiras e pela tolice de algumas de suas atitudes – um exemplo é Loki, da mitologia Nórdica – Celia Maria Magalhães faz um retorno às criaturas que haviam sido apagadas pelos textos do fantástico, construindo, assim, um paralelo entre a gênese do fantástico e a modernidade.

Todo o trabalho da pesquisadora é uma rica fonte de referência para entendermos a constituição de nosso fantástico e as transformações pelas quais o gênero passou em relação à questão do monstro na literatura e no cinema. Além disso, é importante a abordagem da autora em relação às referências desses monstros com os elementos reais de colonização cultural pela qual o Brasil passou por toda a sua literatura até termos consciência e começarmos a falar sobre nós mesmos.

Por fim, gostaria de apresentar um excerto das considerações finais sobre a concepção do vampiro na literatura brasileira, explorando suas mitologias e conceitos originais em relação às transformações quando confrontados com a literatura brasileira contemporânea.

Os vampiros, confirmando a sua natureza imortal, estão sempre retomando às páginas da literatura brasileira. Dando ênfase à sexualidade e ao estilo de escrita vampiresca, como é o caso de Trevisan; representando o capitalismo selvagem, a sugar os jovens durante a repressão ditatorial dos anos sessenta e setenta, na ficção de Cristóvão Tezza; como o vírus da escrita pós-estruturalista de Augusto de Campos. Ressurge, em conto recente de Grammont, como a geração de intelectuais brancos mortos-vivos, a sugar o sangue dos jovens, contaminando-os irremediavelmente, a qual visualiza no contato com o negro sócio-culturalmente inferior a única possibilidade de vida. Esse conto, diferentemente das outras representações de figuras vampirescas, é sensível ao fato de que a questão racial é inerente ao vampirismo, entretanto trata-a ainda dentro da perspectiva da oposição natureza versus cultura, bem à maneira de Montaigne, ao tratar do canibalismo na Renascença. (Magalhães, 1997, p.310-311)

O último trabalho que trago para este breve percurso fecha um ciclo ao voltar para Murilo Rubião e para a ideia de construção da literatura por si mesma, em um processo antropofágico, com o texto *O guarda-roupa do fantasma ou a astúcia da representação em fuga. Para uma leitura de "Epidólia" de Murilo Rubião* (1999), do professor da Universidade de Brasília, Hermenegildo Bastos.

O texto inicia com um questionamento recorrente em nossa área de estudo sobre o que constitui a literatura. Utilizando Michel Foucault para explorar a fusão do ato de escrever com o próprio processo de compreensão do fenômeno literário, Hermenegildo Bastos elabora um texto autorreferencial, ancorado na obra de Murilo Rubião como um dos pilares para sua abordagem.

Utilizando o conto *Epidólia*, o pesquisador discute a representação do mundo a partir da literatura e de como esse pensamento pode ser paradoxal. Ao apresentar um elemento insólito, como o fantasma, a literatura questiona o valor da realidade e importa da nomenclatura dos elementos a noção imprescindível de realidade, mesmo que um objeto não possa ser explicado.

No conto, ocorre um evento insólito no qual um fantasma, após ser avistado, desaparece, deixando os personagens questionando para onde ele foi. O que chama a atenção nesse conto é a inversão dos valores convencionais do fantástico, onde a aparição é o elemento mediador, e não o contrário. A partir desse ponto, Hermenegildo elabora uma análise comparativa entre o valor da representação e a ilusão associada

aos nossos elementos de valor, como o dinheiro e as transações comerciais.

Em "Epidólia" de Murilo Rubião discute-se a possibilidade de a literatura representar o mundo. Aquilo que não se deixa representar é o fantasma. Mas o fantasma se mostra ao se esconder. Assim, a forma-fantasma é paradoxalmente a única representação possível do irrepresentável. Também a mercadoria, o valor de troca, é fantasmagórica. A ilusão da representação faz parte do tecido social. A literatura, por ser ficção, pode nos dar a ver o que a ideologia esconde. (Bastos, 1999, p.93)

A análise se estende e aborda vários elementos de certeza que geralmente não questionamos na vida real, como o que confere valor aos bens materiais, as relações de troca entre tempo e trabalho do indivíduo dentro do mercado, e a importância que atribuímos a objetos e tarefas que não têm nenhum valor real para a sobrevivência do indivíduo. Tudo isso é discutido utilizando como referência o texto fantástico de Murilo Rubião:

Convertido em valor de troca, o produto do trabalho humano entra numa relação fantasmagórica com outros produtos. Fantasmagórica porque, a partir de então, nada é mais o que é, sim o que vale para troca. Marx diz que uma vez estabelecida essa relação entre dois produtos, tudo o mais é apanhado no turbilhão que a tudo transforma em mercadoria, até mesmo o homem. No universo de "Epidólia", pavão é a metonímia da forma-mercadoria. É o fantasma, o que não se deixa representar, porque, como fantasma, é meio para aparição daquilo que não é. Fetiche. (Bastos, 1999, p.106)

Finalizo este tópico pensando que a pesquisa científica acerca do fantástico no Brasil durante o século XX foi mais extensa do que o planejado inicialmente. Apesar do curto período de trabalhos encontrados, apenas trinta anos, foi possível observar um considerável interesse de alguns pesquisadores em entender o fantástico como pertencente indissociável da construção de nossa literatura, assim como da formação e das mutações do fantástico como gênero no Brasil.

Aposto, ainda, que esta pesquisa é um trabalho em formação e que o quadro IV, anexa a este trabalho, pode ser ampliada significativamente assim que tiver contato com outros pesquisadores do fantástico, criando, dessa forma, um acervo continuamente em construção de nossa pesquisa acadêmica do fantástico.

## CONSIDERAÇÕES

Dividirei esta conclusão em três blocos. No primeiro, falarei sobre o processo de concepção, reformulação, aceitação e escrita da pesquisa. A ideia é mostrar ao leitor quais foram os processos que me levaram a este trabalho e como ele foi formulado, visando a servir tanto como um banco de dados para a história do nosso fantástico nacional, quanto como um trabalho que aponta para diversas pesquisas futuras.

Em seguida, tentarei responder às perguntas que elenquei na introdução, criando uma conexão entre os objetivos iniciais e os resultados alcançados durante a pesquisa. Por fim, no bloco final, farei um levantamento de cada um dos capítulos, destacando os principais resultados de cada um deles e os caminhos que encontrei para destacar a importância do fantástico na construção de nossa literatura.

**CONCEPÇÃO:** Entrei no doutorado com um projeto que pretendia estudar a relação entre duas narrativas do fantástico sul-americano: *Sombras de Reis Barbudos*, do autor brasileiro José J. Veiga, e *A Casa dos Espíritos*, da escritora chilena Isabel Allende. O objetivo era criar uma conexão entre os elementos fantásticos dessas narrativas e as ditaduras militares em seus respectivos países. A ideia inicial era explorar como o fantástico poderia ser usado como uma ferramenta para abordar e criticar os regimes autoritários que marcaram a história do Brasil e do Chile.

Algumas dessas ideias iniciais ainda permeiam esta tese. Em vários momentos, recorro à relação do fantástico com o regime militar e suas interconexões. Isso ocorre porque o processo da censura e da violência militar é indissociável do nosso fantástico. A diferença é que me dediquei exclusivamente à literatura brasileira desse período, em vez de fazer um estudo comparativo com outros países. Mesmo assim, em algumas oportunidades, não consegui escapar de referenciar esses outros contextos.

**REFORMULAÇÃO:** A reformulação inicia com o afinamento geográfico, focando a tese apenas em narrativas brasileiras. Em seguida, delimita-se o processo de pesquisa ao século XX, um período amplo, mas necessário para contar a história desejada. Por fim, defino os tópicos a serem pesquisados e os exploro nos quatro capítulos que formam esta tese.

**ACEITAÇÃO:** Com a reformulação, vem a aceitação de que o trabalho não pode abraçar tudo o que gostaríamos de pesquisar inicialmente, mas que pode ser um recorte importante de um momento de nossa carreira como pesquisador, além de ser material para que outros projetos se realizem no futuro.

Por exemplo, durante a pesquisa, tentei encontrar todas as edições de todos os romances do fantástico brasileiro. Também procurei incluir toda a literatura infantojuvenil e buscar dados sobre o número de vendas dessas obras. Todos esses esforços falharam por não haver um acervo online disponível para buscar esses dados e, em uma segunda camada, ser um trabalho muito maior do que cabe a uma tese.

Aceitar que nosso trabalho tem um limite é um processo doloroso, parece que algo está tirando nosso direito de ir além, de buscar mais, e precisamos nos contentar com o que temos. A partir dessa aceitação, damos o próximo passo, o mais extenso, mas também o menos doloroso, pois as concepções foram feitas e podemos partir para a escrita.

**ESCRITA:** Esse processo foi o menos estressante em termos de escolhas, mas o mais cansativo no quesito trabalho. Foi aqui que busquei os dados, construí os quadros em anexo, criei o cronograma de escrita e produzi a tese. Tudo isso enquanto participava de eventos da área, enviava trabalhos para publicação em periódicos e me dedicava às demais atividades do programa, como estágio e estudos avançados.

Tudo isso ocorreu enquanto uma pandemia global mudava o mundo completamente, desolando famílias, e éramos governados por um poder executivo e legislativo negacionista. Foi um verdadeiro caos que, em muitos momentos, me fez sentir como se estivéssemos revivendo um dos períodos mais sombrios da nossa história, que coincidentemente também foi um dos mais prolíferos para o nosso fantástico: a ditadura militar.

Eu sei que sempre volto à ditadura militar. O projeto original era sobre ela e, mesmo que não tenha sido o que pensei antes de entrar no programa de doutorado, essa ideia permeou toda a pesquisa. Mesmo que eu não tenha vivido esse período como indivíduo, a história e a literatura me mostram que foi um momento de completa censura, a mesma censura que o fantástico ajudou a romper com seus textos.

Por fim, meu processo não deve ter sido diferente da maioria: sentar diariamente na frente do computador, pesquisar, escrever, e repetir esse ciclo por um longo período até a entrega deste trabalho. É natural que o leitor possa se questionar por que optei por abordar o processo de pesquisa no final deste texto. A resposta mais

honestamente que posso oferecer é que este momento me pareceu o mais apropriado. Espero que tenha ajudado a compreender onde estive durante esta pesquisa e o motivo de muitas escolhas que trago nesta conclusão.

Após finalizar este preâmbulo sobre o processo de escrita desta tese, passarei a discorrer sobre as perguntas que elenquei na introdução, com o intuito de apresentar alguns dos resultados da pesquisa. A primeira pergunta questionava como se deu a constituição do fantástico brasileiro e quais são suas referências. Com base no que foi explorado neste trabalho, considero que a constituição do fantástico brasileiro se deu tanto a partir de um processo de reinterpretação das influências externas quanto por meio de uma elaboração de autorreconhecimento como nação e cultura.

Diferente do contexto europeu e estadunidense, o fantástico brasileiro encontrou raízes mais profundas nas histórias dos povos originários, como nossos vizinhos iberoamericanos, no ambiente rural, que formou toda a nossa história como nação e na herança afro-brasileira, que se entrelaçou de tal forma em nossa cultura que se tornou indissociável da estruturação de nossa realidade.

Outro aspecto indissociável do nosso fantástico é a influência das ditaduras sul-americanas e a formação de nosso arcabouço literário. A censura e a violência do Estado ajudaram a estruturar o fantástico como um gênero literário crescente no Brasil, provocando, assim, um enlace entre resistência e sobrevivência. Em resumo, o fantástico brasileiro é uma síntese de diversas influências culturais e literárias, constituindo também uma formação singular de um país multifacetado e pluricultural.

A segunda pergunta procura destacar quem são os escritores que se dedicaram ao gênero fantástico no Brasil, e quais foram seus papéis na consolidação do fantástico durante o século XX. Para responder esse questionamento, recorri à busca desses escritores e de suas obras, construindo um quadro com duzentos e trinta e três obras publicadas entre 1903 e 2000.

A formação desse banco de dados ajudou a desenvolver de forma mais sólida alguns pensamentos, como, por exemplo, a geolocalização da maior parte desses escritores. Isso me permitiu observar os espaços de maior e menor intersecção entre o fantástico e o público leitor. Além disso, foi possível analisar o impacto e a influência de algumas obras no cenário cultural e político brasileiro, levando em consideração a forte repressão na segunda metade do século. Esse banco de dados serve também como referência para observarmos a amplitude do gênero no país e o alcance que ele teve ao longo do período destacado na pesquisa.

Por outro lado, ao observar esses dados, percebo que muitas obras e autores ficaram de fora devido à falta de cuidado em manter alguns acervos vivos. No entanto, observei que, contemporaneamente, algumas iniciativas têm resgatado obras que sucumbiram ao tempo e estão em processo de restauração, como é o trabalho do compilado *Tenebra: narrativas brasileiras de horror (1939-1989)* (2022), onde os pesquisadores Júlio França e Oscar Nestarez trazem 27 narrativas brasileiras do insólito em um esforço de escavação e reedição. O trabalho desses pesquisadores evidencia a riqueza e a profundidade do gênero, destacando a importância de iniciativas que buscam resgatar e preservar nossa herança literária do fantástico, assim como tentei trazer nesta pesquisa.

A terceira pergunta da pesquisa procurou investigar como a crítica literária abordou o fantástico enquanto gênero e de que maneira essas teorias influenciaram a formação crítica no Brasil. Para responder a essa pergunta, recorri a várias referências do estudo sobre o fantástico. Parti dos trabalhos europeus e estadunidenses, desde as abordagens anteriores à todoroviana até os críticos mais contemporâneos. Aproximei as abordagens dos críticos iberoamericanos e, por fim, busquei os nomes da pesquisa nacional que têm ganhado evidência no cenário acadêmico.

Nesta pesquisa, encontrei não só um grande empenho em discutir o fantástico no Brasil desde meados da década de 1970, através de revistas acadêmicas, suplementos literários e trabalhos de mestrado e doutorado, mas também diversas pesquisas que apontam em diferentes direções ao pensar o fantástico como gênero literário.

Como era de se esperar, há uma extensa discussão acerca desse tópico, por isso optei por manter o pensamento de Tzvetan Todorov como norteador da pesquisa. No entanto, acredito que grande parte das teorias modernas, desde a virada para o século XXI até os dias atuais, têm tentado criar espaços de múltiplas interpretações, tanto em relação ao espaço de atuação do fantástico como um gênero autônomo, quanto como um termo guarda-chuva que incorpora diversas outras vertentes emprestadas de outros gêneros para provocar o efeito fantástico, insólito, ou qualquer outra denominação explorada no primeiro capítulo desta tese.

Para responder a esse terceiro questionamento, percebo que os pesquisadores do fantástico e a constituição das teorias que definem o gênero têm recebido cada vez mais atenção no país. Iniciativas de pesquisa buscam tanto o resgate histórico das

obras quanto a reflexão sobre a influência do gênero na constituição do nosso corpus literário. Minha pesquisa, em particular, concentrou-se mais no resgate histórico e no estudo de uma base referencial, buscando criar um espaço de diálogo com futuras pesquisas.

A quarta e última pergunta norteadora deste trabalho procurou investigar como o fantástico resistiu a diversas formas de repressão e coexistiu com as múltiplas culturas do Brasil durante o século XX. Almejando encontrar uma resposta, levei em consideração tanto nossos contextos históricos durante o período em questão, quanto as influências que contribuíram para a constituição do nosso fantástico.

O que concluí, ao menos até esse momento da pesquisa, foi que um dos motivos pelos quais o fantástico resistiu foi sua capacidade de servir como um meio de expressão e subversão durante os períodos de maior repressão política e social que o Brasil enfrentou. Cito aqui a ditadura militar e a censura, especialmente nas décadas de 1960 e 1970. A literatura fantástica permitiu aos escritores abordar temáticas que foram apagadas e encobertas por se oporem à forma de governo do período.

Outro fator central para a resiliência do gênero nos períodos de maior cerceio às nossas liberdades foi o empenho dos escritores e de algumas editoras em se manterem presentes, mesmo com o risco de serem destruídas a qualquer momento, no cenário literário do país. Essas iniciativas, que exploro em diversos momentos do trabalho, como o levantamento das editoras e dos suplementos literários, permitiram que hoje tenhamos um resgate de muito do que foi publicado, mas que teve breve ou nenhuma divulgação. Concluo, portanto, que ainda há muito material a ser pesquisado, mas que as iniciativas desse resgate têm resultado em uma ampliação do que foi o fantástico no Brasil e de como ele tem se mesclado à realidade do país.

Elencadas as possíveis respostas para as perguntas de pesquisa, passo a resumir alguns dados que colhi em cada um dos capítulos deste trabalho. **NO PRIMEIRO CAPÍTULO**, construí uma revisão das abordagens teóricas sobre a literatura fantástica, abrangendo desde os textos dos séculos XVIII, XIX e XX até os mais contemporâneos. A ideia foi traçar um percurso histórico dessas teorias e como elas se modificaram ao longo do tempo, com o objetivo de compreender o fantástico e suas mutações de forma diacrônica.

**NO SEGUNDO CAPÍTULO**, construí um aparato da constituição da nossa literatura fantástica brasileira, passando pelos antecedentes históricos que datam do

século XVIII, dialogando com a literatura europeia e iberoamericana. Por fim, desenvolvi um dos subcapítulos de que mais me orgulho nesse processo, focado nos temas e motivos do fantástico nacional.

Nesse subcapítulo, elenquei sete tópicos em que nossa literatura fantástica se amparou no decorrer da história, desde os temas indígenas e as narrativas orais até as lendas urbanas e a herança religiosa. Enquanto pesquisava e escrevia sobre esse tópico, percebi que o fantástico vive, como grande parte das literaturas, de ciclos e transformações conforme a sociedade entende o mundo ao seu redor.

**NO TERCEIRO CAPÍTULO**, realizo um levantamento dos autores do fantástico nacional e de suas relações com a história que estava em construção no país durante o século XX. Começo abordando as influências externas que moldaram muitos de nossos escritores. Em seguida, destaco os nomes mais influentes que concretizam uma herança do gênero no país. Termino explorando com mais atenção a geração da ditadura e pós-ditadura, como elemento indissociável de nossa formação como sociedade literária.

O que percebi, durante a pesquisa e a escrita desse capítulo, foi que muito do nosso fantástico está ancorado em uma história de colonização e violência. Isso se manifesta tanto na maneira como a passagem do rural para o urbano foi realizada durante o século XX, geralmente marcada por violência e falta de garantias para a população, quanto na imposição do Estado com as políticas de censura e as diversas formas de violência social.

**O QUARTO CAPÍTULO** é o núcleo da tese, onde apresento quatro tópicos com elementos que ajudam a compreender a atuação do fantástico no Brasil em termos de dados. Inicialmente, levanto as primeiras edições das narrativas. Em seguida, apresento as capas dessas primeiras edições. Depois, analiso os suplementos literários que ajudaram a consolidar muitas narrativas do fantástico. Por fim, forneço um arcabouço referencial de artigos, dissertações e teses sobre o fantástico publicadas no século XX.

Dentro do primeiro tópico, realizo um levantamento dos períodos de maior publicação do fantástico no Brasil no século XX, construindo perspectivas sobre o motivo desses períodos serem mais prolíficos que outros, como, por exemplo, as décadas de 1970 e 1980, em comparação aos períodos de menor publicação do gênero, como as décadas de 1910 à 1930.

Em seguida, parto para uma análise dos três escritores do gênero fantástico

mais influentes do país: Murilo Rubião, José J. Veiga e Moacyr Scliar. A ideia desse tópico é destacar não só a importância desses autores para a construção do gênero no país, mas também suas influências nos jornais e na política da segunda metade do século XX. Além disso, destaco algumas das obras mais importantes desses autores no contexto do fantástico, consolidando-os como figuras indissociáveis do desenvolvimento do gênero no Brasil.

Em um terceiro momento, exploro as principais editoras que se dedicaram ao trato com o texto do fantástico, abordando brevemente suas histórias e destacando sua importância para a manutenção do gênero, especialmente durante os períodos de maior efervescência durante o regime militar.

Por fim, construo três gráficos com os dados coletados no Anexo I, que mostram os estados onde o fantástico foi mais publicado no país, as editoras mais influentes, e as décadas de maior movimentação do gênero. Ao elaborar esses gráficos, observei que o fantástico brasileiro viveu fases muito específicas. Durante momentos de grande importância política e cultural, o gênero esteve mais presente devido à necessidade de olhar para a realidade com um maior afastamento. Em períodos de menores mutações, ele se viu reduzido. Em resumo, o fantástico brasileiro cresce conforme a realidade se torna mais difícil de lidar; é a ficção, mais uma vez, ajudando o indivíduo a enfrentar a realidade.

O segundo tópico é uma análise das capas das primeiras edições que encontrei. Muitos elementos interessantes foram observados nesse momento. Por exemplo, as primeiras narrativas do fantástico durante o século XX traziam, em geral, uma capa com muitos elementos textuais, como pequenas frases, dados da editora e do escritor. O título tomava muito espaço, resultando em um conteúdo visual caótico.

Conforme as décadas avançam para o final da primeira metade do século XX, as capas começam a ganhar contornos mais detalhados. O trabalho artístico se refina, e os elementos textuais são reduzidos, resultando em capas menos poluídas e mais atrativas ao olhar atento. Essa evolução cria simbolismos e conteúdos visuais que despertam o interesse do leitor modelo, capturando a atenção antes mesmo de terem contato com o texto escrito.

Chegando à segunda metade do século XX, observei que as obras do fantástico começaram a adotar um contorno editorial mais refinado, refletindo a busca do gênero por consolidação no cenário literário brasileiro. As capas passaram a utilizar o minimalismo e o impacto visual, destacando-se pela simplicidade e eficiência na

captação de leitores. Além disso, surgiram narrativas com selos e identidades visuais próprias, como foi o caso de grande parte das obras de Rubens Lucchetti, que se tornaram marcantes por sua distinção e estilo característicos, geralmente com elementos de uma herança do gótico europeu.

Analisar algumas das capas desse período permitiu que eu entendesse as mutações pelas quais o gênero passou durante o século XX. Essas mudanças refletiram tanto a necessidade de se adaptar a uma realidade cada vez mais cerceada quanto a habilidade das editoras e dos autores em construir uma identidade visual plural para o gênero. Apesar de suas diversidades, essas identidades conseguiram permear diversos núcleos de leitores em todo o país, mostrando a versatilidade e a resiliência do fantástico brasileiro.

O terceiro tópico do capítulo final foi outro momento de muito orgulho para mim como pesquisador. Ao encontrar, de forma digitalizada, os suplementos literários dos jornais de Minas Gerais e São Paulo, a ideia de buscar os conteúdos sobre o fantástico nacional imediatamente se tornou uma realidade possível. Fisicamente, essa busca seria inviável para uma pesquisa no período do doutorado. Com os suplementos digitalizados, pude acessar um vasto material que enriqueceu a pesquisa, oferecendo dados que de outra forma teriam sido de difícil acesso.

O resultado foi uma fortuna de informações que compartilho no anexo II deste trabalho. Encontrei mais de duzentos textos, entre artigos, notícias, entrevistas e contos publicados de autores do nosso fantástico. Dessa forma, criei um arcabouço referencial de autores e obras que, em alguns casos, foram pouco acessados até esse material se tornar digital.

Esta pesquisa revelou nomes de autores e obras que até então não haviam sido devidamente reconhecidos, e que teriam sido esquecidos se não fosse pelo empenho de editores como Murilo Rubião, José Olympio, Ayres da Mata Machado, Laís Corrêa de Araújo, e muitos outros. Eles foram fundamentais ao trazer para os jornais de grande circulação de seus períodos obras e autores do fantástico, contribuindo, assim, para a divulgação e preservação desse patrimônio literário.

O último tópico desse capítulo aborda um conjunto de textos acadêmicos publicados a partir da década de 1970 que apresentam algum conteúdo relacionado ao trabalho com o fantástico ou a alguma obra do gênero, seja brasileira ou não, desde que a publicação tenha ocorrido no Brasil.

Essa pesquisa revelou um dado que considero importante para a conclusão

deste trabalho e que parecia invisível para mim como pesquisador antes de iniciar essa investigação. Refiro-me à presença de textos críticos sobre o fantástico ao longo de todo o período de circulação desse gênero durante o século XX, mas com maior intensidade após a publicação em português do texto de Tzvetan Todorov, *Introdução a literatura fantástica* (1970).

Foi possível perceber, ao coletar esses dados, que nossa riqueza crítica sobre o gênero é muito maior do que eu imaginava, e que ela está viva e atuante há muitas décadas, constituindo um material rico para pesquisas mais amplas no futuro. Além disso, revela que o Brasil sempre teve interesse pelo gênero, bastando uma análise mais atenta desses trabalhos armazenados em acervos, prontos para serem explorados em detalhes.

Termo essas considerações pensando que este trabalho sinaliza incontáveis pesquisas futuras, tanto minhas como de colegas que compartilham o prazer pela pesquisa do fantástico brasileiro. Foi um trabalho que me permitiu reconsiderar todo o nosso arcabouço literário do século XX, assim como foi capaz de me fazer entender momentos de nossa história que não vivenciei, mas acabei conhecendo pela história e pela literatura.

Deste trabalho, também derivam projetos que foram estruturados ao longo deste último ano de escrita. Planejo a ampliação das obras, das capas e dos trabalhos acadêmicos, com a intenção de publicar virtualmente esses dados em um documento público. Esse documento será sujeito a alterações e ampliações, conforme outros pesquisadores tenham acesso e possam contribuir com novas informações.

A virtualização e a ampliação dos ambientes digitais, que passou por um grande impulso durante e após a pandemia de 2020, permite que nossa pesquisa atinja públicos impensáveis anteriormente e que novos pesquisadores surjam diariamente, a fim de ampliar este trabalho de escavação que realizei durante esses quatro anos de doutorado.

Logo, a fim de soltar a mão definitivamente desta versão da tese, gostaria de deixar minha impressão final: pesquisar o fantástico brasileiro é abraçar o caos de nossa história e, ainda assim, entender a sua necessidade. É perceber que vivemos um reflexo de nossas violências e que o fantástico, com todos os seus mecanismos, consegue falar sobre nós a partir do sobrenatural e do insólito, melhor do que conseguimos imaginar.

## REFERÊNCIAS

- ABREU RIBEIRO, Cleone A. C. L. *A ambiguidade do fantástico na literatura*. Revista de Letras. São Paulo, 23:71-78, 1983. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/27666325?read-now=1&seq=7#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/27666325?read-now=1&seq=7#page_scan_tab_contents) Acesso em Abr. 2024
- ALAZRAKI, Jaime. *¿Qué es lo Neofantástico?*. Mester, Vol. XIX, No. 2, Outono, 1990. Disponível em: <https://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/Alazraki%20Que%20es%20lo%20neofantastico.pdf> Acesso em Jul. 2023.
- ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera. *Neofantástico*. Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 2019, Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/neofantastico/> Acesso em Jul. 2023.
- ANDRADE, Euclides Marques. *A Alegria de Angélica*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Mai. 1976. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&c=11050305197611> Acesso em Nov. 2022
- BASTOS, Hermenegildo. *O guarda-roupa do fantasma ou a astúcia da representação em fuga. Para uma leitura de “Epidólia” de Murilo Rubião*. Revista Cerrados. V.8 N°9, 1999. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/997> Acesso em Abr. 2024
- BERNARDINO, Rosângela Costa; FRANÇA, Júnia Lessa. *Suplemento Literário de Minas Gerais: indexação, restauração, digitalização e microfilmagem do acervo de 1966 a 2006. O desafio de colocar 40 anos online*. Repositório FEBAB, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/5720>. Acesso em Out. 2022
- BESSIERE, Irene. *O relato fantástico: Uma forma mista do caso e da adivinha*. Tradução de Biagio D’Angelo. Colaboração de Maria Rosa Duarte de Oliveira. Revista Fronteira Z. Volume 3 – nº3 – Set. 2009. ISSN 1983-4373.
- BORDINI, G. *30 anos de literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Global, 1998.
- BRANDES, Silvely. *Diálogos interculturais na literatura indígena contemporânea: uma perspectiva Bakhtiniana*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2017.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *Literatura fantástica: Caminhos teóricos*. São Paulo, Editora Cultura Acadêmica. 2014.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *Nodier e o fantástico*. Itinerários, Araraquara, nº19, pgs. 67-89, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/107331> Acesso em 30 mai. 2023.
- CAMARANI, Ana Luiza Silva. *Textos fundadores: Vax, Caillois, Todorov, Bellemin-Noel, Bessière*. In: *A literatura fantástica: Caminhos Teóricos*. São Paulo, SP, Cultura Acadêmica, pgs.43-96, 2014.

CASARES, Adolfo Bioy. Prólogo. In: *Antologia da literatura fantástica*. Tradução de Josely Vianna Baptista, São Paulo, Companhia das letras, 2019.

CASTELLO, José. *A segunda vida de Antônio Conselheiro*. O liberal: Caderno dois. Pará, 1989. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761036&pesq=%22A%20Casca%20da%20Serpente%22&pasta=ano%20198&pagfis=9591> Acesso em Out. 2023

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003

CESERANI, Remo. *O Fantástico*. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba, Ed.UFPR, 2006.

CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso*. Rio de Janeiro, Editora Perspectiva, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura de Transgressão I*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo). 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&pagfis=5070> Acesso em Fev. 2023

COELHO, Nelly Novaes. *O Carnaval Mítico*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo). Fev. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22avalovara%22&pagfis=5250> Acesso em Fev. 2023

COELHO, Nelly Novaes. *Herberto Sales*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo) Nov. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&pagfis=5474> Acesso em Fev. 2023

COELHO, Nelly Novaes. *Murilo Rubião do mágico ao fantástico*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Jan. 1976. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&c=11048501197608-11048501197609> Acesso em Jul. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. *A civilização-da-culpa e o fantástico-absurdo muriliano*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº 1061, Fev. 1978. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&c=22106102198701> Acesso em Nov. 2022.

CORRÊA, Almir Aquino. *Homens medíocres, mulheres infiéis: uma leitura de Os tambores silenciosos*. In: GOMES, Celina de Oliveira Barbosa; SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento (Org.). *Josué Guimarães nas trincheiras femininas*. Londrina: Edel, 2019, p. 63-98.

COVIZZI, Lenira Marques. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1971.

DION, Sylvie. *A lenda urbana: Um gênero narrativo de grande mobilidade cultural*.

Boitatá - Revista do GT de literatura oral e popular da ANPOLL. ISSN 1980-4504. 2008. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/handle/1/8012> Acesso em Set. 2023.

DUARTE, Lélia Maria Parreira. *Angélica ou a "reversão do platonismo"*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Jun. 1977. Disponível em: [www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&c=120558061977055](http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&c=120558061977055) Acesso em Nov. 2022

ERDAL JORDAN, Mary. *La narrativa fantástica: evolución del género y su relación con las concepciones del lenguaje*. Madrid: Vervuert Iberoamericana, 1998.

FERREIRA, Lidiane Cristine de Lima, LEITE, Guacira Marcondes Machado. *Diálogos entre as obras ficcionais sartreanas e contos fantásticos contemporâneos: o existencialismo refletido no fantástico*. Lettres Françaises, n.21 (2), 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/14946> Acesso em 01 Jun. 2023.

FILHO, Leodegário Amaranto de Azevedo. *Lygia Fagundes Telles e as antenas da criação*. Minas Gerais (Suplemento Literário) N°606, abr. 1978. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&c=13060304197804> Acesso em Nov. 2022.

FINAZZI-AGRÒ, E.. *(Des)memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964*. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (43), pgs. 179–190. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9952/8790> Acesso em Nov. 2023.

FISCHER, Almeida. *A criação ficcional*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo) Dez. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&pagfis=5507> Acesso em Mar. 2023

FISCHER, Almeida. *A magia e o absurdo na ficção*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo). N° 904, Nov. 1974. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&pagfis=5479> Acesso em Jul. 2023.

FISCHER, Almeida. *Caminhos do conto*. Minas Gerais (Suplemento Literário). N°857, mar. 1983. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&c=15085703198309> Acesso em Jul. 2023.

FONSECA, Pedro Carlos L. *O fantástico no conto brasileiro (I): Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano*. Minas Gerais (Suplemento Literário) N°763, mai. 1981a. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=14076305198106-14076305198107-14076305198108> Acesso em Jan. 2023.

FONSECA, Pedro Carlos L. *O fantástico no conto brasileiro (II): Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano*. Minas Gerais (Suplemento Literário) N°763, mai. 1981b. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=14076405198106-14076405198107> Acesso em Jan. 2023.

FONSECA, Pedro Carlos L *O fantástico no conto brasileiro (III): Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº763, mai. 1981c. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=140765051981\\_06-14076505198107](http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=140765051981_06-14076505198107) Acesso em Jan. 2023.

FONSECA, Pedro Carlos L *O fantástico no conto brasileiro (IV): Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº763, mai. 1981d. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=140766061981\\_04-14076606198105](http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=140766061981_04-14076606198105) Acesso em Jan. 2023.

FONSECA, Pedro Carlos L *O fantástico no conto brasileiro (V): Murilo Rubião e a equação fantástica do relacionamento humano*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº763, mai. 1981e. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=140767061981\\_08-14076706198109](http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=140767061981_08-14076706198109) Acesso em Jan. 2023.

FRANÇA, Júlio. *O gótico e a presença fantasmagórica do passado*. XV encontro ABRALIC. Pgs 2492-2502, 2016. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/20\\_16\\_1491403232.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/20_16_1491403232.pdf) Acesso em Jul. 2023

FRANÇA, Júlio. *O sequestro do gótico no Brasil*. In: As nuances do gótico – do setecentos à atualidade. Rio de Janeiro, Editora Bonecker. 2017.

FRATUCCI, Amanda da Silveira Assenza. *O fantástico tradicional: do século XIX à contemporaneidade*. XV Congresso Internacional da ABRALIC. ISSN 2317-157X, 2017. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/?ano=2017> Acesso em 01 Jun. 2023.

FUENTES, Carlos. *La nueva novela hispanoamericana*. 4ª ed. Tabasco, México Editorial Joaquim Mortiz S. A. 1972.

GAMA-KHALIL. *A literatura fantástica: Gênero ou modo?*. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 26 (dez. 2013) – 1-130 – ISSN 1678-2054. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol26/TR26b.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol26/TR26b.pdf) Acesso em Mai. 2024.

GOLGHER, Isaías. *O fantástico muriliano: salvar o homem na sua essência*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº1062, fev. 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&c=22106202198705> Acesso em Nov. 2022

GOMES, Duílio. *Moacyr Scliar: A Guerra do Bom Fim*. Minas Gerais (Suplemento Literário). 1973. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&c=08033501197311> Acesso em Out. 2023.

JEHA Júlio Cesar. *A construção de mundos na literatura não-realista*. Doutorado em Literatura Comparada. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9E5GXM> Acesso em Abr. 2024

JOSEF, Bella. *O espaço redimensionado da ficção*. Revista Letras, UFPR. 1976. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19536> Acesso em Abr. 2024.

JOSEF, Bella. *Um Ciclo Alegórico*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº650, mar. 1979. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&c=130650031979\\_05](http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&c=130650031979_05) Acesso em Jan. 2023

JOSEF, Bella. *Uma fábula contemporânea*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº767, jun. 1981. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=14076\\_7061981\\_04](http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&c=14076_7061981_04) Acesso em Jan. 2023

JUNKES, Lauro. *Três Romances do Medo*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº 596, mar. 1978. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&c=13059603197806-13059603197807> Acesso em Out. 2022

KON, Noemi Moritz. *125 contos de Guy de Maupassant*. Trad. Amilcar Bettega, São Paulo, Companhia das letras, 2009.

LEGUIZAMON, Maria Luisa Cresta. *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires, Argentina, Editora Feminaria. 1992.

LEITE, Eudes Fernando. *Eu sei contar histórias também: a voz da guardiã da memória oral*. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Oralidade e Literatura: Manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina. Universidade Estadual de Londrina, 2013.

LIMA, Stélio Torquato. *O fantástico como denúncia do real: Uma abordagem no cordel nordestino*. Revista entrelaces. V.8, nº20. Abr-Jun. 2020.

LINHARES, Temistócles. *Situação do conto no Brasil – 13*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo). 1971. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=09\\_8116x&Pesq=%22avalovara%22&pagfis=4311](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=09_8116x&Pesq=%22avalovara%22&pagfis=4311) Acesso em Out. 2023.

LINHARES, Temistócles. *Augusto Meyer — IV Situação do conto no Brasil — 3*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo) Nov. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22A%20FIC%C3%87%C3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&pagfis=4227> Acesso em Fev. 2023.

LINHARES, Temistócles. *Situação do conto no Brasil — 18*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo) Abr. 1971. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22A%20FIC%C3%87%C3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&pagfis=4352> Acesso em Fev. 2023.

LOPES, Hélio. *Literatura Fantástica no Brasil*. Revista Língua e literatura, USP. 1975. Disponível em: [https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8jxctPa-NqIJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&hl=ptBR&lr=lang\\_pt&as\\_sdt=0,5&as\\_ylo=1964&as\\_yhi=1990](https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8jxctPa-NqIJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&hl=ptBR&lr=lang_pt&as_sdt=0,5&as_ylo=1964&as_yhi=1990) Acesso em Abr. 2024.

LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. *Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956 a 1974)*. Dissertação

de Mestrado (Mestrado em Jornalismo). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-30032004-123234/publico/Artjor.pdf> Acesso em Fev. 2003.

LOVECRAFT, Howard Phillips. *O horror sobrenatural em literatura*. Trad. Celso M. Paciornik. 2ªed. São Paulo, Iluminuras, 2020.

LUCAS, Fabio. *Aspectos da ficção brasileira contemporânea*. Revista de Letras, Universidade Federal do Paraná. 1972. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19735/12978> Acesso em Abr. 2024.

MAGALHÃES, Célia Maria. *Os monstros e a questão racial na narrativa pós-colonial brasileira*. Tese de Doutorado (Letras/Literatura Comparada). Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG. 1997. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HZR6F> Acesso em Abr.2024

MARINEZ, Julieta Haidar; MIYAZAKI, Tieko Yamaguchi. *O romance de José Candido de Carvalho*. Revista de Letras, Vol. 22, pp. 21-25. 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27666201> Acesso em Abr. 2024.

MARQUES, Luís Paulo Fiúza. *A constituição do fantástico em O livro dos lobos, de Rubens Figueiredo*. Tese de doutorado (Doutorado em Letras). Universidade Mackenzie. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://adelpa-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/8a6baaeb-5ae0-42f9-bda1-dd96a33a3535/content>. Acesso em nov. 2023.

MARTINS, Wilson. *Romances e contos*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo) Jan. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&Pesq=%22A%20FIC%20C3%87%20C3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&pagfis=1004> Acesso em: Fev. 2023

MARTINS, Wilson. *Um realista mágico*. São Paulo (Suplemento Literário de O estado de S. Paulo). 1968. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&pesq=%22jos%C3%A9%20j.%20veiga%22&pasta=ano%20196&pagfis=3606> Acesso em Out. 2023

MASSOLI, Ligia Carolina Franciscati da Silva. *O fantástico em contos de Lygia Fagundes Telles e Amílcar Bettega Barbosa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2018.

MAUÉS, Flamarion. *Livros, editoras e oposição à ditadura*. 50 Anos do Golpe de 64 • Estud. av. 28 (80) • Abr 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/x8tRzrvWsZKLGZS54sPfvZj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em Fev. 2024

MAUPASSANT, Guy. *Le Fantastique*. Jornal Le Galois, 1883.

MENON, Maurício Cesar. *Figurações do gótico e de seus desmembramentos na literatura brasileira de 1843 a 1932*. Tese de doutorado (Doutorado em estudos literários). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

MONEGAL, Emir Rodriguez. *El Boom de la narrativa latinoamericana. Ensayo*. Caracas, Venezuela, Editora Tempo Nuevo S.A. 1962.

MONEGAL, Emir Rodriguez. *Borges por él mismo*. Caracas, Monte Ávila Editores. 1980.

MOURAO, Rui. *Murilo Rubião: 40 anos de Ex-Mágico*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº 1060, Fev. 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&c=22106002198701>. Acesso em Nov. 2022

MULLER, *A trajetória do fantástico*. Letras de hoje. Porto Alegre. V.28 Nº3, p.31-43, 1993. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16023/10502> Acesso em abr. 2024.

NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 3 ed. Porto Alegre: Globo, 1965. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000122.pdf> Acesso em Ago. 2023.

NODIER, Charles. *Du fantastique em littérature*. 1830. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1056777c/f6.item.r=du%20fantastique%20en%20litt%C3%A9rature> Acesso em 29 mai. 2023.

OLINTO, Antônio. *Objetos turbulentos*. Tribuna Bis, coluna LIVRO, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_05&Pesq=%22objetos%20turbulentos%22&pagfis=45956](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_05&Pesq=%22objetos%20turbulentos%22&pagfis=45956) Acesso em Out. 2023

OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. *Censura de livros durante a ditadura militar. 1964-1978*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. CFCH, História. Recife, 2003. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7262/1/arquivo\\_3445\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7262/1/arquivo_3445_1.pdf) Acesso em Fev. 2024

PEREZ, Renard. *A Trajetória de um escritor*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº 1060, Fev. 1987. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&c=22106002198702-22106002198703> Acesso em Nov. 2022

PERLATTO, Fernando. *História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964*. Rio de Janeiro, Estudos Histórico, vol. 30, no 62, p. 721-740, 2017.

PONCE, Ariel Gómez. *Stephen King – Ficcionalista*. Dicionário Digital do Insólito Ficcional, 2019, disponível em: <https://www.insolitificcional.uerj.br/stephen-king-ficcionalista/> Acesso em Out. 2023.

PONSONI, Samuel. *Análise discursiva da literatura como dispositivo enunciativo: o caso de Cadeiras Proibidas*. Dissertação (Mestrado). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/5702/3453.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em Nov. 2023.

REISZ, Susana. *Las ficciones fantásticas y sus relaciones con otros tipos ficcionales*.

In: ROAS, David. (Org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001. pp. 193-221.

REIS, Roberto. *Para uma definição do fantástico*. Revista de Letras, nº2, 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/29739339> Acesso em abr. 2024.

ROAS, David. *A Ameaça do Fantástico: Aproximações teóricas*. Trad. Julián Fuks. São Paulo. Editora Unesp, 2014.

ROSA, F.G.M.G. *Os primórdios da inserção do livro no Brasil*. In PORTO, CM., org. *Difusão e cultura científica: alguns recortes* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 75-92. ISBN 978-85-2320-912-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-04.pdf> Acesso em Jan. 2024.

SANTIAGO, Silvano. *Prefácio. A realização do desejo*. In: VEIGA, José J. *Os cavalinhos de Platiplanto: Contos*. São Paulo, Companhia das Letras. 2015

SANTOS, Luciane Alves. *Delírio e medo: o fio da incerteza no conto fantástico de Guy de Maupassant*. Revista Todas as Musas, ISSN 2175-1277, Ano 05, nº 02, jan-jun 2014. Disponível em: [https://www.todasasmusas.com.br/10Luciane\\_Alves.pdf](https://www.todasasmusas.com.br/10Luciane_Alves.pdf) Acesso em 31 mai. 2023.

SARTRE, Jean-Paul. *Aminadab, ou o fantástico considerado como linguagem*. In: *Situações I*. Trad. Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005

SILVA JUNIOR, Ednelson João Ramos. *Nas marginais: A narrativa da autoleitura em Fantoques, de Érico Veríssimo*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura). Universidade Federal de Alagoas, Maceió. 2020.

SOUZA, Valdira Meira Cardoso. *A narrativa fantástica de Machado de Assis*. SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: [http://www.ileel.ufu.br/anaisdosil/el/wp-content/uploads/2014/04/silel2009\\_gt\\_l05\\_artigo\\_1.pdf](http://www.ileel.ufu.br/anaisdosil/el/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_l05_artigo_1.pdf) Acesso em Ago. 2023.

SUASSUNA, Ariano. *Carlos Fuentes e o Brasil*. Folha de S. Paulo, coluna Opinião, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz20079907.htm> Acesso em: Out. 2023.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo. Perspectiva. 2014.

VAX, Louis. *La séduction de l'étrange*. Paris: PUF, 1965. (Philosophie Contemporaine).

VOLOBUEF, Karin. *Uma Leitura do Fantástico: A invenção de Morel (A.B.Casares) e O processo (F.Kafka)*. Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109-123. jan/jun. 2000.

WEIGEL, François. *Algumas "palavras secretas" de Rubens Figueiredo*. Literatura brasileira hoje. Revista Pessoa. 2018. Disponível em: <https://revistapessoa.com/artigo/2036/algumas-palavras-secretas-de-rubens-figueiredo> Acesso em Nov. 2023

ZAGURY, Eliane. *O contista do absurdo*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº1061, Fev. 1987. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&c=22106102198711> Acesso em Nov. 2022

ZILBERMAN, Regina. *As funções do maravilhoso na narrativa brasileira*. Universidade Federal de Minas Gerais. 1981. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ctle/artic le/view/7920> Acesso em Abr. 2024.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2ªed. São Paulo: Editora Contexto, 1991

ZILBERMAN, Regina. *Do pampa ao jardim, ou as peripécias de um centauro*. Minas Gerais (Suplemento Literário) Nº770, Jul. 2023. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/w ebsuplit/arquivos.php?a=1981&c=14077007198108> Acesso em Jan. 2023

## ANEXO 1 - OBRAS PUBLICADAS NO BRASIL DURANTE O SÉCULO XX

ANO	AUTOR	NATURALIDADE	OBRA	EDITORIA
1903	JULIA LOPES DE ALMEIDA	RIO DE JANEIRO	AS ROSAS - COLETÂNEA DE CONTOS ÂNSIA ETERNA	GARNIER
1903	JULIA LOPES DE ALMEIDA	RIO DE JANEIRO	OS PORCOS - COLETÂNEA DE CONTOS ÂNSIA ETERNA	GARNIER
1903	JULIA LOPES DE ALMEIDA	RIO DE JANEIRO	O CASO DE RUTE - COLETÂNEA DE CONTOS ÂNSIA ETERNA	GARNIER
1903	JULIA LOPES DE ALMEIDA	RIO DE JANEIRO	A NEVROSE DA COR - COLETÂNEA DE CONTOS ÂNSIA ETERNA	GARNIER
1903	JULIA LOPES DE ALMEIDA	RIO DE JANEIRO	A ALMA DAS FLORES - COLETÂNEA DE CONTOS ÂNSIA ETERNA	GARNIER
1913	J. SIMOES LOPES NETO	RIO GRANDE DO SUL	LENDAS DO SUL	ECHENIQUE & C.
1914	J. SIMOES LOPES NETO	RIO GRANDE DO SUL	CASOS DO ROMUALDO	GLOBO
1918	MONTEIRO LOBATO	SÃO PAULO	URUPÊS	REVISTA DO BRASIL
1919	MONTEIRO LOBATO	SÃO PAULO	CIDADES MORTAS	REVISTA DO BRASIL
1921	VINICIO DA VEIGA	MINAS GERAIS	O HOMEM SEM MÁSCARA	LIVRARIA CARLOS LEITE RIBEIRO
1921	VIRIATO CORRÊA	MARANHÃO	NOVELAS DOIDAS - MADRUGADA NEGRA	LIVRARIA CASTILHO
1922	AFFONSO SCHMIDT	SÃO PAULO	BRUTALIDADE	INST. D.
1922	RAUL DE POLILLO	SÃO PAULO	DANÇA DO FOGO: O HOMEM QUE NÃO QUERIA SER DEUS	MONTEIRO LOBATO
1922	RIBEIRO COUTO	SÃO PAULO	A CASA DO GATO CINZENTO	MONTEIRO LOBATO
1923	JOSE CAMELO DE MELO	PARAÍBA	O PAVAO MISTERIOSO	CORDEL *
1925	GASTÃO CRULS	RIO DE JANEIRO	A AMAZONIA MISTERIOSA	LIVRARIA CASTILHO
1927	AFFONSO SCHMIDT	SÃO PAULO	O DRAGÃO E AS VIRGENS	EDITORIA BRASILEIRA

1928	MARIO DE ANDRADE	SÃO PAULO	MACUNAIMA	OFICINAS GRAFICAS DE EUGÊNIO CUPOLO
1929	JOAO DE MINAS	MINAS GERAIS	JANTANDO COM UM DEFUNTO	ALPHA
1930	JOAO DE MINAS	MINAS GERAIS	FARRAS COM O DEMÔNIO	OROZIO
1930	MENOTTI DEL PICCHIA	SÃO PAULO	A REPUBLICA 3000	COMPANHIA EDITORA NACIONAL
1932	ERICO VERISSIMO	RIO GRANDE DO SUL	FANTOCHES E OUTROS CONTOS	GLOBO
1932	HUMBERTO DE CAMPOS	MARANHÃO	O MONSTRO E OUTROS CONTOS	MARISSA
1933	JOAO DE MINAS	MINAS GERAIS	MULHERES E MONSTRO	UNITAS
1934	AMÂNDIO SOBRAL	SÃO PAULO	CONTOS EXÓTICOS	MODERNA
1934	CAROLINA NABUCO	RIO DE JANEIRO	A SUCESSORA	EDITORA NACIONAL
1934	CORNELIO PENNA	RIO DE JANEIRO	FRONTEIRA	ARIEL RIO
1934	JOAO DE MINAS	MINAS GERAIS	PELAS TERRAS PERDIDAS	PAULISTA
1934	JOAO DE MINAS	MINAS GERAIS	HORRORES E MISTÉRIOS NOS SERTÕES DESCONHECIDOS	RECORD
1934	LÚCIO CARDOSO	MINAS GERAIS	MALEITA	SCHMIDT
1935	ERICO VERISSIMO	RIO GRANDE DO SUL	CAMINHOS CRUZADOS	GLOBO
1935	JOSE AMÉRICO DE ALMEIDA	PARAÍBA	COITEIROS	COMPANHIA EDITORA NACIONAL
1937	JERONIMO MONTEIRO	SÃO PAULO	O IRMÃO DO DIABO	COMPANHIA EDITORA NACIONAL
1938	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	PORAO E SOBRADO	CIA BRASIL EDITORA S.A.
1940	LUCIO CARDOSO	MINAS GERAIS	O DESCONHECIDO	JOSE OLYMPIO
1941	JOSÉ LINS DO REGO	PARAÍBA	AGUA-MÃE	JOSE OLYMPIO
1943	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	PRAIA VIVA	LIVRARIA MARTINS EDITORA

1944	BERNARDO ÉLIS	GOIAS	ERMOS E GERAIS: CONTOS GOIANOS - O CASO INEXPLICÁVEL DA ORELHA DE LOLÔ	BOLSA DE PUBLICAÇÕES HUGO DE CARVALHO RAMOS
1946	ADONIAS FILHO	BAHIA	SERVOS DA MORTE	JOSE OLYMPIO
1946	LUCIO CARDOSO	MINAS GERAIS	O ANFITEATRO	AGIR
1947	JERONIMO MONTEIRO	SÃO PAULO	TRÊS MESES NO SÉCULO 81	LIVRARIA DO GLOBO
1947	JOSÉ LINS DO REGO	PARAÍBA	EURÍDICE	JOSE OLYMPIO
1947	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	O EX-MAGICO	UNIVERSAL
1948	JERONIMO MONTEIRO	SÃO PAULO	A CIDADE PERDIDA	COMPANHIA EDITORA NACIONAL
1948	RUBEN BRAGA	ESPÍRITO SANTO	O HOMEM ROUCO	JOSE OLYMPIO
1949	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	O CACTO VERMELHO	MERITO
1951	GASTÃO CRULS	RIO DE JANEIRO	CONTOS REUNIDOS	JOSE OLYMPIO
1952	ADONIAS FILHO	BAHIA	MEMÓRIAS DE LÁZARO	O CRUZEIRO
1953	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	A ESTRELA VERMELHA	HIPOCAMPO
1954	ANTONIO CALLADO	RIO DE JANEIRO	ASSUNÇÃO DE SALVIANO	JOSE OLYMPIO
1954	CORNELIO PENNA	RIO DE JANEIRO	A MENINA MORTA	JOSE OLYMPIO
1954	LÚCIO CARDOSO	MINAS GERAIS	O ENFEITIÇADO	JOSE OLYMPIO
1954	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	CIRANDA DE PEDRA	O CRUZEIRO
1955	OSMAN LINS	PERNAMBUCO	O VISITANTE	JOSE OLYMPIO
1957	OTTO LARA	MINAS GERAIS	BOCA DO INFERNO	JOSE OLYMPIO
1958	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	HISTORIAS DO DESENCONTRO	JOSE OLYMPIO
1959	ANIBAL MACHADO	MINAS GERAIS	A MORTE DA PORTA ESTANDARTE - TATI A GAROTA E OUTRAS HISTÓRIAS	JOSE OLYMPIO
1959	JOSE J VEIGA	GOIAS	OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTO	NITIDA

1959	LUCIO CARDOSO	MINAS GERAIS	CRONICA DA CASA ASSASSINADA	JOSE OLYMPIO
1960	JORGE DE SENA	PORTUGAL - NATURALIZADO	ANDANÇAS DO DEMÔNIO	ESTUDIO COR
1961	JERONIMO MONTEIRO	SÃO PAULO	FUGA PARA PARTE ALGUMA	GRD
1962	ADONIAS FILHO	BAHIA	CORPO VIVO	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1962	JOSÉ CONDÉ	PERNAMBUCO	VENTO DO AMANHECER EM MACAMBIRA	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1963	JERONIMO MONTEIRO	SÃO PAULO	OS VISITANTES DO ESPAÇO	EDART
1963	JORGE MEDAUAR	BAHIA	O INCÊNDIO	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1963	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	VERAO NO AQUARIO	LIVRARIA MARTINS EDITORA
1963	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	NOITE DIABÓLICA - CONTOS MACABROS	OUTUBRO
1963	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	O BOBRÊ SINISTRO	OUTUBRO
1964	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	O CORONEL E O LOBISOMEN	O CRUZEIRO
1965	JAMIL SNEGE	PARANÁ	CONTOS DE REPENTE	DELFO
1965	JOSÉ AGRIPPINO DE PAULA	SÃO PAULO	LUGAR PÚBLICO	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1965	JOSUE MONTELLO	MARANHÃO	OS DEGRAUS DO PARAÍSO	LIVRARIA MARTINS EDITORA
1965	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	OS DRAGÕES E OUTROS CONTOS	MOVIMENTO
1966	ANDRÉ CARNEIRO	SÃO PAULO	O HOMEM QUE ADIVINHAVA	EDART
1966	HERBERTO SALES	BAHIA	HISTÓRIAS ORDINÁRIAS	O CRUZEIRO
1966	JORGE DE SENA	PORTUGAL - NATURALIZADO	NOVAS ANDANÇAS DO DEMÔNIO	PORTUGÁLIA EDITORA
1966	JOSE J VEIGA	GOIAS	A HORA DOS RUMINANTES	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1967	AUTRAN DOURADO	MINAS GERAIS	ÓPERA DOS MORTOS	CIVILIZACAO BRASILEIRA

1967	JOSE J VEIGA	GOIAS	A ESTRANHA MAQUINA EXTRAVIADA	BERTRAND BRASIL
1968	JAMIL SNEGE	PARANÁ	TEMPO SUJO	ESCALA
1968	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	O CARNAVAL DOS ANIMAIS	MOVIMENTO
1969	JERONIMO MONTEIRO	SÃO PAULO	TANGENTES DA REALIDADE: CONTOS	QUATRO ARTES
1970	AUTRAN DOURADO	MINAS GERAIS	O RISCO DO BORDADO	EXPRESSAO E CULTURA
1970	ERICO VERISSIMO	RIO GRANDE DO SUL	UM CERTO CAPITAO RODRIGO	GLOBO
1970	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	PORQUE LULU BERGATIM NÃO ATRAVESSOU O RUBICON	JOSE OLYMPIO
1970	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	ANTES DO BAILE VERDE	BLOCH
1970	PÉRICLES PRADE	SANTA CATARINA	ÓS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO	FLAMA
1971	ANDRÉ DE FIGUEIREDO	PARAÍBA	LABIRINTO	EXPRESSAO E CULTURA
1971	ERICO VERISSIMO	RIO GRANDE DO SUL	INCIDENTE EM ANTARES	GLOBO
1972	JAMIL SNEGE	PARANÁ	A MULHER ARANHA	HOJE
1972	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	UM NINHO DE MAFAGAFOS CHEIO DE MAFAGAFINHOS	JOSE OLYMPIO
1972	JOSE J VEIGA	GOIAS	SOMBRAS DE REIS BARBUDOS	RECORD
1972	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	A GUERRA DO BOM FIM	EXPRESSAO E CULTURA
1972	ROBERTO ATHAYDE	RIO DE JANEIRO	O JARDIM DA FADA MANGANA	EDITORA ACADEMICA
1972	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	CERIMÔNIA MACABRA	CEDIBRA
1973	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	DEPOIS DO ULTIMO TREM	JOSE OLYMPIO
1973	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	AS MENINAS	JOSE OLYMPIO
1973	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	O EXERCITO DE UM HOMEM SÓ	EXPRESSAO E CULTURA

1973	RUI MOURAO	MINAS GERAIS	CIDADE CALABOUÇO	QUIROM
1974	EDLA VAAN STEEN	SANTA CATARINA	MEMÓRIAS DO MEDO	MELHORAMENTOS
1974	HERBERTO SALES	BAHIA	TRANSCONTOS	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1974	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	MANEQUINHO E O ANJO DA PROCISSAO	MOBRAL
1974	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	O PIROTECNICO ZACARIAS	ATICA
1974	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	A CASA DO GIRASSOL VERMELHO	ATICA
1974	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	O CONVIDADO	QUIRON
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	SETE VENTRES PARA O DEMÔNIO	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A MALDIÇÃO DO SANGUE DE LOBO	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	AS MÁSCARAS DO PAVOR	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	MUSEU DOS HORRORES	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	OS VAMPIROS NÃO FAZEM SEXO	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A LUA DO LOBISOMEM	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	OS OLHOS DO VAMPIRO	CEDIBRA
1974	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A ESCRAVA DE SATANÁS	CEDIBRA
1975	CAIO FERNANDO ABREU	RIO GRANDE DO SUL	O OVO APUNHALADO	GLOBO
1975	IGNACIO DE LOYOLA BRANDAO	SÃO PAULO	ZERO	BRASILIA
1975	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	ANGÉLICA	AGIR
1975	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	OS DEUSES DE RAQUEL	EXPRESSAO E CULTURA

1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	NO DOMINIO DO MISTÉRIO	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A VOLTA DE FRANKENSTEIN	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	O EMISSÁRIO DE SATÃ	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	NOS DOMÍNIO DE DRÁCULA	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	O DEMONIO EXORCISTA	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A PRINCESA DAS SOMBRAS	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	TRÁGICA OBSESSÃO	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	O CASTELO DA DAMA DE AZUL	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	CREPÚSCULO SOBRE A NEVE	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	FOGO SAGRADO	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	O FANTÁSMAS DE GREENSTOCK	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A FILHA DA NOITE	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	O SOLAR DOS GANSFIELDS	CEDIBRA
1975	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	NOITES BRANCAS DE DRAVKO	CEDIBRA
1976	HERBERTO SALES	BAHIA	O FRUTO DO VOSSO VENTRE	CIVILIZACAO BRASILEIRA

1976	IGNACIO DE LOYOLA BRANDAO	SÃO PAULO	CADEIRAS PROIBIDAS	SIMBOLO
1976	JOSE J VEIGA	GOIAS	OS PECADOS DA TRIBO	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1976	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	É TARDE PARA SABER	L&PM
1976	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	A BOLSA AMARELA	AGIR
1976	MARCIO SOUZA	AMAZONAS	GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE	GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS
1976	MARIO DA SILVA BRITO	RIO DE JANEIRO	CARTOLA DE MÁGICO	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1976	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	MISTERIOS DE PORTO ALEGRE	ARTES E OFÍCIOS
1976	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	A BALADA DO FALSO MESSIAS	ATICA
1976	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	HISTÓRIAS DA TERRA TREMULA	VERTENTE
1977	DOMINGOS PELLEGRINI	PARANÁ	O HOMEM VERMELHO: CONTOS	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1977	JORGE DE SENA	PORTUGAL - NATURALIZADO	O FÍSICO PRODIGIOSO	EDIÇÕES 70
1977	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	OS TAMBORES SILENCIOSOS	GLOBO
1977	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	SEMINARIO DOS RATOS	JOSE OLYMPIO
1978	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	ENQUANTO A NOITE NÃO CHEGA	LP&M
1978	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	A CASA DA MADRINHA	AGIR
1978	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	DOUTOR MIRAGEM	LP&M
1978	ROBERTO DRUMMOND	MINAS GERAIS	O DIA EM QUE ERNEST HEMMINGWAY MORREU CRUCIFICADO	ATICA
1979	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	SE EU MORRER, LIGUE PARA O CEU	EDIURO

1979	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	O CAVALO CEGO	GLOBO
1979	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	CORDA BAMBA	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1979	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	O ANAO NO TELEVISOR	GLOBO
1980	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	CAMILO MORTAGUA	LP&M
1980	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	A DISCIPLINA DO AMOR	NOVA FRONTEIRA
1980	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	OS VOLUNTÁRIOS	LP&M
1980	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	O CENTAURO NO JARDIM	NOVA FRONTEIRA
1980	PÉRICLES PRADE	SANTA CATARINA	ALÇAPÃO PARA GIGANTES	ALPHA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	AS VIRGENS DO DRÁCULA	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	GARGANTAS DILACERADAS	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A NOITE DO VAMPIRO	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	ORGIA DE SANGUE	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	SEPULCRO MALDITO	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	FLOR DE SANGUE	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	CEMITÉRIO SEM CRUZES	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	NAIARA, A MULHER VAMPIRO	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	DISCÍPILOS DO MAL	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	BATISMO DAS FEITICEIRAS	CEDIBRA

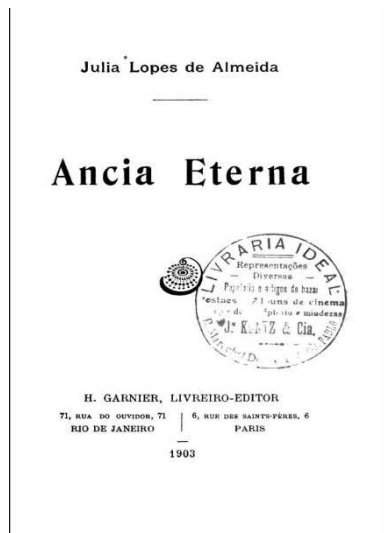
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A BONECA DOS OLHOS VAZADOS	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A MANSÃO DO FOGO ETERNO	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	A TUMBA DE MORELA	CEDIBRA
1980	RUBENS FRANCISCO LUCCHETTI	SÃO PAULO	AURORA DE SANGUE	CEDIBRA
1981	DOMINGOS PELLEGRINI	PARANÁ	A ARVORE QUE DAVA DINHEIRO	MODERNA
1981	IGNACIO DE LOYOLA BRANDAO	SÃO PAULO	NÃO VERAS PAIS NENHUM	GLOBAL
1981	JULIO CESAR MONTEIRO MARTINS	RIO DE JANEIRO	A OESTE DE NADA	CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
1981	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	MAX E OS FELINOS	LP&M
1981	PEDRO NAVA	MINAS GERAIS	GALO DAS TREVAS	JOSE OLYMPIO
1982	DARCY RIBEIRO	MINAS GERAIS	UTOPIA SELVAGEM	NOVA FRONTEIRA
1982	JOSE J VEIGA	GOIAS	AQUELE MUNDO DE VASABARROS	DIFEL
1982	JOSUE GUIMARAES	RIO GRANDE DO SUL	O GATO NO ESCURO	LP&M
1983	ANTONIO CELSO ALVES PEREIRA	RIO DE JANEIRO	A PORTA DE JERUSALEM	JOSE OLYMPIO
1983	CARLOS HEITOR CONY	RIO DE JANEIRO	PILATOS	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1983	EDLA VAAN STEEN	SANTA CATARINA	CORAÇÕES MORDIDOS	GLOBAL
1983	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	NOTAS DE VIAGEM DO RIO NEGRO	GRD
1984	ALCIENE RIBEIRO LEITE	MINAS GERAIS	O MÁGICO DE OLHO VERDE	COMPANHIA EDITORA NACIONAL
1984	JORGE AMADO	BAHIA	TOCAIA GRANDE: A FACE OBSCURA	RECORD

1984	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	RIO DE JANEIRO	OS MAGICOS MUNICIPAIS	JOSE OLYMPIO
1984	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	TCHAU	AGIR
1985	JOSE J VEIGA	GOIAS	TORVELINHO DIA E NOITE	DIFEL
1986	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	O OLHO ENIGMATICO	GUANABARA
1987	DANIEL FRESNOT	PARIS - NATURALIZADO	A TERCEIRA EXPEDIÇÃO	MARCO ZERO
1987	JOAO ALMINO	RIO GRANDE DO NORTE	IDEIAS PARA ONDE PASSAR O FIM DO MUNDO	BRASILIENSE
1987	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	NÓS TRÊS	AGIR
1988	JORGE AMADO	BAHIA	O SUMIÇO DA SANTA	RECORD
1988	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	VENHA VER O POR-DO-SOL E OUTROS CONTOS	ATICA
1989	BRAULIO TAVARES	PARAÍBA	A ESPINHA DORSAL DA MEMORIA	CAMINHO
1989	JOSE J VEIGA	GOIAS	A CASCA DA SERPENTE	BERTRAND BRASIL
1989	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	A ORELHA DE VAN GOGH	COMPANHIA DAS LETRAS
1990	MURILO RUBIAO	MINAS GERAIS	O HOMEM DO BONE CINZENTO E OUTRAS HISTÓRIAS	ATICA
1990	RUBENS FIGUEIREDO	RIO DE JANEIRO	A FESTA DO MILENIO	ROCCO
1991	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	A ESTRUTURA DA BOLHA DE SABAO	NOVA FRONTEIRA
1991	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	CENAS DA VIDA MINUSCULA	LP&M
1992	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	PAISAGEM	AGIR
1993	ADONIAS FILHO	BAHIA	LEGUAS DE PROMISSÃO	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1993	HERBERTO SALES	BAHIA	RIO DOS MORCEGOS	CIVILIZACAO BRASILEIRA
1993	JOSE J VEIGA	GOIAS	O RISONHO CAVALO DO PRINCIPE	BERTRAND BRASIL
1994	AMILCAR BETTEGA BARBOSA	RIO GRANDE DO SUL	O VOO DO TRAPEZISTA	MOVIMENTO

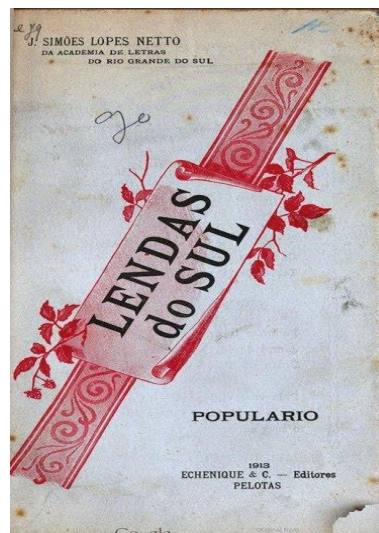
1994	BRAULIO TAVARES	PARAÍBA	A MAQUINA VOADORA	ROCCO
1994	EDIVAL LOURENÇO	GOIAS	A CENTOPÉIA DE NEON	CRIASSA
1994	RUBENS FIGUEIREDO	RIO DE JANEIRO	O LIVRO DOS LOBOS	ROCCO
1995	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	A NOITE ESCURA E MAIS EU	NOVA FRONTEIRA
1996	BRAULIO TAVARES	PARAÍBA	MUNDO FANTASMO	ROCCO
1996	FERNANDO PORTELA	PERNAMBUCO	FLORIPES SOME NA CIDADE MÁGICA	FTD
1996	LYGIA BOJUNGA NUNES	RIO GRANDE DO SUL	O ABRAÇO	AGIR
1996	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	OITO CONTOS DE AMOR	ATICA
1997	ANDRÉ CARNEIRO	SÃO PAULO	A MAQUINA DE HYERÓNIMUS E OUTRAS HISTÓRIAS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
1997	JOÃO UBALDO RIBEIRO	BAHIA	O FEITIÇO DA ILHA DO PAVÃO	NOVA FRONTEIRA
1997	JOSE J VEIGA	GOIAS	TAJA E SUA GENTE	BERTRAND BRASIL
1997	LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL	RIO GRANDE DO SUL	CONCERTO CAMPESTRE	L&PM
1997	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	A MAGESTADE DO XINGU	COMPANHIA DAS LETRAS
1997	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	OS CONTISTAS	EDIOURO
1997	NELSON DE OLIVEIRA	SÃO PAULO	OS SALTITANTES SERES DA LUA	EDIOURO
1998	MOACYR SCLiar	RIO GRANDE DO SUL	HISTÓRIAS PARA (QUASE) TODOS OS GOSTOS	LP&M
1998	NELSON DE OLIVEIRA	SÃO PAULO	NAQUELA ÉPOCA TINHAMOS UM GATO E OUTROS CONTOS	COMPANHIA DAS LETRAS
1998	RUBENS FIGUEIREDO	RIO DE JANEIRO	AS PALAVRAS SECRETAS	COMPANHIA DAS LETRAS
1999	AUGUSTA FARO	GOIAS	A FRIAGEM	ATELIE EDITORA
1999	IGNACIO DE LOYOLA BRANDAO	SÃO PAULO	O HOMEM QUE ODIAVA A SEGUNDA FEIRA	GLOBAL

1999	MOACYR SCLIAR	RIO GRANDE DO SUL	A MULHER QUE ESCREVEU A BIBLIA	COMPANHIA DAS LETRAS
2000	ANDRÉ VIANCO	SÃO PAULO	OS SETE	INDEPENDENTE - RELANÇAMENTO PELA NOVO SÉCULO
2000	ANDRÉ VIANCO	SÃO PAULO	SEMENTES NO GELO	INDEPENDENTE - RELANÇAMENTO PELA NOVO SÉCULO
2000	LYGIA FAGUNDES TELLES	SÃO PAULO	INVENCAO E MEMORIA	ROCCO
2000	MOACYR SCLIAR	RIO GRANDE DO SUL	OS LEOPARDOS DE KAFKA	COMPANHIA DAS LETRAS
2000	NELSON DE OLIVEIRA	SÃO PAULO	SUBSOLO INFINITO	COMPANHIA DAS LETRAS

## ANEXO 2 – CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES



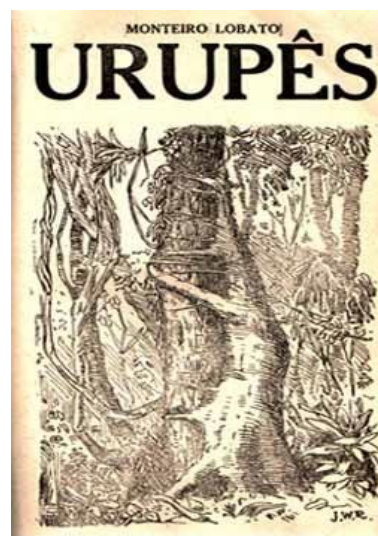
*Ancia Eterna - Julia Lopes de Almeida  
(1903)*



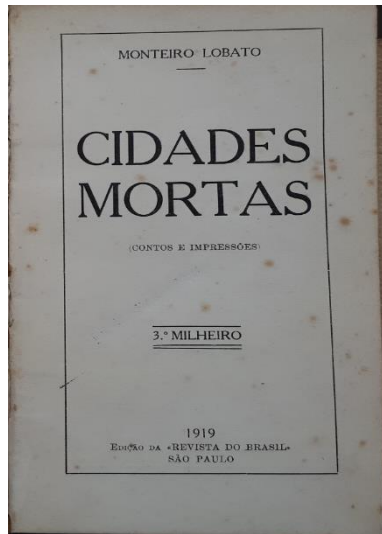
*Lendas do Sul - J. Simões Lopes Netto (1913)*



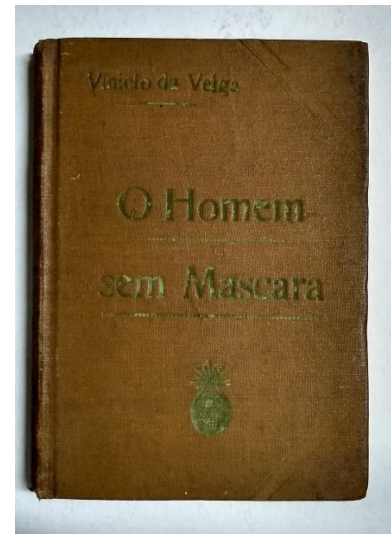
*Casos de Romualdo – J. Simões Lopes  
Neto (1914)*



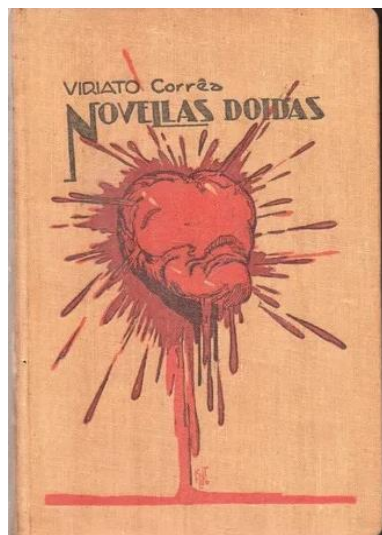
*Urupês – Monteiro Lobato (1918)*



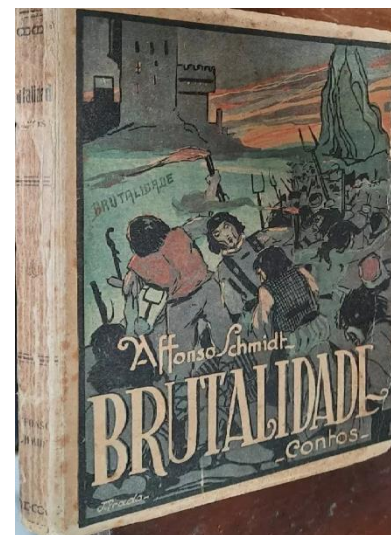
*Cidades Mortas – Monteiro Lobato  
(1919)*



*O homem sem máscara – Vinício da  
Veiga (1921)*



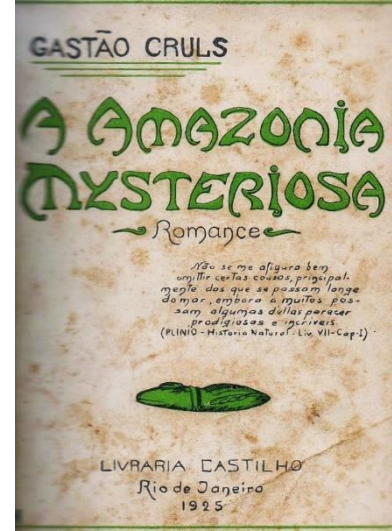
*Novellas Doidas – Viriato Corrêa (1921)*



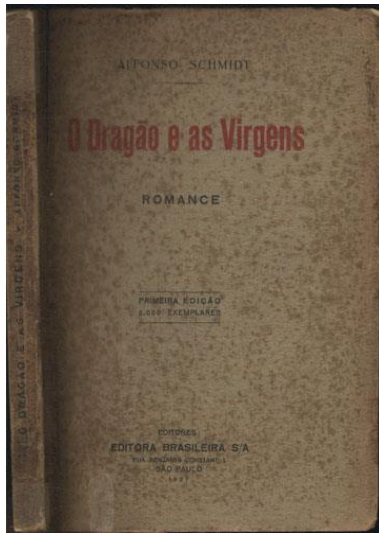
*Brutalidade – Affonso Schmidt (1922)*



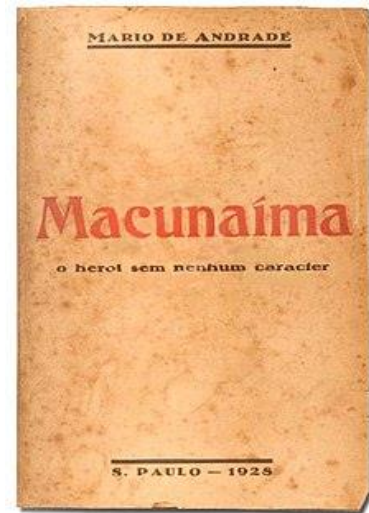
*A casa do gato cinzento – Ribeiro Couto  
(1922)*



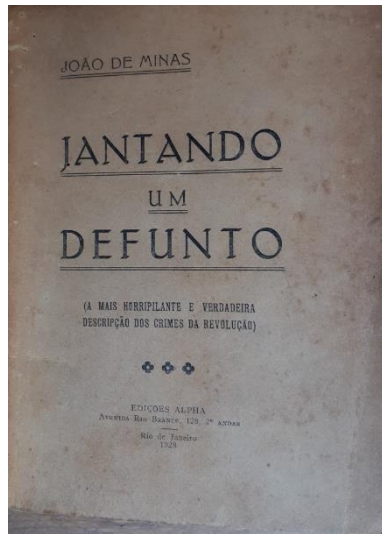
*A Amazonia Mysteriosa – Gastão Cruls  
(1925)*



*O dragão e as virgens – Affonso  
Schmidt (1927)*



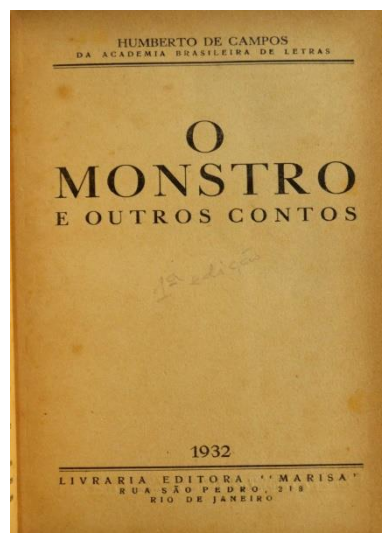
*Macunaíma – Mario de Andrade (1928)*



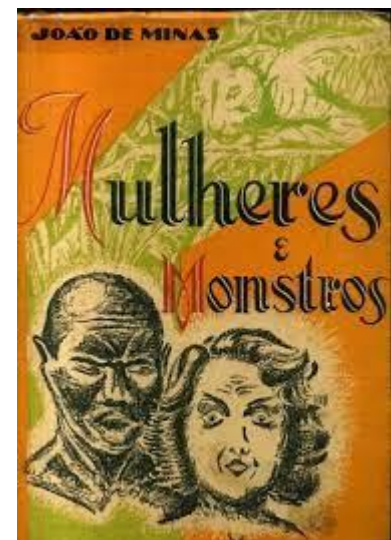
*Jantando um defunto – João de Minas (1929)*



*Fantoches – Erico Veríssimo (1932)*



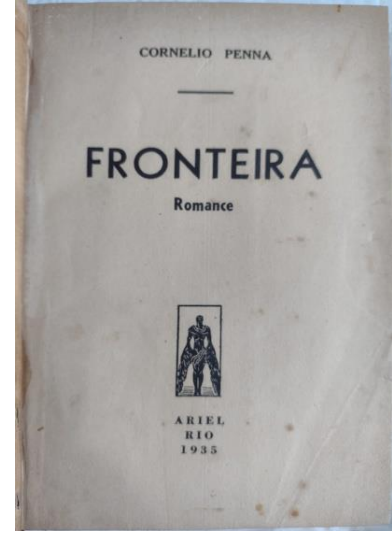
*O monstro e outros contos – Humberto de Campos (1932)*



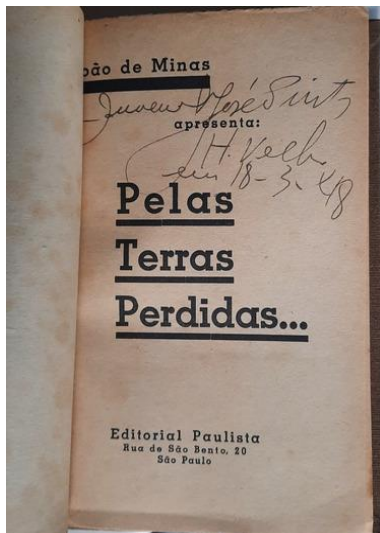
*Mulheres e monstros – Joao de Minas (1933)*



*A sucessora – Carolina Nabuco (1934)*



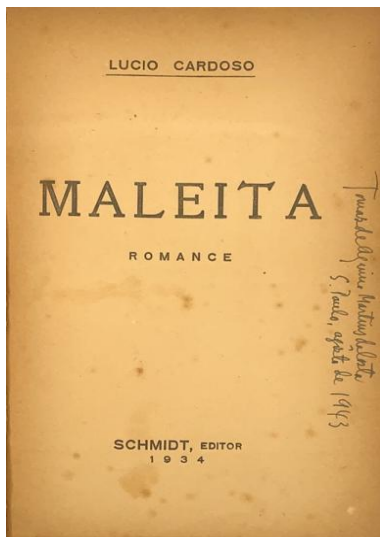
*Fronteira – Cornélio Penna (1934)*



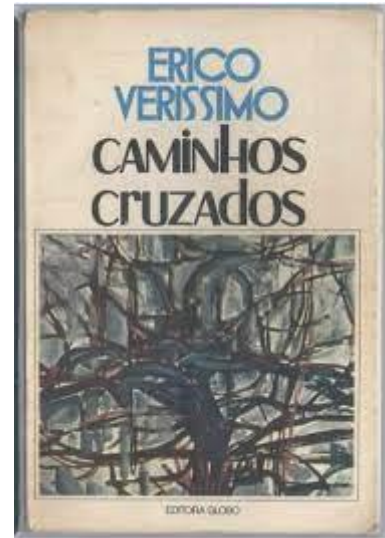
*Pelas Terras Perdidas O João de Minas (1934)*



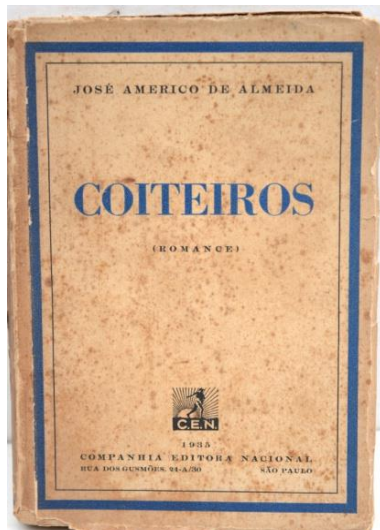
*Horrores e Mistérios nos Sertões desconhecidos – João de Minas (1934)*



*Maleira – Lucio Cardoso (1934)*



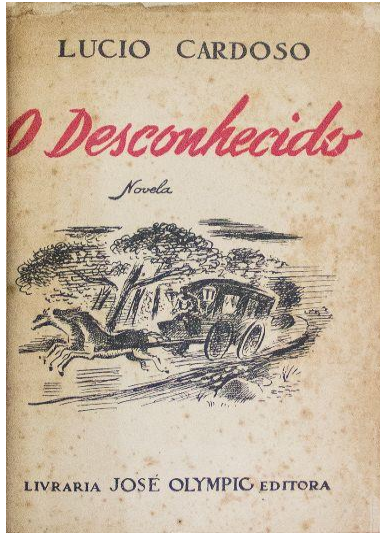
*Caminhos Cruzados – Érico Veríssimo (1935)*



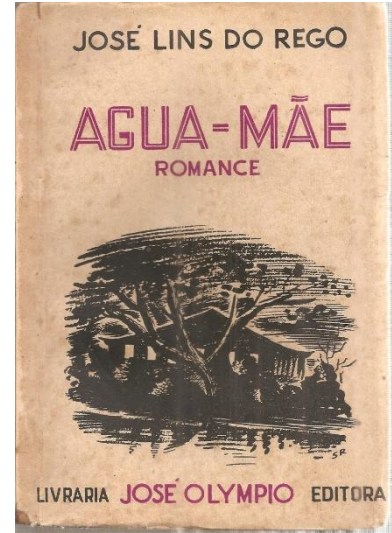
*Coiteiros – José Americo de Almeida (1935)*



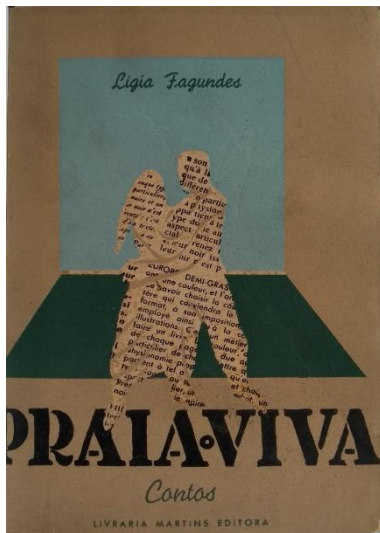
*Porão e sobrado – Ligia Fagundes (1938)*



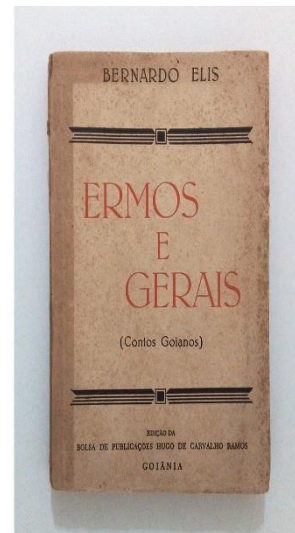
*O desconhecido – Lucio Cardoso (1940)*



*Água-mãe – José Lins do Rego (1941)*

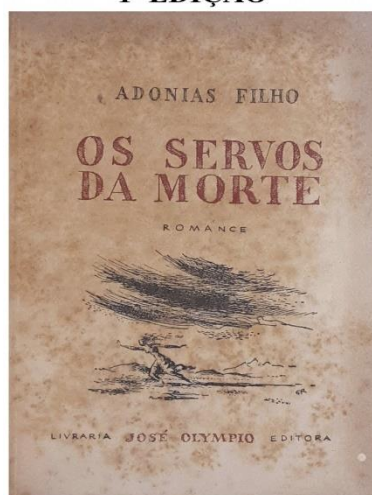


*Praia Viva – Ligia Fagundes (1943)*



*Ermos e Gerais – Bernardo Elis (1944)*

## 1ª EDIÇÃO



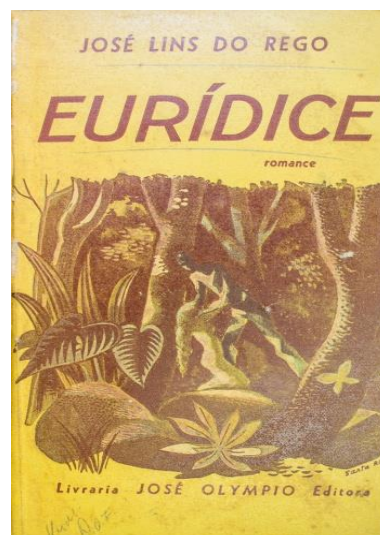
*Os servos da morte – Adonias Filho  
(1946)*



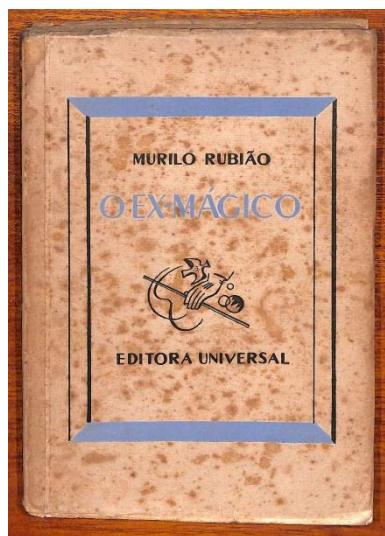
*O anfiteatro – Lucio Cardoso (1946)*



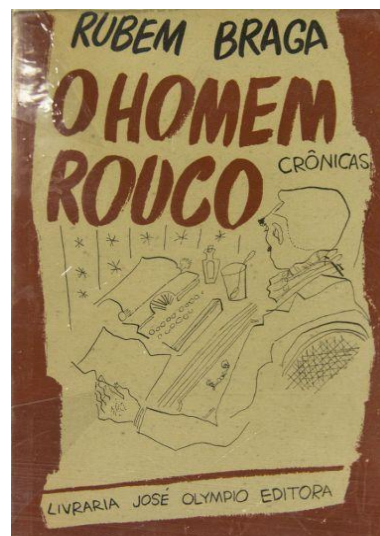
*3 meses no século 81 – Jeronimo  
Monteiro (1947)*



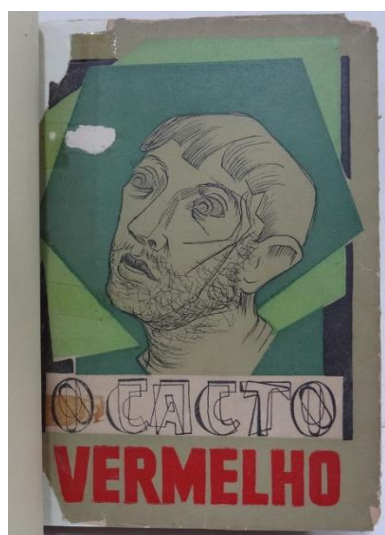
*Eurídice – José Lins do Rego (1947)*



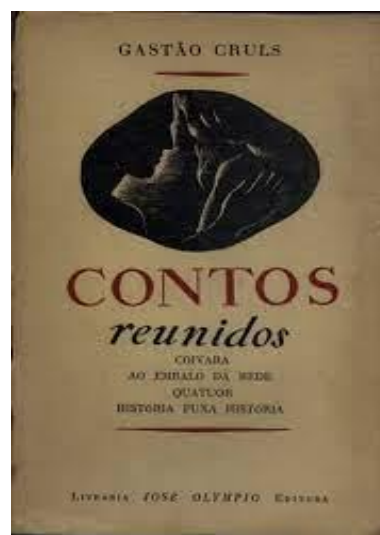
*O ex-mágico – Murilo Rubião (1947)*



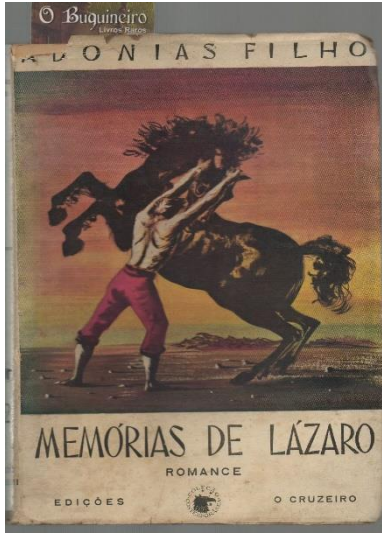
*O homem rouco – Rubem Braga (1948)*



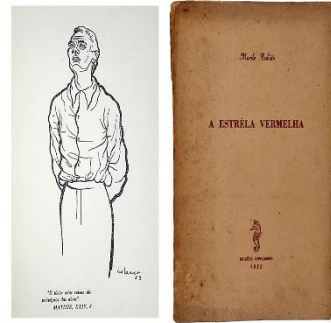
*O cacto vermelho – Lygia Fagundes Telles (1949)*



*Contos reunidos – Gastão Cruls (1951)*



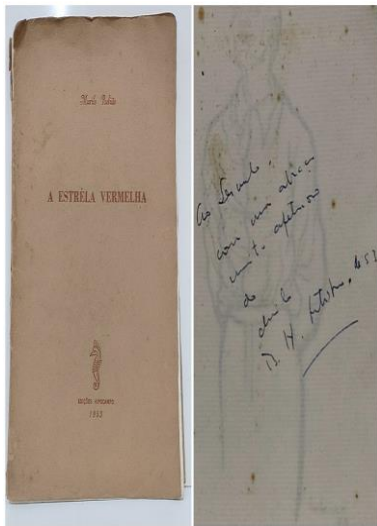
*Memórias de Lázaro – Adonias Filho  
(1952)*



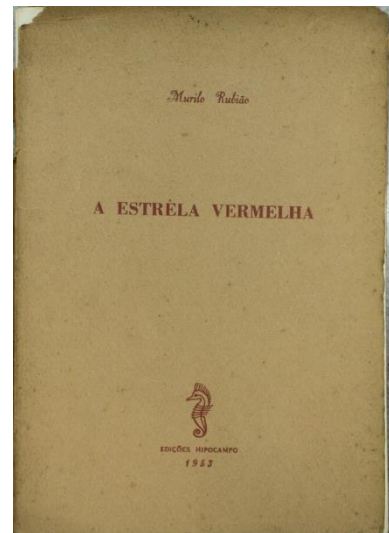
*Exemplar 72  
ao Rubião*

**TIRAGEM DE 116 EXEMPLARES**

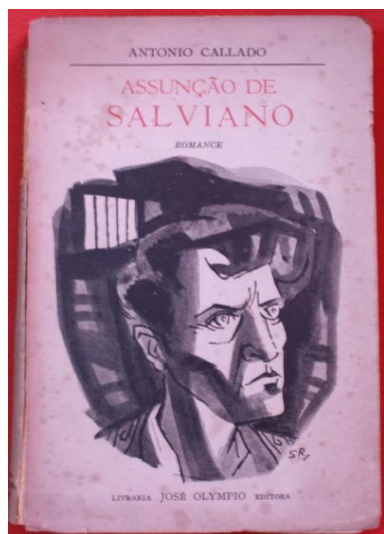
*A estrela vermelha – Murilo Rubião  
(1953)*



*A estrela vermelha – Murilo Rubião  
(1953)*



*A estrela vermelha – Murilo Rubião  
(1953)*



*Assunção de Salviano – Antonio Callado  
(1954)*



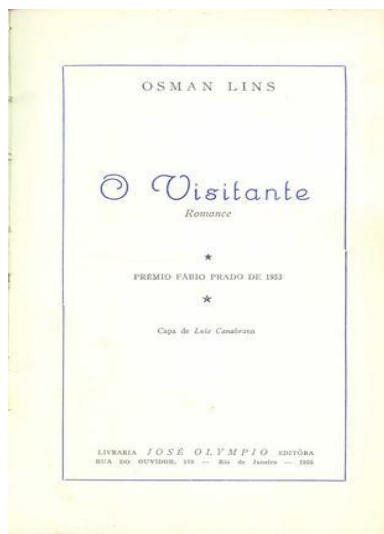
*A menina morta – Cornélio Penna  
(1954)*



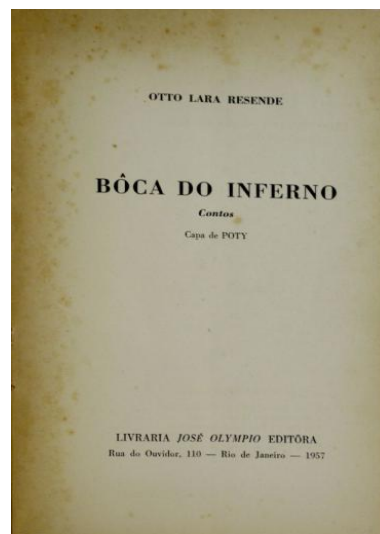
*O enfeitiçado – Lúcio Cardoso (1954)*



*Ciranda de Pedra – Lygia Fagundes  
Telles (1954)*



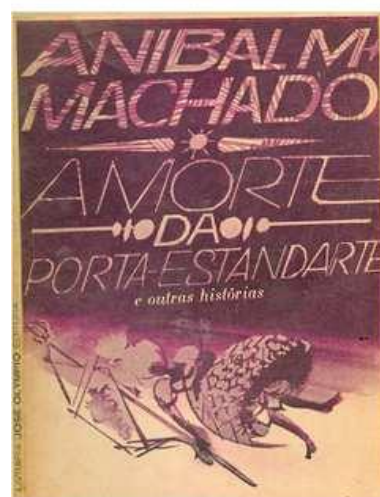
*O visitante – Osman Lins (1955)*



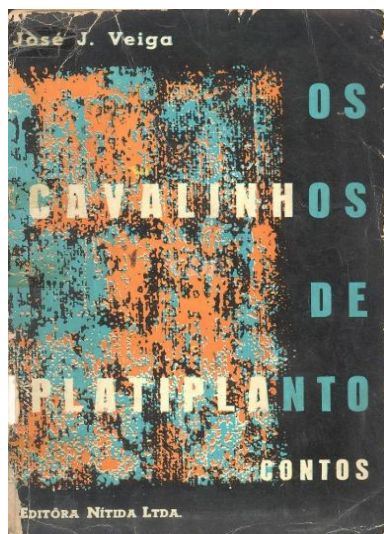
*Boca do inferno – Otto Lara Resende (1957)*



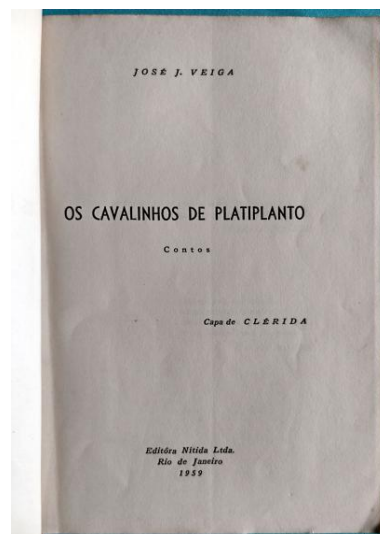
*Histórias do desencontro – Lygia Fagundes Telles (1958)*



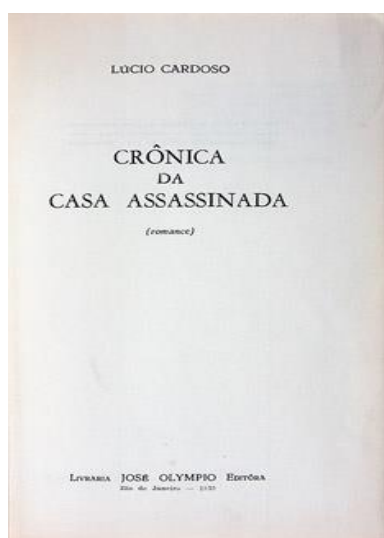
*A morte da porta-estandarte – Anibal Machado (1959)*



*Os cavalinhos de Platiplanto – José J. Veiga (1959)*



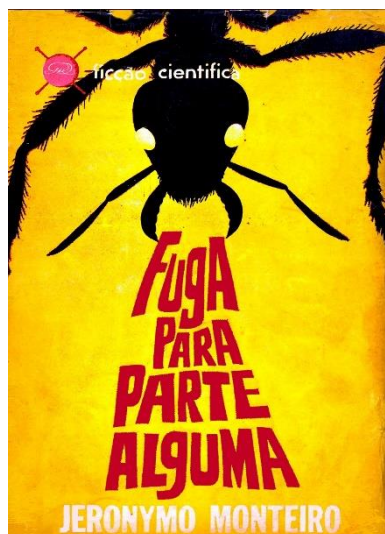
*Os cavalinhos de Platiplanto – José J. Veiga (1959)*



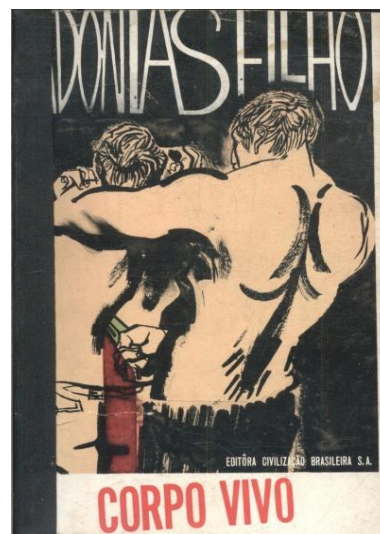
*Crônica da casa assassianda – Lúcio Cardoso (1959)*



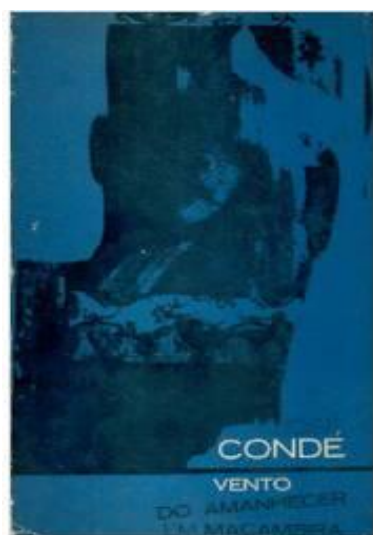
*Andanças do demônio – Jorge de Sena (1960)*



*Fuga para parte alguma – Jeronymo Monteiro (1961)*



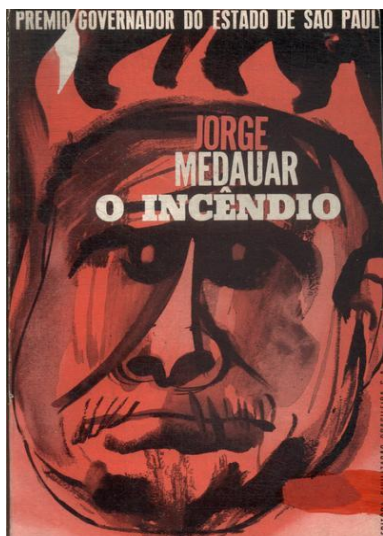
*Corpo vivo – Adonias Filho (1962)*



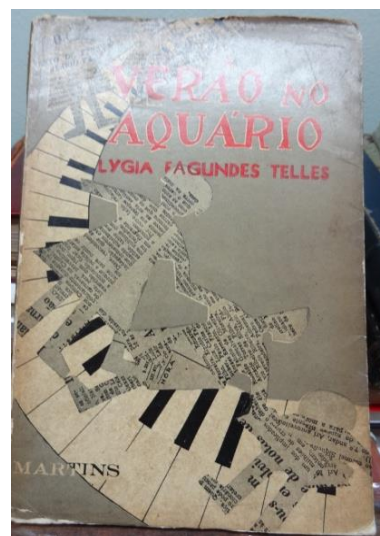
*Vento do amanhecer em Macabira – José Condé (1962)*



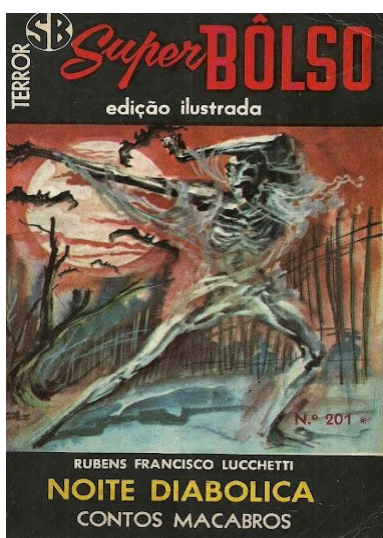
*Os visitantes do espaço – Jeronymo Monteiro (1963)*



*O incêndio – Jorge Medauar (1963)*



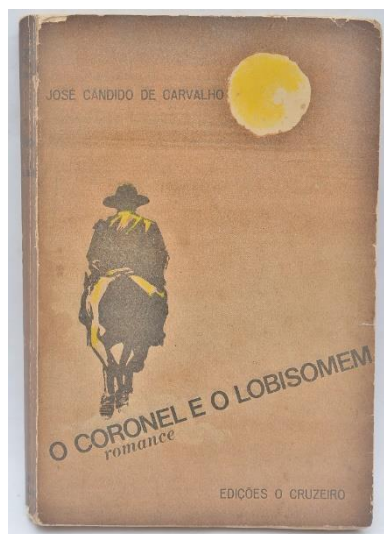
*Verão no aquário – Lygia Fagundes Telles (1963)*



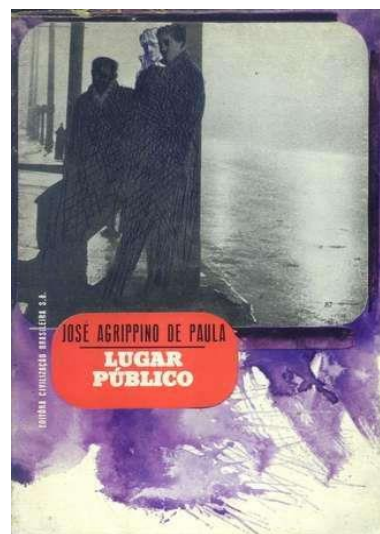
*Noite diabólica – Rubens Francisco Lucchetti (1963)*



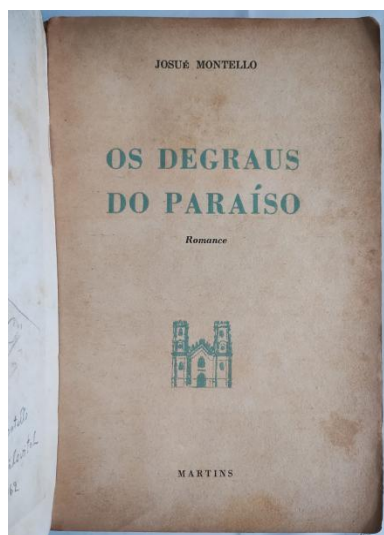
*O dobrê sinistro – Rubens Francisco Lucchetti (1963)*



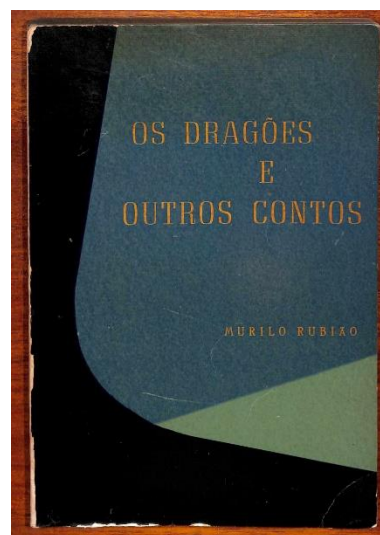
*O coronel e o lobisomem – José Candido de Carvalho (1964)*



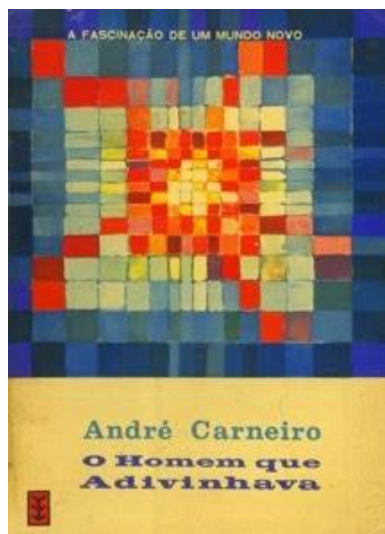
*Lugar público – José Agrippino de Paula (1965)*



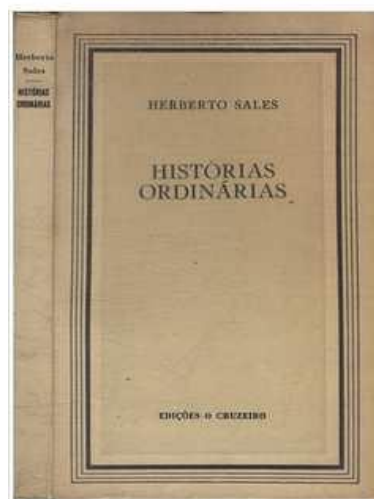
*Os degraus do paraíso – Josue Montello (1965)*



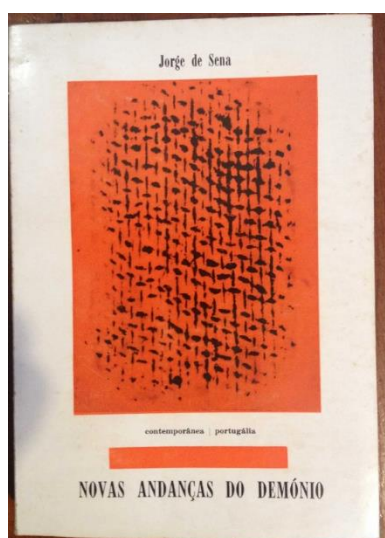
*Os dragões e outros contos – Murilo Rubião (1965)*



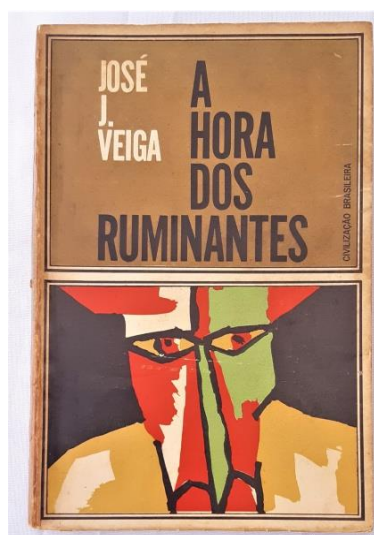
*O homem que adivinhava – André Carneiro (1966)*



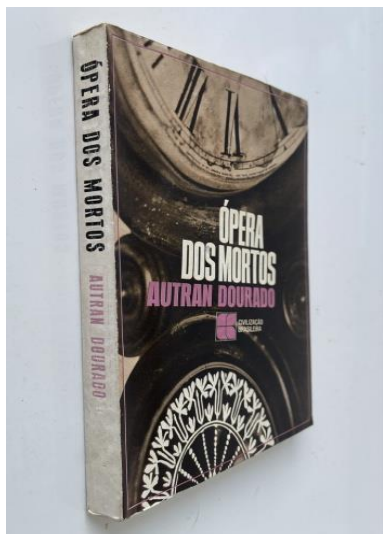
*Histórias ordinárias – Herberto Sales (1966)*



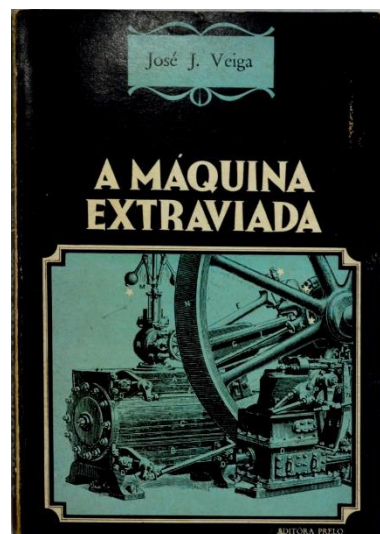
*Novas andanças do demônio – Jorge de Sena (1966)*



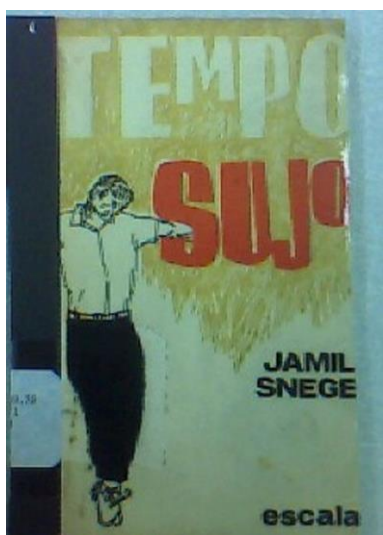
*A hora dos ruminantes – José J. Veiga (1966)*



*Ópera dos mortos – Autran Dourado  
(1967)*



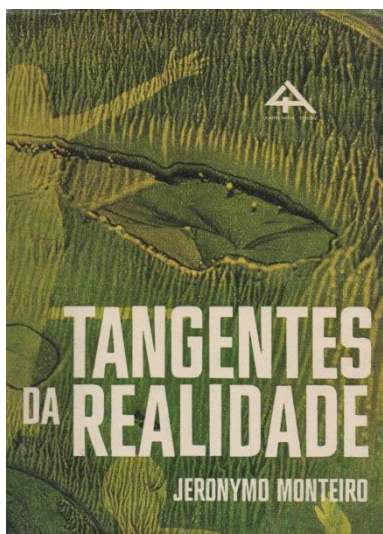
*A máquina extraviada – José J. Veiga  
(1967)*



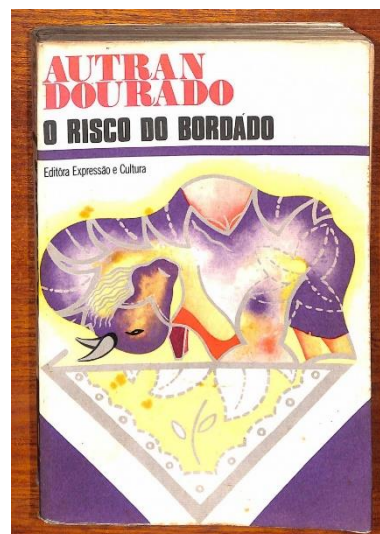
*Tempo Sujo – Jamil Snege (1968)*



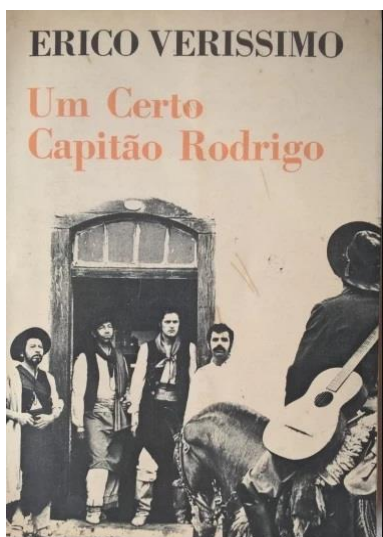
*O carnaval dos animais – Moacyr Scliar  
(1968)*



*Tangentes da realidade – Jeronymo Monteiro (1969)*



*O risco do bordado – Autran Dourado (1970)*



*Um certo capitão Rodrigo – Erico Veríssimo (1970)*



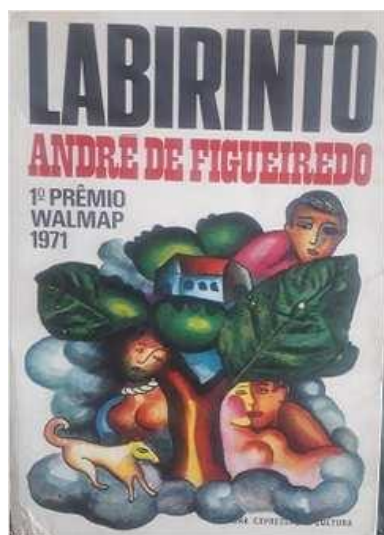
*Porque Lulu Bergantim não atravessou o rubicon – José Candido de Carvalho (1970)*



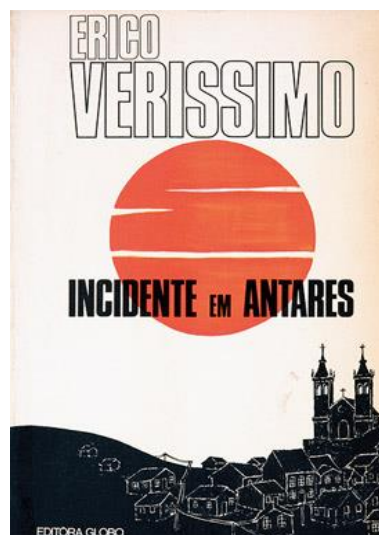
*Antes do baile verde – Lygia Fagundes Telle (1970)*



*Os milagres do cão Jerônimo – Péricles Prade (1970)*



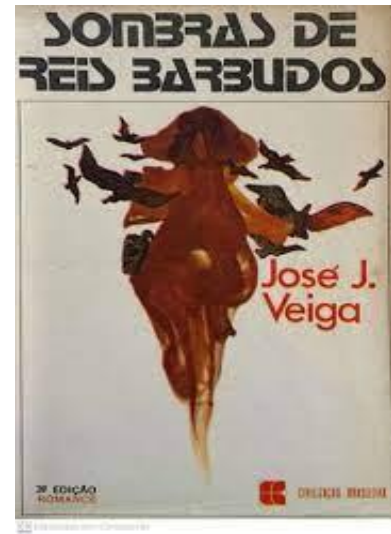
*Labirinto – André de Figueiredo (1971)*



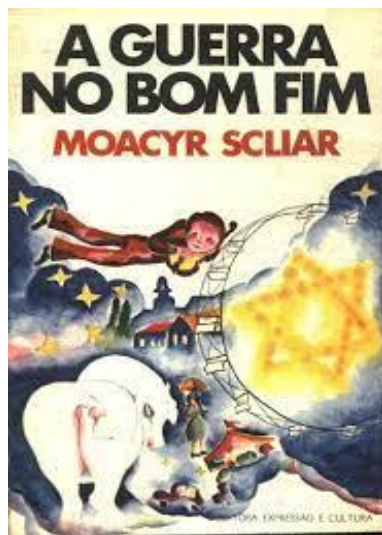
*Incidente em Antares – Erico Veríssimo (1971)*



*Um ninho de mafagafes – José Cândido de Carvalho (1972)*



*Sombras de reis barbudos – José J. Veiga (1972)*



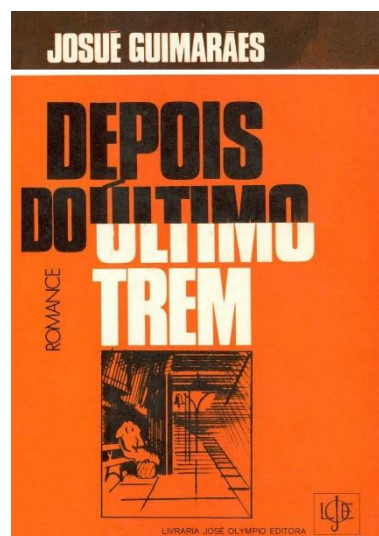
*A guerra no bom fim – Moacyr Scliar (1972)*



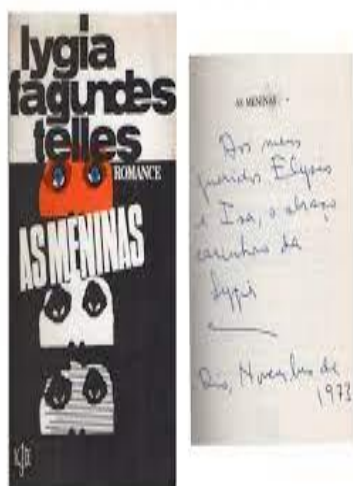
*O jardim da fada mangana – Roberto Austregésilo de Athayde (1972)*



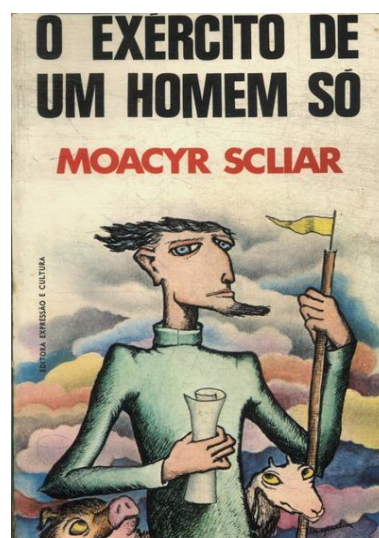
*A cerimônia macabra – Rubens Francisco Lucchetti (1972)*



*Depois do último trem – Josue Guimaraes (1973)*

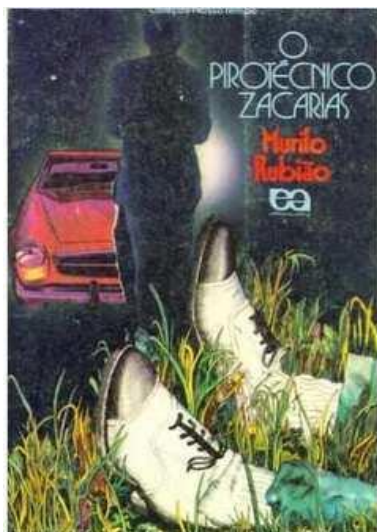


*As meninas – Lygia Fagundes Telles (1973)*



*O exército de um homem só – Moacyr Scliar (1973)*

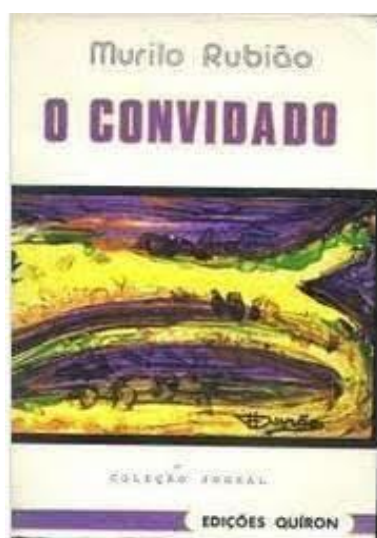




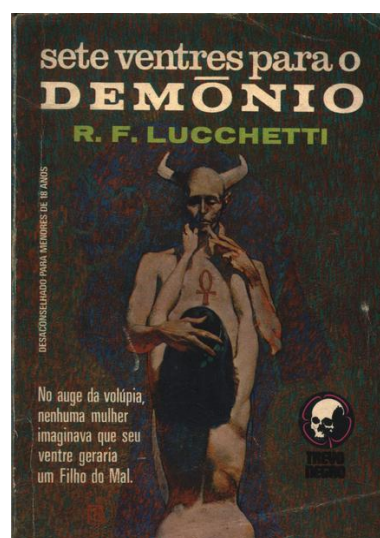
*O pirotécnico Zacarias – Murilo Rubião  
(1974)*



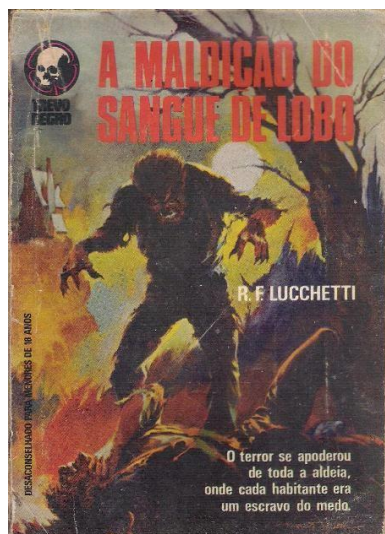
*A casa do girassol vermelho – Murilo  
Rubião (1974)*



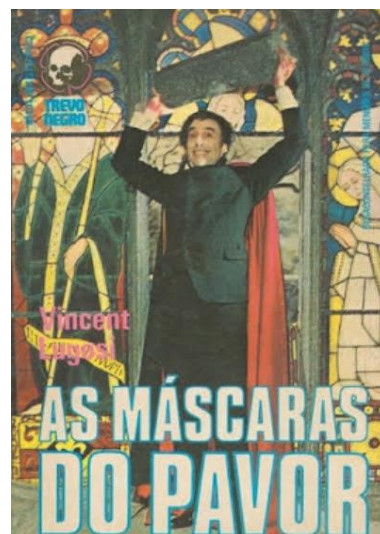
*O convidado – Murilo Rubião (1974)*



*Sete ventres para o demônio – Rubens  
Francisco Lucchetti (1974)*



*A maldição do sangue de lobo – Rubens Francisco Lucchetti (1974)*



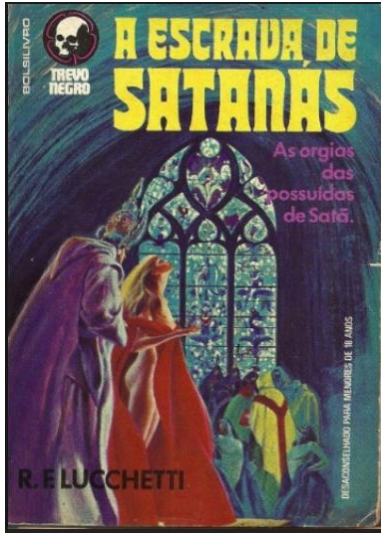
*As máscaras do pavor – Rubens Francisco Lucchetti (1974)*



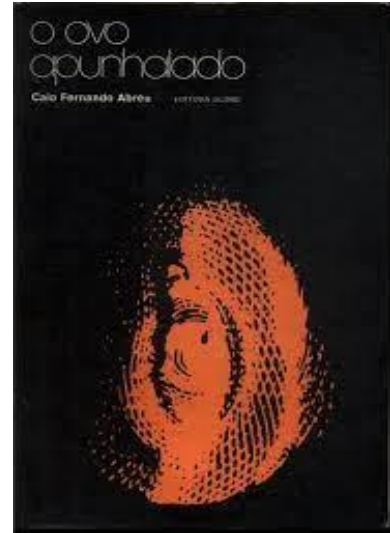
*Os vampiros não fazem sexo – Rubens Francisco Lucchetti (1974)*



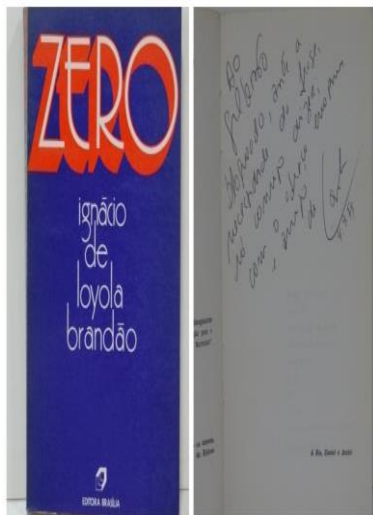
*A lua do lobisOMEM – Rubens Francisco Lucchetti (1974)*



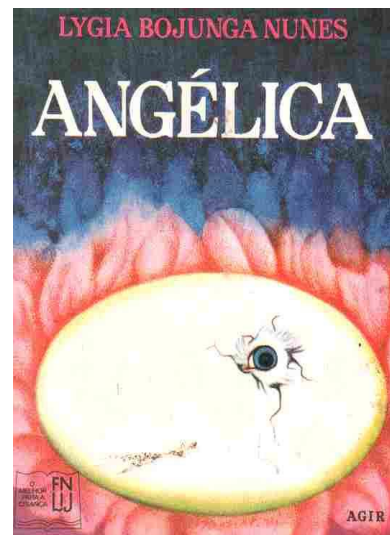
*A escrava do satanás – Rubens Francisco Lucchetti (1974)*



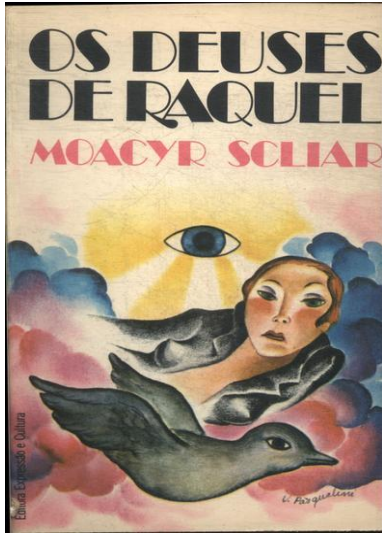
*O ovo apunhalado – Caio Fernando de Abreu (1975)*



*Zero – Ignácio de Loyola Brandão (1975)*



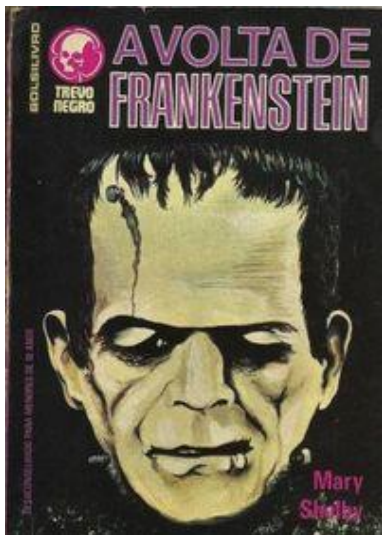
*Angélica – Lygia Bojunga Nunes (1975)*



*Os deuses de Raquel – Moacyr Scliar  
(1975)*



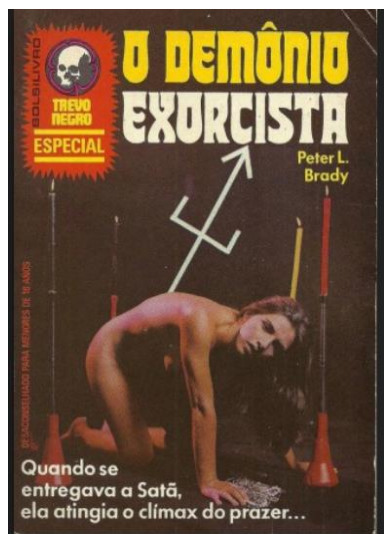
*No domínio do mistério – Rubens  
Francisco Lucchetti (1975)*



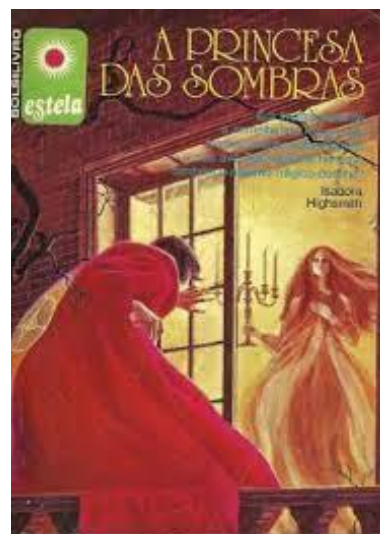
*A volta de Frankenstein – Rubens  
Francisco Lucchetti (1975)*



*O emissário de Satã – Rubens Francisco  
Lucchetti (1975)*



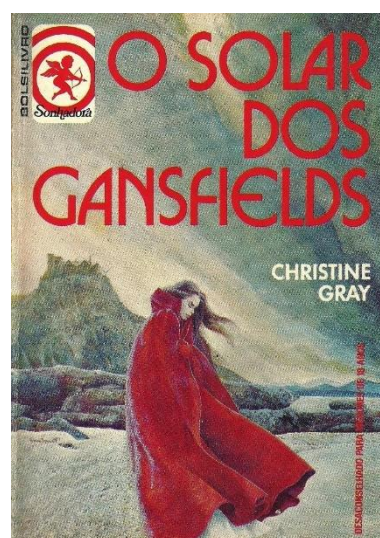
*O demônio exorcista – Rubens Francisco Lucchetti (1975)*



*A princesa das sombras – Rubens Francisco Lucchetti (1975)*



*O fantasma de Greenstock – Rubens Francisco Lucchetti (1975)*



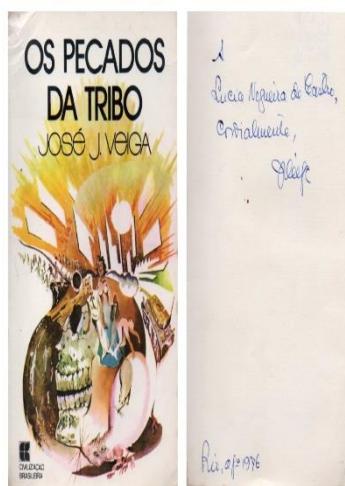
*O solar dos Gansfields – Rubens Francisco Lucchetti (1975)*



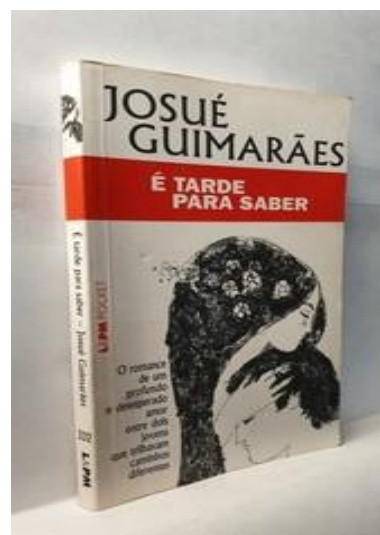
*O fruto do vosso ventre – Herberto Sales (1976)*



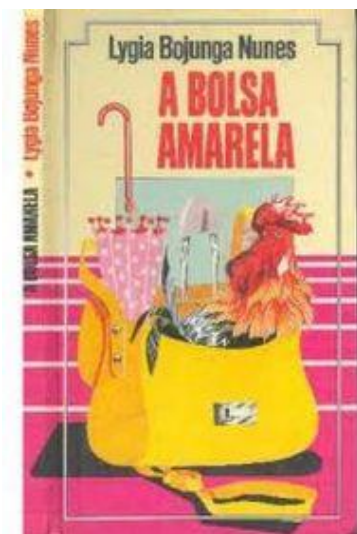
*Cadeiras proibidas – Ignácio de Loyola Brandão (1976)*



*Os pecados da tribo – José J. Veiga (1976)*



*É tarde para saber – Josué Guimarães (1976)*



*A bolsa amarela – Lygia Bojunga Nunes  
(1976)*



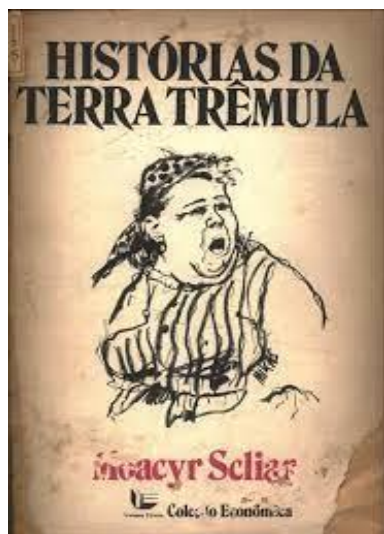
*Cartola do mágico – Mario da Silva  
Brito (1976)*



*Os mistérios de Porto Alegre – Moacyr  
Scliar (1976)*



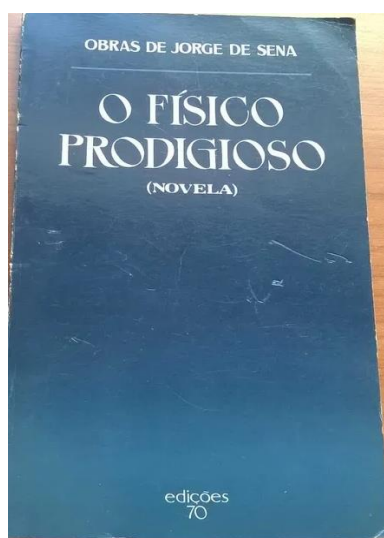
*A balada do falso messias – Moacyr  
Scliar (1976)*



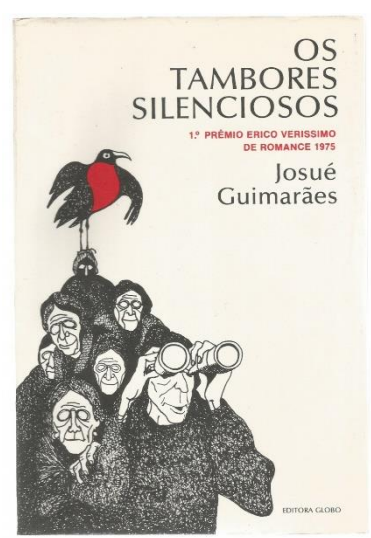
*Histórias da terra trêmula – Moacyr Scliar (1976)*



*O homem vermelho – Domingos Pellegrini Jr (1977)*



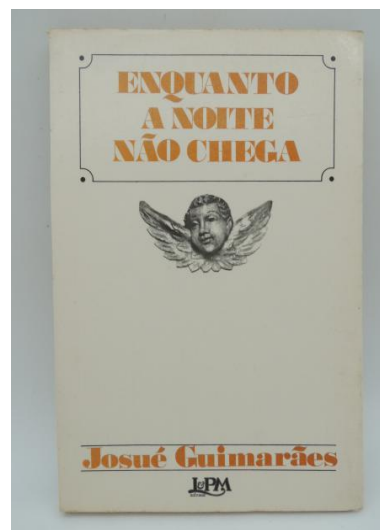
*O físico prodigioso – Jorge de Sena (1977)*



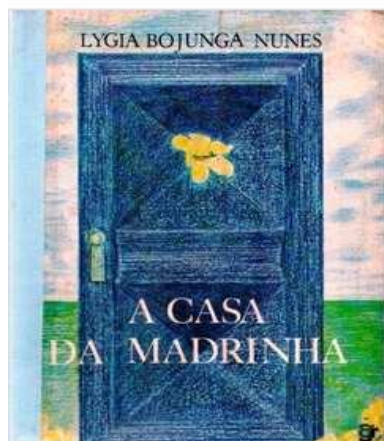
*Os tambores silenciosos – Josué Guimarães (1977)*



*Seminário dos ratos – Lygia Fagundes Telles (1977)*



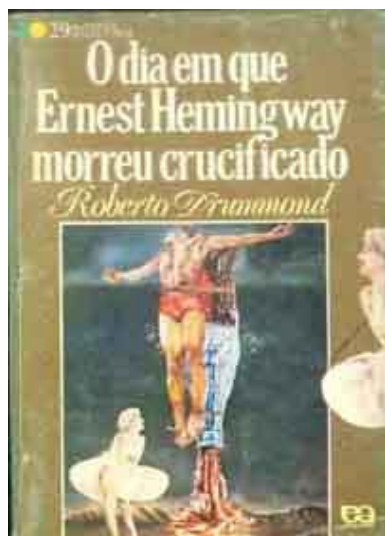
*Enquanto a noite não chega – José Guimarães (1978)*



*A casa da madrinha – Lygia Bojunga Nunes (1978)*



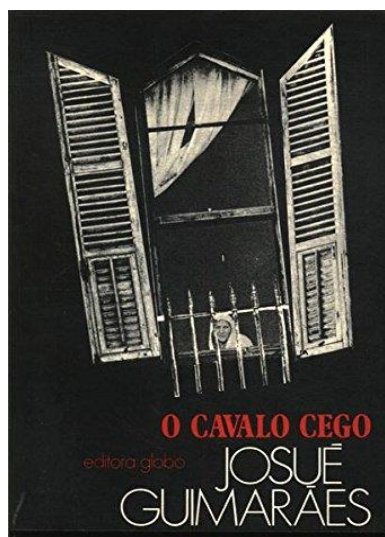
*Doutor Miragem – Moacyr Scliar (1978)*



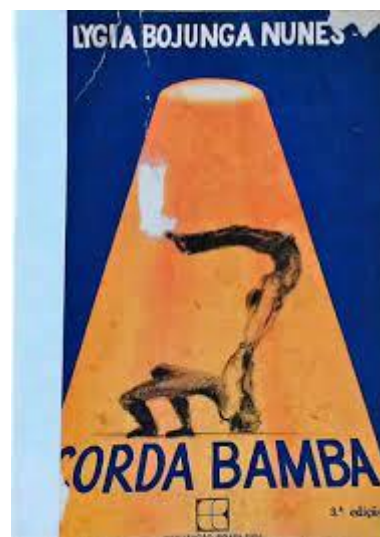
*O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado – Roberto Drummond (1978)*



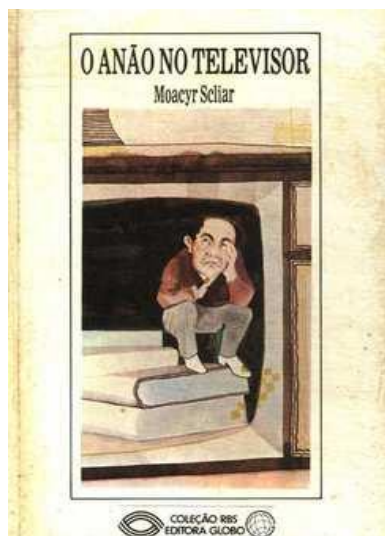
*Se eu morrer telefone para o céu – José Cândido de Carvalho (1979)*



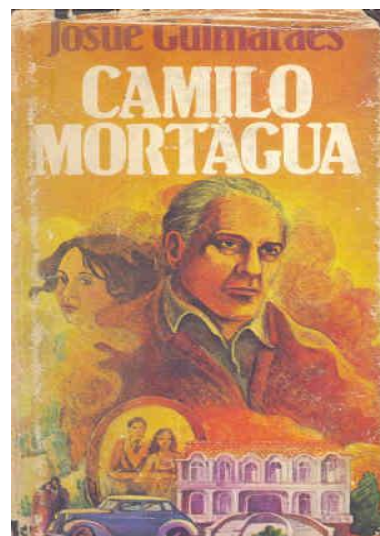
*O cavalo cego – Josué Guimarães (1979)*



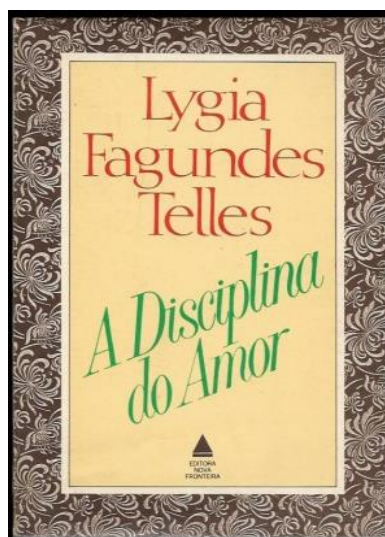
*Corda bamba – Lygia Bojunga Nunes (1979)*



*O anão no televisor – Moacyr Scliar  
(1979)*



*Camilo Mortágua – Josué Guimarães  
(1980)*



*A disciplina do amor – Lygia Fagundes  
Telles (1980)*



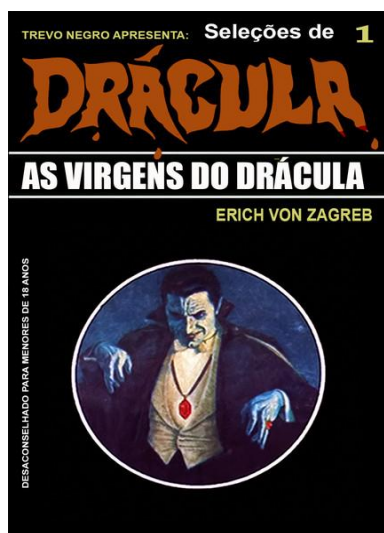
*Os voluntários – Moacyr Scliar (1980)*



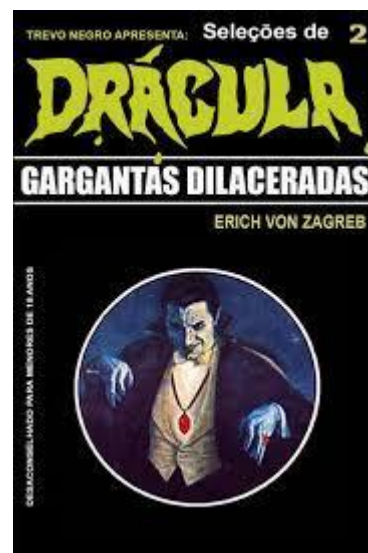
*O centauro no jardim – Moacyr Scliar  
(1980)*



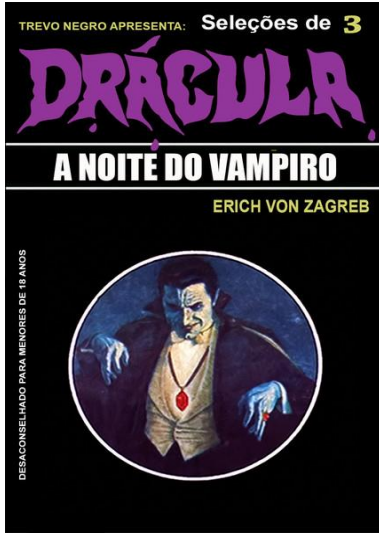
*Alçapão para gigantes – Péricles Prado  
(1980)*



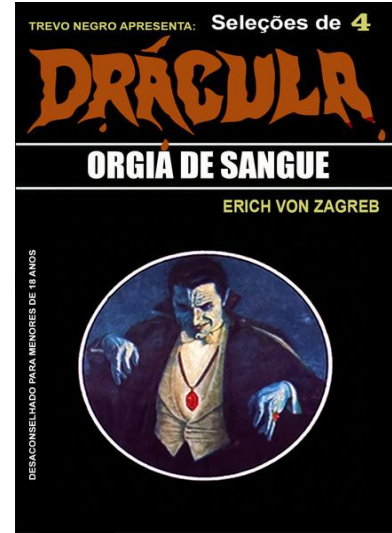
*As virgens do drácula – Rubens  
Francisco Lucchetti (1980)*



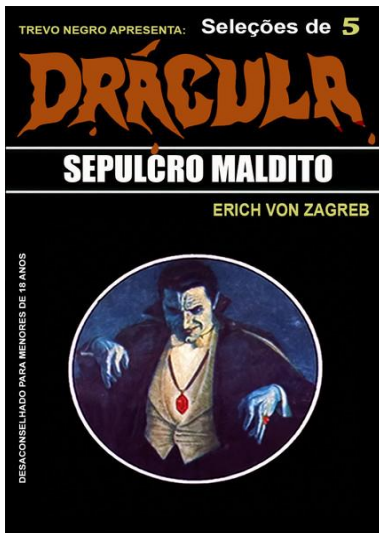
*Gargantas dilaceradas – Rubens  
Francisco Lucchetti (1980)*



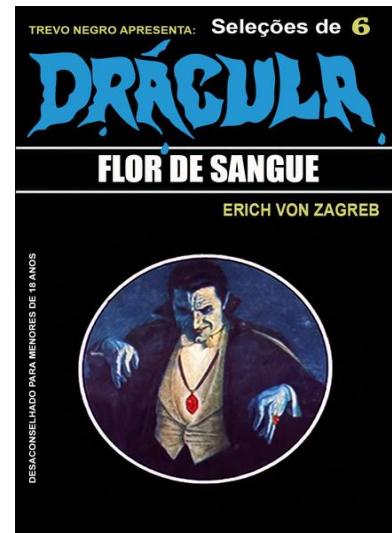
*A noite do vampiro – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



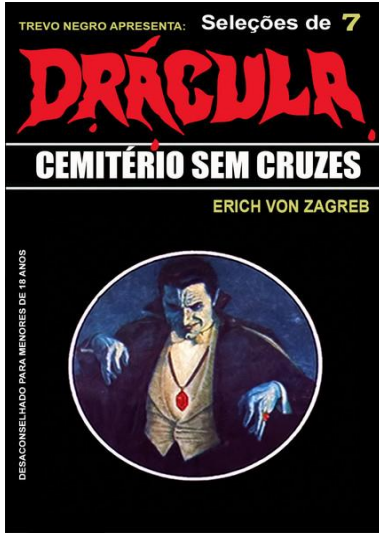
*Orgia de sangue – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



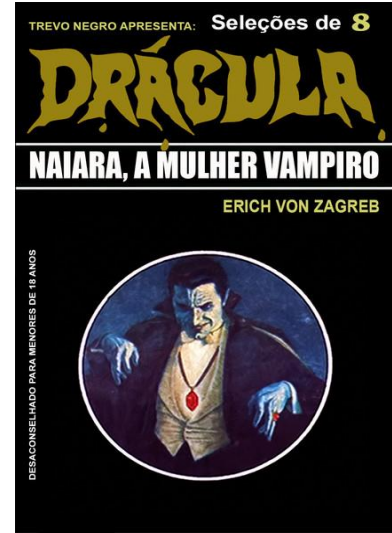
*Sepulcro Maldito – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



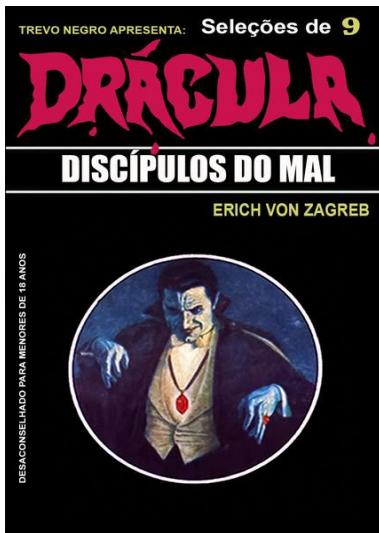
*Flor de sangue – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



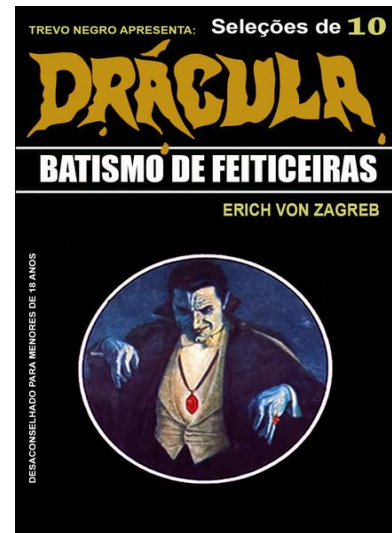
*Cemitério sem cruzes – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



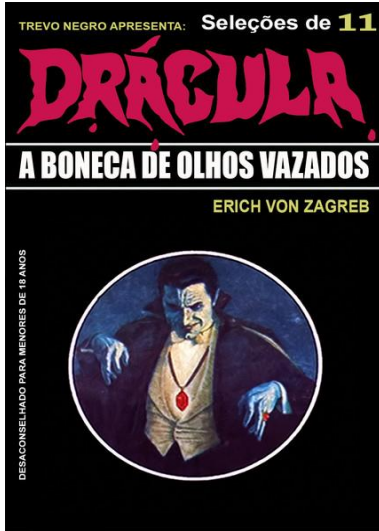
*Naiara, a mulher vampiro – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



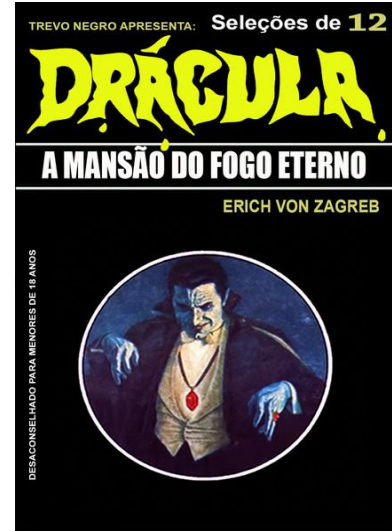
*Discípulos do mal – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



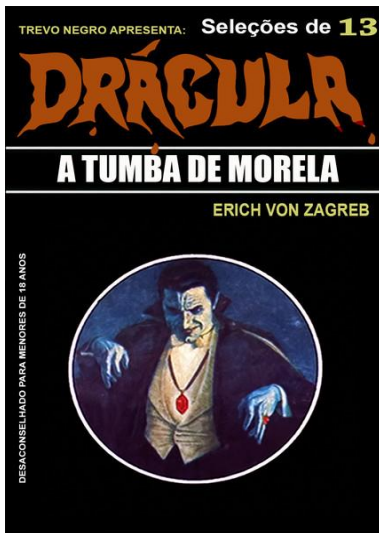
*Batismo de feiticeiras – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



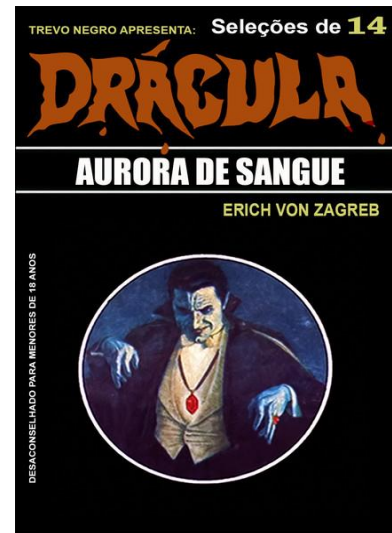
*A boneca de olhos vazados – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



*A mansão do fogo eterno – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



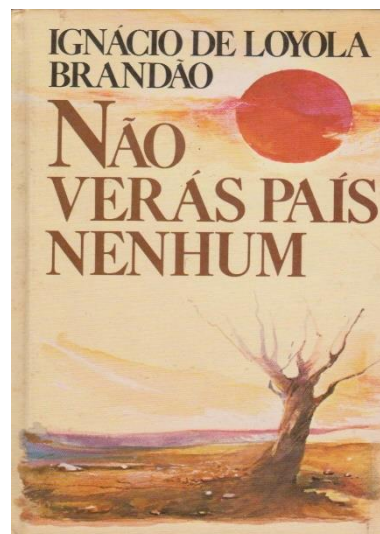
*A tumba de Morela – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



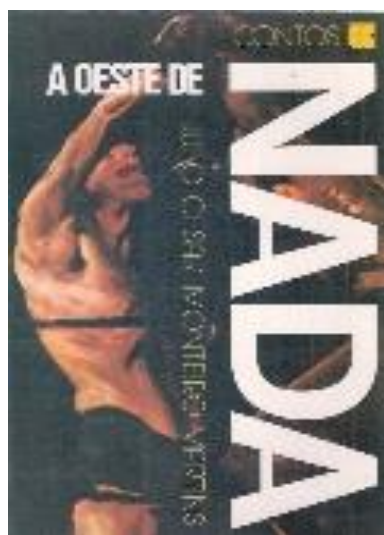
*Aurora de sangue – Rubens Francisco Lucchetti (1980)*



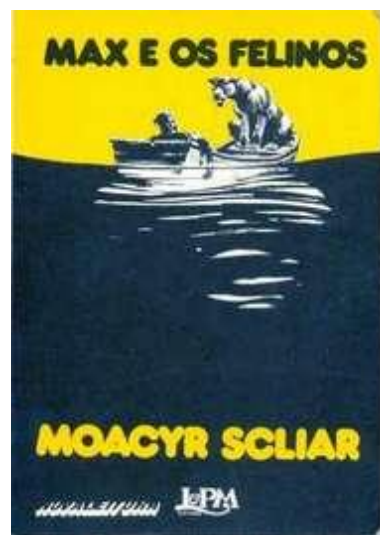
*A árvore que dava dinheiro – Domingos Pellegrini (1981)*



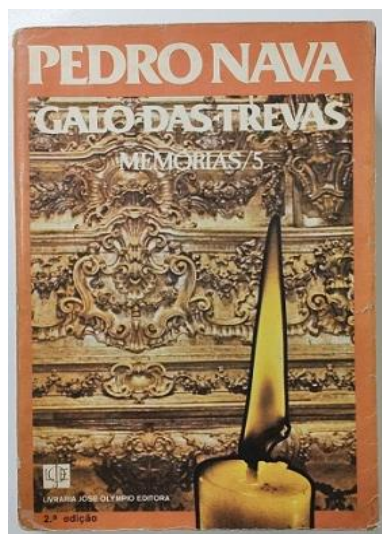
*Não verás país nenhum – Ignácio de Loyola Brandão (1981)*



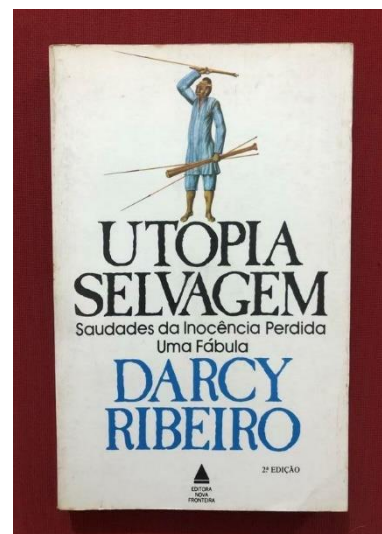
*A oeste de nada – Julio Cesar Monteiro Martins (1981)*



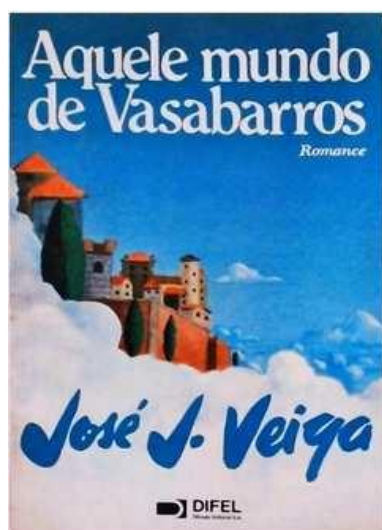
*Max e os felinos – Moacyr Scliar (1981)*



*Galo das trevas – Pedro Nava (1981)*



*Utopia Selvagem – Darcy Ribeiro (1982)*



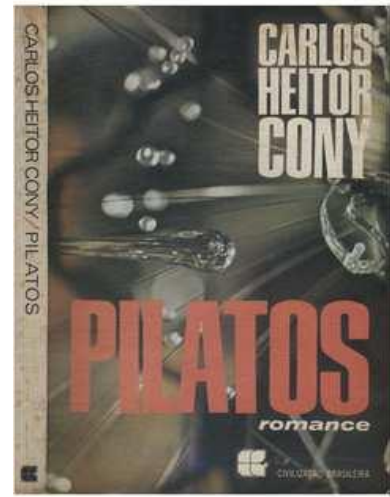
*Aquele mundo de Vasabarro – José J. Veiga (1982)*



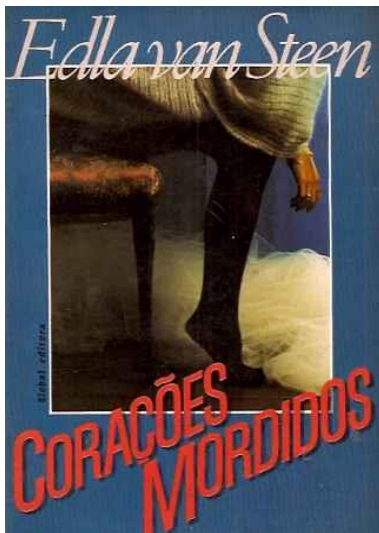
*O gato no escuro – Josué Guimarães (1982)*



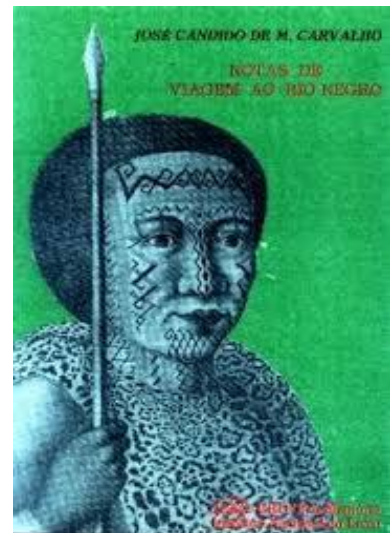
*A porta de Jerusalem – Antonio Celso Alves Pereira (1983)*



*Pilatos – Carlos Heitor Cony (1983)*



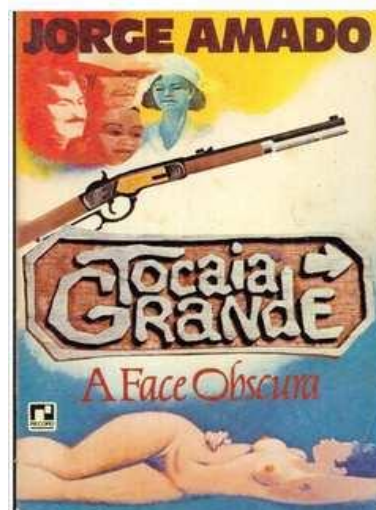
*Corações Mordidos – Edla Van Steen (1983)*



*Notas de viagem do rio Negro – José Candido de Carvalho (1983)*



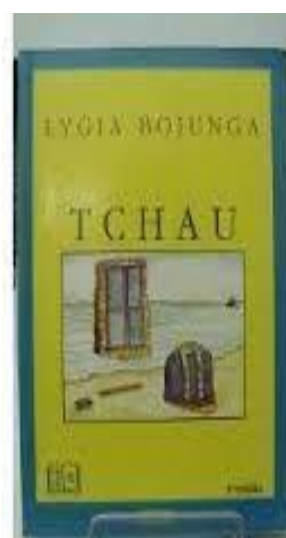
*O mágico de olho verde – Alciene Ribeiro Leite (1984)*



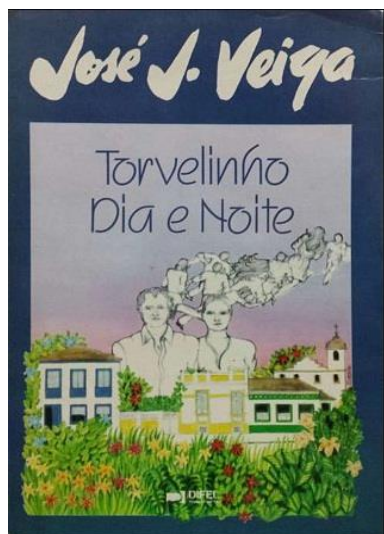
*Tocaia Grande – A face obscura – Jorge Amado (1984)*



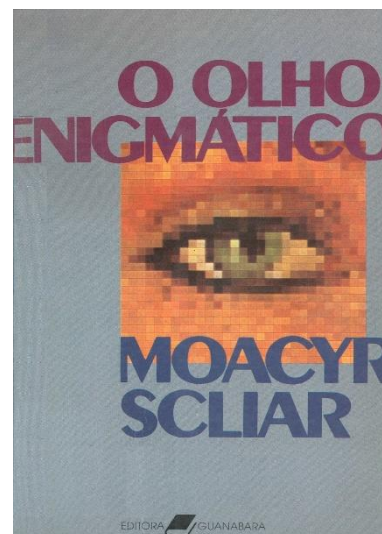
*Os mágicos municipais – José Cândido de Carvalho (1984)*



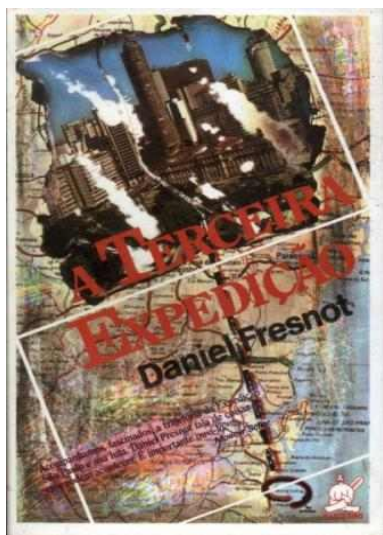
*Tchau – Lygia Bojunga Nunes (1984)*



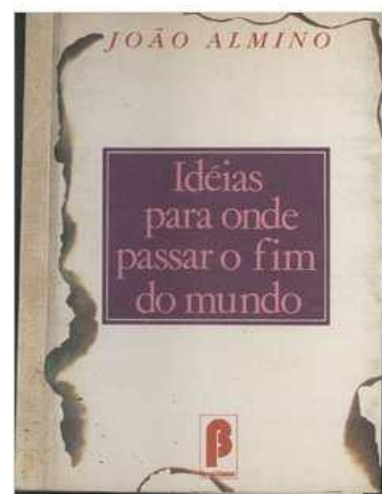
*Torvelinho dia e noite – José J. Veiga  
(1985)*



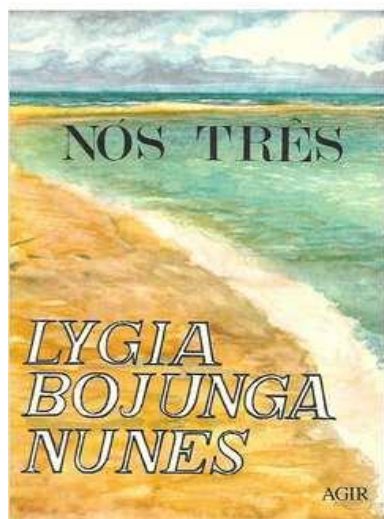
*O olho enigmático – Moacyr Scliar  
(1986)*



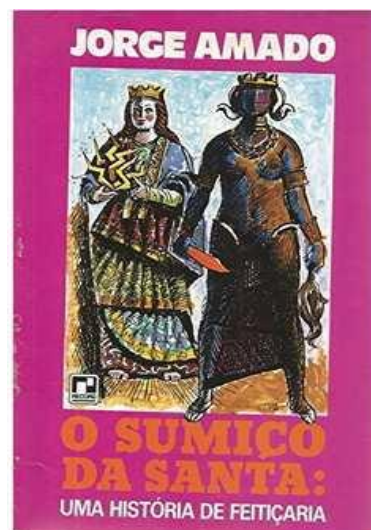
*A terceira expedição – Daniel Fresnot  
(1987)*



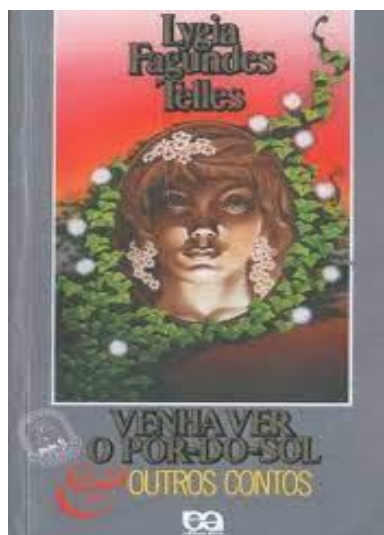
*Ideias para onde passar o fim do mundo – João Almino (1987)*



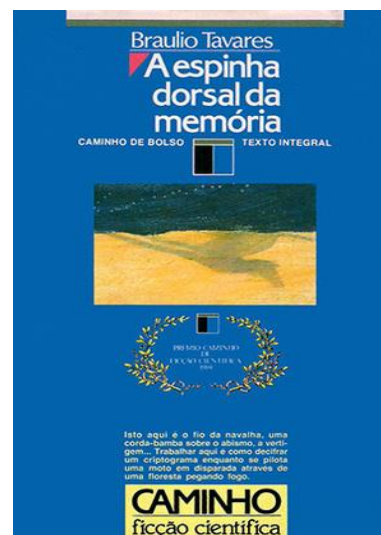
*Nós três – Lygia Bojunga Nunes (1987)*



*O sumiço da santa – Jorge Amado (1988)*



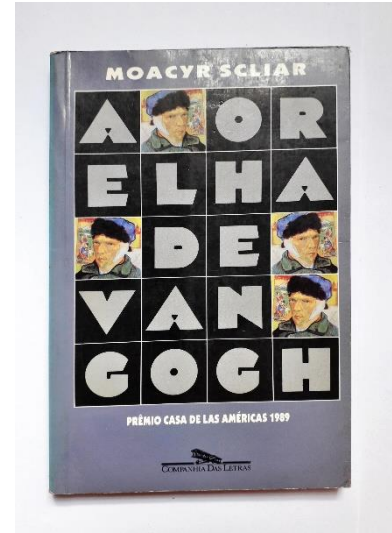
*Venha ver o por-do-sol – Lygia Fagundes Telles (1988)*



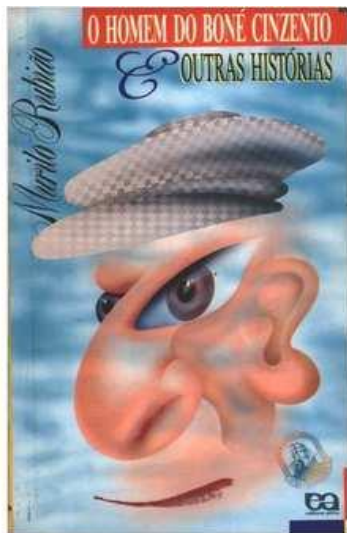
*A espinha dorsal da memória – Bráulio Tavares (1989)*



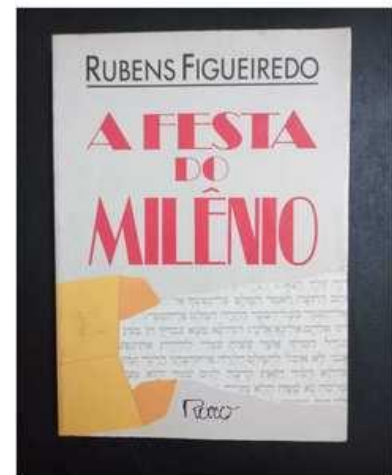
*A casca da serpente – José J. Veiga  
(1989)*



*A orelha de Van Gogh – Moacyr Scliar  
(1989)*



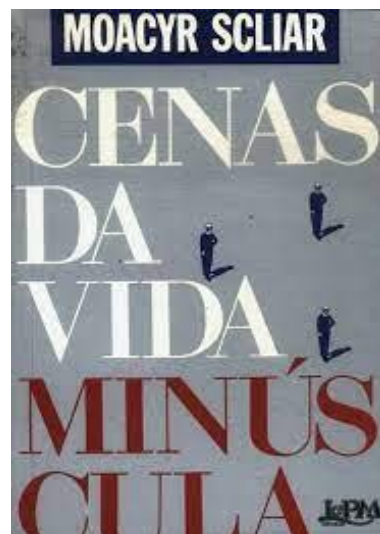
*O homem do boné cinzento – Murilo  
Rubião (1990)*



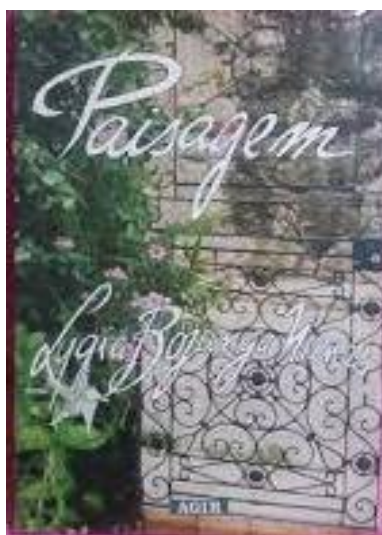
*A festa do milênio – Rubens Figueiredo  
(1990)*



*A estrutura da bolha de sabão – Lygia Fagundes Telles (1991)*



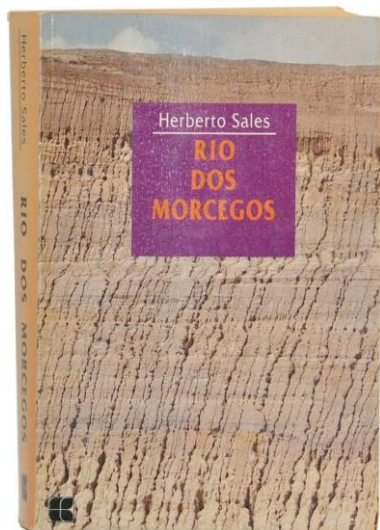
*Cenas da vida minúscula – Moacyr Scliar (1991)*



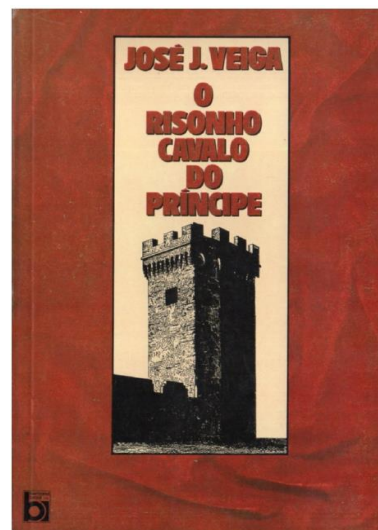
*Paisagem – Lygia Bojunga Nunes (1992)*



*Léguas da promessa – Adonias Filho (1993)*



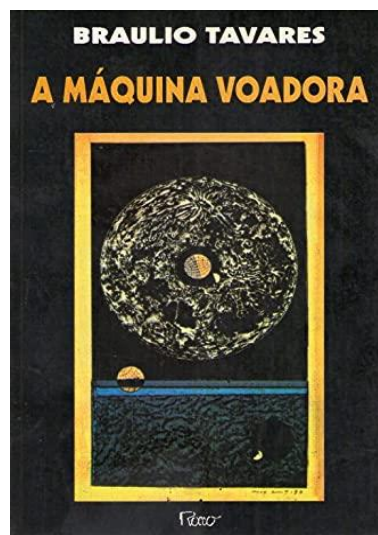
*Rio dos morcegos – Herberto Sales  
(1993)*



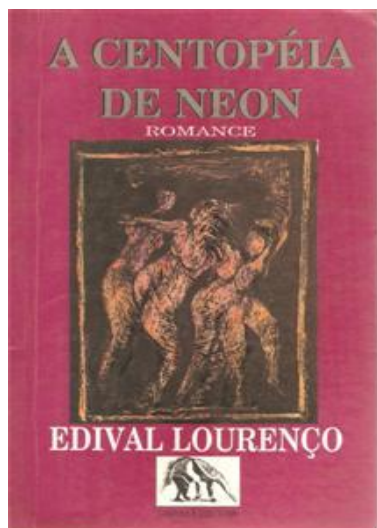
*O risonho cavalo do príncipe – José J.  
Veiga (1993)*



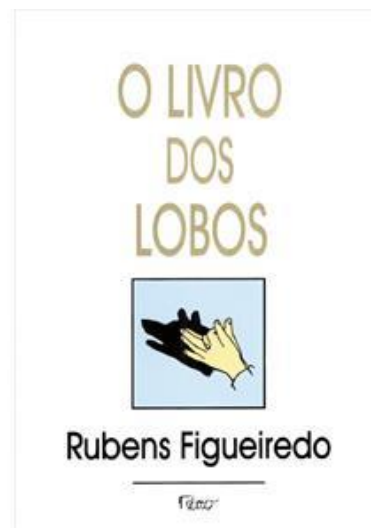
*O vôo do trapezista – Amílcar Bettega  
Barbosa (1994)*



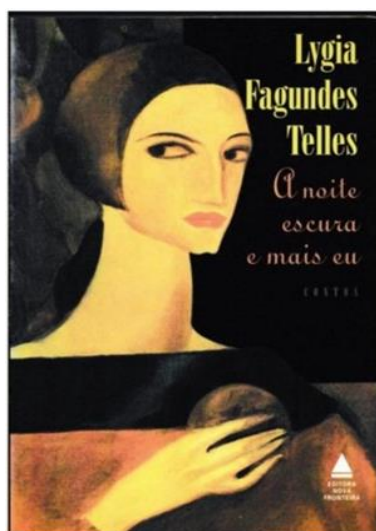
*A máquina voadora – Braulio Tavares  
(1994)*



*A centopéia de neon – Edival Lourenço  
(1994)*



*O livro dos pássaros – Rubens  
Figueiredo (1994)*



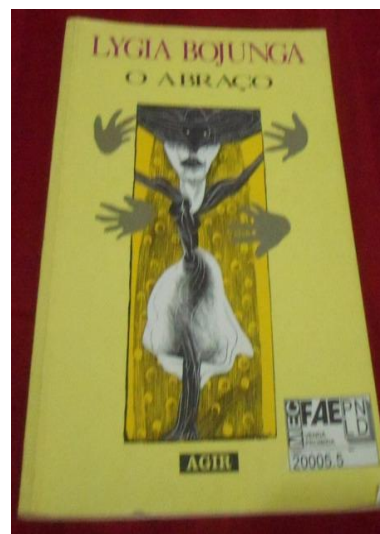
*A noite escura e mais eu – Lygia  
Fagundes Telles (1995)*



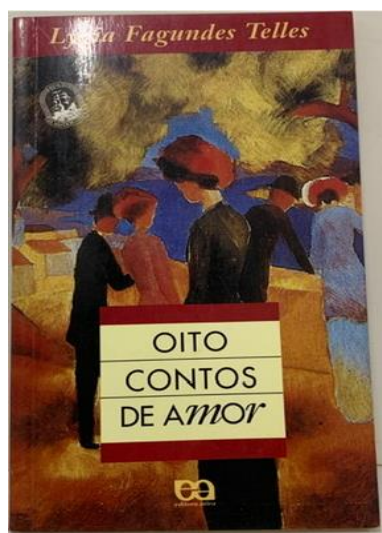
*Mundo fantasma – Braulio Tavares  
(1996)*



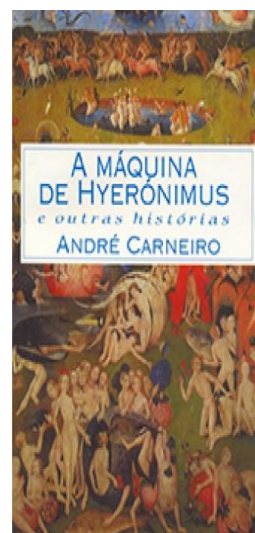
*Floripes some na cidade mágica –  
Fernando Portela (1996)*



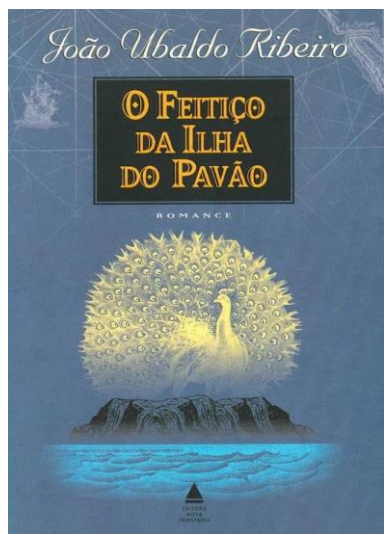
*O abraço – Lygia Bojunga Nunes (1996)*



*Oito contos de amor – Lygia Fagundes  
Telles (1996)*



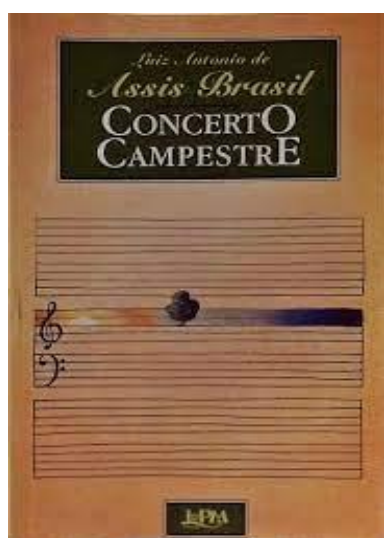
*A máquina de Hyerónimus – André  
Carneiro (1997)*



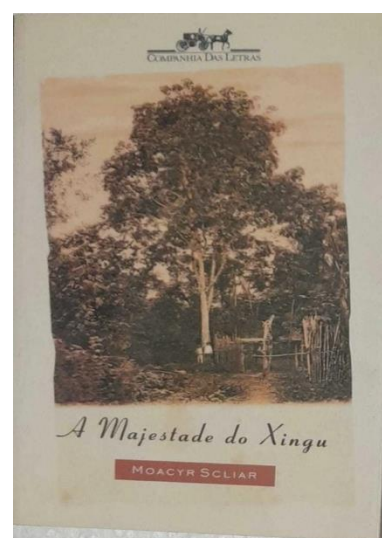
*O feitiço da ilha do pavão – Joao Ubaldo Ribeiro (1997)*



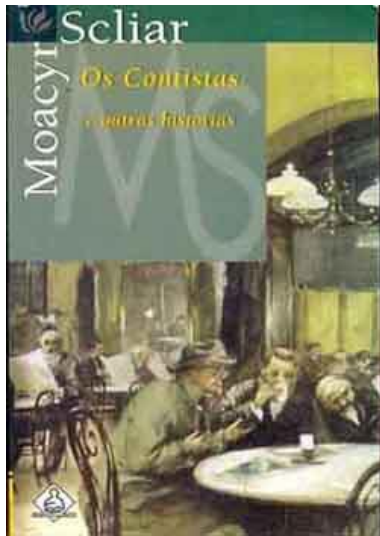
*Tajá e sua gente – José J. Veiga (1997)*



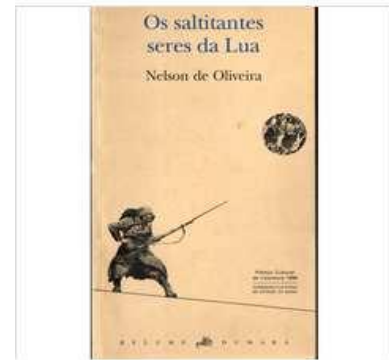
*Concerto campestre – Luiz Antonio de Assis Brasil (1997)*



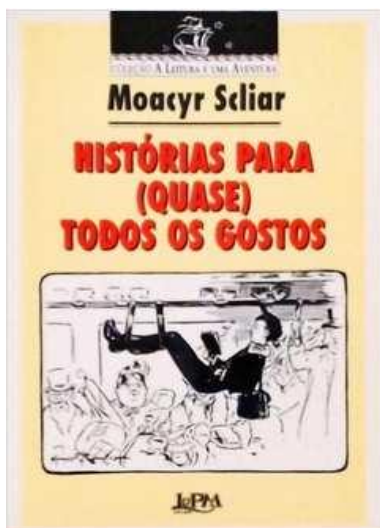
*A majestade do Xingu – Moacyr Scliar (1997)*



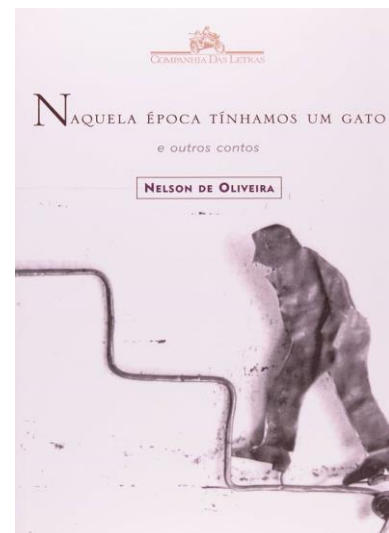
*Os contistas – Moacyr Scliar (1997)*



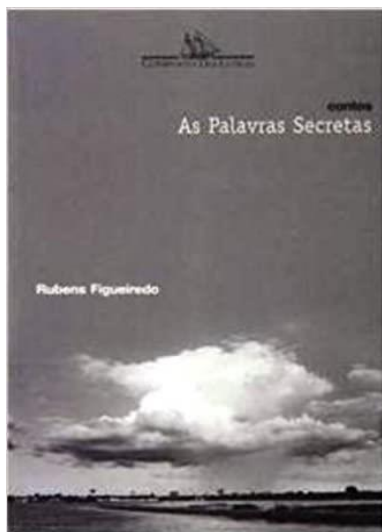
*Os saltitantes seres da lua – Nelson de Oliveira (1997)*



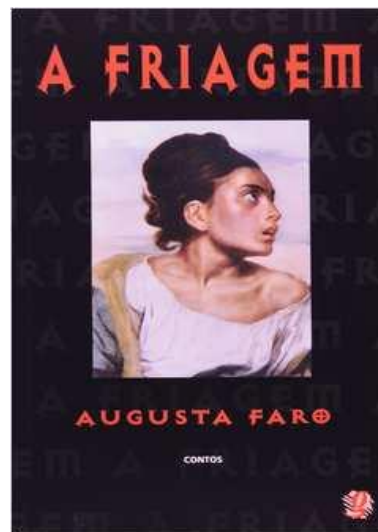
*Histórias para (quase) todos os gostos – Moacyr Scliar (1998)*



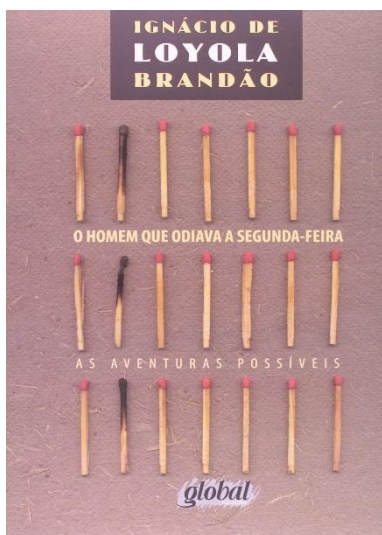
*Naquela época tínhamos um gato – Nelson de Oliveira (1998)*



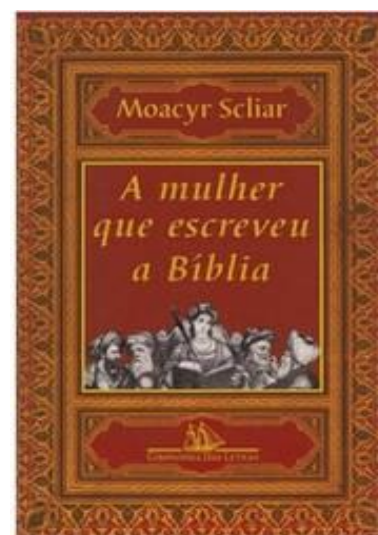
*As palavras secretas – Rubens Figueiredo (1998)*



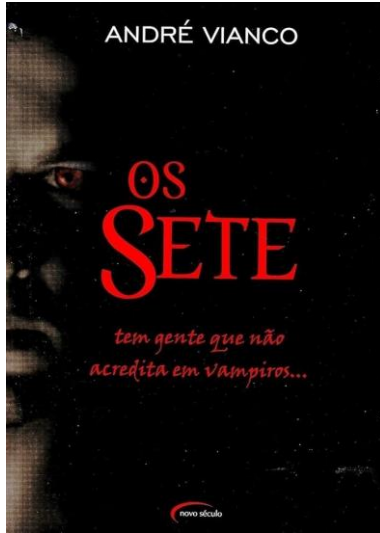
*A friagem – Augusta Faro (1999)*



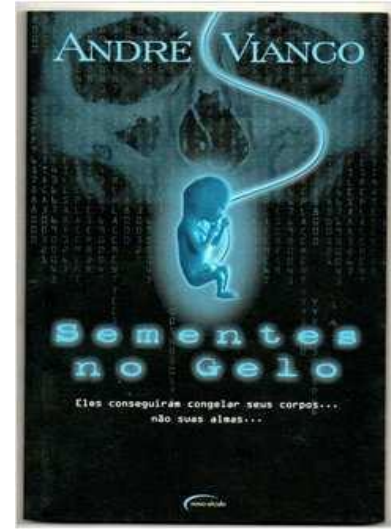
*O homem que odiava a segunda-feira - Ignácio de Loyola Brandão (1999)*



*A mulher que escreveu a bíblia – Moacyr Scliar (1999)*



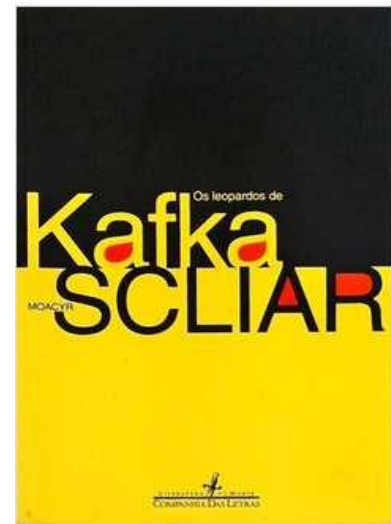
*Os sete – André Vianco (2000)*



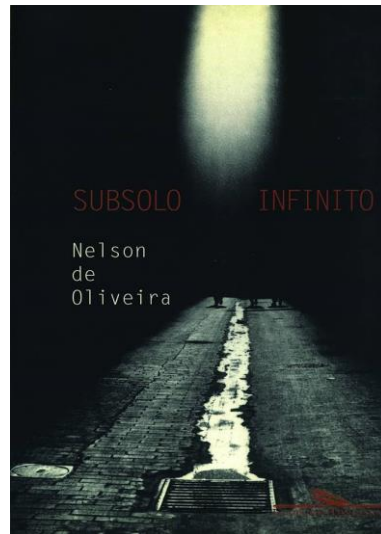
*Sementes no gelo – André Vianco (2000)*



*Invenção e Memória – Lygia Fagundes Telles (200)*



*Os leopardos de Kafka – Moacyr Scliar (2000)*



*Subsolo infinito – Nelson de Oliveira  
(2000)*

## ANEXO 3 - TEXTOS DO FANTÁSTICO PÚBLICADOS NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS

ANO	SUPLEMENTO	GÊNERO	AUTOR	ESCRITOR	TÍTULO	ACESSO
1960	SÃO PAULO	MATÉRIA	WILSON MARTINS	VÁRIOS	ROMANCES E CONTOS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1004">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1004</a>
1960	SÃO PAULO	MATÉRIA	ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS	VÁRIOS	DO SIGNIFICADO DA HISTÓRIA POLICIAL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1055">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1055</a>
1960	SÃO PAULO	MATÉRIA	WILLY LEWIN	VÁRIOS	A PROPOSITO DE FICÇÃO CIENTÍFICA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1077">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1077</a>

1960	SÃO PAULO	MATÉRIA	ROBERTO SCHWARZ	JOÃO GUIMARÃES ROSA	GRANDE SERTÃO E DR FAUSTUS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1077">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1077</a>
1960	SÃO PAULO	CONTO	HELENA SILVEIRA	HELENA SILVEIRA	O PARQUE E A CIDADE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1079">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1079</a>
1960	SÃO PAULO	CRÍTICA	ALCÂNTARA SILVEIRA	GERARDO MELLO MOURÃO E OUTROS	A PROCURA DO ANJO RAFAEL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1107">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1107</a>

1961	SÃO PAULO	MATÉRIA	FREDERICO BRANCO	VÁRIOS	REVISTA DAS REVISTAS: SCIENCE-FICTION, CINEMA AND RADIO (ANHEMBI)	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1468">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1468</a>
1961	SÃO PAULO	CRÍTICA	SÁBATO MAGALDI	HÉLIO BLOCH	AUTORES PROCURAM UMA ROSA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1473">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1473</a>
1961	SÃO PAULO	MATÉRIA	BRITO BROCA	VÁRIOS	O FANTÁSTICO NA LITERATURA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1487">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1487</a>

1961	SÃO PAULO	MATÉRIA	ALCÂNTARA SILVEIRA	VÁRIOS	FICÇÃO CIENTÍFICA (GUMERCINDO ROCHA DOREA)	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1553">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1553</a>
1961	SÃO PAULO	CONTO	MAURO CHAVES	MAURO CHAVES	EXÚ: A MENSAGEM NEGRA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1561">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1561</a>
1961	SÃO PAULO	MATÉRIA	PAULO HECKER FILHO	WALMIR AYALA	O VERBO: QUE DÊ O EDIFÍCIO?	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1586">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1586</a>

1961	SÃO PAULO	CRÍTICA	CASSIANO NUNES	SERGIO MILLET	O MENINO E O AUTOMÓVEL - "QUANDO EU ERA MENINO"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1415">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1415</a>
1961	SÃO PAULO	CRÍTICA	WILSON MARTINS	JORGE AMADO	MARINHEIROS E SECRETÁRIOS - "OS VELHOS MARINHEIROS"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1494">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=1494</a>
1961	SÃO PAULO	CONTO	ANDRE CARNEIRO	ANDRE CARNEIRO	O HOMEM QUE HIPNOTIZAVA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=1543">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=1543</a>

1961	SÃO PAULO	MATÉRIA	NAIEF SÁFADY	COELHO NETO	A FICÇÃO DE COELHO NETO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%20%89RIAS%20EM%20ONASSAU%22&amp;pagfis=1562">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%20%89RIAS%20EM%20ONASSAU%22&amp;pagfis=1562</a>
1962	SÃO PAULO	MATÉRIA	TEMISTÓCLES LINHARES	PAULO NOVAES	ROMANCE: SAFRANOVA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%20%87%20%830%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1629">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%20%87%20%830%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=1629</a>
1962	SÃO PAULO	TEXTO	DECIO PIGNATARI	DECIO PIGNATARI	ESTELA, ESTRÊLA (S)	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=1757">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=1757</a>

1962	SÃO PAULO	MATÉRIA	WILSON MARTINS	JOSE GERALDO VIEIRA	A LUTA COM O ANJO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%20RIAS%20EM%20NASSAU%22&amp;pagfis=1658">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%20RIAS%20EM%20NASSAU%22&amp;pagfis=1658</a>
1962	SÃO PAULO	CRÍTICA	OSMAN LINS	JULIETA DE GODOY LADEIRA	PASSE AS FÉRIAS EM NASSAU	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%20RIAS%20EM%20NASSAU%22&amp;pagfis=1857">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%20RIAS%20EM%20NASSAU%22&amp;pagfis=1857</a>
1964	SÃO PAULO	CONTO	PAULO RICCIOPPO	PAULO RICCIOPPO	CAVALO NA MOITE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2271">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2271</a>
1964	SÃO PAULO	MATÉRIA	FERNANDO MENDONÇA	VÁRIOS	REALIDADE MÁGICA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2463">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2463</a>

1964	SÃO PAULO	CRÍTICA	WILSON MARTINS	JORGE AMADO	RISO E SORRISO - "OS PASTORES DA NOITE"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2438">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2438</a>
1964	SÃO PAULO	CRÍTICA	ROLMES BARBOSA	GUILHERME DE ALMEIDA	A SEMANA E OS LIVROS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4</a>
1965	SÃO PAULO	CONTO	BRAULIO PEDROSO	BRAULIO PEDROSO	A VERGONHA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2743">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=2743</a>
1965	SÃO PAULO	MATÉRIA	RICARDO RAMOS	DALTON TREVISAN	DALTON TREVISAN	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22%22O%20FORTE%22%20E%20SEU%20ESPA%c3%87O%20M%c3%81GICO%22&amp;pagfis=2525">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22%22O%20FORTE%22%20E%20SEU%20ESPA%c3%87O%20M%c3%81GICO%22&amp;pagfis=2525</a>

1965	SÃO PAULO	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	ADONIAS FILHO	"O FORTE" E SEU ESPAÇO MÁGICO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22%22O%20FORTE%22%20E%20SEU%20ESPA%c3%87O%20M%c3%81GICO%22&amp;pagfis=2647">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22%22O%20FORTE%22%20E%20SEU%20ESPA%c3%87O%20M%c3%81GICO%22&amp;pagfis=2647</a>
1966	MINAS GERAIS	CONTO	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA	DIÁLOGO DAS RELATIVAS GRANDEZAS	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1966&amp;c=01001211196609">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1966&amp;c=01001211196609</a>
1966	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LYGIA NEDER	MURILO RUBIAO	O "DRAGÃO" E SEU MUNDO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1966&amp;c=01000510196602">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1966&amp;c=01000510196602</a>
1966	MINAS GERAIS	MATÉRIA	LAÍS CORREA DE ARAUJO	MURILO RUBIAO	UNIVERSO SIMBÓLICO UNIVERSO LÍRICO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1966&amp;c=01000710196603">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1966&amp;c=01000710196603</a>
1967	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LAÍS CORREA DE ARAUJO	JOSÉ J. VEIGA	OS BOIS E NÓS	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02003003196703">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02003003196703</a>

1967	MINAS GERAIS	CONTO	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA	DOMINGO DE FESTA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02006311196704-02006311196705">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02006311196704-02006311196705</a>
1967	MINAS GERAIS	MATÉRIA	WILSON CASTELO BRANCO	LYGIA FAGUNDES TELLES	CONTISTAS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02003705196706">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02003705196706</a>
1967	MINAS GERAIS	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	O MOÇO DO SAXOFONE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1968&amp;c=03007201196809">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1968&amp;c=03007201196809</a>
1967	MINAS GERAIS	CRÍTICA	PAULO SARAIVA	MURILO RUBIAO	O MITO DE SÍSIFO E O EDIFÍCIO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02002101196701">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02002101196701</a>
1967	MINAS GERAIS	CRÍTICA	CID RÊBELO HORTA	MURILO RUBIAO	COM UM PÉ NA TERRA E OUTRO NO PAÍS DAS FADAS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02006010196705">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1967&amp;c=02006010196705</a>

1968	MINAS GERAIS	CARTAS	MARIO DE ANDRA	MURILO RUBIAO	CARTAS DE MARIO DE ANDRADE A MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1968&amp;c=03009406196802-03009406196803">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1968&amp;c=03009406196802-03009406196803</a>
1968	MINAS GERAIS	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	O MÔÇO DO SAXOFONE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1968&amp;c=03007201196809">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1968&amp;c=03007201196809</a>
1968	SÃO PAULO	MATÉRIA	WILSON MARTINS	JOSÉ J. VEIGA	UM REALISTA MÁGICO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%20c3%87%20c3%830%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=3606">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%20c3%87%20c3%830%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=3606</a>
1969	MINAS GERAIS	CONTO	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA	REVERSÃO - MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04015600196907">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04015600196907</a>
1969	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	LAIS CORREA DE ARAÚJO	MURILO RUBIAO	CONVERSA (LONGA E AGRADÁVEL) COM ANA HATHERLY	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04013103196904">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04013103196904</a>

1969	MINAS GERAIS	PREMIAÇÃO	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	II CONCURSO NACIONAL DE CONTOS DO PARANÁ TEVE MINEIROS PREMIADOS	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04015007196908-04015007196909">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04015007196908-04015007196909</a>
1969	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	PETÚNIA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04015800196906-04015800196907">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04015800196906-04015800196907</a>
1969	MINAS GERAIS	CRÍTICA	CARLOS JORGE APPEL	MURILO RUBIAO	O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04016711196902">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04016711196902</a>
1969	MINAS GERAIS	CARTAS	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	LOURIVAL GOMES E O SUPLEMENTO LITERÁRIO - CARTA MANUSCRITA ENDEREÇADA A MURILO RUBIÃO (1966)	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04016911196905">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1969&amp;c=04016911196905</a>

1969	SÃO PAULO	MATÉRIA	RUBENS TEIXEIRA SCAVONE	VÁRIOS	FICÇÃO CIENTÍFICA E CIBERNÉTICA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=3929">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=3929</a>
1969	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	NÃO MENCIONADO	JOSÉ J. VEIGA	OS CAVALINHOS DE PLATIPLANTO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=3954">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=3954</a>
1969	SÃO PAULO	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	"O DEDO"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22o%20dedo%22%20%22lygia%20fagundes%20telles%22&amp;pagfis=3769">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22o%20dedo%22%20%22lygia%20fagundes%20telles%22&amp;pagfis=3769</a>

1969	SÃO PAULO	MATÉRIA	LENIRA MARQUES COVIZZI	JOÃO GUIMARÃES ROSA	"PREFÁCIOS TRAVESTIDOS" (ESTUDO SOBRE AS FUNÇÕES DOS PREFÁCIOS DE TUTAMÉIA- TERCEIRAS ESTÓRIAS DE GUIMARÃES ROSA)	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=3830">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=3830</a>
1969	SÃO PAULO	CONTO	RUBEN TEIXEIRA	RUI MOURÃO	A EVIDÊNCIA DO IMPOSSÍVEL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=3949">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=3949</a>
1970	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	MURILO: DESCORTÍNEO E LIDERANÇA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05017601197003">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05017601197003</a>
1970	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	CRISTIANO MARTINS	MURILO RUBIAO	ENTREVISTA COM MURILO RUBIÃO E OUTROS ESCRITORES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05019305197004-05019305197005">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05019305197004-05019305197005</a>

1970	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LARRY W. DOMAIN	MURILO RUBIAO	ESTUDO DA EPÍGRAFE EM "OS DRAGÕES", DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05019605197003">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05019605197003</a>
1970	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	OS DRAGÕES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05019605197004">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05019605197004</a>
1970	MINAS GERAIS	MATÉRIA	DAVID SALLES	MURILO RUBIAO	UMA CARTA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05022312197002">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05022312197002</a>
1970	MINAS GERAIS	CRÍTICA	CARLOS ROBERTO PELLEGRINO	JOSÉ J. VEIGA	A HORA DOS RUMINANTES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05018904197007">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05018904197007</a>
1970	MINAS GERAIS	CRÍTICA	EDGARD PEREIRA	JOSÉ J. VEIGA	A MAQUINA EXTRAVIADA (MATERIAL NÃO DISPONÍVEL)	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05021000197007">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05021000197007</a>
1970	MINAS GERAIS	OUTROS	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05021000197004">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05021000197004</a>

1970	MINAS GERAIS	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	LYGIA FAGUNDES TELLES	ANTES DO BAILE VERDE	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05022111197006">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05022111197006</a>
1970	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	HUMBERTO WERNECK E JAIME PRADO GOUVEA	MOACYR SCLiar	LETRA POR LETRA - AS RECEITAS DE MOACYR SCLiar: ESCRITOR E MÉDICO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05018603197009-05018603197010">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05018603197009-05018603197010</a>
1970	MINAS GERAIS	CONTO	MOACYR SCLiar	MOACYR SCLiar	NÓS O PISTOLEIRO, NÃO DEVEMOS TER PIEIDADE	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05018603197009-05018603197010">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1970&amp;c=05018603197009-05018603197010</a>
1970	SÃO PAULO	MATÉRIA	WILSON MARTINS	MOACYR SCLiar	PROLONGAR, RENOVAR	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%20c3%87%20c3%830%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=4100">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%20c3%87%20c3%830%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=4100</a>

1970	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	NÃO MENCIONADO	MENOTTI DEL PICCHIA	KALUM, O MISTÉRIO DO SERTÃO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4152">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4152</a>
1970	SÃO PAULO	MATÉRIA	TEMISTÓCLES LINHARES	VÁRIOS	SITUAÇÃO DO CONTO NO BRASIL - 3	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4227">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4227</a>
1970	SÃO PAULO	CRÍTICA	FÁBIO LUCAS	LYGIA FAGUNDES TELLES	MISTÉRIO E MAGIA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4169">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4169</a>

1970	SÃO PAULO	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	AUGUSTO ABELEIRA	O ROMANCE RECUSA - "BOLOR"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRET%22&amp;pagfis=4001">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRET%22&amp;pagfis=4001</a>
1970	SÃO PAULO	MATÉRIA	PADRE ALDEMAR MOREIRA	BEATRIZ MUNIZ DE SOUZA	SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4002">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4002</a>
1970	SÃO PAULO	MATÉRIA	LEYLA PERRONE- MOISÉS	VÁRIOS	A FLORAÇÃO DAS REVISTAS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=4079">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=4079</a>

1970	SÃO PAULO	MATÉRIA	NELLY NOVAES COELHO	LYGIA FAGUNDES TELLES	ANTES DO BAILE VERDE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRET%22&amp;pagfis=4181">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRET%22&amp;pagfis=4181</a>
1971	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	ZILAH CORREA DE ARAÚJO	ÉRICO VERÍSSIMO	ENTRE. ÉRICO VERÍSSIMO ESTÁ EM CASA	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06023402197102-06023402197103">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06023402197102-06023402197103</a>
1971	MINAS GERAIS	CRÍTICA	WAGNER CORREA DE ARAUJO	LYGIA FAGUNDES TELLES	ANTES DO BAILE VERDE	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06023001197107">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06023001197107</a>
1971	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	VICENTE ATAÍDE	LYGIA FAGUNDES TELLES	NOTÍCIAS SOBRE LYGIA FAGUNDES TELLES	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06024304197111">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06024304197111</a>

1971	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	O EX-MÁGICO DA TABERNA MINHOTA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06027211197108-06027211197109">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1971&amp;c=06027211197108-06027211197109</a>
1971	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	NÃO MENCIONADO	JOSÉ CANDIDO DE CARVALHO	O CORONEL E O LOBISOMEN	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%830%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4302">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%830%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4302</a>
1971	SÃO PAULO	MATÉRIA	TEMISTÓCLES LINHARES	VÁRIOS	SITUAÇÃO DO CONTO NO BRASIL - 18	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%830%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4352">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%830%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4352</a>

1971	SÃO PAULO	MATÉRIA	TEMISTÓCLES LINHARES	VÁRIOS	SITUAÇÃO DO CONTO NO BRASIL - 19	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4372">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4372</a>
1971	SÃO PAULO	MATÉRIA	TEMISTÓCLES LINHARES	VÁRIOS	SITUAÇÃO DO CONTO NO BRASIL - 21	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4384">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4384</a>
1971	SÃO PAULO	CRÍTICA	LIVIA FER... (FINAL DO NOME NÃO APARECE NA PÁGINA)	ADÃO VENTURA	NARRATIVAS POÉTICAS - LIVRO - ABRIR-SE UM ABUTRE OU MESMO DEPOIS DE DEDUZIR DELE O AZUL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4388">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COE LHO%20NETO%22&amp;pagfis=4388</a>

1971	SÃO PAULO	MATÉRIA	TEMISTÓCLES LINHARES	VÁRIOS	SITUAÇÃO DO CONTO NO BRASIL - 22	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=4390">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=4390</a>
1971	SÃO PAULO	MATÉRIA	ARACY AMARAL	VÁRIOS	REFLEXÕES: O ARTISTA BRASILEIRO NO IMPASSE DO SEU TEMPO - 1	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=4441">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20FIC%c3%87%c3%83O%20DE%20COELHO%20NETO%22&amp;pagfis=4441</a>
1971	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	NÃO MENCIONADO	PÉRICLES PRADO	OS MILAGRES DO CÃO JERÔNIMO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4562">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=4562</a>

1971	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	NÃO MENCIONADO	AUTRAN DOURADO	A BARCA DOS HOMENS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRET%22&amp;pagfis=4311">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRET%22&amp;pagfis=4311</a>
1972	MINAS GERAIS	CRÍTICA	VICENTE ATAÍDE	LYGIA FAGUNDES TELLES	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07031200197203">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07031200197203</a>
1972	MINAS GERAIS	CRÍTICA	DUÍLIO GOMES	LYGIA FAGUNDES TELLES	ANTES DO BAILE VERDE	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07029404197211">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07029404197211</a>
1972	MINAS GERAIS	CONTO	MOACYR SCLiar	MOACYR SCLiar	REINO VEGETAL	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07033112197212">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07033112197212</a>
1972	MINAS GERAIS	MATÉRIA	TERESINHA ALVES PEREIRA	VÁRIOS	APARECIMENTO DO REALISMO MÁGICO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07027901197212">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1972&amp;c=07027901197212</a>

1972	SÃO PAULO	MATÉRIA	URBANO TAVARES RODRIGUES	LYGIA FAGUNDES TELLES	UMA OBRA REFLETE S. PAULO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4701">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4701</a>
1972	SÃO PAULO	MATÉRIA	LUCIA KAIROVSKY	VÁRIOS	A CONSCIÊNCIA DO MUNDO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=4845">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=4845</a>
1972	SÃO PAULO	CONTO	NÃO MENCIONADO	EDY LIMA	A VACA VOADORA (TRECHOS)	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4847">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4847</a>

1972	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	GILBERTO ORTIZ	VÁRIOS	INCIDENTE EM ANTARES	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=4885">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=4885</a>
1972	SÃO PAULO	CRÍTICA	ROLMES BARBOSA	JOSÉ J. VEIGA	REPENTINAMENTE OS MUROS, ESSES MUROS - "SOMBRAS DE REIS BARBUDOS"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=4736">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=4736</a>
1972	SÃO PAULO	MATÉRIA	LEONARDO ARROYO	FRANCISCO MARINS	HARMONIA E HOMOGENEIDADE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=4844">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=4844</a>

1973	MINAS GERAIS	MATÉRIA	DÚLIO GOMES	ÉRICO VERÍSSIMO	ÉRICO VERÍSSIMO - 40 ANOS DEPOIS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08034604197310">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08034604197310</a>
1973	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ITÁLICO MARCON	ÉRICO VERÍSSIMO	INCIDENTE EM ANTARES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08038212197310">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08038212197310</a>
1973	MINAS GERAIS	CRÍTICA	RUI MOURÃO	JOSÉ J. VEIGA	SOMBRAS DE REIS BARBUDOS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08034003197311">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08034003197311</a>
1973	MINAS GERAIS	OUTROS	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA	NOTA DE PESAR IN MEMORIAM DE EMANUEL VALPINGES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037811197303">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037811197303</a>
1973	MINAS GERAIS	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	O DEDO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037912197302">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037912197302</a>
1973	MINAS GERAIS	CRÍTICA	DÚLIO GOMES	MOACYR SCLiar	MOACYR SCLiar: A GUERRA NO BOM FIM	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08033501197311">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08033501197311</a>

1973	MINAS GERAIS	CRÍTICA	DUÍLIO GOMES	MOACYR SCLiar	O SOLITÁRIO BIROBJAN: O EXERCITO DE UM HOMEM SÓ	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037210197311">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037210197311</a>
1973	MINAS GERAIS	CONTO	MOACYR SCLiar	MOACYR SCLiar	O DIA EM QUE MATAMOS JONES CAGNEY	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037912197307">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037912197307</a>
1973	MINAS GERAIS	OUTROS	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	FORMAÇÃO DE EDITORA (EDIÇÕES MARGINAIS)	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08035205197310">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08035205197310</a>
1973	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	EPIDÓLIA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037811197310-08037811197311">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1973&amp;c=08037811197310-08037811197311</a>
1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	GILBERTO MANSUR	EDY LIMA	NO VÔO DA VACA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%20literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4892">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%20literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4892</a>

1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	PAULO HECKER FILHO	MOACYR SCLIAR	UM SCLIAR COMPLETO - "A GUERRA DO BOM FIM"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASS E%20AS%20F%c3%89RIAS%20EM%20NASSAU%22&amp;pagfis=4900">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASS E%20AS%20F%c3%89RIAS%20EM%20NASSAU%22&amp;pagfis=4900</a>
1973	SÃO PAULO	CRÍTICA	PAULO DANTAS	CIRO ALEGRIA	A "SERPENTE EMPLUMADA"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4904">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=4904</a>
1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	RICARDO RAMOS	JORGE AMADO	NOTAS SOBRE A FANTÁSTICA TEREZA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=5025">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%c3%a3o%22&amp;pagfis=5025</a>

1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	PAULO RONAI	VÁRIOS	CONVERSA EM FAMÍLIA SOBRE O CONTO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%3%89RIAS%20EM%20ONASSAU%22&amp;pagfis=5060">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22PASSE%20AS%20F%3%89RIAS%20EM%20ONASSAU%22&amp;pagfis=5060</a>
1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	NELLY NOVAES COELHO	VÁRIOS	A LITERATURA DE TRANSGRESSÃO - DIA A DIA AUMENTA O NÚMERO DE FICIONISTAS QUE ADEREM A ESSA LITERATURA DE RECUSA, EM TODOS OS NÍVEIS, A REALIDADE COMUM E ABRE CAMINHO PARA O ABSURDO OU O FANTÁSTICO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=5070">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22DALTON%20TREVISAN%22%20%22ricardo%20ramos%22&amp;pagfis=5070</a>

1973	SÃO PAULO	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	VICTOR GIUDICE	LITERATURA DE TRANSGRESSÃO - III - "NECROLÓGIO"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%C3%A3o%22&amp;pagfis=5087">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22literatura%20de%20transgress%C3%A3o%22&amp;pagfis=5087</a>
1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	NELLY NOVAES COELHO	MARIO HENRIQUE LEIRIA	LITERATURA DE TRANSGRESSÃO - II "CONTOS DO GINTONIC"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=5076">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=5076</a>
1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	ÊNIO SQUEFF	EUGÊNIA SERENO	EUGENIA SERENO - ROMANCISTA DAS CIDADES MORTAS - "O PÁSSARO DA ESCURIDÃO"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=5039">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=5039</a>

1973	SÃO PAULO	MATÉRIA	FERNANDO GOES	ANNA MARIA MARTINS	A TRILOGIA DO EMPAREDADO - OU A REALIDADE SECRETA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=5099">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=5099</a>
1973	SÃO PAULO	CRÍTICA	ROLMES BARBOSA	ANTONIO TORRES	JORRO DE AR NUM CIRCULO ABAFADO - "OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=5162">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22jorro%20de%20ar%20num%20circulo%22&amp;pagfis=5162</a>
1974	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	NÃO MENCIONADO	IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042000197401-09042000197402">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042000197401-09042000197402</a>
1974	MINAS GERAIS	CONTO	IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	FRAGMENTOS DE "ZERO"	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042000197402">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042000197402</a>

1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	LYGIA FAGUNDES TELLES	AS MENINAS - O NAUFRÁGIO DAS ELITES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09038601197410">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09038601197410</a>
1974	MINAS GERAIS	MATÉRIA	BELLA JOSEF	LYGIA FAGUNDES TELLES	A ARTE DE LYGIA FAGUNDES TELLES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09039203197412">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09039203197412</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ELIAS JOSÉ	LYGIA FAGUNDES TELLES	ANOTAÇÕES SOBRE "AS MENINAS"	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09040305197409">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09040305197409</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LAÍS CORREA DE ARAUJO	LYGIA FAGUNDES TELLES	FICÇÃO: "AS MENINAS"	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09040906197405">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09040906197405</a>
1974	MINAS GERAIS	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	CERIMONIA DA NOITE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09039303197411">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09039303197411</a>
1974	MINAS GERAIS	OUTROS	NÃO MENCIONADO	LYGIA FAGUNDES TELLES	NOTÍCIAS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042310197410">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042310197410</a>

1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	SEBASTIÃO REZENDE	MURILO RUBIAO	ESTUDO SOBRE "OS DRAGÕES" DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09039403197406-09039403197407">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09039403197406-09039403197407</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	RUI MOURÃO	MURILO RUBIAO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042000197412">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042000197412</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ELIANE ZAGURY	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO, O CONTISTA DO ABSURDO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042510197406-09042510197407">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042510197406-09042510197407</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO EM MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042510197407">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042510197407</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ANTONIO CARLOS VILLAÇA	MURILO RUBIAO	ÁS METAMORFOSES DO MÁGICO MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042911197408">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09042911197408</a>

1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	HÉLIO POLVORA	MURILO RUBIAO	NO REINO DAS MÁGICAS	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09043111197407">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09043111197407</a>
1974	MINAS GERAIS	OUTROS	FOED CASTRO CHAMMA	MURILO RUBIAO	REFLEXÕES À MARGEM DE O PIROTÉCNICO ZACARIAS	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09043412197405">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1974&amp;c=09043412197405</a>
1974	MINAS GERAIS	CRÍTICA	EDGARD PEREIRA DOS REIS	ROBERTO ATHAYDE	FANTÁSTICO SHOW DO JARDIM	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10044703197502">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10044703197502</a>
1974	SÃO PAULO	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	RUI MOURÃO	O CARNAVAL MÍTICO - A FESTA POPULAR ENTRA EM "CIDADE CALABOUÇO" COMO ELEMENTO ESSENCIAL NA NARRATIVA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5250">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5250</a>
1974	SÃO PAULO	MATÉRIA	NELLY NOVAES COELHO	HERMILO BORBA FILHO	"O GENERAL ESTÁ PINTANDO" A PERSPECTIVA MÁGICA OU PRIMORDIAL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5262">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5262</a>

1974	SÃO PAULO	CRÍTICA	ELIAS JOSÉ	ANTONIO TORRES	"OS HOMENS DOS PÉS REDONDOS" UM ROMANCE QUE FOGE A PROCEDIMENTOS CONVENCIONAIS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5267">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5267</a>
1974	SÃO PAULO	MATÉRIA	SONIA BRAYNER	JOSE DE ALENCAR	JOSÉ DE ALENCAR E O ROMANCE HISTÓRICO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5269">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5269</a>
1974	SÃO PAULO	ENTREVISTA	ESDRAS DO NASCIMENTO	OSMAN LINS	AVALOVARA - ENTREVISTA DE OSMAN LINS A ESDRAS DO NASCIMENTO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5311">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22avalo vara%22&amp;pagfis=5311</a>
1974	SÃO PAULO	CRÍTICA	ALMEIDA FISCHER	JOSUÉ GUIMARÃES	DEPOIS DO ÚLTIMO TREM	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20 CRIA%c3%87%c3%83O%20FICCIONAL%22&amp;pagfis=5336">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20 CRIA%c3%87%c3%83O%20FICCIONAL%22&amp;pagfis=5336</a>

1974	SÃO PAULO	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	JOSÉ J. VEIGA	A CRIAÇÃO FICCIONAL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=507">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=507</a>
1974	SÃO PAULO	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	HERBERTO SALES	HERBERTO SALES	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=5474">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22HARMONIA%20E%20HOMOGENEIDADE%22&amp;pagfis=5474</a>
1974	SÃO PAULO	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	VÁRIOS	A MAGIA E O ABSURDO NA FICÇÃO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=5479">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=5479</a>
1975	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	ÉRICO VERÍSSIMO	A MORTE DE ÉRICO VERÍSSIMO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10048112197501">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10048112197501</a>

1975	MINAS GERAIS	MATÉRIA	JORGE SCHWARTZ	MURILO RUBIAO	OBRA MURILIANA DO FANTÁSTICO COMO MÁSCARA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10044503197504-10044503197505">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10044503197504-10044503197505</a>
1975	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	O BLOQUEIO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10044503197506-10044503197507">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10044503197506-10044503197507</a>
1975	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	MURILO RUBIAO	O MUNDO FANTÁSTICO DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10045405197508">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10045405197508</a>
1975	MINAS GERAIS	MATÉRIA	JOAQUIM BRANCO	MURILO RUBIAO	PIROTEXTO PARA MURILOTECNICO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10045806197505-10045806197506">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10045806197505-10045806197506</a>
1975	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	ALFREDO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10046007197506-10046007197507">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10046007197506-10046007197507</a>

1975	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARIA CONSUELO SANTOS RIBEIRO DA SILVA	MURILO RUBIAO	O SENTIDO TRÁGICO DE ALFREDO, CONTO DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10046007197507-10046007197508">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10046007197507-10046007197508</a>
1975	MINAS GERAIS	PREMIAÇÃO	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10047000197502">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10047000197502</a>
1975	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LEONOR BASSERES	MURILO RUBIAO	POR QUE NÃO FOMOS TODOS CONVIDADOS?	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10047310197502">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10047310197502</a>
1975	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARCIO JOSE LAURIA	MURILO RUBIAO	O INTERMINÁVEL EDIFÍCIO (EM O PIROTÉCNICO ZACARIAS)	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10048312197506">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1975&amp;c=10048312197506</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	ÉRICO VERÍSSIMO	PREMIO ERICO VERÍSSIMO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11049302197609">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11049302197609</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	ÉRICO VERÍSSIMO	SOLO DE CLARINETA II E OUTRAS NOVIDADES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11050706197602">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11050706197602</a>

1976	MINAS GERAIS	CRÍTICA	DANILO GOMES	ÉRICO VERÍSSIMO	MACONDO, COMALA E ANTARES: CIDADES SURREAIS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11051207197608">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11051207197608</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	DUÍLIO GOMES	JOSÉ J. VEIGA	LANÇAMENTOS DE LIVROS - ITALIANO. BRASILEIROS E HISPANO-AMERICANOS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053011197602">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053011197602</a>
1976	MINAS GERAIS	CRÍTICA	EUCLIDES MARQUES ANDRADE	LYGIA BOJUNGA	A ALEGRIA DE ANGÉLICA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11050305197611">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11050305197611</a>
1976	MINAS GERAIS	CRÍTICA	EDDA FERREIRA	LYGIA FAGUNDES TELLES	"AS MENINAS" E A MAESTRIA TÉCNICA DE LYGIA FAGUNDES TELLES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11049503197608-11049503197609">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11049503197608-11049503197609</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NELLY NOVAES COELHO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO DO MÁGICO AO FANTÁSTICO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11048501197608-11048501197609">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11048501197608-11048501197609</a>

1976	MINAS GERAIS	CRÍTICA	FOED CASTRO CHAMMA	MURILO RUBIAO	O ESPAÇO DA CABALA EM O CONVIDADO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11048601197609">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11048601197609</a>
1976	MINAS GERAIS	OUTROS	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11052200197601">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11052200197601</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO NO NORDESTE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11052410197602">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11052410197602</a>
1976	MINAS GERAIS	CRÍTICA	JOSÉ AFRÂNIO MOREIRA DUARTE	CAIO FERNANDO ABREU	"O OVO APUNHALADO" A LITERATURA DO INSÓLITO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11050806197608">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11050806197608</a>
1976	MINAS GERAIS	CONTO	JEFERSON RIBEIRO DE ANDRADE	JEFERSON RIBEIRO DE ANDRADE	O MARAVILHOSO FANTÁSTICO DO MUNDO DE HOJE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11051107197605">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11051107197605</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	EDGAR PEREIRA	MARIO QUINTANA	OS QUINTANARES DE HISTÓRIA SOBRENATURAL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11052410197604">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11052410197604</a>

1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	BELLA JOSEF	MARINA COLASSANTI	O MUNDO MÁGICO DO ZOOLOGICO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053011197603">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053011197603</a>
1976	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	MARIO DA SILVA BRITO	UM MÁGICO SESENTÃO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053212197610">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053212197610</a>
1976	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARIA JOSE DE QUEIROZ	MARIO DA SILVA BRITO	MÁRIO DA SILVA BRITO - O MÁGICO DA CARTOLA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053312197603">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&amp;c=11053312197603</a>
1977	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LÉLIA MARIA PEREIRA DUARTE	LYGIA BOJUNGA	"ANGELICA" OU A "REVERSÃO DO PLATONISMO"	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12055806197705">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12055806197705</a>
1977	MINAS GERAIS	POEMA	NÃO MENCIONADO	LYGIA FAGUNDES TELLES	POEMA DO LIVRO FIO TERRA - AUTOR NÃO MENCIONADO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12054804197701">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12054804197701</a>
1977	MINAS GERAIS	NOTÍCIA	NÃO MENCIONADO	LYGIA FAGUNDES TELLES	ESCRITORAS BRASILEIRAS PUBLICADAS EM "EL CUENTO"	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12055305197702">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12055305197702</a>

1977	MINAS GERAIS	MATÉRIA	DUÍLIO GOMES	LYGIA FAGUNDES TELLES	COERÊNCIA E PROCESSO EM LYGIA FAGUNDES TELLES	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12057410197708">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12057410197708</a>
1977	MINAS GERAIS	CRÍTICA	JOSÉ CAMPOMIZZI FILHO	LYGIA FAGUNDES TELLES	SEMINÁRIO DOS RATOS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12057710197709">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12057710197709</a>
1977	MINAS GERAIS	OUTROS	FRANKLIN SALLES	MURILO RUBIAO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12057100197711">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1977&amp;c=12057100197711</a>
1978	MINAS GERAIS	MATÉRIA	MARY L. DANIEL	ÉRICO VERÍSSIMO	ÉRICO VERÍSSIMO: MICROCOSMO E MACROCOSMO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13060204197806-13060204197807">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13060204197806-13060204197807</a>
1978	MINAS GERAIS	CRÍTICA	FREDERICK C. H. GARCIA	ÉRICO VERÍSSIMO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13062200197809">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13062200197809</a>

1978	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LAURO JUNKES	JOSÉ J. VEIGA	TRÊS ROMANCES DO MEDO - A HORA DOS RUMINANTES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13059603197806-13059603197807">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13059603197806-13059603197807</a>
1978	MINAS GERAIS	MATÉRIA	LEODEGÁRIO AMARANTE DE AZEVEDO FILHO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES E AS ANTENAS DA CRIAÇÃO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13060304197804">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13060304197804</a>
1978	MINAS GERAIS	LANÇAMENTO	LAZARO BARRETO	MURILO RUBIAO	A CASA DO GIRASSOL VERMELHO.	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13062910197810">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1978&amp;c=13062910197810</a>
1978	SÃO PAULO	CRÍTICA	HELIO LOPES	ANTONIO JOAQUIM DA ROSA	ROMANCISTA DE SÃO ROQUE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=7093">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22A%20TRILOGIA%20DO%20EMPAREDADO%20-%20OU%20A%20REALIDADE%20SECRETA%22&amp;pagfis=7093</a>

1978	SÃO PAULO	MATÉRIA	OSWALDO FROTA-PESSOA	VÁRIOS	A PSEUDOCIÊNCIA NO COTIDIANO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=7715">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=7715</a>
1978	SÃO PAULO	MATÉRIA	ITALO CARONI	VÁRIOS	TEXTOS DO FANTÁSTICO ANALISADOS, A FONTE NÃO É MENCIONADA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=4185">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=4185</a>
1978	SÃO PAULO	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	VÁRIOS	TEXTO SEM TÍTULO - FALA SOBRE O REALISMO MÁGICO NO BRASIL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22Realismo%20m%C3%A1gico%22&amp;pagfis=7079">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=%22Realismo%20m%C3%A1gico%22&amp;pagfis=7079</a>
1978	SÃO PAULO	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	CLARISSE LISPECTOR	ESTRANHOS ITINERÁRIOS: CORTÁZAR E CLARISSE LISPECTOR	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=7613">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=7613</a>

1978	SÃO PAULO	MATÉRIA	CASSIANO NUNES	MONTEIRO LOBATO	A CORRESPONDÊNCIA DE MONTEIRO LOBATO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=73">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=73</a>
1979	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	REJANE CARVALHO DE FRANÇA	LYGIA BOJUNGA	A IMAGINAÇÃO É UM PAÍS SEGURO - ENTREVISTA A REJANE CARVALHO DE FRANÇA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14067910197907">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14067910197907</a>
1979	MINAS GERAIS	CRÍTICA	CARMEN LÚCIA TINDÓ SECCO	LYGIA BOJUNGA	O LÚDICO EM LYGIA BOJUNGA NUNES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14068411197904">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14068411197904</a>
1979	MINAS GERAIS	CRÍTICA	BELLA JOSEF	MOACYR SCLiar	UM CICLO ALEGÓRICO - O CICLO DAS ÁGUAS	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13065003197905">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13065003197905</a>
1979	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARIA DO CARMO QUINTÃO	MURILO RUBIAO	BARBARA E O DISCURSO DA SEDUÇÃO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13064201197907">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13064201197907</a>

1979	MINAS GERAIS	MATÉRIA	MIRIAN CHRYSTUS	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO TEM COMO BASE A PRÓPRIA REALIDADE QUE É FANTÁSTICA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13066607197906-13066607197907">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13066607197906-13066607197907</a>
1979	MINAS GERAIS	LANÇAMENTO	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	LITERATURA BRASILEIRA NO EXTERIOR - OS DRAGÕES E OUTROS CONTOS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13066707197902">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13066707197902</a>
1979	MINAS GERAIS	CRÍTICA	HUGO PONTES	MURILO RUBIAO	TRILOGIA MURILIANA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14068010197908">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14068010197908</a>
1979	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	MURILO RUBIAO	DOIS NIVEIS PARA A LEITURA DOS CONTOS DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14068210197904">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=14068210197904</a>
1979	MINAS GERAIS	CRÍTICA	IVETE LARA CAMARGOS WALTY	JOÃO GUIMARÃES ROSA	O PENSAMENTO LÓGICO/MÁGICO EM "A MENINA DE LÁ"	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13066106197906-13066106197907">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1979&amp;c=13066106197906-13066106197907</a>

1979	SÃO PAULO	MATÉRIA	BENJAMIN ABDALA JUNIOR	MONTEIRO LOBATO	O SENTIDO DO MARAVILHOSO EM MONTEIRO LOBATO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8097">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8097</a>
1979	SÃO PAULO	MATÉRIA	MARIA CELIA DE MORAES LEONEL	PRUDENTE DE MORAES NETO	A SEDUÇÃO DO INSÓLITO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8370">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8370</a>
1979	SÃO PAULO	MATÉRIA	CECÍLIA DE LARA	VÁRIOS	LITERATURA FANTÁSTICA E O MODERNISMO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8356">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8356</a>
1979	SÃO PAULO	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	CORNÉLIO PENNA	MATERIAL SEM TÍTULO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=8468">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=8468</a>

1979	SÃO PAULO	MATÉRIA	CAROLINA MAIA GOUVEA	CORNÉLIO PENNA	PAISAGEM MINEIRA E FANTÁSTICO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8467">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8467</a>
1979	SÃO PAULO	CRÍTICA	HAROLDO BRUNO	RENARD PEREZ	À PROCURA DO HUMANO - "IRMÃOS DA NOITE"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=8482">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=8482</a>
1980	MINAS GERAIS	PREMIAÇÃO	MERCEDES LA VALLE	LYGIA BOJUNGA	PRÊMIOS PARA MINAS, SÃO PAULO E RIO NA FEIRA INTERNACIONAL DE BOLONHA	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&amp;c=14071606198011">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&amp;c=14071606198011</a>
1980	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ELIAS JOSÉ	MOACYR SCLIAR	OS VOLUNTÁRIOS	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&amp;c=14072700198010">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&amp;c=14072700198010</a>
1980	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ELIAS JOSÉ	ANDRÉ FIGUEIREDO	NATURALISMO - FANTÁSTICO - LABIRINTO DE ANDRÉ FIGUEIREDO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&amp;c=14069602198002">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&amp;c=14069602198002</a>

1980	SÃO PAULO	CRÍTICA	LUIZ F. PAPI	HAROLDO BRUNO	O DIABO SAZAFRÁS E OUTROS EXORCISMOS DE HAROLDO BRUNO - "O MISTERIOSO RAPTO DE FLOR-DO-SERENO"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8671">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=8671</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PEDRO CARLOS L. FONSECA	JOSÉ J. VEIGA	O FANTÁSTICO NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (IV) E (V)- JOSÉ J. VEIGA E O FANTÁSTICO DA INOCÊNCIA ORGANIZADA	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076606198104-14076606198105">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076606198104-14076606198105</a>
1981	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARIA CRISTINA AGOSTINHO	LYGIA BOJUNGA	O SOFÁ ESTAMPADO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14074601198102">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14074601198102</a>
1981	MINAS GERAIS	CRÍTICA	EUCLIDES MARQUES ANDRADE	LYGIA BOJUNGA	CORDA BAMBA - FICÇÃO PARA CRIANÇA E O VIVER DE TODO DIA	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077107198109">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077107198109</a>

1981	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ANNA MARIA VIEGAS	LYGIA FAGUNDES TELLES	A DISCIPLINA DO AMOR	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14074401198102">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14074401198102</a>
1981	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	CAIO TULIO COSTA	LYGIA FAGUNDES TELLES	TEMPOS DE PROVAÇÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14074902198103">letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14074902198103</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	TASSILO ORPHEU SPALDING	LYGIA FAGUNDES TELLES	A DISCIPLINA DO AMOR	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14075503198104">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14075503198104</a>
1981	MINAS GERAIS	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	NEGRA JOGADA AMARELA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14079111198101-14079111198102">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14079111198101-14079111198102</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PEDRO CARLOS L. FONSECA	MOACYR SCLiar	O FANTÁSTICO NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (III) - MOACYR SCLiar E O REDUCIONISMO FANTÁSTICO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076505198106-14076505198107">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076505198106-14076505198107</a>

1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	BELLA JOSEF	MOACYR SCLiar	UMA FÁBULA CONTEMPORÂNEA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076706198104">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076706198104</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	REGINA ZILBERMAN	MOACYR SCLiar	DO PAMPA AO JARDIM, OU AS PERIPÉCIAS DE UM CENTAURO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077007198108">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077007198108</a>
1981	MINAS GERAIS	CRÍTICA	REGINA ZILBERMAN	JOSUÉ GUIMARÃES	CAMILO MORTÁGUA - O MARTÍRIO DE UM HERÓI	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14078710198105">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14078710198105</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PEDRO CARLOS L. FONSECA	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (I) - MURILO RUBIÃO E A EQUAÇÃO FANTÁSTICA DO RELACIONAMENTO HUMANO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076305198106-14076305198107-14076305198108">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076305198106-14076305198107-14076305198108</a>

1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PEDRO CARLOS L. FONSECA	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (II) CONCLUSÃO - MURILO RUBIÃO E A EQUAÇÃO FANTÁSTICA DO RELACIONAMENTO HUMANO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076405198106-14076405198107">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14076405198106-14076405198107</a>
1981	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ANTONIO ESPESCHIT	MURILO RUBIAO	MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077900198107">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077900198107</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	VICENTE CECHELERO	MURILO RUBIAO	AS MITOLOGIAS DE MURILO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14079412198109">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14079412198109</a>
1981	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ANTONIO SAVINO	JULIO CESAR MONTEIRO MARTINS	OS CONTOS MÁGICOS DE JULIO CESAR MONTEIRO MARTINS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077307198102">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1981&amp;c=14077307198102</a>

1981	SÃO PAULO	MATÉRIA	DAVID SALLES	WILSON LINS	MILITÃO SEM REMORSO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=9961">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=9961</a>
1981	SÃO PAULO	CRÍTICA	SONIA REGIS	IRLEMAR CHIAMPI	O REALISMO MARAVILHOSO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=10231">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=10231</a>
1981	SÃO PAULO	MATÉRIA	NILO SCALZO	JOÃO DO RIO	AS DUAS IMAGENS DE UM JORNALISTA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=9910">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=9910</a>
1982	MINAS GERAIS	MATÉRIA	FREDERICK C. H. GARCIA	ÉRICO VERÍSSIMO	O ROMANCE-ENSAIO DE ÉRICO VERÍSSIMO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15080202198208-15080202198209">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15080202198208-15080202198209</a>

1982	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	ADAIR JOSÉ	JOSÉ J. VEIGA	EXISTE UMA LITERATURA DE DENÚNCIA, DE DE PASSATEMPO E DE ESCAPISMO - TODAS TEM UMA MISSÃO À CUMPRIR	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15082207198203">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15082207198203</a>
1982	MINAS GERAIS	CRÍTICA	CARMEN LÚCIA TINDÓ SECCO	LYGIA BOJUNGA	O UNIVERSO METAFÓRICO DE "O SOFÁ ESTAMPADO"	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15079601198204">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15079601198204</a>
1982	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	LYGIA BOJUNGA NUNES	LYGIA BOJUNGA	DEPOIMENTO DE LYGIA BOJUNGA NUNES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15081605198201">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15081605198201</a>
1982	MINAS GERAIS	CRÍTICA	EUCLIDES MARQUES ANDRADE	LYGIA FAGUNDES TELLES	"NEGRA JOGADA AMARELA" - OU DO SILENCIOSO FRAGOR	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15080703198202">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15080703198202</a>
1982	MINAS GERAIS	MATÉRIA	REGINA ZILBERMAN	MOACYR SCLiar	A FICÇÃO DE MOACYR SCLiar	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15080803198208">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15080803198208</a>

1982	MINAS GERAIS	MATÉRIA	LÍVIA FERREIRA SANTOS	ARIANO SUASSUNA	O FANTÁSTICO ESPAÇO SUASSUNA	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15082407198202">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1982&amp;c=15082407198202</a>
1982	SÃO PAULO	CRÍTICA	SONIA REGIS	MURILO RUBIÃO	A POÉTICA DO UROBORO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%a1stico&amp;pagfis=10280">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%a1stico&amp;pagfis=10280</a>
1982	SÃO PAULO	MATÉRIA	SONIA REGIS	LYGIA FAGUNDES TELLES	MISTÉRIOS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11039">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11039</a>
1982	SÃO PAULO	CRÍTICA	ALBERTO BEUTENMULLER	DARCY RIBEIRO	UTOPIA SELVAGEM	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%a1stico&amp;pagfis=10770">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%a1stico&amp;pagfis=10770</a>
1983	MINAS GERAIS	MATÉRIA	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA	TESOURO DE UM MUNDO EXTINTO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18086905198303">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18086905198303</a>

1983	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	LYGIA FAGUNDES TELLES	CAMINHOS DO CONTO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=15085703198309">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=15085703198309</a>
1983	MINAS GERAIS	MATÉRIA	LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA	LYGIA FAGUNDES TELLES	MÚLTIPLAS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18088710198310">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18088710198310</a>
1983	MINAS GERAIS	CONTO	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	A ESCOLHA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18088810198301">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18088810198301</a>
1983	MINAS GERAIS	DEPOIMENTO	ANTONIO ESPESCHIT	MOACYR SCLiar	NO MUNDO DE MOACYR SCLiar - DEPOIMENTO A ANTONIO ESPESCHIT	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=15085703198308">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=15085703198308</a>
1983	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ANTONIO HOHLFELDT	MOACYR SCLiar	A FESTA NO CASTELO - MATERIAL NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18088000198311">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18088000198311</a>
1983	MINAS GERAIS	NOTÍCIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	MURILO NA IMPRENSA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18086003198311">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18086003198311</a>

1983	MINAS GERAIS	CRÍTICA	JOSÉ CAMPOMIZZI FILHO	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO EM TOM DE ETERNIDADE (O CONVIDADO)	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18087407198311">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18087407198311</a>
1983	MINAS GERAIS	CRÍTICA	IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	FERNANDO SABINO	PROEZAS E VIVACIDADE DE UM GÊNIO MENTECAPTO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18089111198311">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18089111198311</a>
1983	MINAS GERAIS	MATÉRIA	CAMPOMIZZI FILHO	ANTONIO CELSO ALVES PEREIRA	O MARAVILHOSO NO ROMANCE DE ANTÔNIO CELSO	<a href="http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18086705198311">http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&amp;c=18086705198311</a>
1983	SÃO PAULO	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ	O HUMANO E O LITERÁRIO EM DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=11163">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=11163</a>
1983	SÃO PAULO	CRÍTICA	JOSE PAULO PAES	RICARDO DAUNT NETO/ALVARO CARDOSO GOMES	UM DEUS GREGO VOLTA AOS NOSSOS DIAS - "A MURALHA DA CHINA"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=11744">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=11744</a>

1983	SÃO PAULO	CRÍTICA	DAVI SALLES	FERNANDO SABINO	O MENINO NO ESPELHO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11284">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11284</a>
1983	SÃO PAULO	MATÉRIA	FÁBIO LUCAS	MURILO RUBIÃO	A ARTE DO CONTO DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11617">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11617</a>
1983	SÃO PAULO	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIÃO	O CONVIDADE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11618">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11618</a>
1983	SÃO PAULO	MATÉRIA	LUIZ F. PAPI	MOACIR LOPES	O PASSAGEIRO DA NAU CATARINETA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%c3%a1stico&amp;pagfis=11539">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant% c3% a1stico&amp;pagfis=11539</a>
1983	SÃO PAULO	CONTO	MARIA DE LOURDES TEIXEIRA	MARIA DE LOURDES TEIXEIRA	OLHOS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Sobrenatural&amp;pagfis=11621">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Sobrenatural&amp;pagfis=11621</a>

1984	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	SERGIO FARACO	ÉRICO VERÍSSIMO	CARTAS DO COMPANHEIRO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092306198412">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092306198412</a>
1984	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARIA NAZARETH SOARES FONSECA	ÉRICO VERÍSSIMO	O ESPAÇO DA (IR) REALIDADE EM INCIDENTE EM ANTARES E O REINO DESTE MUNDO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092707198408-19092707198409-19092707198410">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092707198408-19092707198409-19092707198410</a>
1984	MINAS GERAIS	TRECHO DE OBRA	ÉRICO VERÍSSIMO	ÉRICO VERÍSSIMO	INCIDENTE EM ANTARES (CAP XIX)	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092707198412">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092707198412</a>
1984	MINAS GERAIS	MATÉRIA	FRANCISCO DE ASSIS ALMEIDA BRASIL	ÉRICO VERÍSSIMO	ALGUNS TEMAS DA LITERATURA BRASILEIRA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094611198410">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094611198410</a>
1984	MINAS GERAIS	MATÉRIA	VIVINA DE ASSIS VIANA	MURILO RUBIAO	CONTISTAS MINEIROS: UMA AMOSTRA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092005198410">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092005198410</a>

1984	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LAIS CORREA DE ARAÚJO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO, O REALISMO FANTÁSTICO E AS EPÍGRAFES BÍBLICAS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092606198403">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092606198403</a>
1984	MINAS GERAIS	CRÍTICA	MARCO ANTONIO SOUZA	MURILO RUBIAO	O PIROTÉCNICO ZACARIAS - MATÉRIA NÃO DISPONÍVEL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19093300198410">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19093300198410</a>
1984	MINAS GERAIS	MATÉRIA	TERESINHA ALVES PEREIRA	MURILO RUBIAO	A MÁGICA DAS ELIPSES E CONTRADIÇÕES DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094611198402">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094611198402</a>
1984	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	CREMILDA MEDINA	JOSUÉ GUIMARÃES	JOSUÉ GUIMARÃES ÀS VOLTAS COM O SURREALISMO DESTA "BRAVA GENTE"	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094511198409">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094511198409</a>
1984	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	CREMILDA MEDINA	IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	DE "ZERO" A UMA HISTÓRIA DE AMOR, NO COMPASSO DE LOYOLA BRANDÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094912198409">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19094912198409</a>

1984	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ELIANE ZAGURY	JOSE CANDIDO DE CARVALHO	PEQUENA ARQUEOLOGIA DO FANTÁSTICO NO BRASIL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092707198410-19092707198411">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&amp;c=19092707198410-19092707198411</a>
1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	CREMILDA MEDINA	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA: ABRE-SE UM NOVO TEMPO DE FICÇÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20095902198508-20095902198509">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20095902198508-20095902198509</a>
1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NEVINHA PINHEIRO	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA: REALIDADE OU FANTASIA? (UMA HOMENAGEM AOS SEUS 70 ANOS: 1985)	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20097406198501">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20097406198501</a>
1985	MINAS GERAIS	CONTO	JOSÉ J. VEIGA	JOSÉ J. VEIGA	CRISTINA SUBINDO A ESCADA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20100011198506">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20100011198506</a>
1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	CREMILDA MEDINA	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES NA ETERNA AVENTURA DO MORRO DO OURO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20095802198508-20095802198509">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20095802198508-20095802198509</a>

1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PATRICIA BINS	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES ONTEM, HOJE E SEMPRE: A IMORTAL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20100212198504">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20100212198504</a>
1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	CREMILDA MEDINA	MOACYR SCLIAR	MOACYR SCLIAR TENTA ENRAIZAR O JUDEU ERRANTE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20096403198508-20096403198509">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20096403198508-20096403198509</a>
1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	MOACYR SCLIAR	MOACYR SCLIAR	LITERATURA E EXÍLIO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20100312198508">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20100312198508</a>
1985	MINAS GERAIS	MATÉRIA	CREMILDA MEDINA	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO NO CONTO FANTÁSTICO ANTES QUE A LEBRE SE LEVANTASSE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20095902198508-20095902198509">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20095902198508-20095902198509</a>
1985	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ELZA MARIA RIBEIRO RODRIGUES MARQUES	ALCIENE RIBEIRO LEITE	DE MÁGICOS E OUTROS SONHOS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20097406198510">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1985&amp;c=20097406198510</a>

1985	SÃO PAULO	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	LYGIA FAGUNDES TELLES	"10 CONTOS ESCOLHIDOS" - RICOS CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=12159">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=12159</a>
1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	NILO SCALZO	MURILO MENDES	"O VISIONÁRIO"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=12286">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=12286</a>
1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	ALMEIDA FISCHER	JOSÉ J. VEIGA	A CIDADE DOS FANTÁSMAS - "TORVELINHO DIA E NOITE"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=12484">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=A%20CIDADE%20DOS%20fantasmas&amp;pagfis=12484</a>
1985	SÃO PAULO	MATÉRIA	GILBERTO DE MELO KUJAWSKI	HERALDO BARBUY	HERALDO BARBUY E SUA MAESTRIA CULTURAL	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11937">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Maravilhoso&amp;pagfis=11937</a>

1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	ZÉLIA DE ALMEIDA CARDOSO	LUIZ BERTO	REALIDADE E FICÇÃO - "O ROMANCE DA BESTA FUBANA"	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=11992">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=11992</a>
1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	JOSE PAULO PAES	RICARDO RAMOS	"O SOBREVIVENTE" O REGISTRO DO COTIDIANO DA METRÓPOLE	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Sobrenatural&amp;pagfis=11929">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Sobrenatural&amp;pagfis=11929</a>
1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	ANTONIO CANDIDO	ALFREDO MESQUITA	O "CONTOS" DE ALFREDO MESQUITA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=12365">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Ins%c3%b3lito&amp;pagfis=12365</a>
1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	SERGIO AMAD COSTA	CLÁUDIO E ORLANDO VILLAS- BOAS	XINGU - O VELHO KÁIA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Sobrenatural&amp;pagfis=12016">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Sobrenatural&amp;pagfis=12016</a>
1985	SÃO PAULO	CRÍTICA	ANTONIO HOUAISS	JORGE AMADO	TOCAIA GRANDE - A FACE OBSCURA	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%c3%a1stico&amp;pagfis=12158">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%c3%a1stico&amp;pagfis=12158</a>

1985	SÃO PAULO	MATÉRIA	NILO SCALZO	CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	FANTASIA E REALIDADE NOS CONTOS DE DRUMMOND	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%3%a1stico&amp;pagfis=12325">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%3%a1stico&amp;pagfis=12325</a>
1985	SÃO PAULO	LANÇAMENTO	JULITA SCARANO	SERGIUS GONZAGA	TRÁFICO DE ESCRAVOS	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%3%a1stico&amp;pagfis=12458">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%3%a1stico&amp;pagfis=12458</a>
1985	SÃO PAULO	MATÉRIA	ALMEIDA FISCHER	ADONIAS FILHO	O ROTEIRO CRIATIVO DE ADONIAS FILHO	<a href="http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%3%a1stico&amp;pagfis=12489">http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098116x&amp;Pesq=Fant%3%a1stico&amp;pagfis=12489</a>
1986	MINAS GERAIS	PREMIAÇÃO	NÃO MENCIONADO	LYGIA BOJUNGA	LYGIA BOJUNGA GANHA PREMIO NA ALEMANHA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21101603198611">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21101603198611</a>
1986	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ALCIENE RIBEIRO LEITE	MURILO RUBIAO	A CURVA VITAL NO REALISMO MÁGICO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21101503198608">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21101503198608</a>

1986	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO: ANIVERSÁRIO DE UM MESTRE	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21102706198611">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21102706198611</a>
1986	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	RUBIÃO RECEBE HOMENAGEM NA UFMG	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21104510198611">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1986&amp;c=21104510198611</a>
1987	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	PATRICIA BINS	MOACYR SCLiar	ENTREVISTA COM MOACYR SCLiar	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106503198706-22106503198707">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106503198706-22106503198707</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	RUI MOURÃO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO: 40 ANOS DE EX- MÁGICO - MATÉRIA ESPECIAL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198701">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198701</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	RENARD PEREZ	MURILO RUBIAO	A TRAJETÓRIA DE UM ESCRITOR	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198702-22106002198703">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198702-22106002198703</a>

1987	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	O CONVIDADO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198704-22106002198705">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198704-22106002198705</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	JORGE SCHWARTZ	MURILO RUBIAO	A FERIDA EXPOSTA DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198706-22106002198707-22106002198708">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198706-22106002198707-22106002198708</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ÁLVARO LINS	MURILO RUBIAO	OS CONTOS DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198709">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198709</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	AUDEMARO TARANTO GOULART	MURILO RUBIAO	A TRAGICIDADE NOS CONTOS DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198710">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198710</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	FÁBIO LUCAS	MURILO RUBIAO	REALIDADE E SÍMBOLO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198711">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198711</a>

1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	HUMBERTO WERNECK	MURILO RUBIAO	O MÁGICO DA PALAVRA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198712">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106002198712</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	NELLY NOVAES COELHO	MURILO RUBIAO	A CIVILIZAÇÃO DA CULPA E O FANTÁSTICO-ABSURDO MURILIANO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198701">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198701</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	CARLOS VOGT	MURILO RUBIAO	A CONSTRUÇÃO LÓGICA DO ABSURDO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198701-22106102198702-22106102198703-22106102198704">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198701-22106102198702-22106102198703-22106102198704</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	HÉLIO PELLEGRINO	MURILO RUBIAO	ESPELHO DOS ESCRITORES	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198705">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198705</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PAULO MENDES CAMPOS	MURILO RUBIAO	UM CONTO EM 26 ANOS	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198705">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198705</a>

1987	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	TÉLECO O COELHINHO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198706-22106102198707">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198706-22106102198707</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ANA MARIA DE ALMEIDA	MURILO RUBIAO	O PRISIONEIRO DA CONSTRUÇÃO E O PRISIONEIRO DO LIVRO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198708-22106102198709">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198708-22106102198709</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	JOSÉ MARIA CANÇADO	MURILO RUBIAO	A LUZ FURTIVA DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198710">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198710</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	JOSÉ AUGUSTO CARVALHO	MURILO RUBIAO	UM DEPOIMENTO PESSOAL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198710">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198710</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ELIANE ZAGURY	MURILO RUBIAO	O CONTISTA DO ABSURDO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198711">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198711</a>

1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	VERA LUCIA ANDRADE E WANDER MELO MIRANDA	MURILO RUBIAO	AS VISÕES DO INVISÍVEL	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198712">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106102198712</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	DAVI ARRIGUCCI JR.	MURILO RUBIAO	MINAS, ASSOMBROS E ANEDOTAS (OS CONTOS FANTÁSTICOS DE MURILO RUBIÃO)	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198701">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198701</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ISAÍAS GOLGHER	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO MURILIANO: SALVAR O HOMEM NA SUA ESSENCIA	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198705">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198705</a>
1987	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	O EDIFÍCIO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198706-22106202198707">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198706-22106202198707</a>
1987	MINAS GERAIS	MATÉRIA	RUI MOURÃO	MURILO RUBIAO	UM DISCÍPULO DE MACHADO	<a href="http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198707">http://www.letas.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198707</a>

1987	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	MIRIAN CHRYSTUS	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO: O IMPORTANTE É VIVER	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198708">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198708</a>
1987	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	NÃO MENCIONADO	MURILO RUBIAO	CRONOLOGIA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198709-22106202198710-22106202198711">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198709-22106202198710-22106202198711</a>
1987	MINAS GERAIS	CONTO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	OFÉLIA, MEU CACHIMBO E O MAR	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198712">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106202198712</a>
1987	MINAS GERAIS	CRÍTICA	TELENIA HILL	EDLA VAN STEEN	REALISMO MÁGICO DE EDLA VAN STEEN	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106904198710">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22106904198710</a>
1987	MINAS GERAIS	CRÍTICA	ALMEIDA FISCHER	PÉRICLES PRADE	O FANTÁSTICO MARAVILHOSO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22109012198712">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1987&amp;c=22109012198712</a>

1988	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ANTONIO HOHLFELDT	MOACYR SCLiar	LITERATURA COMO ILUMINURA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1988&amp;c=22110300198811">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1988&amp;c=22110300198811</a>
1988	MINAS GERAIS	MATÉRIA	FRANCIS UTEZA	MURILO RUBIAO	DO SOFRIMENTOS DOS DRAGÕES OU DO FANTÁSTICO DA METAFÍSICA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1988&amp;c=22109603198808-22109603198809-22109603198810-22109603198811">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1988&amp;c=22109603198808-22109603198809-22109603198810-22109603198811</a>
1989	MINAS GERAIS	MATÉRIA	YASMIN JAMIL NADAF	ÉRICO VERÍSSIMO	ROMANCE DE 30: EM MADALENA E OLÍVIA, A SÍNTESE DO PENSAMENTO DE ESQUERDA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=22112105198906-22112105198907">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=22112105198906-22112105198907</a>
1989	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ANTONIO HOHLFELDT	LYGIA BOJUNGA	UMA TRILOGIA DE SENTIMENTOS HUMANOS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=22111502198907">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=22111502198907</a>
1989	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	EVERTON DE PAULA	LYGIA FAGUNDES TELLES	O INTELCTUAL TENTA SOMAR A FORÇA DELE A DA SOCIEDADE COMUM COMO UM TODO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=23113311198908-23113311198909">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=23113311198908-23113311198909</a>

1989	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA FAGUNDES TELLES	LYGIA POR LYGIA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=23113311198910">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=23113311198910</a>
1989	MINAS GERAIS	ENTREVISTA	DUÍLIO GOMES - EDILBERTO COUTINHO - ANDRÉ CARVALHO - LUIS GIFFONI	MOACYR SCLiar	O HOMEM DA AMPULHETA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=22111602198908-22111602198909-22111602198910">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&amp;c=22111602198908-22111602198909-22111602198910</a>
1990	MINAS GERAIS	CRÍTICA	NELLY NOVAES COELHO	LYGIA FAGUNDES TELLES	HORAS NUAS, ROMANCE DE LYGIA FAGUNDES TELLES - A FALÊNCIA DA RAZÃO ORDENADORA	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1990&amp;c=23113801199004-23113801199005">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1990&amp;c=23113801199004-23113801199005</a>
1991	MINAS GERAIS	CRÍTICA	LÉLIA MARIA PEREIRA DUARTE	JOSÉ J. VEIGA	A PISCADELA IRÔNICA DO AUTOR IMPLÍCITO - (A RESPEITO DE SOMBRAS DE REIS BARBUDOS)	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=24116002199102-24116002199103">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=24116002199102-24116002199103</a>
1991	MINAS GERAIS	MATÉRIA	PAVLA LIDMILOVA	MURILO RUBIAO	O FANTÁSTICO E OS CONTOS DE MURILO RUBIÃO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=24116900199102">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=24116900199102</a>

1991	MINAS GERAIS	MATÉRIA	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIAO	MURILO RUBIÃO EM SUA ÚLTIMA ENTREVISTA: QUASE NINGUÉM ACREDITAVA NUM SUPLEMENTO LITERÁRIO EM JORNAL OFICIAL	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=25117010199126">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=25117010199126</a>
1991	MINAS GERAIS	MINI BIOGRAFIA	MARIA JOSÉ TEIXEIRA	MURILO RUBIAO	QUEM VEIO DE CARMO DE MINAS	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=25117010199127-25117010199128">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=25117010199127-25117010199128</a>
1991	MINAS GERAIS	MATÉRIA	ILDEU BRANDÃO	MURILO RUBIAO	O TÚNEL DO 47: À MEMÓRIA DE MURILO RUBIÃO, QUE NO SÉCULO FOI MEU AMIGO	<a href="http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=25117212199116">http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1991&amp;c=25117212199116</a>

## ANEXO 4 - ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES PUBLICADAS DURANTE O SÉCULO XX

ANO	MECANISMO DE BUSCA	PALAVRA DE BUSCA	GÊNERO	AUTOR	TÍTULO	ACESSO
1970	Google Academico	Fantástico	Artigo	Walden Carvalho	Informação básica para uma iniciação à ficção científica, com uma introdução sobre literatura fantástica	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:WiQt1hQonCYJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:WiQt1hQonCYJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1970	Google Academico	Insólito	Artigo	Lenira Marques Covizzi - Antonio Candido	Crise da mimese/mimese da crise: algumas manifestações e significado do insólito em Guimaraes Rosa e Borges	<a href="https://repositorio.usp.br/item/000721529">https://repositorio.usp.br/item/000721529</a>
1970	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Almeida Fischer	Escritores no serviço público	<a href="https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/2612">https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/2612</a>
1971	Periódicos CAPES	Realismo Mágico	Artigo	Fabio Lucas	Realismo Mágico	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1972	Google Academico	Fantástico	Artigo	Fabio Lucas	Aspectos da ficção brasileira contemporânea	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19735/12978">https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19735/12978</a>
1972	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Nuno Teixeira Neves	A socialização da morte e outros contos fantásticos	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1974	Google Academico	Fantástico	Artigo	Luiz Tavares Junior	O mistério do pavão misterioso	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51118">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51118</a>

1974	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Jayme Paviani	A existência inautêntica e o humor irônico nas "histórias sem data", de Machado de Assis	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/19354/12323">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/19354/12323</a>
1974	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Barbosa Lima Sobrinho	O conto no Brasil	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/19352/12845">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/19352/12845</a>
1974	Periódicos CAPES	Literatura Fantástica	Artigo	Duarte Faria	Um fantástico de imersão social em José Regio	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1975	Google Academico	José Candido de Carvalho	Artigo	Tieko Yamaguchi Miyazaki, Julieta Haidar de Marínez e Julieta Haidar de Marénez	O romance de José Cândido de Carvalho	<a href="http://www.jstor.org/stable/27666201">jstor.org/stable/27666201</a>
1975	Google Academico	Fantástico	Artigo	Helio Lopes	Literatura Fantástica no Brasil	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8jxctPa-NqIJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8jxctPa-NqIJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1975	Google Academico	Fantástico	Artigo	Denise Azevedo D. Guimaraes	Perspectiva narrativa e estatuto do personagem Brás Cubas	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19593">https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19593</a>

1975	Google Academico	Fantástico	Artigo	Regina Igel	Água e morte na poesia de Cecília Meireles	<a href="https://www.jstor.org/stable/23066471">https://www.jstor.org/stable/23066471</a>
1975	Google Academico	José Candido de Carvalho	Artigo	Tieko Yamaguchi Miyazaki e Julieta Haidar de Maréneez	O romance de José Candido de Carvalho	<a href="https://www.jstor.org/stable/27666201">https://www.jstor.org/stable/27666201</a>
1975	Periódicos CAPES	Literatura Fantástica	Artigo	Cleonice Bernardinelli	Um conto fantástico	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1975	Periódicos CAPES	Murilo Rubião	Artigo	Benedito Nunes	O Convidado, Murilo Rubião	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1975	Periódicos CAPES	Murilo Rubião	Artigo	Rui Mourão	O Pirotécnico Zacarias, Murilo Rubião	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1976	Google Academico	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Oswaldo Antonio Furlan	A expressão estética da visão sócio-política em "Incidente em Antares"	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106011/321832.pdf?sequence=1">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106011/321832.pdf?sequence=1</a>
1976	Google Academico	Insólito	Artigo	Lenira Marques Covizzi	Exemplo de discurso reflexivo em Machado de Assis: o lúdico lúcido	<a href="https://www.revistas.usp.br/discurso/article/download/37811/40538">https://www.revistas.usp.br/discurso/article/download/37811/40538</a>
1976	Google Academico	Érico Veríssimo	Dissertação de Mestrado	Lauro Junkes	As visões do narrador em O Forte de Adonias Filho e a trajetória de uma cosmovisão	<a href="https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/74759/91958.pdf?sequence=1">https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/74759/91958.pdf?sequence=1</a>
1976	Google Academico	Rui Mourão	Artigo	Bella Josef	O espaço redimensionado da ficção	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19536">https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19536</a>

1977	Google Academico	Fantástico	Artigo	Roberto Reis	Para uma definição do fantástico	<a href="https://www.jstor.org/stable/29739339">https://www.jstor.org/stable/29739339</a>
1977	Google Academico	Fantástico	Artigo	Roberto de Oliveira Brandão	Entre o mítico e o profano	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:oEVWeedO9T4J:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:oEVWeedO9T4J:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1977	Google Academico	Fantástico	Artigo	Jeová Franklin de Queiroz	Técnicas de comunicação na literatura de cordel	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51223">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51223</a>
1977	Google Academico	Fantástico	Artigo	Jose Augusto Guerra	O novo romance de Herberto Sales	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18893/11986">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18893/11986</a>
1977	Google Academico	Fantástico	Artigo	Josue Montello	Reencontro com Porto Alegre	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18917/12005">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18917/12005</a>
1977	Google Academico	Érico Veríssimo	Artigo	Antonio Candido	A literatura brasileira em 1972	<a href="http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/3206/3388">http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/3206/3388</a>

1978	Google Academico	Fantástico	Artigo	Elizabeth Hazin	A viagem como acontecimento: análise comparativa entre os relatos de viagem medievais e Avalovara, de Osman Lins	<a href="https://www.academia.edu/download/30375703/Artigo_rev_Angulo_2012.pdf#page=33">https://www.academia.edu/download/30375703/Artigo_rev_Angulo_2012.pdf#page=33</a>
1978	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Heleno Afonso de Oliveira Pinto	Hermilo Borba Filho: Um escritor Maldito?	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18813/11943">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18813/11943</a>
1978	Google Academico	Insólito	Artigo	Sergio Alves Peixoto	O estranho mundo das memórias de Lázaro	<a href="https://www.jstor.org/stable/40852366">https://www.jstor.org/stable/40852366</a>
1979	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Leila Maria Fonseca Barbosa	O imaginário como condutor da narrativa em dois contos de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18756/11917">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18756/11917</a>
1979	BDTD	Lygia Fagundes Telles	Dissertação de Mestrado	Lya Luft	Três espelhos do absurdo : a condição humana em As meninas de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170744">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/170744</a>
1979	Google Academico	Fantástico	Artigo	Noemi Elisa Aderaldo	Simbologia do fantástico em Murilo Rubião: Interpretações	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3024">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3024</a>
1979	Google Academico	Fantástico	Artigo	Otacílio Colares	Introdução Crítica Fome e Peste na Ficção de Rodolfo Teófilo	<a href="https://academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Dolor_Barreira/A_Fome/ACL_A_Fome_ViolaCao_04_INTRODUCAO_Fome_e_Peste_RODOLFO_TEOFILO.pdf">https://academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Dolor_Barreira/A_Fome/ACL_A_Fome_ViolaCao_04_INTRODUCAO_Fome_e_Peste_RODOLFO_TEOFILO.pdf</a>

1979	Google Academico	Fantástico	Artigo	Ruth Silviano Brandao Lopes	A incompreensível encarnação	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/7900">https://periodicos.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/7900</a>
1979	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Leila Maria Fonseca Barbosa	O imaginário como condutor da narrativa em dois contos de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18756/11917">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18756/11917</a>
1979	Google Academico	Lygia Bojunga Nunes	Artigo	Cleide da Costa e Silva Papes	A vivência e a invenção na palavra literária	<a href="https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss0508.pdf">https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss0508.pdf</a>
1980	Google Academico	Fantástico	Artigo	Ana Maria Zanoni da Silva	A CORRUPÇÃO DE CARÁTER SOB A ÓTICA DO FANTÁSTICO: UMA ANÁLISE DE "SEMINÁRIO DOS RATOS" DE LYGIA FAGUNDES TELLES	<a href="https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/15/edicao-completa.pdf#page=6">https://reuni.unijales.edu.br/edicoes/15/edicao-completa.pdf#page=6</a>
1980	Google Academico	Ignácio de Loyola Brandão	Artigo	Doloris Ruth Simões de Almeida	A propósito do romance "Zero" de Ignácio de Loyola Brandão	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18172">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18172</a>
1980	Google Academico	Fantástico	Artigo	Carlos Reis	A ideologia do fantástico: Aventuras de João sem medo	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5544987">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5544987</a>

1980	Google Academico	Fantástico	Artigo	Tania Regina Oliveira Ramos	Uma leitura analítica de "Zero"	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:VDtj9ua8sJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0.5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:VDtj9ua8sJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0.5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1980	Google Academico	Fantástico	Artigo	Dulce Maria Viana Pvoa	Drummond, Grotesco e Carnaval	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3159">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3159</a>
1980	Google Academico	Fantástico	Artigo	Pierre Clemens	As Janelas de Os tambores silencioso	<a href="https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/568">https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/568</a>
1980	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Jacqueline Held	Infância e fantástico	<a href="https://ria.ufrn.br/handle/123456789/391">https://ria.ufrn.br/handle/123456789/391</a>
1980	Google Academico	Ignacio de Loyola Brandão	Artigo	Doloris Ruth Simoes de Almeida	A propósito do romance "Zero" de Ignacio Loyola Brandão	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18172">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18172</a>
1980	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Carlos Rey	A ideologia do fantástico: Aventuras de João sem medo	Material não encontrado de forma digital
1981	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria Nazareth Soares Fonseca	O levante dos mortos: Um episódio Fantástico	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/7919">https://periodicos.ufmg.br/index.php/ctl/article/view/7919</a>
1981	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria Helena Camargo Régis	A carnavalização em "Incidente em Antares"	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18094">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18094</a>
1981	Google Academico	Fantástico	Artigo	Celestino Sachet	Panorama da literatura em Santa Catarina	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18070">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18070</a>

1981	Google Academico	Fantástico	Artigo	Regina Zilberman	As funções do maravilhoso na narrativa brasileira	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7920">https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7920</a>
1981	Google Academico	Fantástico	Artigo	Antonio Candido	O papel do Brasil na nova narrativa	<a href="https://www.jstor.org/stable/4530026">https://www.jstor.org/stable/4530026</a>
1981	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	John M. Parker	Aspectos do modernismo na poesia de Mauro Mota: jornal do município e Elegias	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18215/11649">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18215/11649</a>
1981	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Assis Brasil	Os contos de Herberto Sales	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18216/11650">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/18216/11650</a>
1981	Google Academico	Insólito	Artigo	Maria Zilda Ferreira Cury	Arte e criação em Macunaíma	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7927">https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7927</a>
1981	Google Academico	Insólito	Artigo	Maria Felomena Souza Espíndola	O trágico no conto "Ti' Orquídea" de Flávio José Cardozo	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/18056/16986/56438">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/18056/16986/56438</a>
1981	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Jorge Schwartz	Murilo Rubião: a poética do uroboro	<a href="https://repositorio.usp.br/item/001504078">https://repositorio.usp.br/item/001504078</a>
1981	Google Academico	Josué Guimaraes	Artigo	Zahidé Lupinacci Muzart	"Camilo Mortagua" - Um romance da burguesia gaúcha	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/18117/17030/0">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/18117/17030/0</a>
1982	Google Academico	Fantástico	Artigo	Eliane Yunes Garcia	O pensamento lobatiano: "princípios", "meios" e "fins"	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/18024/11586">https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/18024/11586</a>
1982	Google Academico	Fantástico	Artigo	Luiz Tavares Junior	Literatura de cordel e comunicação	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17279">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17279</a>

1982	Google Academico	Insólito	Artigo	Alfredo Bosi	A máscara e a fenda	<a href="https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5792372/mod_resource/content/2/A%20m%C3%A1scara%20e%20a%20fenda%20-%20Alfredo%20Bosi.pdf">https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5792372/mod_resource/content/2/A%20m%C3%A1scara%20e%20a%20fenda%20-%20Alfredo%20Bosi.pdf</a>
1982	Google Academico	Ignacio de Loyola Brandão	Artigo	Carlos Erivany Fantinati	O eclipse e o imaginário	<a href="https://www.jstor.org/stable/27666307">https://www.jstor.org/stable/27666307</a>
1983	BDTD	Murilo Rubião	Dissertação de Mestrado	Maria do Rosario de Fatima Valencise Gregorin	Misterio e esterilidade	<a href="http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detail/48388">http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detail/48388</a>
1983	Google Academico	Fantástico	Artigo	Cleone A. C. L. de Abreu Ribeiro	A ambiguidade do fantástico em literatura	<a href="https://www.jstor.org/stable/27666325">https://www.jstor.org/stable/27666325</a>
1983	Google Academico	Fantástico	Artigo	Lígia Guimaraes Telles	No espaço da ficção, uma realidade inventada: Clarisse Lispector	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Bc41qA_SdKUJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Bc41qA_SdKUJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1983	Google Academico	Fantástico	Artigo	Vera L C. C. Nova - Rosaly I. S. Barbosa	Análise de uma experiência no Carro-biblioteca da escola de biblioteconomia da UFMG com textos de cordel	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36446">https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36446</a>

1983	Google Academico	Lygia Bojunga Nunes	Artigo	Maria Antonieta Antunes Cunha	A invocação linguística em Lygia Bojunga Nunes	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/lingua_portuguesa/article/view/8523">https://periodicos.ufmg.br/index.php/lingua_portuguesa/article/view/8523</a>
1983	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Filipe Furtado	A construção do fantástico na narrativa	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1984	Google Academico	Fantástico	Artigo	Julio Cesar Jeha	Abordagem crítica de um texto fantástico: "A Queda da Casa de Usher"	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/germanicos/article/view/8390/5914">https://periodicos.ufmg.br/index.php/germanicos/article/view/8390/5914</a>
1984	Google Academico	Fantástico	Artigo	Elena Godoy	O fantástico e o histórico no romance O Mestre e Margarita de Mikhail Bulgakov	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19239/12531">https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19239/12531</a>
1984	BDTD	Lygia Fagundes Telles	Dissertação de Mestrado	Vera Maria Tietzmann Silva	A metamorfose em Lygia: processos de metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/8dc701e9-de14-45c1-b19b-1c15896cc305">https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/8dc701e9-de14-45c1-b19b-1c15896cc305</a>
1984	Google Academico	Fantástico	Artigo	Carlos Neves D'Alge	Literatura em tempos de crise ou a escala de richter	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3330">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3330</a>
1984	Google Academico	Fantástico	Artigo	Fernando Alves Cristovão	A ficção de Gilberto Freyre como produto de sua obra sociológica	<a href="https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/362">https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/362</a>
1984	Google Academico	Insólito	Artigo	Rafael Sanzio de Azevedo	Moreira Campos e a arte do conto	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3334">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3334</a>
1984	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Carmen Lydia de Souza Dias	Proteu e a carta	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17592">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17592</a>

1984	Google Academico	Josué Guimaraes	Artigo	Édison José da Costa	Análise do processo político focalizado ficcionalmente em Os tambores silenciosos de Josué Guimaraes	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19315">https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19315</a>
1985	Google Academico	Fantástico	Artigo	Iaponan Soares	Um conto de Holdemar Menezes	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17571">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17571</a>
1985	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria Cecília de Moraes Pinto	A destruição do irreal: de Gautier a Aluisio Azevedo	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Whpkh_nHYkQJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:Whpkh_nHYkQJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1985	Google Academico	Insólito	Artigo	Ilza Matias de Sousa	A bricolagem em Avalovara (Re)Constituição do corpo	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discute/article/view/7571/5099">https://periodicos.ufmg.br/index.php/literaria_corpo_discute/article/view/7571/5099</a>
1985	Google Academico	Érico Veríssimo	Artigo	Zahidé Lupinacci Muzart	Corações mordidos: o espelho e a colagem	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17568">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17568</a>
1985	Google Academico	Lygia Fagundes Telles	Artigo	Zelia de Almeida Cardoso	A representação da realidade na obra literária	<a href="https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/113970/111816">https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/113970/111816</a>
1986	Google Academico	Fantástico	Artigo	Ana Maria F. Lima	Borges e o Fantástico	<a href="https://ojs.unifor.br/rh/article/view/887">https://ojs.unifor.br/rh/article/view/887</a>
1986	Google Academico	Fantástico	Artigo	Elvo Clemente	Erico Veríssimo e a crítica brasileira	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17458/11193">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17458/11193</a>

1986	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Marly Amarilha de Oliveira	Quatro variações sobre o tema do duplo: Poe, Stevenson, Conrad e Rubião	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17545">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17545</a>
1986	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Jorge Schwartz	Apresentação de Murilo Rubião	<a href="https://repositorio.usp.br/item/000756126">https://repositorio.usp.br/item/000756126</a>
1986	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Fabio Lucas	Aspectos da ficção mineira pós-45: Romance de geração	<a href="http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/viewFile/4206/4052">http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/viewFile/4206/4052</a>
1986	Google Academico	Érico Veríssimo	Artigo	Fábio Lucas	Compromisso social em Incidente em Antares	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17468/11203">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17468/11203</a>
1986	Google Academico	Érico Veríssimo	Artigo	Luiz Augusto Fischer	O problema do realismo em Incidente em Antares	<a href="https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/39062/24964">https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/39062/24964</a>
1986	Google Academico	Érico Veríssimo	Artigo	Flavio Loureiro Chaves	História e ficção	<a href="https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/39057/24960">https://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/39057/24960</a>
1986	Google Academico	Lygia Fagundes Telles	Artigo	Antonio Manoel dos Santos Silva	Existência e coisificação nos contos de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://www.jstor.org/stable/27666368">https://www.jstor.org/stable/27666368</a>
1986	Google Academico	Edla Van Steen	Artigo	Luiza Lobo	De anos de Literatura feminina brasileira	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17475/11210">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17475/11210</a>
1986	Periódicos CAPES	Murilo Rubião	Artigo	Bella Josef	Cartas do Brasil/ Origenes Lessa/Murilo Rubião	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>

1986	Periódicos CAPES	Murilo Rubião	Artigo	Bella Josef	Os 70 anos de Murilo Rubião	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1986	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Letícia Zini Antunes	História e fantasia: O visconde cortado ao meio de Ítalo Calvino	<a href="https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/index">https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/index</a>
1987	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Nilto Maciel	Recensões. Recensão de: AZEVEDO, Sânzio de. Dez ensaios de literatura cearense	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17361">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17361</a>
1987	Google Academico	Fantástico	Artigo	Cecília Lara	O "indefensável casulo": uma leitura de "A república dos sonhos", de Nélide Pinon	<a href="https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69872">https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69872</a>
1987	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Nelly Novaes Coelho	O sofá estampado - uma fábula moderna	<a href="https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8051">https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8051</a>
1987	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Josue Montello	Depoimento de um romancista	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17036/11052">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/17036/11052</a>
1987	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Zenia Faria	Aspectos da recepção crítica da obra de Bernardo Élis	<a href="https://www.revistas.ufg.br/sig/article/download/7200/5093">https://www.revistas.ufg.br/sig/article/download/7200/5093</a>
1987	Google Academico	Insólito	Artigo	Maria do Carmos Campos	Borges e Drummond em Seita Blasfema: A biblioteca e a torre	<a href="https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/114329/112203">https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/114329/112203</a>
1987	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Nilto Maciel	Recensões. Recensão de: Azevedo, Sânzio de. Dez ensaios de literatura cearense.	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17361">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17361</a>

1987	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Jorge Schwartz	Ferida exposta de Murilo Rubião	<a href="https://repositorio.usp.br/item/000790267">https://repositorio.usp.br/item/000790267</a>
1987	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Tereza Moura Guedes	"A vaga de calor" - o "fantástico" da solidão humana	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1987	BDTD	Jose J. Veiga	Dissertação de Mestrado	Agostinho Potenciano de Souza	Um olhar crítico sobre o nosso tempo: uma leitura da obra de Jose J. Veiga	<a href="http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/48296">http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/48296</a>
1988	Google Academico	Fantástico	Artigo	Cecilia de Lara	Painel sem moldura. Ficção brasileira nos últimos 25 anos	<a href="https://www.jstor.org/stable/40853029">https://www.jstor.org/stable/40853029</a>
1988	Google Academico	Fantástico	Artigo	Silvia Maria Azevedo	O grotesco em Machado de Assis: Uma leitura de A Causa Secreta	<a href="https://www.scielo.br/j/trans/a/FSySbvXNsGKdNmzsBH_hxrJC/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/trans/a/FSySbvXNsGKdNmzsBH_hxrJC/?lang=pt</a>
1988	Google Academico	Lygia Bojunga Nunes	Dissertação de Mestrado	Sueli de Souza Cagneti	A inventividade e a transgressão nas obras de Lobato e Lygia: confronto	<a href="https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75467">https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75467</a>
1988	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Jose Augusto Brasil	Margarita La Rocque/ Um caso de narrativa mítico-fantástica	Material não encontrado de forma digital
1988	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Elisabete Carvalho Peiruque	A PROBLEMATICA EXISTENCIAL EM MURIL RUBIAO: VARIACOES SOBRE UM MESMO TEMA	Material não encontrado de forma digital

1989	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Alexandre Marino e Francisco de Moraes Mendes	As façanhas de um escritor mágico	<a href="https://murilorubiao.com.br/wp-content/uploads/2022/08/As-facanhas-de-um-escriptor-magico-entrevista-a-Alexandre-Marino-e-Francisco-Mendes.pdf">https://murilorubiao.com.br/wp-content/uploads/2022/08/As-facanhas-de-um-escriptor-magico-entrevista-a-Alexandre-Marino-e-Francisco-Mendes.pdf</a>
1989	Google Academico	Fantástico	Artigo	Carmen Lúcia Cruz Lima Gerlach	O Imortal de Machado de Assis	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17343">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17343</a>
1989	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria Heloisa Melo de Moraes	Literatura infantil e carnavalização	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:5D4rAyyYtkgJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0.5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:5D4rAyyYtkgJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0.5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1989	Google Academico	Fantástico	Artigo	Suely de Souza Cagneti	Lendo Lygia - Lembrando Lobato: confronto	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9016">https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9016</a>
1989	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Nelly Novaes Coelho	Tendencias atuais da literatura feminina no Brasil	<a href="https://muse.jhu.edu/pub/96/article/489551/summary">https://muse.jhu.edu/pub/96/article/489551/summary</a>
1989	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Maria Eunice Arruda	O Grande Mentecapto: Elementos picarescos e sua superação	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/9442">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/9442</a>

1989	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Antonio Candido	A nova narrativa	<a href="https://www.academia.edu/download/60074696/AntonioCandido_A_nova_narrativa_120190721-71338-ub35sf.pdf">https://www.academia.edu/download/60074696/AntonioCandido_A_nova_narrativa_120190721-71338-ub35sf.pdf</a>
1989	Google Academico	Érico Veríssimo	Artigo	Roberto Reis	O mapa do mapa-do-mapa: Modernidade em Erico Veríssimo	<a href="https://www.jstor.org/stable/29740127">https://www.jstor.org/stable/29740127</a>
1989	Google Academico	Julio Cesar Monteiro Martins	Artigo	Vicente Ataide	A natureza do humor: grotesco e carnaval	<a href="https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/revistaleitura/article/download/6580/5509">https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/revistaleitura/article/download/6580/5509</a>
1989	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Amrtha Lucia de Azevedo Pimenteira	O fantástico em José J. Veiga - Uma reescritura	Material não encontrado de forma digital
1989	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Leopoldo Comitti	Teatro das sombras: Leitura de um romance de José J. Veiga	Material não encontrado de forma digital
1990	Google Academico	Fantástico	Artigo	Ana Alexandra Seabra da Silva	A ENCENAÇÃO DA LEITURA COMO JOGO NO TEXTO FANTÁSTICO	<a href="https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducao/article/view/47/63">https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducao/article/view/47/63</a>
1990	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Luis Carlos Fernandes	G.G. MARQUEZ: O REALISMO MARAVILHOSO DE MACONDO	<a href="https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/2ad8494b-b8de-4904-b044-876c2eebd97c/content">https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/2ad8494b-b8de-4904-b044-876c2eebd97c/content</a>
1990	Google Academico	Ignácio de Loyola Brandão	Tese de Doutorado	Cecília Almeida Salles	Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país nenhum	<a href="https://ariel.pucsp.br/handle/handle/13991">https://ariel.pucsp.br/handle/handle/13991</a>

1990	Google Academico	Fantástico	Artigo	Ana Alexandra Seabra da Silva	A encenação da leitura como jogo no texto fantástico	<a href="https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducacao/article/view/47/63">https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducacao/article/view/47/63</a>
1990	Google Academico	Fantástico	Artigo	Fabio Lucas	A ficção giratória de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17317">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17317</a>
1990	Google Academico	Fantástico	Artigo	Sandra G. T. Vasconcelos	Do outro lado do espelho (Um estudo de E. A. Poe e Machado de Assis)	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:AuUg14-RsN0J:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:AuUg14-RsN0J:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1964&amp;as_yhi=1990</a>
1990	Google Academico	Fantástico	Artigo	Sonia Brayner	Um passeio pelo Rio antigo: os contos de Machado de Assis	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17312">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17312</a>
1990	Google Academico	Fantástico	Artigo	Marcos Guedes Veneu	O Flâneur e a vertigem: metrópole e subjetividade na obra de Joao do Rio	<a href="https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2305">https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2305</a>
1990	Google Academico	Realismo Mágico	Artigo	Maria do Carmo Almeida Correa	Análise do conto "Um espinho de marfim" sob a perspectiva da teoria greimasiana	<a href="https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65503">https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65503</a>
1990	Google Academico	Insólito	Artigo	Petar Dimitrov Petrov	Da temática em Cemitério de elefantes de Dalton Trevisan	<a href="https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducacao/article/view/46/62">https://ojs.ipbeja.pt/index.php/Lereducacao/article/view/46/62</a>

1990	Google Academico	Lygia Fagundes Telles	Artigo	Neila Roso Bianchin	Espelho, espelho meu: uma leitura de As horas nuas, de Lygia Fagundes Telles	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17211">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17211</a>
1990	Google Academico	Ignacio de Loyola Brandão	Artigo	Cecília Almeida Salles	A verdade da arte	<a href="https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/download/203230/187217">https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/download/203230/187217</a>
1990	Periódicos CAPES	Literatura Fantástica	Artigo	René Pedro Garay	Moacyr Scliar: Implicações do fantástico na literatura brasileira contemporânea	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1990	BDTD	Literatura Fantástica	Artigo	Joao Tadeu de Andrade	Escrita fantástica e realidade social: a obra de José J. Veiga sob o enfoque da	<a href="#">Material não encontrado de forma digital</a>
1990	BDTD	Ignacio de Loyola Brandão	Tese de Doutorado	Cecília Almeida Salles	Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país nenhum	<a href="https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13991">https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13991</a>
1990	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	João Tadeu de Andrade	Escrita fantástica e realidade social: A obra de José J. Veiga sob o enfoque da sociologia da literatura	Material não encontrado de forma digital
1990	CATÁLOGO TESES CAPES	José J. Veiga	Dissertação de Mestrado	Iza Terezinha Gonçalves Quelhas	HERA, MUROS & RUINAS: A ALEGORIA NA OBRA DE JOSE J VEIGA	Material não encontrado de forma digital

1990	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Lino Machado	O fantástico em "A confissão de Lúcio"	Material não encontrado de forma digital
1990	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	René Pedro Garay	Moacyr Scliar: Implicações do fantástico na literatura brasileira contemporânea	Material não encontrado de forma digital
1991	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Francis Utéza	Murilo Rubião: A abo(mi)nação do Alfredo ou o apocalipse da besta	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17186">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17186</a>
1991	BDTD	Fantástico	Tese de Doutorado	Julio Cesar Jeha	A construção de mundos na literatura não-realista	<a href="https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9E5GXM">https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9E5GXM</a>
1991	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Rosita Silveirinha Paneiro Correa	O fantástico - espaço de liberdade - em Mario de Carvalho	Material não encontrado de forma digital
1991	CATÁLOGO TESES CAPES	José J. Veiga	Dissertação de Mestrado	Deusa Fonseca Raposo Medeiros	RECEPCAO E INTERPRETACAO DE J.J. VEIGA - UM PERCURSO DISCURSIVO'	Material não encontrado de forma digital
1992	Google Academico	Fantástico	Artigo	Sandra Maria Steilen	O capitão Mendonça: Um conto fantástico de Machado de Assis	<a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17000">https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17000</a>
1992	BDTD	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Sandra Maria Steilen	Análise semiótica do conto fantástico de Machado de Assis : "O Capitão Mendonça"	<a href="http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76815">http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76815</a>

1992	BDTD	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Joao Nilson Pereira de Alencar	A exaustão da palavra : um prototexto para "Marina, a intangível" de Murilo Rubião	<a href="http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76849">http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76849</a>
1992	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Sandra Maria Steilein	Análise semiótica do conto fantástico de Machado de Assis: "O Capitão Mendonça"	Material não encontrado de forma digital
1992	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Milton Hermes Rodrigues	José J. Veiga: Fantástico e dissidência	Material não encontrado de forma digital
1992	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Diana Maria Marchi	QUERIDOS MONSTROS: UMA REIVINDICACAO DO MEDO; CONTOS DE HORROR NA LITETARATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA DA ATUALIDADE (1980-1990)'	Material não encontrado de forma digital
1992	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Tese de Doutorado	Vera Marcarenhas de Campos	BORGES EM PESSOA: UM CONFRONTO DE FICCOES	Material não encontrado de forma digital

1992	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Maria Izabel B. Ferreira dos Santos	REALISMO MAGICO E REAL MARAVILHOSO NA LITERATURA LATINO-AMERICANA: ESCLARECIMENTOS DE CONCEITOS	Material não encontrado de forma digital
1993	Google Academico	Fantástico	Artigo	Nelci Muller	A trajetória do fantástico	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16023/10502">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16023/10502</a>
1993	Google Academico	Fantástico	Artigo	Gary Vessels	Érico Veríssimo, o fantástico, e a tradição menipéia	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16031/10510">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16031/10510</a>
1993	Google Academico	Fantástico	Artigo	Paulo Becker	O fantástico em Maupassant e Borges	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16027/10506">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16027/10506</a>
1993	Google Academico	Fantástico	Artigo	Eunice Piazza Gai	O sobrenaturalismo cristão no conto fantástico português: configurações e implicações históricas	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16025/10504">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/16025/10504</a>
1993	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Kathrin Saringen	As pirotecnias de Murilo Rubião	<a href="https://www.jstor.org/stable/40542120">jstor.org/stable/40542120</a>
1993	BDTD	Fantástico	Tese de Doutorado	Mail Marques de Azevedo	The real and the fantastic worlds in Vonnegut's Slaughterhouse-Five	<a href="https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/23789">https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/23789</a>

1993	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Valeria Ferreira	As metamorfoses e o efeito de sentido fantástico na obra de Murilo Rubião	Material não encontrado de forma digital
1993	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Nelly Cecília P. Barreto da Rocha	A caçada e o noivo: fantásticos contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles	Material não encontrado de forma digital
1993	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Ricardo Francisco Waizbort	A CIDADE PROMETIDA:AS FORMAS DE CONHECER O MUNDO DO PROTAGONISTA DE"O IMORTAL" DE JORGE LUIS BORGES	Material não encontrado de forma digital
1993	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Heloá Alves Pimentel	UMA VIAGEM MITICA: MANARAIREMA A ITATIMUNDE: ANALISE DA OBRA DE FICCAO DE JOSE J. VEIGA, A PARTIR DA VISAO FANTASTICA	Material não encontrado de forma digital
1993	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Kathrin Saringen	As pirotecnias de Murilo Rubião	<a href="https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/index">https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/index</a>
1994	Google Academico	Fantástico	Artigo	Tércia Montenegro Lemos	O humor e o fantástico na literatura	<a href="https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17493">https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17493</a>

1994	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria do Nascimento Oliveira Carneiro	Encruzilhadas do fantástico e da loucura no Horla de Maupassant	<a href="https://ojs.letras.up.pt/index.php/int/article/download/6003/5651">https://ojs.letras.up.pt/index.php/int/article/download/6003/5651</a>
1994	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Vera Lucia Andrade	A biblioteca fantástica de Murilo Rubião	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/15736/10354">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/15736/10354</a>
1994	BDTD	Érico Veríssimo	Tese de Doutorado	Eliana Pibernat Antonini	Incidente em Antares: leitura da história em Erico Verissimo	<a href="https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-27012023-163419/pt-br.php">teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-27012023-163419/pt-br.php</a>
1994	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Maria de Santa Cruz	Lótus, Jericó e a Nostalgia do Fantástico	Material não encontrado de forma digital
1995	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria Isabel Rego	O fantástico em Nodier ou a busca da harmonia	<a href="https://ojs.letras.up.pt/index.php/int/article/download/5994/5642">https://ojs.letras.up.pt/index.php/int/article/download/5994/5642</a>
1995	Google Academico	Fantástico	Artigo	Luís Martins da Silva	O herói fantástico e o cidadão nos suplementos infantis	<a href="https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1554">https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1554</a>
1995	Google Academico	Fantástico	Artigo	Sigrid Rénaux	A FUNÇÃO TELEOLÓGICA DO FANTÁSTICO EM COMO OS PÁSSAROS DESPERTAM O SOL	<a href="https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8UWwLAqXkE0J:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1901&amp;as_yhi=2000">https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:8UWwLAqXkE0J:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1901&amp;as_yhi=2000</a>
1995	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Décio de Almeida Prado	Álvares de Azevedo: Um Drama Fantástico	<a href="https://revistas.usp.br/rieb/article/view/72068">revistas.usp.br/rieb/article/view/72068</a>

1995	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Rosa Maria Morsch	O universo fantástico de José J. Veiga'	Material não encontrado de forma digital
1995	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Marion da Cunha Cerqueira	O mundo fantástico de Ignácio de Loyola Brandão	Material não encontrado de forma digital
1995	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Sandra Regina Chaves Nunes	Murilo Rubião: Escrita e reescrita	Material não encontrado de forma digital
1995	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Maria Jose Roque Rodrigues	O espírito da perversidade: Um aspecto da narrativa fantástica de Poe	Material não encontrado de forma digital
1995	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Marcia de Paiva	BORGES, HISTORIA E CULTURA: OS CAMINHOS QUE SE BIFURCAM	Material não encontrado de forma digital
1996	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	José Manuel Cardoso Alves da Mota	O efeito de irreal : a fantasia científica de Philip K. Dick	<a href="https://baes.uc.pt/handle/10316/747">https://baes.uc.pt/handle/10316/747</a>
1996	BDTD	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Silvana Oliveira	Murilo Rubião : a tragédia do homem invisível	<a href="https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24515">https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24515</a>
1996	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Aíla Maria Leite Sampaio	Tradição e modernidade nos contos fantásticos de Lygia Fagundes Telles	Material não encontrado de forma digital
1996	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Claudia Helena Ribeiro Pessanha	Murilo Rubião: Uma estética do insólito	Material não encontrado de forma digital

1996	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Teruco Arimoto Spengler	MACÁRIO E "NOITE NA TAVERNA": UMA LEITURA DE RECEPÇÃO LITERÁRIA'	Material não encontrado de forma digital
1997	Google Academico	Fantástico	Artigo	Armando Requeixo	Ánxel Fole e o relato fantástico	<a href="http://jstor.org/stable/29751405">jstor.org/stable/29751405</a>
1997	Google Academico	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Carla Helena Henriques Candeias de Teles Ravasco Nobre	O FANTÁSTICO E O CONTO: UMA LEITURA DE NATHANIEL HAWTHORNE	<a href="https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15236/2/FLM02801P000076798.pdf">https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15236/2/FLM02801P000076798.pdf</a>
1997	Google Academico	Literatura Fantástica	Tese de Doutorado	Celia Maria Magalhaes	Os monstros e a questão racial na literatura pós-colonial brasileira	<a href="https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HZR6F">https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HZR6F</a>
1997	BDTD	Fantástico	Tese de Doutorado	Célia Maria Magalhães	Os monstros e a questão racial na literatura pós-colonial brasileira	<a href="https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HZR6F">https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9HZR6F</a>
1997	BDTD	Tzvetan Todorov	Dissertação de Mestrado	André Guirland Vieira	O brinquedo simbólico como uma narrativa	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1478">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1478</a>
1997	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Márcio Vasconcelos Serelle	A ironia fantástica: um estudo sobre o absurdo, literatura e Murilo Rubião'	Material não encontrado de forma digital
1997	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Tese de Doutorado	Célia Maria Magalhães	OS MONSTROS E A QUESTÃO RACIAL PÓS- COLONIAL BRASILEIRA	Material não encontrado de forma digital

1997	CATÁLOGO TESES CAPES	Realismo Mágico	Dissertação de Mestrado	Rose Mary Abrao Nascif	O REALISMO MARAVILHOSO NOVA NARRATIVA HISPANO- AMERICANA: O DIÁLOGO HISTÓRICO- FICCIONAL EM ERÊNDIRA	Material não encontrado de forma digital
1997	CATÁLOGO TESES CAPES	Murilo Rubião	Dissertação de Mestrado	Nivia Simone Liria Elesbão	O mágico e sua História: Os Contos de Murilo Rubião	Material não encontrado de forma digital
1998	Google Academico	Fantástico	Artigo	Miguel Rettenmaier da Silva	O cavalo cego, de Josué Guimarães: Um diálogo com o fantástico	<a href="https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/15057/9941">https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/download/15057/9941</a>
1998	Google Academico	Fantástico	Artigo	Irene Zasimowicz Pinto Calaça	A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO EM O CAPOTE DE GOGOL	<a href="https://revistas.ufg.br/siq/article/download/7253/5138">https://revistas.ufg.br/siq/article/download/7253/5138</a>
1998	Google Academico	Murilo Rubião	Artigo	Vera Lucia Andrade	Murilo Rubião e a geração Suplemento	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6180970">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6180970</a>
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Adelina Martins Mendes	A influência dos conhecimentos prévios na leitura de uma narrativa fantástica.	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Jardilete Lopes Cabral	O imaginário social na alegoria do romance "Il deserto dei Tartari"	Material não encontrado de forma digital

1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Ana Marcia Alves Siqueira	As relações entre mito e história em "A Dama Pé- de-Cabra" - Reflexos de uma época	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Nerynei Meira Carneiro	A construção do fantástico na narrativa do fantástico em narrativas de José J. Veiga	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Valdira Meira Cardoso de Souza	O papel do leitor no conto fantástico de Machado de Assis	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Carla Cristina de Paula	O fantástico em J. J. Veiga	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Ana Lucia Moura Novaes	Representações da História em Incidente em Antares	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Paulo de Tarso Vasconcelos Chaves	Espaços alucinantes da ficção de José Alcides Pinto	Material não encontrado de forma digital
1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Tese de Doutorado	Ricardo Francisco Waizbort	A REPRESENTAÇÃO DA IRREALIDADE : APROXIMAÇÕES PRELIMINARES ENTRE AS POÉTICAS DE BORGES E CORTÁZAR E O MUNDO DE POPPER	Material não encontrado de forma digital

1998	CATÁLOGO TESES CAPES	Insólito	Dissertação de Mestrado	Maria Claudia Galera	Utopia e Realismo Maravilhoso em "El Reino de Este Mundo" de Alejo Carpentier e "A Jangada de Pedra" de José Saramago	Material não encontrado de forma digital
1999	Google Academico	Fantástico	Artigo	Eliane de Alcantara Teixeira	O FANTÁSTICO E O DIALOGISMO EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA, DE JOSÉ SARAMAGO	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/18947/12267">https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/18947/12267</a>
1999	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira	D. Branca: fantástico, digressão e ironia	<a href="https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/11222/1/11-17.pdf">https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/11222/1/11-17.pdf</a>
1999	Google Academico	Fantástico	Artigo	Henriqueta Maria Gonçalves	Uma interpretação dos tópicos do fantástico nos dois últimos romances de José Saramago - Ensaio sobre a Cegueira e Todos os Nomes	<a href="http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:JMlg7Bev6ggJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1901&amp;as_yhi=2000">http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:JMlg7Bev6ggJ:scholar.google.com/+fant%C3%A1stico&amp;hl=pt-BR&amp;lr=lang_pt&amp;as_sdt=0,5&amp;as_ylo=1901&amp;as_yhi=2000</a>
1999	Google Academico	Insólito	Artigo	Eliane de Alcântara Teixeira e Carlos Alberto Vechi (Orientador)	O insólito e a desumanização em: ensaio sobre a cegueira de José Saramago	<a href="https://repositorio.usp.br/item/001026801">https://repositorio.usp.br/item/001026801</a>

1999	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Hermenegildo Bastos	O guarda-roupa do fantasma ou a astúcia da representação em fuga	<a href="https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/997">https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/997</a>
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Artigo	Renata Phillippov	Sonho e fantástico em Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire	<a href="https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/795">https://periodicos.fclar.unesp.br/lettres/article/view/795</a>
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Maria Luiza Bonorino Machado	O espelho e a máscara: o narrador nos contos fantásticos latino-americanos	Material não encontrado de forma digital
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Marcelo Jose Fonseca Fernandes	Quase macabro: o fantástico nos contos de Machado de Assis	Material não encontrado de forma digital
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Eliane de Alcantara Teixeira	O insólito e a desumanização em "Ensaio sobre a Cegueira", de José Saramago'	Material não encontrado de forma digital
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Lara de O'nofrio Lonto	The Dunwich Horror, de H. P. Lovecraft: Literatura e tradução	Material não encontrado de forma digital
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Vicente de Paulo Pinto da Silva	Caminhos do absurdo: Leituras de contos de Murilo Rubião, numa perspectiva semiótica	Material não encontrado de forma digital
1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Eulalia Isabel Serpa dos Santos Coelho	O DUPLO E O TERROR EM UM CORPO QUE CAI	Material não encontrado de forma digital

1999	CATÁLOGO TESES CAPES	Realismo Mágico	Dissertação de Mestrado	Patricia Ferreira da Silva Martins	Realismo mágico e pós- modernismo: descentrando o discurso dominante'	Material não encontrado de forma digital
2000	Google Academico	Fantástico	Artigo	Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha	A Memória como Espaço Fantástico	<a href="https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/8926">https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/8926</a>
2000	Google Academico	Fantástico	Artigo	Karin Volobuef	Uma leitura do fantástico: A invenção de Morel (A.B.Casares) e O processo (F. Kafka)	<a href="https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18866/12181">https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18866/12181</a>
2000	Google Academico	Fantástico	Artigo	Vera Lúcia Dietzel	REFLEXÕES EM TORNO DO DISCURSO FANTÁSTICO: O MANDARIM DE EÇA DE QUEIRÓS	<a href="https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/198">https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/198</a>
2000	Google Academico	Fantástico	Artigo	Maria Manuela J. C. Araujo	A DIAGNOSE CULTURAL DO FANTASTICO EM MIA COUTO E EM MALANGATANA OU O DIS-CURSUS DO FANTÁSTICO EM A VARANDA DO FRANGIPANIE EM MALANGATANA	<a href="https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7116.pdf">https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7116.pdf</a>

2000	Google Academico	Literatura Fantástica	Artigo	Ana Cristina Pimenta da Costa Val	Machado de Assis e o Fantástico espelho	<a href="https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/download/10329/11045">https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/download/10329/11045</a>
2000	Periódicos CAPES	Fantástico	Artigo	Eckert, Cornelia ; Ana Luiza Carvalho da Rocha	A Memória como Espaço Fantástico	<a href="https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/8926">https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/8926</a>
2000	BDTD	Ignacio de Loyola Brandão	Dissertação de Mestrado	Tânia Cardoso de Cardoso	Banquete-ê-mo-nos : uma relação entre George Orwell e Ignácio de Loyola Brandão	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3657">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/3657</a>
2000	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Tese de Doutorado	Milton Hermes Rodrigues	Ficção fantástica no Brasil: Do romantismo ao modernismo	Material não encontrado de forma digital
2000	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Jeane de Cassia Nascimento Santos	O Fantástico nos Contos de Lygia Fagundes Telles	Material não encontrado de forma digital
2000	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Rita Maria Dias Alves dos Santos	A Utopia Fantástica do Ensaio Sobre a Cegueira	Material não encontrado de forma digital

2000	CATÁLOGO TESES CAPES	Fantástico	Dissertação de Mestrado	Maria Perla Araujo Morais	QUEM TEM MEDO DO LOBISONMEM? (LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS EM ALGUMAS COLEÇÕES, ARQUIVOS E IMAGENS DE BORGES, GUIMARÃES ROSA E ARLINDO DAIBERT)	Material não encontrado de forma digital
------	-------------------------	------------	----------------------------	------------------------------	---	---